

REVISTA DO BRASIL

Biblioteca - Assis
Classif: 0R.050
Tombo/Fit: 1084

SUMMARIO

RUY BARBOSA	Conferencia de Juiz de Fóra	1
GODOFREDO RANGEL	O Oraculo	19
LÉO VAZ	A Liga das Nações	24
FRANCISCO BERTINO } PEDRO SATURNINO }	Versos	30
J. A. NÓGUEIRA	Paiz de Ouro e Esmeralda(VII)	35
HELIO LOBO	A America e a Guerra (V)	41
ALBERTO RANGEL	Carrilhão de Symbolos	48
THEODORO MAGALHÃES	A Trama do Valido	53
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco Annos no Norte do Bra- sil (V)	65
MARTIM FRANCISCO	Viajando (X)	70
REDACÇÃO	{Bibliographia {Resenha do Mez	80 83

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 41 - ANNO IV

VOL. XI

MAIO, 1919



Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



20300



RESENHA DO MEZ: Jejum (*Isaac L. Peretz*) — Os Livros em França (*Victor Margueritte*) — Os Escriutores e o abuso dos narcoticos — Insectos Comestiveis — Livros Didacticos (*João Ribeiro*) — Uma Nova Estrella — CARICATURAS DO MEZ

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER TEMPO E TERMINAM EM JUNHO OU DEZEMBRO

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.
Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **José Maria Bello.**

Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.**

Pernambuco: **Mario Sette, Recife.**

Bahia: **J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.**

Ceará: **Antonio Salles, Fortaleza.**

R. Grande do Sul: **João Pinto da Silva, P. Alegre.**

Paraná: **Seraphim França, Corityba.**

Amazonas: **João Baptista de Faria e Souza, Manãos**

Rio Grande do Norte; **Henrique Castriciano, Natal.**

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Numero avulso.	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO 'COMO :

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos

“**FISK**”

Mechanica - Pintura - Sellaria

Carrosserie - Vulcanisação -

Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR”

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

:: Casa Franceza ::

de

L. GRUMBACH & C.^{IA}

Rua São Bento, 89 e 91

SÃO PAULO

O MELHOR SORTIMENTO EM APPARELHOS PARA
:: JANTAR DE PORCELLANA DE LIMOGES ::



Serviço 60 peças Havi-
land "Julietta" . . 450\$



Serviço 60 peças Havi-
land "Romeo" . . 550\$,

PORCELLANAS FRANCEZAS SÃO AS MAIS FINAS

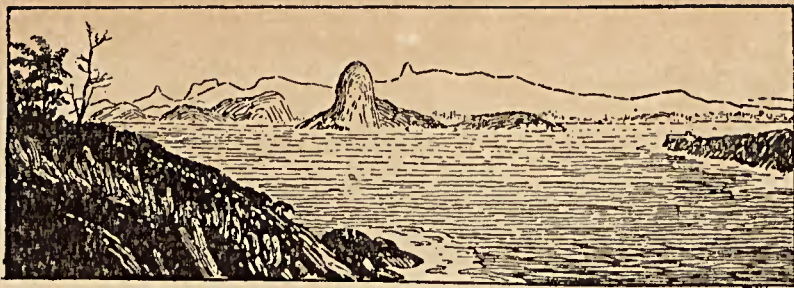


Serviço 100 peças Havi-
land "Plissé Or" 1:800\$.



Serviço 98 peças Limo-
ges "Aida Or" . 1:800\$.

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE GENERO
NO BRAZIL



RUY BARBOSA

*Conferencia realizada em Juiz de Fora, a 2 de
Março de 1919.*

Minas Victoriosa

Senhores:

Bem haja, amigos meus, bem haja Minas! Bem haja a grande Minas! Não a está lisonjeando, apenas a indica, apenas a nomeia quem a busca designar pelo distintivo sobre todos nobre da sua entidade. Não se fala na grandeza das suas pradarias, na grandeza das suas selvas, na grandeza dos seus valles e serranias, na grandeza dos seus rios, na grandeza das entranhas do seu sólo, na grandeza das suas raias, — na dessas fronteiras, sim, talhadas para abraçar, ellas sós, toda uma nacionalidade; na dos seios deste portentoso torrão, onde aguarda o futuro todo um mundo inteiro de opulencia; na destes rios, onde se sentem pulsar as arterias de uma fecundidade represada e transbordante, na dessas valladas, em que se rasgam; e na dessas cordilheiras, em que se alcantilam os vultos e mysterios de um destino reunido no amphitheatro dos tempos, á espera da sua hora; na dessas mattas, onde se recolhe a consciencia de uma vida instinctivamente certa da sua vocação; na dessas pradosas extensões viridentes, onde se guardam os reservatorios de uma industria capaz de nutrir um quarto do globo.

A grandeza de Minas

Não; não se fala em nenhuma dessas grandezas accumuladas no deslumbramento de um thesouro de gigantes, senão noutra maior, que todas ellas, juntas, molduram num quadro de assombrosa grandeza das grandezas, a grandeza moral, a grandeza da virtude mineira, a grandeza da independencia mineira, a grandeza do character mineiro.

Bem sabeis a que Minas alludo. A politica, entre nós, dividiu a nação em duas nações: a nação real, onde se preservam as qualidades sãs, com os

elementos de regeneração da raça, e a nação adventícia, a nação collecticia, a suppositicia nação, sobrecrecida á verdadeira, á qual se abraça, da qual se sustenta, e que acabaria por substituir, absorvendo-a toda, como o mata-pá, ás arvores, a que se agarra e superfeta. Eu não tenho nada com a superfetacão politica de Minas. O que me occupa é a verdadeira Minas; é a Minas-povo; é a Minas mineira.

Dessas associações doentias entre o parasita e o organismo, de que elle se apodera, á custa do qual vae medrando, e que, não raro, logra, afinal, substituir, resultam, muita vez, confusões, misturas e equívocos deploraveis. Minas tem, á conta destes enganos, carregado, ha muito, com alheias culpas. Ora é a insinceridade. Ora a frieza. Ora, a tergiversação. Ora, o medo. Ora, a indiferença e o egoismo. Tudo, porém,, características essenciaes do neoplasma politico, do tecido canceroso, que se vae sobrepondo ao tecido normal, e o vae carcomendo. Nada mais alheio á natureza mineira, nada mais inconcordavel com ella, nada mais antagonico ao seu verdadeiro ser.

Estudee Minas, seriamente, na sua historia, nos seus homens de pról, nas suas acções de nota, nos seus fastos realmente populares; e não encontrareis, no Brasil, nenhum ramo da familia nacional, onde mais abunde a generosidade, a abnegação, o calor, a firmeza, a coragem, a honestidade. Destas prendas, nenhuma se tem gastado com a erosão dos annos. Nada se perdeu aqui, nada mudou, até hoje, desde a gente que recebeu a dobras de finados, nos começos da monarchia, o primeiro imperador, e lhe derrotou cara a cara o ministro, até a população que acolheu a pedradas o derradeiro dictador republicano. Os sinos dos campanarios, em que a colera de outros tempos bradára, no toque a defuntos, o anathema ao despota unguido com o sacramento da realza, não quizeram servir na repulsa do aventureiro empennachado. Foram os pedregulhos das ruas os que, levantando-se como de si mesmos, apedram o indiscreto, cuja passagem nem as calçadas toleravam.

A victoria Mineira em 1910

Mas a grande lapidação foi a dos votos eleitoraes, que o enxotaram das urnas, onde não se insinuou senão a furto pela ratonice official. Nada se poupou nessa reacção sorradeira de actas falsas e votações invertidas. Mas, não obstante isso tudo, lutando contra o governo da União, lutando contra o governo estadual, lutando contra os governos municipaes, lutando contra a administração da Central, lutando contra o desbarato das suas proprias reservas financeiras, que de pancada se lançaram todas na balança pelo candidato da força, Minas, a livre! Minas, a incorruptível! Minas, a sagrada! Minas venceu, como vence a torrente desapoderada na carreira.

Na historia politica do Brasil não ha pagina maior; pois não se nos depára nenhuma, onde todos os recursos do poder e dinheiro se amontoassem numa accumulacão tamanha contra um movimento eleitoral, e onde todos se baldassem, mercê da resolução, assente no povo, de não consentir que o des-troçassem. Tão alto exemplo de energia civica não tem, simile em toda a nossa historia constitucional.

A sociedade levantada em massa

O que, porém, ainda lhe avulta mais a singular grandiosidade, é a confluência decidida e harmoniosa, com que, para aquelle triumpho, concorreram todos os elementos da sociedade. Não era só a extraordinaria actividade, que abalava o eleitorado. Nem era só a generalidade, com que o sexo politico, votante, ou não, entrava á lide. Era a participação das classes menos politicas na luta. Era o interesse, com que as familias, os lares, os sentimentos intimos nella compartiam. Era o fervor, com que nella collaborava o outro sexo, as creanças mesmas, os invalidos do trabalho, os redivivos da função eleitoral abandonada, todos os sentimentos do coração, o amor domestico, as crenças religiosas, uma exagitação geral das forças moraes, o levante, por assim dizer, o levante em massa da sociedade.

Quando o trem, onde viajámos, atravessava os despovoados, esses ermos e matos se animavam de repente, do meio do arvoredo rasgavam o ar, crepitando, foguetes luminosos, dos casaes perdidos trapejavam, acenando-nos, toalhas abandeiradas. Moças e meninas, nas estações, desengatavam comboios, e se oppunham á sua marcha. A grande manifestação de senhoras, com que tive a honra de ser recebido, ao chegar, no Grande Hotel de Bello Horizonte, começou ás 3 horas da tarde, e ás 7 ainda não acabara. Retraidas e timidas, como costumam ser, as filhas de Minas estavam como transfiguradas; dir-se-ia não se reconhecerem a si mesmas; e não se acanhavam de abraçar, com effusão, como irmãs, filhas, ou mães, o candidato civilista, «Quer ver o fervor das mineiras na sua recepção?», dizia-me um dos politicos mais graduados naquelle Estado, quando iamos ter áquella capital. «Minha mulher tem a vida mais retraida e sedentaria. Passa ás vezes, tempos e tempos, sem ir visitar a mãe, que mora, como nós, em Bello Horizonte. Pois bem: hoje, fechou a casa, mandou os filhos para a dos paes, e aqui está, com o senhor, neste trem.»

Eis, senhores, o que imprimia áquelle movimento indole e expressão de todo em todo novas e, até hoje sem termo de comparação, entre nós, a não ser com o que se viu em São Paulo, onde aliás a lide era incomparavelmente menos desigual, menos ardua, porque, ali, governo e povo estavam de mãos dadas: só as autoridades centraes, com a sua politica, nos embargavam o caminho.

Não era um abalo ao lume d'agua, uma agitação á tona dos acontecimentos, era uma revolução interna nas attitudes e sentimentos da população em todos os seus elementos; era uma profunda mutação nas disposições geraes da sociedade. A sociedade entrava em cheio na politica, assumia-lhe a direcção e lhe ditava o rumo.

Vencedores e despojados

Eis aqui está, senhores, por que esse impulso não expirou com os successos, que desarmaram o civilismo, roubando-lhe a victoria alcançada. O civilismo acabou victima do predomínio natural dos politicos na sua orientação.

Os vaqueanos da politica brasileira já se aturdiram do arrojo de terem levado a luta, contra tão altas potestades, até o triumpho eleitoral. Sustentar a victoria eleitoral contra o Congresso; resistir, no seio deste, contra o candidato militar, á depuração tramada sob o espantallo dos batalhões, era mais do que se poderia sonhar entre homens avesados a não resistir senão apparentemente aos factos consumados. Assim foi pois, que não obtivemos ganho de causa no escrutinio, senão para entregar, na verificação de poderes, a causa ganha; e, dest'arte, se realizou o horóscopo de ser eu abandonado a meio caminho, com que me haviam tentado esmorecer no começo da campanha. Vencedores, capitulámos á discrição dos vencidos.

De 1910 a 1919

Mas, como, aqui em Minas, não era a politica que nos levava a bom exito a campanha, e, nesta região brasileira, não se deveram ás forças partidarias, mas ás forças sociaes, ás forças moraes, ás forças humanas as vantagens alcançadas, nada, nada bastou, nessa decepção tremenda, com toda a sua influencia enervante, para conciliar os animos com a extorsão, e matar nos espiritos o culto da liberdade espoliada. A sua santidade illibada recolheu-se aos corações doloridos como a um saorario, e, embalsamada, ali, na magua, na indignação, na esperança, atravessou illesa, ardente, confiada estes nove annos, para chegar ao momento opportuno de agora com dobrado poder, com recursos de vitalidade cada vez maiores.

Destes exemplos, havel-os-á, talvez, alhures, e bem póde ser que não escassamente. Mas, entre gentes de impressões fugazes como as nossas, num paiz de inconsistencia, futilidade e esquecimento como o Brasil, tamanha persistencia, tamanha fidelidade, apêgo tamanho a uma causa esmagada, a um ideal vacillante, a um nome proscripto, é uma das maiores lições, a que, em toda a minha vida, tenho assistido, e a maior que, neste momento, poderia receber o povo brasileiro.

Direi, senhores, por que motivo.

Uma campanha de nove dias

Quando, por fevereiro de 1910 (devia ser aos 22 ou 23 desse mez), regressavamos de Bello Horizonte ao Rio de Janeiro, bem me lembra ainda que, palestrando, no carro, com o Dr. Duarte de Abreu, ouvi da sua discreta bocca estas palavras: «E dizer, conselheiro, que o senhor veiu a Minas contra a vontade geral dos seus amigos, pois todos acreditavamos correr, até, perigo a sua vida, ao passo que agora, nove ou dez dias depois voltamos seguros da victoria, não duvidando já senão de por quanto, havemos de vencer!»

Realmente, ainda tenho no meu archivo cartas das pessoas mais abalizadas e, a todos os titulos, menos suspeitas, uma das quaes era um dos senadores mineiros, cartas, digo, onde se me representava como temeridade, que orçaria por loucura, o alvitre de trazer a minha excursão eleitoral a

terras de Minas, suppondo-se, entre elles, que a minha propria vida se exportaria, em tal caso, a graves contingencias, e que os interesses da candidatura nada adeantariam.

Não dei ouvidos ás suggestões do terror. Sempre me pareceu melho: conquanto, desgraçadamente, menos facil, morrer victima de uma boa causa que de uma doença vulgar e aborrecida. Depois o coração presago, que, segundo Camões, nunca mente, não me presentia tempos ruins por estes lados. Espanquei avejões e abantésmas. Minas, que eu já conhecera, em moço, duas vezes, parecia estender-me de longe os braços gasalhosos. Achei-vos o regaço cheio de palmas e benções. Volvi coroado pelas vossas mãos. Torno hoje, e encontro de novo benções ás mancheias, palmas a braçadas.

O Brasil dos pessimistas

Que é, então, desse povo surdo e cego, tardinheiro no dever e lerdão ao brio, triste e molangueirão, desprendado para o bem e zorro no mal, como nos pintam ao nosso, e elle se pinta a si mesmo?

Que é desse povo brasileiro sem impeto na luta, sem bravura nos perigos, sem iniciativa nas difficuldades, sem acção nos trabalhos, esse povo que não se destaca nos appetites, que se não sobrepõe aos instinctos, que não se eleva ás idéas, que do passado não se recorda, que com o presente não aprende, que do porvir não tem vista, que não dá tino de simesmo?

Que é desse povo malensinado nas suas obrigações, malentendido nos seus interesses, malcorrente nos seus negocios, malgovernado nos seus actos? Que é desse povo rasteiro, decadente, irregatavel do seu fadario? Que é desse povo, com quem não vale a pena de falar, a quem de nada serve prégar, de quem não se póde esperar coisa nenhuma? Que é desse povo rolha ou buxa, desse povo trambolho, desse povo toma-espaco, qual se julga, de ordinario, o povo brasileiro, encartado, por arcanos da Providencia, como tapulho num pedaço da crosta do planeta? Que é desse povo? Será isso, realmente, o povo brasileiro?

Povo a que ninguem fala

Mas o que eu vejo, pelo contrario, é que toda vez que lhe falam, elle responde. Quaes são os grandes povos, os povos de actividade, os povos de vigor, os povos de soberania? São os povos, a quem Deus deu quem lhes fale. Um povo, que não tem quem lhe fale, perde o habito de ouvir; com o descostume de ouvir, acaba perdendo o ouvido; e, porque já não ouve, se desaveza de falar, para ao cabo, perder, tambem, a fala. No fim de contas se reduz a uma pesada massa inconscia e surda-muda; porque, a força de não escutar nada, se lhe gastou a oitiva e a linguagem, mergulhando-se-lhe a vida na surdez e na aphasia.

Ora, trinta annos ha que o povo brasileiro se acha condemnado a este regimen. Na monarchia havia vozes. A audição popular exercitava-se, e

pela audição, se exercitava a consciencia do povo. Por isso, com a monarchia, se fez o sete de abril, se logrou o vinte e oito de setembro, se conseguiu o treze de maio, se chegou ao quinze de novembro. Resgatou-se a nação do colonialismo. Remiu-se da escravidão o trabalho. Emancipou-se da centralização a vida local.

A tribuna do silencio

Mas a nossa revolução estabeleceu o silencio. A Republica aferrolhou, trancou, e chapeou a porta, por onde entrara, não sei se para que por ella tambem não a puzessem, algum dia, no olho da rua. As formas do novo regimen mataram a palavra. Deixaram o mecanismo das instituições legislativas.

Mas, acastellando o governo em um systema cabal de irresponsabilidade, emancipando-o totalmente dos freios parlamentares, reduziram a tribuna a um simulacro de locutorio, insulado no vazio.

A nação não ouve o que dali se diz; porque o que ali se diz, não tendo autoridade alguma, nenhum prestigio, nenhum echo, nenhuma repercussão pode ter. Com o governo parlamentar as camaras legislativas constituem uma escola. Com o presidencialismo, uma praça de negocios. O segredo, que agora já se quer banir até da diplomacia, é a essencia do governo interno sob as nossas instituições.

Os debates, na representação nacional, não servem para deixar ver a verdade sobre o governo da nação. Para o que servem é para a encobrir. Seu papel dissimulativo os rebaixa. Sua baixeza os entrega á mediocridade. Sua mediocridade os inutiliza. Sua inutilidade os separa do povo, que os aborrece, os evita, os ignora, e se habitua a não os escutar. Dest'arte abandonada pelo merecimento que ali nada tem que fazer, e esquivada pelo povo, que dali nada tem que ouvir, a tribuna parlamentar sobreresta ainda a palavra que outr'ora a animava mas reduzida a um anachronismo.

A imprensa

Ficava a imprensa, que não a substituindo, lhe podia, contudo, attenuar a perda. Mas contra a imprensa voltou a Republica os seus processos insidiosos. Não lhe move perseguições, que correriam o risco de lhe sahir ás avessas: mette-lhe nas veias o veneno da corrupção, que com o aperfeiçoamento dos virus filtraveis, applicando ás relações moraes da administração com os administrados, se evadem aos microscopios e ultra-microscopios da nossa gloriosa vigilancia repressiva.

O povo conhece, e aponta a dedo esse jornalismo de aluguer, sabendo os milhares de contos, que elle custa á União e aos Estados. Mas os mercadores da imprensa, que o publico refuga, se desaggravam da repugnancia da clientella que os despreza, resarcindo-se do que perdem no mercado, com se embolsarem á larga, em dobro, tresdobro ou quatedobro, nas factas contra a roubadissima algibeira da nação.



Será deste modo que a ella se ha de falar? Com jornalistas inscriptos, no rol dessa ignobil alquilaria? Com deputados ou senadores, em cuja bocca a tribuna é o mais vão dos tropos ou a mais grotesca das caçoadas? O povo não tem orelhas para qualquer dessas duas musicas, e, se paga, máo grado seu, a segunda, negando os seus nickéis á primeira, nem a uma nem á outra atura.

Quem fala á nação?

Quem é mais que lhe fala? Quem é mais que fala á nação? Ninguem. Já vos constou que algum candidato a um governo de Estado, ou ao governo do paiz, descesse a vir conversar, com os seus eleitores, das materias que lhes interessam, das suas idéas e tenções, dos seus direitos e compromissos, das suas responsabilidades e garantias?

Nenhum dos oito presidentes de Republica e outros tantos seus vice-presidentes deu jamais essa honra á soberania nacional. Nos Estados Unidos não ha um só, nem se concebe possa haver, que não corra e recorra, não cruze e recruze o territorio da União em todos os sentidos, dando conta á opinião publica dos seus actos, convicções e projectos. Aqui, tão sómente por honra da firma, quando a camarilha da época atira o lenço á odalisca, com quem os senhores do regimen se vão contubernar por quatro annos, a entidade mimoseada com o signal de haver cahido em graça estira, num banquete de amigos debaixo do nome de plataforma, uma sécca protocollar de légua e tanto, que não obriga ninguem a coisa alguma, e que, dos proprios commensaes, distrahidos com o champagne, muitos não ouvem senão nos trechos menos massudos.

Suppõe-se que a opinião nacional ouviu aquillo; que, talvez, o leu, ou, pelo menos, de quem o lesse, alguma tintura colheria do assumpto. Mas a verdade é que tanto se importa a opinião nacional com o autor da parlada, quanto este com a opinião nacional, contentes ambos da certeza de fazerem um do outro o mesmp caso. E eis como, no Brasil, os presidentes, eleitos, ou candidatados, ouvem a opinião publica, e a opinião publica aos presidentes, candidatos ou eleitos.

Excepção unica

Só a mim, senhores, me tem cabido, só a mim, para quem, por consenso unanime, existe sempre um regimen no regimen e, a todas as regras se abre uma excepção onerosa, — a mim só, torno a dizer, é que me cabe, pela segunda vez, a situação de assentar a minha candidatura numa campanha eleitoral, com a circumstancia curiosa, ainda em cima, de que em nenhuma dellas se mostra o meu competidor, limitando-se os seus amigos a me soltarem as matilhas venaes aos calcanhares.

Nem ao menos se trata, quer num, quer no outro caso, de candidaturas livremente assumidas por mim. Tanto no primeiro, como no segundo, se eu gozasse de liberdade, seria para não áccetar o encargo, imposto como cruz,

em ambos, aos meus hombros, sem arbitrio de o rejeitar, e, assim em um, como em outro (tal qual se fôra de uma pretensão minha que se tratasse), tenho eu de emprehender, gravosamente, a defesa de uma candidatura, cuja renuncia abraçaria com alvoroço, se a honra, junta ao patriotismo e ao reconhecimento, m'o não cedessem.

Aliás, bem fóra de me resentir, me congratulo e desvaneço desta singularidade, a mim reservada, e sua reiteração, agora, na minha carreira, Dahi tenho surtido eu dois effeitos da mais subida vantagem. Um é o de haver merecido a Deus, em desconto dos meus peccados, tantos e tamanhos, o privilegio de, por duas vezes, ser o unico dos candidatos á presidencia da Republica, que, até hoje, deu em nossa terra, o exemplo de entrar em contacto pessoal com o eleitorado, ouvindo-o e dand'o-se-lhe a ouvir, na mutua communicação dos comicios populares; uso bonissimo e rebonissimo, essencial ás verdadeiras democracias, de preceito entre os norte-americanos, mas que trinta annos deste regimen 'ainda não bastaram a encetar, sequer, no Brasil.

Contrato dos candidatos com o povo

A outra utilidade, que me prezo de ter logrado com a extravagancia destes dois ensaios de introdução desta praxe entre os democratas brasileiros, está em conseguir, assim demonstrar e redemonstrar, materialmente, visivelmente, que o povo brasileiro só não é capaz de grandes agitações, de grandes commoções, de grandes resoluções, quando não ha quem, rosto a rosto, lhe dirija a palavra, quem se ponha em commercio directo com a multidão, que a chama ao exame em commum das grandes idéas, quem lhe dê a ver como o povo collabora ás claras, de mão a mão, com os seus guias.

E' romperem essa barreira, que separa o homem publico do seu eleitorado, essa barreira que lhes não consente vir em pessoa ao encontro um do outro; essa barreira que não mostra o candidato ao povo senão á distancia do interior de um gabinete e através das convenções da imprensa: essa barreira, que não deixa estabelecer-se, entre os que aspiram aos suffragios da nação e as suas assembléas directas, essas correntes de fluido humano, em que a palavra falada sobreleva a tudo: — e vereis de novo o que vistes em 1910, o que estaes vendo em 1919.

A luta de 1910

Que se medisse em desigualdade com' a luta que travamos, com a em- preza que commettemos em 1910, ainda não houve, entre nós nenhuma. Dos nosso 21 Estados, tão sómente em dois estados estavam connosco os governos. Nos demais todos elles nos guerreavam de morte com desabrimen- to, violencia e phrenesim, sem treguas, sem compostura. O elemento militar formava em massa compacta á volta do seu marechal. Na propria capital, as demonstrações armadas enchiam as ruas do estrepito do seu terror. O

proprio Congresso Nacional, na verificação dos poderes, trabalhava ao rufar dos tambores e estrondear das musicas de batalhão na sua vizinhança immediata.

Dois generaes, a que nós então, com motivos de sobra, não poupavamos censuras, um desilludido bem prestes do seu idolo, e outro collaborador seu de administração através das suas crises mais crueis, ambos se me confessaram e, em minha casa, me deram a honra de se penitenciarem da culpa de haver sido os eleitores do caudilho desastrado. Mas, sem embargo de tudo, a nação levantou-se toda, levantou-se num surto generoso, grandioso, glorioso e venceu.

Em contraposição aos quatrocentos da paparrotada gau'cha, quatrocentas falsidades envernizadas pela impudencia do Congresso Nacional em lucro do candidato da força abraçada á fraude, o escrutínio, depois de um inquerito rigoroso, apurou mais de trezentos mil votos reaes, arrebatados pela candidatura civilista á fraude e á força. Era a victoria que a nação alcançou e que os seus burladores, os membros da maioria de julho de 1910, mais tarde iam successivamente confessando, ora em secreto, ora de publico. á medida que lhes cahiam as escamas dos olhos, e entravam a enxergar as proporções da monstruosidade commettida, com os horrores do monstro que ella parturira.

Mas essa victoria traduzia, resumia, coroava um movimento eleitoral, uma reacção politica de tanta grandeza, que nunca se excedera, nas mais democraticas nações do mundo. Habitudo a seguir com cuidado, nos paizes britannicos e na grande Republica anglo-americana, os costumes eleitoraes, não me lembro de se me haver deparado nunca, nas grandes agitações do governo representativo em qualquer dessas duas nacionalidades exemplares, o caso de uma corrente popular mais funda e espraçada, mais torrentosa e alagadora que a dessa eleição presidencial.

Um povo sem educação de resistencia nem habitos de luta, cresceu de subito como macaréu das nossas maiores marés, ou a pororoca dos nossos grandes rios. cresceu contra o poder, cresceu contra o dinheiro, cresceu contra as armas, cresceu contra a força do seu descostume da sua inercia, da sua viciosa tradição, do seu meio retrógrado, poltrão, ataroucado; e tudo levou de vencida.

A nação de pé

Agora o espectáculo não é menos de admirar. Morre um presidente, ao começar do seu governo. A politicalha, simulando acercar-se da nação, e lhe cooperar nos desejos, logra illudil-a durante trinta dias de um tempo irrecobavel. Quando se descobre a patifaria da conspirata, já não resta, para recuperação do partido, senão mez e meio, o espaço da convenção de fevereiro á eleição de abril. Em 1910 tivemos, da convenção heremista de junho á eleição presidencial de março, não menos de nove mezes, e sete da nossa convenção a essa eleição. Agora são cinco ou seis vezes menos dias.

O eleitorado está em meio desmantelamento e, na sua maior parte, abandonado ao officialismo, que o manipulou depois da ultima lei, com a mira nas eleições passadas. Para alistar as forças eleitoraes novas, já nenhum tempo restava. Nem, sequer, o havia para o expediente. A campanha, derramada na extensão deste immenso territorio. Tudo eram elementos dispersos, espontaneidades não coordenadas, arrojios vehementes, mas inconnexos.

Não obstante, esses traços da opinião publica, desorganizados, indisciplinados, esparsos, assentaram em se mover, em se constituir, em se arregimentar; e a nação está de pé. Está de pé, senhores! Dé pé, sim, para triumphar com gloria, ou cahir com honra, mas, se cahir, para se reerguer. logo após, soberana, intimativa e vencedora.

E como, senhores? E porque?

A palavra de um homem

Como? Considerae attento: em 1910, como em 1919, derredor da palavra de um homem. Por que? Porque, hoje, em 1919, como hontem, em 1910, a palavra de um homem tocou a reunir. Que haverá nesse homem. nessa palavra que haverá, para suscitar coisas desusadas?

Nesse homem, nada. Creatura desherdada, pela natureza, dos predica-dos, com que se exerce a seducção de homem a homem, talvez não mal encarado em moço, mas, hoje em dia aguarentado pelos annos, cara de poucos amigos, bocca de raros sorrisos e, por sobre tudo, ao que me dizem todos os dias, velho e revelho.

O velho

Volto-me eu para o coração, e o não encontro diverso do que era ha trinta annos. Ergo a cabeça, e não me treme, não a sinto mais vasia. Sondo o peito, e vejo que nelle me referve, como dantes, o enthusiasmo, a coragem, a fé nas coisas santas, nas grandes, nas eternas. Se uma scentelha me atravessa a imaginação, oiço cantar-lhe dentro a esperança, e as raias brancas, as raias azuladas, as raias douro, as rubis raias do espectro solar me desdobram, no prisma interior, a sua gamma iriada. Se, mal confiado em mim, bato ás portas da medicina, perguntando-lhe pela minha idade, que, segundo os modernos Esculapios, é em cada qual, a das arterias, a dos pulmões, a do musculo central, a dos filtros renaes, columnas de Hercules do organismo, todos me attribuem uma organização privilegiada, asseguram-me todos que os rins não mostram jaça, que o coração não fraqueja, que é ainda de platina, como dizia Francisco de Castro, o aparelho respiratorio, que o systema arterial está illeso.

Entro, então, a suspeitar da sciencia, e trato de buscar eu mesmo a verdade. Procuo se, devéras, alguma coisa já me levou o tempo, alguma coisa das condições da minha integridade organica, da minha integridade



animal. Procuo e não acho. «Não entrastes no teu capital», diz-me a voz interior. «e tens sempre salvos os teus juro».

Descrente, suspeito ainda, busco, por fim, a prova real no derradeiro criterio da validez humana, as forças de trabalho do individuo.

Qual é, dos trabalhos, o mais arduo, o mais severo, o mais consumptivo, o que ás energias physiologicas nada accrescenta em troco do que lhes subtráe? O trabalho cerebral. Mas que cerbero, neste paiz, trabalhará mais do que o meu? Esterilmente, será. Mas, quanto mais sáfaro o chão, mais penoso o seu amanho. De que valha a minha cerebração nos seus productos não competiria a n'um dizer nada. Mas bem estranho havia de ser que a sua decadencia dêsse para moirejar sem cansaço. Os meus dias amanhecem e anoitecem labutando. O estudo, o grangeio da vida, os encargos politicos, os deveres sociaes se me enrançam numa urdidura de vida nada invejavel.

Dez, doze horas de applicação mental são o meu ordinario quotidiano. E quantas vezes não excedido? Mas, se as obrigações parlamentares, ou os comicios do povo chamam por mim, não é com tres ou quatro horas de elocução continuada, tres ou quatro horas de estação na tribuna que me esvaio. Na Camara a que pertenco, tenho, por vezes, reiterado essa cansreira dias successivos, tres e quatro, sem que a saude se me resinta. Quantos dos meus collegas, ali, menos edosos do que eu, mais habeis, mais doutos, já me imitaram nessas aporfiadas e insanas competencias da palavra? E quando succedeu jamais que no seu curso me não chegasse a voz até onde eu queria; me esmorecessem os membros ou se abatesse o vigor da linguagem! e o calor da acção?

O estribilho de velhice

Não estaria eu aqui a deter-me, na discussão deste incidente pessoal, aliás vindo á baila pelo desenvolvimento natural da minha argumentação, se a taxa de velhice não tivesse constituido, como tem, um dos bordões na lenga-lenga da opposição que, em vez de ter cara á minha candidatura, a investe, como cão sorrateiro, pelos calcanhares.

Ha por ahi um diplomata de alta jerarchia, que, desde o meu convite para a embaixada a Paris, se me metteu nesta questão como piolho em costura, e, acarraçando-se, também, depois, ao caso presidencial, continu'a, com indiscrição provocadora, a enredar contra a minha candidatura, como enredou contra a minha missão á Conferencia da Paz. Esse estrangeiro impertinente, chamou á conversa, em um baile de que muito se falou, um moço, das melhores familias do logar, aparentado com um jornalista notavel, cujo concurso, o íntriguista, na sua ingenuidade, cuidava captar, dizendo-lhe que eu, doente e velho, não podia convir á occasião, quando, após a lição do infortunio Rodrigues Alves, a politica brasileira não se deveria expôr a outra solução de continuidade. «Olhe», respondeu o nosso joven conterraneo ao importuno, «velho não se diz que elle não seja. Mas Clemenceau carrega por ahi uns nove annos mais do que Ruy; e nem por isso tem perdido

com elle a França. Agora, quanto a doente, posso-lhe asseverar que não é; porquanto medicos nossos, dos de maior autoridade, o têm examinado, e o dão por homem de saude perfeita.»

O leviano ministro desconversou; mas, depois de mandar, ainda, sondar, ali mesmo, pelo seu secretario, o brasileiro, de quem recebera essa lição, tornou, já na rua, depois de acabada a festança a lhe tocar no assumpto. «Senhor...», atalhou o importunado, «ali dentro estava V. Ex. em sua casa, e eu devia acatar, na sua pessoa, o agente do seu paiz. Mas aqui não passa de um estrangeiro, a quem não reconheço o direito de se envolver na politica interna do Brasil».

Considerae bem, senhores, a que desaforos escancara a porta uma nação debil e mal prestigiada, se não tem um governo certo de que a força dos fracos está na sua dignidade e a sua desgraça na renuncia ao seu brio.

Mas, senhores, não é só a diplomacia enredeira e intrusa a que tem arvorado o estribilho da minha velhice em argumento irrefragavel contra a candidatura honrada com a repulsa da Convenção dos Burlões Burlados.

Ainda a tal carta

Tambem a pratrancharia periodiqueira tem dedilhado nessa tecla um sem contos de tolices e pataratas. Uma das ultimas é a do órgão do officialismo paulista, segundo uma invenção do qual teria eu dito, na minha carta ao Sr. Nilo Peçanha, sentir-me «velho e doente», achando-me, por isso, incapaz «de arcar» com os deveres do governo. Cito de memoria as expressões que são, todavia, pouco mais ou menos, estas.

Esse testemunho mente, remente e tresmente. Nunca escrevi tal a ninguem. Desafio a que me documentem o contrario, ou encontrem, quem o deponha. Não apoiará, de certo, essa invenção o Dr. Nilo Peçanha. Não a sustentará pessoa alguma, por cujos olhos haja passado a minha missiva, e que guarde memoria do que leu. Desse documento, de que o Sr. Raul Soares andou fazendo roupa de francezes, sem lhe ter posto a vista em cima (pois, se o tivesse, não creio que o calumniasse, como o calunhiou), já dei a lume a primeira parte, onde se pretendia haver eu renunciado a minha candidatura. Averiguou-se, com essa exhibição do escripto calumniado, o carapetão impudente.

Como, porém, não dêsse eu ao prélo a segunda parte da carta, cujo conteúdo, relativo á candidatura Altino, resumi, entretanto, com fidelidade, voltam á carga os carapeteiros jubilados na especialidade, para me assacarem a confissão de velhice, doença e invalidez.

Pois bem, senhores: não interpolarei o meu discurso com a leitura da minha carta ao illustre chefe da politica fluminense; porque não vale a pena. Mas appensal-a-ei, na sua integra, a elle em desmascaramento da perfidia soez e consciente.

Que é velhice?

Averbar-me eu de doente seria mentir, e primeiro a mim do que aos outros. Mentir seria, igualmente, o declarar-me invalido, e mentir não me-

nos a mim mesmo do que aos meus semelhantes. Toda a minha vida é uma carreira constante de acção, de trabalho indefeso, de luta ininterrupta, e, portanto, de notoria validez. Quando os validos se invalidam, para ganhar sem servir, ou os inválidos se reválidam, para accumular ás vantagens da obtida aposentadoria as da nova actividade, bem se entende a minestra. Mas pôr-se, voluntariamente, de mulétras um homem, quando as pernas lhe querem andar, e se acham em termos de correr, não seria só mentir, mas petarolar com imbecilidade.

Acobertar-me com a velhice, para me esquivar a um sacrificio penoso e nobre, tambem não seria eu quem me rebaixasse a fazel-o. Que é a velhice? Uma das mais relativas coisas humanas, se a medirmos pelos annos. As mulheres, dizem os inglezes e muito bem, as mulheres têm a idade, que mostram; os homens, *a que sentem*. EU não me sinto velho senão quando não tenho que fazer. Em me sobrando tarefa, sempre me achei moço. E quantas mocidades não vejo, que não trocaria pela minha carga de idade, fosse por que preço fosse! Passam-me ellas á portã cansadas, inuteis, descritas, gastas, vazias. Se lhes puzerdes um seixo ao hombro, chamarão logo por um Cyrineu. Se lhes perguntardes que rumo levam, não terão um ponto do céu, que vos indiquem. Se lhes demandardes uma idéa, de balde sacolejarão e vascolearão a cachola escorropichada. Por dentro não vão melhor do que por fóra. Por fóra não estão melhor da que por dentro. O interior vale o exterior. O exterior, o interior. A consciencia não lhes anda melhor do que a saude, nem melhor a saude do que o juizo. Não resistem, não lutam, não esperam, não admiram, não se enthusiasmam. Vegetam e consomem como as plantas estereis.

Eis por que, entre nós, dirieis hoje, ás vezes, que se amanhece a vida, envelhecendo. E' que a juventude é velha. Ha uma pressa de envelhecer, que tudo avelhenta. A mulher ainda não desabotoou e já lhe não acham fresca. O homem ainda não acabou de pennujar, e já entorta, já derreia, já claudica. Perdeu a fé, e não sabe da esperança. Não estuda; mas tresnoita. Não trabalha; mas definha. Não produz; mas critica. Não sente; mas ri. Não ora; mas joga. Não ama; mas seduz. Não se alegra; mas estardalha.

Metchnikoff poz o microbio da velhice no intestino. Eu o ponho no coração. O brasileiro envelhece prematuramente de cardioesclerose moral. Não sei se a doença, nem mesmo o vocabulo, se conhecem na pathologia do corpo. Mas, na psychopathologia, no quadro das enfermidades da alma, é clara a sua preponderancia fatal, quando a educação erronea do homem lhe accelera a degenerescencia, o endurecimento, a atrophia dos elementos nobres, dos elementos cellulares da vida espirital, no caracter, na consciencia, na vontade.

O envelhecer, no Brasil

Azedou-se um dia, quasi seriamente, commigo, em Scheveningen, o senador Destournelles de Constant, meu emamente amigo e companheiro em

Haya, por me ouvir a qualificação de velho, que eu me dava a mim mesmo ha onze annos, meio a serio, meio em gracejo. O illustre parlamentar e diplomata não tolerava nem por graça, que um homem de cincoenta e sete annos se pudesse ter como entrado na velhice. «E' assim que se atropella a vida em seu paiz?» disse-me elle. «Pois nós outros, nesta idade, aqui, ainda nos reputamos moços.»

O meu bom collega da Conferencia da Paz não conhecia o Brasil, apezar de o costumarem dar por descoberto ali naquella occasião, segundo a phrase do embaixador Nelidow. Se houvesse perlustado estas regiões, teria visto que, graças á nossa extrema superabundancia de notabilidades e precocidades, a regra brasileira abrevia a mocidade, e antecipa a velhice, para ter onde accommode a nossa efflorescencia, todos os dias renascente; de genios e estadistas. O homem, entre nós, adolece aos dez annos; aos vinte amadurece; aos trinta começa a declinar; aos quarenta cahiu entre os velhotes. E' carga por alijar.

Paiz novo precisa de gente nova. Pouco importa que a longevidade entre os papagaios, conterraneos nossos, ultrapasse os oitenta annos. Necessario era que, ao menos nisto de madurar e acabar mais cedo, abrindo mais cedo logar aos outros, nos avantajassemos aos vistosos palradores, com que a malicia dos nossos inimigos tanto nos quer ligar em parentesco.

Que importa que andasse Thiers pelos setenta annos da sua idade, quando atravessou a Europa com a cruz da França ás costas, e libertou o territorio francez? Que importa que orçasse pela mesma conta Bismarck quando construiu o imperio allemão? Que importa que Gladstone não deixasse o poder senão aos setenta e quatro? Que importa que mais de oitenta, se me não engano, houvesse já transposto Hindenburgo, quando salvou os exercitos da Allemanha? Que importa que Clemenceau, com os seus setenta e oito, carregue hoje aos hombros toda gloria da Republica franceza, e seja, neste momento, o mais forte dos homens de Estado europeus? Que importa isso tudo, se, aqui os Clemenceaus andam a monte, os Hindenburgos rolam aos tombos, os Gladstones pullulam aos cardumes, os Bismarcks se multiplicam em ninhadas e os Thiers cobrem o sol como nuvens de gafanhotos?

Uma opinião de Metchnikoff

Mas, senhores, não apuremos. Cada terra com seu uso. O desta seria varrer-se do caruncho dos velhos. Não nos embaracemos com a opinião de Elias Metchnikoff: «Em politica», dizia elle, «as condições actuaes correspondem á da medicina de outr'ora. Cada adulto do sexo masculino sa tem como idoneo para as funcções mais melindrosas, as de eleitor, as de jurado e outras; o que só se desculpa com o estado, ainda em infancia, da sciencia social. Assim que esta se achar mais adeantada, operar-se-á uma especialização analoga á que se deu na medicina. A esse tempo as pessoas edosas, que houverem grangeado copiosa experiencia, e mantido indemnes



todas as suas faculdades graças á inteireza do seu estado physiologico, serão as que maiores serviços prestem á sociedade vindoura.»

Deixae falar o professor do Instituto Pasteur. A experiencia, quando quer que seja ha-de ter sempre o cheiro de ranço. Felizes os povos, que della não necessitam, os paizes, em que ella empolha, com as gerações novas, na casca do ovo. O nosso é um desses torrões abençoados. Que seria, pois, se, onde tanto exuberam os merecimentos, não se limitassem elles a varrer do paiz os velhaços, mas lhes tomassem o logar e o des-empenhassem com a vantagem natural da sua superioridade, no bem a que alguns desses invalidos houvessem consagrado a tarde dos seus annos.

De páo na mão

E' senhores, o caso. O homem que, em maio de 1910, deu rebate do militarismo, e em 1919 chamou a postos contra a olygarchia ridicula, desmoralisada, insolente dos parataratas da convenção de fevereiro, não é um rebento juvenil, deste chão inesgotavel em surpresas. Não, não passa de um velho. Não é, nem poderia aspirar a ser um grande velho, «the grand» (notae que não é «great») «the grand old man», como a Gladstone chamavam os inglezes, reunindo numa só expressão o grande e o grandioso, a magnificencia com a grandeza, não. Não é nem um velhote, um velhõ têsõ e bem disposto, mas apenas, como está em moda chamar-lhe, um velhinho. isto é, se não mentem as autoridades, um velho cansado, alquebrado, mirrado, encarquilhado, um velho revelho. Só lhe falta, o páo na mão e o cão ao pé.

Busina á bocca

Ora bem. senhores: esse oscillante resto do passado, essa mesquinha ruina, essa especie de mendigo, levou a buzina á bocca, soprou de rijo no metal, appellidou a gente, a cidade e o campo, tocou alarma, e toda a terra, ao perto e ao longe acordou, respondendo. Por essa garganta, em que as cordas vocaes devem ter estalado com os annos, pelo instrumento fendido e rechinante dessa trachéa gasta, por esse thorax, onde já não borbulham paixões, mas gelam cinzas extinctas, — que fôlego mysterioso lhe invadiu o seio, lhe dilata o collo, lhe rebenta da bocca, lhe enche as rôscas do antigo bronze esverdeado, arrancando-lhe esses sons possantes de trombeta, sons desses, a que as almas accorrem, a que as vontades se decidem, a que os corações se arremessam impetuosos, a que se alvoroça a redondeza, buscando nos céos donde vem o clangoroso madrugadar da vida?

Não seria, de certo, nem o hálito de um Titão, quanto mais o anhelito morredição de um velhinho, que o peso dos dias averga para a terra, e a que a ferrugem da idade comêu a resonancia da voz.

O grande sopro

E' o sopro do Senhor, o vento que acorda as aguas, agita os oceanos, transporta as areias do deserto, move os baixios das costas, desannuvia ou escurece os horizontes. Só elle, poderia desencadear, numa atmosfera de calmaria morta, de inveterada immobilidade, esta correnteza violenta, que sussurra como o tropel de exercitos em marcha, e retumba como o trovejar de cataratas despenhosas.

Escutae o rumor que engrossa e se avizinha. Direis que emboccou pelas grotas da antiga Villa Rica, pelas velhas galerias abandonadas, e trás o eco das jazidas, que se reanfmam, o canto dos garimpeiros ao curuscar do oiro nas pepitas do torrão revolvido.

Direis que passou pelas boccas de Morro Velho, que se encostou aos vãos hiantes das suas excavações habitadas pelo murmurinho dos mineradores. e hauriu daquellas profundezas os segredos captivos, ha seculos de seculos nas entranhas da terra, para lhe semear delles, e lhe fecundar com elles a superficie cansada.

Direis que se espraiou nas chãs de Bello Horizonte, e ali se carregou do bolicio festival dos espaços da orchestra das côres do infinito, das emanações do eterremoto, onde giram os mundos, e vem com a aragem livre das esplanadas, com os sussurros da esperança nos longes do céu.

Direis que sahiu da virgindade e do silencio da matta mineira embebido no rugir da consciencia das coisas, testemunha acorrentada e impaciente das miserias do homem.

Direis, emfim, que aqui, neste centro de trabalho, nas industrias de Juiz de Fóra, essa torrente de energia em vibração intensa, encontrou o seu orgão, o boqueirão, por onde resfolga, por onde ventanea, por onde atrôa, por onde se sente que Minas respira, que Minas vive, que Minas desperta, que Minas se levanta, Minas, a que, onde esteja, leva consigo o péan irresistível, o hymno da victoria.

De uma palavra

Donde surgiu esta commoção do ambiente? Donde, o aeremoto bem-fazejo? De uma palavra dita. De uma palavra dita, senhores, de um «Fiat», se operou a criação toda. De uma palavra annunciada, um «Surrexit», emergiu o mundo christão. De uma palavra prégada. «Reconstrucção», vae surgir o futuro brasileiro. Reconstrucção pela resistencia. Reconstrucção pela verdade. Reconstrucção pela justiça. Reconstrucção pela lei. Reconstrucção pela moralidade. Reconstrucção pelo civismo. Reconstrucção pela fé, origem de todas as coisas, base de todas as reconstrucções.

Vae surgir, disse eu. Surgirá, de feito, se o quizerdes. A revolução moral de 1910 hibernou nove annos na vossa magua, na vossa decepção, na vossa saudade. Não deixeis hibernar a que se começa a pronunciar em 1919. Depende só de que vos não esqueçaes do exemplo dado, da experiencia adquirida.

Os clarins

O «velho», o «velhinho» toca o termo da sua carreira. Breve terá livrado elle da sua presença odiosa, os ostracistas do regimen, que lhe pagou a criação com a proscricção.

Mas, por um que se vae, milhares de outros ahi se ačiam para embocar os clarins de alvorada. Não deixem expirar os sons, que enchem estas terras bemditas. Não a deixem adormecer outra vez no esmorecimento da luta começada. Nem se continue a dizer que este paiz é um paiz perdido. Do rumor das vozes que o perdido declaram, é que resulta o seu perdimento. Sommae essas unidades perdedoras, e no seu total tereis a perdição do Brasil. Varrei essas unidades acobardadas e o Brasil será um paiz salvo, imperecivel, inamissível.

Somos, realmente, senhores, uma nação que morre, como os doentes imaginarios, de se crer morta. Com a cova se casam todos os que se convenceram de estar nas mãos da morte. A resolução de viver é a alma da vida.

O derrotismo

Notae, entre nós, donde é que partem sempre as vozes do scepticismo e desanimação. Quem são os desalentadores? Os desaléntados. Quem os desalentados? Os arruinadores do paiz. Esses os que o dominam, esses os que o estragam, esses os que o corrompem, esses os que o adoecem, esses, os seus contaminadores, os seus avariadores, os seus matadores, esses são a figura mais certa no côro do pessimismo.

Esta gente é mais pessimista por interesse do que por descrença. Não duvidam tanto da cura, quanto a receiam. Temem a nação curada; porque a nação curada seria a nação perdida para elles. Seu papel está, portanto, em missionar o desalento. «Pobre paiz! E' um paiz perdido!» Quem o perdeu? Quem o reduziu a metter piedade? Elles; e, porque dessa lastima, dessa perdição vivem, releva que se perca o paiz, e desse estado lastimoso não se resgate, para que elles o continuem a lastimar, e perder.

Quando a Europa liberal lutava com o germanismo, resoluta em não ser vencida, o mais perigoso amigo do inimigo eram os Jeremias da derrota, segredada, insinuada, receiada. Derrota possivel. Derrota provavel. Derrota imminente. Derrota certa. Se as potencias alliadas não houvessem reagido com a cirurgia heroica das medidas de guerra contra essa propagação fatal do medo, derrotada teria sido a civilização pelos derrotistas.

Minas não pode ser vencida

O Brasil está soffrendo, tambem, mas chronicamente, do seu derrotismo. Queiramos nós derrotal-o, e os derrotados serão os derrotistas. Queiramos senhores. Medi bem o alcance deste verbo prodigioso. Se querer é

poder, querer é vencer. Minas pode ser vencida no taboleiro verde, onde os politicos jogam a sorte de nós todos. Se, porém, Minas se não resigna, a ser mirone, ou batotar na roleta, e, de um arranco seguro, de um só movimento do seu braço, voar a banca e os banqueiros, os batoteiros e a batota, Minas, a honesta, a crente, a robusta! Minas, a Minas da independencia! Minas, a Minas da liberdade! Minas, a Minas do santo amor da patria! Minas não saberá o que seja ser vencida. Vencerá Minas, e, com ella, será vencedora a nação.





O ORACULO

Se quizessem ver Marcello Cintra, fazendeiro em Carascaes, regalado de gosto, era pedirem-lhe a opinião sobre alguma cousa. Pedissem-na sobre qualquer assumpto, que era certo vir a resposta, prompta e atilada, dita naquelle seu modo pausado, seguro, de quem sabe o que diz. D'ahi a sua fama de homem muito sabido e a alcunha de Sabetudo que algum infimo despeitado lhe poz.

Suas muitas luzes o tornavam considerado muitas leguas em redor. Um requerimento que houvesse para fazer, uma escriptura a lavar, uma encommenda a mandar vir de longe, era fatal recorrerem ao Cintra, como á pessoa naturalmente indicada para remover-lhes as duvidas.

E Cintra intervinha da melhor vontade. Mas não era totalmente desinteressado: havia um pequeno tributo a pagar-lhe e a pagar-lhe adeantado, tributo não de dinheiro e sim de reverencia; pois se perguntavam alguma cousa, não respondia logo; primeiro fazia uma pausa e sorria com finura, sorriso que estava mesmo a dizer: «Vocês bem sabem que sem a opinião cá do Dégas não poderiam passar.» E esse era o tributo exigido.

Pediam-lhe receitas para doentes, consultavam-no sobre os melhores tempos do plantio, sobre o influxo das luas na madeira; uma viagem a marcar, o feijão que quizessem bater, era ao Cintra que recorriam para saber se fazia chuva ou sol.

Chegou a ficar afamado, a este ultimo respeito, um hygrometro que elle trazia na sala de jantar, pendurado como chromo de folhinha; representava uma casa de duas portas, com um terreirinho á frente. Fosse o tempo duvidoso, numa porta mostrava-se um homenzinho e noutra uma mulherzinha; propendendo a chuva, o homenzinho sahia do terreiro e a mulherzinha entrava; fosse de sol, era o contrario. O que provocava um nunca assaz repetido gracejo de siá Clotilde, mulher do fazendeiro:

— Como as mulheres são ladinhas! Na hora da chuva empurram o marido para fóra e ficam dentro de casa, bem agasalhadas.

Mui dispensavel, todavia, era o hygrometro, pois por si mesmo, com os ricos recursos de sua cachola arguta o Cintra tinha elementos para poder prever o tempo. Dissemesem-no os casos mais difficeis que explicava.

Assim, quando se commentava a abundancia excepcional das aguas este anno:

— Pois decerto! Tanta fumaça elles fazem nessa guerra sem fim com seus canhões e carabinas, que ella se vae ajuntando e formando nuvens no alto, nuvens que depois o vento toca para cá, dando em resultado esse despotismo de aguas.

Outros fracos tinha o Cintra. Por exemplo, quando o procuravam, gostava de que o achassem sentado defronte um monte de papeis, nos quaes passava horas e horas a escrever cousas a lapis. Que era aquillo? Ninguem, nem a propria mulher, nunca o logrou saber ao certo. Pelos modos o Cintra queria dar a suspeitar que elle estava a escrever uma obra grandiosa, que iria revolucionar as sciencias e o mundo com revelações nunca presentidas «nem sonhadas».

Se acertava alguém procural-o quando se dava a essas escreveções, elle não attendia logo; emmassava primeiro toda a papelada com sizudez e sem pressa, guardava-a num armario de portas de pau, dava volta á chave, que tirava e só então parecia abrir os olhos á realidade e dar pela presença do supradito alguém. Mesmo depois de sua morte não se desvendou bem o mysterio d'esses papeis, pois no armario apenas encontrava-se uma maçoarça de velhas contas dos negocios, com uns rabiscos sem sentido, entre os volumes poidos d'um velhissimo Monte Christo.

Este era o romance de sua predilecção, o unico, aliás, que elle conhecia e que nunca se cansava de ler para si e contar para os outros.

A' força de o reler e recontar, acreditava reaes todos

os seus personagens e successos e quem o ouvia falar com segurança das pessoas e das vidas dos heroes, entendia que Marcello Cintra os conhecera e tratara pessoalmente. Ainda mais: a insistencia com que falava em Monte Christo, os signaes de intelligencia que fazia á mulher, quando se referia a este ou aquelle episodio, engendrava em certos espiritos a suspeita de que Monte Christo e conde era elle proprio, que lá por suas razões se disfarçava em fazendeiro. Confirmavam-nos nas suspeitas certas identidades entre o homem e o heroe do livro, até o modo de falar. O Cintra tinha o séstro de dizer a proposito de tudo: «Ora vamos e venhamos»; se lhe perguntassem se ia á cidade domingo, respondia: «Ora vamos e venhamos — póde ser que eu vá se o tempo continuar firme»; e ao relatar as aventuras do Conde e dialogos d'este, lá estava o Conde, a proposito de tudo, a repetir a sua phrase favorita: «Ora vamos e venhamos, senhora marquezã, a vida do barão não corre nenhum risco» ou «Ora vamos e venhamos senhor visconde e Coisa...»

Tantos e tão raros dotes o separavam do vulgo, que não era de extranhar não gostar o Cintra de ser como toda a gente. Tinha seus habitos lá d'elle, suas predilecções excéntricas. Guiava-se em tudo por idéas pessoas, até no trajar. Tinha a este respeito um habito singularissimo: em vez de paletó usava em casa uma especie de fraque de brim, que sua propria mulher fazia.

Deu isto origem a um caso que constituiu o supremo desgosto de sua vida. Merece ser narrado, pelo estado de acabrunhamento em que lançou o prestante fazendeiro. Fosse que Clotilde não talhasse a seu gosto os fraques de seu uso, ou por outra idéa que lhe surgisse no cerebro, elle, que fazia encommendas para toda a gente, lembrou-se de encommendar para si, na casa da capital com que estava relacionado, um ou dois fraques dos taes, mandando explicações muito miudas sobre a medida, panno e feitio.

No escrever, porém, houve um desastre. O Cintra, que sabia tanta coisa, ignorava certas minudencias de grammatica e orthographia, e por isso, esquecendo uma letra da conjuncção «ou», em vez de 1 ou 2, escreveu no pedido: «102 fraques de brim».

Assim tambem o leram na casa de que era freguez conceituado, dando causa a que pouco tempo depois recebesse um grande fardo com cento e dois fraques, rigorosamente feitos á maneira indicada.

Atinando com o descuido o Cintra nem reclamou; e esmoeu solitariamente seu aborrecimento, sem confessar



A LIGA DAS NAÇÕES

(FABULA)

GENESIS

Naquelle tempo, em Ararucá, era coisa simples a fundação de um gremio literario ou de uma 'sociedade recreativa, dansante, sportiva ou de qualquer outro intuito.

Estava a gente á esquina, nalguma tarde de discussão, versando a arte, a moral, a literatura, a religião, o extremo-orient e outros assumptos mais ou menos embicantes nos interesses ararucaenses, quando a prosa, de repente, numa syncope brotada das nossas opiniões alfim unanimizadas, morria de todo.

Ficavamos então alli, ruminando em silencio 'os últimos syllogismos, quando aigum de nós, de digestão mental mais rapida, irrompia:

— Porque não fundamos um gremio literario aqui nesta terra?...

Os outros, despertados, inopinadamente, concordavam:

— E' verdade; porque não fundamos?!...

— Sim; uma sociedade literaria, com gabinete de leitura e um salão para conferencias. Em Ararucá ha elementos: eu, vocês, o Juca da pharmacia, o Bernardino do 1.º officio... e quem mais?

— O Maneco...

- Que Maneco?
 — O Maneco Borba, da loja do Abrão.
 — O que?!... Um caixeiro!...
 — Sim; elle é caixeiro; mas lê muito. E lê em francez, até!...
 — Bem, vá lá o Maneco; mas só elle.
 — Pois não.
 — Ha ainda o Belmiro...
 — O das charadas?!...
 — Não, Tónico, além das charadas elle faz versos bons. Ainda outro dia mostrou-me um soneto: A Magua da Pedra, que...
 — Bem, bem, o Belmiro tambem. Mas chega! Já é gente de sobra. Se começamos a enfiar todo o mundo...

FIAT

Ficava então resolvida a fundação. Era lembrada e logo solicitada para a sessão inicial, a sala do Club Republicano e o jornal de Ararucá, a «Trombeta», estampava, no seu primeiro numero, a noticia auspiciosa:

«Diversos rapazes da nossa melhor sociedade cogitam da fundação de uma associação literaria e recreativa, com o louvavel fim de promover o desenvolvimento literario e artistico do nosso meio, bem como de estreitar as relações sociaes da nossa terra, offerecendo saraus musicaes e conferencias, a que não ha de faltar o apoio do magnanimo povo ararucaense, etc., etc., etc...»

De facto, na primeira reunião, a sala do Club enchia-se de gente. O Castro, redactor da «Trombeta de Ararucá», era aclamado presidente provisório e convidava para secretario o Bernardino do 1.º officio, após o que, expunha os fins da reunião. E depois que os oradores obrigatorios de Ararucá tinham de todo vasculhado o assumpto, declarava-se fundada a associação, passando-se a eleger a directoria de verdade.

Por fim escolhia-se uma comissão para elaborar os Estatutos.

A COMMISSÃO

Que delicia o ser-se da comissão dos estatutos!

O primeiro gesto da Comissão, uma vez escolhida, era agradecer a escolha. O segundo era marcar um dia

para a reunião elaborativa. Por último, pedia um prazo para a apresentação do trabalho, o que era immediata e genfilmentè cedido, conforme mandava a praxe em taes circumstancias.

Depois disso, a assembléa dispersava-se.

No dia marcado, na salinha que servia de redacção á «Trombeta», reunia-se pela primeira vez o conclave para assentar as leis que regeriam a nova corporação. Cada membro da Commissão levava nos bolsos quantos estatutos de sociedades philarmonicas tinha acaso nas gavetas; e, sentados em torno da mesinha, ás tesouradas e á gomme arabica, iam todos alinhavando capitulos, artigos, alineas, e paragraphos unicos, até que o gremio todo ficasse alli previsto e cominadas todas as penas para os possiveis delictos de directores e consocios.

E tinham especial encanto aquelles capitulos das competencias, nos trechos em que rezavam: «Ao Presidente compete: a)... b)... c)... h)... v)... e todo o alfabeto das competencias de cada um dos paredros sociaes, presidente, vice, secretario, vice, thesoureiro, vice, procurador, até os simples socios, rasos, sem destaque especial.

Estes, comtudo, se não tinham attribuições distinctas, forravam-se na larga parte que tratava: *Dos deveres dos socios*, e em que eram enumeradas as severissimas penalidades que pairavam sobre quem, paredes a dentro da séde social, puzesse o pé num galho secco qualquer do regimento.

Prompto o rosario o 1.º officio passava-o a limpo e, no domingo seguinte, nova reunião no Republicano para apresentação das taboas gravadas no Sinay da «Trombeta».

Alli, o presidente lia a obra, que a assembléa approvava, sem emendas nem obstrucções, mandando que a acta da sessão louvasse condignamente os Moysés da Commissão.

OS SARAUS

Começavam as sessões brancas, marcadas pela letra dos Estatutos.

Todas as segundas-feiras, na plateia do «Beijaflor-Cinema», emprestada dos empresarios condescendentes, reunia-se a elite ararucaense para assistir ás festas do Gremio. No palco, á frente de todas as jarras apresentaveis de Ararucá, atraz da mesa forrada de uma colcha rica, formava-se a Directoria, presidindo a cerimonia. Ao lado, junto duma mesinha e dum copo d'agua, o conferente, após a

apresentação e as palmas receptivas, lia a sua perlanga, com muito proveito para a cultura daquelles cerebros cheios de vontade.

Um a um, todos os intellectuaes de Ararucá iam assim conferindo os themas mais variados e suggestivos, em palestras que a «Trombeta» estampava, em seguida, para uso da parte do auditorio menos favorecida d'acustica.

E os programmas comportavam sempre, além da conferencia essencial, varios numeros accessorios de rabeca e recitativos poeticos. A rabeca estava a cargo da d. Mariãinha, filha prendada do promotor publico, e os recitativos ao de quem quer que tivesse versalhada inedita na gaveta e a desejasse transmittir á posteridade.

Era uma delicia, nos primeiros tempos. Era «o renascimento da cultura municipal», conforme affirmava a «Trombeta» nos narizes-de-cera com que encabeçava os *comptendus* das artisticas seratas.

O TRUC

Mas aconteceu o que sempre acontece a todos os gremios em todos os Ararucás do mundo — morreu. E, o que é peor, não morreu de morte natural.

Foi caso que o Juca, da pharmacia, teimava, nos ultimos tempos, em proteger os seus parentes e amigos, reservando-lhes lugares especiaes no «Beijaflor», emquanto que os Estatutos estatuíam muito liberalmente que cada um se apoderasse dos lugares ás conferencias, á medida que fosse chegando ao salão, o que era uma sabia maneira de reservar os peiores para castigo dos retardarios.

Mas o Juca usava o truc de marcar as primeiras filas de cadeiras com os lenços dos seus protegidos, o que, em Ararucá, significava apropriação temporaria mas insophismavel do movel. Aliás lhe não cabia o merito da invenção, pois assim se usava na igreja, em dias de missa de mór procura. Um lenço atado ao espaldar de uma cadeira, com a marca do Coronel Antunes, preservava essa cadeira do contacto de quaesquer outras nadegas que não as do Coronel Antunes. E mesmo que as nadegas privilegiadas não comparecessem, lá ficava o lenço a representá-las tacitamente. Era assim em Ararucá e o Juca apenas alargara um velho uso, extendendo-o ao Gremio.

Mas era contra os Estatutos. E por isso foi convocada uma reunião extraordinaria dos socios, afim de se fazer prestigiar o seu Codigo.

A ASSEMBLE'A

Foi essa assembléa o golpe funesto de que veio a morrer o Gremio.

Ao comparecerem á séde, encontraram-se os sócios

Comparecidos á séde, encontraram-se os socios divididos em dois blocos. Um era pela inviolabilidade da lei; outro, pelo respeito ao truc.

A sessão acalorou-se, logo de começo. O presidente, truquista, disse que, em principio, era pela inviolabilidade, mas, como os Estatutos se achavam ao arrepio de uma tradição secular em Ararucá, opinava por que se revogassem esses estatutos rebarbativos e se elaborassem outros mais de accordo com a alma truquista dos ararucaenses.

Os inviolabilistas protestaram. Aquillo seria um prece-dente perigoso. Assim, sempre se commetteriam todos os abusos imaginaveis, pois que para cada um que surgisse, haveria uma nova modificação dos Estatutos...

O presidente replicou que se poderia encartar nos novos uma disposição que os tornasse para sempre inviolaveis.

Os outros marraram que não, que não admittiam reformas. Ou ficava tudo como dantes, e o Juca renunciava ao truc, ou deixavam a sociedade.

Foi quando um truquista, perdendo de todo a compos-tura, arremessou sobre os adversarios este argumento traiçoeiro:

— Vocês são contra o truc porque moram longe e, quando chegam, já encontram quasi todos os lenços amarrados!...

Veio o mundo abaixo:

— Tratantes!...

— Tratante é a avó!...

— Os Estatutos...

— Canalha!...

— ... vocês que já tiveram conferencia o que que-rem é matar o Gremio antes que nós...

— ... não sejam asnos!...

— Venha p'ra a rua!...

— Pensa que eu tenho medo de...?

— Calma, senhores!...

— Aqui não brigo, que tenho educação...

— ... poeta de agua doce!...

— ... para a rua, seu cachorro!...

Voou uma cadeira. Outra mais. Mais outra. Emfim, uma de mór impulso partiu a lampada do aposento, dei-

xando os contendores á meia luz que vinha dos postes. Os animos não socegaram. Houve bordoadas de cego, sopapos, safanões, berreiro ... o 'Diabo.

O Diabo e a policia. Alguem da vizinhança apitara e o cabo, mais tres praças, invadiram o recinto, insufflando:

— Ordem, *seus* moços, que o delegado vem ahi!...

As trevas foram propicas para a evacuação immediata da liça. Fartos de murros anonymos e com o instincto anti-policial aguçado, truquistas e inviolabilistas safaram-se sorrateiramente.

EPILOGO

O patrão do Juca vendeu por muitos dias farta dóse de arnica e largos metros de tafetá; e em Ararucá nunca mais se falou em gremios literarios e recreativos.

MORALIDADE — O presidente Wilson nunca viu um gremio desta especie ...

LÉO VAZ





VERSOS

AOS ESCOTEIROS

(FRAGMENTO)

Da determinação que tens tomada
Não tornes por detraz, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

Camões, *Lusíadas*, Canto I, XL.

Resolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o efeito.

Camões, *Lusíadas*, Canto III, XXX.

I

*Existe um monte em cuja cumeada
Longe se occulta uma paragem florea
Que se abre apenas aos que têm a gloria
De vencer a aspereza da escalada.*

*Quantos o não têm visto, em caminhada,
Por desfástio da alma nereucorea!
Quantos não têm ainda na memoria
Ter-lhe fitado a vista descuidada!*

*E quantos, nesta vida transitoria,
Não têm arrepiado da jornada,
Por achá-a talvez que seja ingloria!*

*E' que essa gente, vendo-se privada
De assoberba-a em rapida victoria,
A elle apenas olhou e não viu nada!*

II

*Mas, lá de vez em quando, quem se fia
Na sua forte e indomita coragem,
Deslumbrado da esplendida paizagem
Que, á medida que sobe, mais se amplia,*

*— Para o alto monte lá se vai, passagem
Tendo de penedia em penedia,
E porta-se com summa galhardia
Até se ver em meio da paragem.*

*Então comprehende que só tem valia
O que os esforços ganhain, depois que agem
Em luta accêza e rispida porfia;*

*Pois tudo o que vem facil é miragem
Que se á distancia os homens extasia,
Os desillude ao termo da viagem.*

III

*Nos caminhos tortuosos desta vida
Que a sorte de prazer e angustia tece,
E' preciso que vaões de alma erguida
Que mais se alteia quando mais padece*

*Não vos falte valor na accomettida
Por mais rude que seja ou mais refece,
Antes se vos redobre na medida
Que a luta se redobre ou recomece.*

*Confiae em vós quanto possível seja
E, palmilhando a via pedregosa,
Sorride sempre a quem de vós moteja.*

*Tem mais valor quem faz por si e gosa,
Depois das incertezas da peleja,
Ter só cumprido a rota luminosa.*

IV

*Não sejaes nunca como o fragil vime
Que vai tomando indifferentemente
As fórmãs multiplas que a mão lhe imprime
Toda vez que o trabalhe e experimente.*

*Mas sêde como o cerne aspero e firme
De uma velha aroeira alta e potente
Que a propria ségur quasi não dirime
De tão rigida que é, tão resistente.*

*Não vale nada a vida se ella exime
A alma da luta e a arrasta na corrente
Por um rumo servil que a não redime.*

*Não vale nada quando não consente
Que a alma se perpetue e se sublime
Num largo sonho de ideal ardente.*

V

*— Difficil é o caminho da victoria.
— E' necessario a quem nelle se ponha
Accomette-lo não como quem sonha
A perlustrar numa paragem florea,*

*Mas como quem possui alma risonha
Dotada de vontade peremptoria
Que, como está disposto para a gloria,
Aos sacrificios todos se disponha.*

(GRAVURAS ANTIGAS)



Fazendeiros em caminho da capella

DESENHO DE LALASSE

GRAVURA DE CHAILLOT

(GRAVURAS ANTIGAS)



DESENHO DE LALASSE

Paulistas

GRAVURA DE CHAILLOT

— *Precisa quem emprehede a caminhada
Fazel-a não qual simplice canôa
Que ao talante das ondas sobrenada,*

*'Mas sim qual uma audaz, cortante prôa
Que, com fazer a asperrima jornada,
Com glorias immortaes se galardôa.*

FRANCISCO BERTINO.

O SABIÁ

*E' o trovador genial das matas brasileiras,
E' o principe immortal dos vates expontaneos!
Canta o amor, a esperança e as illusões fagueiras
Que dão viço e vigor a musculos e craneos.*

*Quando o punge a saudade, em surtos instantaneos
Inventa o que cantar e canta horas inteiras,
Recordando o prazer de amores subitaneos,
Relembrando o perfil de amadas companheiras.*

*E' o lyrico sem par dos trillos e floreios,
Que, sempre apaixonado e melodioso, trina,
Derramando ao redor balsamicos gorgeios.*

*E' o grande sonhador, emotivo e tristonho,
Por cujo diapasão minha alma crystalina
Vae semeando canções pelos vergeis do sonho.*

A JANDAIA

*E', como o beija-flor, uma preciosa gemma,
Céus azues reflectindo e a selva que verdeja!
E' o manto da Terra, a graça sertaneja,
Que José de Alencar eternizou num Poema.*

*Nas Letras Nacionaes em que fulgura e adeja,
Das aves do Brasil é um primoroso emblema:
E' uma historia de amor que recorda Iracema
Com seus labios de mel e boca de cereja...*

*Ouvil-a desgarrada, ou vel-a em pleno bando
E' das cores ouvir das pennas os cantares,
Ver estrophes de luz que só se lêem beijando,*

*E ouvil-a manhanzinha e á tarde, dos pomares,
E' o romance reler que celebrou cantando
A Morena gentil da Terra dos Palmares!*

A TUIDARA

*De lá do ôco do pau da colossal paineira,
Onde fez a morada, architectando o ninho,
Levanta o grande vôo e vem ficar á beira
Da estrada, onde alguém passa, horas mortas, sosinho.*

*E em plena escuridão de uma noite agoureira,
Envolta num sudario ou tunica de arminho,
Sobre cruz, ou cupim, ou moirão de porteira,
A Coruja estaciona, assombrando o caminho.*

*Mal percebe um tropel e algum vulto distinga,
Abre o enorme gabão que a figura lhe plasma
E praguejando vae de restinga em restinga.*

*E quem vem pela estrada espavorido pasma,
Faz o signal da cruz, esconjura a mandinga
E desanda a correr de medo do phantasma...*

PEDRO SATURNINO.



PAIZ DE OURO E ESMERALDA⁽¹⁾

X

Ao despedir-se, Angelo teve uma impressão como nunca poderia imaginar, de tão imprevista e perturbadora. E' o caso que Maria Luiza, a tempo que lhe extendia a pequenina mão admiravelmente modelada, lhe lançou um olhar indefinível, olhar que sorria e fallava. Maria Luiza naquelle instante não era mais a Maria Luiza de pouco antes. Mutaçào magica, prodigio, revelaçào... não seria possível exprimir o que elle viu e sentiu. O rosto formosissimo da moça incendiou-se. Seus olhos fixaram-n'o como duas vertigens. Ella o amava perdidamente. Dissera-o nesse olhar maravilhoso. Manifestára-se instantaneamente uma creatura insonhada. Foi como se uma estatua grega se animasse subitamente de vida profunda, vibrante e mysteriosa. As mil mascaras convencionaes cahiram como um relampago. A Maria Luiza de salão, a filha do coronel, a irmã mais velha e quasi mãe de Julia e Beatriz desaparecêra para dar lugar a uma mulher desconhecida, cujos olhos estonteavam. Aquella imagem, nunca mais a poderia elle esquecer. Eram segredos inenarraveis que vinham á tona, todo um mundo de promessas de felicidade e de cousas infinitas, ardentes e fulgurantes.

Angelo nessa noite levou comsigo as duas vertigens daquelles olhos. Acompanharam-n'o tão vivos como se foram dois seres independentes e mysteriosos, duas ineffaveis

(1) Vide numeros de Dezembro a Abril.



fascinações que o allucinavam... E dentro da escuridão o fitavam, o acariciavam, o convidavam a delicias sobrehumanas.

XI

Quando despertou, ao outro dia cêdo, deu logo, em abrindo os olhos, com seu irmão Leonardo, que havia entrado pé ante pé para o não accordar, e estava a procurar na estante, com infinitas precauções um livro, de que precisava.

— Leonardo...

— Oh! Angelo... Estava á busca do «Capital» de Marx, que te emprestei e com certeza deixaste ahí para um canto... Teus capitaes te preocupam mais do que o de todos os Marx do mundo...

E deu uma risada descompassada, rude, quasi grosseira. Leonardo parecia-se com Angelo como um retrato-caricatura se parece com o original. Era muitos furos mais alto. Todos os traços de Angelo, tinha-os elle exaggerados. Lembrava um grande boneco desengonçado, narigudo, de movimentos subitos e rigidos. Apezar de seu aspecto da tragalhadanças, via-se-lhe nos olhos alguma cousa dulcissima que dava a idéa extravagante de que aquelle homenzarrão não passava de uma creança disfarçada em matamouros.

Em consecuencia de sua intimidade com gente de baixa classe, ganhára ademanes nada polidos. Assim que, no calor de uma palestra, alteava demasiado a voz, ria grosso, estrepitosamente, e fazia accionados fechando em ponta, como que automaticamente, os dedos das mãos, que, para encarecer exclamações, pairavam immobilizadas no ar a modo de pyramides irregulares.

— Não tens razão... retorquiu Angelo sorrindo-se. Se prefiro a economia domestica á economia politica, é que não estou encarregado de reformar o mundo. Sinto muito que as cousas não corram á medida dos desejos de *tutti quanti*... Mas tambem não vejo meio de contentar a todos...

— Não se trata de contentar a todos, acudiu Leonardo, parando. Trata-se sómente de reduzir o mais possivel o numero dos descontentes... *Ecco*.

E fez o gesto de quem vae espetar o tecto com a ponta dos dedos juntos.

— Está bem... disse Angelo conciliadoramente. Não

toquemos esse assumpto. Tenho uma grande novidade para contar-te... Adivinha o que será...

— Vendeste ou compraste algumas acções...

— Oh! Leonardo! Deixemo-nos dessa questão. Senta-te aqui perto. Quero fallar-te de cousa muito seria.

— *Per dio!* Vejo que o negocio é grave. Até pareces enternecido. *Eccome.* Podes fallar.

E sentou-se em pezo á beira do leito, com aspecto entre sizudo e espantado que fez rir a Angelo.

— Não te assustes... Estou com idéas de casamento...

— Serio?

— Sim.

— E quem é a escolhida? Italiana?

— Não. Brasileira.

— Ah! Já sei. E' filha de um certo coronel Vieira cuja casa frequentas. Já me fallaste nessa gente.

— Isso mesmo, cinfirmou Angelo. Chama-se Maria Luiza. E' uma moça encantadora.

— Já a pediste?

— Não. Nem o faria sem te ouvír primeiro. E's toda a minha familia.

— *Per bacco!* E' grave o teu negocio, gravissimo. Saes-me definitivamente um grosso burguez, disse Leonardo em tom desabusado, talvez para occultar uma pontinha de enternecimento.

— Mas não approvas o meu projecto de casamento? inquiriu Angelo sentando-se no leito animadamente.

— Não disse nada sobre o teu casamento. Em these não approvo nenhum casamento. Sou pelo amor livre...

— Ora Leonardo! Andas no mundo da lua, com tuas idéas revolucionarias. Deixemos de lado as utopias. Fallemos serio. Tens alguma objecção a fazer? Não te agrada o meu projecto de casamento. Usa de franqueza *com*igo.

— *Per dio!* Não me opponho a cousa nenhuma. De que valeria minha opposição. Sou contra o casamento em geral. *Ecco.*

— Mas não tens razão...

— Ma sí.

— Não tens... Sem o casamento as relações entre os sexos degenerariam em vasta immoralidade...

— Zitto, zitto... Não quero enganar-te. Mas é inteiramente o contrario do que dizes. O casamento burguez é em regra geral união por conveniencias, por interesse, pelo diabo... De amor, de affinidade de sentimentos, de verdadeira affeição nada ou quasi nada se cogita. Ao passo que na cidade futura o amor será livre... Quer

dizer: — O amor será puro, sem mixtura de interesses subalternos...

Angelo abrandou-se. Via bem que o irmão tomava ocasião para dar largas ás idéas de que andava imbuido. Depois sentia-se tão feliz com a só recordação do olhar perturbador de Maria Luiza, que experimentava irreprimível necessidade de communicar aos que o rodeavam a sua transbordante alegria. Chegou, por isso, a arrepende-se de haver contrariado a Leonardo.

— A final, meu caro, não vou viver na cidade futura com que sonhas. Hoje quem quizer escolher uma companhia digna, tem que sujeitar-se ás formalidades e instituições em vigor. Não quero casar-me burguezmente como dizes. Amo uma mulher. Para possuil-a estaria disposto aos maiores sacrificios. Que é o que se exige de mim? Escaladas, feitos de armas, derrotar exercitos ou matar gigantes? Nada disso. Contentam-se com esta cousa inócua e simplissima — que eu lhe dê a mão em publico e que em presença de um sacerdote ou de um juiz pronuncie uma velha formula... Ahi está! Não se podia ser menos exigente. Um homem que está disposto a revolver o universo inteiro para realisar o seu desejo, surge-lhe quem diga: Todo o teu sonho converter-se-á em immediata realidade, se te sujeitares a fazer meia duzia de gestos convencionaes e a escrever o teu nome ao lado do de tua amada... Mas é delicioso! Viva o casamento!

Angelo saltou do leito, tão expansivo, que Leonardo não poudo deixar de dar uma das suas risadas cascatcantes, rudes, estrepitosas, levantando-se como movido de mola occulta. E, voltando-se subito, perguntou:

— Estás bem certo que não haverá outra difficuldade?

— Que queres dizer? inquiriu Angelo um pouco espantado.

— Quero dizer... Tens razões para crer que o teu pedido de casamento será acceito?

Aqui o moço não se poudo furtar a certo embaraço. Que papel faria, se confessasse que todo o seu castello se fundava num olhar? Havia, em verdade, assentado como tão certa a realisação de suas esperanças, que só então advertiu que, bem lançadas as contas, estava ainda muito longe do fim collimado.

— A fallar verdade, Leonardo, ainda não proferi palavra ácerca de casamento. Adquiri apenas a certeza de que não sou indifferente á moça que desejo para mulher...

— Isso, meu caro, seria tudo na cidade futura, de

que zombas... Infelizmente, porém, na em que vivemos é nada ou quasi nada...

— Exaggeras um pouco... disse Angelo sorrindo com incredulidade. A julgar-se pelo que affirmas, todas as instituições de que vivemos estão com os dias contados e não haverá que admirar se, mais dia menos dia, acordamos uma bella manhã em pleno regimen socialista, observou em som de troça, enquanto forcejava por fazer passar através das casas dos punhos alvissimos as correntinhas das botoaduras de ouro.

— *Dio santo!* bradou Leonardo, levantando comicamente até a cabeça os braços demaziado compridos. Parece que a velha sociedade está de pé... Mas é puro engano. De um momento para outro vem tudo abaixo. Não te rias, que fallo scrio. Ha certos dias em que, ao despertar, sinto em mim uma cousa exquisita... Experimento realmente a esperança de que a primeira pessoa com quem me encontrar, ao sahir, pela manhã, vae dar-me a grande noticia — que não ha mais capitalistas, que a terra é de todos, que os *comités* de trabalho começam a installar-se e por toda a parte se respira enfim num mundo tornado livre, onde todos sem excepção têm direito á vida... O que disseste por troça, tenho muitas vezes a illusão de que vae acontecer...

Leonardo estava de pé junto á entrada do quarto, tão alto que quasi roçava com a cabeça a parte superior da porta. Teria então parecido sublime na sua esperança e na sua fé, se todos seus traços e gestos, levados ao comico, de puro exaggero, não brigassem com essa idéa.

Angelo olhou-o com sympathia. Amava a generosidade que animava tão lindos sonhos. Não concordava com elle; mas sentia-se, a despeito de todos os raciocinios, fascinado pela força daquella convicção. A reforma social, atravez de tão exaltada imaginação, representava ser uma como vaga immensa, que, partindo da Europa, viesse inundando paizes, cidades e aldeias, até envolver num diluvio de bondade e de amor os mais humildes habitantes das nossas plagas...

— Creio que não me aconselhas a esperar o advento da tua cidade futura para rcalisar o meu casamento, ou como melhor nome houver então... disse Angelo alegremente, enquanto, sentado á borda do leito, ia atando os cadarços das botinas. Arriscar-me-ia a deixar tudo para as calendas gregas...

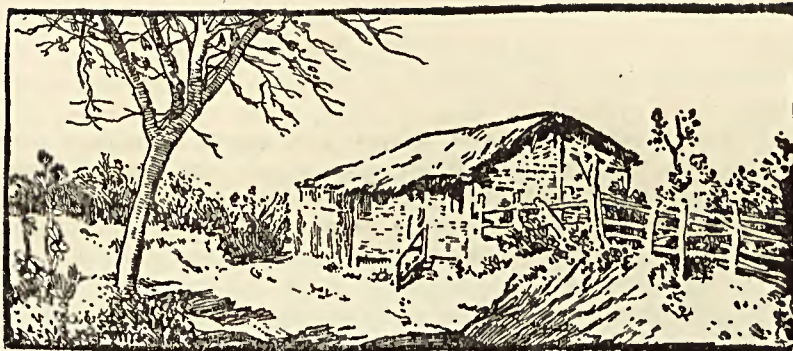
— Não digo que a reforma virá hoje nem amanhã...

Mas estou certo que chegará muito mais depressa do que se pensa. Ah! então dos burguezes da tua especie, acrescentou Leonardo com um riso largo, passando a mão pelo pescoço a modo de cortar, num gesto de desmesurado polichinello. Não teremos piedade... *Ecco*. E até logo. *Non si puó parlare sul serio con te. Mille felicitá.*

(*Continúa*)

J. A. NOGUEIRA.





A AMERICA E A GUERRA (1)

O CASTIGO

Um continente havia entretanto immune destas praticas malignas. Era a America.

E' da vossa lembrança como nasceu e cresceu. Foi fructo da colonisação europea quando a terra, ainda reduzida, estava por senhorear, e as caravellas afoitas varreram as aguas na conquista do desconhecido. Como se operou essa colonisação e o novo mundo se dividio entre inglezes, hespanhões e portuguezes, é de hontem. A raça dos conquistadores caldeou-se em outras novas e superiores, com novas formulas e novos ideaes, capazes por si sós de emancipar o continente e de o preparar para a vida de liberalismo, a que estava indiscutiavelmente fadado. Reflecta-se no colosso que era o novo mundo ao começar o seculo XIX, e ter-se-á prova de que epopeia maior não podia haver na historia. Eramos apenas algumas colonias esparsas, exgotadas pela metropole, divididas por desertos immensos, arruinadas pela má administração, sem exercito, sem recursos, sem auxilio, sem nada. Bastou que corresse por todas o fremito da independencia, para que os regimentos se improvisassem e os homens apparcessem, em um decennio de peleja, de heroismo e de redempção.

Uma revolução como a americana, que se levantava do nada, e tinha contra si todas as armadas reaes de sujeição, podia permittir-se de masias e desfechar na violencia e no governo absoluto. Assim não acon-teceu, porém. Se as vicissitudes da luta pareceram dar, neste ou naquella sitio, o predominio ao poder da espada, este para logo cedeu com o

(1) Vide numeros de Dezembro e Março

restabelecimento da ordem publica e a restauração das liberdades ameaçadas.

Tomae os puritanos da Nova Escossia. Uma questão de impostos é o pretexto para a revolta. Elles tinham dito em 1765: «El pueblo, el populacho, como se le llanta, tiene derechos anteriores a todo gobierno terrestre, derechos que las leyes humanas no pueden ni revocar ni restringir, porque derivan del gran legislador del universo.» E' com esse código de direitos do homem que em Lexington se terçam as armas. *Todos os cidadãos nasceram iguaes*, consigna a declaratoria da independencia de 4 de Julho de 1876, e à affirmação desse principio marca para sempre a America no convívio das nações. Um nome a personalisa magistralmente, George Washington. Compara-o aos creadores de nações, e elle se sobrelevará sempre pela moderação, a sabedoria, um raro equilibrio das qualidades mestras do estadista. Invencível na guerra, foi invencível tambem no beneficio da paz, e invencível pareceu ainda pelo futuro adiante, quando baixou, para seus compatriotas, aquelles memoraveis conselhos que foram a *Farwell adress*. Por isso o chamam na sua grande terra *first in war, first in peace, first in the hearth of hid countrymen*. Foi de Chateaubriand a confissão admiravel: «Alguma cousa de silencioso envolve as acções de Washington; elle age de vagar; dir-se-ia que sente ser o mandatario da liberdade no futuro e teme compromettel-a. Não são seus proprios destinos que traça, são os destinos do seu paiz; não permite dispor do que lhe não pertence... Procura as florestas desconhecidas onde brilhou a espada de Washington. O que achaes? Tumulos? Não: um mundo. Washington deixou os Estados Unidos como trophéo no seu campo de batalha.»

Que contraste singular o desse cidadão benemerito com o vulto colossal que emancipou tres republicas sul-americanas, numa luta que é uma das mais tenazes e atrozes da historia contemporanea! Em Simão Bolívar casavam-se as ambições com os predicados moraes. Tudo eram contrastes. Dir-se-ia que o meio, em que actuou, com seus vulcões em colera e seus céus de procella, não podiam admittir outro mandatario. Defeitos, qualidades, vicios, benemerencias, tudo era grande, desmedidamente grande, como grandes eram as exigencias da luta, suas vicissitudes, os successos que teve, as contrariedades que adversou, os golpes de infortunio que aqua e acolá, reiteradamente, o envolveram. Suas campanhas militares foram dignas do seu renome. Sua acção politica deixou traços indeleveis na formação do continente. Nada havia comparavel á sua actividade sem descanço, ás suas qualidades de mando, á sua envergadura superior a toda adversidade. No auge da potencia, seus sonhos são de um dominador sem rival. Elle quer a America livre pela mão da Colombia e intenta passeiar por ella as suas hostes victoriosas. Quando lhe é adversa a sorte, e erra pelas Antilhas, a vontade não se lhe dobra, possesso da sua funcção de libertador. O resultado é a victoria definitiva sobre a Hespanha, em doze annos de peleja que só seu braço podia dirigir e vencer.

San Martín que vem do sul, ao seu encontro, afim de conjugar com elle o esforço emancipador, tem outra feição. Nenhuma ambição o domi-



na, calculo nenhum violento possui. Executa um plano longamente amadurecido, que inspira toda a sua existencia e vae emancipar a outras republicas da America. As difficuldades internas de seu paiz não o preoccupam, porque sabe que a Argentina as vencerá consolidando-se definitivamente. Uma desobediencia celebre o faz ir sempre por diante, atravessando os Andes numa acção memoravel, que será o eterno orgulho das suas armas; e tambem liberta povos. Sua personalidade caracteriza-se por uma notoria nobreza. Um fatalismo bem equilibrado norteia suas acções e delle é aquelle lemma de que *serás lo que debes ser y, si no, no serás nada*. Sua proscripção voluntaria é o indice mesmo da sua natureza no choque com o outro, grande como elle, como elle immortal, fortes ambos para levantarem a America livre, mas differentes para nella juntamente viverem. Deulhe razão o tempo, com a reposição da Colombia, da Venezuela, do Ecuador, na liberdade ephemeramente desaparecida.

A nenhum prohomem da independencia americana se assemelha, entretanto, o vosso Artigas. Se seu irmão, como se disse aqui mesmo, pela bocca de um americano eminente, é George Washington, pela comprehensão madrugadora do dogma democratico, elle parece maior do que o morador de Mont-Vermoh, pela estoica resistencia que adversou e o amargo exilio em que se sumiu. José Artigas não merecia, senhores, as sombras em que desapareceu, mas teve como compensação o consolo de saber de longe a Patria redimida. Elle não viajou, não comparou povos, não libertou nacionalidades, mas teve um objectivo maior e mais difficil, que foi a criação e a consolidação da independencia na propria terra. Pela situação desta, pelas difficuldades que a cercavam, os adversarios que tinha, os recursos que a custo reuniu, era tarefa quasi fóra deste mundo; é só um punho glorioso, ao serviço de uma cabeça immortal, a podia realizar. Lutou Artigas heróicamente pelo seu ideal de todas as horas, ignorado dos homens, calumniado na historia, correndo as campinas na improvisação da defeza, apparecendo aqui para surgir acolá, imagem da sua terra, como ella invulneravel, altiva e grande. Uma penna vossa, que é o orgulho da America, traçou definitivamente o perfil do heroe, em termos inappellavéis. Eu o li commovido senhores, e bendisse o meu paiz, contra o qual colonia ainda, tambem pelejaram com denodo as meias luas de Artigas, por tel-o collocado onde deve estar, no nosso Itamaraty, ao lado das entidades mais primazes da emancipação americana. Não procederá differentemente, estou certo, a outra margem do rio, adversaria outrora tambem do antigo sargento de Blandengues que declarou infame e cuja cabeça poz a premio. A historia tem o seu curso immutavel. Sobre a acção passageira dos homens e as divergencias que os separaram, paira afinal o sentimento da justiça, unindo-os a todos na mesma obra definitiva, que cada um vio atravez seus anhelos e paixões, que nenhum deixou de sincera e bravamente realizar, e que de todos recebeu o mesmo e inquebrantavel esforço: — a obra da America livre e republicana. A parte do Uruguay foi particularmente de relevo como deixou dito em plena formação, ao clangor das batalhas, num dos seus admiraveis papéis, a vossa maior gloria civil e militar: «Nuestra historia es

la de los heroes. El caracter constante y sostenido que hemos ostentado en los distintos lances anunció al mundo nuestra grandeza. Sus monumentos magestuosos se levantan desde los muros de nuestra ciudad hasta las margenes del Paraná. Cenizas y ruina, sangre y desolacion, ved ahí el cuadro de la Banda Oriental, y el precio de su regeneracion. Pero ella es pueblo libre!»

Nessa tragedia colossal de um continente inteiro levantando-se entre o fumo da peleja, para a conquista do seu desejo mais caro, se varios são os obreiros, um só é a finalidade benemerita. Admirar não seria, senhores, que depois desse choque formidavel, nascesse a America legitimista e oppressora. E assim vós sabeis que não foi. No topo della, ao acabar da peleja, foi dito que «só a monarchia podia consolidar a patria recém-nascida», e responde o patriarcha immediatamente com a repulsa absoluta: «Ningun suceso, en el transcurso de esta guerra, me ha afligido tanto como saber que tales ideas circulan en el ejercito. Busco en vano en mi conducta que es lo que ha podido alentarnos a hacerme una proposición semejante, que me parece preñada de las mayores desgracias que puede caer sobre mi pais.» Quando a realza se implantou no Mexico, logo depois tambem de sua independencia, ruio o throno por terra porque «eguaes eram os direitos de todos e privilegios de casta não se podiam admittir.» Maximiliano depara, mais tarde, prova tragica dessa verdade nacional. No Peru', não tem raizes o aparato da Monarchia, que o protector bem intencionado pretende instaurar, promptos todos os cidadãos na defeza dos seus mais caros direitos. Cahe na Nova Granada o governo artificial da monocracia, que um chefe summo, na paixão sensual do poder, tenta firmar, obrigado, emfim, a dizer que «no es el despotismo máltar el que puede hacer la felicidad de un pueblo ni el mando que puede jamás convenir a la republica... Un soldado feliz no adquiere ningun derecho para mandar a su patria; no es el arbitro de las leyes ni del gobierno: sus glorias deben confundirse con las del pais...» Prega no Chile o vencedor de Maipú as vantagens do governo livre, fiel á sua maxima favorita de que o soldado é o mandatario da nação e a guerra só se faz com os principios moraes. Na Argentina repelle a opinião as velleidades do throno, que o preço da reconquista hespanhola acende nas cabeças dos seus maiores homens, enquanto no Paraguay a dictadura dos Francias e dos Lopez vac ter fim pela obra de uma colligação liberal, e o Uruguay escreve pela mão do seu fundador esse papel memoravel que são as instrucções do anno XIII. Foi aqui uma verdade primeira que no povo está a fonte de toda a soberania e que tudo que disso discrepar não terá o consenso da nação. Ha nada mais confortador que o exemplo singular do vosso guerreiro, em plena formação de nacionalidade, convocar os delegados do povo e entregar-lhe, de animo sereno, os attributos da soberania? «Mi autoridad, disse Artigas perante o Congresso de 1813, emaha de vosotros y ella cesa por vuestra presencia soberana. Vosotros estais en pleno goce de vuestros derechos. Ved ahí el fruto de mis ansias y desvelos, y ved ahí tambien todo el premio de mi afan. Ahora, en vosotros está el con-

servalo.» Assim como estatuiu um eminente chefe de estado nestas paragens «un continente entero con veinticinco millones de almas fué conquistado para la Republica, y este continente, casi igual en extension a la mitad del orbe, articulado por gigantescas montañas y rios inmensos que lo penetraban, extendiase de polo a polo, estaba banado al oriente y al occidente por los mas grandes mares del planeta, poseia todas las riquezas naturales y en sus variadas zonas podian aclimatar-se todas las razas de la tierra como si hubiese formado en el plan de la creacion para un nuevo y grandioso experimento de la sociabilidad humana, con unidad geografica y potencia fisica. La republica, aclimatada en el, lo predestinó desde temprano a esta renovacion del gobierno, y su unificación republicana por el hecho de la revolución de Sud-America, dió su grande y verdadera importancia a su constitución geografica e su constitución politica.»

Falando perante a Universidade de Wñconsin disse Joaquim Nabuco, numa pagina admiravel, do quinhão da America na civilização. E ao livrinho *De l'influence de la decouverte de lá Amérique sur le bonheur du genre humain*, do abbade Genty, respondeu com Elliot que cinco grandes contribuições se assignavam como incontestaveis. Vós sabeis quaes são ellas. A primeira substitua a guerra pelo arbitramento, de modo a solven sem canhões os litígios internacionaes; e concheceis quão consolador exemplo foi esse no trato da historia americana: para falar sómente de nós, preceituou-o na sua constituição o Brasil, executando-o, a cada passo, e levantando-o alto o Uruguay com a assignatura de um tratado, cujas benevolencias Balthasar Brum sobrelevoou num discurso que constitue um dos seus maiores titulos á consideração universal. A segunda, era a mais larga tolerancia religiosa, de maneira a permittir que, sob os céus americanos, todas as crenças e todas as religiões vivesses livres, como de facto viveram e existem; e este bem é incalculavel. A terceira erigia o suffragio popular como expressão da soberania de cada um, de modo a se banirem todas as tyrannias e terem pleno exercicio os direitos essenciaes do cidadão. A quarta demonstrava a aptidão de uma grande variedade de raças para o uso da liberdade politica. O quinto finalmente, resumia-se na diffusão do bem estar material entre a população, banidas as differenças de classe e diminuidas as angustias que separavam ricos e pobres.

Praticando esses principios salutaes estava a America naturalmente fadada a uma união cada vez mais íntima e bella entre os que a compunham, como de facto succedeo. O panamericanismo, ou melhor o interamericanismo, ligou cada vez mais as nações do continente, e fez delle uma região aparte, de unidade pacificadora e de trabalho. Não havia aqui opprimidos e oppressores. Não havia desigualdades de castas. Ambição que se levantasse, logo se vencía. Eram as classes militares organs do estado, garantes de sua vida e do seu progresso, e jamais instrumento de dominio interno ou expansão exterior. Nações escravizadas não tinhamos. E da convicção de todos, latinos e anglo-saxões, foi a affirmação do quinto presidente em 1823, em Washington, quando firmou que a America viveria na democracia e nenhuma de suas terras se subordinaria jamais ao dominio

estrangeiro. Vêde como a hora actual se filia aos primórdios da vida na terra de Monroe, ao empunhar Wilson o facho que illumina o mundo e com elle nos acena, a todos, para a reacção salvadora.

Como o Brasil respondeu ao appello, não o ignoraes. Tinhamos tido contra, nós em cincoenta annos de reinado liberal, o preconceito da monarchia, quando realmente a nação se educou na pratica da mais puro constitucionalismo e gosava, como a America inteira, de todos os direitos da civilisação. Este affeiçãoento das formulas reaes implantadas no Brasil com D. João VI, pelo meio americano, que as transformou radicalmente na mais acabada democracia, fôí uma prova admiravel de que aqui não se admittiam privilegios e todos nasciam eguaes diante a lei. Tal pareceu o renome liberal de nosso governo, que nestas paragens mesmas, e antes que a denominação do edificio constitucional brasileiro se transmutasse em republica, chamou-se ao Brasil de democracia com corôa... A terra que em 1789 pregou a revolução com Tiradentes e pedio sob as armas o governo livre e a abolição de todas as taxas, seria, como foi, fundamentalmente democratica. Não o reconhecesse o consenso geral, e eu agóra reclamaria para ella a gloria de duas campanhas memoraveis em que os nossos braços, os vossos braços, os braços argentinos juntos aqui batalharam pelq desthronamento de duas tyrannias sanguinarias.

Outra attitude não era tambem de esperar do Uruguay, cujas velhas tradições de liberalismo o marcaram tão accentuadamente no trato das nações. Antes da independencia, já mostrava elle, com denodo sem equal, como se defende a terra natal contra as fragatas de alem-mar, pois que foi nesta Montevideo formosa que a Reconquista teve sua base de resistencia, e della partiram os primeiros choques que ao inimigo adversou. Mais tarde, é uma epopeia sem equal a consolidação de vossa autonomia. Para se não subordinar ao jogo estrangeiro, o paiz exila-se em massa, num movimento unanime de reacção, tão nobre e tão grande, que não topa parallelo nos annaes do mundo. E quando renhida vae a refrega pela sua soberania e a America, em ebullição, porcurava a forma de sua organisação politica, é ainda o Uruguay que, num documento celebre, antes do resto do mundo, consubstancia definitivamente todas as franquias e direitos do cidadão com a independencia, a federação, os poderes autonomos equivalentes, a liberdade civil e religiosa, o commercio aberto para todos, a abolição das taxas interprovinciaes e a igualdade sem excepção... A esse codiço se prende, atravez a evolução de um seculo, o admiravel aparelho de governo que é hoje a vossa constituição. Foi com a invocação tacita delle que rompeu a Republica relações com o despotismo do ultra-mar.

Eu não sei, senhores, se a tragedia, em que se vae hoje o mundo, ainda fará correr muito sangue. Qualquer que seja, porém, sua duração, ella não pode findar senão pela victoria de todos os principios moraes e politicos, que constituam o apanagio da humanidade e que a Allemanha de Guilherme II tenta destruir a todo custo. Criminosa por uma norma de complacencias, de super-armamentos e contratados, a Europa paga cruelmente o seu erro, e espera com os olhos no céu o termo dos seus inner-

raveis soffrimentos. Uma ambição elevou-se alto nella, e ella deixou-a obrar. Uma casta militar apoderou-se nella de um throno, e durante 50 annos meditou o que agóra vedes. E' da luta entre a democracia e a autocracia que se trata. E' da defesa dos direitos dos pequenos em face dos potentados que se cuida. Ha uma justiça immanente, que cedo ou tarde castiga os que claudicam. Bismarck, que foi o organ infernal da Allemanha nessa trama sinistra, despediu-se como um domestico. A nação terá tambem sua hora de juizo final, não pela ingratição de uma cabeça coróatla, cheia de orgulho, mas pelo julgamento de todos os paizes honestos da terra. Para os quaes o fheiro existe, a moral liga os homens, e justiça e honra não são palavras vãs.

HELIO LOBO





CARRILHÃO DE SYMBOLOS

I

A BONDADE E O SONHO

Cercada por grandes javalis e pequeninas viboras, numa floresta mais espessa que as do Amazonas, a Bondade procurava livrar-se do bando de porcos e ophidios que a assaltavam. Embaraçava-se a pobre nos cipós, querendo fugir aos monstros que pulavam ou rastejavam furiosos entre os galhos e troncos negros do mattagal invencível.

A Bondade, de vestes esfrangalhadas nos espinhos, sentia em pleno peito o halito dos animaes de que fugia, quando pôde saltar para o circulo de luz de uma clareira. Emfim! dissera comsigo a meiga mulhersinha, poderá o sol, sendo um Deus, espantar os javardos e reptis. Debalde, porém, a Bondade ficou hirta e resignada, á espera da calma na aberta da floresta.

Outros sêres extravagantes e mais ferozes juntaram-se para a atacarem de novo na clareira luminosa. Foi então que a Bondade viu perto d'ella, distrahido a brincar, num leito de musgos e folhas seccas a figura leviana e transparente do Sonho. Iria tentar chamar em seu soccorro ao Peregrino da Noite e fazel-o sahir do mundo de suas distracções para o sombrio terror d'aquella realidade.

A Bondade por varias vezes fez menção de sacudir o Sonho. Mas, se ao seu sobresalto o Sonho gelado de susto nunca mais voltasse com suas fantasias aos brincos da floresta?

Já semi-devorada por todas as serpentes e fêras da terra, a Bondade consultando o proprio coração, preferiu morrer a interromper o Sonho.

A ARTE E A VIDA

Naquelle jardim abandonado aos fogos merencoreos da tarde passeava lenta e pensativa a Arte, dando o braço á Vida. Discreteavam ambas embalsamadas nos vapores do aroma que languidamente subiam em despedida das corollas estioladas ao bafo do calor do dia. Suspiros tenues vinham das moitas floridas. Ramas pendiam no ar, balançadas nas melodias indecifráveis que o crepusculo tange, harpejando as cordas negras e sensuaes da Noite.

— Através de ti, oh! Arte! sinto as consolações ineffáveis sem as quaes esta hora e este jardim me levariam ao suicidio, recitou a Vida, sentindo o calor do ente harmonioso que lhe estava ao lado.

A Arte volvendo os olhos ao céu, onde se accendiam cirios aos milheiros, estremeceu sorrindo com divino enlevo.

— Tu és o unico bem do desterrado humano, continuou a Vida, em balbucios á companheira. Trago nas carnes o pó da sepultura. Sou a condemnada ao insulto que merece tudo quanto murcha e acaba. Sem ti, creadora da Belleza e da Immortalidade, o pequenino ser que em mim soffre, desespera e perece, teria o nojo de si mesmo. Não adormentas á semelhança do ether, nem allucinas tal o haschisch. Renovo-me nas tuas aspirações. Sou toda uma aza espalmada para o infinito. Vida sou, por tua causa.

— Sem mim continuarias eterna, replicou a Arte.

— Mastigando o meu destino, feito um triste ruminante. Quem poderá viver sem ti?! exclamou a Vida.

E a Arte, resplandecendo como a lua que surgia na

serra, apontou para uma esponja de carne, a coaxar na lama do jardim:

— Aquelle sapo escarrapachado e cornudo.

A noite começou a fazer vibrar o luar.

A VERDADE E O SOPHISMA

Senhora rica, de grande altivez e ousadia, a Verdade, uma bella manhan rebuscou nas arcas e nos alforges um bocadão de pão e a ultima mealha e nada mais encontrou. Estava reduzida á misera situação da cigarra lafontaineana. Gritara por toda parte os seus axiomas irrefutaveis e firmara desassombradamente principios basicos, defendera orgulhosa as theses da Sciencia.

Havia gasto saúde, tempo e fortuna no exercicio dos dítames sagrados de sua consciencia recta e illuminada de sábia conhecedora dos segredos da Vida e do Universo. E alli estava a soberana, sem um osso para roer. A quem pedir uma esportula? A vizinha Mentira prosperava, tão gorda que parecia uma hydropica; se fosse bater á aldrava da porta d'essa prostituta? Se supplice dissesse que lhe invejava o senso pratico de gozadora do mundo e vencedora da Terra?

A Verdade sentou-se e as lagrimas começaram a lhe correr pelas faces, fios de perolas que infelizmente ella não poderia mandar á casa de penhores.

Temendo que o jejum a puzesse no escabello sem mais forças para uma palavra ou gesto de desafogo, a Verdade debruçou-se á janella do seu palacio encantado, para distrahir-se vendo rolar no céu as esferas lucilantes dos astros, que ella medira por meio do compasso e da ampulheta de Copernico e Gallileu. Na rua nenhuma alma. A brisa enchia o espaço com o farfalho de sedas invisiveis. Depois de algumas horas de extasis no seu balcão, a Verdade tentava recolher-se de novo ao banco de repouso, quando o Sophisma, alarmado e sinuoso, achegou-se á contemplativa.

- Soffres?
- Morro de fome, sem um vintem de meu.
- Aceita este sacco de ouro.
- Só me poderias dar ouro falso. E a Verdade, desabafando-se dos véus que lhe envolviam a face radiante, voltou-lhe redondamente a cara, recusando sincera e altiva a ostentosa esmola do Sophisma.

A LIBERDADE E O AMOR

Amor, um menino arcitenente divertia-se a mandar settas para o ar, com evidente risco de se ferir a si mesmo. Montes de creaturas rebofcavam-se em torno do pirralho, sangrando feridas á semelhança de guerreiros abandonados no campo de combate para o festim dos abutres e chacaes.

Autor d'essa carnicaria e cansado de causar tanto mal, queria agora o Amor frechar as estrellas, uma a uma. Já se lhe aborrecera de alvejar tanto coração humano. Exercitara-se até em offender as rosas e os pombos. Faticado da terra pretendia então crivar a tampa azul do céu dos seus golpes de louco sagittario.

Irritada de vêr o Amor nessa vadiação cruel, sua mãe puxou-o pelas orelhas e amarrou-lhe os pulsos a umas fortes cadêas, que Vulcano forjara nas conceituadas forjas do Grande Tartaro. Depois, o aferrolhou na gaiola vasia que hospedara um urso da Scythia.

— Ficarás ahi para sempre, disse a formosa megera, furiosa contra o genio malevolo do filho.

Já velho o Amor, que encanecera nos grilhões, divertia-se a frechar o peito das abelhas que inadvertidamente lhe passavam entre as grades da jaula. Tremulo ancião tinha ainda o Amor o pulso firme de um jovem archeiro real. Foi por um meio dia de outono, que pelo parque pagão do Amor prisioneiro, a Liberdade appareceu com a sua mania de quebrar as portas dos ergastulos. Entrou arfando para cumprir a sua caritativa missão.

Preparava-se a Liberdade a torcer os varões de bronze,

como o esteireiro arranca os juncos seccos do charco, quando o Amor lhe perguntou:

— Quem és?

— Irmão, meu pulso é um ariete. Venho despedaçar-te os ferros de escravo.

— Dando-me ar, estrangulas-me. Livre, só para extinguir-me. E o Amor chorava para que o deixassem no carcere, onge gostosamente se condemnara a curtir as suas culpas e a viver morrendo.

A ILLUSÃO E O ACASO

No meio de um campo tapeçado de ervas macias e crespas a velha Illusão, com os cabellos de neve, a face murcha, os olhos apagados e cinereos sentava-se á beira de um arroio, aguardando o novo encontro com o caprichoso amante de um dia, o senhor Acaso. Enquanto não apparecia o amigo, mirou-se a Illusão na agua que lhe tocava a fimbria da saia flammejante e bem talhada seguindo os caprichos e rigores da rainha Moda.

Ainda linda se achou a Illusão. Pareceu-lhe a propria face rosea e fresca, os olhos distinguiu-os de verde-mar palhetado de sintillações e a bocca de roixo pallido offerreceu-se-lhe de labios tão vermelhos como se fossem molhados num summo purpureo.

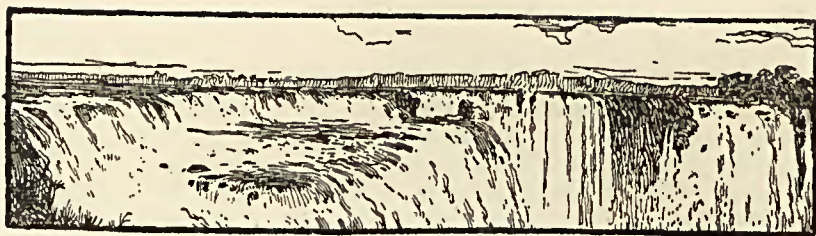
Sou sempre bella, murmurou consigo a Illusão, pregueando de um sorriso que julgava irresistivel o rosto mais vincado de rugas que uma charruada. Se elle hoje vier, esse tonto Acaso, hade repetir a mesma confissão de amor com que hontem me fez estremecer o coração.

Nisso o Acaso, fazendo curvas extranhas com os seus passos de embriagado, passou semelhante a um fantasma na paizagem, sem sequer attentar na Illusão, que com tanto afinco vivia a pensar nelle.

Não tendo podido atirar-se aos braços do Acaso, a Illusão começou a soluçar desilludida.

ALBERTO RANGEL.





A TRAMA DO VALIDO

Na noite escura e o secretario da puridade do conde d'Arcos não havia chegado.

D. Marcos de Noronha e Brito, na sua farda azul, elegante e magestoso, com o porte senhoril que inda guardava do tempo do seu vice-reinado, de um lado para outro, impaciente e nervoso, passeava no espaçoso aposento do seu palacete do Areal.

S. Exa., conde d'Arcos e marechal de campo, ou capitão general, não costumava esperar; dava ordens e em pouco as via cumpridas. Sentia-se, por isso, agitado dentro de sua camera particular onde, desde quatro horas da tarde, aguardava Miguel Praxedes, homem de sua privança, auxiliar dedicado, leal e discreto, incapaz de traição e inócua de intrigas.

Febril, impaciente, começou a imaginar os motivos que retardavam Miguel Praxedes; rodopiavam-lhe no cerebro os mais oppostos pensamentos até que uns laivos de suspeita principiaram por perturbar-lhe a tranquillidade.

Havia incumbido o seu auxiliar, confidente e amigo, de uma missão espinhosa e grave; a politica do principe regente atrapalhava os negocios da colonia e a convocação de eleitores que deviam approvar a retirada de d. João VI consistia na mais perigosa cartada á situação da corôa. D. Marcos, fóra da administração publica, enredava a trama contra os planos de Thomaz Antonio, o ministro arguto, e, se lhe descobrissem as machinações, funesto seria o seu futuro.

Miguel Praxedes conhecia-lhe todos os projectos; bandeando-se ou capturado, trahindo o segredo ou posto á polé para confessar a conjura, transformaria, em réo de lesa-magestade, o discricionario governador, que outr'ora punira, e fizera executar, com o padre Roma, os revoltosos de 1817.

E o conde d'Arcos, cada vez mais inquieto, mais preocupado, consultava o relógio, tocava em documentos sem lê-los, ia á estante buscar os folios não conseguindo manuseá-los, desassocegado, inhabil a tentar qualquer distracção apaziguadora de seu espirito fluctuante de duvidas e receios.

Subito, ouviu o rumor de vozes estranhas na larga calçada da entrada do seu palacio; correu á gaveta da sua secretária, apanhou do fundo um par de pistolas, aperrou-as: — chegou á janella, levantou o caixilho de vidraria branca em miudos quadriangulos e bradou do alto:

— Quem está ahi?

Uma névoa espessa descia por todo o campo de Sant'Anna; apenas a chamma oscillante de uma candeia de azeite mal reflectia, sobre o pavimento arenoso, circulos amarelados. A torre esguia da capella de S. Gonçalo avultava á distancia, na escuridão, como uma pyramide negra; o charariz das lavadeiras sumia-se na penumbra deitando um fio d'agua pelo solo enlameado. Eram recamos de todo aquelle velário preto os lampejos mortiços da escassa illumination que prestava a orientar o raro transeunte que, nalguma mula chouta ou dentro de tipoia fortemente atrelada, precisasse cruzar aquelle ermo, depois de sol-posto. Ninguém respondeu á interrogativa do fidalgo.

Estirara no ar o eco do batido de pesada cadeirinha sobre o lagedo e as palavras do fidalgo ficaram abafadas pelo rijo choque repercutindo com vibração na calada da noite.

O conde, porem, estremeceu; não divulgara o que se desenrolava allí: — ardendo em colera, proferio uma ameaça empunhando a arma com a mão vigorosa e firme:

— «Canalhas! Não querem falar»—E deu um impulso ao gatilho, alvejando o charco fronteiro. Immediatamente, seguio-se um gemido vago de quem se vê difficultado no andar ou traz os membros paralyzados por dôr cruecante e prolongada.

— «Feri alguém»: — rosmeou consigo d. Marcos. E gritou intimativamente:

— «Inda ha outro, si continuam mudos!»

— «Olá, — retrucou uma voz de timbre rustico, mas

desembaraçadamente — Foi para nós o tiro? Queres nos dar cabo dos canastos, maldito! Melhor fôra que cá vieses nos ajudar a levar lá acima o escrivão do sr. conde; o pobre do homem sem poder andar com a caimbra que lhe deu e tu prompto a liquidal-o. Bandido!»

— Espera! — replicou d. Marcos. E, atravessando veloz a sala em cujas paredes sombreava o seu vulto; chamou o criado e, pressuroso, desceu á porta em socorro de Miguel Praxedes, a quem, naturalmente, succedera estranho accidente.

O conde d'Arcos approximou-se de seu servidor, illuminando-lhe o rosto com o brandão que o famulo trazia, de braço erguido.

— Que te aconteceu? — indagou, interessado, o antigo governador do Rio de Janeiro. Miguel Praxedes, com a physionomia contrafeita, quasi sem poder articular a perna, segurando o joelho, explicou:

— «O rheumatico, sr. conde. Tres horas na mesma posição; quando me levantei estalou-me o tendão e, logo, isto que V. Exa. está a ver.»

— «Mas não te sobreveio nada de maior?» — inquiriu curioso, frisando bem as palavras.

— «Oh! nada!» — esclareceu o secretario, arregalando os olhos, esquecendo a gotta e querendo dar provas de coragem e astucia. «Ao contrario, tuto me correu muito bem, ás mil maravilhas. Só tive esse contratempo que obrigou a arrastar-me até ao segeiro, numa viella de S. Cristovão, e alugar-lhe esta cadeirinha. Vim aos boléos por máos caminhos e a dor cada vez mais incommodativa. Depois, aqui, inda esta recepção, o disparo que parecia sahir do lado do mangue.

— O raio do tiro podia nos matar; interrompeu um dos homens que carregavam a liteira, exprimindo o seu sotaque minhoto.

— Porque não falaram quando gritei lá de cima?

— Não o ouvimos, sr. conde; explicou o robusto mulato em quem Miguel Praxedes se apoiava já retirado do palanquim.

— Bem; d'outra vez, mais attenção. E tomem lá para a kanninha — accrescentou o fidalgo sacando da bolsa uma moeda de prata com que entendeu gratificar aquelles individuos que haviam sopesado aos hombros o mais necessario e fiel dos secretarios.

Miguel Praxedes, escoada uma hora, apparecia na sala, manquejando, arrimado a uma grossa bengala, o busto arqueado para a frente, pisando cautelosamente e, entrelaçando entre os dedos da mão esquerda, dobrada e salpicada de lacre, uma folha de papel almaço.

— Estás melhor? — perguntou-lhe d. Marcos de Noronha, vendo-o apontar ao humbral da porta.

— Graças á fricção do Antonio Boticário.

— Estimo-o bem! Por minha causa, meu amigo, pa-deces desde a tarde.

— Não cogite da minha pessoa, sr. conde. Ha coisas mais urgentes que reclamam seus cuidados.

— Mais urgentes?

— Sim. Pude verificar, na tarefa que V. S.^a me com-metteu, os acontecimentos que se desenrolam na côrte.

— O senhor d. João não regressa a Portugal! — acudio sobresaltado d. Miguel de Noronha.

— O senhor d. João VI quer voltar ao Reino!

— A senhora d. Carlota, que sempre o contraria, naturalmente, se nega a acompanhá-lo.

— Não, sr. conde. A rainha só manifesta desejos de se ver no Ramalhão; «em meio de gente», como ella se expressa. Está farta do Brasil. O marido arreceia do seu throno; affrontará as iras que causaram a seus subditos a fugida á invasão das tropas napoleonicas e aneia em-barcar para Lisboa.

— Então, que estorvos entorpecem sua magestade?

— Um homem retem el-rei.

— Thomaz Antonio por ventura?

— Thomaz Antonio, na verdade; repetio o secretario estirando ceremoniosamente no canapé de palha o corpo amarrado da jornada daquelle dia.

— «Falas com segurança!» Avançou o fidalgo que accenden ao candieiro de prata o grosso cigarro que acabara de enrolar.

— Saiba V. S.^a, meu senhor, que por muito tempo, na sala de despachos, o sr. d. João VI e Thomaz Antonio se demoraram em longa e secreta conferencia. Por traz do reposteiro, agachado, immovel, suando copiosamente, ouvi tudo quanto confabularam. Enquanto de cabeça pendida, a face deitada na mão espalmada e o cotovello apoiado no extremo da scretária, sua magestade murmurava uma ou outra phrase de hesitação e timidez, Thomaz Antonio, resolute, convincente, oppunha ás ponderações do monarcha a sua logica indestructivel e o seu raciocinio insophismavel. D. João empallidecia, revelava

a custo a sua opinião contraria e ficava subjugado; por fim, como argumento supremo a todas as razões do seu ministro, objectou quasi á surdina: — E a rainha? — Nisto, Thomaz Antonio inclinou-se diante de el-rei, levou-o até á janella e estendeu o braço apontando para fóra o indicador:

— Vede! senhor! Sua Magestade, vossa esposa, passeia no parque com o commandante da guarda; é dos seus habitos voltear pela alameda, quotidianamente, a estas horas. Vive bem aqui; compraz-lhe a belleza da matta, agradam-lhe os encantos naturaes desta terra seductora.—

D. João vincou na frente uma ruga de mágua e respondeu:

— «Digo-lhe á puridade, Thomaz Antonio; por isso mesmo convém deixarmos o Brasil. De tudo, por cá, se' busca motivo á maledicencia. E a rainha, confesso, é, muitas vezes, excessivamente leviana.

— «O regente concede destas confidencias a Thomaz Antonio!» rosou o conde d'Arcos, dando um murro no extremo da mesa.

— E' que d. João o ouve com extrema sympathia; asseverou Miguel Praxedes. Prometteu-lhe que, amanhã, decidirá da permanencia definitiva da côrte no Brasil.

— Já, amanhã?

— Amanhã — depois da reunião que o Ouvidor-geral fixou para o Rocio.

D. Marcos de Noronha e Brito curvou-se sobre a crendencia de marmore e examinou o pendulo de bronze doirado que alli poisava entre dois jarrões da China.

— «Nove horas» — disse. — E d. Pedro não chegou ainda.

— Só estará aqui ás dez. Mandou-me communicar-lhe que, antes de ser attencioso com V. S., precisa se mostrar gentil a certa dama ... do paço. Vai ceiar esta noite com a mulher do archeiro de D. João VI.

— Pelintrote!

— O sr. conde espera-o de certo!

— Que duvida!

— Então, leia-lhe esta carta.

D. Marcos, ávido de explicações e noticias, tomou o papel que Miguel Praxedes lhe apresentava. Logo exclamou: — «Letras de Manoel Fernandes Thomaz!» «Confidencias de servidores ou indiscreções de politicos!»

E de um sorvo correu os olhos por aquelle escripto, indagando depois:

— Onde conseguiste isto?

— Apanhei-o, esquecido entre as malhas de renda da almofada real.

— Na verdade, é uma epistola expressiva. Os negócios de Portugal turvaram-se e d. João deveria ficar apprehensivo. Compreendo, agora, os enredos de Thomaz Antonio e as tenções do monarcha; um, intelligente, acautela aqui o poder que vê abalançado na metropole e o outro, obtuso soberano, suppõe amparar o absolutismo, fazendo-se rumo de Lisboa a tomar conta do throno embrechado. Portanto, mais que nunca, é mister agir. Thomaz Antonio não repetirá mais que «d. Marcos de Noronha só sabê impugnar».

E soltou uma risada, secca, ironica, penetrante.

O conde d'Arcos, informado dos intuitos do rei, sentou-se á secretária e compulsou varios papeis. Miguel Praxedes repoltreara-se no canapé e, fatigado, cochilava. A sala inundara-se de enorme silencio; escutava-se, unicamente o crepitar dos pavios das velhas das serpentinas.

D. Marcos Noronha amontoou alguns manuscripts, amarrou-os e chamou:

— Miguel, ó Miguel.

O secretario não despertou. O conde falou mais alta e não foi attendido; approximou-se do seu auxiliar e notou que dormia um somno pesado. Ia a sacudil-o, acordal-o quando, repentinamente, entrou acobertado na capa de panno escuro, chapéo braguense entestado no sobr'olho, um rapazola desenvolto. O conde fixou-o, não o reconheceu de prompto; mas o mancebo, puxou-o, meio brutal, sem o menor respeito ao graduado militar, murmurando:

— «Deixa este animal roncar. Vamos a saber do que convem».

O conde, simulando paternal affecto, saudou prazenteiro o jovem:

— «Até que enfim!»

D. Pedro, sanguíneo, os olhos brilhantes, a roupa empoeirada, bamboleando-se sobre os tacões da bota, acabava de chegar. Vinha á entrevista a que o fidalgo o convidara por intermédio do dedicado Praxedes. Trazia, bem nitidos, na face, os excessos que elle, estúrdio e devasso prodigalisara, após uma tarde d'amor, no desvão da ucharia de seu pae.

O principe, pouco apto se mostrava a cuidar de assumptos politicos; entendeu-o, logo, o atilado militar mas

sendo, entretanto, impossivel adiar o encontro, atreveu-se a falar-lhe.

— Meu caro d. Pedro; no reino occorrem importantes acontecimentos e na colonia o sr. d. João cogita de assentar a corôa. Cumpre V. A. precaver-se, attender a seus interesses e apropriar-se do governo.

— Não comprehendo seus conselhos.

— Cartas de Manuel Fernandes annunciaram gravissimas complicações e el-rei alvitrou-se embarcar para Portugal. Existe, contudo, uma pessoa influente que entrava a partida.

— A rainha?

— Thomaz Antonio!

— Thomaz Antonio — affirma-o com plena convicção! — retrucou o principe exaltado.

— «Dispõe-se a reter o senhor seu pai, principe, com o golpe que, amanhã, tentará no momento da assemblea dos eleitores. Já V. S. não ficará regendo a colonia; o sr. d. João é que levantará no Brasil o seu novo imperio».

— «Então vamos cortar o vôo ao condor» — chasqueou d. Pedro.

— Por essa razão pedi-lhe que cá viesse. Estamos sós. Promette-me sob a palavra d'honra não divulgar a nossa conversação?

— Sem duvida! Guardarei todo o sîgilo, mesmo si revelar-o for a salvação da dynastia.

— Então seria capaz de entrar numa conjura que lhe alcançasse o governo do Brasil?

— Como não! — respondeu o principe num vislumbre de alegria.

— Está bem! Conte com o conde de Louzã, o ouvidor de fora, os comandantes dos fortes e dos batalhões de linha e mais alguns fieis partidarios. Tudo será bem succedido.

— Aguardo as suas instrucções, meu caro conde.

D. Pedro estendeu a mão ao conde d'Arcos num gesto de lealdade fidalga; embrulhou-se na capa, escondeu o rosto sob a aba larga do chapéo vareiro e despedio-se.

— Voltarei amanhã.

— Aapparecerá amanhã no campo do Rocio!

— Tão depressa!

— E' preciso que Thomaz Antonio conheça que a casa de Bragança se representa em Portugal por um soberano, d. João; mas, no Brasil, possuirá um logar-tenente do reino, o principe d. Pedro.

Resoou uma risadinha atrevida e d. Pedro desappareceu.

O conde d'Arcos escolheu no escaninho da secretária duas aparas de ganso e afinou-as cuidadosamente com a ponta do punhal que desapertara da cinta; estendeu algumas folhas de papel e pôz-se a escrever ininterruptamente, os fios da pluma a oscilarem-lhe na mão.

Ao romper d'alva, quando branqueava ao nascente a primeira claridade da madrugada, o fidalgo pousou a pena no beiral do tinteiro de prata, esticou os braços, entorpecido de somno e fadiga, chamou por Miguel Praxedes que roncava, de costas, no mesmo sofá de palha. O secretario não se levantou.

A matinada dos gallos musicava lá fora em toada uniforme, enquanto a cumiada dos morros esparecia lentamente, sob uma nevoa acinzentada e calma. O buzino prolongado da corneta greste do tropeiro que conduzia a récua de muares á feira, cortou o ar em timbre rouquenho; o galopar dos machos tornou-se mais apressado e se perdeu, pouco depois, em um eco abafadiço.

D. Marcos de Noronha ergueu-se, soprou as velas que estremunhavam lampejos nas cornucópias de castiças brunidos, acercou-se do seu ajudante e saculejou-o berrando-lhe pelo nome. Abalado como a violencia do estremeção, Praxedes, o escrivão privado, sentou-se assustado, esfregou as palpebras e murmurou defrontando o amo:

— Que ha, sr. conde?

— E' já manhã. Preciso sahir. Entrego-te o meu palacio confiado na tua inequívoca dedicação. Si não regressar á tarde cumpre as determinações que te deixo ao canto da minha mesa, debaixo do bloco de amethysta.

E escoou-se por uma porta esconsa, no bico dos pés, sem fazer bulha para que os famulos não despertassem e descobrissem que o conde d'Arcos, muito cedo, contra seus habitos, andava fóra de casa.

Miguel Praxedes suspendeu a vidraça para respirar o ar fresco vindo da matta da encosta de Santa Tereza; a doirada vermelhidão do sol enrubescia o mainel da janella. Havia dormido oito horas a fio.

Mal era sol nado, d. Pedro, rodeado de quatro pagens, homens herculeos e valentes, sahia, tambem, de S. Chris-

tovão, ás escondidas, precipitadamente. A cavalgadura em que montava resfolegava, chispando faúlhas na alvenaria das ruas mal calçadas. Recebera desagradaveis noticias e, aborrecido, raivoso, partira para o Rocio da cidade onde, cedo, soubera, a tropa portugueza formaria frente ao edificio do collegio eleitoral.

O principe via aproximar-lhe o instante de aventurar o seu destino; malavindo com seu pai, avisado pelo conde d'Arcos, julgava a accasião aprazada á rebellião contra o rei. E, assim, naquella manhã limpida e vivificadora em que a natureza despertava a uma luz alegre e aquecedora, sentio a viração suave do arvoredado abranda-lhe a face encandecida da vertigem da carreira. Ao cruzar o Aterrado estacou o animal; examinou as pisto-las, estavam bem carregadas.

O pagem que mais proximo o acompanhava perguntou-lhe:

— V. A. se acautela dalgum assalto? Trago ao cano das botas uma arma segura.

— Não, rapaz; previno-me apenas. Preciso, porém, de ti para um serviço de confiança.

— V. A. tenciona mandar-me a recado á sobrinha do ferrador da Guarda Velha? A empreza de hontem excedeu em ousadia; arrisquei-me, senhor.

— Imprudente! Não me lembres mulheres neste transe: o meu espirito engolfa-se em questões de relevancia. Separa-te de mim, vai ao palacio do conde d'Arcos e diz-lhe que o espero no Rocio.

O famulo não perdeu tempo; esporeou a mula que o envolveu numa nuvem de pó e sumiu-se por um renque de bambús que ramalhavam, distante, escondendo os felheiros sombrios de casinhas baixas e isoladas.

D. Pedro vendo afastar-se o seu mensageiro, desenfreadamente, a toda a brida, norteou-se ao rumo da cidade.

Encavallado no seu nariz adunco os oculos de tartaruga, o Governador das Armas leu um laconico communi-cado que lhe enviara, áquella hora da manhã, o intendente da policia. Vestiu-se depressa, atou á cintura o corream da sua espada e entrou na tipoiã que o agardava, á porta. A carruagem abalou. O afficial afundado nas almofadas, reflectia; aquella chamada indicava algum acontecimento extraordinario. Reclamavam a sua presença á frente da tropa que, desde a vespera, guardava o collegio

eleitoral: — urgia elle proprio chefiar os seus soldados porque os receiava insubmissos.

Sentia-o bem, percebia-o bem; o culpado de qualquer indisciplina dos batalhões seria elle, militar fraco, sem energia bastante, afrouxado com os seus commandados. Asseverava na tarde anterior que as intenções das companhias de linha repousavam no completo respeito ao exercicio do voto. De certo, essas affirmativas tomaram-n'as os militares á conta de covardia ou medo e, decorridas mais de vinte e quatro horas, estavam a rumorejar a tentativas de arruaças perturbadoras de uma reunião que decidiria da permanencia de d. João no Brasil.

E, com o animo transido de pesar, fluctuando de remorso, pensava elle remediar sua perniciosa complacência, ou prendendo os rebeldes ou desembainhando a espada e jogando a vida na causa do regente. Quando attingio á Lampadosa, o governador viu as forças em evoluções; uma placidez relativa apparentava o povo que se apinhava na praça. Parou, oscilando em tomar resoluções que aventava no seu intimo tumultuado de apprehensões.

De repente, estrugio no espaço o estrepitar de aterradora descarga, e, incontinenti, numa enovelada de corpos, tresmalhada, a multidão enxameava-se de roldão avançando de escopetas, troncos d'arvores, pedaços de garrafas, roliços paos, para o edificio onde os votantes deliberravam. O governador corre brandindo ao ar a espada luzida; cambaleia mas equilibra-se: — tropeçara na cabeça de um cadaver que jazia de bruços conservando o indice no gatilho de um antigo mosquete. Abaixou-se, apanhou a arma. Caminhou encorajado; ia cumprir o seu dever resgatando o mal de ter protestado a fidelidade de seus soldados. E, digno, possesso de um delirio febril, a alma atordoada de uma especie de cruciante remorso, serpeou por entre o povo, que rugia como tigre indomavel, visando soffrear os impetos da malta amotinada que procurava invadir a casa dos eleitores.

Subito, contrahira-se-lhe a physionomia, alterada por dorida compressão no braço esquerdo. Não se pôde mover; os dedos se lhe entorpeceram e a arma rolou ao solo. Volveu o rosto e soltou um grito de indizível espanto: — segurara-o, a mão férrea e musculosa de d. Pedro. O principe, detendo-o ainda, com o olhar convulso, ardendo de raiva, gritou-lhe:

— «Animal! Não percebeste que consegui revolucionar uma companhia dos teus batalhões?»

— E' uma temeridade de V. A. impedir a marcha dos



negócios políticos. Renuncie a esses propositos que compellirão S. M. El-Rei a deixar, de hoje para amanhã, o territorio brasileiro. E quem, victoriosa a sedição, assumiria a direcção da colonia de Portugal?

— D. Pedro! — bradou uma voz energica e persuasiva. O principe e o governador deram de costas ao mesmo tempo. Junto delles, sobranceiro á rajada do motim, apparecia o conde d'Arcos que espreitava todos os movimentos do infante.

— Ah!, atalhou o governador, esclareço-me, agora, da situação. V. S.^a, senhor conde d'Arcos, teceu bem a intriga; vingou-se das predilecções do sr. d. João por Thomaz Antonio.

A patuléa se regozija em alaridos frementes. Homens silvando assobios ou ululando impropérios, inesperadamente, chapejam no espaço as mãos batendo palmas, agitados, remessivos, desvairados. E' que das janellas do sobrado, babujando insultos e imprecando pragas, atiravam a mancheias, para o largo, os destroços das suas depredações, gesticulando ameaças, cerrando os punhos em gritaria exterminadora, incitando, revoltando.

O governador calou-se e, perplexo, atonito, presenciava ao desenrolar da rebelião; não sabia mais como proceder, cruzava os braços deixando que os factos tivessem inesperado desfecho. Um disparo erradio zunio na copa das arvores e abafou as vozes dilacerantes da plebe. Estala o galho de um arbusto cahindo de chofre ao barulho farfalhante das folhas. Ha um momento rapido, fugidio quebrado pelo estridor de um bravo caloroso.

— Viva d. Pedro!

— Viva d. Pedro: — repetre em côro metalico, ululante, desarvorado, o povilheo sanhudo:

A malta começa a debandar, seguindo a tropa desordenada que toma o lado do quartel. A claridade azulada do dia illumina a esplanada do morro de Santo Antonio e o sino do Sacramento tange a sahida do viatico. Decorrem poucos minutos e o parcho da Sé surge no Rocio, sob a umbela adamascada, caminhando embuçado no véo d'hombros, precedido da garotada que entoa o *bemdito* numa plangencia desafinada:

— «Vai Deus receber, talvez, um desconhecido vasalo que morre heroicamente pelo seu rei»: — disse com expressão compungida o governador.

— «Ou de certo, um patriota sincero que se insurgio, com coragem, contra as oppressões do seu soberano» — retrucou d. Marcos de Noronha.

D. Pedro cingio á cintura o governador das armas e num carinhoso abraço, aconselhou:

— «Deixa-te de parvoices. Vencemos. Amanhã no palacio do Areal».

— Si o pai de V. A. se retirar logo á noite.

— Faze o que te approuver.

E apartou-se com o conde d'Arcos, descendo a rua do Cano. A' esquina da Vala, despedio-se.

— Não quer servir-se da minha carruagem?: inquirio d. Marcos. Tenho-a na Carioca.

— Obrigado. Depois desta esfrega só a companhia de uma mulher. Vou almoçar com sóror Maria da Luz!

— No convento?, interrogou, admirado, o brigadeiro.

— Numa casa da subida do Castello onde ella se acha com licença do Ordinario!

— «Oh! a mocidade! a mocidade!» — murmurou tristemente, numa vaga recordação, o ultimo dos vice-reis do Brazil.

Eram 11 horas da manhã.

Rio, 12—5—918.

THEODORO MAGALHÃES



(GRAVURAS ANTIGAS)



DESENHO DE LALAISSÉ

Comboio de diamantes em Cabeté

GRAVURA DE CHAILLOT

(GRAVURAS ANTIGAS)



Caravana de mercadores no Tejuco

DESENHO DE LALASSE

GRAVURA DE CHAILLOT



CINCO ANOS NO NORTE⁽¹⁾ DO BRASIL

Notas á margem do Relatório do Dr. Arthur
Neiva sobre o Norte.

Como o leitor sabe, a capital maranhense, S. Luiz, está situada numa ilha á vista do continente.

As «gaiolas» saêm do porto de S. Luiz, geralmente, ás duas horas da madrugada, afim de encontrar maré na cachoeira que fica num dos braços pelos quaes o Itapicurú se lança no Atlantico. Logo á sahida do porto, «a gaiola tem que se ver», na passagem do Boqueirão, canal sempre revoltó e que é o espantallo de quem faz tal viagem. O navio atravessa diversas bahias e depois aprôa por um dos igarapés, em demanda de Rosario, primeira cidade maranhense que se encontra á margem esquerda do rio. Antes do Rosario, proximo a Cachoeira, que o viajante não nota porque a máré a encobre, existe, entre grossas arvores, uma guarita, que dizem ter sido construída pelos francezes; *si non é vero...* é um cazo que deveria ser averiguado.

Em Rosario já se está no verdadeiro leito do Itapicurú, muito embora a influencia das marés seja ahi muito grande ainda.

Quando se atravessam, á noite, as bahias de S. Marcos e S. José, contempla-se um espectáculo interessante: a quilha do navio corta a agua, e esta ao abrir-se torna-se toda luminosa devido á presença de micro-organismos phosphorescentes.

(1) Vide numeros de Janeiro a Abril.

O rio Itapicurú presta-se perfeitamente á navegação fluvial. De S. Luiz a Caxias, os navios assemelham-se aos do typo grande do rio Parnahyba, sendo sómente um pouco mais curtos. De Caxias para cima o rio é navegado por pequenas lanchas a remo. A largura do rio, que em media pode ter uns 40 metros, é muito regular; da villa de Itapicurú para baixo, até Rosario, alarga-se um pouco, e abaixo desta ultima cidade começam as ramificações, e os igarapés, contornando os deltas, influenciados pelas marés, fazem sentir seus effeitos até a villa de Itapicurú, a um dia de viagem de Rosario.

Rigorosamente fallando, o rio não tem canal, pois elle proprio é já um perfeito canal; o pratico não tem senão que dirijir o navio pelo meio da corrente. As companhias, tanto do rio Parnahyba como do rio Itapicurú, não tomam o minimo interesse pela navegabilidade dos rios. Tanto se lhes dá que o rio esteja limpo como sujo, como si a sua prosperidade não dependesse d'isso.

Com um pouco de cuidado, com uma turma que se encarregasse de retirar os páos que cahem no leito e uma draga para retirar a areia, o Itapicurú offereceria uma navegação perfeita. Infelizmente as companhias, embora isso lhes custe muito caro, não entendem assim.

Um morador ribeirinho faz uma «vasante», (uma roça á beira do rio, na barranca) e os páos que tombam n'agua ahi ficam e formam «balseiros» enormes, onde os navios batem, rompendo o casco, ou rebentam as rodas. Si uma enchente providencial não carrega esses «balseiros» elles ahi ficarão, até se consumirem, damnificando os navios, em cujas reparações se despendem verbas muitas vezes superiores á que poderia ser gasta na «desentulhação» do rio. O prejuizo se não cifra, tão sómente, nos estragos directos das embarcações. Como as aguas do rio arrastam muito arêia, e como os «balseiros» formam remansos, ella ahi se vai depositando até constituir uma «corôa», em que os navios encaham e levam, ás vezes, 2 dias para sahir a poder de muito cabo e «guincho». Ora, como «barco parado não ganha frete», está claro que o navio encahlado, além do gasto que faz a alimentar os passageiros e pagar a tripulação, deixa de ganhar os dias perdidos, assim tão estupidamente.

A tripulação de uma «gaiola» consta de um commandante, um immediato, 3 machinistas, outros tantos foguistas e carvoeiros, uns 8 marinheiros, um cosinheiro e um dispenseiro e seu pequeno ajudante, que sempre estão em interminavel querella.

la-me esquecendo de failar na figura mais importante, depois do commandante — o pratico, a quem se dá o título de mestre. O mestre var diante do feme, sentado num tamborete ou cadeira, dando indieação com a mão extendida, pendendo ora para esquerda ora para direita, a cujos movimentos, o marujo faz girar a roda do leme, fazendo o «bicho» pender para o lado que o mestre indiea.

Quando o navio encalha, é o pratico que entra em acção. Si o encalhe se dá «de rio acima», elle ordena as machinas para traz e o navio põe-se a nado. Então manda uma turma de marinheiros, quasi sempre pretos e curiboeas, muito fortes, tripulando um bote, para se verificar qual o ponto mais fundo pelo qual o vapor poderá passar. Um dos marinheiros, que leva um varejão, dividido de palmo em palmo, vai tomando a «fundura» d'agua, e em voz alta aannuncia, ao pratico que está na prôa com os olhos fitos no bote e os ouvidos attentos ao que o marujo diz. Se o rio não dá passagem, da mesma forma dirige o navio para o ponto mais profundo ou menos razo, e com toda força das machinas avança, encalhando-o na areia; as rodas giram ainda um pouco, na vã esperança de transpor o obstaeulo. Quando a camada de arêia a ser «rasgada», não é muito grossa, o navio consegue abrir o canal e continúa a mareha; se ao contrario, tem muita areia pela prôa encalhada, é preciso um trabalho enorme e estafante para que a «gaiola» consiga vencer o «secco».

O mestre manda amarrar o cabo no tronco de uma arvore na barranca do rio, ou, se o rio neste lugar é tão largo que o cabo não aleanee a margem, ou ainda não haja ahi uma arvore sufficientemente forte, amarra-se uma ancora na ponta do cabo e os marinheiros, com auxilio de um bote, vão deitar o «ferro» além do banco de areia. Então, o mestre manda por as machinas a toda força, e o «guincho», deixando escapar vapor por todas as juntas, estridentemente, vai enrolando o cabo no cylindro e obrindo o vapor a avançar, abrindo caminho, com a prôa, como si fosse um arado sulcando o solo. Depois do cabo estar todo enrolado, e se ainda o navio não acabou de transpor o obstaeulo, o mestre manda «dar outra espiada»: os marinheiros, com o bote deitam o «ferro» outra vez, mais além, e assim por diante, até o navio passar de todo o «secco». As arvores, onde se amarra o cabo, para «dar uma espiada», si não são fortes são arrancadas com rai- zes e tudo.

Com este constante roçar pela arêia, o navio, em

pouco tempo fica com as chapas do fundo estragadas, furando-se as vezes, o que põe a embarcação em perigo. Este trabalho todo se dá no verão, quando o rio está «baixo»; no inverno, desde que o rio «tome agua», a navegação é franca: não se dá nenhuma «espiada» com os cabos, o guincho repousa, a marinagem descança, lançando chalaças ás lavadeiras semi-núas que se vão encontrando pelas margens do rio e os passageiros se divertem matando jacarés que estão preguiçosamente estirados na lama.

Quando o rio está muito cheio e as aguas correm com muita velocidade, a «gaiola apanha», isto é, não consegue sahir do lugar, embora as machinas estejam trabalhando a toda força: o navio não pode vencer a correnteza.

Descendo o rio, observa-se um facto curioso: nas barrancas vê-se baixar o nivel. E' que as aguas são retidas, pelas pás das rodas, o que explica o abaixamento de nivel. Se o navio tem um pequeno encalhe, a agua que foi reprimada pelas pás das rodas, vem augmentando a altura do rio quasi de um palmo, fazendo o navio transpor o «secco», quando o encalhe se dá «de cabçca a baixo» (descendo o rio) si o «repiquete» não o põem immediatamente a nado, quer dizer que se trata de um encalhe serio e que dará muito trabalho para a «gaiola» se ver livre d'elle. As viagens fluviaes são muito pittorescas, mas os encalhes, essa nova forma de supplicio que os chinezes não imaginaram e que, jamais dão certeza do dia da chegada, são capazes de fazer perder a paciencia a um santo. Si se pergunta ao commandante do dia da chegada, elle responde invariavelmente: «não sei... talvez lá para o dia tal.» E' de matar a quem está com pressa de chegar!

Ao avistar a localidade em que o navio vai a «encostar», para receber passageiros ou tomar lenha, apita, e o mestre com a mão no telegrapho ordena de «vagar»: o navio vai lentamente approximando-se da barranca; quando a proa bate no ponto de desembarque, um marinheiro só de calças, tendo o tronco todo nú, salta em terra com a ponta do cabo na mão, e depois de amarral-o numa arvore grossa, ou mourão para esse fim ahi collocado, grita: «ala! ala!»; as machinas param de funcionar, e o commandante ordena «plancha». Uma taboa de uns 5 metros por 30 centimetros de largura e 3 de grossura mais ou menos, são de bordo para o barranco do rio: é o ponto de comunicação entre o navio e a terra. Começa o embarque da lenha; a maruja toda com um sacco



de «estopa» na cabeça conduz a lenha ás braçadas. Da ponta da «plancha», um carvoeiro, com uma taboa furada e dois pinos de madeira, vai contando as «lachas» que entram.

A' noite, quando os moradores ribeirinhos querem tomar o vapor, fazem uma fogueira na barranca do rio, ou então agitam uma pequena luz, afim de que o mestre mande «encostar». E assim, com poucas alterações, descem-se ou se sobem os rios na insupitavel ancia de chegar: «vexado» por se ver livre da «gaiola».

(Continúa)

FRANCISCO IGLESIAS



Caza de Detenção

— Isto aqui foi, nos dias da Revolução, vespera da guilhotina. Dificuldades á entrada; espera de retirada de turma que precedera á minha. Pallido, um menino de nove ou dez annos, magro, recebe em devolução meia garrafa de vinho que, explica-me, trouxera para o pai, velho, doente e prezo.

Sandeu, o guia. Pergunto pela cella de Caldriac; ignora-a. Pcla de Lacenaire: indica-me uma ao acazo. Não conhece Pulman e Antelmo Collet. Conscnte, espantado, que me cu demore no quazi circular salão onde, livremente, discutiram os girondinos prezos; é um commodo commodo; preferivel, todavia, é estar fóra delle.

Releio, no original, o bilhete que a piques de alfinete escreveu Maria Antonieta avizando estar de sentinella á vista. O cubiculo ao lado é o calaboucinho que recebeu Robespierre, queixo partido pela bala de Antonio (o sobrenome suja o papel: suprimo-o). Apozentada com trinta annos de serviço, vejo, por despedida a lamina que servira á guilhotina de 1820 a 1850. Conservam-na muito bem tratada; mostram-na com vaidoso prazer...

— Recolho-me triste. Ruim dia, más horas! Sonhador obstinado da liberdade, da justiça, do direito, ouvi insultos ao fraco, cscutei sentenças de morte, entrei em carceres, recordei suplicios. Em caminho passei perto da «Notre Dame»; reparei-lhe na fachada, um curso de arte! Ergui o olhar. Imaginei ver, lá bem no alto, Quazimodo, labios arreganhados, arfando, escorregando, desesperado do alquimista, fitando Esmeralda e a fogueira, suicidando-se, a exctamar dolorozamente: «Oh! tudo quanto amei!»

Coizas de imprensa

— Futil, o jornalismo francez, com interesse crescente, discute a prczença do prezidente Poincaré, na Opera, no camarote de Deschanel, e o cazo muito municipal do fechamento do Café Inglez. Em Paris, hoje, a guerra balkanica é negocio secundario; passaram para o rol dos interesses accessorios: a insistencia do Montenegro no cerco de Scutari; o empenho da Austria em arrecadar despojos em prelio alheio; a vacillação da Inglaterra, sempre em consulta ao corpo eleitoral; o despeito da Allemanha, em interminavel preparo para o que der e vier.

Boa ou má, todavia, em França a imprensa é uma força que cria, sustenta e derriba governos. O jornal man-

tem partidos e modifica situações. Não ha disso no Brazil. Lá o governo sustenta a imprensa, aluga empresas e modifica gerencias. Assim é, e foi assim quazi sempre. Só conheço, em toda a nossa vida de povo independente, duas exceções incontestaveis.

No periodo regencial a sustentação do partido moderado teve na «Aurora Fluminense» sua principal escóra; e, em 1870-1, os embaraços e o tombo do gabinete S. Vicente foram promovidos e movidos pela «Reforma» sob redação e direção do conselheiro Affonso Celso.

A média de caracter no jornalismo nacional pôde ser tomada no discurso do deputado Justiniano da Roeha, em 26 de Maio de 1855, revelando e justificando os diversos preços de sua penna. O orador intervallou de soluços a franqueza de sua oratoria; não restituiu, porém, as quantias reebidas. Fundou escola.

— Tola!

— Num campo franeez de manobras, na fronteira, aterrou zeppelin militar allemão; tinha cento e vinte metros de comprimento. Foi aprisionado. Commoção geral. Telegrammas. Inquerito. Assustadas reticeneias nos jornaes da tarde. Fechado em poueas horas o grave incidente por allegação de engano de manobra. Examinada a maquina, voltaram ella e a respetiva officialidade para o estadomaior prussiano.

O zeppelin veiu e caiu espeecialmente para ser examinado, fotografado e estudado pelo estadomaior francez. Está erradissimo, e vai servir de modelo aos mecanicos da aviação pariziense. Foi tola a policia franeeza.

Abril, 5

— Na «Notre Dame». Subi os trezentos e sessenta e dois degraus que conduzem aos dezoito mil kilos do sino grande. Amarrado, não sei por quem nem porque, mede o badalo um metro de circumfereneia na extremidade. Do prolongado barulho dos repiques um outro sino, trazido da Russia, regularmente se dezempenha.

Dirigi-me ao eelebre, notavel e discutidissimo «Tezouro». Serão verdadeiras todas aquellas pedras, legitimos todos os brilhantes que o guarda mostra e explica? Prendeu-me demoradamente o exame o crucifixo de marfim, presente de Luiz XIV á amante epenguinha: musculos encantadores, feições pungentes.

— «Charenton». Por trinta centezimos, dois nikeis de tostão, pode-se ir do centro da cidade vizitar o afamado hospício de alienados. Percurso fluvial; barcas a vapor; os passageiros, sem as importunações dos funcionarios de minha terra, trazem embrulhos e até mudas de plantas; operarias, ganhando o tempo, tricoteam.

Errei na hora da vizita. Quando perguntei por patricio, infeliz que endoidecera com a mania de que era enfermeiro de loucos, e trazido para alli peiorara, declarou-me categoricamente o porteiro que «eu ainda não podia entrar».

Esse «ainda» é adoravel!

— «Sena». Digna de nota a pescaria na afamada arteria fluvial: tudo fiscalizado, regularizado, obedecido. Abundam fiscoes e artigos de lei. Ha especialidades em anzoes, variando as iscas conforme a estação do anno e as intenções do pescador. Tudo, tudo está previsto e preparado. Só falta o peixe: ha em Paris mais pescadores do que peixe.

-- Anoitece. Escurece. Reentro em Paris pelo bosque de «Vincennes». Extraordinario movimento. Vida intensa. Quanto vicio e quanta sexualice em procura do ganho! Mas quanto heroismo oculto tambem! A fome defendendo a virgindade; a economia e a privação sitiando a regularidade nos pagamentos; velhos guarda-livros de cazas commerciaes riquissimas com a honradez dignificada pela pobreza: ha de tudo em Paris.

Fontainebleau - Abril, 6

— Boa estrada, cheia de retas e atravessando, alem das 40.000 almas da muito militar cidade de Melun, verdes e extensos campos de trigo, atestados da riqueza da zona. Vejo algumas antiguidades modernas. Compro duas tezouras cujo exquizado formato remeda o queixo dum dos secretarios da atual prezidencia de S. Paulo. No Hotel «Agua Negra», comida horripilante, gerencia feia, não ha agua negra, nem branca; si alguma houve, fugiu dum toiro de bronze que lhe fica fronteiro embellezando a cidade toda.

Incerta em sua certidão de nascimento, Fontainebleau não tem cronica limpa. Henrique IV não lhe consentiu reputação cristallina; e, em 1717, está provado, aqui tomou Pedrogrande, da Russia, uma historica moafa. Ainda: no seculo seguinte, enquanto, prizioneiro, Pio VII aqui rezava missa, fazia a imperatriz Josefina grossas falcatruas.

Composto de edificações dissimilhantes, é o «Castello» chamaris obrigatorio. Gosto, arte, variedades; salas, sali-

nhas, salões; tapeçarias incríveis; jarras impossíveis; relógios de valor incalculável: tres horas de admiração e prazer! Mas tudo tão confuzo, impondo a tarefa mental da classificação!

Na «Bibliotheca», onde 35.000 volumes esperam leitores, entre uma primeira edição de Shakespeare e uma riquíssima de «Telemaco», está um livro de «Contos» de Léon Gozlan. Lindas telas anônimas vizinham conhecidos retratos do antigo femeão real. A' porta duma sala, mediocres imitações de esculturas gregas ladeam escrupulosos arremedos de Canovas.

Balburdia! Para que maltratar nella a vista? Ordenei-lhe, não querendo perder completamente a vinda ao «Castello», que se fixasse numa escolha, guardando-a para lembrança. Obeve preferencia, pelos seus olhos transbordantes de volupia, a «Diana de Poitiers», do magistral e prolixo Primaticio. No «Louvre» a escultura de Goujon, reproduzindo na Diana caçadora as feições da velha moça cujos 47 annos domesticaram os ardores do marido alheio que só contava 24, não me passara de todo dezapercebida. Repetido o rosto, vi-a mais ou menos na pintura do mestre; a lição viera do discipulo cujos primores de ornamentação, cumpre assinalar, mais do que o tempo, a audacia das restaurações tem estragado.

.... Porque se deixou a França governar, uma dezena de annos, por viuva bandalha, ignorante e dezatinada?

— Duas notas, sentimento uma, pensamento outra, prevalectem em Fontainebleau: o culto napoleonico e a superioridade intellectual de Luiz Felipe.

E' uma das faces mais veneraveis do «Castello» a imparcial meticulosidade com que o rei professor escolheu restaurações de obras de arte. Foi francez acima de tudo. Destronando-o, que adeantou a democracia? Aparelhou a volta do bonapartismo, engendrou a unificação germanica, motivou a ingratição italiana, padeceu a terceira invazão.

Toujours lui!

—Ha Napoleão em cima, em baixo, nos pateos, nos corredores. Ha o chapéu de Napoleão voltando da ilha d'Elba; ha os cabellos de Napoleão. Napoleão por aqui e por allí. Indigestão de Napoleão. O berço do rei de Roma; a riquissima sala de conselho dos ministros; o original da primeira abdição; a meza portatil de campanha; o mo-

desto quarto da economica rainha mãe: tudo diz, fala, recorda Napoleão.

Em obediência a um dos artigos do meu programma de viagem, e que é observado de vez em quando, concordei com tudo quanto vi. Fiquei bonapartista a ponto de enciumar o guia. Apliquei-lhe meia hora do corso; repentinamente, porem, preferi a mestiça para alvo de minhas insistencias: examinei-lhe cama, colchões, cadeiras, tapetes; percorri a sala amarella das recepções; e, para dar arras de sinceridade, reclamei o banheiro de Jozefina. Era pequeno, e estava escondido debaixo dum canapé. Incontentavel, requeri a presença do imperial bacio. Trouxeram-me dois; de Sevres, ambos; ambos escuros com frizos doirados.

Abril, 7

— «Jardim das Plantas». E' inferior ao de Roma nas seções zoologicas. Aqui, por exemplo, os ursos brancos são perfeitamente pardos. A' porta reparo numa justa estatua de Lamark e outra, injusta (?), do autor de «Paulo e Virginia» que foi, não tenho certeza, rapido diretor deste estabelecimento, não constando haver recusado salarios em dia.

— Uma hora de torre Eiffel. Já se sabe: descida pelo elevador. Encosto-me a uma columna para ver um enterro muito rico. Flores, coroas, cazacas; nem um padre, porém. Porque? Moça que se suicidou.

Mas é tão facil impedir o suicidio das mulheres! Basta decretar que, no necroterio, o corpo das suicidas fique nú, em exposição, durante vinte e quatro horas ou até que a putrefação se manifeste. O espirito humano não pode concretizar a idéa da morte. Quem se imagina morto supõe estar vivo olhando o proprio cadaver. E o pudor da mulher eliminaria o suicidio.

— Na vizinhança. Vou ao teatro. Dois êlefantes ensinadissimos; satirico um delles: finge que canta, que está envergonhado, que recebe aplauzos. Interessante! Mas os saltimbancos romanos faziam serviço mais limpo: adestravam porcos.

Louvre - Abril, 8

— A' esquerda da entrada á direita está um busto de Germanico. Mede meio metro. Dizem-no recémescavado em Espanha. E' ainda obraprima a despeito do nariz um pouco roído no encaixotamento. Simpatico de frente e de

perfil. Boca pequena, biceps regulares, olhos grandes, cabelos abundantes: é o Germanico que eu imaginava.

Si eu fosse moça não cazaria commigo nem que o Tezouro do Estado fizesse, mais uma vez, despezas de enxoval. Julgo-me antipatico. Sou-o. Compenso-me, porém, desse mal por meio de agradaveis affectos, historicos principalmente. Gosto, por exemplo, modelando-os a meu sabor e alojando-os no meu culto interno, dos meritos interrompidos pela morte. Germanico está nesse numero, ao lado de Marcello, de Gaston de Foix, do nosso principe Teodozio, de Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Cazimiro, de Abreu, etc.

— Alguns minutos de louvor ao perfil de Elizabeth da Austria, ao olhar do seu malvadissimo espozó e á veracidade fidelissima de Henrique II: cuidadissimos trabalhos de Clouet; um delectavel encontro, primeiro e inesquecivel, com os tradicionaes monges de Zubaran c... adeus, Louvre.

Cluny - Abril, 9

— Atraiu-me a Cluny o retrato, o verdadeiro, de Cristovão Colombo. Está num cantinho de vitrina, no primeiro andar, com cara larga, «barba sem barba», olhos claros, cabelleira loiracinzenta, meio corpo, deixando ver os bicos do cinturão de coiro preto a contrastarem com a camisa branca, descidamente aberta em torno ao pescoço rijo.

Le-se-lhe, em calligrafia do XVI seculo, castelhana e perfeita: «D. Cristoval Colon. Descrvidor del Nuevo mundo.» Que é isso? Replica castelloaragoneza, dez ou doze annos depois da morte do navegante (1506), ás noticias de navegações e descobertas por francezes e portuguezes.

— Collecções de sapatos, de espingardas, chaves, e objetos encontrados no Sena; um S. Nicolau e um quadro da circumcizão judaica em incompreendida companhia numa mesma vitrina; esmaltes atribuidos ao XII seculo; muitos garfos bipontudos duvidosamente do XVI seculo; futil colleção de brinquedos de crianças confundidos com insignias de peregrinações religiosas; uma medalha em honra de Cardan, difficillima de exame por cauza da sujidade que me incompatibiliza com a vitrina; admiraveis illuminuras em conservadissimas edições do XVI seculo; uma jarra, que mais me pareceu compoteira, pertencente a Catarina de Medicis; muitas datas a palpíte; elogiadas e elogiaveis esculturas em madeira, notadamente (numero 718) a «Subida de Cristo ao Calvario», onde excedem á propria perfeição, não só os capacetes dos soldados romanos, mas tambem

os dedinhos do menino judeu que levanta no braço o instrumento muzical: tudo isso eu vi. Mas o que eu não vi, por mais que procurasse, por mais que commigo mesmo discutisse, foi metodo, foi arranjo, foi verdade historica. O que eu não vi foi muzeu.

S. Paulo em Paris - Abril, 10

— Elle ardia, mas estava muito bom. E' sempre assim o vatapá. Aeompanharam-no, firmes no tempero nacional, perú e a 'indefectivel farofa. A' sobremeza houve fios d'ovos e, cumule de gentileza, um sorvete tricolor com o meu nome. Proza expansiva. Crianças bonitas. Doze batalhadores do taller. S. Pau!o em Paris! Alegria. Isso aeonteeu no palacete do velho amigo Manoel Conceição.

Luxemburgo. - Abril, 11

— Tive pena do jardim. Bem tratados os canteiros; frequentados os passeios. Tão limpo, mas sem uma flor! Avizasse-me, e lhe eu teria levado um ramallete de presente. Pobre jardim! Atravessando-o, porém, caminho do «Muzeu», conheci o «Frio», 'duplo e sentido bronze de Bloche. Fiz bem.

Duas horas sobejam para se dizer um «vale!» ao abuzo do nú que transfere para o marmore, aqui, ainda mais que para as telas, a tendeneia pornografica da recente arte franceza. Que fazer, porém? Como repellir aquella «Fiandeira» de Moreau, exeessiva de seios, azimetria de pernas, mas talvez fiel ás particularidades do modelo?

Tentando resuseitar moldes gregos, adquire a «Ninfa» de Aimé direito a que a não esqueçam. Da «Fortuna» de Franeeschi apenas se salva o rosto. Mas que rosto! E que salvação! Quanto mais se demore o exame daquellas covinhas que lhe galanteiam o enleio, mais o interesse irá abandonando o resto do corpo. Não longe, e com a declaração escrita de serem os irmãos Gracos, concedida ao publico a escolha da qual seja Tiberio, qual o moço Caio, enriquece Guillaume o Luxemburgo com suas estatuas ao mesmo tempo varonis e bondozas.

Quem, doente de amor, quizer um derivativo, procure na sala n.º 4 a «Floreale», de Collini. Fique cineo minutos deante da tela, e no coração plantará uma saudade por cineo semanas. E' de 'enfeitiçar. A «Floreale» está deitada na relva, despreocupada dalguem mas preocupada dalguma

coiza. Ondula-lhe o ventre regular; querem morder docemente aquelles dentinhos, a mcio denunciados pelo sorrizo que, sem esforço, abre uns labios perfeitos, não libidinosos, não innocentes tambem. Movem-se os cabellos, não muito, nessa indecizão do castanho conveniente a todos os gostos. Quem, doente de amor... Afaste-se, mas escolhendo a direção da cabeça da «Floreal», de maneira a guardar-lhe o olhar por despedida. Grave-o na memoria; conserve-o, bregeiro, pequenino, mas que prende, que apreende e que parece ir se esgueirando para acompanhar, para perturbar...

Perturbação maior me esperava!

— Henrique Bossuet, alfaiate, perito oficial no Tribunal Civil, aguardava-me para experimentar roupa. Concordei. Mcia hora depois, Krieg e Cia., reputação universal, me provaram a cazaca. Murmurei mas obedeci.

Implico com quem me cutuca o corpo. Traz-me coegas a simples prezença do alfaiate esticando o metro. A mulher que se dispa e vista como quizer; o homem, porém, devia uzar roupa que lhe não tomasse tempo: uma só peça, acondicionando cumulativamente paletó, calça e collete.

Só uma vez estreei roupa sem aborrecimento. Só uma vez me vesti á vontade. Foi em 1869, á noite. Na Igreja do Carmo, em S. Paulo, envolveu-me uma especie de burel; impuzeram-me barbas postiças, muito pretas, e confiaram-me um baculo. Fui judeu na procissão de «Corpus Cristi». Preço: 5\$000. Pagamento atrazado.

Era eu, cntão, estudante de preparatorios. Preparava-me, até hoje não sei para que.

(*Continúa*)

MARTIM FRANCISCO.



BIBLIOGRAPHIA

REDIMIDOS — *Sylviano Pinto* — Ed. da Casa Vanorden — S. Paulo — 1918.

Tem sido notado, desde varios annos, que o romance, como forma litteraria, vem sendo quasi abandonado no Brasil, onde já de si é escassa a producção de livros relativamente á população e ao que se dá em alguns outros paizes do continente. Effectivamente, dentre os poucos volumes apparecidos de tempos para cá, merecem o nome de — livros — rarissimos são os que encerram um romance, com os caracteristicos bem definidos desse genero.

Salvante alguns livros de Coelho Netto, de Afranio Peixoto, de Lima Barreto, de Xavier Marques, Veiga Miranda, Canto e Mello e um ou outro mais, a grande maioria dos volumes que ahi surgem, quando não são obras didacticas, são obras poeticas. Esses os dois grandes mananciaes litterarios no Brasil. Afastados, deixam minguada porcentagem de obras em prosa de intenção meramente artistica. Nem se comprehendera bem como, assim sendo, exista ahi uma academia de letras de largo sodalicio, cujas poltronas estejam sempre tomadas e a cujo limiar haja sempre uma turma de candidatos aos logares porventura vagos... Não se comprehendera se se não soubesse que a litteratura no Brasil é mero dilettantismo, a que só por irresistivel pendor natural se entregam sonhadores, os quaes mais naturalmente propendem para o verso, propicio aos sonhos e phantasias, que para a prosa, mais amiga das realidades. No Brasil só pratica a litteratura, verdadeiramente, quem, dispondo de meios de vida seguros, tem algum tempo a perder. A litteratura não é uma carreira de que alguém possa viver, mais ou menos gloriosamente. E', por assim dizer, um esporte. Dahi o acerto com que age a Academia em instatuir premios para os novos e desconhecidos, concitando assim á producção os estudiosos, uma vez que, os literatos officiaes de que ella se compõe, com poucas excepções, não julgam os tempos propicios á elaboraçao de livros estrictamente litterarios. A instituiçao de taes concursos talvez tenha originado ou, quando menos,

concorrido para o apparecimento do romance a que o sr. Sylviano Pinto denominou — *Redimidos* — e a que a Academia laureou, conferindo-lhe o premio de um dos alludidos certamens. Se assim é, bem andaram a companhia illustre e o autor, que deram a literatura patria, além de um livro de não poucos meritos, o que já é muito, a promessa auspiciosa de um escriptor consumado, o que já será bastante.

O presente romance merece, realmente a distincção conferida pela Academia. Embora não atinja as proporções de uma obra artisticamente perfeita, *Redimidos* é um livro que encerra varias boas qualidades que depõem muito favoravelmente em relação ao autor. A começar pelo scenario, o sr. Sylviano Pinto, deixando os das cidades, mais attrahentes e de facil observação, com suas miriades de caracteristicos a tentarem escriptores de novellas, procurou urdir a história relatada em seu livro, numa fazenda sertaneja, e escolheu para epoca a dos ultimos annos do regimen monarchico, quando a vida agraria do paiz tinha por factor unico o esforço dos escravos. Por esse lado, *Redimidos* entra naturalmente para o grupo dos romances nacionaes onde figuram «O Tronco do Ipê», «A Escrava Isaura», «A Familia Medeiros», «Mau Olhado», com os quaes tem não poucos traços affins. Toda a acção se passa numa fazenda de café, entre uma multidão de captivos, cuja libertação, embora lhe forneça o titulo, não é o mais importante do entrecho. O importante, como aliás é de rigor, no genero, é uma historia de amor que, tendo como protagonistas o Doutor Flavio, bacharel e filho do Barão de Souza, o fazendeiro, e Marianinha, pupila deste e moça bonita e prendada — decorre suave e singela até os ultimos capitulos, dando a sua narração ensanchas ao autor para fixar com felicidade multiplos aspectos da actividade social, economica e politica daquelles meios, onde, ainda hoje, com a variante relativa á escravidão, são os mesmos quasi.

Flavio e Marianinha, que viveram a infancia juntos, amam-se, na adolescencia e tudo os compelle ao casamento, que se realisaria, com o applauso, decerto, de todos os leitores, se não intervisse o autor, encarnando a fatalidade, e não virasse o curso das cousas para a tragedia, fazendo morrer os personagens de mór relevo, um, de apoplexia, outro, asphyxiado, outro degolado por um facção florianista dos primeiros annos da Republica.

Mas ainda assim, o que perde em amenidade, ganha a acção em intensidade, pois o autor soube dar um tom de verosimilhança aos lances finaes, que não chegam a chocar o leitor, a não ser pela muita sympathia que o resto da obra consegue despertar por quasi todas as figuras, a começar pelo casal de escravos assassinados em meiodos da narrativa, por um feitor, que, aliás é logo posto fóra de scena. Não será por isso condemnavel o autor. Guiou a sua historia como lhe pareceu, e fez muito bem. E' nisso mesmo que ainda existe alguma sombra de livre arbitrio... O que é de esperar-se é que, nas outras obras, se as fizer, como é de desejar-se, ponha mais algum cuidado no lavor dos periodos, evitando os

senões que se notam nesta. Entre elles, além da impropriedade de um ou outro termo ou expressão, salienta-se o vicio dos adjectivos conjugados aos pares, repetidamente, não raro cinco ou seis vezes numa mesma pagina, e que chegariam talvez a irritar, se outras qualidades, compensando taes ligeiros defeitos, alli não estivessem para prender e encantar o leitor.

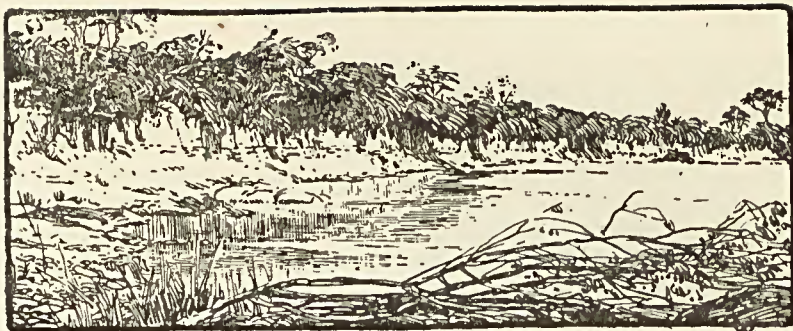
E o desjar-se que uma obra seja expurgada de algum defeito que encerre, é o melhor attestado de que ella contem qualidades que fazem valer a pena dêsse esforço. *Redimidos* está nesse caso.

RECEBEMOS:

Silvio Fellico — DEVERES DOS HOMENS — Trad. do dr. Castro Lopes
 -- *Casemiro Rakowski* — FLORDE SAMAMBAIA — Trad. de Raymundo Kegel — *Mario Serrano* — VERBO DO MEU RISO — *Antonio de Portucate* — O ENCANTADO — *Tet. Cel. Alexandre Malheiro* — DA FLANDRES AO HANOVER E MECKLEBURG — ANALES DE INSTRUCIO'N PRIMARIA da Republica Oriental do Uruguay — *Sergio Loretto Filho* — O COMMERCIO MARITIMO NO DIREITO INTERNACIONAL — *Ev. Bachheuser* — A FAIXA LITORANEA — *Souza Docca* — CAUSAS da GUERRA do PARAGUAY — *Adolpho Pinto* — O PROBLEMA MONETARIO — *Martins Fontes* — A DANSA — *F. C. Hoehne* — CARACTERES DAS CINCHONAS — *Fernando de Azevedo* — O SEGGEDO DA MARATHONA — *Julia Lopes de Almeida* — A FAMILIA MEDEIROS — *Moreira Machado* — O BRASIL — *Coetho de Carvalho* — D. PEDRO.

REVISTAS:

Vida Moderna, Cigarra, Revista Feminina, O Pimpão, O Garato, São Paulo. — *Saude, Livros Novos, Revista Contemporanea, Hoje, Defeza Nacional, Jeca Tatu', D. Quixote, Gazeta Clinica, Gil Blas, Rio de Janeiro.* — *La Revista del Mundo, New York.* — *Nosotros, Revista de Economia Argentina, Revista Argentina de Ciencias Politicas, Buenos Aires.* — *Vita e Pensiero, Rivista delle Nazioni Latine, Rivista-Bolletino, Italia.* — *Journal des Debats, Revue Bleue, Revue Scientifique, La Revue, La Grande Revue, La Revue Hebdomadaire, Mercure de France, La Revue de Paris* — Paris.



RESENHA DO MEZ

O JEJUM

(Conto Judaico)

Noite invernal. Debruçada junto á luz mortíça duma vela, sirze Sara uma meia rôta. O trabalho, sem apuro lhe sai, pois o frio pôz-lhe os dedos enregelados; seus labios, de rubros fizeram-se azues; para aquecer as pernas vê-se forçada a interromper por vezes o serviço e medir a casa tosca a largas passadas.

Proximo, sobre uma enxerga de palha, dormitam quatro crianças — duas de cada lado, cobertas ao meio com roupas em trapos.

De espaço a espaço desperta um pequeno, alça a cabeça e supplica: «Mãe, estou com fome!»

«Um momento, filhinho, um momento!» — apressa-se a mãe a aquietalo. Papae já vem, já traz o que jantar; dorme que eu te chamarei.

— E o almoço? Si nem sequer almoçámos ainda!

— O almoço tambem.

Ella mesma pouca fé tem no que diz.

Passeia o olhar em torno, perscrutando o que quer que haja ainda

para empenhar... Mas, nada! Sempre o mesmo espectáculo invariavel e triste: quatro paredes algidas e nuas, um forno partido a meio; tudo muito humido, muito frio. Junto á chaminé, sobre o forno, umas panelas quebradas, um castiçal de lata; numa das vigas que sustentem o tecto baixo, um prego accusa ainda alguma candeia existida outrora; só ha, além disto, duas camas vasiaas, sem colchões... e nada, nada mais!

Volvido pouco tempo, accomodam-se as crianças e dormem. Sara, afflicto o coração, contempla-os com enternecimento. De subito, ouve passos na escada, passos pesados; pois o olhar sobre a porta; distingue o tilintar de baldes ora á esquerda ora á direita da parede. Um raio de esperança illumina-lhe a face vinçada de rugas. Bate nervosamente um pé contra outro, levanta-se vagarosa, encaminha-se para a porta, abre-a: entra um homem pallido e encarquilhado, um par de baldes vasiaos pelas mãos.

— Como vai isso então? — pergunta-lhe Sara tranquillamente.

— Nada, nada ainda. Salario algum

recebi ainda hoje. Dizem-me que volte no dia seguinte; chegado o dia seguinte, que volte no principio do mez...

— Olha, Mendel: as crianças não comeram quasi nada todo o dia — observa Sara. — Felizmente estão a dormir. Pobres filhinhos!

E, sem poder reprimir-se, desata a chorar, á calada.

— Porque choras, Sara? — pergunta o marido.

— Oh Mendel, Mendel, as crianças estão com fome...

E esforça-se por conter as lagrimas.

— A continuarmos assim, qual será a nossa sorte? Cada dia andamos peor.

— Peior? Não digas isso, Sara. Não peques fallando deste modo. No anno passado andavam as coisas peor, bem peor. Faltava-nos o pão e faltava-nos casa; nossos filhos erravam de dia pela cidade e de noite pelas praças... Hoje têm pelo menos um colchão de palha onde dormir e um tecto que lhes dê guarida.

Sara prorompeu em soluços: acudiu-lhe á memoria a recordação dum filho que perdera em consequencia dessa vida miseravel: sem agasalho, resfriara-se, ficara rouco e morrera.

— E morreu abandonado como si estivera numa solidão... Nada havia com que salvá-lo... Nem sequer com que implorar auxilio na synagoga e encommendar preces no tumulto dos nossos... E extinguiu-se como uma chamma.

Elle tenta consolal-a:

— Não chores, Sara, não chores... Não peques deante do Senhor...

— Ah! Quando enfim terá o Senhor compaixão de nós?

— Tem compaixão de ti mesma, não

te agonies, não maldigas. Contempla o teu semblante. Recordate: perfazem hoje dez annos que nos casamos... Observa teu rosto... Ai, Senhor! E dizer que eras tu a mais linda da cidade!

— E tu? A ti chamavam-te Mendel o Robusto. Lembras-te?... Agora avelhentado e doente. Pensas que por m'o occultares eu o ignore?

— Oh Senhor, Senhor! — exclama.

Accordam os pequenos e imploram: «Pão, pão!»

— Deus nos livre! Quem lhes disse que hoje se pôde comer? — acode de prompto Mendel.

Os meninos levantam-se espantados.

— Hoje é dia de jejum — explica Mendel, turvado o semblante.

Escoaram-se alguns minutos antes que comprehendessem os meninos o sentido daquellas palavras.

— Que jejum é esse? Que jejum? — perguntam a chorar.

E Mendel, baixo o olhar, relata-lhes que hoje pela manhã na synagoga, a Thora cahiu da mesa ao chão. «Por isso — conclue — se deliberou que fosse de jejum o dia de hoje, mesmo para as crianças de peito.»

Calam-se os pequenos, emquanto elle prosegue:

— Sim, jejum tão rigoroso como o do dia do Perdão ou do dia 9 do mez de Av (I), a começar desta tarde.

Os quatro rapazelhos saltam lepidos da cama e, descalços, camisas em desalinho, põem-se a dansar e gritar:

— Nós tambem jejuaremos. Nós tambem!

Mendel dá o dorso á luz, interceptando-a, afim de não notarem as crianças as lagrimas que deslisam copiosas pelas faces da mãe.

(1) Em memoria da destruição do Templo, occorrida nesse dia, passam-no os judeus em jejum.

— Bem, basta! — entra a socegalos. — Basta! Num dia de jejum não se permite dansar... Deixae isso para «Simjas-Thora» (2).

Os pequenos recolhem-se ao leito: haviam-se deslembado da fome!

Uma das meninas principa a cantar. Mendel tirta de frio...

— Cantar tão pouco se pode — exclama com voz entrecortada.

As crianças silenciam e dormem, extenuados pelo baile e pelo canto. Uma dellas, comtudo, a maior, desperta e pergunta:

— Papae, quando serei de maior idade?

— Oh! Falta muito ainda, Jayme... Quatro annos. Oxalá os passes fruindo perfeita saude!

— E então me comprarás um par de phylacterios?

— Pois não.

— E uma bolsinha tambem, para guardal-os?

— Com certeza.

— E um devocionario? Um pequenino, de folhas douradas...

— Si Deus quizer... Pede ao Senhor. Jayme.

— Então, sim; hei de observar todos os jejuns...

— Sim, Jayme, todos os jejuns...

E additou com voz sumida:

— Deus meu! não sejam elles como o de hoje!... — *Isaac L. Peretz.* —

(NOSOTROS — Buenos Aires)

Os livros de Franca.

«PETIT PIERRE», de *Anatole France*

Para as letras francezas, e, podemos affirmar, para as letras universaes, o apparecimento de uma obra

nova de Anatole France constitue um «acontecimento», ia mesmo dizer um «advento». Não têm ellas uma graça soberana? O mestre, cuja gloriosa veihice relembra a de Voltaire, não nos tinha dado nenhuma obra de folego após a «Revolta dos Anjos». Contentára-se em observar, durante a guerra, com o coração angustiado. A's vezes, raramente, fixava o pensamento num daquelles artigos em que saboreavamos a sua alta philosophia nos véos de uma tão nobre disposição, de uma tão pura harmonia.

Anatole France sae hoje do seu voluntario retiro. Será para uma narrativa de guerra, inspirada pela actualidade? Sem duvida alguma teria elle, no thema destes ultimos annos, magnifico ensejo para o sabio denunciar a loucura dos homens. Mas não. Parece que, propositadamente, Anatole France se alheia do horroroso espectaculo. Preferiu refugiar-se, e ninguem disso se poderá queixar, neste calmo oasis: a historia de uma creança.

E é uma obra-prima a mais que elle nos dá, porque de facto este livro é primoroso; nelle scintilla como o levantar do sol, essa admiração alegre dos seres novos que, pouco a pouco, descobrem e abrangem a vastidão do mundo... A creança que o nosso «memorialista» vê com tão terna sympathia despertar para a vida, é elle proprio. A historia de Pierre Nozière é uma autobiographia. A mais linda, de resto, e a mais suggestiva das autobiographias, por ser contada com encantadora simpleza, e sem essa pretensão que desvirtua tantas memorias da juventude escriptas pelos nossos grandes homens. Compararemos as paginas romanticas dei-

(2) Dia de regosio que finaliza a festa das cabanas, no qual se celebra a entrega da Thora.

(3) Os abreus, nos treze annos de idade são consideradas maiores, verificando-se por tal motivo uma solemnidade, ao pôrem pela primeira vez os phylacterios.

xadas por um Chateaubriand, com a preocupação de inscrever no quadro dos seus tenros annos os signaes de um destino excepcional! Anatole France, muito ao envez, conta, com modestia, a historia de uma creança «que é como todas as outras», e será, diz elle, tanto mais interessante a estudar que, sem pensar, conterà toda a humanidade.

E, com effeito, são profundos e luminosos esboços sobre o desenvolvimento do espirito humano que nos revela a historia de *Petit Pierre*, mais instructiva, por si só, do que vinte tratados de psychologia; mais instructiva ainda por ter a superioridade da vida sobre a abstracção. Com raro poder de analyse, e sem que esta appareça jámais no decorrer da narrativa alerta e jovial, Anatole France nos mostra como nasce, na creança, — por conseguinte como nasceram nos povos novos e nos primitivos — os sentimentos mais diversos e os primeiros rudimentos de idéas, o sentimento artistico, a curiosidade scientifica, o espirito critico e até a especulação philosophica...

Tudo nos serve para meditar neste bello livro que não tem palavras varias. Retenhamos, especialmente, pela sua profunda limpidez, esta narrativa: um dia, no quarto materno, Petit Pierre sente estranho perfume que emana da fumaça do carvão; justamente nesse dia elle havia provado uma planta maravilhosa, a angelica, côr de esmeralda, coberta de um orvalho de assucar. Vem-lhe ao espirito uma associação de idéas, e Petit Pierre julga que o perfume é inseparavel das gulodices, até que sua mãe, admirada com o seu furor, o olha com tão profunda tristeza que é «o coração infantil que lhe esclarece a razão». A

historia das sciencias, diz o biographo de Petit Pierre, abunda em exemplos de semelhantes aberrações... Existem, em physica e chimica, leis tão mal fundamentadas que são respeitadas e continuarão a sê-lo até sua tardia abrogação.

Quanta luz sobre a vaidade, não da sciencia em si, mas dos nossos sabios! Querem sobre a arte um ponto de vista da mesma ordem? Petit Pierre, como todas as creanças, gosta dos fantoches, e os cinco dedos da sua mãozinha são os protagonistas de dramas maravilhosos. «Quando ia para os meus seis annos, conta Petit Pierre, resolvi melhorar e embellezar meu theatro; construi um palco, pintei scenarios, fabriquei accessorios e montei uma grande peça. Mas, ó desastre! não pude acabar a primeira scena; a inspiração faltára. O luxo, porém, fez a sua apparição, e dissipou-se a illusão. Que deprehender dahi? Que devemos deixar á arte a sua nobre nudez.»

E assim, com um sem numero de anedotas divertidas que, ao nosso olhar maravilhado, se desenrolam como um kaleidoscopio vivo — o cine de então! — e que todas ellas nos suggerem as mais philosophicas meditações, conduz-nos Anatole France pela mão aos lindos jardins da sua infancia; jardins povoados de curiosas e tocantes figuras: seu pae e sua mãe, almas generosas, attingidas pelo melancolico mal do seculo; a velha creada Melania, rude, boa e corajosa, na sua dura existencia, como o proprio Jacques Bonhomme.

E tambem os comparsas que têm relevo de figuras de primeiro plano, subditos do rei-cidadão, com seus colletes de nankin, a triplice gravata e o ingenuo e apaixonado amor da

liberdade. E' toda uma época que, justamente por estar presente na sua vida diaria, melhor se evoca do que em qualquer grande quadro historico... Deparamos, ao folhear este livro, esses esboços sobre as grandes lutas de 1830 e de 1848, que já animavam com vida prodigiosa *Les Dieux ont soif*, esse fremente brevario da Revolução!

Para todos preciosa, a historia de *Petit Pierre* particularmente o será para aquelles que, no futuro, com a reconstituição de uma época, estudarão a formação intellectual de Anatole France. A creança é o homem. E, se *Petit Pierre* se defende de ser excepcional, as suas recordações desdizem tal affirmação, assim como a gloria do seu *alter ego*. Sensibilidade imaginativa, bastante poderosa para dar a conceber para seu uso exclusivo um mundo de pavorosas e divertidas ficções, tão real talvez como a realidade; entranhado amor pela natureza viva, paixão creadora, já levada com razão até ao espirito critico e á ironia, mas uma ironia que, como a casca de um fruto, esconde funda ternura humana, taes são as particularidades de *Petit Pierre*. Sem duvida esses traços poderiam ser peculiares a outras creanças; mas, no mesmo gráo, em qual? Por isso, podemos prever que *Petit Pierre*, ao tornar-se homem, será o maravilhoso artista que admiramos, o profundo philosopho que veneramos.

Toda a obra irradia a serena sabedoria que a illumina interiormente com tão suave e pura luz. Ha certamente aqui a synthese de toda a philosophia de Anatole France, nada de illusões, mas nenhum azedume. Sem duvida, o homem é para elle um animal maligno, cujas obras são vãs e os

conhecimentos devéras relativos; e, sem duvida tambem permanecerá elle para sempre, como o *Petit Pierre* do livro, no limiar de um mundo desconhecido. Mas devemos sorrir da sua vaidade e não nos indignarmos della. Acima desta grande miseria ha os grandes espectaculos que offerece a natureza, existe a virtude da bondade efficaz.

Victor Marguerite — Do «Correio da Manhã» — Rio.

Os escriptores e o abuso dos narcoticos

O desejo da embriaguez é um dos instinctos humanos mais profundamente enraizados—escreve *Jannette Marks*, na *Yale Review*. Todos os selvagens conhecem e empregam uma forma qualquer de intoxicação, e as crianças procuram-n'a no jogo, no frenesi de uma corrida impetuosa ou na vertigem de um giro de carrocel. O amor é uma intoxicação de que alguns nunca se curam e de que outros nem sequer desejam curar-se.

Neste estado de excitação o homem é capaz de energia extraordinaria. De tal embriaguez nascem ás vezes espontaneamente obras de arte, mas quanto mais inferior é o artista tanto maior é a tentação da embriaguez, para provocar a força ficticia que se substitue á verdadeira inspiração.

O artista que recorre a estes meios para estimular a sua intelligencia paga, porém, por alto preço a sua gloria, como está exemplificado na historia da literatura ingleza em *De Quincey* e *Coleridge*, *Poe* e *Rossetti*, *James Thomson* e *Francis Thompson*.

Em «Prazeres do Opio», de *Quin-*

cey affirma ser este o unico anodino universal até agora revelado ao homem; o unico que na maioria dos casos é irresistivel; o mais poderoso remedio contra a irritação nervosa e contra a terrivel maldição do «*tœnium vitæ*». Nos «*Soffrimentos do opio*» explica, porém, os terribes effeitos do narcotico e amaldiçoa a força do encantamento perverso que o subjuga.

Samuel Taylor Coleridge começou a fazer uso de opio para combater a dôr physica causada pelo rheumatismo. Já quando era criança e andava na escola Coleridge era atormentado por essa doença e é muito provavel que desde esse tempo se iniciasse a escravidão de que nunca mais se pôde libertar. *Kubla Khan* já revela em signaes indiscutíveis a acção do excitante. Em *Christabel* o colorido, o movimento, o som, certas repetições insistentes, certas flexibilidades do verso attestam a perturbação característica do espirito que se nutre com o perigoso alimento.

O laudano operou a ruina de outro homem de genio, um Americano, embora o menos americano de todos os Americanos: Edgar Allen Poe. Elle proprio narra numa carta de hysterico delirio dirigida a «*Annie*», que bebera meio frasco de veneno. Naturalmente ficou doente, mas outro qualquer teria morrido depois de semelhante excesso.

Em certas das suas obras os effeitos do narcotico são visiveis em quasi todas as paginas, e não se revelam apenas na investigação de tudo quanto é morbido e doentio, como tambem em mil factos secundarios; no profundo desespero, na exasperada sensibilidade á luz, aos cheiros, aos ruidos; nas explosões maniacas de gritos e lamentações; nas phantasticas

orgias de imagens; na inconsistencia da construção; nas conclusões inesperadas. A obra de Poe é um verdadeiro manicomio da imaginação.

Outra victima de narcoticos foi Dante Gabriel Rossetti que começou a tomar chloral para as insomnias que o atormentaram depois da morte de sua mulher, victima por sua parte de uma dose de laudano demasiadamente copiosa. O chloral era nesse tempo um remedio novo e passava por ser inoffensivo. Durante sete annos o poeta pôde fazer uso delle impunemente: mas o desabamento veio quasi de repente. Pôde, todavia, dizer-se que se a droga fatal foi a causa de uma diminuição de quantidade na obra de Rossetti, não prejudicou a sua qualidade, e a decadencia do corpo foi muito mais rapida, do que a dessa bem equilibrada intelligencia.

James Thomson, autor da «*Cidade da noite terrivel*» foi um bebedor periodico. Quando a força das toxinas excedia certos limites dava-se a explosão nervosa com regresso automatico ao alcool; seguia-se um periodo de completo delirio em que Thomson não conservava recordação alguma da vida normal; depois acabava a crise, voltavam os mezes de trabalho assiduo, de vida moderada e quasi asctica, de luta intensa, de bondade e de affeição para os amigos, até a tormenta reventar de novo.

O desgraçado poeta morreu na miseria, abandonado e no mais atroz desespero.

Os estigmas mentaes do alcool não são, porém, tão apparentes como os dos narcoticos; nas obras de Francis Thompson, por exemplo, que desde criança adquirio o habito de beber laudano, os effeitos do veneno são muito mais visiveis do que nas do seu quasi



homonymo. Na poesia ou na prosa este autor tem aquelle colorido especial ou para ser mais exacto aquella falta de colorido que é propria dos narcotizados.

Assim se perdem grandes riquezas espirituaes e intellectuaes.

Do *Jornal do Commercio*. — Rio.

Insectos comestiveis

Os physiologos dizem muitas vezes que as albuminas vegetaes pôdem substituir perfectamente a albumina animal, isto é, a da carne, na alimentação. Isto é verdade até um certo ponto. As diversas albuminas — escreve Henry de Varigny na *Bibliothèque Universelle* — não possuem todas o mesmo valor nutritivo. Demonstrou a experiencia que, se um organismo precisa de 30 grammas de proteina de carne para reparar as suas perdas de azoto, necessita, para obter o mesmo resultado, de 31 grammas de proteina de leite, 34 de proteina de arroz, 38 de proteina de batata, 54 de proteina de feijão, 76 de proteina de pão e 102 de proteina de milho.

A peso igual, as differentes proteinas têm, pois, um valor nutritivo muito diverso.

Os animaes parecem conhecer este facto. Muitos delles, podendo escolher, dão a preferencia ao alimento animal. As aves são insectivoras em summo gráo, e o alimento animal é o que as mães levam de preferencia ás suas crias. Este alimento é muito rico de albumina, segundo affirma o professor americano S. Mc. Hargue. Os animaes manifestam grande discernimento na escolha dos alimentos, e dão-nos uma lição indicando-nos as presas animaes de que poderíamos tirar

proveito para a nossa alimentação.

Mc. Hargue dedicou-se especialmente ao estudo de dous insectos que servem de alimento a muitas especies de animaes: um coleoptero, o (*lachnoterna*), e o gafanhoto (*melanoplus*). Estes dous insectos são tão ricos de proteina como a carne de vacca ou de gallinha.

O homem poderia, pois, servir-se destes insectos para a sua alimentação. Não ha razão nenhuma para não se comerem gafanhotos, desde o momento que se comem caranguejos. Mc. Hargue demonstrou que esta albumina do insecto se conserva perfectamente depois de secca. Apanhou e matou 200 grammas de gafanhotos, seccou-os a 100° e reduziu-os a farinha. Esta farinha conserva-se intacta indefinidamente e contem, além de albumina, phosphoro e gordura. Nestas condições a praga dos gafanhotos, tão frequente na Palestina e na Africa do norte, poder-se-hia aproveitar para a alimentação.

Houve, em 1915, na Palestina uma praga de gafanhotos bastante séria. Em Bethlem muita gente comeu estes insectos assados e achou as femeas particularmente saborosas. A maior parte desses animaes foi, porém, deitada ao mar, e os cadaveres restituídos pelas ondas serviram de combustível. Seria, pois, mais racional apanhar estes animaes e transformal-os numa farinha alimenticia, tal é a lição que recebemos das aves insectivoras.

Livros didacticos

A instrucção publica devia ser entre nós um assumpto de bom gosto, de predilecção constante. Mas, sem controversia possivel, é thema de tenaz displicencia e de aborrecido enfado. 'E' o assumpto mais «pau» (segundo-



a expressiva gíria) que se poderia conceber.

Ensina-se mal, aprende-se mal, legisla-se mal e reforma-se mal; e, cada vez, pior.

E nem se pode dizer coisa alguma; porque; onde o remédio? onde a autoridade dos censores?

Traz o novo alchimista alguma panacéa? Inventou acaso alguma machina de aprender?

—

Dentre esses pequenos aparelhos e instrumentos de educação, contam-se os livros. Os nossos amigos, diz um obtuso moralista. Deus sabe como são odiados, e como são dignos de odio eterno.

Não temos, todavia, outra odiosidade aproveitável; salvam-se pois, as boas intenções dos que escrevem por officio, amarrados ao pelourinho dos reformistas.

São esses livros didacticos métras formulas «secundum artem» e dizem mudamente e eloquentemente o que vae pelos miolos indigestos dos nossos legisladores.

Valem, pelo menos, como documentos da psychologia social.

—

Andam, para exemplo, em extrema decadencia, entre nós, os estudos latinos. Parece que muito mais do que a «grippe», foi o latim a origem das famosas approvações por decreto. Duas doenças, emfim.

O tempo do automobilismo e do telegrapho parece incompativel com a morosidade dos estudos classicos. Disse Renan que o Bello vale tanto ou mais que o Verdadeiro; agora tambem a velocidade equivale e supera a solidéz.

A vida é breve; queremol-a intensa e sem repouso para contemplações re-

trospectivas e inuteis. O que havia bom e aproveitavel na civilização antiga se acha instinctivamente incorporado nos homens novos.

Nós todos sabemos latim pela superfluidade de um decreto e pela segurança da hereditariedade, «cives romani sumus».

A renascença ha alguns seculos foi uma época antiquaria, de origens e de retrospectos; a actualidade ao contrario, é um momento não de causas, mas de effeitos, de applicações e de desenvolvimentos ultteriores.

Esta é seguramente a philosophia dos que vão appressados e condensam n'uma geração a lenteza e a fleugma dos nossos maiores.

Ora, uma coisa vale a outra.

O latim estava a desafiar um «im-promptu» legal. Aliás, os que aprendiam o latim, esqueciam-no e não se havia mister de mais que a «Flora» de Larousse para refrescar a memoria.

Comtudo, ha caturrices incoerciveis e explicaveis.

Os Salesianos de Niterohy emprehenderam a publicação de uma bibliotheca de autores classicos latinos, em pequenos fasciculos, a preço vil.

Temos dest'arte a primeira das catilnarias de Cicero, excellentemente impressa, segundo os mais apurados textos e enriquecida de notas criticas, historicas e philologicas.

A erudição nacional, nem a portugueza, dariam para empreza egual a esta. Textos e notas d'essa bibliotheca não passam de adaptações e traducções da «Collezione de classici latini» (das edições Vallardi de Milão) a qual por sua vez é um aproveitamento consciencioso da erudição alemã.

Como quer que seja, é este um dos fructos da immigração italiana que

tem vulgarizado no Brasil numerosos trabalhos da didactica italiana.

As edições latinas de Vallardi são curiosas e interessantes; offerecem aspectos novos para todos nós que seguimos a lição, aliás excellente, dos mestres francezes. Não é, pois um elemento insignificante na formação das nossas humanidades.

A 'este livrinho seguir-se-ão outros: os textos das Bucolicas e das Georgicas de Vergilio, os melhores livros da Eneida e provavelmente o de outros poetas e escriptores da grande epoca romana.

O anotador d'este primeiro fasciulo é o doutor Carlo Costa, um latinista italiano já conhecido por outros trabalhos da «Collezione Vallardi».

Ignoramos a que proposito n'esta edição brasileira se mencionam como fontes bibliographicas duas obras de Oliveira Martins e Almeida Garret, inteiramente inhabeis na materia (Res-tos de lusismo?...)

JOAO RIBEIRO — do «Imparcial».
— Rio.

Uma nova estrella

As estrellas que brilham por cima de nós noite após noite, pouco mudaram desde que a humanidade vive neste mundo. Muitas das mais brilhantes ainda conservam os nomes com que os astrónomos ou os astrologos de ha milhares de annos as baptizaram. As constellações tinham já a mesma configuração de hoje quando os constructores das Pyramides as contemplavam desses favoraveis postos de observação. Por isso é sempre um phenomeno sensacional quando uma nova estrella se revela em meio de uma dessas antigas e bem conhecidas configurações estellares.

A 8 de Julho do anno findo ap-

pareceu subitamente o que os astrónomos chamam uma *Nova*, que foi vista em Londres, em Lyons, em Montpellier, em Barcelona e em Juvissy por muitos observadores — escreve Henry de Varigny na *Bibliothèque Universelle*. *Nova*, é um modo de fallar, pois que os astrónomos avalliam a sua distancia em cerca de 300 annos — luz, de modo que na realidade ella surgio no tempo de Henrique IV. E' muito provavel que a estas horas tenha desaparecido ou que esteja reduzida a pouca cousa. Os raios luminosos proseguem, porém, no seu caminho, e se este caminho fôr longo, dão indicações falsas a quem não sabe quanto tempo esses raios empregaram para chegar até nós.

A *Nova* de que se trata appareceu na *Agua* da Via Lactea, onde de resto costumam apparecer as *Novae*, e fórma com *Vega* e *Arcturus* um grande triangulo quasi equilateral. Era uma estrella maravilhosa de primeira grandeza; mas depois do primeiro dia o seu brilho diminuiu sensivelmente.

Ao que parece, esta *Nova* da *Agua* preexistia já sob a fórma de uma estrella insignificante, de grandeza 8.8, photographada e registrada na carta celeste; a expressão de que ella «appareceu» não é pois absolutamente exacta.

Admittamos que a estrella preexistisse; mas no estado de estrella insignificante; como pôde ella assumir de repente um esplendor tal que eclypsou *Vega* e outras de igual luminosidade? Não faltam theorias explicativas. Julgava-se outr'ora, e alguns ainda o pensam hoje, que uma *Nova* pôde resultar do choque de dous corpos celestes, apagados ou não, um contra o outro. O embate deveria, evidentemente determinar um formidavel de-



envolvimento de calor. Assim se explicaria o vivo clarão que geralmente attinge o seu maximo de intensidade desde o primeiro dia. Alguns astrónomos, porém, não querem admitir a possibilidade de embates ou collisões deste genero; e então recorre á hypothese de approximações entre astros quasi apagados. Taes approximações originariam poderosissimas marés nos fluidos contidos nos astros, com ruptura das crostas e desenvolvimento de enormes massas de hydrogenio incandescente. Ou então admittem choques entre astros mais ou menos apagados e nebulosas ou asteroides; sempre com a resultante do aquecimento e da incandescencia. A fallar verdade, a theoria certa das *Novae* ainda não é conhecida.

Num unico ponto estão de accôrdo os homens de sciencia; e vem a ser no character ephemero destas estrellas temporarias. Não têm esplendor duradouro; mantêm-se visiveis no maximo apenas durante alguns mezes, e a luz, após rapidas alternações, acaba por desaparecer totalmente, quando não fica muito attenuada. Varias *Novae* desapareceram de todo; outras persistem sob a fórma de estrellas muito pallidas, pequenas, invisiveis a olho nu', taes emfim que só a photographia as pôde revelar.

Houve *Novae* em todos os tempos, mesmo anteriores á era christã. A presente é pouco mais ou menos a trigesima das que têm sido registradas: comquanto seja uma das mais fulgidas; assim mesmo não o é tanto como a de 1572, observada por

Tycho-Brahé, mais esplendida do que *Venus* e *Jupiter* e visivel em pleno dia, a quem soubesse onde procurá-la.

A ultima *Nova* anterior á actual, é a que se mostrou nos *Gemeos* em 1917 (3.^a grandeza). Em Fevereiro do anno findo, descobrio-se uma *Nova* no Unicornco; e desde Outubro de 1917 foram observadas outras tres na nebulosa de *Andromeda*.

As observações espectros-copicas feitas por Byler em Meudon, parecem indicar velocidades radiaes enormes nos gazes em combustão: 2.300 kilometros por segundo. Se os 300 annos — luz de distancia da *Nova* devem ser na realidade 3.000, como se lê na revista *La Nature*, estamos observando um phenomeno que remonta a 1.000 annos antes de Christo.

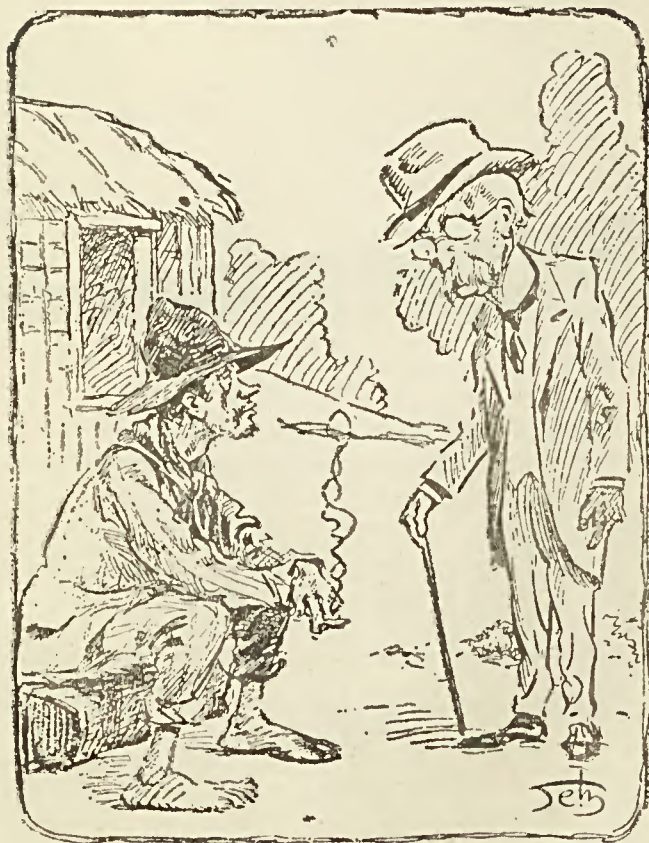
A theoria do embate de dous corpos celestes permite-nos perguntar se não existirá em qualquer ponto do universo uma estrella escura e semi-extincta, que se esteja approximando do nosso Sol, trazendo comsigo a ameaça de uma explosão que destruiria a Terra num abrir e fechar de olhos. Pôde ser. Mas antes disso deverá apparecer uma estrella nova no nosso céo, uma estrella escura que será illuminada pelo nosso Sol exactamente como elle illumina a Lua.

Esta estrella approximar-se-ia lentamente e outros phenomenos connexos permittiriam aos astrónomos prevenir-vos, com muita antecipação, do «fim do mundo». — Do «*Jornal do Commercio*» — Rio.



CARICATURAS DO MEZ

O homem do momento



— Então, Jéca Tatú, já sei que me deste o teu votosinho, hein?

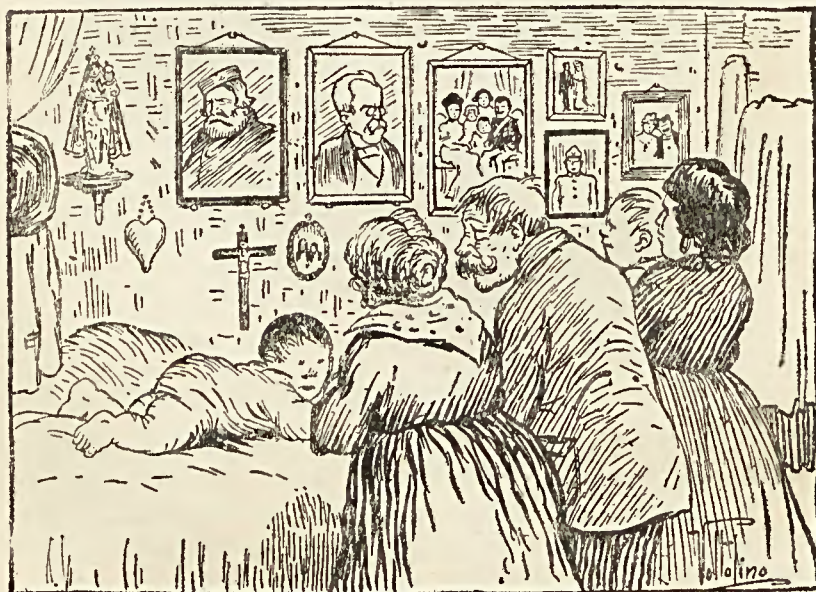
— Quá, não sinhô. Tive maginando que não valia a pena votá em vossa senhoria. O governo é que ganha sempre, conceiêro... — (Seth — *D. Quixote* — Rio).

Via Catete

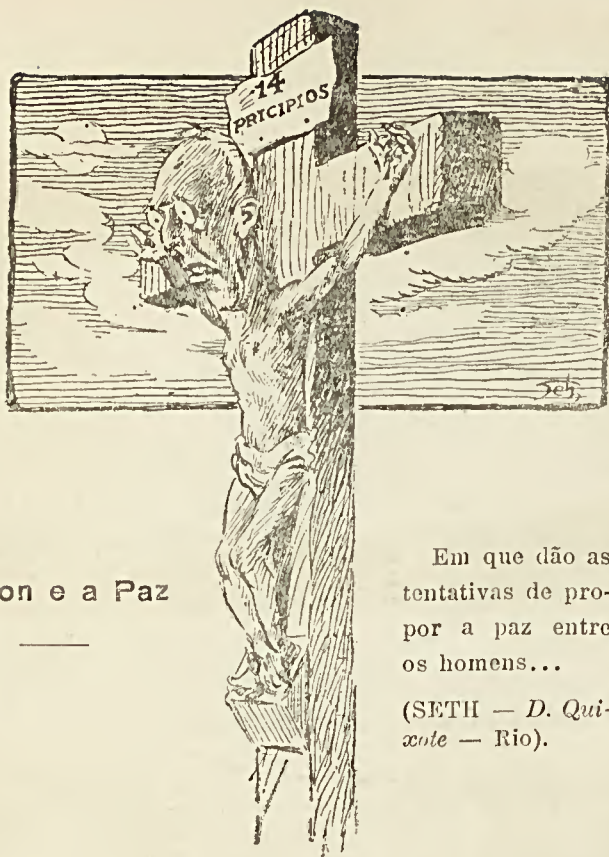


O compressor ou o rolo. — (J. CARLOS — *Caveta* — Rio).

A devoção da colonia italiana de S. Paulo



O Ruy entre as figuras da grande patria de minha Avo.
(VOLTOLINO — *D. Quixote* — Rio)

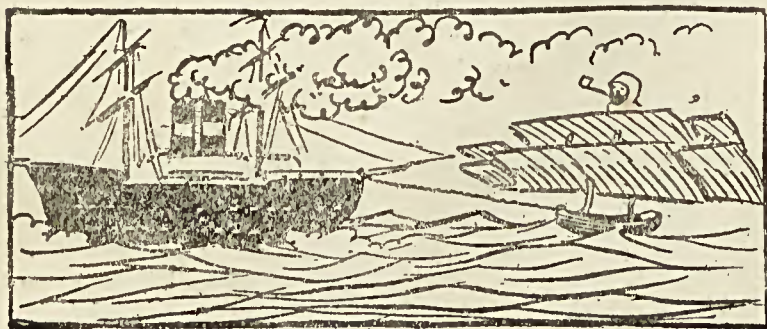


Wilson e a Paz

Em que dão as tentativas de propor a paz entre os homens...

(SETH — *D. Quixote* — Rio).

Os progressos da aviação

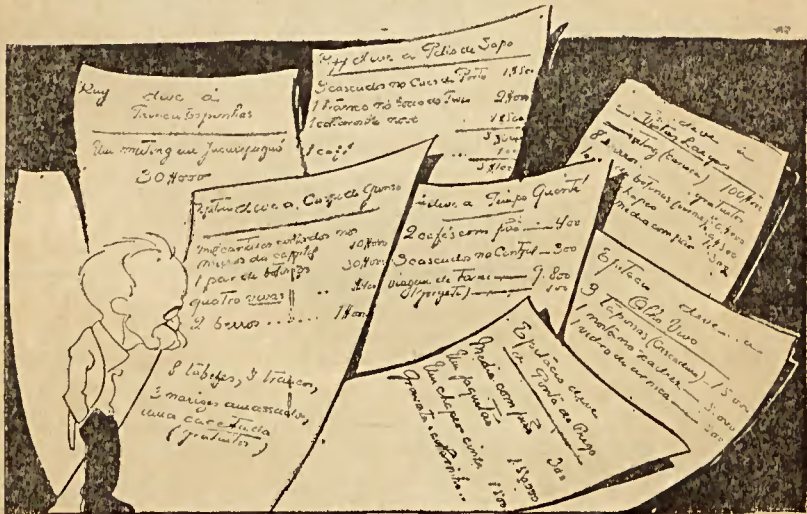


A travessia do Atlantico. — (VOLTOLINO — *Il Pasquino Coloniale* — S. Paulo)

FIUME ITALIANA



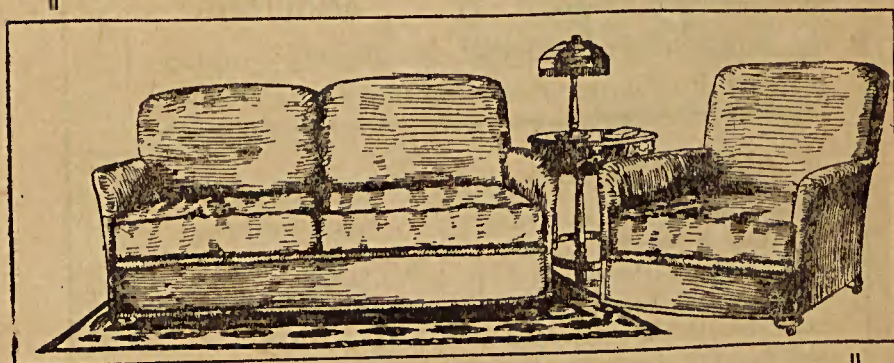
Italia — Está ahí, meu caro D. Quixote, quem paga o "pato" é Você...
(STORNI — D. Quixote — Rio).



Depois das eleições — Continuam os pedidos de cedulas...
(J. CARLOS - Careta - Rio).

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA LUBREZ

MOVEIS DE COURO



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::
São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	<i>Chá da Índia</i>
Read Bros. Ltd., Londres.	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	<i>Dynamite</i>
Ghotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

Etablissements

Bloch

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

COQUELUCHE
O XAROPE DE GOMENOL

Formula do dr. Monteiro Vianna preparado da Pharmacia Sta. Cecília de Lopes & Senna, á Rua das Palmeiras 12, é o específico que cura em poucos dias a

COQUELUCHE

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

Depositarío: JOÃO LOPES - R. II de Agosto 35 - S. PAULO

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro
Caixa Postal, 890 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen
Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição
Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha, Osorio Duque Estrada, e outros homens de responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S, PAULO - Telephone N. 867

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade
em Artigos Domesticos e artigos para Encerar :: ::

P. R. AMARAL IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

“Trevo”

SE EXPORTAM

LOTERIA DE S. PAULO

Extraordinaria loteria para S. Pedro

Sexta-feira, 27 de Junho proximo

200:000\$000

em 8 grandes premios de :

100:000\$000 - 50:000\$000 - 50:000\$000

Bilhete inteiro, 9\$ - fracções, \$900

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETS,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL: LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas CHACARA: Alam. Casa Branca
Guanabara (Avenida Paulista)

:: Peçam Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornêce
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  **RECUSEM AS IMITACOES**



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO



TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.



EXIJAM A NOSSA MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinarias.

Para RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urotro-
 pina, Lyeetol, Neo-Sidonal e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa semrival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O perigo "yankee"	97
RUY BARBOSA	O caso internacional.	99
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XI)	131
MONTEIRO LOBATO.	Grammatica viva	143
LINDOLPHO ESTEVES	Versos	150
FERNANDO AZEVEDO	Illusão Americana.	155
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch	163
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no Norte do Bra- sil (VI).	169
REDACÇÃO	Resenha do Mez	177

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDIÇÃO DE LUXO

N. 42 - ANNO IV — VOL. XI — JUNHO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL De 15 a 15 - Os mortos do mez - Canuto Saraiva e Marechal Bormann - Artes e artistas - A. Norfini - A alma de Arinos (*Miguel Couto*) - REVISTAS E JORNAES: Psychologia brasileira do caracter (*Gilberto Amado*) Colonia ou nação soberana? (*Medeiros e Albuquerque*) O Brasil não poderá assignar o tratado de paz? (*Pedro Lessa*) O quarto de hora de Nogi - Sete vaccas gordas (*Micromegas*) S. Paulo no centenario (*P.*) Jaurés (*Anatole France*) NOTAS SCIENTIFICAS: O casamento consanguineo em face da Eugénia (*Dr. Renato Kehl*) VARIEDADES, CARICATURAS DO MEZ

ILLUSTRAÇÕES: S. Paulo visto de aeroplano - Quadros de A. Norfini.

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER TEMPO E TERMINAM EM JUNHO OU DEZEMBRO

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos

Rio Grande do Norte; Henrique Castriciano, Natal.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correlo: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,,

Mechanica - Pintura - Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

Casa Britannia

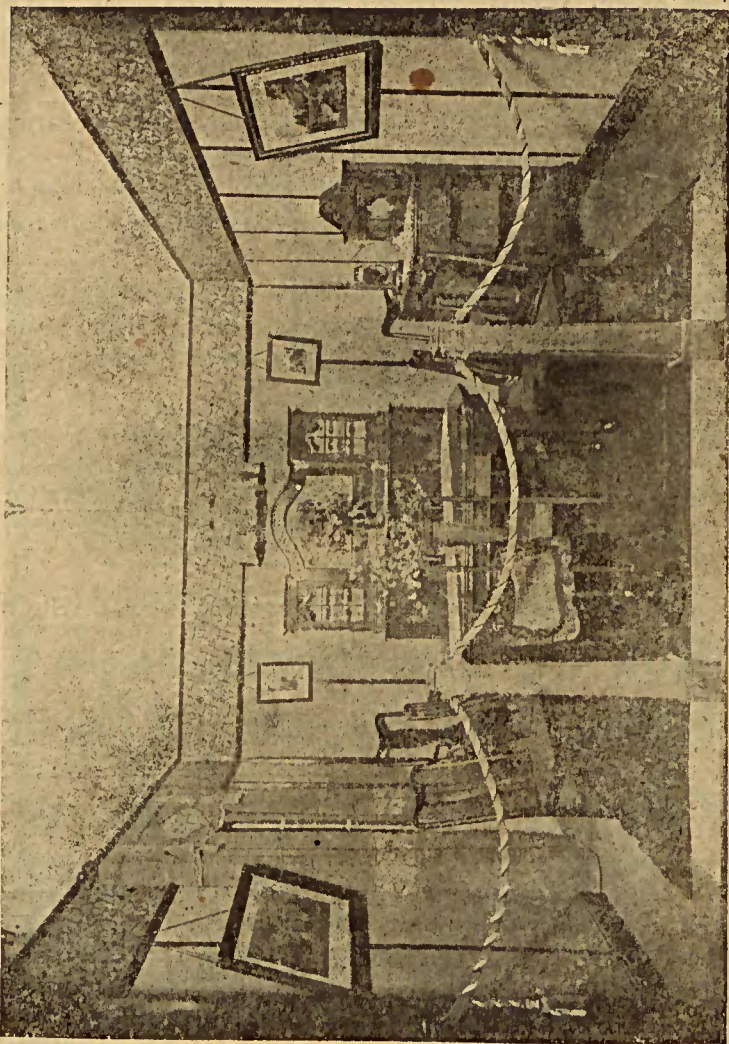
MACDONALD & Co.

**MOVEIS
FINOS**

Teleph.: Centr. 5019

R. Libero Baduro, 59

5. PAULO



PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Agua Mineral
Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Acção Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

PHENO-DANICA

Superior Desinfectante



Vende-se em caixas de 50
latas de 1 litro e em latas
de 10 litros e vidros de
100 grammas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Chamamos a attenção dos srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre aphtosa e molestias congeneres, bicheiras, bernes e carrapatos.

Peçam amostras gratis

A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central
Caixa Postal N. 1410

DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: _____

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Montevidéo,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emitted-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



COMPOSIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydry	96.265
Sulfato de potassio anhydry	0.239
Sulfato de magnesia anhydry	3.268
Sulfato de cal	1.949
Chlorureto de Sodio anhydry	2.055
TOTAL das substancias fixas	103.776

Em um litro de agua gazoza purgativa

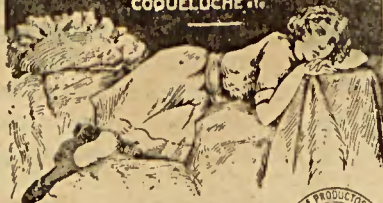
PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO



**XAROPE DE
LIMÃO BRAVO
E
BROMOFORNIO
DE QUEIROZ
CURA**

**TOSSE, ASTHMA, CATHARROS
COQUELUCHE, etc.**



**DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaro 144
SAO PAULO**



:: Casa Franceza ::

de

L. GRUMBACH & C.^{IA}

Rua São Bento, 89 e 91

SÃO PAULO

O MELHOR SORTIMENTO EM APARELHOS PARA
:: JANTAR DE PORCELLANA DE LIMOGES ::



Serviço 60 peças Havi-
land "Julietta" . . 450\$



Serviço 60 peças Havi-
land "Romeo" . . 550\$,

PORCELLANAS FRANCEZAS SÃO AS MAIS FINAS



Serviço 100 peças Havi-
land "Plissé Or" 1:800\$.



Serviço 98 peças Limo-
ges "Aida Or" . 1:800\$.

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE GENERO
NO BRAZIL

REVISTA DO BRASIL

Junho, 1919

O perigo yankee...

Deante do capitolo dos perigos, os brasileiros temos a bôa e santa philosophia do Siddartha, que é a de não ter philosophia alguma: fineam-se os olhos no umbigo, e como o umbigo não dá mostras de maiores perturbações, deixa-se correr o marfim. Sempre assim foi, desde que houve perigos sobre a cabeça do indigena, e assim continuará sendo, enquanto houver perigos, umbigo e marfim.

Não é, pois, motivo de espanto que, levantada a discussão em torno das novas manifestações imperialistas dos Estados Unidos, o Brasil se ponha na sua attitude predilecta, sem preoccupar-se sequer com a escolha do molho com que prefira ser comido.

Que existe o perigo em questão não é necessario discutir-se. Elle tem que existir como producto mesmo da plethora de vida norte-americana, como é força que surja onde quer que uma nacionalidade ou uma raça tenha attingido a determinada fase de sua propria evolução. O perigo yankee existe. Prova-o a frequencia das allusões, na imprensa americana, á «missão civilisadora» dos Estados Unidos, prova-o a attitude dos chefes do Partido Republicano, contrario ao de Wilson, e, sobre tudo, prova-o o que de lá voitam dizendo os nossos intellectuaes.

Facto notavel: todo o brasileiro pasma ante as mil coisas americanas e não tem palavras que lhe bastem para exaltar as qualidades da gente que constrôe «arranha céos» de cincoenta andares, e fabrica *films* interessantes como nenhuns. Mas tudo isso de longe, enquanto não foi passear a sua candida admiração pela *Fifth Avenue*. A regra de todos que por lá andam é tornarem com pareceres mudados. Verificam que os Estados Unidos são um povo forte,

organizado, sem duvida nenhuma, mas que soffre as suas mazellas como outro qualquer povo. Porque nós aqui só conhecemos a Republica do Norte pela réclame verdadeiramente á americana que ella se faz, pelos films de luxo, pela engenharia de exportação e pelos Almanagues de Ayer.

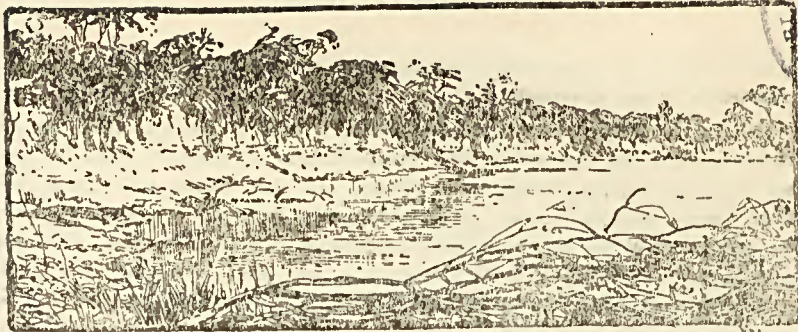
Seja, porem, como fôr, com admiração ou sem ella, quem perscruta com sentidos de bem sentir a vida *yankee*, nota-lhe accentuada tendencia expansionista. Expansionismo de um, perigo de outro... Quem ainda se não convenceu dessa realidade, ficará certamente bem edificado ao ler o seguinte trechinho do discurso do presidente Wilson ao presidente Epitacio, por occasião de um jantar, em Paris:

«Em occasião memoravel, tinham os Estados Unidos advertido aos governos da Europa de que considerariam acto inamistoso qualquer tentativa que partisse desses governos, de derrubar instituições livres no hemispherio occidental. Fazendo-se assim espontaneamente os campeões da America, contra aggressões da parte da Europa, não haviam dado, comtudo, os Estados Unidos, nenhuma segurança decisiva de que elles mesmos não viriam a tornar-se jamais os aggressores.»

E, em complemento, medite no que se passa actualmente no Extremo Oriente. Alli, por um instituto da Liga das Nações, ficou o Japão investido de funcções identicas ás dos Estados Unidos, na America, isto é, de organ executivo de uma doutrina muito semelhante a de Monroe, applicada á Asia. Com isso, já da China comecçam a surgir os protestos do povo ameaçado, que se não conforma com o doce papel de protegido, conforme quer a Liga. Os chinezes acham que os seus protectores nipponicos estão um pouco compenetrados demais na sua missão internacional.

O Brasil, olhos no umbigo, superiormente impassivel.





O “CASO INTERNACIONAL”

Esta conferencia do sr. Ruy Barbosa, proferida a 4 de Abril, em S. Paulo,— não só pela belleza e elevação de doutrinas, como tambem, e muito especialmente, pela gravidade dos documentos que deu a publico — num paiz verdadeiramente organizado teria promovido uma forte agitação politica: as Camaras teriam discutido o caso e o Governo no minimo obrigar-se-ia a explicações. No Brasil...

Senhores:

As honras, com que S. Paulo me acolheu, ha dez annos, nenhum dos que as presenciaram, as poderá esquecer. A nação julgava-se ameaçada na sua existencia constitucional, quando, a rogos instantes da politica deste Estado, na vespera da Convenção de Agosto, acceitei a candidatura presidencial, que aquella assembléa suffragou ao outro dia. O conselheiro Rodrigues Alves se escusára ao sacrificio, que acceitei, sem lhe medir as difficuldades, nem me importar dos resultados.

Com S. Paulo em 1910

A' carta, em que, invocado como um dos dois arbitros no caso, desaplaudira eu a candidatura militar, e lhe mostrara os perigos, vibrava intensamente no espirito da nação; e, havendo-se mister de um holocausto, que nos desempenhasse a honra, salvando, ao menos, os principios em risco, não era eu homem, que me evadissem ás consequencias da luta, renhida em torno da idéa, cuja iniciativa me pertencia. Rendi-me, commovido, subordinando o meu assentimento só a uma condição: a de que S. Paulo entrasse de corpo e

alma commigo na campanha, dando-me por companheiro de chapa, na vice-presidencia, o seu governador.

Graças a essas circumstancias me coube a mim a sorte lisonjeira de arrostar o pleito em companhia deste grande Estado, o maior de todos os nossos pela sua riqueza, progresso e cultura, mas não sómente do Estado official, senão tambem e sobre tulo, para minha felicidade e desvanecimento, da opinião geral do seu povo. Consubstancialos com o meu nome e o meu programma, os habitantes de São Paulo e o seu governo, deram, pelo entusiasmo sem precedentes com que se entregaram á campanha eleitoral, um espectáculo de rara belleza na historia do civismo brasileiro, elevaram a uma altura excepcional o prestigio do nome paulista, e coroaram o seu candidato á presidencia do Brasil com uma votação, de que não havia, nem ha exemplo, em relação aos mais queridos e nobres dos seus filhos.

Quando a violencia e a fraude se laurearam a si mesmas, no Congresso Nacional, deselegendo o candidato eleito, e elegendo o derrotado, a politica de S. Paulo, cedendo a considerações, que não devo julgar, mas que, de certo, obedeceriam a moveis de ordem superior, não entendeu que conviesse resistir ao attentado. Da minha parte, eu, que não teria essa attitude, se outro fosse o candidato, não quiz, tratando-se de mim, aconselhar a repulsa; e, dest'arte, se liquidou a situação, sem o mais leve abalo da harmonia, com que juntos lutaramos, juntos vencemos, e juntos, depois de vencedores, acabaramos por nos ver despojados.

O caso de 1913

Não tardaria muito que nos viessemos, de novo, a acercar uns dos outros, como nos acercámos, quando se estabeleceu o problema da successão do marechal. Nessa época, certa noite, recebi a visita do senador Francisco Glycerio e do deputado Galeão Carvalho, em minha casa, á rua de S. Clemente. Dos dois, ainda um vive. Iam ambos, em commissão especial da Colligação, nas mãos da qual estava a solução do caso, communicar-me officialmente que a escolha das candidaturas estava assentada, sendo eu o candidato a presidente, e a vice-presidente, o senador paulista, que me falava.

A' chapa faltava apenas a acquiescencia da commissão executiva do partido aqui, para onde o senador Glycerio viria, com esse intuito, no dia subsequente, como, de feito, veio. Reunida a commissão, vingou, no seu seio, por tres contra dois, a chapa organizada. O conselheiro Rodrigues Alves, porém, declarou que sobrestava na deliberação, aliado-a para dahi a viate e quatro horas. No prazo dado celebrou a commissão a sua assentada. Mas o conselheiro não compareceu: mandou por si um de seus filhos; e este, desemboisando um papel, mostrou nelle a copia de um telegramma, que seu illustre pae, naquella data, expedira ao sr. Wenceslau Braz, offerecendo-lhe a candidatura presidencial. A esse sopro evaporou-se a maioria da commissão, annullou-se o voto do partido, que ella representava, desmanchou-se a resolução assente, mandou-se a Colligação passear, e teve-se por destrinchado o

incidente, sem bulha, nem matinada. Eis como se faz, no Brasil, um presidente de republica pelo arbitrio de um só homem.

O orador e o Conselleiro Rodrigues Alves

Não commento, senhores. Nem me queixo. Registo. Em 1910 envidara em as maiores diligencias, para mover o conselleiro Rodrigues Alves a consentir na sua candidatura. Em 1913, antes daquelle incidente, suscitava eu de novo, para a magistratura suprema, a candidatura do eminente paulista. Tendo sustentado, tambem, o seu governo, quando a revolta militar batia ás portas do Cattete, não sei por que artes da minha desfortuna teria incorrido nesse desagrado seu, tão claro depois, em tantos rasgos da sua vida, para commigo.

Quem mudou ?

Como quer, porém, que seja, não tinha eu motivos de suppôr que a politica paulista houvesse concebido contra mim os sentimentos, que os factos destes ultimos dois mezes nos attestam. Se alguem mudou, certamente não fui eu. O homem de 1919 não dediz um ápice do homem de 1910. As idéas, por que hoje se bate, são estrictamente as mesmas, por que, ha nove annos, se batia. Constavam essas idéas de um programma solenne, pelo qual São Paulo foi ás urnas, entusiasticamente, commigo. Esse programma, não o repudiei agora. Antes o ratifiquei e reassignei, hoje, linha por linha. Com elle, inteiro, immutato, intacto, é que volvo, hoje, ás urnas eleitoraes.

Em que será, pois, que terei desmerecido, ao presente, das sympathias desses homens publicos, em cuja estima tanto entrára? Que brasileiro, do nosso, ou de outro qualquer tempo, recebeu jámais, da politica ainda hoje reinante no grande Estado, expressões tão extraordinarias, não só de admiração quanto á sua pessoa, mas de coadunação com as suas idéas? Como se inverteu isso tudo? O homem é o mesmo, as mesmas as suas convicções, o seu rumo o mesmo. Se, pois, não variei, são elles os que variam, elles os que se desdizem, elles os que recuam. Recuar, de que? Da liberdade, que eu advogava, e advogaveis commigo? Da democratisação do regimen, que eu queria, e vós querieis commigo? Das reformas progressistas, que eu sustentava. e vós commigo sustentaveis?

Retrocesso

E'. então, um passo retrógrado, que darieis na evolução do Estado. Se em mim o que, presentemente, vos desgostaria, não é o individuo, haviam de ser os principios, então, a que o seu nome se acha associado. Estarieis, portanto, retrocedendo. Até onde? Quando os governos desandam, quasi sempre lhes está pelas costas, o precipicio, que temem pela frente. Até onde o retrocesso? Quando a politica retrógrada, cada recuo occasiona, successivamente, outro, até á queda mortal. Os que medram no desenvolvimento mate-

rial, desmedrando na moralidade, estão perdidos. A riqueza accelera o progresso; mas bem cedo acaba por apodrental-o, se o cultivo do espirito a não preserva de se corromper.

Não se concebe um S. Paulo engrandecido na opulencia, no luxo, no goso, um S. Paulo florescente, soberbo, radioso, mas moralmente gasto, materializado, encharcado no desprezo do ideal. Não se admite um São Paulo sulcado de estradas, coberto de lavouras, ridente de jardins, cidades e escolas. mas, nos centros da sua vitalidade humana, nos elementos da sua organização institucional, roído, brocado, gasto, nessa velhice p̄matura da juventude avariada, a mais triste, a mais cruel, a mais velha das velhices.

Não se contou com o povo

O situacionismo paulista, agora, me rejeita e se desquita da minha companhia. Mas consultou elle, por ventura, 'antes desse repudio, moralmente inexplicavel, o sentimento paulista? Não: consultou sómente as arcas do seu thesouro, as legiões da sua policia, a disciplina das suas facções, a inconsciencia dos seus operadores eleitoraes, a corrupção dos seus jornalistas; e, não contentes de empapar o seu territorio todo nesses vícios, os exerce em grande na nossa metropole, e os leva a toda a parte, onde quer que haja, na sociedade, na imprensa, no corpo legislativo, almas á venda, consciencias de aluguer, nomes offerecidos á prostituição politica, pennas, cabeças, corações em almoeda.

Com o povo, não, com o povo não se contou, a não ser para desdenharem da sua cordura, da sua impotencia, da sua inutilidade; e com o povo é que eu estou, á porta da rua, no t̄po das escadas, ainda hontem subidas e descidas pelos consulares da grande corrupção, que a turba, nos theatros, avergôa de opprobios, e o officialismo; nos palacios da nossa democracia, enche de liberalidades.

Murmura de balde a multidão achincalhada. Mas os elementos de regeneração que ella accumula no seio, lhe asseguram para não longe o triumpho. Outrora, os termos destes prognosticos se contavam por tempos. Hoje é por dias. O vosso, paulistas, não andará distante. Não sereis mais callosos quo os «mujiks» da Moscovia nem mais submissos que os conscriptos da Allemânia.

Mabaças

Os dados que acerca deste assumpto divulgaram os jornaes, e cuja fidedignidade, na especie, não passou por contestação, revelam entre a maneira como se bifou, em 1913, aqui, a minha segunda candidatura, já vencedora na Colligação, e o modo como, este anno, daqui surraturearam a terceira, quando já considerada victoriosa entre os situacionismos estaduaes, de quem depende, na constituição inescrita do regimen, a escolha dos presidentes. — esses elementos de averiguação, digo eu, revelam entre o caracter dos dois episodios uma coincidencia bem singular de meios e manobras.

No caso de 1913, aceita pela maioria dos directores do partido situacionista a chapa do meu nome, o chefe balda a resolução adoptada, simulando espaçal-a para o outro dia, e, no intervallo, a substitue pela sua, briandando, *ex-proprio Marte*, com a candidatura já dada a outrem, o sr. Wenceslau Braz.

No caso de 1919, o conselho (não sei se lhe erro o nome) o conselho, directorio, ou coisa equivalente, do mesmo partido, abraça, por doze contra tres votos, a minha candidatura, encarregando um congressista estadual, com um congressista federal, de lhe negociarem o concurso dos outros Estados; e os dois emissarios, trampolinando vergonhosamente com o mandito recebido, como não conseguissem encartar a do sr. Altino Arantes, agenciaram a do sr. Epitacio Pessoa, trocando nesta a que tinham recebido a incumbencia de promover.

Não pôde soffrer duvidas, senhores, que os dois lances, no zorro da tramaio e no raro da moralidade, são mabaças.

Bem sabeis que, nem numa nem na outra hypothese, a ludibriada maioria dos directores se desaguizou com os que a ludibriaram. Donde se vê que em ambas, bem sabiam estes o que faziam.

Povo de um lado, governo do outro

Muitas vezes, de mim para commigo, entro senhores, a matutar sobre esta contradicção entre os sentimentos com que me aprecia o povo de São Paulo e os com que me desapreciam, geralmente, os seus governos. Mas, por mais que scisme no enigma, ainda lhe não achei senão uma sahida: al de que as situações paulistas me aborrecem, justamente porque a população paulista me estima. Parecerá extravagante a decifração. Mas é a mais curial do mundo. Nada mais consoante ao uso é regra. No Brasil republicano, quando o governo está de um lado, podeis apostar, certo e recerto, que o povo está do lado opposto.

Primeiros prodromos

Debaixo da administração Arantes, porém, não são estes indícios de agora, os primeiros do aborrecimento e desamor que lhe inspiro, sem atinar por onde lhe terei cahido em desgraça. Já em 1916, me dava elle mostras taes da sua entranhada malevolencia, que eu não as poderia perder, nunca mais, de vista.

Foi aqui, foi á sombra do governo de S. Paulo, que o monstruoso desvario do sotaministro das Relações Exteriores contra o embaixador brasileiro em Buenos Aires veiu buscar prestigio e guarida. Não errou porta. O presidente do Estado acolheu o sotasecretario com um almoço cordial; e um cordial discurso, alvoroçadamente dado logo á estampa, acabou de assentar as cataplasmas officiaes sobre o escandalo, de que vinha contuso e embostelado o sup-
plente do sr. Lauro Muller.

As tres phases

Estas reminiscencias me conduzem naturalmente, senhores, ao caso internacional que, em relação a mim, se desdobra, com feições caracterisadoras, em tres phases memoraveis: a embaixada a Buenos Aires, a simulação do convite para a de Pariz e a candidatura á presidencia. Nesses tres lances nasce, evidentemente, das mesmas influencias a hostilidade, que me visa a pé quedo, mal encapotada e de tocaia. Nelles tres a acção alleman, antes da nossa belligerancia e após ella, descoberta ou cobertamente, assignala a sua presença, com a collaboração da politica brasileira. Nos dois ultimos, porém, no embelêco da embaixada a Pariz e na mistela da candidatura presidencial, a solapa teutonica veiu, inesperadamente, emendar com outra obra de sapa estrangeira, no trabalho subterraneo das quaes a barbaria deu de rosto com a civilisação, ajudando-se uma á outra, sem prévio entendimento, na destruição do homem, a quem, sobre todos, os alliados e, especialmente, os norte-americanos, devem a participação do Brasil na guerra das nações. Escutae, brasileiros, e aprendei. *Erudimini.*

O convite de 1916

Tenho ainda commigo a carta que, em 1916, aos 10 de Junho, enderecei ao sr. Lauro Muller, e que este, em pessoa, me foi devolver, esse mesmo dia, de noite, na casa de meu filho Alfredo Ruy, declarando-me que o presidente, de modo nenhum, accitaria a minha excusa, e que o seu secretario não vcltaria a elle sem que eu a reconsiderasse; porque o governo não podia tornar atrás e não tinha quem me substituisse naquella missão.

Cali no erro de annuir; e com esse desattender ao conselho dos meus presagios, recebi a lição, que me aproveitou no caso da embaixada a Pariz; mas entrei na zona hostil, onde me vejo pago de cada um dos meus serviços mais reaes ao Brasil com as mais grosseiras maldades.

O discurso de Buenos Aires

Não necessitaria eu de allegar mais justificações á posição que assumi, em Buenos Aires com o discurso alli proferido na Faculdade de Direito e Sociencias Sociaes, uma vez que elle recebeu do Congresso Nacional a consagração mais autorisada, a da competencia entre todas competente, com o acto do corpo legislativo, que mandou reproduzir nos seus anaes, fazendo-as assim suas as mínhas palavras.

Não deixarei, porém, de recordar as com que, naquella corporação de mestres, expliquei a minha attitude.

«Não me occupo, dizia eu, de politica, senão com o aspecto juridico dos acontecimentos. Não é o embaixador do Brasil, cuja missão, de mais a mais, já está concluida, o que vós outros recebestes e elegestes membro honorario do vosso corpo docente: é unicamente o jurista. Mas, para trazer o espirito absorto nestas questões, existe, ainda, no jurista, a consideração da



parte, modesta, porém notoria, da parte assidua, laboriosa, intensa, que tomou nos trabalhos da ultima Conferencia da Paz e o cargo, em que está investido, ha nove annos, de membro da Côrte Permanente de Arbitramento. O meu caso vem a ser o do juiz, que pergunta pelo codigo das leis, cujas regras pôde ser chamado a applicar, o caso do legislador que treme pelas instituições, em cuja elaboração collaborou, o caso de um signatario daquelles contractos, que busca saber se entendia o que fez, se não se observa, o que ajustou, se contribuiu para melhorar os seus semelhantes, ou para os enganar e fraudar.»

Estas declarações alli enunciaadas entre os applausos do ministro das Relações Exteriores e do nuncio apostolico, numa assembléa que reunia o escol da politica, da sciencia e das letras argentinas, esclareceram a minha situação, deixando-me á vontade, para dizer o que eu queria: para formular a nova expressão da neutralidade, a sua verdadeira expressão actual, para fulminar com a espuria a neutralidade entre a barbaria e a justiça, para mostrar á neutralidade real os seus novos deveres, para sustentar que ella ainda estava em tempo de renunciar a esse abstencionismo criminoso, para chamar a America, os Estados Unidos, o Brasil ao cumprimento dos seus deveres de clamar e romper, de reagir ou protestar.

Camara e imprensa Argentina

Essa maneira de interpretar o meu papel, alli, naquella occasião, de assumir, depois da missão diplomatica, já consummada, a missão juridica, de levar á tribuna, depois de esgotado o meu mandato politico, a voz do embaixador da Conferencia da Paz, o protesto do signatario das convenções de Haya, a sentença do membro da Côrte Permanente, bem se pode medir quanto calou fundo na consciencia dos nossos bons vizinhos pelo acto do presidente da Camara dos Deputados, que, declaradamente, se absteve de comparecer ao meu embarque, para se achar presente no momento, á sessão daquella assembléa, e, deixando, como deixou, a presidencia, dar-me a mim, na mais solenne e commovente das allocuções, os agradecimentos de sua nação, por haver eu escolhido a tribuna argentina, para advogar as idéas, que dalli advogara.

Que maior glorificação poderia eu receber em desaffronta dos abocanhadores brasileiros, em cujos dentes anda atassalhada a obra de civismo e de humanidade, que tão alto nos elevou no conceito internacional?

Pouco depois do sr. Demaria na presidencia da Camara, com a sua moção alli unanimemente adoptada, a «Nação», na imprensa, aos 6 de Setembro, dava, aos resultados da minha embaixada este relevo:

«No Brasil, sobre tudo, sente-se fundamente, como aqui, a obra de aproximação e comprehensão realisada pelo vigoroso talento de Ruy Barbosa, que desempenhou no nosso centenario o cargo de embaixador com a dignidade de um homem livre de uma democracia livre.

«O sr. Ruy Barbosa não podia ser na politica internacional de nosso

paiz diferente do que sempre foi na politica internacional do seu proprio paiz. *Dahi a sua palavra ter tocado o sentimento civil, o que vale dizer pacifico, republicano, de ambas as nações.* («Jornal do Commercio», 6 de Setembro de 1916.)»

A camara Franceza

Em França a Camara dos Deputados consagrou solennemente com a designação da «data historica» a do dia em que o congresso brasileiro votou a publicação do meu discurso da Faculdade buenairense nos seus annaes.

O «Temps», no seu editorial de 13 de Abril de 1917, recordava as palavras, em que eu, naquella discurso, dissera: «Entre os que destroem a lei e os que a observam, não ha neutralidade admissivel. Os tribunaes, a opinião publica e a consciencia não são neutros entre a lei e o crime.»

Transcrevendo-as assim, o grande organ pariziense as commentava, dizendo:

«Estas palavras, pronunciadas ha dez mezes, nos traziam *por ante* cipação o *écho da mensagem do presidente Wilson*. Ellas punham em plena luz o problema juridico e moral, que os nossos exercitos diligenciam resolver com o seu sangue. *Ellas fixavam as métras do futuro.*»

Desta sorte a opinião da França, pelos seus mais eminentes interpretes, me dava a honra de acreditar que as idéas da minha conferencia de Buenos Aires, não só balisavam o futuro internacional, mas se *anteciparam ás do presidente Wilson* na sua celebre mensagem.

A opinião americana

Mais que tudo isso, porém, me cumpre notar aqui a consideração com que o espirito norte-americano recebeu aquella attitude, aquelle discurso, aquellas idéas.

Os cidadãos dos Estados Unidos residentes na Europa dirigiram, em Outubro de 1916, ao presidente Wilson, a mensagem estampada em 27 desse mez do «Temps», e da qual, no dia immediato, o «Jornal do Commercio», num despacho do seu correspondente especial em Pariz, nos ministrava este resumo, que acaba por uma transcrição textual:

«A mensagem dos norte-americanos domiciliados fóra do seu paiz, publicada hoje, contém referencias á acção generosa e nobre do Brasil, emprestando seu apoio moral á causa dos alliados, e recorda a manifestação com a que a Cantara dos Deputados do Rio de Janeiro demonstrou a sua solidariedade com as idéas expostas em Buenos Aires pelo notavel jurista brasileiro senador dr. Ruy Barbosa, por occasião da sua conferencia de Julho, na Faculdade de Direito da Universidade daquela capital.

«Transcreve a mensagem as palavras do dr. Ruy Barbosa, appet-

lando para a estreita união de vistas dos povos do Novo Mundo, em opposição aos despotismos da força bruta, e conclue pelo seguinte commentario:

«Já que nos não pertenceu essa iniciativa, sigamos, ao menos, esse exemplo, e, uma vez que nos não foi dado assignalar uma data historica com o nosso protesto, creemos uma data duplamente historica por effeito da nossa solidariedade com essas idéas.

«Adoptem as palavras de Ray Barbosa e façam quanto puderem por emprestar-lhes maior força todos os americanos, que amam realmente o seu paiz, e têm fé nos principios da independencia americana.»

Aqui está, senhores, como a colonia americana do velho continente me considerava e distinguia. Reconhece ella que «a iniciativa» do papel da America, nesta guerra, pertencia ao embaixador brasileiro em Buenos Aires, ao seu discurso naquella cidade; reproduz-lhe a linguagem; consigna que ella criou «uma data historica»; lamenta não se ter formulado o protesto, alli aconselhado; pede aos seus concidadãos que, «ao menos, sigam esse exemplo»; exorta, enfim, «os americanos todos, que amarem realmente o seu paiz», a «adoptarem as palavras» desse estrangeiro; e a «fazerem quanto possam, por lhes dar a maior força.»

Nem é tudo, senhores. Numa correspondencia escripta de Nova York, pelo sr. Leopoldo Graham, cidadão norte-americano, á «Nacion» de Buenos Aires sobre certas tendencias mal vistas do pan-americanismo, e transcripta em Pariz, no «Brésil» de 15 de Outubro de 1916, essa testemunha insuspeita assim depunha, concluindo:

«Accrescentarei que o enthusiasmo causado, recentemente, em Buenos Aires, pelas declarações do eminente homem de Estado e jurista brasileiro o sr. Ruy Barbosa tem exercido, indubitavelmente, uma influencia restrictiva sobre o governo de Washington, e muito contribuirá para diminuir as probabilidades de que esse governo siga um rumo tendente a subtrahir-lhe as vantagens de relações commerciaes mais estreitas.»

Diferenças

Nestas palavras do correspondente norte-americano da «Nacion», onde se attribue ao meu discurso de Buenos Aires *uma indubitavel influencia restrictiva* sobre a politica do governo de Washington no continente americano, transluz a differença essencial entre a maneira, pela qual o embaixador brasileiro á Argentina comprehendia a posição de sua terra ante os Estados poderosos, e o modo como outros embaixadores têm encarado esta situação.

A meu ver, é pela sua dignidade que as nações militarmente fracas se tornam respeitaveis ás fortes. Outros, pelo contrario, são de parecer que é pela sua humildade. Como se vê, entre as duas politicas, a minha e a delleis,



ha uma divergencia radical, um verdadeiro abysmo. A minha quereria um Brasil á argentina. A outra nos daria um Brasil á cubana.

Bem pode ser que esta seja mais commoda que aquella... ao menos para os que se incumbem de a executar. Porque não ha nada como as grandes amizades; e as com que se aquinhôa o ministro de um estadito, quando se reduz a corteázo da potencia, junto a cujo governo o acreditam, é uma dessas melgueiras, pelas quaes vale a pena dar a vida. Mas a cartilha, por que eu rezo, a por que rezei em Haya, e em Buenos Aires, a que por rezaria em Pariz, é outra: é a de zelar, com discrição, mas com firmeza, o pundonor de minha terra não dando a suppor que ella seja capaz de sorrabar a ninguem.

Satisfacções à Allemanha

O governo do Rio de Janeiro foi chamado a contas pelo governo de Berlim, para se descarregar da culpa, em que o envolvia, aos olhos da Allemanha, a imprudencia do seu atrevido embaixador. Da resposta não se sabe senão a summa, pelas agencias allemans. Mas é de crer haja sido bem trajada á prussiana; visto como, segundo essas agencias o Brasil se explicou a contento do kaiser, isto é, disse bem da sua justiça á maneira alleman. Naturalmente lançaria ás ortigas o embaixador como um tresloucado, um diplomata sem geito para a coisa, de cujos serviços a republica sentia ter lançado mão em tão má hora. E, se foi isto só, bem pouco foi; pois, se não mente a fama, houve uma grande autoridade (Deus lhe fale nalma), que, declarou ella, se estivesse no poder, teria dado cabo de mim com o raio de uma demissão. Valha-me Nosso Senhor Jesus Christo!

Felizmente houve, na imprensa brasileira, quem dêsse o troco á fanfuria allemã e á pascacice brasileira. Haja vista a nota, que *A Noite* estampou, em Setembro de 1916, no dia 4.

Eil-a, senhores:

«A Agencia Wolf explicou em Berlim que o Brasil se justificára perante a Allemanha do estranho procedimento do embaixador Ruy Barbosa em Buenos Aires e do Parlamento brasileiro, com respeito ao entendimento do principio de neutralidade.

«Parece que qualquer reflexão sobre o assumpto levar-nos-á á convicção de que andou levemente a nossa chancellaria, dando explicações em caso que ellas não podiam ser pedidas.

«Desde que appareceu o teor exacto do monumental discurso do embaixador Ruy Barbosa, a «situação ficou fartamente esclarecida. As palavras de s. exa. não podiam, nem queriam valer sinão como estudo de um jurista, membro do Tribunal Arbitral de Haya. Não poderia o governo brasileiro ser questionado sobre o valor dessas palavras, uma vez que aquelle que as enunciara, deixara bem claro ao enuncial-as a qualidade em que o fazia. A pergunta do governo allemão ao governo brasileiro só poderia, por desnecessaria, ser uma impertinencia.

«Nem o governo brasileiro, nem o governo alemão, tinham a menor sanção sobre actos de quem, ao commettel-os, fazia-o como membro de um Tribunal Internacional, superior a todos os governos e a todos os paizes.

«Toda e qualquer conversa sobre esse assumpto devia ser repellido pela nossa chancellaria.

«Restava o acto do Parlamento brasileiro.

«Para explicação de seus intuitos e da extensão de seu entendimento, fallecia á nossa chancellaria competencia para dal-a. Nem ao governo alemão cabia pedil-a, visto que elle bem deve saber o que valem os votos de um Parlamento num paiz de representação popular.

«Tudo, pois, quanto sobre o assumpto conversasse o governo brasileiro seria com grave offensa ao bom senso e ao prestigio da Nação.»

...difamação ministerial

A germanice ministerial, porém, não estava ainda contente com a hajulice das satisfações, que dera. Era mister alguma coisa mais, alguma coisa, que regasse os bofes ao sr. Paoli, alguma coisa como emporcalhar a reputação do embaixador brasileiro, não aqui só, mas até no paiz onde elle acabava de representar o Brasil. Vêde, senhores, que ralé de miseraveis, mas, ao mesmo tempo que raça de imbecis!!

Com estas duas qualidades não se recua diante de nada. O governo argentino despendera sommas enormes com a régia hospedagem, que nos agasalhou. A sociedade portenha liberalisou-nos obsequios, distincções e honras, de que se dizia não haver, até então, exemplo nas relações delles comonosco. Força era corresponder a finezas tantas, ao menos com a mais ligeira e trivial das cortezias. Devidamente autorizado, pois, dei um jantar, a cuja mesa se assentou o presidente da Republica, e convidei a sociedade buenairense a um chá, que o melhor della honrou com uma affluencia desusada. Não fui eu, mas a legação brasileira, quem ajustou o chá e o jantar. Não fui eu, mas a nossa legação, quem pagou o jantar e o chá. Não me passou, alli, pelas mãos um real, que meu não fosse. Não abri, alli, uma conta. Não deixei, alli, uma divida. Não gastei, alli, um vintem, que não fosse do meu.

Pois, não obstante, senhores, de tal modo se mecheu o monturo ministerial, que acharam meio de apparentar, contra mim, uma estrallada á brasileira, onde se acabou por mostrar que, lançadas todas as contas, a embaixada, com ordenados, ajudas de custo, viagens, recepções e tudo, nos custara a somma colossal de duzentos a duzentos e poucos contos. Essa historia toda sahiu do Itamaraty, onde se ageitou sob a direcção do sub-secretario de Estado, e, debaixo dos olhos deste, se entregou ao cozinheiro de um dos fréges da publicidade ministerial, donde, com a succulenta graxa, o devido alho e as competentes môscas, se atirou, com um «sáial», ao appetite dos clientes dessas tascas.

Era, porém, no estrangeiro, era na propria Argentina, donde eu me retirara coberto de honras, todas grangeadas para o Brasil, era ahí que o go-

verno brasileiro me queria detrahido, enxovalhado. O telegrapho recebeu dos porcalhões o embrulho, com a espórtula desembolsada pelo Thesouro. O jornal, que alli o reeditou em castelhano, é o mesmo que, ainda agora, quando aqui se debatiam as candidaturas presidenciaes, nos enviou, por duas ou mais vezes, umas apologias do sr. Lauro Muller, nome de que ninguém, afóra elle e os seus, se lembrava para tal serventia. E dalli voltou, outra vez, de torna viagem, o prato d'alhos, graxa e mósca ás vitrinas de sensação da nossa publicidade.

Eis, senhores, até onde tem baixado a nossa administração internacional. De balde esquadrinhareis os vãos mais furtivos da chronica escandalosa nos annaes da diplomacia, em busca de alguma coisa, que se meça com esta na torpeza do trabalho de invenção. Os nescios não viam que se escarravam a si mesmos e lambuzavam a cara com o muco dos proprios pulmões. Como no ditado: «Cuspo para o céu, cae-me no rosto».

Era o paiz que elles enlodavam e não a mim. Não a mim; porque não me custava mais do que uma vassourada a varredela desse lixo Mas ao Brasil; porque natural é que se ajuíze de uma nação pelo seu governo. Na República Argentina essa indecencia internacional, a flagrancia da grosseria dessa analyse publica do nosso ridiculo desembolso com o custo de pequeninos obsequios rendidos ao paiz, de que acabavamos de receber tamanhos, e a que nos haviamos mostrado anciosos de render a mais alta homenagem com a enviatura de uma embaixada, essa indecorosidade monumental cahiu no desprezo de toda a gente. Viu-se que não podiam estar com os sentimentos de uma nação qualquer, por baixa que seja, quanto mais do Brasil, que tem dado cópia bem diversa da sua fidalguia, os actos de ministros e diplomatas desta láia.

O «Jornal do Commercio»

No Brasil a impressão causada entre todos por esse accesso de alarvaria diplomatica era a de que achamos a imagem bem nitida nesta nota do «Jornal do Commercio», na edição de 30 de Agosto de 1916. Vale a pena o relembrar-a:

«Vemos, com sincero pesar, que ainda não acabou a arritante questão em má hora suscitada pelo espirito leviano de alguns a propósito da embaixada brasileira nas festas do Centenario de Tucuman.

«A essa representação deu o eminente sr. conselheiro Ruy Barbosa todo o brilho excepcional de seu genio e de tal modo se houve qua. ao regressar ao Rio, foi recebido entre as aclamações do povo, que não lhe ragateou homenagens. Mas, nesta terra, parece que não se respeita mais coisa nenhuma e, em poucos dias, a apothose da chegada era transformada, pelos outros, num dissidio, que ameaça prolongar-se, para nossa vergonha.

«Observa-se já, nas almas retas, una tristeza geral pela continuação desse espectáculo imprudente, entretecido de nonadas, com o desenterro

de episodios mortos, que não devem servir a vida inteira para repasto de orgulhos mal contidos, ou, de outro lado, para revides excusados, por mais respeitáveis que hajam sido, a seu tempo, e possam ainda ser, essas expansões, pelo seu evidente fundo de patriotismo.

«E' um desserviço clamoroso que se presta, já não diremos *á causa da concordia, tão superiormente servida no Prata pela longanimidade percursora do embaixador sem par, mas ao proprio socêgo do Brasil,* tão necessitado, neste momento, de harmonia entre os seus filhos e infelizmente tão conturbado pelas paixões ruins, que só servem para augmentar a confusão ambiente. As pessoas de responsabilidade estão no estricito dever de não participar, directa nem indirectamente, *dessa furia maligna que tudo envenena e conspurca sem causa e sem base, com acinte a pessoas e pouco ou nenhum caso pelas conveniencias de outra natureza, que deviam igualmente ser attendidas com o maior escrupulo.*

«Se tivessemos autoridade para fazer um appello, aqui o deixariamos expresso numa supplica, para que *guardemos ao menos isto, que já nos vae faltando: o respeito de nós mesmos,* que é uma condição essencial de compostura, ou se traduza em veneração pelos grandes homems, mortos ou vivos, ou signifique apenas a consciencia do proprio decoro pessoal»

A volta do Ministro do Exterior

Já uma semana antes annunciara a imprensa que o presidente da Republica, atalhando, logo em começo, a excursão do sr. Lauro Muller aos Estados Unidos, que se dizia haver de ser longa, o chamára ao seu posto, onde lhe estavam exigindo a volta as loucuras do seu deploravel substituto.

Mas, o nobre ministro, que attendeu logo ao appello, não vinha com boas tenções. O que o preocupava era varrer-nos a testada, que o embaixador a Buenos Aires atravancara de certos fardos incommodos ás nossas relações com a Allemanha. E' o que bem claro está nos discursos, que o secretario das Relações Exteriores veiu semeando pelo nosso litoral em seu regresso ao Rio de Janeiro.

Do primeiro delles temos o resumo, evidentemente authenticico, feito ou revisto pelo autor e dado a lume no «Jornal do Commercio», na sua folha de 9 de Outubro, em um telegramma de Belém, depois estampado em todos os periodicos daquelle Estado.

Ahi se nos depara este concludentissimo trecho:

«Depois de varias considerações sobre o jubilo de que estava possuido ao ver-se tão desvanecedoramente recebido no extremo norte do seu paiz, disse que sentia a yerdade das palavras com que o orador o saudara, mesmo quando *alludindo á actual situação internacional se referira ao facto de ser o Brasil paiz soberano, livre, dotado de plena*

consciencia do seu valor e deveres, e que não podia, portanto intervir em questões para as quaes não o chamavam interesses, nem direitos.

Disse ter de afirmar, ainda uma vez, não ser a neutralidade a indiferença ou cumplicidade, e sim manifestação de consciencia, soberania e dignidade de um povo, que zela pela sua honra, que se orgulha de possuir historia fulgurante, que lhe dá a segurança do brilhantismo do seu futuro, não podendo absolutamente servir de papel misero ao lado das outras unidades.

Se sua acção na chancellaria brasileira tem dado logar a manifestações e contrariedades, é porque não busca gloria inconsciente, que se esboroa facilmente, e sim a certeza de servir os interesses do seu paiz, que necessita de todos os seus filhos, disciplinados e coesos, trabalhando conjuntamente, embora divergindo ás vezes.

Discutamos a politica interna, mas não hesitemos em seguir, na politica internacional, o unico caminho compativel com a nossa dignidade.»

Estes periodos tentam, avidentemente, ser, ponto por ponto um revide irrespondivel á minha oração de Buenos Aires, ás ilhas alli por mim desenvolvidas sobre a neutralidade, sobre os deveres do Brasil na grande guerra, sobre as nossas obrigações de não abandonar sem protesto aos azares da barbaria crescente os principios, as leis, as convenções que assignámos em Haya.

Dois dias depois, um telegramma do Recife, impresso no mesino jornal, nos proporcionava á leitura, não uma summa, senão um topico textual de outra allocução, a que o ministro das Relações Exteriores acabava de proferir, naquella capital, resaudando o governador de Pernambuco, em resposta ao brinde, que este lhe dirigira.

Ahi sobresae este lance, que a historia politica do Brasil deve inscrever:

«Volto ao meu torrão natal e é grande a minha satisfação em ver o nosso querido Brasil. Venho como republicano e como homem de governo, para servir á Republica e á minha patria. A bondade do sr. governador quiz ver nos serviços, que enumerou, meritos, que não me assistem. Um só se poderá apontar: é o da sinceridade, é o de esforço que emprego, para supprir as deficiencias do meu saber»

Neste momento, tão grave para o mundo, nós nos temos procurado garantir, segundo as tradições da nossa historia, dentro das lições do direito internacional, que nós aprendemos no convivio universal, no respeito aos tratados, que assignámos, e que, até hoje, não rasgamos, procurando a união de todos os homens, e fazendo com que os odios fiquem sobre o Oceano, e a paz reine sobre a America. Essa convicção não é um estado de indiferença, e, um dia, quando a razão voltar, quando se ouvirem as vozes dos neutros, quando se respeitarem as convicções, que estão postergadas, então se comprehenderá esta grande verdade. Mas, até lá, o nosso dever é manter a politica, que está na consciencia de todos os homens, uma vez que nem o direito,

nem os interesses, nem os metindres, nem as offensas attingem a nossa patria. O nosso dever é abrir o campo deste paiz vasto e liberat, que é o Brasil, para a actividade de todos, e conservar para com todos a mesma amizade.»

Expressões dos discursos ministeriaes

O ministro brasileiro fala «nos tratados, que assignámos», occultando que mais solennes, os mais importantes desses tratados, os que assignamos na Conferencia da Paz, estavam rôtos pelas aguias dos Imperios Centraes, e que não era possível subsistirem, para abrigar os Estados pequenos, quando os exercitos dos grandes Estados não bastavam para impedir que as ambições germanicas os dilacerassem. Quer que «os odios fiquem no Oceano, e a paz reine sobre a America, como se os portadores do odio, os tigrés da guerra submarina, respeitassem estas plagas americanas, para onde não tardariam a nortear os seus assaltos. Sustenta, em summa, que «nosso dever é conservar para com todos a mesma amizade», isto é, que entre a Europa liberal e a autocratica, entre a Europa do direito internacional e a Europa conquistadora, entre a Europa, onde nunca se accenderam appetites contra a nossa terra, e a Europa, que já nos carimbava, nos seus mappas, como projecção territorial da Allemanha, tão boa era, para o Brasil, uma, quanto a outra.

Sangue allemão

Não havia ahi, porém, nada que admirar. O que falava pela bocca do nosso ministro, não era o sangue brasileiro: era o sangue teutonico, de que se exa. é oriundo. Em 1911 o sr. Lauro Muller se declarava *«ligado por um respeito filiat ao Rheno de seus paes»*, e se ensoberbecia *«do nobre povo. de que descende»*, assoalhando-se com entono *«brasileiro de sangue allemão»*. Em 1915, quando a guerra contava um anno, ou mais de um anno, de horrores, falando, já ministro do Exterior, em Porto Alegre, ao Club Germania, num banquete com que este o obsequiava, gabou-se de estar entre os teuto-brasileiros, accrescentando que *«nos filhos deva prevatecer o sangue dos paes.»*

Estes factos se acham documentados e estudados num escripto, com que o sr. Medeiros e Albuquerque collaborou nas columnas d'«A Noite», aos 16 de Abril de 1917. Eis os topicos essenciaes dessa comprovação:

«Os raros defensores da attitude do dr. Lauro Muller procuram fazer crêr que elle só é combatido por causa do seu nome. Se, de facto, assim fosse, nenhuma accusação seria mais inepta. Os protestos, que se levantam contra os actos do dr. Lauro Muller, vêem exclusivamente da confissão por elle reiteradamente feita de que é tão allemão como brasileiro. A's que já foram publicadas — e que não sofferam a menor contestação — vale a pena juntar hoje mais uma.

Já aqui se transcreveram dois trechos de um discurso pronunciado

pelo dr. Lauro Muller, em Berlim, em 1911. Num delles, o ministro actual do Exterior dizia: «Dahí resulta tambem que nós, *brasileiros de sangue allemão*, cheios de orgulho pelo nosso Amazonas, somos ligados por um *respeito filial ao Rheno de nossos paes.*» Em outro logar elle se confessava orgulhoso *«do nobre povo de que descende.»*

Foi, portanto, o dr. Lauro Muller que fez em publico o exame da sua propria psychologia. Mas não o fez uma só vez. Em 1915, já como ministro, passou por Porto Alegre, quando ia para a Republica Argentina. Em Porto Alegre a sociedade *Germania* lhe offereceu um banquete. Respondendo ao orador que lhe levantou o brinde official, o dr. Lauro Muller pronunciou um discurso, que foi publicado lá, no «Correio do Povo» e aqui transcripto n'«A Noite», de 12 de Maio, 1915.

Nesse discurso, falando das diversas raças que povoam o Brasil, alludiu aos teuto-brasileiros, em cujo numero estava. E accrescentou *«que nos filhos devia prevalecer o sangue dos paes.»*

Assim, não é a questão do nome, que não tem a menor importancia, o que faz combatermos a acção actual do sr. ministro do Exterior: são as suas repetidas confissões de que se sente allemão. Não somos nós: é elle quem o diz. Que o diz e que o repete. Que o diz, que o repete e que o prova.»

«E' mesmo interessante notar a gradação desses dois discursos, um proferido em 1911 e outro em 1915: no primeiro, o sr. Lauro Muller se confessava tão brasileiro como allemão; no segundo, vae até dizer que se sente mais allemão do que brasileiro, pois que nelle *prevalece o sangue de seus paes.*»

Adiantando a proposição, nem sempre exacta, de que *«nos filhos prevalece o sangue dos paes»*, e alardeando a sua descendencia de paes allemães, o indiscreto teuto-brasileiro estabelecia, elle mesmo, que, na sua individualidade, a patria allemã se acha acima da brasileira, o sangue brasileiro está subordinado ao sangue allemão.

Não somos nós os que o dizemos: é elle. Mas, se assim é, fallece de todo em toda competencia á sua individualidade, mais germanica do que nacional, para discutir com qualquer filho desta terra pontos de vista brasileiros, quando em desaccôrdo com ponto de vista allemães. Nem se pôde admitir que um homem de origem, sangue e sentimento tão confessadamente allemães, possa chegar a ser um homem publico, senador, ministro, senão na terra de seu sangue, na terra de seus paes, na sua Allemanha.

Quando mesmo, porém, não houvesse a sua confissão, para estabelecer o cunho germanico da sua personalidade, ahí estariam os seus actos e os sentimentos que nelle se revelam. A crueldade da sua dissimulação, a sua indiferença ao uso dos meios exigidos pelos seus fins, o seu habito de acariciar e apunhalar são as qualidades caracteristicas dessa mentalidade, peculiar ao germanismo, em que se entretecem moralmente num só estofo a guerra, a politica e a espionagem.

O discurso do «Jornal do Commercio»

Quando se annunciou o meu discurso do «Jornal do Commercio», pronunciado em Abril de 1917, não se mediram intervenções pessoas, conversinhas e rogos, para que eu, nesse comício, não atacasse o governo. Respondi que o não faria e não o fiz; porque não era tal o meu intento. Mas, ao mesmo passo que me cercava esse trabalho de blandícias, para que se não escoriasse a pelle do ministro, pela sua secretaria se expedia uma circular, que eu vi em varios exemplares, advertindo aos membros do corpo diplomatico acreditados no Rio que lhes não era licito ir ouvir-me, porque eu ia «falar mal do governo». Excepto o ministro da Belgica, a quem, naturalmente, não se afigurou legitimo, em boa diplomacia, o expediente, os outros todos se deram por avisados, e não compareceram. Achaeis que elles obedeceriam ao lembrete, se não soubessem que era official?

Eis aqui o caso, tal qual «A Noite» o narra aos 16 de Abril de 1917:

«Chegara, ha dias, ao nosso conhecimento que os senhores ministros das nações alliadas belligerantes haviam recebido cartas pedindo-lhes que não comparecessem á manifestação da Liga Brasileira pelos Alliados ao conselheiro Ruy Barbosa, sabbado ultimo, porque o éminente senador bahiano falaria mal do governo junto ao qual são aquelles ministros, acreditados. E, hoje, tivemos entre mãos duas dessas cartas, recebidas por dois representantes de duas daquellas nações, cartas essas escriptas com caracteres fóra do cummum e sem assignatura, nas quaes se lia, entre outras coisas, isto: *«Ruy Barbosa parlera mal du gouvernement auprès du quel vous êtes acrédités. Vous ne pouvez pas l'écouter.»*

«Essas cartas, ou melhor, esses bilhetes, não tinham, como dissemos, assignatura alguma, nem nenhum signal caracteristico pelo qual se pudesse descobrir a sua origem. Quem terá sido o genial autor dessa perfidia, praticada junto de todos os ministros alliados? Seja quem fór, póde-se gabar de ter conseguido o seu fim: dos destinatarios das cartas anonymas, o unico que compareceu á manifestação foi o sr. ministro da Belgica. E' um pequeno incidente, que póde servir aos historiadores futuros.»

O torpedeamento do «Paraná»

Infelizmente, senhores, quando o sr. Lauro Muller traçou com a sua espada virginal a extrema entre os dois imperios, deixando o das vagas ao odio, e reservando á America o da paz, não consultara nem a Guilherme, nem a von Tirptz; e o resultado veio a ser que, bem depressa, os dois dominios entraram um pelo outro, mergulhando o da paz no do odio, e invadindo o do odio ao da paz.

Quando, aos 4 de Abril de 1917, o primeiro navio brasileiro sossobrou ao choque da guerra submarina, havia de ter começado a dar fé o nosso ministro do Exterior de que, não podendo os navios do continente ameni-

cano, consignado por s. exa. á bemaventurança *da paz*, navegar em sêcco, a travessia do oceano, deixado por s. exa. aos horrores *do odio*, os exporia aos botes deste, não obstante a genial partilha do sr. Lauro Muller na oração de Recife.

O papel da nossa chancellaria, como hoje lhe chamam, por essa occasião, ainda não recebia emi cheio a luz da verdade. Creio, porém, que, com certos documentos, até agora inéditos, da nossa diplomacia, lograremos deramar sobre esse episodio interessante alguma claridade.

Aos 5 de Abril de 1917 a nossa legação em Pariz telegraphava á secretaria das Relações Exteriores esta noticia:

«N. 39 Acabo receber telegrámma do consul Havre, dizendo: Paraná torpedeado esta noite dez milhas de Barfleur guarnição salva tres homens mortos. — (Assignado) — *Magalhães.*»

Respondendo, na mesma data, a esse, o nosso ministro das Relações Exteriores, por um telegramma, tambem de n. 39, com o escrupulo que todos lhe reconhecem, perguntava «*se o submarino prestou qualquer soccorro.*» Quem havia de curar das attenuantes allemans, senão o ministro brasileiro?

O telegramma do commandante do «Paraná», dirigido á Companhia Commercio e Navegação, que o estampou, em 7 daquelle mez, nos jornaes do Rio, exprimia-se deste modo:

«Cia. Commercio e Navegação. Rio. «Paraná» torpedeado torpemente sem aviso á meia-noite. Quarto machinista e dois foguistas foram mortos, ficando ferida grande parte da tripulação, em consequencia da explosão. Espero que me remetta, urgente, credits. Fomos salvos depois de 12 horas em botes das torpedeiras francezas. *Foi um cumulo o procedimento barbaro dos allemães.* (assignado) PEIXE, commandante do «Paraná».

Este depoimento era categorico. Capitulava, designadamente, de allemães os torpedeadores. Outro telegramma, entretanto, dado á luz pelos jornaes dahi a quarenta e oito horas, já hesitava em reconhecer a nacionalidade, terminantemente designada no anterior.

Eis os seus termos:

«Affirmamos que o torpedo attingiu o navio a bombordo, no compartimento das machinas, um metro abaixo da linha de fluctuação. Depois da explosão, o submarino veiu á superficie e atirou-nos cinco tiros de canhão. *A maior parte da equipagem viu. Foi impossivel reconhecer a nacionalidade.* Todos os officiaes vão bem: o ferido é o foguista, cujos ferimentos são leves. Protesto feito no consulado e no tribunal. (assignado) PEIXE, commandante do «Paraná».

Como é que o que no primeiro se déra por líquido, já entra em questão no segundo? Naturalmente, posto em torniquete o commandante do navio, para declarar, fóra de toda a duvida, se, realmente, estava certo da nacionalidade, recebeu, titubeou, e se esquivou á resposta. Mas, seriamente, senhores *poderia ter sido francez, ou inglez, o submarino, que torpedeasse uma embarcação empregada em transportar mantimentos para os alliados?*

Circunstancia curiosa. Segundo a lista da tripulação do «Paraná», exarada n'«O Paiz» de 7 de Abril de 1917, o primeiro machinista era Oscar Sperb, allemão (a julgar pelo nome), naturalizado ou não, ou descendente de allemães. Pois esse individuo mereceu ao ministro das Relações Exteriores a honra de ser singularizado neste telegramma especial:

«N. 42. Desejamos que, entre as pessoas do navio «Paraná», que forem inquiridas, esteja o primeiro machinista Sperb., chamando-se a depor o maior numero possivel de brasileiros natos.»

Todos os «brasileiros natos» eram amalgamados anonymamente nessa generalidade, e só o allemão, por naturalidade ou descendencia, se destacava numa unidade singular, com aquellas instrucções particulares. Por que?

Abrindo-se, como se abrira, a investigação logo depois do torpedeamento, natural era que se envidassem todos os meios por acudir a anciedade publica, excitada e clamante no Rio de Janeiro. Em vez, porém, de lhe accelerarem a satisfação, que urgia dar-lhe, o de que se occupavam os brasileiros do Itamaraty, era de catar, para o allemão do «Paraná», o privilegio de uma consideração, que lhe assegurasse preeminencia exclusiva entre os demais tripulantes.

Evidentemente, a recommendação, com que rematava esse despacho telegraphico, de se chamar a depôr o maior numero de «brasileiros natos», não entrava alli, senão para esbater a impressão do carinho, em que se envolvia, pelo muito zelo de nosso chanceller, o brasileiro não nato, se cabe este euphemismo aos allemães de casca brasileira.

A opinião publica, entrementes, insistia pela acceleração do inquerito. Mas, como não lhe pintassem bem ao ministro as conclusões, a que essa averiguação parecia tendente a chegar, segundo as noticias recebidas, abriu-se outra porta ás tentativas de justificação allemã, ideando-se, no Itamaraty, um inquerito suplementar, que, com os devidos rodeios e cautelas, se determinava, em 10 de Abril, ao nosso ministro na França, mediante este telegramma:

«SSS. Rio Janeiro — 534 — 51 — 10 — 6 h. 15 — V. MALTE
Ministre Brésil. Pariz. N.º 49. Num dos telegrammas endereçados diretamente PEIXE e que Companhia publicou, aquelle commandante PARCELA DIZER QUE NÃO PODE ASSEGURAR NACIONALIDADE SUBMARINA. Muito convém que esse ponto fique averiguado inquerito suplementar se preciso para não demorar remessa inquerito já feito que continuamos aguardando anciosamente (a). Ministre Exterior.»

Este telegramma era expedido, como se vê, no dia 10, já depois das 6 horas. Ainda então continuava o nosso ministro a ter duvidas sobre se era, ou não, germanico o submarino criminoso. Nessa mesma data, porém, deve ter sobrevindo a communicação do inquerito impacientemente aguardado; e tão inequivocas vieram a ser, a tal respeito, as suas conclusões, que logo aos 11 de Abril recobria o sr. Paoli a nota, pela qual suspendiamos as nossas relações com o imperio allemão.

Ainda assim, porém, não perdia de todo o nosso ministro as esperanças no seu alvitre do inquerito additional. Eram já os 12 do mez, quando o cabo telegraphico transmittiu a Pariz este derradeiro despacho, inédito como os anteriores:

«SSS. Rio de Janeiro. 48 — 20 — 12 — 14 h. 2 —

V M T E. C T F — 11 W —

«Ministre Brésil. — Pariz.

«N.º 52. Recebido seu 45. *Inquerito supplementar parece agora dispensavel, entretanto vossencia pôde fazel-o reservadamente. Ministre Extérieur.*»

Ora por que ainda, em taes alturas, aquelle supplemento de inquerito? E, a fazer-se, por que *reservadamente*? Uma de duas. Ou os resultados, em que dera o inquerito concluido eram decisivos; ou, neste caso, por que, para que a bem de que insistir numa inquirição já concludente? Ou, se não era concludente, com que direito se renunciaria ás averiguações, ainda possiveis? Mas, em ambos os casos, como se ha de explicar a clausula *de reserva*, num assumpto que impacientava a opinião, e em que, portanto, ella não podia deixar de ter conhecimento de tudo?

Entanto, á vista da suggestão insinuada nos termos facultativos do telegramma do ministro do exterior, a legação de Pariz não se animou a deixar de proceder ao inquerito suppletivo. Este, porém, se consummou, sem deixar intersticio, por onde escapasse a responsabilidade germanica no dencia, a que só resistiam os escrúpulos judiciaes do nosso meticuloso chanceller.

Suspensão de relações com a Allemanha

A força da opinião publica, entretanto, a despeito dessas esperanças, que lutavam contra si mesmas, arrastara o governo á suspensão de relações. Mas a nota ministerial de 7 de Abril é o documento mais claro do conflicto, em que, no animo do ministro, o sentimento do seu dever não com-attentado, responsabilidade visivel sempre, desde o começo, com uma evi-seguia abafar a reacção do seu sangue.

O orgam do governo brasileiro, alli, só encontra phrases expressivas, para traduzir «o grande *pezar, que tem*, em reconhecer que é *forçado*, á vista do quanto se passa, a *suspender* as relações diplomaticas e commor-

ciaes, com a Allemanha.» «Ao cumprir», diz elle, «esse penoso dever», aproveita «a occasião, para ter a honra de, ainda uma vez, apresentar as seguranças de sua «alta consideração» ao ministro da potencia, que nos acabava de assassinar tres brasileiros, torpedeando, como essa nota mesma accentua, um navio nosso, «torpedeado e, depois de torpedeado, ainda alvejado com cinco tiros de canhão», não tendo sido «intimado a receber a visita para averiguação do seu character de neutro», não recebendo aviso de que ia ser posto a pique, nem acudindo os torpedeadores com «a minima assistencia humanitaria ás pessoas, que nelle se encontravam», e que, depois do torpedeamento, ainda foram alvo de bombardeio.

Estas circumstancias, terrivelmente criminadoras, não as poude a nota ministerial esconder.

Mas ás vidas brasileiras alli cortadas, apenas se allude, nesse papel, de envolta com os «interesses commerciaes», prejudicados no tragico incidente. O organo do nosso governo não achou, para esses crimes, attentatorios, não só dos direitos humanos, mas tambem dos da nacionalidade brasileira, não achou, para taes crimes, ao menos uma expressão de equivalencia ás do «grande pezar», ás do «penoso dever», com que traduzia os seus sentimentos pela cessação das nossas communicações com o imperio do kaïser.

Notae, senhores, que, a respeito do abalo dessas relações, não se ousava o nome de *rompimento*, nem, sequer, o de *interrupção*, que já é rotura. Utilisava-se o mais anódyno de todos: o de *suspensão*, onde res-sombra o cuidado em não arriscar incompatibilidades ulteiores e já se insinua a volta futura «às relações *amistosas*», cujo estremeccimento se deplora.

Sobre essas aberrações inacreditaveis, onde se sentem os instinctos an-cestraes do ministro, o vigor das suas origens alienigenas, em luta com a nacionalidade que elle representa, e o proprio governo, de que é membro, um eminente jornalista brasileiro, o sr. Medeiros e Albuquerque, teve a felicidade inestimavel de traduzir a sentença da justiça, com uma lealdade e precisão dignas de ser recolhidas pela historia nas suas inscrições lapidares.

«Ninguem ignora», dizia elle, «que se não fosse a iniciativa pessoal do sr. presidente da republica, francamente secundado pelos dois ministros militares e outros membros do governo, talvez ainda hoje estivessesmo fazendo o joguinho das notas diplomaticas. Assim que a noticia do torpedeamento aqui chegou, o sr. Paoli apressou-se em pedir um inquerito á Allemanha. Era sua intenção publicar uma daquellas respostas, que a Allemanha costuma dar, negando mesmo as mais meridianas evidencias. Se a nota allemman chegasse antes do inquerito brasileiro, estabelecer-se-ia uma situação embaraçosa.

«O sr. ministro do Exterior, que só isso desejava, fez o possivel para se chegar a esse resultado. Se não fosse a presteza da «nossa Legação em Pariz e a intervenção directa e pessoal do dr. Wenceslau Braz, a nossa chancellaria, aqui, retardaria o mais possivel a decisão brasileira, para o sr. Pauli ter tempo de fazer o seu jogo.

«Forçado, porém, ao rompimento, o nosso Ministerio redigiu uma nota, que é um modelo. Nella as unicas manifestações de pezar, não são pela

morte dos marinheiros brasileiros, aos quaes apenas se faz apenas uma allusão commercial. Nella, todas as manifestações de pezar são pelo penoso afastamento do sr. Pauli e pela *suspensão* das relações.

«Evidentemente, ninguém pediria que a nossa nota fosse redigida grosseira ou mesmo impolidamente. Mas a polidez tem limites. Limites forçosamente muito estreitos em certos casos. Dois adversarios cortejam-se; mas não se apertam as mãos, nem se abraçam effusivamente. Não é, no documento em que se censura a outrem o assassinato de tres brasileiros, que se devem esquecer todas as referencias de pezar por essas mortes, pondo em contraste o *penoso dever* da separação e, a *alta consideração* pelo representante do assassino. E na nossa nota só o que apparece, como triste, deleroso, despedaçador é a suspensão das relações com a Allemanha. Não se sabe mesmo como se deixaram de dizer nella algumas coisas desagradaveis aos tres responsaveis por este lamentavel facto, que aliás já o jornal official do partido do sr. Lauro Muller qualificara como *individuos perigosos á manutenção da paz e da ordem publica...*»

Os Estados Unidos declaram a guerra

Nesses entrementes desdobrava abril os successos que iam lançar os Estados Unidos na guerra contra os Imperios Centraes.

Aos 6 do mez do presidente Wilson proclamava o estado de guerra com a corôa da Allemanha, o Senado americano votava o primeiro credito militar, e o secretario da Marinha mobilizava as forças navaes, communicando o governo de Washington ás outras republicas americanas a posição, que assumira.

Quasi todas, se não todas ellas, se deram pressa em responder a essa cortezia, definindo a sua situação ante a belligerancia, que se acabava de romper entre os dois continentes, e a alliança, que entre elles, ao mesmo tempo, virtualmente se contraia. A chancellaria brasileira, porém, ruminou, remoeu e remanchou a resposta até aos ultimos dias do mez, até aos 28, quando, cedendo a algumas farpas e fiskas da imprensa, fizemos a nossa entrada... não de leão... para declarar a nossa *neutralidade* na guerra entre os Estados Unidos e a Allemanha.

Entre les deux...

Os norte-americanos registam no seu annuario, ás cincoenta e tres paginas do volume, essa data, na qual, já com os torpedos allemães ás illhar-gas, já com as nossas veias sangradas por elles, com as aggravantes da traição e noite, com as da cobardia e inhumanidade, com as da crueza e da evasão, com todas as aggravantes concebiveis, ainda recalçitravamos, ainda resmoneavámos, ainda respingavamos á honra, declarando-nos indiffere-ntes entre a democracia de Washington e a estratocracia de Berlim, para não sairmos da mônica do discurso do Recife, para não desmullerizarmos a nossa administração das Relações Exteriores, para mantermos entre



os amigos e os inimigos, entre os Estados Unidos e a *Mitteleuropa* o nosso *entre les deux mon coeur balance*.

Polica bifronte

Eis aqui está, senhores, (prescindindo agora do lado civico da questão) como, fazendo-se o mal e a caramunha, chorando-se pela Allemanha, e *fir-tando-se* com os Estados Unidos, se assignalava o intimo da verdade nessa politica de duas caras, cuja ultima phase culminou no americanismo actual, que exclue, renega, denigre os verdadeiros amigos, os amigos velhos, experimentados e desinteressados da amizade americana, para buscar nos velha-coutos do bochismo os serventuarios da conciliação entre os dois hemis-pherios do nosso continente.

A viagem do Sr. Paoli

No entretanto outras especulações, ainda mais zorras, occupavam o árbitro da orientação brasileira na grande collisão entre o mundo autocratico o mundo liberal. O nosso ministro do Exterior, que, aos tres annos, quasi inteiros, de guerra entre a democracia e o cezarismo, ainda pendia escandalosamente para este, e que volvera dos Estados Unidos, como Bernstorff, impenitente no seu visceral germanismo, — enquanto a America do Norte ensaiva as azas d'aguia, para transpor o oceano, e desempatar a luta inde-cisa, tratava aqui, no seu cantinho de caranguejeira, de dar o que quer que fosse á Allemanha em desconto da cartada, que se perdera com a sus-pensão das relações.

Agora era mistér, ao menos, no agenciar dos interesses germanicos, acautelar a bagagem do ex-ministro Paoli e dos ex-consules allemães no Brasil. No *Foreign Office*, em Londres, e, em Pariz, no *Quai d'Orsay*, não se ignorava que, deixando o Brasil, o representante do governo allemão carregaria com todo o archivo secreto da espionagem, que nas suas mãos tinha o centro de organização e irradiação, não só por todo o Brasil, mas por toda a America Meridional. Convinha que não desamparássemos o allemão nessa extremidade. Era um serviço bom de semear para contas fu-turas. Mas do que fez a nossa chancellaria nessa obra de enchimento não se poderia ter vislumbre, se me não tivesse chegado ás mãos o documento re-servado, que ora vos vou lêr, e de que espero acompanhareis o ordume denso, retrincado e subtil, palavra por palavra.

E' um longo telegramma, que o nosso ministro das Relações Exteriores, passou, em 1917, data de 20 de Abril, ás nossas legações em Pariz e Londres.

Eil-o, senhores:

«SSS — Rio — 635 — 266 — 20 ... 1 h. 55 V. M L T.

«Ministre Brésil — Pariz.

«55. — *Confidencial*.

«Communique por nota representantes alliados dariamos passaporte Enviado extraordinario allemão pessoal Legação, consules, famílias e serviços, conforme relação apresentada. Pedi solicitassem respectivos governos *salvo-conducto* *podessem livremente passar até Noruega*, bordo vapor «Rio de Janeiro», Lloyd Brasileiro, propriedade governo brasileiro, exclusivamente destinado essa missão. Enviado Extraordinario francês respondeu salvo-conducto sob condição vapor seguir directamente porto alliado, *exame bagagem e outros artigos*, accrescentando censurado impertinente destino final fosse um porto Hollanda que além do mais supprimiu sua propria navegação por falta segurança. Enviado Extraordinario inglez tambem impoz condição exame em porto inglez. VOU PASSAR NOTA COMMUNICANDO vapor «Rio de Janeiro» IRA CADIZ. Hespanha, CONSIDERANDO GOVERNO BRASILEIRO substituidos salvo-conductos concedidos para Noruega e CONSIDERANDO INEXISTENTE EXIGENCIA DE ESCALA PORTO ALLIADO ou inglez e destino Hollanda *visto ser agora perspectiva feita para PAIZ NEUTRO*.

«DISTANCIA EXCLUE IDE'A DE QUE POSSAM LEVAR DAQUI PARA SUA PATRIA QUALQUER CONTRABANDO de GUERRA. Queira maxima urgencia obter desse governo declaração de que NENHUMA RESTRICÇÃO fará das indicadas ou outras para a *viagem directa* do Rio de Janeiro a Cadiz, assegurando salvo-conducto passageiros mencionados na lista já acceita. Não parece habil nem cortez neste momento em que cada vez mais nos aproximamos que se esteja pondo difficuldades indirectas a uma viagem *que o sr. presidente da Republica está resolvido que se faça em qualquer caso*. Mudança viagem para Hespanha sendo acceita nas condições indicadas permittir-me-á EVITAR RESPONDER DESAGRADAVELMENTE ás restricções *sobre-tudo francezas*, porto destino. (assignado) Ministre Extérieur.»

Seria crível, senhores, que um ministro do Brasil, um ministro das Relações Exteriores, o chefe da nossa diplomacia, houvesse escripto este acervo de impertinencias, indelicadezas e desatinos?

Allemanha e Brasil

Não bastava termo-nos, desde o nosso protesto, encolhido tanto na linguagem, incomparavelmente mais inexpressiva que a do uruguayo e a do argentino. comquanto o tratamento germanico nos não houvesse guardado as atenções observadas com a Argentina e o Chile. Era esta a maneira, como o governo de Berlim traçava angariar as sympathias das duas unicas republicas da America do Sul militarmente interessadas, suppondo que, desta modo, conseguiria insular o Brasil, e desinteressar as duas potencias da sorte de nosso paiz no assalto que o governo de Berlim projectava e tinha preparado contra a nossa integridade territorial.

De todo o continente americano, o Brasil era o paiz mais interessado

no desenlace desta guerra. Porque em nenhum dos outros a colonização allemã assumiu a forma de uma occupação territorial, aparentemente pacifica e civil até agora, mas aparelhada, pela exclusividade absoluta do seu germanismo, para os rompimentos dos laços de sujeição ao Brasil, a sua desagregação, a sua annexação á Allemanha.

Esse perigo, a sua contingencia, a sua evidencia, a sua imminencia, accentuavam-se, ultimamente, no contraste entre as indignidades, com que nos tratava o governo allemão, sua sobrançeria, sua arrogancia, seu menosprezo. e as condescendencias que teve, ao menos até certa altura, com a Argentina e o Chile, cujas relações elle buscava desviar da sua antiga, provada e natural amizade com o Brasil.

Aqui, como em toda a parte, se desenvolvia o systema allemão de fomentar a intriga e as hostilidades nas fronteiras, quando não no proprio territorio dos paizes, contra os quaes volve a sua avidez. Assim, com a Inglaterra, nas Indias, no Egypto, na Irlanda. Assim, com a Russia, na Grecia. nos Balkans, na Persia. Assim, com a França, na Hespanha. Assim, com os Estados Unidos, no Mexico.

Dantes a guerra era de armás, e nos campos de batalha. Só penetrava no territorio dos belligerantes pela invasão e com a occupação. Hoje o varã e agita com conspirações, as insurreições, as destruições, que o exercito da espionagem, innumeravel, omnimodo, omnipresente, leva por toda a parte, com as machinações diplomaticas, que por toda a parte se insinuam, e com a corrupção da publicidade, com a penetração da venalidade, com as alliciações do suborno, que em todos os paizes do mundo se tem sentido, de que até o governo americano se queixava, na grande mensagem de Wilson ao Congresso.

Ainda o caso Paoli

Nós, em resposta, não nos contentamos de pôr a surdina á voz obsequente e ganida; não nos contentavamos de nos amarrar á neutralidade, quando os Estados Unidos, em condições iguaes ás nossas, entravam na guerra. Ainda queriamos acobertar com as nossas fraldas a espionagem sul-americana do sr. Paoli.

Com esse intuito, muito diversamente do modo como se houveram, no caso do sr. Bernstorff, os Estados Unidos, o nosso governo, sob a pressão do nosso chanceller, deliberou dar á legação allemã despedida a mais solenne e honrosa das saídas, proporcionando-lhe, a ella e aos funcionarios consulares allemães, num navio brasileiro especial, uma viagem de estado, e assegurando-lhes de antemão, pela sua intercessão instante com os governos alliados, em uma nota que a tal respeito lhes dirigiu, a mais livre passagem atravez das zonas de guerra e das esquadras belligerantes.

Nesse documento, estampado nos jornaes aos 13 de Abril, o governo brasileiro pede a cada um daquelles «providencie para que nem o «Rio de Janeiro» encontre impedimentos na sua travessia, nem o sr. A. Paoli e toda a sua comitiva soffram qualquer embaraço até seu porto de destino.»

Do longo telegramma confidencial que, pouco ha, vos li, já vistes que o governo da França e o da Gran Bretanha não estiveram pelos autos. Queriam devassar o coute, que a chancellaria brasileira se cumpria em dar á bagagem, isto é, aos papeis de segredo, ao thesouro mysterioso, evidentemente guardado nas malas do pessoal allemão, diplomatico e consular.

O mosse chancellor, porém, não abre mão da sua catureira. Olho de alliados não bisparia os arcanos da honrada espiagem teutonica. Por lhe evitar a ella o desgosto, o chancellor brasileiro tenta mudar a derrota ao «Rio de Janeiro». Não aportaria em costas alliadas. Não surgiria em porto da Hollanda, ou da Noruega. Governaria a Cadiz, terras da Hespanha, sugidoiro amigo.

Eis o que o Itamaraty resolve. Mas não sem arrumar ao *Quai d'Orsay* e ao *Foreign Office* com algumas lições boas e duras. Esta, por exemplo, que é supimpa: «*A distancia exclue a idéa de que possam, levar daqui para sua patria qualquer contrabando de guerra.*»

Ora vejam lá: quem tal suspcitaria? Contrabando de guerra, só para longe terra. Para Hollanda ou Noruega seria possivel. Para costas de Hespanha, que esperança!

O Presidente está resolvido

Mas as bellezas, nesse papel, vão em crescendo. Após a que se acaba de admirar, rebrilha esta outra: «*Não parece habil, nem cortez, neste momento em que cada vez mais nos aproximamos, que se estejam pondo difficuldades indirectas a uma viagem, que o sr. presidente da Republica está resolvido que se faça em qualquer caso.*» Que tal, senhores, a explosão de *habilidade e cortezia*? Que tal o annuncio da resolução fatal, assumida pelo sr. Wenceslau Braz, de passar por cima de Clémenceau e Lloyd George, de Pariz e Londres, da França e da Inglaterra, para assegurar ao ministro do paiz, com quem cortamos relações, o privilegio de atravessar á solta, com o mais formidavel dos contrabandos de guerra, com o archivo dos seus espiões os mares policiados pelo poder naval da Alliança?

Dilemma aos Alliados

Mas, de surpresa em surpresa, eis como acaba o admiravel exemplar de literatura diplomatica: «*Mudança viagem Hespanha, sendo aceita nas condições indicadas, permittir-me-á evilar responder desagradavelmente ás restrições sobretudo francezas, porto destino. Transmitta este, urgencia, Fontoura, Londres, para agir urgentemente.*»

Caso tragico, senhores. Os governos alliados estavam entre a parede e a espada. Mas que espada, amigos meus! A do sr. Lauro Muller. Jesus! Dizia o padre Vieira que, «ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca lingua». Mas, Santo Breve da Marca, o caso de uma tarrasca irman da de Carlos Magno, com um palmo de lingua e uma bainha de guela com o do Inimigo, — esse caso, quem o vira, que não desmaiasse? Eram de



metter pena os apuros da Republica franceza e do Imperio britannico entre o sr. Paoli e o sr. Lauro. Não havia por onde sahirem. O *mangtar questa minestra, o saltar questa finestra*. Ou concordavam na viagem allemã rumo Hespanha, ou veriam, «sobre tudo os francezes», como o chanceller brasileiro lhes havia de «responder desagradavelmente».

Seria possivel que o presidente da Republica houvesse autorizado taes *rodamontadas*?

A viagem não se fez

!Não sei por que janella saltaram Lloyd George e Clémenceau. O que sei, é que *non mangiarono quella minestra*. Nem a França, nem a Inglaterra empallideceram com as roncas do Itamaraty em soccorro do ministro e dos consules allemães. Nenhuma dessas potencias conveiu em que o ministro Paoli arribasse para a sua terra com o espolio inestimavel da espionagem teutonica na America do Sul. Não se realisou a viagem do *Rio de Janeiro, apesar* «do presidente da Republica estar *resolvido* a que ella se fizesse *em qualquer caso*»; e o ministro allemão, em vez de se fazer ao mar com o seu sequito de espias graduados, via de Castella, em um navio do governo brasileiro, rodou pelas fronteiras do Rio Grande do Sul, com a sua carga de malas, nas quaes, segundo uma reportagem d'«A Noite», não admittiu jámais que mexessem, tendo-as sempre ao seu lado, com incessante vigilancia, debaixo dos seus proprios olhos.

Pirraça e criancice

Não sei se os ministros do Exterior, em taes casos, esperneiam como crianças. O que, porém, se me representa, é que foi um desses accessos, um desses espasmos, o que turvou ao nosso chanceller aquella sua invejavel serenidade, quando, no meio de tantos desastres, aos 30 de Abril, se lhe inteiçou e sacudiu o punho, expedindo ao governo britannico e ao francez, mediante a nossa legação na capital ingleza, este despachosito de pirraça:

«Ministro do Brasil. — Londres. — Queira *fazer sentir ahi* que governo brasileiro tem recebido declarações de dedicação espontanea dos nossos patricios *descendentes de allemães*, que, *como os patricios descendentes de paizes europeus latinos*, se declaram promptos cumprir com lealdade seus deveres de brasileiros. Transmitta Magalhães, Pariz. (a.) — Ministre Exterieur.»

Que seria, se essa novidade espantosa, de alta diplomacia, e raro interesse nacional, chegasse aos ouvidos de Jorge V e Poincaré? Naturalmente, nos mandariam pedir, ao menos emprestados, os nossos teuto-brasileiros, para limparem o coração aos teuto-britannicos e aos teuto-francezes dos resquicios de herdado germanismo.

Mas por nosso mal, ao que me dizem, os nossos ministros em Londres

e Pariz, mais sisudos que o chefe, não *fizeram sentir* coisa alguma dessa criarçada a nenhum dos dois gabinetes. E assim, mais uma vez, escapamos de fazer rir o mundo á nossa custa.

Muda a politica internacional

Destarte acabou, na presidencia passada, o periodo allemão. Esse guinchinho telegraphico era o derradeiro eanto do cysne de Lohengrin. Cinco dias depois, aos 3 de Maio, se exonerava o sr. Muller, e dahi a dois lhe assumia a successão o sr. Nilo Peçanha, sob cuja direcção a nossa politica internacional, graças a Deus, procurou novo rumo, fazendo-se na volta directa da Europa occidental, em vez de continuar a pairar e bordejar, meio ao mar meio á terra, entre os nossos amigos e os nossos inimigos.

A herança, que se offerencia ao seu successor, era a dessa suspensão de ralções, que não abalára as sympathias da nossa chancellaria pela obra do kaiser, que nos envergonhava diante da Europa e dos Estados Unidos, que nos apresentava ao mundo como um paiz, onde um governo de tendencias germanistas levava de rôjo uma nação absolutamente consorciada em sentimentos com os adversarios da Allemanha.

A respeito dessa posição hybrida e adulterina, dessa politica sem nome nem sexo, nunca occultei o meu sentir. «O Estado de S. Paulo» o presumiu, em 1917, na sua edição de 13 de Abril, em uma entrevista minha com o seu correspondente, o sr. Sertorio de Castro:

«O sr. Ruy Barbosa considera o rompimento de relações uma medida inefficaz, lembrando a propósito que era pensamento corrente seu «que o governo do Brasil devia acompanhar a attitude dos Estados Unidos» Entretanto os Estados Unidos, sem pautar a sua acção pela influencia de nenhum caso concreto, mas apenas pela defesa dos direitos dos paizes neutros, ameaçados pela guerra submarina, romperam relações e nós nada fizemos para acompanhal-os nesse acto e quando se declararam em estado de guerra. Cumpre acrescentar que não houve acto de declaração de guerra, mas sim o reconhecimento do estado de guerra. «Nós nos limitamos a romper relações. Assim procedendo, o Brasil não conquista a amizade de nenhum dos belligerantes, nem tampouco a dos Estados Unidos.

«Sustenta desde a sua conferencia de Buenos Aires que a Allemanha declarou guerra a todos os paizes neutros do mundo, desde que deliberou, com a campanha submarina, destruir os seus navios e matar as tripulações e passageiros. Não importa que a Suecia, a Dinamarca e outros paizes neutros se tenham conformado com esse attentado, conservando-se inertes. Terão suas razões para isso. Nós, sem quebra da nossa dignidade, e apenas por medo ou por germanophilismo é que não podiamos acompanhal-o nesta attitude. Acha que o momento é de extrema gravidade. Sua exa. diz em seguida: — «Se nos Estados

Unidos onde ha vigilancia do governo, os allemães têm praticado numerosos e repetidos attentados, que não se dará no Brasil, onde pôdem agir livremente?»

Mas, nesta segunda phase, bem que tivesse um dos maiores contentamentos da minha vida, o de ver o Brasil desabraçar-se das influencias, que o retinham á beira do seu dever, sem ousar cumpril-o, e abraçar de tolo, com a declaração de guerra, a causa alliada (resultado para o qual todos sabem, aqui e no exterior, o contingente de acção decisiva, que me coube), não vi deduzirem-se dessa premissa as consequencias, de que ella não se poderia separar.

O dr. Nilo Peçanha não teve sobre o presidente da Republica todo o ascendente necessario, para lhe destoldar o animo das apprehensões, que o velavam quanto aos riscos da victoria alleman. As alterações ministeriaes, que cuidou se lhe prometteram, que eu lhe aconselhara como condições preliminares á sua entrada no Ministerio, e que, evidentemente, eram necessarias para lhe assegurar tranquillidade, efficiencia, liberdade no governo, não se lhe deram nunca. O que, em tal estreiteza, logrou elle realisar, era o mais que se poderia na situação insegura, a que se expuzera. Mas não era o que elle queria, nem o que relevava, para que nos conselhos da alliança entrassemos com o credito de sinceridade, com a seriedade, com a autoridade, que importava.

Fraquejar com a Allemanha

Dahi a fraqueza da nossa posição, com que os alliados nunca se illudiram. Nunca tivemos a coragem da nossa attitude. Não nos utilisamos das vantagens da occasião, para extirparmos da nossa terra as damninhas e inverteradas raizes do germanismo. Não dembs á nossa contribuição para a guerra a importancia, que devia ter.

Tudo porque, das taes *altas regiões*, como lhe chamam, sendo, por via de regra, as menos altas da mentalidade nacional, não se espancou jámais a crença na invencibilidade alleman, a desconfiança da effiçacia alliada, o temor de uma liquidação contraria, mais dia menos dia, á nossa resolução de esposar a causa adversa ao prussianismo. Era mister, que, se elle acabasse vencedor, tivessemos, para pleitear, no seio deile, as nossas attenuantes, as condescendencias, transigencias e inconsequecias, que assignalaram a nossa dubiedade, num periodo, onde era necessario não vacillar, fosse qual fosse o lado, que elegessemos.

Contraste

Ainda ha pouco, a Suprema Côrte dos Estados Unidos, confirmava a sentença pronunciada na instancia inferior contra Eugenio Debs, chefe do partido socialista e um dos candidatos á presidencia da Republica no quadriennio



vindouro, como incurso no crime de sedição por discursos em que contrariaria o concurso dos Estados Unidos á guerra.

No Brasil, pelo contrario, onde aliás curtimos, não só o Estado de sitio, mas o estado politico de guerra, com todas as restricções do direito commum, que só esse estado comporta, a censura, desvirtuada, adulterada, invertida, pesava sobre a nossa liberdade constitucional, convertendo-se na mais odiosa das armas de compressão, em beneficio da politica reinante nos Estados brasileiros, em beneficio dos seus régulos e reizes, como aqui em São Paulo, — entretanto que, naquelles, desses Estados, onde sobranceia a colonisação alleman, e em outros, se deixava a rédea solta ao journalism germanista, para atacar os alliados, calumniar a causa por nós esposada, e chocalhar á vontade o mais insolente derrotismo.

Factos

Haja vista, senhores, o curso, que seguiu, em Santa Catharina. «O Dia», organ official do governo desse Estado, e de que nós deu amostras inolvidaveis «A Noite», no seu numero (entre outros) de 16 de Abril de 1917, exhibindo «O germanismo official de Santa Catharina» nos documentos, que lhe suppeditava aquelle periodico, prussianisante de não sei quantos costados.

Haja vista o caso dos cinemas de Joinville, onde é de rigor inevitavel que todos os programmas e annuncios de taes diversões populares sejam redigidos e estampados em puro allemão, sob pena de não terem concorrência, porquanto, naquella colonia do governo de Berlim, a maioria da população, falando alguma coisa a nossa lingua, lê-a, absolutamente não o sabe. Tal o depoimento de um actor portuguez, colhido tambem pela «Noite» na sua folha de 15 do mesmo mez, com o intuito de nos demonstrar «A germanisação no Brasil».

Haja vista as declarações, que, na «A Rua» de 20 do corrente Março, estampou o sr. Dunshee, a que o povo chama *Deutsch* (pronunciem *doitche*) sobre a sua volta á camara dos deputados, que o seu ultra-allemanismo o obrigara a deixar. Este senhor diz alli coisas como estas:

«Restava mais de mez ainda para que se ferisse o pleito, quando fui procurado aqui, por dois influentes elementos de Santa Catharina que, em nome dos teutos-brasileiros, propunham a apresentação do meu nome como candidato avulso por aquelle Estado, convencidos que estavam de que a parte tomada por mim, nos debates da Camara, sobre a guerra com a Allemanha, me determinara o prejuizo da perda do mandato.»

«Correu o tempo, continuará a correr e, mais tarde, veremos quem tem razão: se eu, ou se os que se empenharam na attitude do Brasil, contraria á Allemanha. O meu caso, hoje, tem outro aspecto. O conselheiro Rodrigues Alves falleceu. Os teutos-brasileiros continuam na mesma disposição de apoio ao meu nome. E' muito provavel que volte á Camara.»



Tempestade

(QUADRO A OLEO DE A. NORFINI)



O Gigante morto

(AQUARELLA DE A. NORFINI)



Cavallos no Campo

(QUADRO DE A. NORFINI)



O repentista vencido

(AQUARELLA DE A. NORFINI)

«O eleitorado tanto vota no monarchista, como no republicano; no germanophilo, como no declaradamente alliado. O essencial é que haja a recommendação dos chefes politicos.»

Entretanto, a guerra ahi está, e, na America do Norte, este homem so-ria capitulado em sedição por todos os tribunaes, como Eugenio Debs, o candidato presidencial do socialismo. No Brasil, é um membro, em elaboração, da Camara Federal, aonde nos anuncia vae volver com o mesmo em-tono germanophilo de outróra, para aguardar allí a volta da fortuna, que breve converterá em desbarato a victoria alliada e em victoria o desastre allemão.

Singular belligerancia

Seria um não se acabar nunca, se vos quizessemos apenas submeter aos olhos, de cada genero, uma dessas singularidades, que imprimem á nossa belligerancia a mais singular das physionomias.

Aos 6 do mez passado, por exemplo, segundo a lista, que nos depara um vesperino carioca, dos passageiros chegados ao Rio, pelo «Frisia», ou por elle transportados para Santos, vemos, de enfiada, nada menos de vinte e quatro inculcados como brasileiros, mas cuja verdadeira naturalidade se denuncia em vinte e quatro nomes, dos mais genuinamente allemães que entre allemães se conhecem.

Se brasileiros fossem realmente, por que não atravessaram a Suissa, e sahiram pela França? Por que, para volver ao Brasil, egeriam por sahida a Hollanda, aguardando allí com essa paciencia toda, o primeiro paquete hollandez? Sendo brasileiros, outrosim, por que se conservaram no territorio inimigo, depois de rotas as nossas relações, depois de annunciada, por nós a guerra á nação, em cujo solo estavam? Neste caso porém, como se poderiam deixar estar nesse paiz, no imperio germanico, a não ser na condição de prisioneiros? Mas, como prisioneiros, de que maneira, e quando, se teriam desembaraçado se, por occasião do armisticio, não se tratou de prisioneiros da nossa nacionalidade?

Mais. Allí mesmo se enumeram, declaradamente, como «allemães» não menos de outros treze passageiros, conduzidos por aquelle navio, não só para Montevidéu, e Buenos-Aires, mas tambem para o Rio.

Outra, da mesma especie, sendo ainda mais expressiva. «O Imparcial» de 18 de Março proximo findo, (a pag.ª 12) estampa uma lista de immigrants, recebidos em 1918 nos portos brasileiros, lista fornecida pelo director do Serviço do Povoamento ao ministro da Agricultura. Pois bem: nessa lista se regista, com declaração official, o ingresso de *um allemão*.

Pois será tudo isso, realmente, *estar em guerra* com a Allemanha?

Vamos, porém, a uma ainda melhor. Esta não consta de jornaes: mas nem por isso é menos exacta. Ao declarar-se por nós a guerra ao Imperio do kaiser, a inspecção militar, no Rio Grande do Sul, exigia a exhibição de passaportes aos allemães, que allí pelas nossas vias ferreas transitassem. Mas o governo do Estado logo se interpoz contra essa providencia, aliás de character impreterivel. As autoridades da estrada não con-

descenderam. O governo estadual, porém, tangeu os pausinhos no Rio, e, dahi em diante, cessou a medida, que não calhava aos interesses germanicos. Com este bello regimen, os subditos inimigos passaram a viajar, alli, pelos caminhos de ferro brasileiros sem exigencia dessa condição de vigilancia policial, e, já dispersos, já em grupos, ou lotes, entram pelo Estado Oriental, ou pela Republica Argentina, a terras de Santa Catharina e do Paraná, aonde vêm, livremente, ora agenciar os seus negocios, ora dar conta das commissões de espionagem ou politica alleman, commettidas ao seu cargo. Que linda maneira de ser belligerantes!

Já vos constou de outra nação, que a usasse?

Agora outra, não menos séria. Tive nas minhas mãos traslado authenticos dos documentos officiaes, donde extraio a narrativa. A firma alleman Zaller, Willinger & Comp., de Porto Suarez, na Bolivia, consignara 490 couros a Ernesto Carvajal, consul desse paiz em Corumbá, com a nota de *transito* para Montevidéu.

Deste abuso deu aviso o nosso consul em Assumpção ao inspector da Alfandega de Corumbá; e este, como seja notoriamente vedado, emquanto durar a guerra, o commercio entre inimigos do paiz, residentes no exterior, com brasileiros, ou estrangeiros residentes no Brasil, deteve as mercadorias, não consentindo no *pretense transito*, a que as destinavam. O consul boliviano, consignatario dos couros, representou á autoridade aduaneira contra o seu acto. Mas ella o manteve.

Reclamaram, para o Rio, os interessados ao ministerio da Fazenda, que lhes deferiu, sob o pretexto, claramente insustentavel, de não ser «perturbado o transito de productos bolivianos». O inspector explicou, mostrando que não se tratava de productos bolivianos, mas de mercadorias negociadas por allemaes, nem de *transito*, mas de nova *exportação*, visto como os generos, que se importavam da Bolivia, por consignação a um estrangeiro domiciliado em Corumbá, dahi se remetiam para Montevidéu.

Perdeu o tempo a autoridade fiscal brasileira. O Ministro da Fazenda insistiu na sua arbitraria vontade, que se executou, mas não entregando á Alfandega os couros ao consignatario, senão para que este os devolvesse ao porto da sua procedencia.

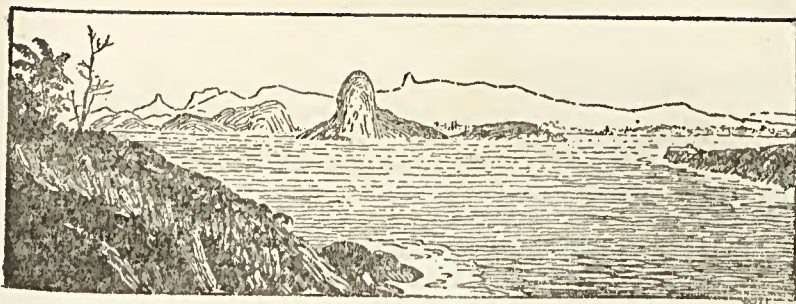
Dest'arte se observou em parte a lei, graças á honestidade e constancia do inspector desautorado, a que o povo de Corumbá testemunhou, em calorosa demonstração, o seu apreço. Mas o pobre funcionario perdeu immediatamente o logar; e se viu preterido, successivamente, a 21 de Agosto e 31 de Outubro do anno transacto, em duas promoções, a que tinha direito, nessas datas, o de mais antiguidade, nos quadros a que pertencia.

Eis, senhores, como se galardeam no Brasil a probidade e a competencia nos servidores do Estado. Eis como, criados na violação habitual de todas as leis, violamos as mais imperiosas e categoricas de todas as leis: as leis de guerra. Eis como nós desempenhamos dos mais elementares deveres dessa belligerancia, a que nós declaravamos associados, mas em relação á qual nem os compromissos de legalidade sabiamos guardar

(Conclúe no proximo numero.)

RUY BARBOSA





VIAJANDO ⁽¹⁾

(Coizas do meu Diario)

1913

Na Madalena — Abril, 12

— Do decantado templo, cuja imperfeição é notoria, pouco vi: fiel ao seu nome, Madalena estava em concertos. Não recebia visitas. Excetuou-me rapidamente.

Do altarmor, branco, a interromper-lhe a penumbra, bem poderiam ser dispensados uns insensíveis anjos cujas azas deveriam demandar recintos menos empoeirados. Rodeiam o edificio estatuas dezeguaes, que se abrigam em aberturas eguaes esburacando exteriormente as paredes. A de Santa Cristina está vizivelmente engasgada, mas a de S. João Crizostomo prova, pela veemencia do gesto e supremacia do olhar, que o «boca de oiro» nunca fez papel triste.

Columnas corintias imitando templos romanos; cupolas bizantinas; auzencia dum plano compreensivel; arte incerta... Pois si é nesta igreja que a aristocracia prefere celebrar seus cazamentos! Fraquissima autoridade em questões matrimoniaes, nem por isso deixou a padroeira de ser canonizada. Irregularidades da logica.

(1). Vide numeros de Agosto a Maio.

Nos medicos

— Biexaminaram-me em horas diferentes, dr. Landouzy, dr. Huguier e seu ajudante dr. Hubert. Por cento e sessenta francos descobriram-me uma porção de molestias. Por duzentos matavam-me!

Prescreveram: «evite constipações, coma devagar, mastigue bem, não fume, nada de frutas verdes, deite-se cedo.» Para chegar a esse rezultado eu não precisaria de exames e consultas. Até hoje ninguem me receitou constipações, insomnias e fumo, nem frutas verdes.

Tenho no parlamento collega que, todos os annos em fim de sessão, com entono replicante, lê um mesmo discurso de oitenta paginas, caligrafia meuda, receitando para os males do Brazil agricultura e gado. Meteu-se-lhe a certeza de que o auditorio aconselha a abolição dos bois e da lavoura. Esse homem acaba medico em Paris.

Na Comedie Française — Abril, 13

— Nunca ouvi falar francez tão bem! Nunca ouvi pronunciar os adverbios com a intuição de Siblot e a muzica penetrante de Cecilia Sorel.

Reprezentou-se o «Cazamento de Figaro». Gozei, extaziadamente gozei daquelle classico monologo que aformozeia o 4.º ato. Disse-o George Berr com tal sentimento, com tanta compunção de magoa, que aos soluços finaes eu não sabia si aplaudisse com a platéa, si gemesse com o artista! E, como elle, muito ensaiados todos; nem uma vacillação, nem meio gaguejo: uniformes, entendidos todos na interpretação do pensamento de Beaumarchais, mas duma uniformidade que não constringia a intelligencia do auditorio, interprete tambem duma obra que, por superiormente humana, independia da epoca e do local onde nascera.

Em certo estado do espirito, e ouvindo uma produção extraordinaria, o teatro serve mais para pensar que para divertir; e eu sabia que o «Cazamento do Figaro» era filho, e dos melhores, da filozofia democratica do seculo XVIII. Não lhe perdi, dos cinco atos uma palavra sequer!

Palmei Leconte, uma vitória da arte. Moça, linda de rosto, não bonita de corpo, encarregada do secundario papel de Querubim, mero incidente da inimittavel comedia, Leconte, no 3.º ato, peso arguciozo da sena, pela malicia no manejo da ingenuidade, pelo discernimento apaixonado com que modula a voz e segue as vibrações do bandolim, empolga a sensibilidade de dois mil espectadores, exige o

aplauzo, prolonga o louvor, e por momentos faz esquecer que alli estejam platéa, teatro, peça!

— De passagem, e porque dispunha ainda de tres quartos de hora para chegar á «Comedie Française», ouvi, de Pièrre Brisset, trechos de conferencia argumentante de o homem descender de sapos e raãs.

O conferencista falava por conta propria.

Abril, 14

— Vizitando. Vizitado. Estive com oito patrieios. Nove se queixaram do Brazil. Nem um elogiou o governo.

O grande zero — Abril, 16

— Como se explica o silencio da filozofia grega a respeito do budismo que lhe ficava tão territorialmente proximo? Porque essa religião, a maior, a mais adotada, a mais duradoira, transbordou para a China, não penetrando no ocidente mais vizinho, mais facil de estradas, mais adeantado em navegação? Porque não foi informador o seu contato com os sucessores de Alexandre? Porque, visitantes de suas extremidades occidentaes, a desconheceram Pompeu, Lucullo, Julio Cezar, Trajano e Gordiano, generaes letrados? Com estas perguntas no raciocinio, entrei no «Museu Cernuei», apregoada exposição de coizas budistas.

Audacioza ladroeira! Logração descarada.

Logo ao ingresso dois budas dissimlhantes: um, ehinez, mongolico, de olhos transversaes, cabeça diminuida; de olhar doce e estupido, completamente indiano o outro. Evito-os. Subo escada e asneira: o patamar é quazi impedido por um buda de quatro cabeças circumdadas por dezeseis braços. Penetro. Lá dentro? Budas, budinhos e budões, e mais um buda grande, do volume de tres homens, rodeado de mostradores onde estão, pequenos duma pollegada, chusmas inaleulaveis de budas.

Influenciado por Julio Ribeiro, tresli ha trinta annos nas leis de «Manu»; bramanicamente cogitei da terrivel sil-laba «Aun», chegando até a desconfiar de que filozofára a pretexto de sudras e em defeza do paria-tchandala. Estou pagando esses pecados.

Neste mundo o outro é exploradissimo. Decadente embora, o budismo explorador ainda tenta e arranja alguns negocios; não funciona improduttivamente como empreza reli-

gioza. O príncipe Arda-Chidi, seu fundador, também nasceu de virgem immaculada, e foi também tentado por demônios.

— Abundam as reliquias, apesar de proibidas pelos ortodoxos. Nellas enxertadas, mas transparente allusão á «mãe do divino» (anterior á propria civilização de Creta), vejo uma «Nossa Senhora» com um cristinho esverdeado, contrafeito. Tolice maior: na primeira sala, curvando-se para reconhecer quem chega, estão um Confúcio desdentado e uma Siva muito encardida. E toda essa salada teológica sem um catalogo que dezatrapalhe a curiosidade! Apenas, grudada, pode ser lida em alguns objetos a declaração de terem vindo da colleção Stoclet ou da colleção Kann: o que me adeanta tanto como si me fizesse andar para trás.

Venço escadinha impertinente. Mostram-se praticleiras pejadas de garrafas verdazues, verdeclaras e verdescuras: ingerencia da floresta indiana nas crenças e na arte falha do ariano primitivo? Emprego meia hora mais, vendo coisas que eu já conhecia e reparando noutras que já lêra. Desço. Sento-me perto do Budagrande, e pergunto-lhe com a mais meditada das pachorras:

— Que fizeste, Sidarta - Gontama - Çaquíámuni, que fizeste, que fizeste, Buda-Chedi, do immenso poderio que a condescendencia humana te concedeu? Em que contribuíste para o acrescentamento da intelligencia na face da terra? Onde a tua astronomia? Onde a tua geometria? Onde o desdobramento da tua industria e dos teus titulos de credito na escrituração do progresso? Que fizeste para a autonomia do individuo? Que, para a hygiene das populações que te acolheram as doutrinas? Tcu nome não aparece na bussola, na imprensa, na construção naval, na electricidade. Pezada é a tua arquitetura. Paralitica de pernas, inerte nos braços, tua escultura avilta o gosto e entontecce a arte. Tua pintura é insensata. Nunca foi ouvida a tua oratoria.

Como reacção, foste inferior ao poder que derribaste. Tua liturgia é venal. Tua metafizica é desvairada: accitaste as transmigrações bramánicas para as conduzir ao não-ser; substituíste o deus-uno, o deus-creator, por um deus-força, por um deus-motor a influir na natureza vizível, que ora afirmas e ora negas! Produziste o monaquismo, a penitencia, a apatia.

De cantor de Sacuntala, o maior poeta da tua raça, só se salva para a gloria da imaginação humana o que buscou inspiração nos vestigios da filozofia que combateste.

Da condemnação no grau maximo das penas estabele-

cidas pela critica historica só te livra a circumstancia atenuante de não haveres, como tuas irmãs do ocidente, incluívé a mexicana, solidificado o militarismo, dilatando por seculos o sacrificio de vitimas humanas.

Grande zero! Zero podre. Dezinfeta, com a tua auzencia, a normalidade da civilização. Rumo ao nada, grande zero!

No Parque Monceau — Abril, 16

— Corrigindo a meteorologia oficial, o sol está aquecendo Paris. Busco o «Parque Monceau». Brotos lhe embellezam as arvores. Expande-se a natureza. Centenas de crianças, gordas, correndo, rindo. Muitos berços. Muitas mães. Como a franceza tem sido calumniada! Grupos de meninos, em exercicios fortes, encetam amizades que, algumas, escapando á ruindade da sorte, lhes constituirão na velhice um dos maiores prazeres. Recordar tambem é viver.

Conversando com um operario cuja perspicacia me agradara, e pensando ambos no espetaculo que nos deleitava, comecei a ver uma França que eu ignorava mas dezeitava: uma França firme, futuroza, com a especie em marcha e o porvir em preparo.

Na Bolsa do Trabalho — Abril, 16

— Funciona este directorio socialista, aqui perto do Hotel Moderno, em solido e vasto edificio que o governo facilitou ao operariado defronte dum bom quartel onde ninguém se queixa de falta de armas embaladas. Nas ruas proximas ha enxertos de espionagem.

Fiz-me compreendido. O segundo companheiro a quem me dirigi atravessou commigo divizões e subdivizões, salas de grandes assembléas, e pequena de grandes deliberações.

— Prepara-se uma «grève»; ha outra, na Belgica, em regular andamento. Tudo coordenado; tudo sem motim, sem derramamento de sangue. Evidentemente o operariado é a ordem. Evidentemente o operario é o mais competente gestor dos seus direitos, dos seus deveres, dos seus interesses, dos direitos, dos deveres, dos interesses da maioria social, portanto. No Brazil, sei-o praticamente, nem um operario contribuiu para o esfacelamento das finanças nacionaes. Podem allegar essa innocencia os politicos, que só julgam illicito o que lhes não traz lucro?



Escola Classica do sacco do Alferes

— E' loucura ir a «Folies Dramatiques». Pratiquei-a, impellido pelo dezejo de decifrar os tres pontos de interrogação que integravam o annuncio da «Virgem Insultada» de André Manprey.

O panno de boca é vermelho, vermelhas as trezentas, e tantas cadeiras da platéa, vermelha de bluzas a artista que inaugura o papel de Rigoleta, e pela cor vermelha termina o drama com o assassinato do commissario Cochonillo. Praticado perante duzentos e muitos espectadores. facultou-lhes esse terrivel crime a decizão de cazar a ingenua Luiza com o advogado Breguet que lhe jurara amor eterno no começo do terceiro ato: terceiro e ultimo, o que impede o matrimonial, que logicamente se deveria efetuar no quarto.

Plena arte dramatica do bairro da Saude. Quantas saudades me dezencavou a «Virgem Insultada!» Fui numero essencial, em Janeiro de 1875, em Tatuhy, na inauguração do teatro. Fui orador official, tendo como ajudante na eloquencia o ajudante farmaceutico Caneiros Bastos. Discorri com ardor; uma allusão a Palma ia motivando delirio no auditorio. Palmeado o meu discurso, um caboclo, Fabiano de nome, abraçando-me, assim me felicitou: «Vossa senhoria quando fala parece um cavallo parelheiro.»

— A' porta, indiferentes ao sacrificio de Cochonillo, dois soldados muito altos e largos, reencontrados, trocavam amabilidades. Indago-me: para que quer a França soldados grandes? Na guerra moderna, quando o corpo a corpo mais raro se torna, o menor alvo mais probabilitiza a vitoria. Menor que o russo, bateu-o o japonéz.

Metaphisica — Abril, 17

— Excursionista, percorro a «Galeria Lafayette», o «Bon Marché», a «Belle-Jardinière». Centenas de carros entregando encomendas. Empregados aos bandos. Boliço e reboliço. Roupa, muita roupa, para todos os tamanhos, todas as cores, todos os feitios; tudo quanto se imaginar para tapar o corpo, limpa-lo, corta-lo, raspa-lo, auxilia-lo, prepara-lo. Botinas, canivetes, papel de carta, tezoura, sedas, velludos, chitas, guardanapos, morim, vestidos de cauda, romances de Rosni, fosforos, relogios, panellas, cadeiras de balanço, camizas, ventozas, meias, lenços, chapéus, perfumarias, fro-nhas, chinellos, estatuetas, cintos, toalhas, lapis, barbante,

gravatas, joias, rolhas, escovas, bengalas, calices: tudo o que ha ou possa haver, ha e haverá nessas trez casas. Quanto ao enroupamento uma pessoa núa pode, em meia hora, alli se vestir para a vida inteira.

Progresso! Do pitecantropo, aproveitador do couro do irracional para se vestir contra o frio, ao pelintra que prova e não paga um terno de roupa por quinzena, que distancia!

— «Felix Potin»: comida á qualquer hora para todas as fomes, para todos os preços, para todas as gulas, para todos os paladares, para todos os fastios. Carnes e mais carnes. Ovos aos milhares. Massas, conservas, quicijos; montanhas de pão; vinhos e aguas mineraes em quantidade para afogar o olcitorado opozicionista do Cubatão; verduras, doces, frutas, comidas frias...

Ningum melhor que Apuleio expoz o sistema da alma do mundo. Faltou, porém, ao retorico um «Felix Potin» que lhe encaminhasse o estudo comparativo do microcosmo com o grande todo.

Aquella multidão que, pezando e pagando alimentos, adur parece comprar materia prima para dejeções, está realmente apromptando em cada individuo esse calor central cuja differença de gradação com a atmosfera determina, no corpo humano o aparecimento da pcle. Identico processo produziu na crosta do planeta, o fenomeno da vegetação.

E da vegetação tira o homem o melhor dos seus alimentos, entre os quaes é sempre conveniente dezinhar as batatas. Reciprocamente filiadas, eternamente unidas: a civilização e as batatas!

.....

Abril, 18

— Caça-me o filho dum politiqueiro do antigo 5.º distrito da provincia de S. Paulo. Relata-me coizas reservadas para mim e para o publico. Ouço-o assim como quem conversa com uma prima velha: escuto-o pensando noutras coizas: na valentia dos bulgaros, no exercicio illegal da medicina, na regularização do serviço domestico, etc.

Tempo é capital que não volta. Na minha idade, um dia perdido é um dezastre.

.....

Pena de morte — Abril, 19

— Lecombe, endereçado á guilhotina, trepou ao telhado da prisão, lutou contra os soldados a tiros de telha,

fe-los recuar, e, cabeça abaixo, atirou-se sobre o lagedo. Morreu como um bravo.

— Repugnantes, as particularidades dos cinco guilhotinamentos, hoje demanhã em Versailles. Porque não cloroformizam a vítima? Porque lhe não evitam o secular minuto do terror? Ha, na Allemanha, o degollamento a machado; fôra mais clemente o acido prussico. Na China ha o martirio da gota d'agua; mais generosamente rapido seria cravar um alfinete no ouvido do condemnado.

Este capitulo do direito de punir (?) tem, no Brazil, uma originalidade atroz. Durante o longo reinado de Pedro II havia, de direito, a pena de morte, mas de fato a sua revogação. Veiu a Republica; revogou de direito a pena de morte, restabelecendo-a porém de fato.

No Paraná, em S. Catarina e Rio Grande do Sul, ha poucos annos, com apoio de republicanos eminentes, os fuzilamentos se normalizaram. Nelles perdi tres amigos: Batovy, Serro Azul e, intimo este, dr. Alfredo de Paula Freitas. Relatava o coronel Moreira Cezar que, na chave combinada com o marechal Floriano Peixoto, a fraze «ponha em logar seguro» significava ordem de fuzilamento. Um dos executores da pena de morte, o general Ewerton Quadros, era espirita fanatico.

Socialismo — Abril, 20

— Volto á «Bolsa de Trabalho». Fica-lhe á vista, obeza, a estatua da «Republica», em cujos baixorelevos, aliás minuciozos de cronologia, faltam duas certidões de obito: 18 Brumario de 1799 e 2 de Dezembro de 1851.

— O momento operario justifica a dezuzada concorrência. Em Berlim o dezassombro de Liebknecht denuncia estar a caza Krupp, a maior contribuinte dos cemiterios no ultimo seculo, comprando deputados para manter agitações e renovar armamentos. Na Belgica o proletariado reclama acrescimo de direitos politicos, decide paralização de trabalhos, regulariza a distribuição de alimento ás crianças e aos hospitaes, collabora em summa na direcção social.

— Expliquei como pude a realidade do cazo brasileiro. Filha duma metropole em decadencia; mescla de indio, etiope, e cauçazeo predominante; sem aristocracia legalizada e sem indole para suporta-la; com a tendencia democratica facilitada desde o fracasso da tentativa feudal em 1532-49: estava a nação brasileira, praticamente, adeante da França

e da Italia em desenvolvimento socialista. Esclareci: tanto á estupidez da nossa policia, parceira de roletistas, perseguidora de operarios e ladra habitual do seu mobiliario, como ao erro sindicalista num paiz sem classes, onde patrão e criados têm o mesmo prato, o mesmo medico e quazi a mesma roupa, e onde afinal de contas todos são operarios. Deve o Brazil o relativo atrazo em que se acha quanto á solução legal do problema do quarto estado.

Em S. Paulo (acrescentei referindo-me ao meio nacional que mais conheço), onde infelizmente a tontice dos delegados policiaes os convenceu de que, só elles, representam a sociedade inteira, já se não trata propriamente duma incorporação do proletariado, mas de razoavel regulamentação do trabalho e do exercicio do capital: do direito que a esses dois contendores equitativamente assiste.

Seis mezes de estudada propaganda, um anno de reciproca tolerancia, acentuei, e á contento geral encerraremos no Brazil a, aqui, perigozissima contenda.

Amizade. Precocidade. Bestialidade — Abril, 21

— Quem tem muitos amigos não tem nem um. Quem tem um amigo é rico; quem tem quatro é opulento; quem acredita ter mais é tolo.

— Izidoro Haas. Vizito-lhe a sepultura. Depois de pais e espoza era cu a pessoa que elle mais estimava; meu coração sempre lhe pagou capital e juros dessa divida. Encontramo-nos, acazo feliz!, em estrada no interior paulista, e de momento começámos trinta e sete annos de amizade intima, de franqueza, de confiança, de preocupação reciproca, de lealdade permanente.

Amizade corajosa! Em 1884, no terror subserviente, foi Izidoro a unica pessoa que se animou a ir á estação férrea esperar minha familia que viera por terra enquanto eu, que a bordo não cnjoo, vinha por mar enjoando os outros. Na prizão, debaixo do travesseiro, encontrei bilhete de Izidoro: soubera antecipadamente do meu quarto e dos meus guardas... Duas são as classes de amigos: os meus amigos e os amigos do meu. Izidoro pertencia á primeira.

— Roberto Haas: nove annos; voz, ao mesmo tempo, estridente e agradável; diz cançonetas com intelligencia espertissima.

Constante, mas injusta, é a ironia contra as precocidades. Raras vezes, é certo, os meninos prodigios pagam



em merito os encomios recebidos na infancia. Sobrepujam-nos mais tarde, quazi sempre, os innotados; sofreram insuccesso, nos exames para admissao, Tolstoi, Prevost-Paradol, Sarcey, Taine, Brunetiere, Claude Bernard: e ninguem lhes vaticinava as culminancias a que atingiram!

Não sei, porém, de precocidade que tenha falhado completamente. Explicavel: deziqulibrio, anormalidade, só excepcionalmente poderá o precoce progredir: em regra, ou morre ou muda. Heinechen, que aos tres annos conhecia latim, francez, historia, geografia e o Pentateuco, só viveu um anno mais, ao passo que o sr. Jorge Tebiriçá, agronomo suiso, promete vida longa.

A turma dos precoces opõe-se a dos pasmados. Esses, sim, quaesquer que sejam as circumstancias, correspondem sempre ás promessas de sua juventude e á expectativa dos de sua geração. Um pouco menos palerma, um pouco mais pateta, não varia o pasmado, de insignificancia e de rumo. Em todas as questões, deciziva, a ignorancia lhe serve de leme, e de bussola a atrapalhação.

Roberto, a precocidade que cauzou esta nota, é brasileiro paraense, neto de francez alsaciano. Melhor: é o primeiro estudante de sua classe.

— Num bonde. Tenho o prazer dum sinistrinho. Automovel aristocratico recebe um esbarro. Forma-se ajuntamento. Soldados tomam notas. Aproveitando o alvoroço, uma mulher procura viajar sem bilhete. Debate. Chocam-se opiniões. Intervenho citando o verso da Eneida

Scinditur incertum studia in contraria vulgus;

ninguem me dá e ao mantuano importancia; dou-a eu á mulher pagando-lhe a da passagem. Desço. Vejo grupo de curiosos. Um hercules de feira parte correntes e levanta pesos descommunaes, discursando não receber senão um soldo de espectador que o queira favorecer. Deixo dissimuladamente cair no tapete vinte francos. Imperturbavel, recolhe-os o hercules proseguindo nos seus exercicios

Duas despezas inuteis. Duas bestialidades no meu passeio. Eu seria o mais millionario dos brasileiros si só houvesse despendido 9\$500 todas as vezes que tive em mãos uma nota de 10\$000.

Abril, 22

— Expõe-se a perder tempo quem vai a exposições de segunda ordem. Na de humorismo, rua La-Boetie,



apenas Pièrre Stephen lembra as minuciozidades engraçadas de Bordallo Pinheiro. O muito caro J. Remandat desta vez conseguiu, por haver concedido ao lombo dos porcos a fôrma de bochechas femininas, evitar o descazo publico; prevenido, eu já sabia que o talento desse artista pertencia á familia do impossivel!

Salva-se, salvando-se duma impressão funeraria, a pequena e sofrivel exhibição de tapetes turcos.

Graçola: no subsolo, com o distico «Expozição Universal, de 1913», numa sala dividida por grades baixas, estavam quatro pares de botinas sob o titulo «Seção de transportes», e, sob o de «Instrucção Publica», uma pedra de ardozia, dois lapis, tres canetas e quatro livros velhos.

Chantilly — Abril, 23

— Partilhei com o intelligente dr. José Virgilio Cardozo o convite de d. Luiz para uma vizita a Chantilly, o mais regular dos muzeus francezes e prezente da familia Orleans á terra que os desterrou.

Tudo delicado e ordenado. Magnificante, o trisecular mobiliario. Reunião dessa simplicidade e gosto que, a datar do seculo XVI, intentou em França tal qual reacção contra a Renascença, Chantilly, antiga propriedade de intellectuaes, si inferior a Fontainebleau em valor artistico, vizivelmente superior lhe é em organização, em classificação sobretudoo.

Um pouco enfermo, guia-nos o principe com pacientissimas informações. Não o achou em falha qualquer das nossas perguntas. Discutia, ensinava, elucidava. Dava-nos prazer tanta intellectualidade num patricio. D. Luiz é a maior reserva da patria. Sabe do Brazil tudo o que os seus perseguidores ignoram.

— Venho preparado. Marquei de vespera, mais ou menos, o que devia admirar. Vou á «Capella», obra de talhe, artisticamente ennobrecida por esplendido altar em marmore; fica-lhe atrás a urna que contém o coração dos Condés. Na livraria, treze mil volumes, illude-me, como a todos, a porta estreita da entrada. De madeira mas muito bem fingidas, obras de Eunnio, Annibal e Silla, perdidas lamentavelmente. De 1534, uma rarissima e conservada edição das «Antiguidades Judaicas», de Jozefus, me esgravata a inveja com incentivos de furto.

Na sala das batalhas, «Galeria do Principe», o esma-

gamento da infantaria espanhola em Rocroi apropria-se-me do elogio, mal podendo saltitar minha memoria na variedade de telas que a confundem. Entre os esmaltes de Leonardo de Limouzin sobresae o tipo simpatico da duqueza de Montpensier. A «Napolitana Chorando», de Robert, é duma tal veracidade que harmoniza a gente com o pezar alheio. Na sena dos «Dois Foscari», parece, estamos a ler o trecho do bardo inglez no colorido anhelante de Delacroix. Na «Joanna d'Arc», de Chapu, os braços chamam, o collo apaixona como que reclamando um collar de beijos. Pela abundancia de idéas, surpreende a «Surpreza» de de-Gruze, o celebre pintor de crianças: é de enfeitçar a menina olhando ao longe, receioza sem medo, curioza sem espanto.

Limitada, valioza sem ser estupenda, a colleção numismatica. Não me demoro examinando-a. Apressa-me o ultimo, e melhor, dos meus apontamentos. Já minhas conhecidas de divulgada copia, eram as «Tres Graças». Original, o quadro? Sim. Afirmam os competentes: insistindo no trabalho, o proprio Rafael deliberou aumental-o.

Si me não chamam, fico aqui a olhar, a comparar as tres deidades, á espera de adjetivos que lhes traduzam as perfeições. Mais as olho, mais as comparo, mais dou preferencia... ás tres.

.....
(Continúa)

MARTIM FRANCISCO





GRAMMATICA VIVA...

De como se formam locuções familiares.

Itaóca é uma grande família com presumpção a cidade, entalada entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no lugar onde o demo perdeu as botas. Tão insulada vive do resto do mundo que escapam á compreensão dos forasteiros recém-chegados muitas palavras e locuções de uso não só corrente como diário. Entre ellas esta, que seriamente impressionou um grammático em transito por ali: Maria, da cá o pito!

Usada em sentido pejorativo, para expressar decepção ou pouco caso, e applicada ao proprio grammatico mal descobriram que elle era apenas isso e não influencia politica como o suppunham, descreve-se aqui o facto que lhe deu origem. E pede-se perdão aos grammaticões de verdade pelo crime de introduzir a anecdota na tão sisuda e circumspecta sciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

* * *

O reverendo tomou do estojo os velhos oculos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal, e leu pausadamente

a carta do compadre, que dava notícias da saúde, pedias, e communicava a proxima «ida para ahi do doutor Emmerencio do Val, nosso ex-ministro em Vienna d'Austria, homem de muito saber e distincção de maneirãs, um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta republica que etc. etc.» em viagem de recreio pelo interior a matar saudades do paiz.



O reverendo coçou o toitiço com dedos sornas, e releu a carta demorando o pensamento nas palavras que pintavam o alto figurão itinerante em via de honral-o com a sua nobre presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, boa sécca á pacatez glacial do seu viver abbaciaal, repartido entre mis-sinhas de cinco mil reis (mais um frango), cachimbadas de

muito bom fumo de corda e os pitéus (senão ainda a ternura, como propalavam más linguas) da sua optima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Culpa toda sua, aliás. Quem lhe mandára a elle possuir a melhor casa de Itaóca e ser, modestia á parte, um homem de luzes ñotorias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d'outra feita hospedára um eloquente inspector agricola, e, logo depois, o tal sabio que colleccionava pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplomata agora... Ahn! a coisa variava.

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses «confortos e excellencias de vida que é d'habito nas grandes terras.»

Escripta a resposta foi o reverendo á cosinha confeccionar com a caseira acerca da hospedagem, e longamente confabularam sobre que pato seria sacrificado (si o patão de peito branco ou aquelle, mais novo, com que a viuva do João das Bichas lhe pagára a missa, a gaituna!); sobre a toalha de mesa e a roupa de cama; sobre o tratamento a dispensar — V. Excia., V. Senhoria; V. Diplomacia... Após longo bate-bocca, salpicado de injurias em calão e algum latim, asseñtaram no pato da missa, na tolha rendada e no V. Excia.

Combinados estes preliminares, uma nuvem de nostalgia ensombrou a casa nedia do reverendo. Os olhos, penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fumegava na mão.

Notou a Prequeté aquellas sombras, è:

— Acórda, boi sonso! A mó' que está hervado?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos annos durante a estadia do «empata»? Era educado.

Não queria impressionar mal a um homem de rara distincção de maneiras. E o pito, se é bom, é também plebeu, e mais que plebeu, chulo, Reconhecia-o, reconhecia-o... Entretanto tres, quatro dias — sabia lá a quantos iria a sécca? — de abstenção forçada, sem que a bocca sentisse o contacto bemaventurado do saboroso canudo amarello de sarro?... Doloroso!...

E o reverendo sorveu com delicia uma baforada macissa. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça no espaldar, semicerrados os olhos, semiaberta a bocca, deixou-se fumar gazosamente como uma piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas que remedio? O homem fôra diplomata, e em Vienna d'Austria! Confabulára com archidukes e cardeaes... Homem de requintes... Era forçoso transigir com o pito, o rico pito, aquelle amor de pito... Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo. Lá isso...

Dias depois nova carta annunciou que «o tal das Europas» amanhã de tarde repontaria por ali.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregaçou as mangas — braços a Machado de Assis tinha a morena! — e poz de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampião, matou o pato, e desfez com decoada cincoenta pingos de gemma d'ovo que constellavam a batina nova do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemmada! reguingou, entre reprehensiva e caçoista. Depois, relanceando-lhe o ofnar para o alto da cabeça,

— Chi! a corôa está que é uma tapéra! — exclamou. E, expedita, zás, zás, dá-lhe uma alimpa de tesoura.

— E o breviario? — interpella de súbito o padre.

Andava sumido ha tempos o raio do livro; procura que procura, foi descoberto, afinal, no quarto dos badulaques, feito calço d'uma commoda capenga. A Prequeté — maravilhosa caseira! — c'uma dedada de unto põe-n'ô escorreito e envernizadinho, a fingir com tanta perfeição uso diário que nem Deus desconfiaria da marosca.

— Que mais? — disse ao cabo, plantando-se a distancia para uma vista de conjuncto no seu restaurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo estivesse a contento,

— Está mesmo *pshütt!* concluiu, brejeira, borrifando-lhe por cima um chivilho d'agua Florida para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem amanhado como um conego de oleographia. Elle o reconheceu ao espelho, e nadando nas delicias daquelle carinho sem par — e muito agradavel a Deus, pois não! pois não! — sorria-se babosamente com a casa inteira.

— Esta diabinha!...

* * *

A arrumação conclusa, da corôa do padre á cosinha, postou-se Prequeté de vigia á janella, indagando os extremo da rua, enquanto o reverendo, lindo como no dia da primeira missa, passeava pela saleta chupando as deradeiras cachimbadas do dia. Subito.

— Evem vindo o *reis!* exclamou a atalaia.

O reverendo mëtteu o pito na gaveta, passou ã mão no breviario e rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava-o um cavalleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupana é de V. Excia. Sou o padre vigario, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que resabiado com tão respeitosa

acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem garbo, esquadão e reles, como ahi um pulha qualquer. Entrou. Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados, — quem o diria! — da parte do cortezão que conversára archiduques e cardeaes.



Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomatico. Houve cerimonias.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no physico desiludia. Em vez d'uma figura fina, de mûndano, sahira-lhes uma magrella de barba recrescida, roupa surrada; chambão e alvar. Emfim — pensou lá comsigo o reverendo — o habito não faz monje. Quem sabe sob estas apparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luz o espirito de um Talleyrand ou as manhas d'um Metternich?

Foram-se para a mesa. No decurso do jantar accentuou-se a desillusão. O homem comia com a faca, baforava no copo, chupava os dentes... Um puro alarve!

O reverendo observava-o por cima dos oculos, e piscava para a caseira, que, pela fresta da porta, torcia o nariz á pificia excellencia excursionista.

Ao trincar do pato, desastre. O doutor deixou cair ao chão um osso, que apanhou logo, muito encalistrado. Depois, ás voltas com uma aza do pálmipede, falseou-lhe a faca, resultando espirrar-lhe na cara um çhuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mofa, acompanhada de um mortificante:

— Ché!

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possivel que o Dr. Emmerencio do Val fosse um estupor daquêlles?

A' sobremesa caiu a conversa em politica e o doutor desmanchou-se em sandices typo quatro de boa torração. Enquanto asneava, o padre matutava lá comsigo:

— E eu com çerimonias, e eu com bobices, querendo até privar-me do pito por amôr dum Zé-faz-fôrmas destes! Fumo-lhe nas ventas e já!

Nisto veiu o café. Enquanto o injerein o doutor entra a discorrer de remedios, pharmacias e projecto de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o enigma, deteve a chicara no ar.

— Mas, então, o senhor...

— Sou pharmaceutico, e venho estudar a localidade; a ver se é possivel montar aqui uma botica. Portei em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

— Então não é o Dr. Emmerencio, o diplomata?

— Não tenho diploma, não senhor, sou pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu na cara sorrisos de beatitude; depois, desabotoando sem pressa a batina, atirou com os pés para cima da mesa, expelliu um succulento arrôto de bemaventurança e berrou para dentro:

— Maria, dá cá o pito!

MONTEIRO LOBATO



PALAVRAS AO CÉU

Cultor apaixonado do Verso, que entende como uma arte serena e pura, o Pe. Lindolpho Esteves, si bem que pouco conhecido, é um dos nossos grandes poetas. Dizem-n'o bem estas composições, tiradas ao acaso de seu livro «EXILIO», a ser publicado proximoamente.

*Céu, bello céu azul
das aquarellas limpidas e calmas,
suave região de amor ampla e longinqua,
onde se abrem os olhos dos que sonham...
Pelas manhãs, sorrindo sobre as arvores,
na encenação fugaz d'uma paisagem,
lembras o longo véu, no ar ondulado,
que deixa para traz linda amazona...*

*Porém quando anoitece,
e de fulgidos astros te povoas,
— europeis que te enfeitam qual ao manto
de velludo cahindo sobre os hombros
maguados de uma Virgem Dolorosa —
O' bello céu, como tão bem imltas
alguem, que conhecendo as nossas maguas,
num pranto, enche de luz nossas cabeças...*

*Agora é que compreendo
por que, por toda a terra, os infelizes
mortaes erguem os olhos, procurando
consolo para todas as angustias...
E sei por que, na solidão das noites
esquecidos de tudo, andando aos pares,
silentes, de olhos cheios de ternura,
os amantes, olhando-te, suspiram...*

*Nessas horas os poetas,
como as aguias reaes, alçam o vôo
nas azas da illusão, em ti buscando,
a suspirada patria das chimeras,
e, extase, pairando sobre o mundo,
correm atraz dessa dourada espuma
de sonhos, a fluctuar na Via-Lactea,
como n'um rio eterno e silencioso...*

*A! fui assim outrora...
Eu era poeta e não fazia versos
e, como elles, sonhando erguia os olhos
para entender tuas estrophes de ouro ...
A! quantas cousas ternas solletrava
nessas velhas estrellas, sempre novas,
que me alheivavam deste mundo torpe,
mas que povoavam de illusões meu ermo ...*

*A minha alma era um lago,
— pupilla azul ingenuamente aberta —
refulgente de dia aos teus encantos
e, de noite, espelhando os teus thesouros.
Que me importava que tu fosses vasto
si o mesquinho pedaço que eu possuia
de céu, a palpar-me dentro da alma,
pela illusão, valia um céu inteiro...*

*Infelizmente, agora,
ao meu olhar o teu azul injindo,*



*pelas manhãs de sol, evoca apenas
um bem que eu desejei e nunca tive...
E por sobre a minha alma revôltada,
como a envolver-a n'uma sombra ardente,
fluctua a mesma escuridão vasia
das tuas longas noites sem estrellas...*

*Porque me offereceste
um seio azul ridente de esperanças,
— esplendida mansão propicia ao sonho —
qual a mãe que offerece o seio ao filho?
Agora, como quem adormecendo
n'um jardim e accordasse n'um deserto,
eu sei que o teu azul todo era eugano
e todo o teu sorrizo, uma mentira...*

*Céu, bello céu azul
das aquarellas limpidas e calmas,
á noite, todo constellado de astros...
Em vão te peço a inspiração antiga;
Não me redouras mais a debil fronte;
e, da minha vigilia, apenas ficam
uns pobres versos que niuquem comprehende,
como amargos despojos dos meus sonhos...*

OS ELEPHANTES

(Lecnte de Lisle)

A Luiz Augusto de Campos

*Como um mar, cuja praia a vista não descobre,
muda e presa nò leito, arde a areia infinita;
enche todo o horizonte um vapor cor de cobre
do lado da região que a turba humana habita.*

*Nem vida nem rumor. Fugindo ao céu que abaja,
o leão, farto, procura a mais longinqua jurna;
sob os tamarindaes, vem beber a girafa
na mesma fonte azul da panthera nocturna.*

*Na espessura do ar, onde o sol rubro circula,
nem uma ave sequer passa batendo as azas;
às vezes, na modorra, uma serpente ondula
as escamas que á luz scintillam como brazas.*

*Queda-se immoto o espaço e dorne tudo. A prumo
cae de cima o calor. E lentos, mas despertos,
os elephantes vêm caminhando no 'rumo
que os leva ao ermo natal, atravez dos desertos.*

*De um ponto do horizonte, elles vêm levantando
o pó, que sóbe ao céu em vermelhas columnas;
vê-se que para não sahir da róta, o bando
desmorona, com os pés, as areias das dunas.*

*A' frente, o velho `chefe arrasta a mole obesa
que é como um tronco rude e gasto ao temporal;
bamboleia a cabeça e ao caminhar retesa
o enorme corpanzil, sob a espinha dorsal.*

*Sem apressar a marcha ou detel-a á preguiça,
o bando inteiro segue envolto em pó vermelho,
fazendo, sobre a areia ardente e movediça,
fundos sulcos atraz do elephante mais velho.*

*Trazem a orelha em leque e os olhos em torpor,
e, entre as presas, a tromba. Os vapores infectos,
subindo-lhes do ventre alagado de suor,
toldam o ar incendiado e coalhado de insectos.*

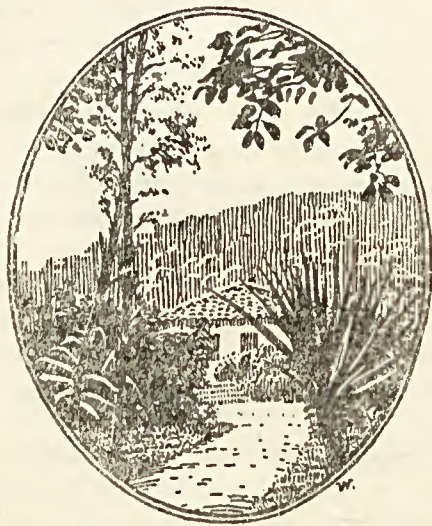
*Pouco importam a mosca atroz, a sede, a fome
e o sol que lhes caustica o dorso em chaga viva,
si elles vão a pensar nessa região sem nome,
mas que servio de berço á raça primitiva...*

*De novo elles vão ver òs rios è as cachoeiras
que o hypopotamo busca, ao sol, para nadar;
e onde vinham beber, esmagando nas beiras
os juncos, sob os pés, á branca luz do luar.*

*E assim lentos, mas sem que nada os amedronte,
investem pelo areal, a sonhal-a mais perto...
E a linha negra ondeia e some no horizonte,
deixando para traz, immovel, o deserto...*

LINDOLPHO ESTEVES

(do «Exilio»)





ILLUSÃO AMERICANA

O Monroismo está em jôco, e ainda bem que está em jôco... Estudando-o sob um dos seus mais interessantes aspectos o sr. Fernando de Azevedo analisa aqui as illusões heroicas de Cuba e do Mexico, e bem assim as nossas ineffaveis illusões sentimentaes, em face da politica imperialista de Tio Sam.

ILLUSÕES HEROICAS — Cuba e Mexico - Estados Unidos.

A proposito da drenagem dos titulos brasileiros do mercado europeu para as praças «yankces», tem vindo á baila a doutrina do monroismo, que a Liga das Nações, em sua segunda edição, consagrou, e que na sua extensão abusiva pretende que a solidariedade dos Estados americanos implique para a grande nação da Norte America um direito de «contrôle» geral e de hegemonia, arvorando esse paiz em «Dom Quichote do novo mundo». O que não seria apenas uma politica degradante para os nossos brios, mas visivelmente ameaçadora de nossos credits, porque, isolando por assim dizer a America da Europa, quando «a America não é dos Americanos, mas sim da humanidade», teria a doutrina por fim, tornando o mundo novo o mais possivel independente e separado do antigo, alcançar por esta insustentavel autonomia juridica, o complemento de uma autonomia economica em beneficio exclusivo do despotismo da plutocracia americana.

Mas esta grita patriótica levantada contra o fetichis-

mo da politica de approximação americana — á qual se ergue no Itamaraty um santuario, com um sacerdocio diplomatico a dedicar-lhe as ultimas escorralhas de incenso, e se sacrifica, com a autonomia de nossa politica externa, um pouco de nossa dignidade e intelligencia — levou-nos a uma injustiça flagrante contra o Mexico e Cuba, cuja situação nos sacódem aos olhos como um abantêsma para a imprevidencia e para o sentimentalismo da politica indigena.

Por serem de facto as consequencias, a que de certo nos arrastaria a nossa politica externa, eguaes ás que Cuba e Mexico já soffreram ou ás que os ameaçam, seria pecar por nimia benevolencia para comnosco pôr no mesmo pé de egualdade com a nossa orientação diplomatica, como se egualmente fossem attentatorios á dignidade nacional, os acontecimentos politicos de que provieram a retalhação do territorio mexicano e a «capitis diminutio» da soberania de Cuba.

O que é certo é que da parte d'estes dous paizes a historia de suas desgraças se justifica e se illumina de illusões heroicas, por cuja esteira luminosa mareáram, aquella ilha no aneio de sacudir o jugo hispanico, e este paiz, na lucta épica sustentada por seu elemento sadio, em defeza da independencia contra partidos espurios, em revoltas custeadas e habilmente manobradas, em proveito proprio, pela insólita diplomacia da Casa Branca.

O erro da politica mexicana — politica mascula e tempestuosa — outro não tem sido senão desconhecer a missão, que se arrogou a America do Norte de intervir em seus negocios, e occupar uma posição superior aos outros estados e portanto ao estado visinho, cujos pruridos de independencia e arranques de altivez, como já lhe haviam custado a perda do territorio e sangrentas luctas internas, lhe tem valido por parte dos Estados Unidos esta ignobil campanha de diffamação systematicamente organizada, pela qual, aos olhos nos desenrolam palpitan-tes em seus films de arte rara essas scenas de cannibalismo, retratando-nos o Mexico de perfil, para maldosamente nos deixarem á imaginação mal informada pelo seu telegrapho a construcção de uma região salpicada de sangue e afogada na selvajeria...

No emtanto este Mexico, em cuja politica interna ora surrateira ora ostensivamente tem intervindo os Estados Unidos, retalhando-a em partidos e bandos para melhor a dominarem, segundo o velho lemma do «*Divide, ut im-*



peres»; este Mexico, cuja ferocidade, a nos basearmos nos informes americanos, levaria ás lampas a barbaria do imperio romano, este Mexico, com seus homens de faca e calháu e de caras de arremetter, já era desde o governo de Porphyrio Dias, como em 1896 notava o *Harper's Magazine*, a nação rica e prospera, em que «a vida, a propriedade e os direitos civis tinham uma garantia absoluta, *tornando-se* (são palavras dignas de registo) *o paiz mais seguro de toda a America*».

Ao Mexico descrevem-no os Estados Unidos, a côres negras, pintam-no barbaro, porque o vêm rebelde e quasi invencivel; desacreditam-no, porque soube elle ter peito ás ameaças, quando lhes tomaram o pulso á indomavel energia; diffamam-no, porque é preciso fazer passar em julgado «seu banditismo» e crear um ambiente internacional adequado a futuras expansões de uma politica imperialista; vilipendiam-no emfim, pelo telegrapho e pelo film, para lançarem poeira aos olhos pasmos das outras nações americanas. para as quaes ensaia o passo o «Dom Quichote do novo mundo», a quem era inevitavel cortejasse emfim alguma «república de Sancho Pansa».

A sorte do Mexico, que reage fazendo-se temido, é, pois, bem preferivel a de um paiz, qual o nosso, onde, como nos tempos de Nero, em que (no dizer de Tacito) *inertia pro sapiencia fuit*, a inercia passou por sabedoria, a covardia por prudencia, a bajulação por diplomacia. As «illusões heroicas» de suas luctas internas merecem os loiros, que não se regateiam á virtude infeliz, e são tão nobres como o objectivo alvejado pelos insurrectos cubanos no seu movimento justificavel de approximação do governo americano, cujo auxilio agenciaram; movimento nobre, pelo sentimento de independencia que o inspirou, quando lhes não bastavam as forças, que lhes dava o desespero, para vencer, e se lhes inflamava a confiança n'um paiz, de que não tinham a receiar maior mal do que padeciam. O espirito tyrannico e dominador, com que a Hespanha pretendia abafar a insurreição em Cuba, pelo general Weyler, e nas Philippinas por Blanco e Polavieja, deu ensanchas á intervenção dos Estados Unidos n'esta guerra, na qual a opinião publica americana, não contente de sympathica e abertamente tomar partido pelos revolucionarios, reclamava do governo federal, a favor d'estes, a intervenção effectiva, que não se realizou logo no governo de Cleveland, não só porque se oppunha o presidente ás tendencias *chauvinistas* de certos americanos, como

tambem porque, apesar de votos expressos do Congresso mandando considerar os insurrectos como belligerantes, não queria arriscar-se, em fins já do governo, aos azares de uma guerra com a Hespanha.

De resto, por um lado o thesouro já exgottado a este tempo pela crise do credito publico, devido não só á plethora do metal branco e, logo depois, do metal amarello, como tambem ao receio da *free conage* d'este metal: e de outro lado a lueta eleitoral em 96 entre Bryand, que desfraldava a bandeira do *soft money*, e Mac-Kinley, que se propunha a restaurar os valores americanos com o *sound money*, quando aggravaria aquella medida, e esta manteria a crise monetaria, haviam estes factos de retardar forçosamente, para depois da victoria do *mac-kinleismo*, a intervenção dos Estados Unidos em favor dos insurrectos na guerra cubana.

Em favor dos insurrectos, na apparencia; e, de verdade, em favor dos grandes interessês, que emergiriam do protectorado da pequena republica a uascer, á sombra do monroismo, da inhabilidade da Hespanha, que no protocollo preliminar da paz se compromettia a abrir mão dos direitos sobre Cuba, á cessão de Porto Rico, das Antilhas Hespanholas e de Manilha, ficando entregue ao tratado de paz a sorte das Philippinas, que com igual ardor propugnavam sua independencia.

A attitude de Washington, rompendo relações com Madrid, sob o pretexto de libertar os cubanos das crueldades dos generaes hespanhoes, e de defender na grande Antilha os interesses dos americanos, a que adviessem prejuizos das peripecias da insurreição, lembra-me a resposta feliz, que a Palmerston deu um dia o grande Gladstone, cuja politica exterior aliás foi por vezes impopular pelas tendencias ao imperialismo, por elle atacado ao principio de sua carreira.

Discutia-se a questão do judeu Pacifico, cuja nacionalidade britannica se reputava duvidosa, quando o *Foreign Secretary*, para cohonestar o bloqueio dos portos da Grecia, dizia n'um discurso celebre, que «da mesma maneira que outr'ora o cidadão romano se julgava ao abrigo de toda a injustiça, quando podia dizer: *Civis romanus sum*. devia tambem o cidadão inglez, onde quer que estivesse, ter a certeza de que o olho vigilante e o braço vigoroso da Inglaterra saberia protegel-o contra a injustiça». Gladstone, n'um discurso não menos celebre, a que Palmerston chamou «discurso de mestre», revidou dando-lhe um qui-



náu sobre a egualdade das nações e o principio de sua soberania:

«Que era um cidadão romano? Era membro de uma casta privilegiada; fazia parte de uma raça conquistadora, de uma nação, que trazia todos os outros povos acorrentados pela força de seu poder. Para elle era preciso um systema excepcional de leis; para elle deviam ser reivindicados principios, que se recusassem a todo o mundo. E' este o conceito que faz o nobre lord das relações que devem existir entre a Inglaterra e os outros paizes? Pretende elle reclamar para nós o direito de occupar uma posição eminente a respeito das outras nações? E' claro que elle adopta em parte esta ideia van de que nós temos a missão de censurar o vicio e a loucura, os abusos e as imperfeições nas outras regiões do mundo.»

Ora não é este conceito que faz a America do Norte das relações entre ella e as outras nações do continente americano? O que o monroismo na guerra de Cuba e nas luctas contra o Mexico reclamou não é exactamente este direito de occupar uma posição preeminente a respeito das outras nações? Não se têm os Estados Unidos arrogado a missão biblica de governar as Americas, e talvez o mundo, de censurar os abusos e os vicios alheios? e não pensam muito naturalmente que aquelles que hesitam em reconhecer sua missão, não pódem ser impellidos senão por intenções hostis ou pela animosidade pessoal, e que neste caso devem ser logo, por parte de sua diplomacia, objecto de uma guerra conquistadora?

* * *

ILLUSÕES LYRICAS — Ytamaraty - Casa Branca.

A's «illusões heroicas» da guerra de Cuba e da politica do Mexico se contrapõem porém, as «illusões lyricas» da diplomacia brasileira, rebaixada a satellite em torno de um paiz, cuja população eponyma não pertence, como a nossa, ao tronco latino; que tem uma ethnologia, um ideal, uma religião e um temperamento diversos, e cuja insolencia, avivada por um egoismo sombrio e por preconceitos cegos nos deveria levar a uma politica antes vigilante do que accomodatícia.

O perigo do despotismo economico se esboça em toda sua nitidez, nos horizontes internacionaes, como um corollario da supremacia commercial do americano, ao qual a situação geographica e seu character nacional asseguram uma esmagadora superioridade sobre os outros povos da America; a que aliás não faltam estas qualidades de assimilação, acclimação e imitação, onde tomaram os Estados Unidos elementos para ameaçarem a concurrencia nos grandes mercados do globo, para erigirem em senhor omnipotente o movimento capitalista, restabelecendo o perigo do militarismo allemão sob uma fórma mais avassaladora — a do despotismo economico.

O ambiente da grandeza, que alli se respira, este desenvolvimento extraordinario, comparado ás lentas evoluções européas, era bem o meio mais propicio para avultar o orgulho americano, cujas raizes se embebem na gleba nutriz das doutrinas religiosas ancestraes, e que agora attinge á plena intumescencia com a gloria repetida de se terem sahido os Estados Unidos mais engrandecidos e fortificados das luctas, em que se empenharam e em que se crystallizou a convicção de que esse paiz, como já em 1896 notava Coubertin, recebeu do céu «a missão especial de renovar o mundo, construir o estado ideal e mudar a sorte dos povos».

Da ideia de renovação — a ideia-força que domina a civilização transatlantica, era natural a transição para o *instincto de dominação* dessa politica, segundo a qual a America Central e America do Sul não passariam de «terrenos de caça reservados» á grande nação norte-americana. Este não é o pensar apenas da sua diplomacia pasageira, é o *ideal nacional* subterraneo nascido do espirito dos puritanos enxotados da mãe-patria pela perseguição, e aos quaes atormentava «o aspero desejo (são palavras de Pierre de Coubertin) de uma regeneração individualista, concebida de maneira estreita, mas sincera» e de quasi cem annos de luctas contra os indianos, a Inglaterra, a França e a Hespanha. A conjunção d'estas causas deu origem a este «typo extranho do Kentuckien», amante do whisky, do duello e das cartas, *fou d'éloquence*, querendo tudo amplificar; typo bizarro, a que se devem a annexação do Texas, a invasão da California, a guerra contra o Mexico; que estendeu o territorio patrio de um a outro oceano; que teve por porta-voz no senado o celebre Henry Clay, junto ao qual se sentavam Welster e Calhony, todos inebriados do mesmo sonho de grandeza,

São Paulo visto de aeroplano

(PARTE CENTRAL)



Photographia do tenente observador
Dorsaud, a primeira a ser obtida de
um aeroplano sobre a capital paulista

São Paulo visto de aeroplano



Photographia do tenente observador Dorsaud, quando voou sobre S. Paulo a bordo do aeroplano pilotado pelo Capitão Verdier.

e que levou, emfim, ao proprio Wilson a espanejar na Europa seu manto messianico, inculcando-se, com seus 14 principios, amigo da verdade a ponto de lhe respeitar a sombra, mais disposto a ser victima da injustiça, do que a pratical-a, para depois, nos salões do Quai d'Orsay, cortar pela magestade e cantar a palinodia deante do monroismo, cujos partidarios, pela sua influencia temivel, levavam á parêde o idealismo da Casa Branca...

Mas que admirar n'este ideal de dominação e n'este messianismo insolente, se no proprio paiz era até ha pouco irritante a animosidade dos americanos para com os descendentes directos de estrangeiros immigrados, se elles (o testemunho é de Kirk Munroe) affectavam ares de superioridade petulante para com seus concidadãos de recente adopção, pelos quaes não occultavam desprezo e aversão, quando foi a corrente immigratoria que imprimiu á prosperidade de seu immenso territorio este surto maravilhoso de progresso?

Este sentimento de orgúlho está-lhes na massa de sangue e tem a prova cabal «na absorpção do emigrante europeu pela civilisação transatlantica, e em sua rapida *americanisação*, que indica um poder inegalavel no elemento absorvente» tendo-se verificado que, *malgré tout*, uma geração da Europa parece perder toda a influencia sobre os filhos daquelles que a abandonaram para se fixarem no novo mundo e que ahi chegaram a crear-se uma situação, modesta embóra.

E' que ha no ar respirado, na existencia vivida, nos sonhos de gloria, no puritanismo de sua religião, alguma cousa, que prende a mocidade «que a penetra de enthusiasmo e lhe inocula de certo modo todas as paixões e todas as heranças americanas».

O que, em parte, porém, nos deixa incrustados n'esta politica sentimental, politica de pannos quentes e aguas mornas, é talvez a ignorancia completa d'este paiz, que quasi se nos descobre sómente atravez da cinematographia lisongeira, do telegrapho cortezão, do livro de propaganda e do nosso diplomata enfatuado — o melhor instrumento de propaganda americana—, cabendo-nos a exhortação de Henri Ramin, em 1897, sobre o perigo tedesco, concluindo suas impressões da Allemanha: «E' tempo de nossa mocidade certificar-se da verdade e formar *de visu* uma opinião exacta e ideias, que, sejam quaes forem, serão sempre melhores do que a ignorancia».

Mas não é tão funda esta ignorancia que não saiba-



mos que pela doutrina do monroismo se arrogam os Estados Unidos o papel de protector e chefe das republicas americanas, que este paiz «tem o *instincto de dominação* e todos os meios de o exercer», e que este estado de espirito encerra os germens do despotismo internacional, apoiado pelos millionarios americanos, que, fazendo fortuna, «reconhecem preencherem uma função social e politica».

Renan, na correspondencia de Berthelot, referindo-se á religião de Napoles, para a qual os santos não são modelos de virtude e moral, mas thaumaturgos, especies de magicos sobrenaturaes, por cujo meio póde a gente sahir-se de um embarço qualquer como livrar-se de uma molestia, conta ter visto numa das capellas *ex-votos* em que se representava o ladrão solto pelo santo do meio da policia...

Assim é nossa politica de alfenim e de «illusões lyricas», uma quasi religião diplomatica, pela qual encaramos a Norte America não virilmente como um paiz igual, que nos propuzessemos imitar, modelo de actividade e perseverança, de energia moral e força constructora, mas como um thaumaturgo — uma especie de magico internacional — á cuja sombra viva a nação na indolencia, e por cuja intervenção possamos livrar-nos de um susto qualquer... ainda que, a preço da libertação, venhamos a ficar envolvidos nos *braços transatlanticos* de Tio Sam, a quem bem longe está o Brasil de afigurar-se algum osso, que se lhe possa atravessar na garganta.

Ha cousas, dizia Veuillot, que não se vêem nem se avaliam bem senão com olhos que já choraram. E uma d'estas, por certo, é o sentimento de independencia, cujo valor parccemos incapazes de comprehender, emquanto a experiencia, que é uma cicatriz, nos não inocule o espirito de ativez ou o instincto de conservação, que faria ao coração do mexicano bater de desconfiança, e ao nosso, de entusiasmo pueril, ao resfolegar dos monstros nadantes ou ao ranger das carrêtas, em que se apoia a diplomacia da poderosa Republica norte-americana.

FERNANDO DE AZEVEDO





UM ALBUM DE ELISA LYNCH

Com estes capitulos, o sr. Affonso d'E. Taunay encerra a serie de artigos que lhe suggeriu a leitura do «Album» deixado pela amante de Lopez, e nos quaes foram arentados e esclarecidos diversos pontos ainda pouco estudados da historia sul-americana em relação á guerra do Paraguay.

XVI

No *Diario de Exercito*, resenha quotidiana das operações de guerra, redigida pelo Visconde de Taunay, então Secretario do General Chefe das forças alliadas, o Conde D'Eu, varias referencias se encontram relativas a Mac-Mahon: acerbas queixas de sua parcialidade.

Quando, a 4 de Junho de 1869, Lopes convidou o Principe de Orléans a prohibir o uso da bandeira paraguaya pela legião dos seus compatriotas, auxiliar dos alliados — isto sob a ameaça de novas crueldades contra os prisioneiros brasileiros — officiou Mac-Mahon ao nosso generalissimo incitando-o a que obtemperasse ao pedido do dictador, e a tal proposito estendendo-se em considerações, a que o Conde respondeu peremptorio pelo officio de 13. Agradecendo-lhe o incitamento generoso, recusou comtudo o accordo e retrucou-lhe: «A missão que me foi confiada pelo governo Imperial sendo puramente militar, devo abster-me de accetar a discussão que V. Excia. quer estabelecer sobre a legitimidade do governo do marechal Lopez.»

A 30 solicitava o ministro uma audiencia do Principe, e sendo-lhe esta concedida, com elle conferenciou no Quartel General de Pirajú, em presença de muitos officiaes do Estado Maior, o que só lhe permittiu falar sobre assumptos geraes, circumstancia que muito o irritou. Logo depois enunciava o desejo de voltar ao seu paiz e pedia passagem pelas nossas linhas avançadas. No dia seguinte retirava-se levando grande bagagem «quarenta e cinco fardos, dos quaes oito eram visivelmente cunhetes com dinheiro em moeda ou valores metallicos, denunciado, não só pelo peso como

tambem pelo tinido,» narra o *Diario do Exercito* em data de 2 de Julho. Certamente parte das economias de Elisa Lynch, que a precavida mulher tratava de pôr a bom recato, por intermedio do diplomata...

Ainda, no *Diario*, com data de 4, lê-se o seguinte: «o general Mac-



Mahon tem praticado em Assumpção diversas tropelias indignas do seu caracter official, não só negando-se a pagamento da morada em que se acha, por pretender ser ella de propriedade do paraguay Jara que o acompanha, como consentindo que este homem ande publicamente fallando a favor de Lopez, no sentido de aliciar gente. Os paraguayos têm sido os proprios denunciantes destes factos, mostrando-se indignados contra as propostas daquelle embaixador.»

A 6, pela tarde, embarcava o plenipotenciario a bordo do vapor *Eduardo Eweret*. «O dinheiro que levava na bagagem, relata o *Diario*, fôra convertido em letras passadas por Lesica, Lanes e Molina e montava no valor de vinte e cinco mil patacões.»

«As irregularidades que em Assumpção praticava, commenta ainda o documento official, haviam

de provocar qualquer medida; por isso não pouca satisfação causou a sua retirada.»

Indignado com tal procedimento fôra o chefe do Estado Maior da nossa esquadra a bordo do *Eweret* «fazendo ao ministro sentir sua descortezia (falta de etiqueta) em deixar bruscamente e sem participação ás autoridades brasileiras, a praça de Assumpção, e o porto ainda sujeito ao bloqueio.»

E como para lhe vigiar os passos partira a corveta *Belmonte* até o Cerrito, a escoltar o *Eweret*.

Sahi portanto Mac-Mahon do Paraguay furioso com as autoridades brasileiras. Chegando aos Estados Unidos, fiel aos rancores e ás amizades, procurou fazer o maior mal ao nosso governo. Já porém Washburn fallara largamente. «traçando um quadro horripilante, mas exacto, do que virá, na phrase de Von Wersen, e assim muito poucos lhe prestaram attenção. Tanto mais quanto, logo depois, surgia o terrivel depoimento constituído pelos *Seven eventful years in Paraguay*, de Masterman — victima mila-

grosamente escapa, após mil martyrios, ás garras do tyranno. — Curiosamente leu o publico anglo-saxonio esta descripção apavorante e singela das atrocidades lopezcas. «Não se pejou Mac-Mahon, comtudo, de affirmar pela imprensa que Lopez era o mais liberal dos governantes sul-americanos», affirma Von Wersen na sua *Historia da Guerra do Paraguay*. «Fallos os actos de crueldade a elle attribuidos; assim mostrou-se indignado que a imprensa ingleza publicasse as calumnias propaladas pelos Alliados.»

Declara o autor prussiano que provavelmente agia o diplomata de inteira boa fé. Na curta permanencia no Paraguay «nunca tivera occasião de conhecer a realidade das cousas.»

Deixando a diplomacia, voltou Mac-Mahon á advocacia e á politica. Foi em 1872 nomeado thesoureiro da municipalidade de New-York e de 1885 a 1889 exerceu, sob o governo de Cleveland, a chefia de policia da enorme urbs. Senador, em 1892, pelo estado de New-York dispunha de enorme prestigio nos meios politicos da grande cidade e occupou elevados cargos em diversas associações notaveis. Falleceu em 1906. Jamais perdeu ao nosso governo imperial o attricto de 1869. Assim nos lembramos que em 1892 a nossa imprensa se referiu a um discurso seu, pronunciado num grande banquete, e em que, acerca dos nossos generaes e homens politicos do Imperio, exarou desagradaveis apreciações, calorosamente felicitando então o Brasil pelo facto de haver expulso a dynastia bragantina.

Da sua sympathia pelo tyranno paraguay e sua amasia resta mais um documento literario até agora inedito: as dez strophes que transcrevemos. Revelam um versejador de estro facil cheio do arroubo dos trinta annos, mas sem grande envergadura poetica. «Homem de bello talento e superiores qualidades de acção, possuia grande magnetismo pessoal» exprime-se a seu respeito um biographo. Deixara-se quiçá dominar pelos dotes hypnoticos da bella irlandeza, apesar do «magnetismo» que lhe era attribuido..

XVII

Depois dos desastres de Perebebuy e Campo Grande, quando a fuga para o Norte assumira as proporções de completa derrocada, dias terriveis deve ter vivido Elisa Lynch. Por mais insensivel fosse ao soffrimento alheio, não é possivel que lhe não abatesse o animo o martyrio das hordas em debandada de soldados, prisioneiros e *destinados* tangidos para a frente boliviana pela epilepsia do dictador, allucinado na sua obstinação ferrea e selvagem.

No dia 25 de outubro entregara-se prisioneiro o seu costureiro, referindo novas e hedionadas barbaridades lopezcas e — circumstancia curiosissima — que mesmo então, apesar de tudo, de todas as privações, sustos e perigos, não conseguiu a antiga lorette esquecer as violentas inclinações das mulheres da sua condição pela toilette; o alfaiate a acompanhava sempre, a cortar-lhe novos vestidos.

A 7 de novembro narra outro prisioneiro, o sargento Pedro Decoud,



que o coche de Elisa Lynch, por falta de animais, era frequentemente purgado por homens, entre os quaes muitos officiaes. A 14 libertavam nossas forças numerosas senhoras das principaes familias de Assumpção, reduzidas já se vê, á mais hedionda penuria; a 29 muitas outras, entre ellas a conhecida Madame Lasserre, a escriptora da odyssea pavorosa dos *Destinados* de Lopez.

No dia 13 de janeiro de 1870, relatava o alferes Angelo Benites, recém capturado, que o dinheiro entregue ao general MacMahon, além de seiscentas onças de ouro, cerca de dezeseis kilos deste metal, orçava por 28.000 patacões. Outros 20.000 tinham ainda ficado em poder de Lopez. Outrora verificara elle, Benites, que o Marechal enviara a certo Gregorio Benites, em França, vinte mil patacões.

Quando se deu a catastrophe de Primeiro de Março estava Elisa Lynch, como se sabe, ao lado do amante. «O numero de prisioneiros feitos sobre a 244, refere a parte official do Visconde de Pelotas, entre os quaes se acham os generaes Resquin e Delgado, quatro coroneis, dezenove majores, três medicos, oito padres, e um escrivão. Mme. Lynch e quatro filhos entram no numero dos prisioneiros e são tropheus preciosos deste triumpho. Ao lado do carro em que ella pretendia fugir, foi dispersa a escolta que guardava e morto o coronel Lopez, filho do dictador, que não quiz render-se.»

Sobre os pormenores de Aquidaban ha excellente apanhado do eminente historiador paraguayoy, dr. Juan Silvano Godoy na sua *La muerte del Mariscal Lopez*. Refere uma serie de cousas que o nosso publico desconhece e que porisso, aqui transcrevo.

Na refrega soffreu Elisa as maiores emoções. Se já devia estar archicansada de Lopez e desejava de se libertar de sua companhia, teve a dôr de assistir á morte do seu primogenito, do seu querido Pancho e ver outro filho, Henrique, rapazito de nove annos, atirado do cavallo abaixo com uma coronhada na cabeça desfechada por um dos nossos cavallarianos. O coronel Silva Paranhos e o major Floriano Peixoto, percebendo de quem se tratava, apressaram-se em cercar o carro «*de la odiada compañera del Mariscal Lopez*», para lhe garantirem a vida, a dos filhos e demais parentes.

Deu-se então repugnante e macabro incidente: «quando regressaba a piè al antigo cuartel general paraguayoy para tomar el camiño de Concepcion, la señora Lynch con sus hijos, sus servidumbres, los señores Pranhos y Peixoto deran con los restos del Mariscal Lopez, traídos de onde murió, enterrado a flor de tierra, rodeado de un gentio de mujeres y hombres, y un soldado brasileño bailando e haciendo piruetas sobre la barriga del cadaver que estava cubierto. La señora Lynch ante este espectáculo, dandose cuenta de lo que sucedia, apesar de que acompañantes procuraban distrairla con su conversación, se lanzó hacia el logar, se abrió paso y desalojó el soldado de un empujón, dije con viveza dirigiendose al coronel Paranhos y mayor Peixoto: «y es esta, caballeros, la civilisacion que nos han traído a cañonazos?» El mayor Peixoto afugentó los profanadores que eran personas de color.»

Se desenterró el cadaver. La fosa fué alargada y aprofundada. Lynch compró por tres onzas una sábana blanca en la cual envolvió cuidadosamente el cuerpo del Mariscal estaba completamente desnudo y depositó a su lado izquierdo el del malogrado joven coronel Juan Francisco.»

Só depois de haver verificado que a inhumação estava perfeitamente segura e bem assignalado o local da sepultura é que a mãe infelicitada continuou a sua marcha.

Rapidamente passou Elisa Lynch, após o episodio do Aquidaban, pelos antigos dominios, em demanda de Buenos Aires, de onde partiu para a Inglaterra e onde teve com Heitor Varella o encontro que já narrei.

Julgava-se multimillionaria e a vida lhe sorria, livre do pesadelo paraguayo. Bem sabia que as quantias passadas por Lopez em seu nome ascendiam a alguns senão muitos mil contos, sem contar que a esta somma se devia ajuntar o valor de muitos milhares de arrobas de matte a ella consignadas na capital argentina.

Da desgraçada e ímpavida nação para cuja ruina tão contribuíra iria tranquilla e faustosamente usufruir os despojos, e isto quando no territorio do povo muito graças a ella dizimado, não existia — já não se falla em bois cavallos e carneiros — não existia uma só gallinhal repara energica e frisantemente o escriptor paraguayo citado.

Enganava-se porém. Das centenas de milhares de libras esterlinas depositadas em sua conta corrente do Banco da Escossia, mais de 200.000 se haviam volatilizado!!... Accusa o Dr. Godoy ao medico inglez Dr. William Steward do furto desta enorme quantia. Fôra o Dr. Steward o dedicadissimo chefe do corpo de saude do exercito paraguayo a quem, durante a campanha, prestara inexcusaveis serviços; casara-se no Paraguay e angariara a amizade e a maior confiança do dictador e sua companheira. Após a queda de Assumpção quizera o governo provisorio confiscar-lhe os bens, mas o Visconde do Rio Branco, attendendo sobretudo ao facto de que o cirurgião se mostrara sempre altamente humanitario para com os prisioneiros brasileiros, obstará a que se levasse a cabo tão violenta medida.

Masterman, no appendice do seu livro, explica o facto, minuciosamente.

Era o Dr. Steward «tão rico quanto caridoso e poucos corações jamais houve tão bem formados quanto o seu» affirma num depoimento que se coaduna com a justificativa da acção do Visconde do Rio Branco, perfeito avaliador de grandezas d'alma.

Em 1866, sentindo-se Lopez doente, convencera-se de que o cirurgião britannico pretendia envenenar-o e um bello dia dissera-lhe os maiores insultos acenando-lhe com atrozes ameaças. Fôra Steward, apavorado, ter com Elisa Lynch e desta ouvira: «ohl Dr. receio muito que o presidente faça alguma cousa que eu nunca lhe possa perdoar!» Cada vez mais apprehensivo, não pudera o medico recusar um pedido de emprestimo (?) de 4000 esterlinos que a favorita lhe extorquirá, dinheiro este sobre cuja sorte jamais ousara, como era de esperar, pronunciar-se.

Em 1868 obrigara ainda Lopez o Dr. Steward a remetter pela canhoneira ingleza *Beacor* mais onze mil libras a um correspondente de Lynch.



Aprisionado em Lomas Valentinas pouco depois, soubera o facultativo que o tyranno a titulo de represalia (?) mandara commetter toda a sorte de perversidades com sua mulher e filhos pequenos, do que resultara a morte de uma das creanças. Além disto ordenara uma «razzia» geral dos bens do medico, que além das joias da mulher, da prataria e dinheiro, perdera, só em gado, mais de vinte mil esterlinos.

Assim, partindo para a Inglaterra, procurara obstar o pagamento das onze mil libras que um agente do seu antigo perseguidor, certo francez, chamado Gelot, pretendia realizar.

No processo que a Lynch lhe moveu depôz Masterman, cujas palavras tiveram a confirmação plena de personalidades notorias como o honesto ex-consul francez no Paraguay, Cochelet, do coronel Thompson, o antigo comandante de Angostura, de varios officiaes inglezes, do engenheiro Valpy, etc.

Provou o Dr. Steward que ao irmão, residente na Escossia, escrevera pedindo que agisse afim de se não effectuar o desconto de suas letras. Creio que os tribunaes inglezes lhe deram sempre razão.

Depois de 1870 viveu Elisa, algum tempo em Boulogne-sur-mer, conta Von Wersen. Diz-nos o Dr. Godoy que mais tarde transferiu a residencia para Paris. Apesar dos grandes prejuizos (?)1 ainda muito lhe restava, mau grado o confisco que dos bens de raiz averbados em seu nome e no de Lopez fiezra o novo governo paraguay o por decreto de Maio de 1870.

Em Paris consumiu os restos dos despojos roubados ao infeliz e heroico Paraguay, a quem havia sido inenarravelmente funesta, e ali falleceu, em fins de 1888, nas visinhanças dos sessenta annos.

«Murió completamente pobre, después de haber despildorado los injentes recursos que le entregó Lopez, relata o historiador paraguay o, pues apesar de las docientas mil libras esterlinas que le robó el medico Guillermo Steward ella quedaba todavia con una fortuna que non fué capaz de conservarla para sus hijos. La señora Lynch poseia propiedades en Paris: una soberbia casa en la que daba regias recepciones samanales. Mas tarde realizó suntuosos viajes per el Oriente, etc...»

Assim, acima de tudo, corteza até a raiz dos cabellos, dominada pelo conjunto desses sentimentos que formam a alma obscura das hetairas, tão cupida quanto prodiga, megalomaniaca e despreoccupada da sorte dos seus, ferozmente egoista, insensivel ao remorso, sectaria irreductivel do *après moi le déluge*, coube a Elisa Lynch uma ultima prova de carinho do insondavel destino.

Desappareceu, exactamente, quando os recursos pecuniarios lhe iam inteiramente faltar e um ultimo trecho de vida se lhe antolhava terrivel, para quem, como ella, tinha descommunes appetites de dinheiro e ostentação.

Versada nas literaturas como era não lhe seria certamente desconhecida o famoso livro precautorio de philosophia balzaciana sobre o esplendor e a miseria das mulheres de sua categoria. Apesar de tudo, jamais pudera re-frear os instinctos... Assim lhe veio a morte poupar muito desgosto e muita humilhação insupportavel...

AFFONSO d'E. TAUNAY.





CINCO ANOS NO NORTE ⁽¹⁾ DO BRASIL

Notas à margem do Relatório do
Dr. Arthur Neiva sobre o Norte.

«Já na Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marcgravius se encontram referencias á grande quantidade de plantas das regiões secas e, á pag. 262 da edição de 1648, acham-se alusões aos rios sêcos, em contraste com o «Flumen unicum nobile est in hisce regionibus, vulgo Rio S. Francisco», etc., o que talvez constitúa o primeiro documento alusivo á sêca.» Dr. Neiva, pag. 78.

A «secca» em o nordeste brasileiro, é uma questão secular, e que se não pode prever até quando durará. Até hoje, quasi todo o trabalho feito para minorar um mal tamanho, tem sido em vão. A razão é simples: num problema, como este, em que o bater do malho deveria ser a nota predominante, ouve-se o rabiscar da penna: em vez de trabalho — burocracia.

A «secca» de 77», para não falar em outras, foi uma calamidade. Maior parte, senão todos os cearenses grisalhos que conheço nos Estados limitrophes ao Ceará, como por exemplo, Piauí, quando se lhes pergunta de onde são, respondem: «Cearense: sou de 77». Isto significa: Sou um dos desgraçados que ainda tiveram a feli-

(1 Vide numeros de Janeiro a Maio.

cidade de escapar áquella grande tragedia, em que se morria de fome pelas estradas, onde se encontravam os filhinhos sugando os seios das suas mães já cadaveres.

Depois de 38 annos, o flagello se repete! Que fizemos, nesse longo periodo de quasi 4 decadas, para evítar, ou ao menos attenuar as enormes proporções da hecatombe? Nada, ou quasi nada! Uma cousa, em verdade, fizemos, e foi gastar muito dinheiro. Emtanto, muito poderíamos ter feito, pois, diante do trabalho continuo e bem orientado, poucos são os problemas que se não podem resolver.

Os norte-americanos transformaram grande parte das regiões aridas da California, em sólo productivo; sanearam a ilha de Cuba, dando um golpe de morte á famigerada febre amarella e finalmente ligaram os dous oceanos — o Atlantico e o Pacifico. Alguem dirá: «os norte-americanos têm muito dinheiro, e por isso, tudo se lhes torna mais facil». Se sommarmos o que já se gastou com a «secca», veremos que é uma chuva de ouro.

Os ultimos dias de 1914, com o céu limpido, de um lindo azul, começaram a encher de inquietação os moradores da «zona secca». Em março de 1915, fui visitar o Ceará. Quando no céu apparecia uma nuvem, todos os olhos se dirigiam para ella, supplices, á espera de uma pouca d'agua. De repente ella se desfazia e o céu se mostrava, outra vez, serenamente azul, então, o careense credulo, com seu «bentinho» pendurado no pescoço, cerrava os punhos, com os olhos fitos na aboboda celeste, estremeia todo num gesto colerico, como se lhe passasse pelos musculos uma corrente electrica, e arremessava uma imprecação contra Deus e sua obra! Vinha em breve o arrependimento e com os olhos razos de lagrimas, contracto, pedia perdão, e cifrava a sua esperança na «passagem do equinoxio»...

Vã esperança de um povo desolado: a «secca» continuava na sua marcha progressiva.

Quiz ver o que estava fazendo, que serviços estava prestando, o gigantesco açude do Cedro, e dirigi-me para a cidade de Quixadá. De Baturité, em diante, tudo indicava que a «secca» estava em pleno dominio: naquella paisagem de galhos secos, somente as folhas verdes do joazeiro diziam que a vida ainda ali era possivel.

Já cansado de ver tantas arvores mortas, consolava-me com a idéa do quando havia de ver em Quixadá. Um dos maiores açudes do mundo, que é o açude do

Cedro, em Quixadá, certamente estava, naquelle momento angustiosos, derramando as suas aguas sobre vastas áreas de terra cultivada. Dura desillusão: quando cheguei á cidade que se orgulha de ter tal obra d'arte, encontrei pouca terra cultivada, pouquissima mesmo. Emtanto, a falta de forragem estava matando as proprias vaccas dos estabulos. E para cumulo, um rego d'agua transbordava atravez da cidade... Perguntei ao distincto collega e intimo amigo Grover Pyles, que riacho era aquelle; e elle respondeu: — não é riacho, é o rego d'agua do açude!

Muitas fazendas já haviam «fechado a porteira», e os proprietarios, alguns, de mil cabeças de gado, eram levados, uns ao suicidio, outros á loucura. Na pharmacia da cidade tive occasião de falar com um fazendeiro que estava desesperado: «Estou plantando capim dia e noite, lucto desesperadamente, e no emtanto o meu gado está morrendo». Perguntei-lhe: é agora que o senhor está plantando o capim para o gado prestes a morrer de fome? Bem sei que não é este o momento mais propicio para conselhos, mas, permitta-me que lhe diga: «no tempo das vaccas gordas, é que se deve lembrar do das vaccas magras.» Se ha tres mczes, o senhor tivesse tomado essa resolução, talvez, agora o seu prejuizo fosse muito limitado.

Este facto mostra bem a psychologia do povo daquellas regiões. Esperar a «secca» ahi, deveria ser a coisa mais natural deste mundo, pois, ha seculos que a «secca» vem flagellando o nortista, e apezar disso, o «inverno sem chuva» apanha sempre o homem desprevenido — é uma supreza.

Notando a grande área inculta que pode ser irrigada pela agua do açude do Cedro, disseram-me que pertencia a pessoas ricas, e que não a cultivavam e não a queriam vender. Este caso deveria ser resolvido pelo governo de Fortaleza, pois é um crime deixar incultas áreas enormes, quando ha necessidade de alimento para o povo e agua armazenada, que custou uma fortuna, sem ser aproveitada. O hectare de terra não cultivado que pudesse ser irrigado pelo açude, ou melhor, pelos açudes do Ceará, pagaria um imposto tal, que o proprietario ou o venderia, ou então, o tornaria productivo.

O papel que os açudes representam, não é aquelle para que foram construidos. No rigor da «secca», os desgraçados camponios emigram para os açudes e se instalam em torno delles, ali pescam, lavam roupa e fazem tudo enfim naquella agua represada, dando isso, como resultado final, a infecção da agua, que se transforma

em vehiculo de molestias infecciosas, e que de mãos dadas com a «secca», vae fazer tombar sem vida aquelles corpos depauperados.

Em junho de 1915, tive a oportunidade de encontrar um «bando de retirantes» piauihyenses, de Picos, em demanda de logares onde o céu fosse mais clemente. A's 7 horas da noite passei por elles: estavam «arranchados», os pobres retirantes, debaixo de umas arvores, á beira de uma lagôa. Os homens «tarrafeavam» na lagôa, as mulheres accendiam o lume e as creanças choravam de fome... Nesse «pouso» enterraram uma creança.

Quando a fome e a impunidade do sertão, justificariam um assalto ás cargas que eu trazia, humildemente limitaram-se a pedir uma esmola. Fiz o que pudê. No dia seguinte, a um e dois de fundo, irregularmente, marcharam todos, homens e mulheres, a pé, velhos e creanças a cavallo, levantando uma nuvem de pó que encobria os que iam na rectaguarda. Pobre gente! Nunca mais pude me esquecer de tal quadro.

O problema da «secca» em o nordeste brasileiro, deveria ser a maior preocupação dos brasileiros. A não ser assim, então, o governo que prohiba que se habite essa zona, que tantos desgraçados tem feito.

Quem o não conhece, não pode fazer idéa do que seja o Açude do Cedro. Montanhas enormes de pedras, ligadas por diques colossaes, circumscrevem uma grande área formando um reservatorio d'agua que pode figurar entre os maiores do mundo, e que até agora se não encheu completamente. Ponha-se de lado o facto da capacidade ser muito maior do que a quantidade de agua que ahi se poderá collectar; antes perder-se pelo muito do que pelo pouco...

Os paredões são muito bem feitos, luxuosamente bem feitos, chegando mesmo, em pleno interior do Ceará, a dar impressão de que se está vendo o passeio da Avenida Beira-Mar, do Rio. Não lamento que se tenha gasto tanto dinheiro em pleno matto. O que é triste, para quem vê o soffrimento desse povo, é que tudo isso seja quasi imprestavel, sómente por falta de um serviço bem organizado. O açude poderia transformar muitos kilometros quadrados de terra inculta, em roças grandemente productivas; e o Quixadá poderia ser o celleiro de uma boa parte do Ceará. Não conheço os outros açudes, mas a julgar pelo do Cedro, «que é o bicho», o mais importante no Estado, os outros, que é que farão?

Os norte-americanos, em certas zonas aridas da sua



grande patria, viram que só se desenvolvia um arbusto que dava uma pequena flôr. Pois bem: elles favoreceram de tal forma o desenvolvimento, a propagação do arbusto que, em breve tempo, cobriram aquellas feias regiões com um tapete lindamente florido. Qual o vegetal que resiste aos longos periodos de «secca»? E' o joazeiro. Nesse caso, já deveria haver em diversos pontos do Ceará, (quem diz Ceará, diz tambem zona em que as condições climatericas são as mesmas) hortos florestaes modestos, afim de se cultivarem e distribuirem aos interessados, mudas de joazeiro, faveiras e de cactus.

Se uma floresta de joazeiros, tão sómente de joazeiros, cobrisse o sólo que agora está vestido de vegetação arbustiva, outro, muito outro, seria o futuro do Ceará. Em Quixadá vive um horto florestal fundado pelo notavel botanico Dr. Löefgren, quando por lá passou, estudando o problema das «seccas». Não quero discutir se o referido horto preenche os fins para que fôra creado; mas direi que elle deveria ter fomentado a cultura daquelles campos que encontrei incultos, ensinando a molhar as plantas com a agua do açude.

Em vez de se preocupar com o problema zootechnico, inoportuno, teria sido muito melhor que espalhasse cactus, eucalyptus, de que lá havia uns canteiros, e sobretudo, tratasse de cultivar o joazeiro, e que distribuisse mudas de todos, amparado por uma lei que obrigasse o fazendeiro a plantar um certo numero de pés.

A cultura das cactaceas, como por exemplo, a do genero «*Opuntia*», é de uma importancia que salta aos olhos. O que admira é como ainda se não sahiu do terreno das experiencias nos hortos. O proprio director do horto florestal de Quixadá, num artigo publicado no «Brazil Agricola», de junho de 1917, diz textualmente: «Por pratica e pelas informações, tenho visto pés de «*Opuntia*» produzirem, nos climas considerados mais propicios, de vinte a trinta kilos de forragem por planta em dois annos; no Ceará encontrei o clima tão favoravel a essa cultura que, como se pode verificar, sobre cem plantas, setenta produziram 190 kilos de palmas cada uma, dentro de dois annos, deixando ainda grande quantidade de palmas bôas para reproducção. O clima do Ceará, quero dizer, o clima das zonas creadoras do Nordeste, é o mais indicado para esta cuitura e não ha clima no mundo mais favoravel. As nossas experiencias o demonstram.»

Porque, então, essas «zonas criadoras», já não estão cobertas de «*Opuntia*»?



Percorrendo o norte, tenho notado que ha um mau aproveitamento do auxilio que a União dispensa áquellas regiões. A malfadada politica penetra em tudo, inutilizando esforços que poderiam redundar em beneficios seguros para o povo. Apparelhos, machinas para a perfuração de poços e construcção de açudes encontram-se completamente abandonados, comidos pela «ferrugem».

E' muito commum isto: chega uma commissão contra isto ou contra aquillo, numa dada villa ou cidade nortista. Nos primeiros dias ha grande animação e trocas de visitas; os jornaes dão longas e esperançosas notícias. Os mecanismos sahem das caixas e vão para o campo. A installação é quasi sempre mal feita, porque os funcionarios, com raras excepções, não têm competencia: são afilhados de politicos da terra, ou daquelles que estão com assento nas casas do Congresso. Ha um simulacro de trabalho; de repente, sem o povo saber porque, tudo pára. Falta de verba na Delegacia? Pois o governo não sabe que a patriótica commissão está no campo de acção? E' o chefe que precisa dar andamento aos papeis, aprontar o relatorio? Como quer o governo que a commissão «chupe canna e assovie ao mesmo tempo»? Emfim, a commissão que tanto desejava trabalhar, arruma as malas, e lá ficam as machinas abandonadas, soffrendo a acção do tempo, como uma eloquente prova de que mais um esforço foi perdido.

Na agricultura é o mesmo, ou peor; mas é preciso que se diga que a culpa, em grande parte, cabe á burocracia de certa repartição que deveria ser puramente practica, e não o é. Installa-se um horto florestal, por exemplo: muitas machinas e funcionarios. Se o director não tem muito enthusiasmo, deixa-se lá ficar até que o horto soffra uma reforma, ou seja extincto no anno seguinte, por falta de verba, sem nada ter produzido. Quando o director se interessa, tem que luctar sobretudo com a falta de verba na Delegacia que, ás vezes, não tem dinheiro para pagar, ou quando o tem, aguarda aviso do Rio, que não chega. A oportunidade, em agricultura, como em outras coisas da vida, é uma grande coisa. Alguem já a definiu assim: «Hoje, um fructo sazonado, amanhã, podre e não presta mais». E muitas vezes ella é perdida, e lá se vae um anno de trabalho, só porque a verba não chegou na occasião da sementeira, ou por falta de approvação, da parte do Ministerio, de medidas urgentes. Como resultado final, vem a completa descrença, da parte do povo, por tudo quanto cheira a serviço do governo.

Os funcionarios que andam pelo interior, quantas vezes têm que ouvir dictos maliciosos dos que se estão burlando da acção do governo federal.

A primeira vez que sahi para o Norte, fazendo parte de uma commissão que ia trabalhar no Piauhy, em palestra com o commandante do vapor do Lloyd Bras., tive de lhe ouvir as mais asperas recriminações ao Ministerio da Agricultura — «Para que servem os hortos florestaes, porque o governo está gastando tanto dinheiro com isso?». Deixei que S. Exc. se expandisse á vontade. Depois retruquei-lhe: — «E' verdade, senhor commandante, tem V. Exc. muita razão. Os hortos florestaes não valem mesmo nada, e nem mesmo podem valer, pois uma repartição federal, que se deveria interessar pelo progresso da nossa patria, que tem homens como V. Exc. que se mostram indignados pelo desperdicio do dinheiro publico — o Lloyd Brasileiro, traz a bordo de um seu navio (e apontei, indicando o lugar) umas mudas de essencias florestaes, que o Horto Botanico do Rio, produziu gastando muito dinheiro, justamente no peor ponto, junto á chaminé, e até agora não receberam uma só gotta de agua, a não ser da salgada pela manhã, quando a maruja faz a baldeação! E' por isso, que nada dá resultado em nossa patria.» O grupo que escutava essa palestra, lançou um olhar ás mudas de eucalyptus, e um silencio, um pouco prolongado, parece que veio dar razão ás minhas palavras.

E' por falta desse patriotismo que o nordeste é barbaramente flagellado pela «secca», com todo o cortejo das desgraças que assaltam os pobres habitantes do norte.

O norte offerece problemas importantes, taes como «secca», vias de comunicação e transporte, que dependem dos cofres do Thesouro Nacional; culturas do algodão, mandioca, industria pastoril, fibras e aproveitamento das sementes oleaginosas, que representam maior fortuna que o café em S. Paulo.

Só a exploração dessas ultimas — fibras vegetaes e sementes oleaginosas, poderia contribuir para os gastos que se tenham de fazer em beneficio do Norte.

Se o governo reservar metade do dinheiro destinado á immigração em proveito do nosso sertanejo, com alguns annos de acção continua, terá fixado o trabalhador agrícola, melhorando as suas condições de vida, tornando-o um factor do progresso nacional. Por que gastar dinheiro com trabalhadores estrangeiros, quando os temos aqui, bons e fortes, simples, disciplinaveis, e que só não prestam serviço porque jazem no mais completo abandono?

Geralmente os paes têm carinhos especiaes para os filhos desprotegidos da fortuna; o aleijadinho, o rachitico, têm, mais do que os outros que são fortes, os cuidados extremos dos corações de seus paes. Assim tambem deveria fazer o governo da União: a sua constante preocupação deveria ser o Norte.

Os Estados do Sul, como por exemplo S. Paulo, podem prescindir das constantes vistas da União, pois, o progresso nelles têm tal velocidade, que continuará a correr por si mesmo, em marcha acelerada, sob os cuidados de seus estadistas.

FRANCISCO IGLEZIAS.





VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Maio, 15 — Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras o sr. Domicio da Gama.

17 — Em sessão da Associação Commercial do Rio de Janeiro ficaram definitivamente assentadas as bases de um Tribunal Arbitral, para decidir as duvidas na interpretação dos contractos mercantis.

19 — Chegou á ilha Fernando de Noronha a Divisão Naval Brasileira, que estivera em operações de guerra. — O Tribunal de Contas autorizou o registo do credito de 500 contos para obras contra as seccas no Nordeste.

20 — O Prefeito do Districto Federal mandou que fossem dados á publicidade todos os documentos da Independencia existentes no Archivo Municipal, entre os quaes está o celebre *auto do «Fico»*.

21 — Foi publicada a proposta orçamentaria da Republica, para 1920, dando uma receita geral de..... 107.613:049\$440, ouro, e 394.597:000\$000, papel.

23 — Foi lida, na Camara Federal, uma representação da Camara Ecclesiastica favoravel á revogação ao artigo do Codigo Civil que prohibe o casamento de tios com sobrinhos.

24 — O sr. Ruy Barbosa realizou no Rio a sua annunciada conferencia ás Classes Militares.

25 — Falleceu o sr. ministro Canuto Saraiva, do Supremo Tribunal Federal.

28 — O governo federal concedeu permissão a Andley Page Ltd. para estabelecer o serviço de transporte de passageiros e cargas por meio de aeroplanos e hydroplanos, entre as principaes cidades do Brasil.

30 — Foi fundada no Rio a primeira filial das «girl guides».

31 — A Academia Nacional de Medicina realizou uma sessão em homenagem á memoria de Miguel Pereira.

Junho, 1 — Falleceu o marechal Bernardino Bormann.

2 — Realizou-se na Academia de Letras a recepção do novo academico dr. Miguel Couto.

4 — Rebentou um movimento anarchista na Bahia.

5 — A Academia Brasileira de Letras realizou uma sessão de saudade a Olavo Bilac.

7 — O presidente da Republica decretou luto official por tres dias, em virtude da morte do presidente do Paraguay.

9 — Fundeou na Guanabara a Divisão Naval Brasileira que estivera em operações, na Europa.

10 — O secretario da Fazenda de

S. Paulo poz á disposição da União, em nome do governo paulista, os fundos provenientes da indemnisação que o Estado terá de receber da Alemanha em virtude do tratado de paz.

•••

Os mortos do mœz

MINISTRO CANUTO SARAIVA — O Ministro Canuto Saraiva, fallecido a 25 de Maio, no Rio, era o prototypo do juiz e, no dizer de seus intimos e collegas, nascera para ser magistrado, e, de facto, conseguiu fazer o seu nome respeitado como o de um dos mais integros e cultos expoentes da carreira que abraçou.

De uma feita, em Araraquara, expoz a vida para evitar o lynchamento de um réo confiado á sua guarda.

O saudoso estadista Prudente de Moraes, quando desejava qualificar a importancia de uma questão, dizia: — «Esta é uma causa para ser julgada por um Canuto Saraiva.» E Campos Salles, quando presidente de S. Paulo, para informar-se da justiça em certos feitos, perguntava: — «Como votou o Canuto?»

Amigo intimo de Piza e Almeida, que foi Juiz de Direito na comarca de que o illustre morto foi Juiz municipal, substituiu-o no Supremo Tribunal Federal, a convite do Presidente Affonso Penna que, pouco antes, nomeara para identico cargo o Ministro Pedro Lessa.

Filho legitimo do Major Joaquim José Saraiva e d. Leopoldina Maria Saraiva, nasceu o Ministro Canuto Saraiva a 23 de Setembro de 1854, em Arêas, Estado de São Paulo. Formou-se em Direito, em S. Paulo, em 1875, iniciando nesse mesmo anno, em sua terra natal, a advocacia, sendo pouco depois nomeado promotor pu-

blico de S. José dos Campos. Em 1877, passou a exercer o cargo de juiz municipal de Piracicaba até 1881, sendo então, nomeado vereador, eleito vice-presidente da Camara Municipal daquela cidade.

Nomeado em 1887 juiz de direito de Araraquara, exerceu essas funcções até 1892, quando foi nomeado membro do Tribunal de Justiça de S. Paulo. Em 1908, quando se achava na presidencia desse Tribunal, foi convidado para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo que occupou até a sea morte.

•••

MARECHAL BORMANN — Perdeu o Exercito Nacional uma das suas figuras de maior destaque, o Marechal Bernardino Bormann.

José Bernardino Bormann nasceu a 4 de Maio de 1844, e falleceu a 1.º de junho, com 75 annos, portanto, depois de uma vida activa e brilhante, tendo-se salientado por actos de bravura nas batalhas do Paraguay.

Assentou praça aos 11 de Fevereiro de 1862. Aos 18 de Janeiro de 1868, com vinte e quatro annos, foi feito 2.º tenente e aos 14 de Abril 1871 foi promovido, por bravura, a 1.º tenente. Em 1871, passou a capitão graduado e em 1872 a effectivo. Em 1885 recebeu os galões de major e em 1890 os de tenente-coronel. Coronel graduado em 1892, foi confirmado como effectivo em 1893 e, em em 1899, recebeu as estrelas de general de brigada. Em 1908 foi provido a general de divisão e, em 1911, reformou-se no posto de marechal. Pertenceu ao estado-maior, na Escola Militar cursou mathematica e sciencia physica, e se bacharelou nessas materias.

Na guerra do Paraguay, de que foi

depois dos mais documentados historiadores, foi um heróe. Ferido gravemente em Curupaity, recebeu as medalhas de merito militar, a da campanha do Paraguay pelo Brasil, Argentina e Uruguay, a da rendição de Uruguayana, a de serviços prestados á humanidade e a de ouro por serviço militar. Foi tambem cavalleiro das Ordens de Rosa, de Christo e S. Bento de Aviz.

Exerceu importantes missões militares, tendo ido em commissão diversas vezes á Europa. Na presidencia do Sr. Nilo Peçanha succedeu na direcção do Ministerio da Guerra ao Sr. Marechal Carlos Eugenio de Andrade Guimarães e assim foi ministro de 16 de Outubro de 1909 a 15 de Novembro de 1910.

Era tambem escriptor e historiador. Publicou um romance historico, *Os Annaes de D. João III de Portugal*, estudos sobre o *Marechal Duque de Caxias*, sobre *Photographia Militar*; mas as suas obras mais importantes, que serão sempre consultadas, são as que dedicou á guerra com o Rosas e á guerra do Paraguay. Ha nesses livros muita observação, e muita documentação, além de um ponto de vista exclusivamente brasileiro e de reminiscencias pessoasas muito interessantes.

...

Artes e artistas

A. NORFINI — Alfredo Norfini é um dos raros aquarellistas que expõem no Brasil, onde o genero commum da pintura é o «a oleo», mais tentador dos principantes, porque mais facil, e mais proveitoso aos artistas feitos porque nelles podem dar largas aos effeitos de *atelier*, para o grande publico.

Bastaria este particular de insistir

num genero de pintura difficil e delicado, para que Norfini se recomendasse como um artista sincero, capaz de estudos de verdadeira arte.

Na sua ultima exposição figuraram alguns trabalhos dignos, realmente, dos melhores encomios. *Agua Funda, Paisagem Paulista* e *O Gigante Morto* são quadros de uma belleza rara, já pela harmonia da composição, já pela execução aprimorada. Na *Paisagem Paulista* ha demais, talvez, as figurinhas do segundo plano, que o deixariam melhor ausentando-se dalli; nas outras aquarellas citadas, porém, ha uma viveza de transparencia de colorido como poucas vezes se vêem em pinturas do genero. Em *Gigante Morto* ha ainda a notar-se a força suggestiva que dá ao observador a grande arvore arrancada que lhe serve de thema.

Destes principaes quadros de A. Norfini damos algumas reproducções nas gravuras do texto.

...

A alma de Arinos

A obra de Affonso Arinos é a representação perfeita da sua alma. Doutrina Descartes que a alma é o paradoxo, diria que a alma é o insamento e assevera Bergson que é a memoria; eu, se não temesse o paconsiciente. As excitações, externas ou internas, á medida que são sentidas, deslizam para um tabernaculo, onde tambem vêm se agrupar as que não chegam ou quasi não chegam á percepção, e umas e outras ali jazem por tempo indefinido, no limar da inconsciencia, como esquecidas ou dormentes. Que não morrem prova, entre milhares, o seguinte caso registado por Carpenter: uma menina abandonada é recebida por caridade na casa de um pastor protestante, que tinha o habito de passear de meio a meio de um corredor, lendo em voz alta textos gregos e hebreus da biblia, ao que ella prestava a mesma attenção que

nós lhe prestaríamos; pois um dia, já adulta e vivendo em outras paragens, é presa de alta febre, e ella agora em delirio a declamar fragmentos desses trechos, tão mal ouvidos e tantos annos hybernados. Em Jorge Soares, typo admiravel de paranoico, Coelho Netto se aproveita do mesmo conceito para desenvolver as allucinações da psychose. E' este vasto fundo do inconsciente, o qual pela quietação parece antes um sepulchro, que governa os actos mais conscientes, mais deliberados, mais voluntarios e os juizos mais seguros; é elle que guarda o segredo das nossas inclinações e corporifica a nossa personalidade psychica; nelle se nutrem os sentimentos e se amassám as idéas, a tal ponto, que seria licito dizer que estas sobem quasi elaboradas do subliminal á consciencia, e que a propria imaginação creadora não passa de mera metamorphose. Neste subconsciente dynamico, accumulador de material e fonte de energia, reside o ser authentico, muito cioso do seu livre arbitrio, mas realmente escravo de todas as suas antigas sensações selimentadas. Fóra disto só ha os individuos morbidos e os artificiaes, os de romances, como as diversas personagens do bovarysimo, ou esse gentilhomem feito ás pressas, Monsieur Jourdain, todo atrapalhado no ensaio da sua declaração *Belle marquise, vos beaux yeux me font mourir d'amour*.

Que são em Arinos as suas fugas para o Interior, as suas deambulações irreprimiveis senão actos de um automatismo psychologico mal policiado, e que é a sua obra capital senão a revivescencia das sensações exclusivas e iterafas, vertidas dia a dia no seu eu subconsciente, por longo tempo isento de outras? Quando novas, de genero diverso, vieram chegando pelo estudo, pela experiencia, pela observação activa, já aquelle se achava, por assim dizer, acogulado, e era uma força occulta que dirigia esses estudos em um dado sentido, isto é, no seu sentido. Como todo homem de letras, Arinos devorava livros pro diversão e gaudío do espirito, mas de facto só cultivou com afinco a Historia do

Brasil... colonial, porque era essa a vibração externa que afinava com a interior, mysteriosa, profunda, impalpavel, e só do unisono resultante lhe poderia advir a emphoria moral que todos procuram no trabalho.

Dahi nasceu a tradição do seu patriotismo excepcional, do seu nacionalismo obsidente, jungida ao seu nome como um synonymo e tão indiscutivel como um verseto. Que fez Arinos para o amarrarem a essa lenda? Cantou e contou, como ainda ninguém, os sertões de sua terra, — como se o Brasil estivesse exclusivamente nas suas seivas e nos seus campos e não tambem nas suas cidades e nos seus mares, e como se o ideal de uma patria grande, prospera e invejada se realizasse no Brasil crystalizado nas suas mattas e nas suas furnas, nos seus indigenas e nos seus caboclos! Não, não façamos esta injustiça a Affonso Arinos; o seu sertanismo estava sómente na sua subconsciencia, e não penetrava no pallium augusto senão para receber a fôrma lapidaria da sua prosa, e lá da velha Europa, onde costumava se acolher, tendo da patria a essa distancia uma visão espherica, como diria Mario de Alencar, elle só a desejava cala vez mais espessa na crosta de civilização que a reveste. Sem admittir com Flaubert, que o pensador não deve ter nem crenças, ne patria, nem nenhuma especie de convicção social, estou em affirmar que se a obra de Arinos obedecesse a uma segunda intenção, por muito digna como a do patriotismo, mas subtrahida da espontaneidade fecunda que lhe deu o sopro, certamente não seria essa que admiramos. Patriotismo é cada um trabalhar no seu officio com a maior fé; tão bom patriota é o soldado que dá á patria o sangue, como o operario que lhe dá o suor, o sabio, cujo nome se projecta na sua historia, como o lavrador para sempre ignorado, o artista que a envolve no seu genio como o escriptor que sóbe com ella aos visos do pensamento. Arinos parece maior patriota porque servindo á patria com as suas letras a serviu com tão intenso amor, que ao cabo, tanto



elle se orgulhava della, quanto ella do seu filho; e se o regionismo atravessa toda a sua obra é que nunca lhe abandonou o cerebro aquella menina de Carpentier a avivar nelle o hebraico e o helenico das sensações da sua infancia.

Uma vez, numa das suas romarias de longas jornadas, acompanhado de rhapsodos e tocadores, deparou já ao cair da noite um enorme jequitibá, — a que chamava a cathedral das florestas—, em cujo tronco se abria uma grande cava; então o bardo Cattullo, nella penetrando, declamou plangentemente uma ode heroica á natureza mater, emquanto o violero Pernambucano, — entre todos os da fama famosissimo — dedilhando as primas e o bordão, improvisava um hymno á lua, que vinha tímida, esquiva, vagarosa, se esgueirando por traz das frondes do arvoredo. Era demais; descobriu-se e pedindo silencio, Arinos cahio numa especie de extase, que durou emquanto não se perdeu além das serranias o ultimo eco do improviso cerimonial.

Este sentimento arrancava tão profundamente da sua alma, que, por mais infantil que parecesse, a todos infundia respeito; nem elle era capaz de brincar ou consentir que brincassem com estas cousas. Como todo o crente, desejava impôr a sua crença á força de propicial-a. Dias depois da série de conferencias sobre lendas e tradições brasileiras, numa das quaes fez representar em scena aberta o auto da Nau Catharineta, offereceu no seu palacete á alta sociedade paulistana um baile da maior sumptuosidade e requintada opulencia, e a meio da noite, quando os salões regorgitavam das mais bellas damas, cujos alvos colos nús desapareciam sob roças de perolas em constellações de diamantes, e homens enfarpelados em irreprehensíveis casacas se hombraavam, entrou uma turma de legitimos e retintos caboclos, de chapéos na cabeça e sem collarinhos, para dançar o verdadeiro, o classico, o incorrupto *cateretê*, e ao se retirarem deste quadro, no qual não sei se o poeta das Georgicas ainda acharia que «a purpura d'As-

syria não altera a brancura das lãs», elle proprio, com aquella sua linha finamente aristocratica, os conduzio até ao tope da escada, apertando a mão de cada um. Neste aperto de mão ia uma renuncia ostensiva, um repto de desprezo do fiel ao chamado respeito humano.

Amando por esta fórma o sertão, tendo o estudado tanto e ainda melhor o descripto, ninguem jámais viu Arinos, nos seus livros, nos seus artigos, nas suas conferencias, defender ou, sequer, insinuar uma idéa de progresso para essas terras abandonadas e essas gentes primitivas. Era medo que pegasse. Ramalho Ortigão repetir-lhe-ia a apostrophe que lhe coube na deleitosa ficção de *Fradique Mendes*: «Você é um monstro, Fradique. O que você queria era habitar o confortavel Pariz do meiado do seculo XIX, e ter aqui, a dous dias de viagem, o Portugal do seculo XVIII, onde pudesse vir regalar-se de pittresco e de arclaismo... Confesse que é o que você queria.» Na Europa, occupada palmõ a palmo pelo homem, Arinos se consolava da monotonia do bulicio percorrendo velhas cathedraes e afundando-se nos museus e antiguidades, que são como florestas lardeadas nas civilizações; mas, aqui, em seu sertão integral, desde o indigena silvano até o solo agreste, onde desabafar as suas tristezas? onde afogar as suas saudades? onde se defender dos homens? onde reconstruir o seu altar? Se elle o sonhasse, esse sonho seria um pesadello, do qual sahiria em atordoamento onirico para tomar o seu fогoso Sultão, e a toda brida atravessar cidades e cidades infindas, chorando a catastrophe suprema e irremediavel.

DR. MIGUEL COUTO (Do discurso de recepção na *Academia de Letras*.)

...

Revistas e Jornaes Psychologia brasileira do character

Que é, no Brasil, um bom character? Antes de tudo, cumpre assignalar que no Brasil é difficil encontrar um cidadão que reuna quanto aos

seus attributos Moraes a unanimidade das aclamações que, ás vezes, cerca o seu talento. Reina entre nós a abusão de que é raro o homem de grande talento que tenha bom character. Como corollario disto, tem-se até estabelecido que não ha espirito superior que possa servir para governo. De uma maneira geral, o que nós prezamos e preferimos na direcção dos negocios publicos é o temperamento ponderado, a mediocridade serena e polida, as virtudes medidas e seguras. Escreve-se com frequencia que os homens de grande valor têm provado mal na administração. Com o auxilio da logica mais comesinha se verifica quanto têm de pueril esses postulados, pois a tarefa de governar não pode deixar de exigir entre nós, como exige nos outros paizes, talento, visão alta e larga, força de alma e cultura. Havemos de concluir, porém, como tenho concluido de uma longa e silenciosa observação, que a noção popular desse apparente dissidio entre o talento e o character corresponde a um modo de raciocinio particularmente brasileiro, talvez herdado de Portugal. Vem desde a monarchia. Já nos seus começos, Bernardo Pereira de Vasconcellos deu pretexto a que os seus admiradores dissessem delle — «é quasi um genio — mas que character!». Anteriormente, José Bonifacio não chegara a resistir á campanha que de todos os lados se levantava contra a sua «prepotencia» e a sua «crueldade».

No reinado de Pedro II dominou o espirito publico um incontinido horror por tudo que não fosse no temperamento dos homens reserva, circumspecção, soturna precaução de gestos, sobreenho triste, labios cerrados, movimentos lentos e pausados. Montezuma, uma das maiores cabeças que teve o Brasil, o homem que, no meu entender, mais claro viu na comprehensão dos problemas brasileiros, de cujas indicações e synthese tirou mais tarde Tavares. Bastos muitos dos elementos de que compoz as suas prophcias e lições, nunca teve grande prestigio porque era sujeito alegre, conversador, dizedor de «boutades», ardente, brilhante, varonil. Não era bom

«character», no sentido brasileiro da expressão.

Apesar do systema parlamentar se prestar mais do que o nosso ao dominio da intelligencia, note-se que, não obstante a necessidade de haver quem discutisse os assumptos e fizesse discurso, sempre se procurou conciliar as aprições intellectuaes e oratorias com aquelle commedimento a que alludi acima.

José de Alencar, que, na minha opinião, foi o maior genio da litteratura brasileira, homem politico corajoso e audaz, pamphletario mordente, nunca teve valor official, nunca logrou organizar gabinete e, para falar com franqueza, pouco foi tomado a sério como homem de Estado.

Para não citar outros exemplos, basta relembrar o retrahimento que até á ultima phase do Imperio sempre inspirou Ferreira Vianna, por seu feito independente, pouco convencional, de ironico recalcitrante.

Que na Republica Joaquim Murinho tenha sido ministro é um milagre difficil de explicar. A presidente é claro que não chegaria jámais. Não era um «character» na accepção que damos aqui a esta palavra.

O que convençionámos chamar «bom character», no Brasil, é o homem anodyno, quasi sempre sem gosto litterario ou artistico, que não briga, não tem opiniões proprias, não toma responsabilidades, sorri gravemente, cumprimenta com austeridade, procura ganhar sua vida sem aborrecer os outros, logrando na sombra de uma apparente doçura irritar o menos possivel, não suscitar reacção, seguindo caminhos abertos pelos outros, ou ficando no seu canto, com boa cara e postura socegada. Lutou, perdeu o character. Sujeito que fale, discuta, arremetta contra a injustiça e o que lhe pareça errado, seja humano, capaz de paixões humanas, esse, já se sabe, não será nunca, salvo excepções que circumstancias especiaes explicam, catalogado entre os homens verdadeiramente sérios, que a nossa gente sinceramente acata e respeita.

Emfim, o homem de character, seguindo o conceito popular no Brasil,

é de uma maneira geral o homem do meio-termo, da medida curta da proporção razoável, do equilíbrio perfeito, homem com quem Molière convive e Ibsen pintou na figura daquelle bailio que fez opposição a Brand.

A razão disto, se me permitem dizer, está em que em nosso paiz não se observa devidamente uma cousa: é que na mediocridade, brilhando pouco as intelligencias, pouco brilham tambem os defeitos. No tenue crepusculo em que se esbatem os raios tibios de um espirito mediano se escondem e se dissimulam tambem as manchas do caracter. E' raro que conheçamos as falhas de homens obscuros. O publico sempre se esquece de que sendo humanos, esses homens obscuros têm tambem os seus vicios. Mas como os descobrir na densidão da sombra em que as suas personalidades estão envoltas? — GILBERTO AMADO (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

Colônia ou nação soberana?

Eu não sei muito bem si nós figuramos na Conferencia da Paz, como uma nação soberana ou como um apêndice dos Estados-Unidos, uma especie de mal disfarçada colônia!

Quando se diz ignorar tal ou qual couza, ás vezes ha nisso um simples recurso retorico, que serve para chamar a atenção sobre o ponto que se finge ignorar. Aqui, porém, quando eu digo que não sei qual a orientação de nossos delegados em Paris, o que confesso é uma real e completa ignorancia. Nenhum jornal norte-americano dá a confiança de se ocupar com as opiniões dos brasileiros...

O importante é que não continuemos a fazer poesia com a chamada Doutrina de Monroe... O caso não é, nem de filozofanças politicas, nem de erudição diplomatica. Só quem esteja nos Estados-Unidos, agora, verá bem qual é a orientação geral a esse respeito. E essa orientação faz medo...

O sentimento de uma nação antes e depois de qualquer guerra não é nunca o mesmo. Seria absurdo crer que a guerra passou pelo povo norte-ame-

ricano sem lhe cauzar a menor alteração do modo de pensar e de sentir.

Em todo caso, nós devemos tomar como pedra de toque para verificar si o tratado que se vai assinar merece a nossa aprovação, a resposta a estas perguntas:

«Si o Brazil ou qualquer outra nação da America quizer apelar, nas suas diverjencias, para qualquer nação da Europa, não o poderá fazer?

Si o Brazil tiver alguma questão internacional com os Estados-Unidos, fica sem o direito de recorrer a outra nação?»

Si a resposta fôr negativa, é de crer que a dignidade nacional nos leve a repellir o tratado. Ele fará de nós uma verdadeira colônia norte-americana. E é esta, no fim de contas, a mais generalizada das interpretações da Doutrina de Monroe, segundo o affirmou uma personalidade, que não se pode ter como inteiramente insignificante: o Presidente da Universidade de Harvard! — MEDEIROS E ALBUQUERQUE (Do *Estado de São Paulo*).

O Brasil não poderá assignar o Tratado da Paz?

Por força do art. 88 da Constituição Federal não pôde o Brasil, em caso algum, empenhar-se na guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação.

O preceito da nossa constituição está de accôrdo com a declaração da Conferencia de Washington de 1889, de que ficava abolido no direito publico americano o principio de conquistas e de que eram nullas as cessões de territorio feitas durante o tempo em que vigorasse o tratado de arbitramento, desde que se realisassem sob a ameaça de guerra ou pressão de força armada.

Segundo a melhor doutrina, e tal é a seguida por Despagnet, professor da Universidade de Bordeaux, nem sequer é admissivel a conquista baseada no principio das nacionalidades, como fariam os escriptores allemães, isto é, não se justifica a própria conquista pela qual se faculta a uma população

reunir-se á maioria dos individuos da mesma nacionalidade.

Finalmente, nem o proprio Estado, ou aos proprios Estados, aos quaes se fez uma guerra injusta (é o caso da ultima guerra européa declarada injustamente pelos imperios centraes á França, Russia, etc.) é permittido annexar ao seu territorio, territorios das nações provocadoras da guerra, e vencidas afinal. (Despagnet, n. 389, do «Curso de Direito Internacional Publico»).

Ora, pelo «Tratado de Paz» se realis a annexação prohibida. E' indubitavel que pelo menos as colonias e possessões ultramarinas da Allemanha passaram para algumas das nações vencedoras.

Consequentemente o «Tratado de Paz», assignado «ad referendum» do Congresso (art. 48, n. 16 da Constituição), não poderá ser approvedo definitivamente pelo Congresso Nacional (art. 34, n. 12).

A propria «Liga das Nações» não é compativel com a nossa Constituição, que no art. 34, n. 17, declara competir privativamente ao Congresso Nacional «fixar annualmente as forças de terra e mar.» O «Conselho da Liga das Nações» deverá elaborar projectos para e redução dos orçamentos, os quaes serão submettidos a revisão de dez em dez annos. E' evidente, a antinomia entre as duas normas. Aceitando a «Liga», ficará o Congresso por esse acto seu privado de exercer uma faculdade constitucional? Poderá o «decreto legislativo» que resolver definitivamente á cerca da «Liga» revogar o preceito constitucional? Se não, a que fica reduzida a competencia privativa do Congresso para fixar «annualmente» as forças de terra e mar, quando só de dez em dez annos se pôde alterar o numero dos nossos soldados de terra e mar?

Já se vê que mesmo a «Liga das Nações», tal qual foi organisaada, «verdadeiro conto do vigario», posta em logar da promettida «Sociedade das Nações», não pôde ser aceita pelo Brasil sem a reforma da Constituição Federal. — DR. PEDRO LESSA (Do *Jornal do Brasil*, Rio)

O quarto de hora de Nogi

A victoria sportiva hontem obtida por um grupo de rapazes brasileiros em luta leal e porfiada com as delegações de atletas argentinos, chilenos e orientaes despertou em toda a cidade — pode-se mesmo dizer: em todo o paiz — interesse e enthusiasmo sem precedentes. O «match» foi esperado com verdadeira anciedade e teve concorrencia prodigiosa; não houve sacrificios de dinheiro, de tempo e de conforto, que desanimassem os curiosos; não dizer dos populares os tres «stadia» regorgitavam — porque Zé Povinho já considera que ha tres «stadia» no Rio de Janeiro: — o do Fluminense, o do morro, que lhe fica a cavalleiro e o da Avenida, onde já é preciso chegar cedo para apanhar «logar bom» e ler facilmente os boletins dos jornaes, descrevendo o jogo. Ao anoitecer a noticia da victoria brasileira espalhou-se com a rapidez de um relampago, suscitando manifestações delirantes, em todos os bairros; o elemento mais popular da assistencia, o pessoal que observa as pugnas de longe, do alto da collina vizinha, trouxe a boa nova á cidade, desfilando a pé até a avenida Rio Branco com o pavilhão nacional, que arvorara no seu observatorio improvisado.

Havia puerilidade nesse interesse? Exaggero nessas manifestações? Não. A victoria de hontem, a conquista do «Campeonato Sul-Americano de Football», tem, especialmente para o Brasil, significação muito mais elevada e auspiciosa do que a de uma simples gloriosa sportiva. Dada a nossa situação de raça ainda mal conhecida e, sobretudo, dadas as condições em que foi alcançado o triumpho sobre a «équipe» detentora da taça, elle tem o aspecto de uma prova em que damos, pela primeira vez em um certamen internacional, a medida de nossas qualidades physicas e moraes, do nosso instincto patriotico, do sentimento que já temos intenso e profundo de nossos deveres em face do Destino, da capacidade que possuimos de comprehender e realisar empresas, que dependem de longo e paciente preparo, de coopera-

ção disciplinada, de esforço sem interesse pessoal, qualidades que ha bem poucos annos nos eram negadas e que muitos dentre nós mesmos consideravam incompatíveis com o caracter nacional.

Só por isso, pelo desmentido de uma legenda desanimadora e injusta, a victoria nesse campeonato deve ter para todos os brasileiros o valor de incentivo, de um programma para o futuro, de um marco magnifico de onde partiremos com novo alento para a conquista de outros e mais valiosos louros.

Na verdade, esse mez de athletismo foi todo elle grandemente lisonjeiro para os que se interessam pela formação de nossa nacionalidade e a educação de nossa raça.

Nos «sports» nauticos, exactamente os que exigem organismos mais perfectos e resistentes, obtivemos todas as victorias sobre nossos irmãos do Uruguay e da Argentina. Em natação, que os mestres hygienistas consideram o «sport» por excellencia, os dois maiores premios foram levantados por um homem de quarenta annos e um rapazola de dezeseite.

No «scratch» de «players», que logrou, com formidavel esforço, arrancar aos uruguayos o titulo de campeão da America do Sul, ha veteranos como Pindaro de Carvalho e novatos como Agostinho Fortes; ha um medico, um academico de engenharia, um estudante de preparatorios, empregados de bancos, de usinas e de casas commerciaes; ha descendentes de portuguezes, de francezes, de italianos, de allemães e de africanos. Mas todos alli eram «sportsmen», animados pelo ardor de vencer pelo Brasil, submissos voluntariamente á mesma disciplina severa e attenta para vencer; trenados no mesmo regimen de hygiene e esforço, para vencer; resolidos a enfrentar todas as difficuldades, a supportar todos os golpes, a resistir, a todas as fadigas, para vencer.

Gloria sportiva! — dirão os pessimistas, os criticos a todo o transe. Que importa se essa victoria revelou nos rapazes brasileiros de hoje as mesmas qualidades, a mesma dedicação, a

mesma robustez de corpo e de alma, com que se disputam e alcançam outras victorias mais preciosas?

E é preciso attender ás circumstancias que cercaram esse campeonato. Os outros foram por nós perdidos por falta de preparo; todos os competentes estão accordes em affirmar que nossos «scratches» foram a Buenos Aires e Montevidéu, organizados á ultima hora, sem treino, sem uma selecção criteriosa.

O desaparecimento desses males foi a melhor de nossas victorias, porque foi um triumpho sobre nós mesmos, sobre nossos habitos de descuido, sobre nossa antiga incomprehensão da necessidade do esforço conjunto e preparado com pertinacia. Desta vez, tivemos na arena, para defender nosso nome e as côres de nossa bandeira, um conjunto homogenco, adextrado, com pratica de agir com disciplina e methodo.

Mas, não foi o bastante. Os que nos enfrentavam tinham tambem por si todas essas vantagens e mais a de possuill-as ha mais tempo do que nós. As forças estavam quasi equilibradas e se havia desproporção sensivel, era em proveito de nossos brilhantes adversarios. Então, entrou em jogo um novo elemento: — a resistencia physica e mais ainda a resistencia moral.

Para decidir a victoria hesitante era preciso ter a coragem de esperal-a; esperal-a, resistindo, lutando, mantendo a defesa energica e a offensiva impetuosa.

O primeiro tempo do jogo deixou-nos intactos diante dos adversarios igualmente intactos; passou o segundo tempo, e uns como outros mantiveram suas posições; mais meia hora de luta, e ainda as duas «équipes» estavam invulneraveis; duas horas de jogo não tinham trazido solução ao embate. Era preciso mais outro encontro, e foi nesse que vencemos.

Dois dos maiores cabos de guerra de nosso tempo, Nogi e Foch, estabeleceram para os encontros sangrentos de guerra um mesmo principio, e-nunciado em termos diversos, segundo as raças que os produziram. O vencedor da segunda batalha do Marne disse: «O general vencido é aquelle que primeiro acredita na sua propria der-

rota.» O conquistador de Porto Arthur usou de outra formula, dizendo: «O vencedor é aquelle que tem a coragem precisa para soffrer um quarto de hora mais do que seu adversario.»

No espirito de um e outro desses grandes conductores de homens a idéa evidente é uma só. Para vencer é preciso resistir sem desanimo, até o ultimo momento.

Foi na ultima prorogação que o nosso «scratch» triumphou, revelando os mesmos dotes com que os soldados de Nogi e Foch se cobriram de gloria immorredoura. Cabe aos educadores e aos governos cultivarem essas qualidades magnificas e aproveitá-las para as lutas que o Destino nos reservar na paz como na guerra. — (D'O Imparcial, Rio).

Sete vaccas gordas

Certo individuo encontrou, um dia, á beira de um rio, um ovo de crocodilo. Metteu-o na algibeira, atravessou kilometros de terra firme, e, ao fim da viagem, escondeu na areia do quintal a minuscula reliquia trazida de longe. Do ovo nasceu um crocodilo, que se desenvolveu e acabou, uma tarde, comendo o homem.

Ha pequenos incidentes que são, como esse, origem de grandes acontecimentos. E é desse numero, segundo alguns historiadores, o que deu ensejo, ha cincoenta annos, á guerra do Paraguay.

Nos gloriosos tempos da conquista hespanhola, Domingo Martinez de Irala, fundador de Assumpção, entendeu que a prosperidade do Paraguay dependeria, no futuro, da criação do gado.

— Quiero ir a la costa del Brasil a traer vacas! — disse.

A precedencia não coube, entretanto, mas a Ruiz Diaz de Melgarejo, que mandou buscar da capitania de S. Vicente, no littoral brasileiro, sete vacas e um touro, recebendo o vaqueiro, um tal Gaeta, pelo trabalho, uma das vaccas que conduziu.

Pouco depois estava a manada de Gaeta de tal maneira multiplicada, que o capitão Martin de Orné temia a invasão do povoado pela gaderia da vi-

sinhança, queixando-se aos interessados:

— Hay tantas vacas, cabras, ovejás, yeguas, y puercos, que es menester alejarlos del pueblo, por que van en crecimiento.

Nos fins do seculo XVIII possuia o Paraguay tres milhões de cabeças de gado vaccum; e em 1865, cerca de quinze milhões, — sendo essa fartura de recursos, na opinião de alguns commentadores, um dos elementos que mais animaram Lopez a declarar guerra ao Brasil.

E ahi está como sete vaccas brasileiras, multiplicadas no estrangeiro, concorreram para que o seu paiz de origem se empenhasse na mais violenta guerra da America.

Era o crocodilo do caminheiro, que, após o seu desenvolvimento, se voltava, terrível, contra aquelle que o tivera nas mãos. — MICROMEGAS (D'O Imparcial, Rio).

S. Paulo no Centenario

... O sr. prefeito no meio de uma papelada que estava a estudar, — relatorios, plantas, requerimentos, — recebeu-me com a maxima gentileza... E mal lhe expresso a intenção de conhecer o que pretende fazer em S. Paulo para a commemoração da independencia, s. exa. logo me responde:

— A commemoração, como sabe, não é nem deve ser feita sómente por S. Paulo, mas por todo o Brasil. E' brasileira e não paulista a data, de sorte que nós não podemos cogitar em realisar, por nossa conta exclusiva, as festas commemorativas. Não ha duvida que o Ipiranga é um bairro da nossa cidade, mas o feito excepcional que alli se deu interessa a todo o paiz, e a todos os brasileiros, portanto, é que competirá a commemoração.

— Sim; é verdade. No Rio já se está tratando das festas nacionaes. Mas não faremos aqui nada para commemorar a independencia?

— Decerto que sim, mas isso não toca á Prefeitura, nem ao governo do Estado, o qual, de resto, já começou a tratar do assumpto. O que a Pre-

feitura tem; a fazer é apresentar condescendentemente a cidade, que com certeza terá de receber innumeros forasteiros. E isso, posso garantir-lhe que será feito . . .

— E v. exa. pretende realizar muitas reformas na cidade?

— Não, nem ha recursos para tanto e eu não faço reformas sem ter o dinheiro na gaveta. Mas, só com a terminação de algumas obras de embelezamento já iniciadas, e com os retoques necessarios, aqui e alli, sobretudo no calçamento, S. Paulo — que já é, incontestavelmente, uma bonita cidade — estará em condições de oferecer um bello scenario ao que se fizer aqui. Como sabe, o governo já iniciou a construcção da Avenida Independencia, a qual irá do monumento do Ipiranga até o ponto de intercessão com o canal, onde começará a Avenida dos Estados, esta por conta exclusivamente da municipalidade.

— E é folgada a situação financeira do municipio?

— Folgada, muito folgada, não. Mas a nossa despesa vae diminuindo bastante, os nossos titulos estão com uma cotação excellente, a renda municipal augmenta sensivelmente, sendo de mais de 11.000 contos, e já não temos «deficits» no orçamento . . .

— E além da Avenida dos Estados, o que pretende a Prefeitura fazer?

— O Parque da Varzea do Carmo, que não custará um vintem á Prefeitura, e constituirá o mais bello jardim da cidade, ligando-se com o do Anhangabahu', e terminando ambos no Piques, onde em breve se farão obras em torno do obelisco, de modo a pô-lo em grande destaque, a aformoseando o local. A Avenida S. João estará completamente acabada, até a rua dos Tymbiras, tendo no inicio, na Praça Antonio Prado, uma bella fonte monumental, que disfarçará a ladeira. O esculptor Zani já tem prompta a «maquette» para esse monumento que ha de ser de granito, marmore e bronze, e de lindo effeito. Tambem a rua Libero Badaró ficará, até 1922, inteiramente concluída, e até lá espero igualmente fazer a Praça de Santo An-

tonio, tão necessaria para desafogar o centro. Parece-me que, com isso, e com os reparos de que já lhe falei, teremos a cidade á altura das festas que aqui se fizerem . . . — P. (D'O Estado de S. Paulo).

Jaurès

Vi-o, frequentemente, de perto. Este grande homem mostrava-se, na intimidade, simples e affectuoso. Era a mesma doçura e bondade.

De todas as faculdades que lhe concedeu a natureza, a de amar foi talvez a que elle exerceu de um modo mais completo. Ouvi essa voz terrível que enchia o mundo com os seus echos formidaveis, fazer-se, para mim, cordial e acariciadora.

Seu saber, profundo e seguro, estendia-se além do largo circulo das questões sociaes, sobre todas as cousas do espirito.

Algumas semanas antes da guerra, ándo visital-o á sua casa em Passy, tão modesta e gloriosa, encontrei-o lendo no original uma tragedia de Euripides. Seu espirito immenso repousava do estudo com o estudo e de uma tarefa com outra. Na serenidade de uma consciencia pura, perseguido por odios encarniçados, alvo de calumnias homicidas, não odiava a ninguem. Ignorava os seus inimigos.

Esses odios com que os povos ás mais das vezes pagam a seus mais fieis servidores, a seus melhores amigos e mais sabios conselheiros, não se extingue logo após a morte dos grandes homens que perseguem, porque os grandes homens não morrem completamente e deixam após si seu pensamento vivo e fecundo, á mercê das facções.

Será em vão que o erro e o odio hão de tentar obscurecer o tulgurante patriotismo de Jaurès. Pois o amor da patria e o amor da humanidade não podem arder no mesmo coração? Podem; devem. Direi mais: si não se ama a humanidade não se poderá amar verdadeiramente a patria que é um membro della, e de que se não pode destacar sem fazel-a sangrar, soffrer e morrer.

Jaurés amava a França. Queria-a justa, pacífica e forte.

A segurança de seu paiz foi uma das mais constantes e das mais fortes preocupações do seu grande espirito. Elaborou com rara energia um projecto de milicias que punha um immenso e vigoroso exercito ao serviço da autonomia nacional. O genio é prophético e esse grande homem lia no futuro quando preconisava a organização da nação armada.

O serviço de tres annos, que prevaleceu não nos livrou da invasão. Salvou-nos a nação armada.

A guerra, elle a receava para o seu paiz e para a humanidade. Não a temia nem pela sorte de seu partido, nem pelo successo de suas ideas. Previa, na verdade, que a França victoriosa pagaria com sua liberdade o triumpho das armas; mas sabia tambem que esse resgate não levaria muito tempo a lhe ser exigido e que a revolução, explodindo de começo entre os vencidos, levaria em pouco o incendio aos vencedores. Elle sabia que esta guerra não seria um passatempo de príncipes como as de Luiz XIV ou de Frederico, ou uma grande aventura, como as conquistas de Napoleão; que ella não consistiria somente nesses choques de exercitos que, espelhando as searas, deixam intactos os alicerces dos Estados, mas que, oriunda de rivalidades industriaes, até hoje inauditas e abrangendo povos inteiros, ella seria social e que ao esforço quasi universal dos combatentes succederia o esforço universal dos trabalhadores.

Os acontecimentos lhe dão razão e ninguem nesta hora é bastante insensato para crer que as ondas humanas levantadas por tão violenta tempestade venham a voltar tranquillamente ao leito e retomar o curso antigo. Não! Não! a terra está profundamente perturbada; muitos vales se cavaram, abysmando altas planicies; elevaram-se montanhas, para que as novas gerações possam escoar-se suavemente pelas encostas de onde se despenharam as anteriores. Ora, as condições economicas das nações estão radicalmente transformadas, delapidadas as suas riquezas; o furor imperialista e capita-

lista tudo devastou, entre vencedores como entre vencidos; e quereis que o trabalho se submetta ás mesmas leis que o sujeitavam no velho mundo que em quatro annos de guerra se tornou um chãos monstruoso e uma ruina irreparavel!

Jaurés bem sabia que a guerra dos povos amadureceria o socialismo, libertaria o proletario, o qual se tornaria soldado e conheceria ao mesmo tempo a sua força e a demencia dos seus patrões.

Jaurés bem sabia que, no dia em que os povos se penetravam mutuamente a ferro e a fogo, abriam emfim passagem, atravez desses caminhos sangrentos, á idéa internacional pacifica.

Espiritos clarividentes souberam prever esse esforço suprehendente com que uma guerra de rivalidades economicas prepararia pelo seu partido. Mas não queria comprar por semelhante preço o progresso das mais caras das suas ideias.

Tocou á sua alma, bella como a paz, o destino de morrer com ella.

Que ella reviva em nós mais brilhante que nunca com a paz renascida e que seu pensamento luminoso nos guie.

Não exijamos que elle seja vingado. A vingança nunca se aninhou em seu coração. Não lhe rendamos honras vãs, que elle teria recusado com todas as forças da sua grande alma; mas forcemo-nos por ser, seguindo o seu exemplo, humanos e generosos.

Quanto a mim, que tenho a magoa de sobreviver-lhe, já no termo de minha vida, quero que as minhas ultimas palavras, como as delle, sejam palavras de justiça e de amor. — ANATOLE FRANCE (De *L'Humanité*, Paris).

...

Notas Scientificas

O casamento consanguíneo em face da Eugenia

Dentre as muitas theorias sobre a hereditariedade nenhuma é mais completa, e se concilia mais com a logica do que a de Weissmann. Esta é a opinião geral dos scientistas que se dedicam a esta transcendente questão biologica. Baseado nella vamos consi-

derar o seguinte:

Existem no organismo animal duas sortes de células: somáticas e germinativas. As somáticas constituem o organismo e representam, mal comparando, o *cabide* das germinativas ou sexuaes, que são os elementos nobres por excellencia, dada a sua função de perpetuadora das especies. Estas ultimas cellulas de reprodução são por sua vez de duas variedades: machos e femeas. Ambas contém todos os elementos proprios de uma cellula completa e como principal a — *chromatina* — que representa, na expressão de Duval, o *substractum* material da hereditariedade.

A chromatina da cellula macho (espermatozoide) como a da cellula femea (ovulo) trazem em si as propriedades biologicas dos dois seres donde provieram. Fundindo-se as duas cellulas, no phenomeno da reprodução as duas chromatinas se conjugam e origina-se o ovo, que vae posteriormente dar nascimento a um novo ser identico aos ascendentes.

Antes, porém, dos dois elementos reproductores se fecundarem, as chromatinas de ambos soffrem caryocineticamente um processo de eliminação, denominado — *eliminação dos globulos polares*. Esta constitue, como que uma redução de metade dos seus valores quantitativos e qualificativos, para que se faça a união de duas metades e resulte uma unidade. Se assim não fosse, cada fecundação representaria a somma de duas unidades, o que daria em resultado uma multiplicação infindavel de chromatinas.

Não só para isso se dá a eliminação parcial, ou eliminação dos globulos polares. Admitte-se, e sensatamente, que este processo eliminativo é de ordem selectiva. Os chromosomos da chromatina, ou melhor, os determinantes, ou melhor ainda, os bioforos se entrecocam, lutam entre si, seleccionam-se, eliminando-se com o globulo polar os mais fracos, os inferiores e persistindo nos pronucleos resultantes os mais aptos, os mais fortes.

Este *modus operandi* desenvolvido na theoria de Weissmann ou theoria da selecção germinal completa a theoria de Darwin, isto é, da selecção en-

tre individuos e a theoria de Roux ou da selecção histonal.

A selecção germinal representa um grande passo no estudo do aperfeiçoamento das especies, porque vem demonstrar que mesmo nas cellulas geminativas se dão lutas, que o que se desenrola no microcosmo é essencial para a perpetuação biologica, isto é, que o *match* entre os determinantes é questão essencial de vida.

Se na eliminação dos globulos polares fica assegurada a perpetuidade dos determinantes e portanto dos bioforos optimos e sendo estes os vehiculadores da vida, os representantes dos caracteres, é certo que nas cellulas pronucleares se encontrarão representados os melhores a transmittir ao novo individuo.

Dito isto, fica esclarecido o seguinte: a cellula germinal, de um individuo tarado, contém tantas especies de bioforos quantos caracteres existiam no individuo de onde proveio; portanto, terá bioforos bons e inferiorizados, que serão eliminados com os globulos polares; se porém estes forem em quantidade superior é certo que a expulsão delles não sendo total, muitos figurarão no pronucleo. Ora, se este facto se der, tanto no ovulo, como no espermatozoide, está pateado a inferioridade do producto resultante da combinação das duas cellulas.

Em outros termos, se os pronucleos femea e macho são bons, o producto será optimo e o novo ser delles oriundo um typo forte; se os pronucleos contém elementos chromaticos impregnados de taras, o producto será por sua vez tarado, e o ser resultante, um inferiorizado. Se, finalmente as taras forem excessivas o producto da fusão originada consistirá numa monstruosidade ou não chegará ao seu desabrochamento.

A isto somos levados, para chegar a seguinte conclusão bem simples: quando se casam dois individuos consanguineos fortes, os filhos tambem o serão e mesmo poderão receber as qualidades optimas herdadas em ampliação. Se porém o pae e a mãe trazem na sua organização um vicio, uma tara, homogenica ou não, o que



é muito commum, o filho receberá os males dos progenitores nos seus multiplos.

Muitas vezes, v. g. um individuo é portador de uma tara nevropathica minima, a qual passa completamente despercebida e a mulher consanguinea em condições identicas recebe-o como esposo. O producto de duas facções nevroticas sommadas originará fatalmente uma psychose de maior quilate que irá se patentear na victima descendente.

Estas considerações servem como base para chegarmos á seguinte conclusão:

— *A consanguinidade tanto serve para exaltar boas qualidades, o que é raro, na especie humana, como para multiplicar as más, o que é a regra.*

Na minha fraca opinião entendo, pois que, sob o ponto de vista eugenico deve ser mantido o artigo do nossoCodigo Civil que considera impedimento o parentesco de irmãos legitimos ou illegitimos, germanos ou não e os collateraes, legitimos ou illegitimos até o terceiro grau», e, que seja criado um novo artigo, no qual se estabeleça a exigencia do exame prenupcial.

Nestas condições proponho que seja levantado um protesto contra o projecto da alteração do artigo 183 doCodigo ou a suppressão do impedimento nelle previsto para o casamento entre o tio e sóbrinha ou sobrinho e tia. — DR. RENATO KEHL.

...

Variedades

Um livro a proposito do Centenario

Fiel ao seu programma do mais puro nacionalismo, a «Revista do Brasil» projecta a publicação de uma valiosa e interessantissima obra commemorativa do Centenario da Independencia nacional.

Esse livro, para cujas paginas estão sendo recolhidos documentos em todo o paiz, não terá feição nem o espirito de simples polyanthéa, mas será o mais interessante e o mais vivo attestado da nossa cultura, pois,

além do character expositivo e documentario, reflectirá as modalidades da critica historica e social por parte da élite pensante brasileira.

Para isso, valendo-se não só da sua diffusão em todos os Estados, mas tambem do intelligente aparelho de informações que organizou com ramos em todas as capitães brasileiras onde tem directores regionaes, a «Revista do Brasil» acaba de abrir um important-concurso-inquerito para fazer convergir á obra projectada a attenção e o trabalho de todos os estudiosos.

Por esse concurso-inquerito, destinado a uma enorme repercussão em todos os meios nacionaes, a Revista deseja ver tratados os seguintes assumptos:

PRELIMINARES — Quaes são os verdadeiros factores sociaes, politicos e economicos que determinaram effectivamente a independencia? Até que ponto se prende esse movimento nacional á corrente libertadora que determinou a emancipação dos outros paizes da America?

THESE — Com que contingente para a Independencia entrou cada um dos antigos nucleos de colonização do paiz e como evolveram o sentimento e a consciencia nacionalista nos ultimos cem annos em cada um delles?

As contribuições não devem exceder de trinta paginas, que deverão ser enviadas em duas cópias á redacção da «Revista do Brasil».

O concurso-inquerito fica aberto até 7 de setembro de 1921, e para o melhor trabalho a «Revista» offerece o premio de um conto de réis.

Dos trabalhos que lhe forem enviados até 7 de setembro deste anno, a «Revista» publicará um no fasciculo correspondente a esse mez.

Além de monographias sobre os assumptos em concurso, serão recebidos e aproveitados quaesquer trabalhos ou apontamentos que se refiram ao magno acontecimento da nossa historia. A redacção da «Revista do Brasil» responderá pressurosamente a todas as cartas que lhe forem dirigidas, solicitando outras informações referentes ao presente concurso-inquerito, que é, no genero, o primeiro realizado no Brasil.

CARICATURAS DO MEZ

Apagando o Facho...



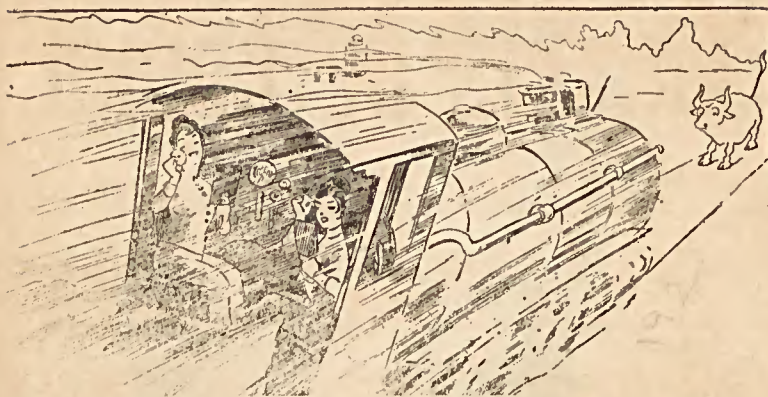
*Um sul-americano — Parece-me que ficamos ás escuras.
Outro — Pois você não viu logo que é este o fim da Conferencia
da Paz?!*

(Storni - D. Quixote - Rio)

O FEMINISMO MARCHA...

A 60 k, por hora

O director da Central do Brasil resolveu autorizar a inscripção de senhoras no concurso a realizar-se em junho proximo naquella estrada.



Se a moda chegar ao trafego e a mulher entrar nos trilhos... isso vae ser uma beleza de hortalixa. (Kalisto - D. Quixote Rio)

O FUTRICA

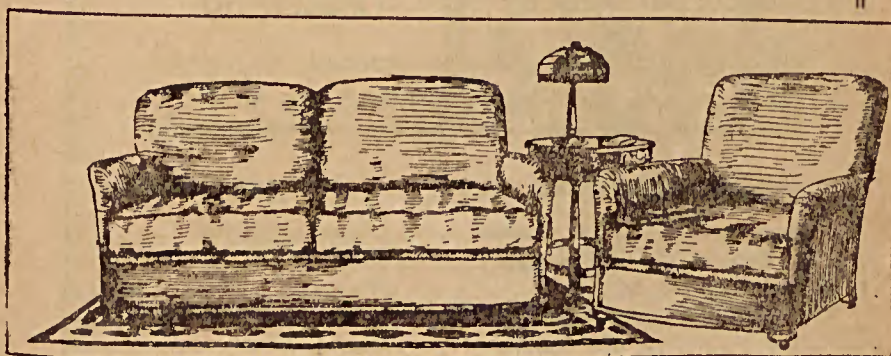


— Não gosta do jogo de foot-ball?
— Gósto sósinho. Jogo todos os dias, em casa, com a almofada da sala de visitas. (Raul - D. Quixote - Rio)

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::
São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTEE DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolino</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	<i>Chá da Índia</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guttness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	<i>Tintas preparados</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Lte., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Lodrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

Etablissements

Bloch

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos.

::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S, PAULO - Telephone N. 867

3\$000

é quanto paga a Administracção da **Revista
do Brasil** por exemplar do N. 26 ou do N.
29, de fevereiro e maio de 1918, respectiva-
mente, que lhe fôr enviado para a Caixa, 2-B
S. Paulo, Rua da Boa Vista N. 52

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade
em Artigos Domésticos e artigos para Encerar :: ::

P. R. AMARAL IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

“Trevo”

SE EXPORTAM

LOTERIA DE S. PAULO

Em 18 de Julho

60:000\$000

por 7\$000

Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Eseriptorio; Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Libero Badaró, 118. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente
das crianças Res.: R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE E s-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Eseriptorio: Tra-
vessa do Commereio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títulos
— Eseriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
eriptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
easemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

LEBRE FILHO & COMP.

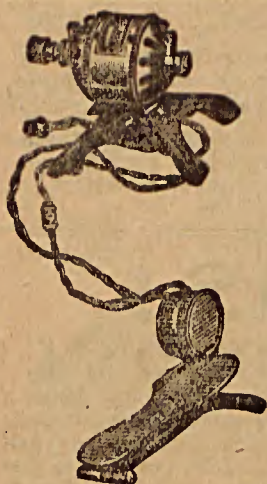
Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositarios dos afamados
Charutos Poock.

GOSAR
É FUMAR

37

MISTURA
DA MODA

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfévrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

LIVRARIA ACADEMICA

Largo do Ouvidor 5-B S. Paulo

Dr. Affonso Dionysio Gama - *Da Antichrese* (Theoria e pratica). Estudo completo, unico no direito nacional, comprehendendo legislação, doutrina, jurisprudencia, formulario, a antichrese no direito patrio, a antichrese no direito estrangeiro e um indice alphabetico e remissivo de toda a materia. Um bello volume cm 4.º, de 333 pags., br. 12\$000, enc. 15\$000

Dr. Manoel Pacheco Prates (Lente da Faculdade de São Paulo) - *Theoria elementar da posse*. Exposição clara e precisa dos principios essenciaes; indica e resolve todas as hypotheses praticas sobre aquisição e perda de posse. Um volume brochura 4\$000, encadernado 6\$000

Estudo de Direito Civil - Lições professadas na Faculdade de Direito. Direitos Reaes. Propriedade. Dominio. Casamentos. Desquite. Successão. Acções. 1 vol. br. 5\$, enc. 7\$

Grande variedade de livros de direito brasileiro e portuguez litteratura, educação e ensino, sciencias sociaes, etc. Envia-se o catalogo dos livros de direito a quem o pedir.

GRATIS! OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas yerbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

:-: BOLETIM A ENCHER :-:

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem.....\$.....importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

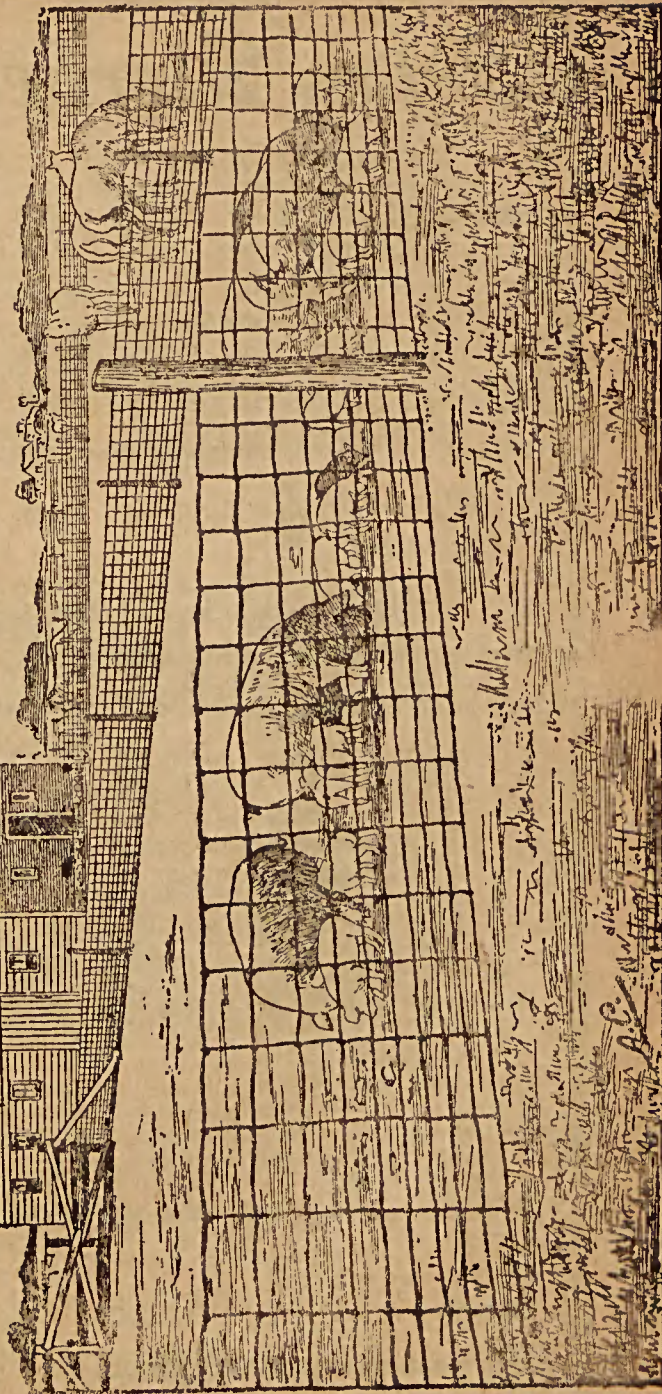
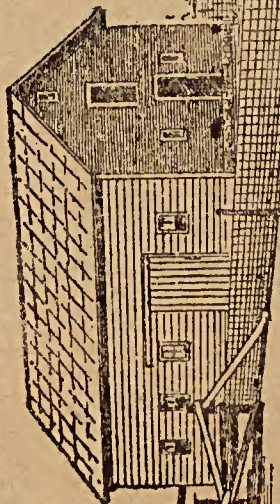
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de.....\$.....
.....de.....de 19.....

Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

Sol. Industrial e de Automoveis Bom Retiro
Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETS,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL: LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas
Guanabara

CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peça^m Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVÁLESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO e NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.



URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaarias.
 Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente do Uro-
 pina, Lycetol, Neo-Sidonal e Lithia.

GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O Tratado da paz	193
RUY BARBOSA	O "caso internacional" (II).	195
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XII).	219
AMANDO CAIUBY	O caso de Jundiuvira	230
ROBERTO MOREIRA.	} Versos	238
MARIA EUGENIA CELSO		
PE. HELIODORO PIRES.	Domingos Jorge Velho	241
ALBERTO FARIA	O patriarcha do "adhesismo"	260
REDACÇÃO	} Bibliographia	266

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 43 - ANNO IV — VOL. XI — JULHO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Os mortos do mez - A questão das condecorações - REVISTAS E JORNAES: O café e a geada (*Ed. Navarro de Andrade*) - O poder militar allemão foi vencido mas não destruido - (*Henry Eidou*) - Anatole France comunista (*Gilberto Amado*) - O lenço do Presidente (*Micromegas*) - A moda no Rio (*A Leão Velloso*) - A aranha e o sapo (*O. F.*) - Renan apostolo das guerras de conquista - Agora, nós! (*A. Chateaubriand*) - NOTAS SCIENTIFICAS: O somno (*Dr. Barbosa Vinna*) - VARIEDADES: São os musicos uns desequilibrados? - Escola para deputados.

ILLUSTRAÇÕES: Linhas de penetração nos sertões Parahybanos - Roteiro de Domingos Jorge Velho.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LÉTRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manãos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correlo: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central
Toda a correspondencia deve ser dirigida no secretario.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO. MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO

Etablissements

Bloch

:: Société
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

—
Fazendas
e Tecidos
—

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

CASA BRITANNIA

S. PAULO

Macdonald & C.

Moveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK."

Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 . S. PAULO

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conehas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietários da conhecida "PLATINA,"
Água Mineral
Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Água de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é eserupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000	Succursaes: Manchester, Bahía,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Montevideo,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

PHENO-DANICA

Superior Desinfectante



Vende-se em caixas de 50
latas do 1 litro e em latas
de 10 litros e vidros do
100 grmamas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Chamamos a attenção dos srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antieptico deste desinfectante no tratamento de febre aphtosa e molestias congeneres, bicheiras, bernas e carrapatos.

Peçam amostras gratis

A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central
Caixa Postal N. 1410

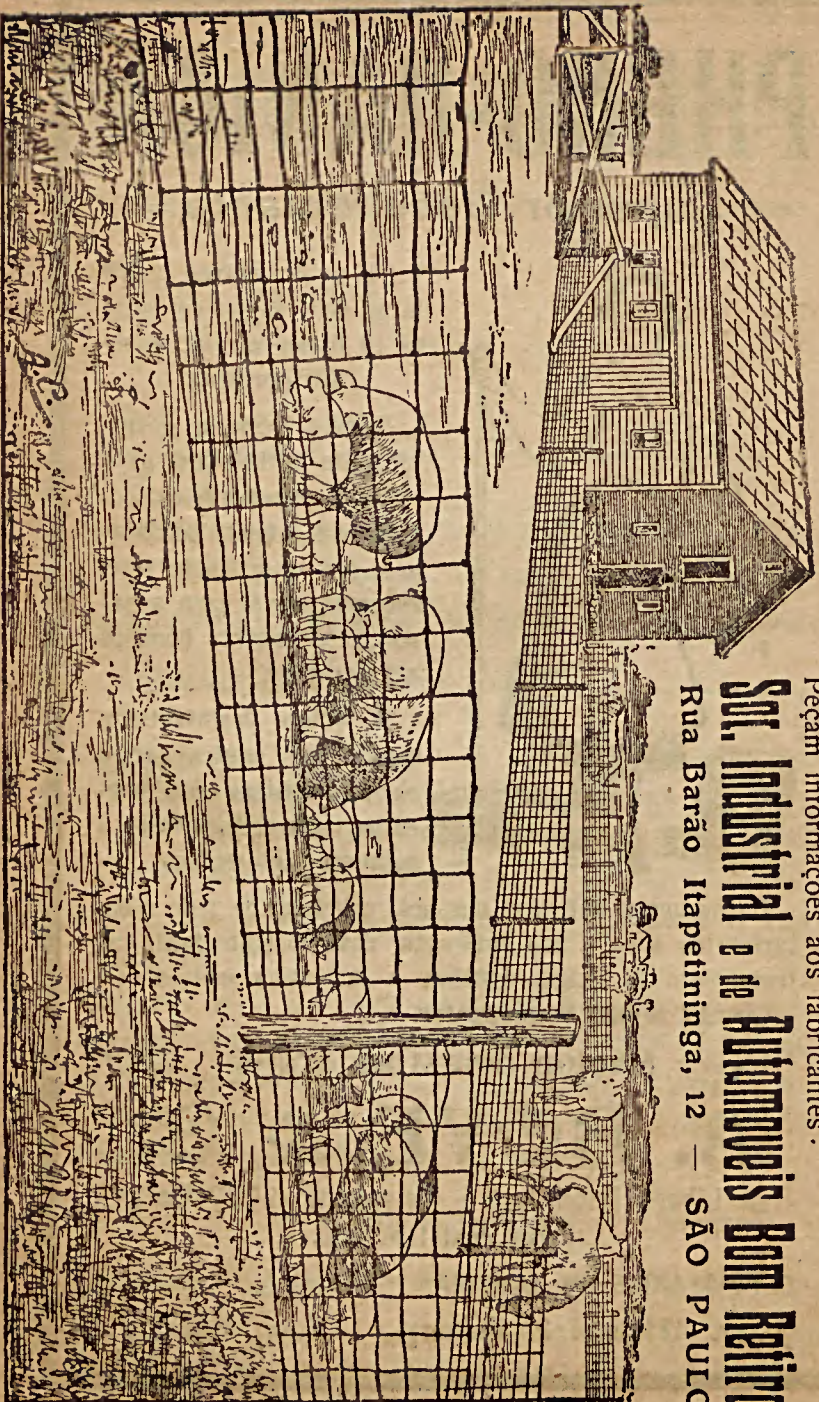
DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: _____

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

Cerca de Tocado "PAGE"

Pecam informações aos fabricantes :

Sr. Industrial e de Automoveis Bom Retiro
Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTEE DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimenta</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	<i>Chá da India</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Lte., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhas</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.



AUTOMOVEIS

ELEGANTES

Confortaveis



ECONOMICOS

Resistentes

O mais bello carro da America

Premiado por concurso na ultima exposiçãõ
realisada em Nova York



Peçam catalogos dos ultimos modelos

ESSEX

7 logares — Chassis nú adaptavel a qualquer
:—: carrosserie :—:

Antunes dos Santos & C.

Rua Libero Badaró, 93-95
S. PAULO

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

Casa Franceza

— de —

L. GRUMBACH & C.^{IA}

Rua S. Bento, 89 e 91

SÃO PAULO

Nas capitacs européas e norte americanas, não se usam mais jardineiras para pôr nas mezas das salas de jantar; usa-se a jardineira multiflora. Estas jardineiras alem de apresentarem as flores de um modo mais variado, têm um aspecto artistico completamente **EIS ALGUNS MODELOS QUE TEMOS** novo.

:: SEMPRE EM STOCK ::



4553



4556



2140



4882



1382

N. 4553 - Armação metal dourado, 8 tubos cristal Baccarat . 45\$000

N. 4556 - Idem, 7 tubos idem . . . 40\$000

N. 2140 - Guarnição Mafelica Artistica o jogo . . . 50\$000

N. 4882 - Armação metal dourado, 3 tubos cristal Baecarat 25\$000

N. 1382 - Idem, 8 tubos cristal Baecarat 80\$000

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE
GENERO NO BRASIL

REVISTA DO BRASIL

Julho, 1919.

O tratado de paz.

Depois de discutido por todos, examinado por alguns, repellido por muitos, remodelado, ajustado e adaptado ás conveniencias dos mais fortes, foi, finalmente, subscripto em Versalhes um documento que pretende assegurar, não a paz permanente, mas um grande folego entre a guerra desencadeada em 1914 e as luctas armadas futuras. E' esta, pelo menos, a opinião geral dos commentadores e sociologos de ultima hora, que nas folhas dos jornaes se comprazem em tracejar os limites da acção desse tratado na evolução politica do mundo, prevendo já o primeiro grande choque de armas, e, concomitantemente, verificando entre que possiveis allianças elle se vae dar. Mesmo aqui, no Brasil, a mais grave cogitação tem sido, desde algum tempo, o estudo e a resolução das questões que possam surgir futuramente, respeito á nossa *entente* com a Polonia ou o Afagnistão, por exemplo. Do que nos toea directamente, aos verdadeiros interesses do paiz sob o reflexo do novo estado economico ou social internacional, pouco, pouquissimo se tem tratado.

E entretanto, o espectáculo que apresentou no ajuste de contas final a attitude das nações que maior vulto tiveram na contenda ainda mal acabada, deveria ser uma lição salutarissima para os povos, como o nosso, ainda sonhadores com amigos internacionaes, sympathias de raças, solidariedade de culturas e quejando clichês. O que se está

a vêr, cada dia mais nitidamente, é que as nações, grandes ou pequenas, poderosas ou fracas, só têm a contar consigo mesmas, sem cuidar de auxilios ou protecções alheias, antes devendo prevêr a voracidade dos appetites das outras numa concorrência que se torna cada vez mais premente.

Em o nosso caso, deveríamos aproveitar todos os pretextos que se nos deparassem na emergencia actual, para nos desligar de antigos compromissos politico-sentimentaes, fugindo ás allianças ou *ententes*, nas quaes como parte, mais fraca representaremos, inevitavelmente, o papel da panella de barro no passeio fraternal da fabula. Deveríamos procurar caminho tanto quanto possivel á parte, amparados em nossos proprios recursos, esforçando-nos por tomar um logar ao lado das outras nações, mas sempre só, orgulhosamente só, desconfiadamente só.

Rigth or wrong, my country, essa a divisa que os Brasileiros deveriam adoptar, emancipando-se das obsoletas preoccupações de agradar a forasteiros, ou de lêr, com elogios, nos jornaes estrangeiros, referencias aos nossos homens e ás nossas coisas.

Os povos não podem fiar-se uns dos outros, por maiores e mais eloquentes que sejam os protestos declamados nos banquetes protocollares.

Seria um grande beneficio da guerra, si os ultimos acontecimentos, pelas suggestões que provocam, tirassem dos olhos dos nossos patriotas de boa-fé a venda dessa illusão, na convicção final da velha verdade de que, se todo estrangeiro não é nosso inimigo, ao menos, os nossos inimigos só podem ser povos de outras terras, tocados de outros sentimentos e escravos de outros destinos.





O "CASO INTERNACIONAL"

II

Nesta segundu parte de sua memoravel conferencia de São Paulo, é que o Sr. Ruy Barbosa, depois de tratar propriamente do «caso internacional», explica as razões porque se excusou de representar o Brasil na Conferencia da Paz

Gemeas

Ainda haverá, senhores, quem possa crêr que estivessemos, de verdade, em guerra com os Impérios Centraes? Têm toda razão os Doitches de Atlantes: quem ainda vencida, não cessa de estar vencedora no Brasil, é a nossa grande Allemanha. Mas o phenomeno não é de extranhar. Nem duas frutas pegadas uma á outra serão mais inchoas, nem dois fétos do mesmo parto mais gemeos, do que a manha brasileira e a manha alleman nas mais ruins qualidades politicas da sua ronha. Só o inimigo de Deus e dos homens poderia engendrar dois sócias tão irmãos na sarna castelhana. O nome é de Garcia d'Orta, nas «Drogas da India», a que pode recorrer quem não dê com o alcance do euphemismo.

Convite para a Conferencia de Pariz

Eis, senhores, como levavamos as coisas, quando as victorias allemans soffreram o esbarro providencial, donde desandaram até o desbarato irremediavel e á capitulação incondicional, em que o armistício importava. Acercava-se, pois a reunião da Conferencia da Paz, onde todo o mundo suppunha que não podia deixar de ser eu o embaixador do Brasil. Neste sentido se pronunciou a Nação por todos os seus orgams, officiaes ou naturaes e do mesmo modo se exprimiu o conselheiro Rodrigues Alves, na carta que, aos 3 de Dezembro, me enviou de Guaratinguetá:

Eis os seus termos:

«Exmo. senador Ruy Barbosa. Hoje me dirijo ao exmo. sr. dr. Delfim Moreira, informando-o da resolução, assentada em meu espirito desde que fui reconhecido presidente, de convidar v. exa. para chefiar a delegação do Brasil, na Conferencia da Paz, que está prestes a ser inaugurada. Sei que o sr. vice-presidente tem o mesmo pensamento. E', aliás, a vontade geral da Nação, que assim presta mais uma homenagem ao preclaro nome de v. exa. Era meu proposito levar a v. exa. pessoalmente, esse convite. Infelizmente não posso fazê-lo por ter necessidade de mais alguns dias de descanso. O sr. ministro do Exterior, porém, dará a v. exa. todas as informações que se referirem áquella delegação e ao pensamento do governo quanto a fórma de a constituir.

«Apesar de grandemente honrosa a commissão, comprehendo bem a extensão do sacrificio reclamado de v. exa. neste momento. Tenho, entretanto a maior confiança no patriotismo do meu illustre collega e a Republica espera, com toda a segurança, que v. exa. não se recusará ao seu appello. Com a mais distincta consideração, sou, de v. exa. admor., collega e amigo (a) *F. P. Roiz Alves.*»

“A vontade geral da nação”

Esta honrosa carta, senhores, responde antecipadamente ás miserias, de que a Secretaria do Exterior, pelos seus alugallos, tem apestado os jornaes cantando hosannas aos que, pelos seus manejos, obstaram o meu assentimento ao convite presidencial, grangeando assim ao Brasil a vantagem de ter na Conferencia da Paz uma representação, não oratoria, não dramatica, não retumbante não inconveniente á paz americana, mas pratica, mas discreta, mas cingida com a politica brasileira na sua attitude tradicional de conciliação entre a America do Sul e a America do Norte. Responde, tornô a dizer antecipadamente, com a declaração official, pelo fallecido presidente de que a minha escolha era «a vontade geral da Nação», coisa que, aliás, mais abundante e calorosamente disseram a Camara e o Senado, nas moções votadas, para me reduzirem a não recusar o convite.

O novo ministro do exterior

As intenções deste eram, evidentemente, sinceras, e verdadeiros os termos da sua carta. O mallogrado presidente não occultava a resolução, que nunca deixou de nutrir desde o começo de me commetter a embaixada. Todô o seu erro foi ir buscar onde não devia, e em quem não devia, o seu ministro das Relações Exteriores, desastroso legado com que o acervo hereditario do preclaro presidente paulista está envenenando a politica internacional do Brasil, como o egregio presidente mineiro, o conselheiro Affonso Penna, com a herança do seu ministro da Guerra, deixou, sem

querer, envenenada a nossa politica interior até hoje. Duas fraquezas, dois momentos de inadvertencia muito têm custado, e muito mais ainda vão custar á nossa Patria em calamidades incalculaveis.

Nomeado por si mesmo

Como ia porém, dizendo, senhores, o conselheiro Rodrigues Alves era leal no convite, com que me honrou. Mas o terreno, onde tinha os pés, estava minado pelo formigueiro do Ministerio do Exterior. Já desde Washington o sr. Domicio da Gama se considerava a si mesmo como o futuro embaixador brasileiro á Conferencia da Paz. Nos jornaes se annunciou que sua familia o iria esperar na Europa. Não aguardou que o chefe da Nação brasileira o consagrasse nosso representante. Já veio com essa posição indicada e assente.

A intriga

Inválido achacado e sózinho em Guaratinguetá, o presidente da Republica era estranho ao sarilho da intrigalhada internacional e intranacional, que o enfiava, sem que elle o presentisse, nem sentisse. Só aquelle seu internamente explicaria o correr-lhe despercebida a trama, que se urdia, visto como apesar de soterranea, se denunciava, como as solfataras e outras jazidas ainda menos cheirosas, pelos vapores, mais ou menos sulphydricos, das suas emanções. De vez em quando uma baforada tresandante rompia a crosta do segredo, e nos entrava pelos narizes com toda a violencia da sua indiscrição. Bastava ter olfacto, para sentir a decomposição, que se elaborava por baixo da terra, coberta, por cima, de amarello e côr de rosa, como os alegretes de roseiras e malmequeres dourados.

Com a primeira bafugem suspeita, que lambeu os pelos se veiu a saber que o Brasil não daria um ar da sua graça na Conferencia, a não ser quando ella caminhasse para o seu termo (naturalmente «na hora do café»), e até lá o nosso mandatario seria, não se sabe se officiosa, ou officialmente, o illustre senhor Lansing, secretario de Estado no gabinete do presidente Wilson. Esta noticia não se desmentiu.

Disso, entretanto, evidentemente não sabia o presidente Rodrigues Alves.

Mais tarde surdiu a curiosissima entrevista do sr. Domicio da Gama, creio que com «A Rua», onde o novo ministro do Exterior, seccionando a Conferencia de Pariz, em «episodios», como um drama sem trama, composto de accidentes, sem acção principal, só no derradeiro «episodio» achava lugar para o Brasil. Não sei se o que está succedendo combina com esta originalidade, cuja esdruxulice opportunamente discuti.

O que, porém, devemos dar por sabido, é que de tal não tinha noticia o presidente Rodrigues Alves.

Final rebentou a famosa «Vária», do «Jornal do Commercio», «vária» que, posso-vos assegurar, sahiu do Itamaraty. Nella, em desafio á verdade material dos factos postos ao alcance de todos, se dava por corrente e moente

que só os ministros das Relações Exteriores podiam ser chefes de embaixada na Conferencia da Paz. Ao mesmo tempo, de varios lados assomavam escriptos, mofinas mais ou menos literarias, entre as quaes o de um francez inscripto como «encostado», nas folhas secretas do Itamaraty, onde o pantalão parapateava que a Conferencia de Pariz não era como a de Haya. Na de hoje não havia logar para os discursos do sr. Ruy Barbosa, pois agora o que se queria, era «acção discreta».

Naturalmente, a primeira teria sido a das palrarias alegres: a das maifacas. E ahí bem cabia eu. A outra seria a dos pios e guinchos nocturnos: a dos mochos, buchos e ventriloquos. Ahí é que encasam os estadistas. Logo, a pintar estava para o sr. Gama.

O ministro põe e dispõe

Tambem disto, porém, não tinha suspeito o conselheiro Rodrigues Alves, que não pensou no homem da «acção discreta», e optou pela minha surrada oratoria de Haya, com toda a sua rancidez.

Nesse entretanto, sem dizer «Agua vae» ao presidente, de quem era secretario, o novo Gama, de olho no Cabo de Boa Esperança, e não acreditando que da cama do presidente valetudinario lhe surgisse o Adamastor do pronontorio das Tormentas, a tal ponto se reputava já collocado na direcção da embaixada, que elegeu, e apalavrou os seus dois companheiros, convidando para o ladearem na missão, os srs. Pandiá e Epitacio.

Tão de pedra e cal estava isso tudo que, aos 30 de Novembro, se preveniam, por parte do Itamaraty, para o sr. Pandiá, dois camarotes de luxo, nos quaes de feito, mais tarde, seguiu viagem o dito senhor, declarando a quem não tardou em dar com a lingua nos dentes que ia adiante, *para vigiar as finanças da embaixada*. Boa vela! Como não velou elle, na Fazenda, pelas finanças do Thesouro!

Não menos de tres vezes, cuidou eu, insistiram com o sr. Epitacio, que declarava não comprehender a embaixada senão sob a minha chefia e, ainda aos 10 de Dezembro, numa entrevista á «Rua», chamava á escolha do meu nome «uma verdadeira aspiração nacional».

Como se não houvesse presidente

Todas essas coisas, porém, se arranjavam, corriam, e duravam á revelia do presidente. Era como se este não existisse.

Duas certezas, em todo esse negociamento, são incontestavelmente certissimas.

Uma vem a ser que o sr. Domicio da Gama, desde a sua chegada, antes de se entender por qualquer modo com o presidente da Republica, tinha por seu o logar de chefe da embaixada, e convidou immediatamente para seus auxiliares o sr. Epitacio com o sr. Pandiá. Não pode haver nada mais certo, porquanto o proprio sr. Gama em minha casa, aos 6 de



Dezembro, quando me pediu, em nome do vice-presidente, que com elle me fosse ver no Cattete, m'o confessou sem reservas, buscando escusar-se do erro confessado.

Condemnado pelo presidente

A outra certeza é que de tal não teve o menor vislumbre prévio o conselheiro Rodrigues Alves, e, quando, posteriormente, o soube, se indignou do abuso. Também não pode haver nada mais inquestionável; pois quem disso me inteirou, foi o dr. Rodrigues Alves, quando, aos 5 de Dezembro, me foi levar á minha casa, em S. Clemente, a carta de seu pae, e solicitar que eu recebesse, ao outro dia, o ministro do Exterior. Expresso de seu illustre progenitor e seu emissario, declarou-me o dr. José Rodrigues Alves que o comportamento do sr. Domicio da Gama desagradara, contrariara e magoara sériamente o conselheiro, que este o condemnava, instando, todavia, commigo, para me não embaraçar com o ministro, e confiar nelle, no presidente, em quem encontraria segurança absoluta no exercicio da missão para a qual me convidava.

Motivos da recusa

A tal condescendencia, porém, se me antolhavam embargos indeclináveis. As noções da moral politica, não as bebi na escola deste regimen. Bebi-as na do outro, onde tambem se criou o nosso fallecido presidente. Mas o illustre paulista se avesou melhor que eu ás novidades deste. Naquelle não havia ministros de rêsca e porca. Naquelle o membro do governo, sobre cuja lealdade corresse a mais leve sombra de duvida, não esperava que o puzessem na rua. Naquelle as relações dos ministros uns com os outros, ou delle, com o chefe da nação, não toleravam uma arranhadura, nem uma risca na epidérme.

O meu caso com o sr. Domicio, ou mais á propria, o caso do sr. Domicio com o conselheiro Rodrigues Alves cahia em cheio debaixo das sancções dessa moralidade, cujo estofo a Republica brasileira tem coçado até o fio, a (que entre homens de bem ainda não está contra a moda.

Fosse questão de camaradagem, cortezia, ou amizade, e muito grato me seria corresponder a uma distincção com uma condescendencia. Mas era um ponto de lisura, boa fé e honra. Não se poderia liquidar senão em terreno limpo.

Se o sr. Domicio, secretario do presidente da Republica, sem outorga deste, cortar para si mesmo o quinhão da embaixada, procedera como se a nomeação lhe estivesse assegurada, e convencionara logo a nomeação dos seus companheiros, traindo, assim, a confiança presidencial, usurpando a autoridade presidencial, e turbando a politica presidencial, não era licito ao presidente mantel-o como seu secretario, sem rebaixar este cargo, e desautorar o proprio.

Por outro lado, se o presidente da República, sciente do multiplo abuso, da multipla quebra de confiança, da multipla indiscrição, da multipla indelicadesa, não occulta a reprovação, que lhe inspirava; se exautorando o seu ministro já designado por si mesmo como embaixador, lhe denega esta graça, e, passando por sobre elle a confere a outrem, não era licito a esse ministro, desconsiderado, censurado, corrigido, ás escancararas, pelo seu chefe, continuar a servil-o, sem faltar com o respeito a si mesmo, ao seu superior e a quantos o continuam vendo, por desapego da propria estima e apego ás vantagens do cargo, na posição que moralmente perdeu.

Poderá elle indultar-se a si mesmo. Poderá o seu superior agracial-o com o perdão. Seria, comtudo, sempre, um agraciado, um indultado, a quem se não levaria, talvez, em conta o peccado no outro mundo. Mas neste difficilmente recobraría, entre os homens, o direito á confiança, de que desmereceu uma vez gravemente. «Cesteiro, que faz um cêsto, faz um cento», diz o adagão. Outro rifão, não menos sabio, nos aconselha: «Pelo fio tirarás o novelo e pelo passado o que está por vir».

Não tendo sido leal ao presidente da Republica, árbitro da sua posição e carreira — ser-me-ia licito contar que a mim o fosse, a mim, na situação de seu dependente, de orgam da sua autoridade? Se não acatou a do presidente da Republica, e lhe armou laços, para lhe subtrahir o que elle não lhe queria dar, e o obrigar ao contrario do que elle estava resolvido a fazer, — como poderia esperar eu que respeitasse, na minha ausencia, os meus direitos, eu contra quem elle guardaria o resentimento de o haver lesado nas suas ambições, e que não teria outra guarda pelas costas, senão a d'elle mesmo? Se a taes inconveniencias, taes indiscrições, taes impertinencias ousou abalançar-se contra o chefe da nação, — que não ousaria contra o embaixador, a quem o avantajava todo o seu ascendente em poder, em dinheiro em recursos de publicidade, em agentes officiaes, em meios de maltazer?

Considerac bem, senhores, na traça do alçapão, a que escapei, nas cangarilhadas do caçador, que me armava o alçapó. A presa, que primeiro esta armadilha ia colher, era o presidente da Republica. Chega o sr. Domicio, e não encontra aqui o conselheiro. Mas daqui a Guaratinguetá seriam apenas sete ou oito horas de viagem. Ir vel-o era delicadeza, era agradecimento, era obrigação, era necessidade. Não vae. Não vae; e, de cá, de longe, a sós lhe apparelha a cilada. Annuncia-se embaixador, insiste em se annunciar, e reannunciar. Não o consulta. Não lhe escreve. Não lhe telegrapha. Não lhe telephona. Em summa, não o inquire, não lhe solicita, não se autorisa, não o previne. Mas lança a sua candidatura, a sua escolha a sua nomeação, como indubitaveis. Só o ministro do Exterior podia ser o chefe da embaixada.

O presidente porém, que a falcatrua visava antes de mim, não chega a se enliçar na esparrela. Acode a tempo. Tem-lhe mão. Desarma a burla, e dá-me voz de o ajudar, acceitando o lanço, que o seu habil ministro armara para si mesmo. O buiz, entretanto, continua armado e o caçador ao pé, á espreita da outra victima, que agora havia de ser eu. Falhara



o presidente? Não falharia o embaixador.

Bem vêdes, senhores. A situação não admitia outra alternativa: ou eu, ou o sr. Gama. Se o presidente se achava, dignamente, compatível com o seu secretario eu não me podia sentir, decentemente, compatível com o ministro.

Estav. nas mãos do presidente a escolha. Optou pelo secretario? Então, implicitamente, me tinha posto á margem.

A primeira das minhas objecções ao convite não era, está claro, irremovível. Pelo contrario, dependia sómente do arbitrio presidencial. Se a minha escolha constituia, como o conselheiro declarou, na sua primeira carta, «*vontade geral da nação*», não lhe era dado a elle hesitar entre a minha non-eação e a conservação do ministro, infiel ao primeiro dos seus deveres, o da fidelidade ao seu chefe. Hesitou? Hesita? neste caso, ou não sentia as suas aílavras, ou antepunha o seu escolhido ao eleito da nação.

Outros motivos

Depois, senhores, a conspiração não urdira só deste geito a sua teia. Quando o sr. Manuel Victorino, em 1897, me convidou para a missão da Goyan: Franceza, de que declinei; quando o barão do Rio Branco, em 1903, me chamou para a missão da Conferencia de Haya; quando o sr. Lauro Muller em 1916, me offereceu a missão de Buenos Aires, — todos e cada um delles me constituiram soberano absoluto quanto á organização da embaixada e á escolha dos meus companheiros. Commigo, com quem quer que esteja ou seja considerado na altura de um cargo desta natureza, não póde, não poderia ser de outra maneira.

Mas a embaixada a Pariz estava constituída, quando recebi o convite do presidente. O sr. Domicio da Gama, quando aos 6 de Dezembro me procurou, solicitando a minha visita ao vice-presidente, declarou-me que os dois outros membros da embaixada estavam já convidados; e não me disse que esses convites cessavam. Ao contrario, accumulou a elles, ainda, a indicação do sr. Helio Lobo como secretario da missão. Nem o meu secretario, pois, teria eu faculdade para escolher. Era isso um convite, ou uma affronta?

Eis a questão de boa fé, dignidade e honra, posta com a clareza, que a caracteriza. Se ella, de si mesma, já se não apresentasse tão energeticamente, a minha experiencia da embaixada a Buenos Aires bastar-me-ia para lição. Quem uma vez passou pelo que eu passei nas mãos do ministro e dos seus agentes em 1916, não iria expor-se á repetição em 1918. Com um secretario de Estado em que não deva ter confiança, um homem que se prese, e esteja são do juizo, não póde aceitar a missão de embaixador.

Se o conselheiro Rodrigues Alves me convidava deveras, não podia ser senão dando-me o mais pleno arbitrio na composição da embaixada, e entregando o ministerio do Exterior a um secretario, que me não fosse hostile, nem houvesse quebrado a fé com o chefe da nação.

De passagem, senhores, me admittireis, ainda, espero eu, uma ponderação quanto ao feitiço, com que se organisou a embaixada.

As proporções em que se ia constituir, e se constituiu a embaixada tambem não me animavam a acceital-a. O Brasil contentou-se em enviar a Haya um embaixador, embora muitas potencias mandassem tres. Agora se annunciava que iriamos imital-as. Não sei por que. Deviamos guardar a modestia do nosso lugar, em vez de ostentarmos grandezas, que nunca estão bem aos pequenos. Esta a minha opinião, e a minha opinião devia ser ouvida. se o presidente me queria dar a chefia da embaixada.

Se m'a perguntassem, eu aconselharia que a missão brasileira levasse consigo um corpo de technicos, civis e militares, cuidadosamente escolhidos, mas que não houvesse mais de um embaixador ou ministro. Sendo muitos, divergiriam todos os dias nas innumeradas questões occorrentes. Todo o tempo seria pouco ao chefe da embaixada, para discutir com elles. Quasi nada restaria para o estudo e trabalho. O chefe carregaria com a responsabilidade total; mas tendo uma autoridade liada pelas divergencias, que, muitas vezes, nos entorpeceriam a acção, e nos esterilizariam o trabalho.

Esmerilha-se a intriga

Deixando, porém, esta consideração accessoria, volvamos ao que examinavamos: ao caracter do convite e ás intrigas do conluio, que o baldou.

Uma dellas se revela, com singular expressão, nas circumstancias que lhe rodearam o desenlace.

Notae bem o caso. E' miudo. Mas de uma eloquencia irresistivel.

A carta do conselheiro, darada de 3 de Dezembro, só em 5 me chegou ás mãos. Nella foi que se me dárgiu o convite. No dia 6 tive a honra de receber o sr. Gama, a solicitação do dr. José Rodrigues Alves. Pedia-me elle, em nome do vice-presidente, uma visita a este no dia 7. Seria a ratificação do convite, que eu recebera do presidente dois dias antes.

Não discuto o estranho regimen, que taes factos denotavam. O presidente não governava não estava, sequer, immittido na posse do cargo. Mas, de facto, era seu o convite, que se me endereçára, e sua seria a minha nomeação. O vice-presidente era quem exercia a presidencia; e, todavia, nessas circumstancias apenas assistia, com a sua chancellia. Mas não apuremos. Tomemos as coisas, taes quaes eram, e prosigamos.

Fallam as datas

Escrevi a minha carta de recusa aos 8 do mez. Aos 9 a recebeu um dos filhos do conselheiro. Devia ser levada ao destinatario nessa mesma data. Mas assim não succedeu. Della só tomou elle conhecimento nos 10 de Dezembro. ao chegar aqui de S. Paulo. E' o que annunciaram os jornaes. Tel-a-ia, realmente, lido logo nessa data? Póde ser que sim, póde ser que não. O certo é que só me respondeu aos 12, em carta que se me entregou no dia 13.



Ora, tendo-me escripto o presidente *tres dias antes* do vice-presidente me enviar o ministro do Exterior, e *quatro dias antes* do em que me fez. por sua parte, o convite, — como se explicará que, não me tendo o presidente respondido senão em 12 do mez, já no dia antecedente, isto é, aos 11, me respondesse o vice-presidente, aceitando-me a recusa?

Nesse dia, aos 11 do mez, havia apenas vinte e quatro horas que o conselheiro Rodrigues Alves recebera a minha carta, a que só respondeu, como já vimos. *vinte e quatro horas após essa data*. Como é que, sendo elle o autor do convite, é o sr. Delphim Moreira quem delibera aceitar a recusa? Como aceita o sr. Delfim Moreira unicamente *em seu nome*, quando o convite se effectuou em nome do conselheiro, e só em segundo lugar, dois dias mais tarde, no seu?

Mãos mysteriosas baralharam, evidentemente, essas cartas. Quasi na mesma data em que o presidente conhecia da minha missiva (10 de Dezembro), e um dia antes de lhe ter podido elle dar resposta (12 desse mez), já o vice-presidente, aos 11 d'elle, me dava por aceita a escusa, encerrando o caso.

Não fo., portanto, o conselheiro Rodrigues Alves, que aceitou a minha escusa. Antes que elle tomasse pé no assumpto, e vinte e quatro horas primeiro que me respondesse, já o vice-presidente lhe tomára a dianteira, aceitando-me a recusa de uma nomeação, cuja offerta era, não sua, mas do presidente.

Destarte quando, aos 12 do mez, me escrevia o conselheiro Rodrigues Alves, já lhe haviam, de vespera, tirado a liberdade, para aceitar, ou não, a recusa, aceitando-a á sua revelia.

Era clara a pressa, o aqodamento em darem por acabada a historia, em cortarem a hypothese, que membros da familia do presidente davam como certa, de não estar elle pela minha escusa, e insistir no convite.

Ultimo traço

Mais um traço digno de estudo sobresae nesta conspiração palaciana. Apesar do estado mortal de sua saude, ambas as cartas que recebi do conselheiro Rodrigues Alves, das quaes a segunda já é longa, são de seu punho. Parece que o caso devia merecer, tambem, ao sr. Delphim Moreira a honra de um autographo. Mas não. A sua carta é breve, e de mão estranha. Tem, unicamente, de seu a firma. Escrevel-a de sua letra poderia, talvez, retardar a conclusão, que devia ser fulminante. Então o sr. Helio Lobo deu o seu estylo, o sr. Rangel de Castro a sua calligraphia, o sr. Delfim Moreira a sua assignatura. E, num *anda mão, fia dedo*, estava o sr. Dominicó como queria

A estupenda mentira

Consumada, porém, a sua obra, esses homens sentem que acabam de praticar alguma coisa, com a qual o mundo internacional, a Europa alliada



não estaria de accôrdo, alguma coisa, de que, se o soubessem no estrangeiro, a impressão, não os envergonhando, está claro, os envolveria no asco dos povos que nos conhecem; e, para desorientarem a opinião culta, mandam mentir descaradamente á Europa com o pregão official de que eu «recusei a presidencia da delegação brasileira na Conferencia da Paz *por motivos de saude*», e de que, «em razão dessa recusa», estribada nessa causa, «é que se alterou a composição da embaixada».

Aqui está senhores, no «Temps», de 16 de Dezembro, pg. 4, o documento, a nota de proveniencia indubitavelmente official, onde se imbuete aos nossos amigos de além-mar a deslavada e estupenda falsidade:

«La Conférence de la Paix. — La Délégation du Brésil. — C'est pour raisons de santé que le sénateur Ruy Barbosa a refusé la présidence de la délégation du Brésil á la Conference de la paix. En raison de ce refus, la composition de la mission a été modifiée. Elle sera formée du sénateur Epitacio Pessoa, ancien ministre, de M. Pandiá Calogeras, député, ancien ministre des finances, et de M. Olintho de Magalhães, ministre á Paris.»

A nota com todas as miudezas proprias da sua origem depois de aquinhoar com algumas linhas o sr. Helio Lobo, os addidos militares, os dois conselleiros e os cinco secretarios de legação, remata, annunciando ao mundo attento e pasmado que o sr. Calogeras embarcou no «Vasari» para a Europa.

Eis aqui está como se explicou ao outro continente por que é que o sr. Epitacio Pessoa está na Conferencia em logar do sr. Ruy Barbosa.

Quando com essas criações da sua fantasia interessada mandava o sr. Domicio da Gama, ministro do sr. Rodrigues Alves, embair a Europa, o que eu acabava de communicar ao sr. Rodrigues Alves, numa carta lida e relida pelo sr. Domicio da Gama, é que eu não accetava a embaixada, porque, em ultima analyse, o seu convite, de mera apparencia, não era, na realidade, attentas as circumstancias, alli detidamente relatadas e ventiladas, senão um simulacro do convite.

«Se v. exa., depois de me lèr, entrar com serenidade na sua consciencia, ha de reconhecer, estou certo, que eu, em darradeira analyse, não recuso um convite, mas antes uma apparencia de convite.»

Taes, senhores, segundo a versão do Ministerio do Exterior para a telegraphia estipendária, «as razões de saude», pelas quaes eu declinei da embaixada.

Onde terá senhores, o pudor este mundo official brasileiro?? Provavelmente onde o humorismo de Swift collocou «a mais maravilhosa maravilha das maravilhas *the most wonderful wonder of wonders*».

Excusas no exterior, dentadas no interior

Mas, enquanto, no estrangeiro, se cuida esconder atraz da sua mentira, como o estúpido avestruz debaixo das proprias azas, — o governo brasileiro,



aqui, para o nosso uso interno, encarrega os sabujos internacionaes, que o servem, augmentada edição dos larapios internacionaes, encarrega a piolharia jorralistica de mostrar o que o Brasil tem lucrado com a troca de embaixador da Conferencia de Haya pelo embaixador do sr. Domicio da Gama. Haya fo: uma patacoada, «arena para exhibição de ambiciosas personalidades». Em Pariz sim, é que «sem descabidas preocupações de impressionar congressos internacionaes», *«pela primeira vez o Brasil é admittido a figurar no circulo das potencias, e, pela primeira vez tambem, a nossa opinião é acatada a proposito de problemas mundiaes.»*

Problemas mundiaes? Como não? Realmente, esses inauditos acontecimentos são de uma grandiosidade tal que só se compara á sua invisibilidade. Grandes, talvez, como esse ether, que se suppõe abranger os mundos, e ninguem: o vê. De uma grandiosidade que todo este povo junto os não divisa, por mais óculos e lentes que se ponha. De uma grandiosidade tamanha, que, depois de annunciados, a curiosidade universal os anda a procurar de telescopios, tão felizes como os que se cansam a esquadrinhar as populações da lua, ou de Marte. Mas devemos crer que existam: são de fé, uma vez que os apregoam os cornetins officiaes. Este momento, no Brasil, é dos cornetins.

Desde os cornetins de tintureiro até os dos moços de frete politicos e os dos mascates estrangeiros, são elles as nossas «tubas sonoras e bellícosas», elles os que vão guiando a nossa marcha para a gloria.

Realmente, bem avisados andaram os amigos do sr. Gama na imprensa em ligar esses acontecimentos «às instrucções dadas pelo nosso ministerio das relações exteriores».

Auto-retrato

Vieram, pois, bem a tempos de nos retratar essa personalidade admiravel as *Notas Americanas*, com que, num «Jornal do Commercio» de fevereiro deste anno, aos 19 desse mez, se recheiavam tres columnas de materia desentrelinhada.

Alli vemos o sr. Domicio da Gama, bem diverso do que em quatro palavras o pintava, sorrindo, Eça de Queiroz, alli o vemos o homem que na verdade, é: o anglo-saxonio, norte-americano em todas as qualidades caracteristicas da personificação de uma entidade privilegiadamente internacional.

Como os norte-americanos e anglo-saxonios, não tem «a gesticulação abundante, o excesss de adjectivação e o exaggero de tropos, usados commumente na oratoria dos latinos.» Como os anglo-saxonios e norte-americanos, o seu discurso «tem a feição de uma conversa em tom mais alto, e não dispensa de vez em quando, a sua ponta de humorismo». Como os norte-americanos e anglo-saxonios, quando quer dedilhar as teclas do humorismo, «condição essencial de exito, principalmente nas solennidades festivas», começa, dand» rebate ao auditorio (para que este não lhe tome o humorismo por outra coisa), com avisos desta laia: «Senhores, desejava agora usar do humorismo, tão empregado pelos americanos em seus «toasts». Como os anglo-



saxonios e norte-americanos, sente elle que é «por demais critico», ousa confessar-se modestamente desta elegancia, e não póde tolerar «a gente incompetente, que se mette a discutir os problemas do mundo, deixando-os numa confusão lastimavel».

Numa palavra, em tudo o que obra, ou articula, «se revela bem o homem de letras repassadas de um idealismo suave, sem a forma retumbante, usada pelos politicos profissionaes»; de sorte que os seus brindes norte-americanos e anglo-saxonios «valem bem um programma de acção discreta e consciante».

Sombras dos antigos lentes da Polytechnica, manes de Eça de Queiroz, espectro de Rio Branco! Pois um merecimento destes necessitava de padrinhos? um literato destes podia incorrer em desdens? um estudante destes era homem que se jubilasse?

O estimavel panegyrico não traz nome de autor, curiosidade para notar, quando o grande organ tem correspondentes nos Estados Unidos, e delles estampa regularmente escriptos assignados.

Nem por isso haverá quem suspeite nas carícias desse debuxo o pincel do retratado. Não, não é uma autophographia. Não, não é Narciso a mirar-se no espelho da propria admiração. Quem não vê, naquella miniatura, a palheta norte-americana, o colorido norte-americano, o esmalte norte-americano? Pois não se está sentindo, alli, o puro aroma de Washington, o legitimo ambiente de Nova York, o cunho puculiar da terra, onde se ora sem gestos. se pensa sem adjectivos, e se escreve sem tropos?

Voga a novo rumo

Quod abundant, non nocet, quando o que abunda, não é máu. O nobre sr. Gama teve o privilegio de deixar a pelle brasileira nos Estados Unidos, onde lhe está hoje a sua ametade mais nobre, e nos voltar, dalli, com pelle americana. Mais americano, hoje, do que brasileiro, qual o desenha a sua carinhosa apologia, mais americano, digo, do que brasileiro, como o sr. Lauro Muller é menos brasileiro do que germano, — á bemaventurança dessa transmutação, é que se estará devendo, agora, a salvação do Brasil.

O Brasil, ao que parece, garrava para a Europa, derivava para os barbaros gaulezes para os britannos rudes e absorventes. O Brasil vogava para as rochas, onde se acoita o polvo internacional, e estava para se ver nos tentaculos de Albion, a conquistadora, nos da Gallia voraz e rapinante. Já se i.os sentiam quasi na pelle *os olhos do polvo*. Eis senão quando surge a Providencia na voz do nosso Gama, não um Gama qualquer, dobrador de cabos, explorador de Africa e descobridor de Indias, mas um Gama á moderna, senhor das correntezas do mundo, um Gama, a cujo aceno se mudam continentes, e a America do Sul poderia transportar-se á do Norte. Não era Nerceu, ou Tritão. Não meneiava tridentes, nem

«na cabeça por gorra tinha posta
«uma mui grande casca de lagosta.»



Mas, ao assomar delle, alvoriçaram de carreira gallos e bretões, como duendes ao branquear da madrugada; e o Brasil deu tino então de que estava na America do Norte.

E' o que nos dá o Itamaraty a saber num dos seus pregões reguinchantes. Ouvi-lhe, senhores, o falsête:

«Não tivesse o Itamaraty voltado, em 15 de Novembro, ao curso bem caracterizado da orientação americana, de que nos tínhamos deixado afastar nos ultimos tempos do governo do sr. Wenceslau Braz, e, certamente, não teriamos podido assumir na Conferencia da Paz, attitudes, que embora não tenham impressionado a nossa imaginação com grande intensidade dramatica, representam, comtudo, a mais elevada posição internacional, que o Brasil até hoje assumira entre as grandes nações.»

Attentastes bem, senhores? Percebestes o que diz o esganiço? As attitudes, que temos assumido na Conferencia da Paz, «representam a mais elevada posição internacional, que o Brasil até hoje assumira entre as grandes nações».

Explosões de zorrillo

Mas, senhores, é demais. A bajulação pode cair até á sabujice, que ainda mexe com a cauda. A sabujice pôde baixar até o capachismo, em que se limpam as solas das botas. O capachismo descerá, talvez, até á cloacagem, que tresanda, mas ainda encontra narizes complacentes. Ha, porém, alguma coisa ainda peor: é o cheiro a cadaver, a putrefacção tumular convertida em tinteiro dos aduladores publicos, dos sycophantas da imprensa.

Só um doente de anosmia absoluta, só quem de todo em todo houvesse perdido o olfacto, não tontearia ás exhalacões dessa eructação de venalidade pôdre, como o animal alcançado por uma explosão da marita caca.

As taes attitudes

Dizei-me, senhores, se o sabeis (eu não sei): quaes são essas attitudes do Brasil na Conferencia da Paz?

Tenho evitado, quanto posso, apreciar a politica desenvolvida, em nome do Brasil. naquella assembléa, politica de que tanto buscam os thuribularios do nobre ministro accentuar que a inspiração é sua, e sua a direcção. Não sei ainda se o Brasil tem alli, propriamente, uma politica. Nem tão pouco me tenho occupado a julgar. Vi que annunciou sympathisar com a causa das nações fracas. Mas não conheço actos, iniciativas, resultados, ou formulas precisas, que definam praticamente essa attitude, e lhe dêem importancia real.

Fretenderem, porém, que nunca nos coube «posição internacional tão elevada» quanto a que, hoje alli desfrutamos, é exceder a medida á paciencia dos santos. Esses panegyricos venaes e banaes seguem o calculo de atordoar pela enormidade, pelo desatino, pela insensatez.

Se não se trata, nesses elogios, da politica de solidariedade com a causa das nações fracas, não percebo a que outras attitudes allidiriam elles. Se, pelo contrario, é a essa attitude que alludem, seria o mais atrevido rasgo de charlatanismo adulatorio entrouxar com os titulos do sr. Domicio da Gama, dando como novidade sua e como elevação internacional nunca obtida na historia brasileira, a reivindicacão de idéas, que constituiram, na Conferencia de Haya ha doze annos, o objecto capital da nossa politica, do nosso trabalho da nossa grande victoria, não só moral, mas ainda politica, naquella assembléa.

Mintam como quizerem, façam do sr. Domicio da Gama, se lhes apraz, a estatua do sonho de Nabucodonozor, com o seu tamanho, os seus metaes, o seu barro e a sua queda. Mas não queiram para agigantar o individuo, que lhes paga, amesquinhar e despojar o Brasil de valores como os de Haya, enxugando as sujas mãos nessa pagina, memoravel a par das mais memoraveis em nossa vida entre as nações. Que me ponham a mim abaixo do sr. Epitacio accitearei. Não chego aos amarrilhos dos seus sapatos. Mas que entendam collocar a situação brasileira na Conferencia de Pariz acima da situação brasileira na Conferencia de Haya, passa fóra miseraveis!! E' jogarem com a honra do Brasil, e dilapidarem o thesouro historico da sua reputação.

A voz dos Estados Unidos

Vá o nobre ministro arranjando a vida á custa dos Estados Unidos. Vão-lhe os aduladores arranjando á custa dos Estados Unidos. Vão-me á custa dos Estados Unidos arranjando as hostilidades recrescentes: hostilidades, hontem á minha embaixada; hostilidades, hoje, á minha candidatura. Mas é dos Estados Unidos, é de Nova York, é da *United Press* que nos chegou este telegramma, firmado pelo sr. Mason, subdito dos Estados Unidos e dado a lume, em 8 do mez atrazado n'«*O Paiz*», órgão não suspeito ao sr. ministro nem ao seu ultra-americanismo.

O despacho telegraphico alli vem, na primeira columna da primeira pagina, sob o titulo «*A ausencia de Ruy Barbosa*»:

«NOVA YORK, 7 (U. P.) — Em vista da attitude assumida pelos representantes do Brasil na conferencia da paz em prol das nações fracas, *considera-se em geral digno de lastima o facto de Ruy Barbosa, o principal delegado do Brasil na ullima conferencia de Haya e o qual conquistou reputação internacional como grande estadista, sabio e discursador, não estar presente em Paris, porque elle deveria estar trabalhando com o presidente Wilson, cujos ideaes são identicos nos do grande conselheiro brasileiro.*

«A suspeita de que as grandes potencias tentam ampliar os seus interesses proprios pela obtenção de maior representacão nas côrtes de arbitramento na Conferencia de Paz é causadora dos pedidos das pequenas nações para igual representacão na Liga das Nações.



«A desconfiança das grandes nações é geral entre as pequenas que pelos seus pedidos de garantias contra arbitramento em côrtes injustas, terão que ser estudadas com sympathia, se se quiser garantir o exito da Liga das Nações.

«O presidente Wilson, embora receba o apoio das pequenas nações, é no entanto o representante de uma das grandes nações e acredita-se que os designios das pequenas nações teriam sido mais facilmente expressos e conservar-se-iam mais unidos *se lhes tivesse sido dada a chefia de Ruy Barbosa, cujo trabalho sem duvida teria conquistado o objectivo desejado, tanto pelo presidente Wilson, como pelas pequenas nações.*

«A chefia de Ruy Barbosa, a qual estariu garantida devido á attitude que elle assumiu durante a ultima conferencia de Haya em prol das pequenas nações, redundaria a favor da situação politica e do credito do Brasil.»

Não perdestes, senhores, a linguagem deste depoimento esmagador? Retiveste-lhe as palavras? A causa das nações fracas, actualmente, é a causa, que o embaixador brasileiro levantou em Haya. Essa iniciativa de 1907 asseguraria hoje na Conferencia de Pariz, a esse embaixador a chefia das pequenas nações. A sua volta á Conferencia de agora, como advogado, constituido ha doze annos, das pequenas nações, «redundaria em bem da situação politica e do credito do Brasil.» Nessa posição, «o seu trabalho *teria, sem duvida, conquistado o resultado desejado* tanto pelas pequenas nações, como pelo presidente Wilson.» Era elle, enfim, o homem, que «*deveria estar trabalhando com o presidente Wilson, cujos ideaes são identicos aos do grande conselheiro brasileiro.*»

Inclinações para a Inglaterra

Quando esta é a consideração, de que me rodeiam nos Estados Unidos, quando alli se reconhece que *os ideaes do sr. Wilson são identicos aos meus*, brasileiros ha, que, para gozo do sr. ministro do Exterior, guindado, pela réis; bajulice desta época, acima do meu meio seculo de serviços nacionaes e internacionaes ao Brasil, brasileiros ha, que me tratam como inimigo daquela republica, e, a titulo de não a desgostarem, applaudem a feblonia do sr. Domicio no acto de cobiça immoral com que atraiçoou o conselheiro Rodrigues Alves; dão-lhe honras de habilissimo diplomata, extremado patriota, distinctissimo alumno do barão do Rio Branco; fazem delle o esteio das boas relações de nosso paiz com aquelle, e, em nome deste interesse, fadam á derrota a minha candidatura, porque eu tenho *«inclinações para a Gran-Bretanha»*.

Eis, senhores, um farrapo dessa intrigalhada ignobil. Apanhei-o num jornal. Não indico nomes, nem logares; porque não quero senão dar, no caracteristico de uma só amostra, a impressão de um momento historico e sua baixa moralidade.

Aqui está o papel, onde, combatendo-se a minha candidatura, se escrevinham estas tolas maldades:

«Ha um terceiro e ainda maior inconveniente, a quebra desastrosa da linha de conducta internacionnt, mauida pelo Brasil desde o tempo do Imperio, e á qual mais intenso brilho emprestou ainda a obra fecunda e inesquecivel do immortal Rio Branco.

«A politica internacionat do Brasil, como é notorio, teni-se desenvolvido na mais leal e perfeita harmonia de vistas com a dos Estados Unidos da America do Norte. A grande confederação norte-mericana sempre foi e tem sido a nossa irman internacionalista. Ora, é tambem notorio, que o illustre senador bahiano se sente positivamente inclinado para a Gran-Bretanha, cuja expansão natural precisa de ser contrabalçada pelos Estados Unidos, França e Italia, aos quaes o nosso paiz presta a mais decidida sympathia e apoio. Não vae ahi senão a necessidade de um equilibrio mundial que o eminente Wilson procura estabelecer em beneficio da humanidade.

«Positivamente inclinado para a Inglaterra, o sr. Ruy Barbosa criaria para o Brasil uma situação difficilima e annullaria toda a grandiosa obra internacional tão esplendidamente corôada pela longa e fecundissima administração Rio Branco, obra essa que constitue talvez o nosso mais legitimo orgulho nacional. *Nem outra coisa anteviu o discipulo mais distincto do vencedor do Amapá, o sr. Domico da Gaun, no apresentar-se candidato á presidencia da nossa embixada á Conferecia da Paz, pois s. exa., diplomnta habilissimo e patriota extrenado, sabia que para afastar a candidatura do grande brasileiro a essa notabilissimu representação, só a candidatura do ministro do Exterior. E, assim o chefe da chancellaria brasileira não trepidou em chamar sobre si a furia dos ataques inevitaveis, que têm constituido para s. exa. un verdadeiro calice de amargura, que elle traga em silencio, mas com a consciencia satisfeita, porque sabe que prestou ao paiz o maior dos serviços, que tal é resguardar a obra de Rio Branco e dos grandes estadistas antecessores, de aproximação com a Republica do Norte.»*

Mentira e verdade

Eis ahi a mentira. Agora, a verdade, eil-a aqui. Nem inglez sou, nem norte-americano: sou brasileiro. Brasileiro sou; e, porque sou brasileiro, não abato a minha patria a nenhuma amizade internacional, por mais alta, por mais gloriosa, por mais bemfazente que seja.

Nasci com a mesma estima, entre os meus, e, entre elles, me criei com a mesma admiração, a mesma bemquerença e o mesmo culto para com as duas nações, de cuja historia emanam as constituições modernas. Estudei-lhes com o mesmo amor as lições e instituições. Vi que essas duas nacionalidades procedem uma da outra, mas que, sendo, na successão das eras, ligadas entre si pelas relações de mãe a filha, são, pela identidade substancial das

suas leis e costumes, debaixo de fórmulas políticas diversas, realmente irmãs na liberdade e na democracia. Quando, portanto, de um regimen, onde todos os estadistas se formaram na escola ingleza, nos transportamos, sem mudança na essencia das coisas, ás fórmulas norte-americanas da liberdade e da democracia, não imaginei que mudássemos o álveo á nossa evolução, trocando o modelo de Londres pelo de Washington, mas que alargássemos o leito do nosso progresso completando um com o outro os dois modelos. Nem acreditei que abandonássemos a corrente histórica das nossas relações europeas pelas norte-americanas, mas que, sem renunciar á amizade antiga, nos consagrássemos, também, á nova com a mesma sinceridade.

Entre as duas grandes Republicas, não sei qual das duas mais realmente republicana, entre a Republica de Wilson e a Republica de Jorge V, entre uma democracia governada por um rei quadricenal e uma democracia regida por um eleito das maiorias parlamentares, entre os Estados Unidos e o Imperio Britannico, nenhuma tealencia nstro, que me levasse jamais a converter o Brasil no protegido internacional desta ou daquela. Não.

O que eu queria, era ver a minha patria igualmente acatada por ambas, mantendo para com as duas essa independencia, estrictamente observada, que as menores de todas as nações, as Belgicas e as Suisas, logram manter, quando é o povo quem exerce a soberania e a sorte do Estado não cõe nas mãos de aventureiros, ou mercenários, cuja intelligencia moral vive de meadigar nas charcellarias estrangeiras o premio de interessadas devoções, e serviços interessados.

Gratidão e interesse

Pode ser que nas relações internacionais a ingratidão não incorra no mesmo estygma que nas relações particulares. Mas, quando a arvore a cuja sombra se gosou um seculo de benefícios preciosos, não nos recusa do que o seu abrigo sempre nos deu com liberalidade, se nos não vale o reconhecimento, valha-nos o nosso proprio interesse, para não lhe dar as costas, e lhe não fugir do agasalho.

Com a viagem de d. João VI, primeiro começo de nossa emancipação, com os serviços de lord Cochrane, com a extincção do trafico servil, com a collaboração dos seus capitalistas na construção das nossas estradas e na criação das nossas industrias, com os recursos dos seus empréstimos, nunca recusados, e tantas vezes renovados liberalmente, com tantos outros actos de prestimo e tantos outros elementos de cultura, sementeos no curso do nosso progresso, ha mais de cem annos, a Gran-Bretanha se acha associada á nossa evolução nos dois regimens, evolução em que não tentou jamais intervir, como leal companheira, constante auxiliar e generosa amiga.

Como, portanto, encarariam os proprios Estados Unidos o nosso bom senso e a nossa indole moral, se nos vissem quebrar de repente, ou deixar abandonados os laços de uma associação, a cuja influencia tantas vantagens deve o desenvolvimento da nossa nacionalidade, para jogar tudo noutro partido, numa amizade ainda não acrisolada no cadinho do tempo, ainda não

provada ao toque da experiencia, a titulo de que nos achamos no mesmo continente e temos as mesmas instituições, quando, até agora, não sentimos nem que a diversidade nas instituições, nem que a distancia dos continentes nos inibisse de encontrar na Inglaterra e na França, na Belgica e na Italia os collaboradores, sem os quaes seriamos hoje um territorio morto e aberto só Deus sabe a que cobiaças?

Pequenas, sim, mas independentes

Mais do que as grandes, as nações pequenas dependem fundamentalmente, para se manterem, do amor da sua independencia, do zelo com que a preservam, não só de ataques materiaes, mas do risco das protecções, ás vezes mais grave. O barão do Rio Branco, ao liquidar o nosso caso com a Bolivia, encontrou, em terras da região litigiosa, certa associação de subditos dos Estados Unidos, incorporada com uma carta analoga á das companhias de colonisação africana; e o primeiro de todos os seus cuidados foi liquidar essa situação suspeita, de character semi-politico, embora pudesse haver quem na presteza e energia dessas medidas lobrigasse, ainda que injustamente, desconfianças nossas contra a amizade norte-americana.

O Brasil e os Estados Unidos em Haya

Ao comparecermos, em 1907, á Segunda Conferencia de Haya, suppunham, geralmente, os membros daquela assembléa que a representação brasileira não constituiria mais que um reflexo da grande Republica norte-americana; e esta noção inexacta não deixava de contribuir, no começo, para certa frieza e prevenção das republicas latino-americanas, alli reunidas, em relação ao embaixador brasileiro.

Este, porém, não cogitou, desde o principio, senão em velar pelos direitos e interesses de seu paiz, ou pelos da humanidade; e, quando surgiram os projectos de organisação de tribunaes internacionais, onde a distribuição dos logares se graduava por uma escala de soberanias, classificadas em categorias distinctas sendo, apparentemente, certa a sua victoria, pois todas as grandes potencias do mundo assignavam esses projectos, todas, inclusive os Estados Unidos, o embaixador brasileiro, embora consciente da sua fraqueza e sciente dos riscos da sua posição, não vacillou em contrapor a essa tentativa injusta o principio da igualdade juridica dos Estados soberanos.

Esse principio, irresistivel na sua majestade, desarticulou o projecto principal das assignaturas, que o sustentava, obrigando as potencias uma a uma, a enjeitá-lo, até que restando só com elle os Estados Unidos, cahiu pelo abandono dos seus proprios autores.

Perdeu com isso o Brasil? Desmereceu, por ventura, em estima entre as potencias vencidas no terreno da justiça? Abateu-se alguma coisa no conceito, sequer, dos Estados Unidos, o mais insistente sustentaculo daquella medida? Não.

Nunca, pelo contrario, cresceu tanto na consideração de todos. Tanto assim que, quando no estadio terminal da questão, se constituiu, na primeira sub-comissão da primeira comissão o celebre *comité des sept* (ou *des sept sages*, como lhe chamavam), compuzeram essa junta o sr. Choate, embaixador dos Estados Unidos; o sr. Léon Bourgeois, embaixador da França; o sr. Marshall von Bieberstein, embaixador da Allemanha; o sr. Nelidow, embaixador da Russia; o sr. de Kapos Mére, embaixador da Austria; o sr. conde Tornielli, embaixador da Italia, e eu, embaixador do Brasil, addindo-se-lhes depois, sir Edward Fry, embaixador inglez, sem que, entretanto, deixasse ella de se conhecer pelo *comité des sete*, apesar de ser já de oito. Que maior honra para o Brasil? Elle só, entre as sete grandes potencias universaes.

De prestigio tal nunca se logrou, entre as nações, a nossa nacionalidade; e só deveu á coragem, ao vigor, á inquebrantabilidade, com que articulou o meu direito, associando-o aos direitos de todos os pequenos, e contrapondo-os á força de todos os grandes.

Esse encontro de opiniões divergentes não estremeceu nem as nossas relações internacionaes com os Estados Unidos, nem as minhas relações pessoais com os membros da delegação norte-americana, entre os quaes posso enumerar como cordialissimas as que me ligaram sempre ao sr. Buchman, ao sr. James Brown Scott e ao sr. James Hill, ministro daquella nação em Haya e eximio escriptor politico. O proprio sr. Choate, apesar da sua vivacidade nalguns incidentes de tribuna, honrou-me, até ao fim, com o seu respeito e, ainda, com aquella cordialidade natural ao seu temperamento benevolo e justo. Só em Pariz me separei do sr. Brown Scott, de quem, ainda aqui, recebi cartas, de que poderia attestar a lealdade, com que me dei pressa em corresponder ao appello da delegação norte-americana. quando invocou o meu testemunho como o unico existente para restabelecer, em honra della, a verdade, num incidente injusto, mas escandaloso, que ameaçava os ultimos momentos daquella augusta assembléa. e que a minha intervenção junto aos representantes de certas republicas sul-americanas atalhou antes de estalar.

Assim entramos á Conferencia de Haya, e della sahimos. Do mesmo modo quizera eu que nos visse entrar e sair a Conferencia de Pariz. O pensamento, annuciado sem contradicção, nos primeiros momentos, de que a nação brasileira ia ser alli representada, na phase inicial, pelo ministro norte-americano das relações exteriores, tendia a colorir a nossa situação com um ar de familia e dependencia, que nem as nossas tradições, nem os nossos sentimentos admittiam. Não se realisou a noticia, que não podia nascer na cabeça de brasileiros desligados do officialismo; mas a simples occorrença de haver circulado, sem negativa que a desmentisse, não podia ter concorrido, para elevar em autoridade o Brasil no conselho, que ia abrir-se, das potencias alliadas.



Amigos, e não aggregados

Se é por sentir desta maneira se é por guardar no meu coração o meu pundonor de brasileiro, se é por acreditar que *aproximação* não seja *pro-tectorado*, se é por não querer que alienemos a nossa entidade nacional, se é por estas horrendas culpas que tece contra o meu nome a sordida intriga internacional, de que sou victima, seja pelo amor de Deus.

Eu persisto na minha de não desejar á nossa patria condição analoga á daquellas seis republicas latino-americanas, que o sr. Domicio me enume-rou e nomeou, na sua visita de 6 de Dezembro, como «votos certos» dos Estados Unidos, onde quer que elles estejam.

Supremos abusos da intriga

Se é desta sorte que me tornei indigno de representar o Brasil na Conferencia de Pariz, se é por essa indignidade que desmereça de representar o Brasil como presidente da Republica, o Brasil o dirá. Mas diga o que disser, o que releva não se ignore, é que esse foi o eixo dos manojos, graças aos quaes se burlou o meu convite para a embaixada. Nem se pôde ignorar que em torno desse eixo tem girado o trabalho de guerra á minha candidatura presidencial, visto como, depois que se abriu a campanha, esta bateria se descobriu. e os escriptos intriguistas, de que já vos dei amostra, não occultaram nem a natureza, nem a procedencia, nem o alvo da sua artilharia.

Alta, influencias internacionaes entraram em actividade, e chegaram, até, a vangloriar-se de haver já logrado o primeiro triumpho, concorrendo para elle como elemento decisivo. Não envolvo nesta queixa, aqui dirigida ao meu paiz com absoluta segurança, o governo de Washington. Não. Mas com o seu prestigio se jogou, pertinazmente, no primeiro lance, e com elle estão jogando abertamente, para o segundo, não só nos escriptos aleivosos de que se alastra a publicidade mercenaria, pintando-se-me como homem de idéas suspeitas aos Estados Unidos, senão tambem nas balelas em que anda mexelhando pelos cantos uma diplomacia tão temeraria quanto falsa.

Em ambos esses casos, não ha duvida nenhuma, se tem abusado torpe-mente do nome dos Estados Unidos, da invocação dos seus sentimentos, do uso de referencias ao seu governo, do talisman com que actua, hoje, no mundo todo o homem superior, a que aquella grande nação, por duas vezes, confiou os seus destinos.

Mas não seria possivel que aquella grande intelligencia, que aquella grande coração, que aquella grande amigo da humanidade, ou os seus emi-nentes collaboradores, ao mesmo passo que, tão sinceramente, tão arduamen-te, tão applaudidamente, estão lidando, na Europa, em ampliar as bençãos da sua democracia aos povos oppressos, e em reconstituir o genero humano dos estragos da selvageria germanica, aqui, pelo contrario, no Brasil, qui-zessem collocar-se em antagonismo com a opinião publica, declarada com uma evidencia até hoje inaudita neste paiz, e cooperar com a influencia al-leman em contrariar a vontade nacional, em a solapar e neutralisar, oppondo-

re a eleição do brasileiro, que o odio teutonico mais alveja, e que mais notoriamente encarna, entre os seus conterraneos, a iniciativa, a luta, a acção vencedora contra a politica dos Imperios Centraes.

Amizade limpa

Toda a influencia legitima de uma nação livre sobre outra nação livre ha de estribar, em sua essencia, no cultivo reciproco das affeições nobres entre uma e outra, desenvolvendo-se pelos meios francos e leaes, que a recidão, a justiça e a moral admittem. Se, ao revez, recorrer á acção secreta dos coichavos, á acção corrupta dos intrigantes, á acção malsan dos sentimentos subalternos, acabará por levantar contra si as consciencias, os instinctos patrioticos, os elementos da nobre nação magoada, semeando suspeitas, incitando melindres e criando incompatibilidades, que tão cedo não se conseguirão extinguir, que inibirão, por muito tempo, os dois povos de se conhecerem um ao outro, que talvez pelo espaço de gerações, não consentirão entre elles uma aproximação real.

Pela aproximação Americana

Justamente por que eu a desejo, com toda a sinceridade, entre o Brasil e os Estados Unidos; justamente porque ninguem, nesta parte do continente, aspira mais do que eu a ver consolidada e desenvolvida uma aproximação desse character sério e bemfazente entre as duas grandes republicas dos dois hemispherios americanos, é que eu a defino com este cuidado como a expansão de duas independencias que se abraçam, sem se diminuirem ou desnaturarem, e não como a capitulação de uma dependencia, que se acceta, ante uma absorvencia, que se estende.

Não fôra a lealdade, juntamente ao Brasil e aos Estados Unidos, que me anima nestas disposições, e eu não teria, de uma tribuna tão alta, cujos ecos se vão ouvir em todo o territorio brasileiro, e hão de alcançar a America do Norte esta linguagem de franqueza, isenção e verdade, contida e moderada pelo respeito de mim mesmo e dos inestimaveis interesses, communs ás duas grandes nações, com que neste momento me occupo.

Os mandamentos de Wilson

Se, dentre os que já se chamam, pelo consenso geral, os Mandamentos de Wilson, dando-se, nesta denominação característica, a impressão de que o mundo os recebeu, com alguma coisa da reverencia devida ao verbo sagrado ás taboas da lei santa; se, digo eu, se dentre os Mandamentos de Wilson um dos que se distingue pelo seu relevo, é o que recommenda a extincção da diplomacia secreta, ninguem tem o direito de crer que, na mancomunação clandestina, desenvolvida, ha quatro mezes, contra o meu nome, na questão da embaixada e na da candidatura presidencial, que nesse meoalho de interesses e mentiras, os que usam da invocação dos Estados Uni-



dos, e se inculcam agentes do seu proselytismo, representem, com effeito, a acção americana.

Experimentados, sagazes, previdentes, como são, os estadistas americanos bem sabem, e bem estão vendo que os frutos dessas velhacarias e alcivosas se encerram no campo das secretarias de Estado, e não penetram no animo das nações. Temos exemplo de agora.

A conspiração da embaixada, que se urdiu toda, aqui, na secretaria das Relações Exteriores, devia ser invencível em todos os seus intuitos, pela astucia diabólica do seu travamento. Ou eu accetava a missão, e, com o inimigo pelas costas, estava perdido no seu desempenho. Ou recusava; e então perdido estava com o paiz, a quem me denunciariam como despatriota em grau de pena capital, por haver negado á nação um serviço, que ella me tinha em conta de ser o mais idoneo a prestar-lhe cabalmente. Evitei o inimigo pelas costas, não accetando. Estava, pois, com o descontentamento da nação pela frente. Com elle contavam os conluiados. Mas a nação bem depressa viu claro; e o segundo effeito do manejo, que era inhabilitar-me para a candidatura á presidencia, indispondo-me com a nação, lhes sabiu ás avessas. Um movimento ainda maior que o do civilismo se pronunciou no Brasil todo não havendo hoje quem não veja que todo o povo brasileiro está commigo, numa acção eleitoral de intensidade, entre nós, sem exemplo.

Eis a sorte das causas entregues ao trabalho dos intriguistas, enliçadores e burlões, dos mercenários, sycophantes e parasitas internacionaes. Más, não podem ter melhores agentes. Boas, não podem ter executorios mais funestos.

Aves de arribação

Muito pouco valho eu, senhores. Mas alguma coisa hei de valer, por força, mais que os Gamás da nau do Itamaraty; pois, para não valer qualquer coisa mais do que elles, seria necessario não valer um pouco mais que nada. Se em tal gente descansasse a opinião norte-americana as suas justas esperanças de entrar no coração do Brasil, baldias seriam taes esperanças. O Brasil não conhecia essas aves de arribação, ou, se as conhecia, as desprezava; e as estréas, em que ellas se descobriram, pretendendo logo substituir, na acção politica sobre a terra com que tinham perdido, ha muito, o contacto moral, homens, cuja vida representa, em duas gerações successivas, a evolução do nosso paiz, as deixou marcadas com signaes indeleveis. Ninguem mais se enganará com ellas.

Os dilettantes do americanismo

Não se enganem, por sua vez, os nossos amigos da America do Norte. Eu não contendo em americanismo com quem quer que seja. Não exploro ambições internacionaes. Mas o dos que hoje atravancam, com a sua incompetencia, a politica internacional brasileira, não passa de um dilettantismo chôcho, tão superficial, quanto o desse typo de oratória americana, apanhado em improvisos e humorismos ao «champagne», com que o nosso chancel-ler,



no seu recente auto-retrato, figurando-se a si mesmo, cuidou figurar a eloquencia dos Estados Unidos, tão diversa em seus grandes modelos, em seus exemplares duráveis, dessa imagem calumniosa, dessa insossa caricatura.

Essa gente não sabe mais das instituições americanas, do espirito americano, das idéas americanas que das idéas, do espirito, das instituições brasileiras. Vivendo numa superficialidade que as distancia, igualmente, das duas nações, desservem, por igual, os interesses, as necessidades e as aspirações de ambas.

O orador e os Estados Unidos

De mim, pelo contrario, poderia dizer que não fui buscar na rotina de um cargo diplomatico e no transito de uma missão official o titulo de intimidade com o genio do povo norte-americano. Elle se me entranhou por uma sobressaturação de idéas, lições e experiencias americanas, que envolve conçoenta annos de uma educação pelo contacto intellectual com a historia, as leis, a jurisprudencia, a politica e a literatura dos Estados Unidos.

Não bebi Cliquot em Washington. Não troquei *toasts* com os *snobs* da Quinta Avenida. Não me sorti de *humorismo* á mesa dos banquetes millionarios. Mas dei á minha patria, a adaptação das instituições norte-americanas, que a regem; ha trinta annos que ensino aos meus concidadãos o uso juridico e politico das instituições norte-americanas para entre nós transplantadas; tenho sido, constantemente, um laço de união entre o Brasil e os princípios: os homens, os movimentos americanos; e, ainda agora, durante estes quatro annos da crise universal, ninguém, entre nós, em seus actos e palavras, no jornalismo, no parlamento, na tribuna popular, tem diligenciado mais que eu grangear sympathias aos nossos irmãos norte-americanos, colaborar nas suas actividades, contribuir para a aclamação da sua hegemonia moral entre as nações deste continente.

Se além não vou, se não concordaria em que esse ascendente, natural, benefico, descambasse a geitos de protectorado, que se insinuasse pela vida interna do paiz, ou nos diminuisse na politica internacional, é porque, antes de amigo dos Estados Unidos, ou de qualquer outra nação do mundo, amigo sou do Brasil.

Não sei usar da palavra, senhores, senão deste modo, como de um instrumento leal, como de um organ da verdade. A sinceridade, que domina toda a minha carreira publica e contra a qual o meu temperamento não me permite lutar é a synthese dos trabalhos continuos, dos poucos resultados e dos amudados revezes da minha vida. A politica não quer sinceridade. Principalmente, a politica brasileira.

Pariz e Bahia

Se de tal ainda pudesseis duvidar, senhores, bastaria volverdes os olhos á Conferencia da Paz e aos acontecimentos da Bahia. Neste momento celebra as suas assentadas, em Pariz, uma assembléa de pacificação e liber-

tação para o mundo inteiro. Entre os libertadores e pacificadores, tem assento a pomposa embaixada brasileira. Dessa delegação humanitaria empunha o bastão um brasileiro, que reúne na sua pessoa a trinalidade rara de magistrado, legislador e emissario da conciliação geral entre as nações. Tendo juntado, ainda, na sua individualidade, as palmas de mestre da mocidade, com as honras de ministro de Estado, a Fortuna, incansavel na sua perseguição, vae buscá-lo no estrangeiro, ausente, descuidado, attonito para o coroar rei temporario desta democracia; surpresa, nunca imaginavel com os maiores brasileiros. Não será Hermes Trimegisto, tres vezes maximo. Mas é duas vezes trino.

Quando porém, lhe vão levar a corôa de soberano, modestamente envolta no titulo de presidente, os escrupulos de paz, executor e interprete da lei lhe borbotam numa calorosa mensagem aos governos de sua terra. Não quer manchada a sua eleição. Exige que o pleito corra desassombrado. Prefere a derrota á postergação da liberdade eleitoral.

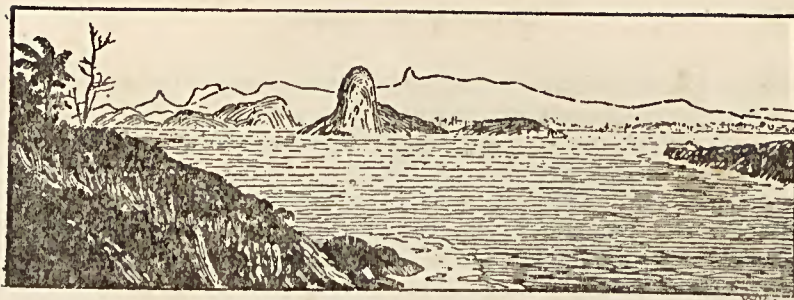
A eleição, porém, ainda não começou. Dista ainda suas tres semanas, e já está esparrinhada em sangue brasileiro. Justamente a capital do Estado onde teve nascimento o candidato adverso, é a que logra o privilegio de ser o primeiro theatro da carnificaria, que se enceta. Nem é a multidão que tumultúa e se amotina. E' o governo quem, deliberada e friamente, investe com o povo tranquillo, inerte e reunido no exercicio do direito de se reunir. Na praça principal da cidade, debaixo das janellas do paço do governo, a policia carabineia, a seu salvo, o povo. A fuzilaria alveja o automovel, onde se agrupam os cabeças da opposição legal e desarmada. E' um acto de execução summaria, um fuzilamento perfeito, de que dois cáem baleados, e os outros dois saem incólumes por milagre.

Aquella capital perdeu o direito constitucional de reunião, perdeu o o socego, perdeu a protecção das leis. Uma atmospherá de terror ameaça uma eleição de mashorca. O governo estadual é quem a presidirá. O governo federal, quem a garante. Não rompe a sua neutralidade. Neutro entre o direito e o crime, entre as victimas e os scelerados, o chefe da nação mantém, deste modo, a belleza de uma legalidade constitucional, que arma os assassinos, e elimina todas as liberdades, deixando sómente a da matança humana, exercida contra a opposição. Tudo para eleger, livre, incruenta, juridicamente, o embaixador da paz ao Congresso da Paz, entre as negociações para a conclusão de um convenio da paz, em consagração da paz, que o mundo inteiro almeja, e não tardará em receber. Paz com a Alemanha. Paz com a Austria. Paz com a Turquia. Paz com os inimigos de toda a parte, de toda a ordem e de toda a justiça. Paz com o universo todo, civilizado ou barbaro. Mas guerra, fogo e sangue no Brasil. Guerra no berço do embaixador da Paz. Fogo no reino do embaixador da Paz. Sangue na eleição do embaixador da Paz. Que paz! Que scenario! Que divina comedia!

Não, senhores, não, realmente, nunca, nunca, nunca nos couberam a nós, ao Brasil. «attitudes tão elevadas» entre as outras nações da terra. Podemos estar certos de que ellas nos terão na devida conta.

RUY BARBOSA.





VIAJANDO ⁽¹⁾

(Coizas do meu Diario)

Charpentier. Molière. - Abril, 24

— Deve ter quinze metros de altura a estatua que, do seu amigo barão do Rio Branco, o velho Charpentier vai fundir, e cujo modelo, o artista, saudozo e contente, explica aos brasileiros pedindo conselhos e apreciando a discussão.

E' assim: fitado pela multidão, amparado pela marinha e pelo exercito; consagrado pela Gloria, o estadista descortina dominadoramente os interesses nacionaes. Lá em baixo uma mulher chora. Quem é? Indeciza ainda a resposta: si a cidade do Rio de Janeiro, si a Patria. Dos baixorelevos, o melhor é a entrega do laudo do Amapá.

Algum trabalho, excedendo limites do bom, collocará Charpentier nas raias do extraordinario? A «Saltimbanca», em derradeiros retoques, responderá sem grande demora a esta pergunta pequena.

Comedie des Champs Elysées

— Dois terços de caza. Luxo. Vestiario com pagamento facultativo. Entradas caras. Criados de pardo e rosa, sommando a farda, ao longe, cor de rapé. Espectadores entreolhando-se, duvidozos do comparecimento uns dos outros. Commutada generosamente em meia hora de si-

(1) Vide numeros de Agosto a Junho

lencio a preliminar conferencia de madame Tynaire. Anuncio no cartaz: «Les Femmes Savantes».

E' das peiores produções de Molière. Noutras, de mais literaria envergadura, já elle bem explorára os veios nesta encontrados. Escrita a galope, a peça saiu manca. Trisotín, um dos centros indispensaveis, só aparece depois do segundo ato!

Mediocre, os artistas; e, no palco, mediocre é irmão de pessimo. Trajam os homens seculo XVII, mas as mulheres preferem os ultimos figurinos; e homens e mulheres mais repetem do que interpretam Molière.

Perdendo a esperança de que o teatro se incendiasse, deixei a peça em meio.

Abril, 25

— O escultor Descamps é voluntariozo! Premeditou erigir, na Praça Julio Ferry, uma estatua peor do que as talvez duzentas que embaraçam Paris. Teimou e conseguiu. O monumento, errado em seu todo, é imperfeito em cada uma das suas partes. Aquelle gallo capão, hidropico, é perdulario de originalidade! A mulher enfurecida, pizando com o pé esquerdo, minuscuro, a legenda latina de Paris, e com o direito, grande, sustentando uma perna esburacada, é duma estetica torturante. Porque está redonda, cheia, satisfeitissima, talvez escape ao espanto a barriga da Floquet. Nella está elle.

— A' noite. Em companhia de gente séria atasqueime, em Montmartre, nos chamados «Cabarets du Ciel et de la Mort». Pachouchadas. Uma hora de vulgaridades sujas. Dalli só se traz uma idéa: a resolução de não voltar.

- No "Renaissance" - Abril, 26

— Entrada: quatro francos; saida: gratis. Em conferencia muito bem lida, com trechinhos de «Mil e uma noites» e citações do «Cantico dos Canticos» extraidas da convencional tradução de Renan, disse o calvo poeta Jacques Richepin, a propozito de dansas orientaes, magnificas estrofes de Vitor Hugo, que nunca esteve no oriente. Palmas. O culto da França pelo seu maior poeta persiste mesmo através dos pequenos.

Não foi vazia a primeira parte da «matinée». Alem dalguns nomes dignamente ignorados, vieram, no cartaz e á sena, a divertida mlle. Mealy e a sua mania de bracelete só no punho direito; a belleza de Marcesse Yrven e

sua perfeita compreensão dos versos de Musset; a fanhoza mas saltitante madame Capoul; e, duas vezes, o espirituoosissimo funambulo Luthoven.

Preferivel, porém, me foi a segunda parte. Armèna Okaman, dansarina persa, é uma maravilha de arte, de sentimento, de encanto. Aos sons da flacida melodia oriental, dos instrumentos e vozes que o simpatico Ynaiat-kan regia, a dansarina, ora uma vizão, ora uma deusa, torcendo-se ora como uma cobra, ora erecta, triunfadora, como amante amada, dança, diz dansando um poema de voluptua, uma canção inexcedivel de sensibilidac. Dcitada aos pés dum dono placido como superior oriental, Okaman vai surgindo como os nenufares, crescendo, enca-deando-se ao amor, beijando como a cortezã, enfraque-cendo, declinando, morrendo, tranquilla afinal num nirvana de coração, incerte, insensivel.

A gaze da meia tunica mal lhe encobre a perfeição do corpo; negros, os cabellos, ondeando algumas vezes entre os seios altos, intervallam de ebano o brilho moço daquelles olhos lindos, languidos, profundos. Electrizada, a platéa irrompe em apiauzos.

.

Abril, 27

— Decididamente o ceu me protege! Separei o dia de hoje para despedidas. Das onze pessoas que procurei, só encontrei quatro.

Folies Bergères - Abril, 28

— O «Minarete» é oriental nas roupas, na riquissima ensenação, no nome dos comparsas, mas é ocidental nos trocadilhos e na rima bellissima dos versos. Uma incongruencia em tres atos. Testamento dum pachá manda alei-loar harem, onde ha virgens, infedilidades, ciumes, escapes, entradas francas, paixões puras, etc.; e emquanto não appare-ce outro testamento annullando o primciro, a platéa vigia a plastica de Mireille Corbe, e analisa os vermelhos quadris de Mic Colibri. Uma asneira convidativa, essa peça pregada ao publico.

Inferior ao nosso Vasques, muito inferior ao tradicional João Eloy, egual ao Pcixoto, Feffel não é repellivel. João Worms berra muito bem, e quanto mais o aplaudem mais berra; sobrio no gesto, todavia. Errados de vocação os outros artistas masculinos: nasceram para espedadores.

Abril, 29

— Politica. Vizitas. Parlatorios. Todos, porém, de accordo em que os negocios do paiz vão mal.

Quando andaram bem?

.....

Na Bolsa - Abril, 30

— Assisti-lhe á abertura. E', repetem-me, a mais agitada do mundo; tambem a mais jogadora. Vi-a num mau momento: baixa de todos os titulos em consequencia das ameaças da Austria ao Montenegro para a entrega de Scutari. Ocação afortunada! A Italia obrigada a agir contra o sogro do seu rei para evitar que, no Adriatico, só Franciseo Jozé luere do annuneiado golpe de mão; aguçados, os dentes de francezes e allemães para ajuste de antigas contas; egoisticamente, a Inglaterra fiscaliza a Russia em via de reorganização á eusta das economias parizienses; e eada nação, grande ou pequena, forte ou fraca, tendo dentro de suas fronteiras o problema operario a abrandar, adeantar e rezolver!

A «Bolsa». Que barulho! Que confusão! Devia ser assim a tomada de Troia. Deve assim ser, por dentro, a cabeça do dr. Olavo Egidio.

Daquelle negro e amplo edificio, com quatorze columnas numa frente de setenta metros, sae um zum-zum infernal. A' distancia de trinta ou quarenta passos o ouvido sente

diverse lingue, orribili favelle,
parole di dolore, accenti d'ira,
voei alte e fioche,

da onomatopéa dantesea. Não me foi possivel acreditar que aquella gente se entendesse. Não entendi nada. Gritos, carreirinhas, notas rapidas a lapis, outras á pena sem tinteiro, frases sem nexo, meias frases, registos, passagens de papeluehos de mão á mão: não entendi nada.

.....

Diversas coizas

— Subo a Montmartre. Na Igreja do «Sagrado Coração» encontro, num soberbo marmore, S. Franciseo Xavier. Sim, senhor! Aqui o jesuítta viajante está gentil, cortez, aprazivel, sobranceiro. Tão diverso daquelle Xa-

vier que, no Japão, arguido sobre incompatibilidade das penas eternas com a bondade divina, irascível, respondeu aos bonzos qualificando-os de sandeus por não aceitarem, sem debate, uma verdade tão simples.

— De costas para «Sagrado Coração» e Xavier, está, na rua, João de la-Barre pedindo que o vejam. Foi-lhe o desastre: supliciarão-no em 1618 por ter conservado chapéu na cabeça deante dum andor em procissão. Proibiram-lhe testamento, e deram-lhe, tres seculos mais tarde, uma estatuazinha. Também, que tinha elle neste mundo? Apenas dezenove annos; perdeu-os por negocios do outro. Perder a cabeça por cauza do chapéu! Sina sem pés nem cabeça.

— Tento descer pelo funicular. Fechado o escritorio; fechado o serviço. Ha, pregado á porta, papel com artiguinho em letras garrafaes; leio: «Para evitar aos senhores ladrões perda de tempo e trabalho, a directoria da empresa declara não haver no escritorio oiro e prata, nem dinheiro em caixa durante a noite.»

Retiro-me. O cazo não é commigo.

— Desci afinal. Desci também a uma conferencia teologica no Instituto Catolico, rua d'Arras 19. Falou J. Maritain, moço, da miriade de redatores da Revista Filozofica. Falou eloquentemente, proferindo ideas velhas em linguagem novissima. Fingindo leitura de discurso que sabia de cór, citou topicos de S. Tomaz, Heraclito e Spinoza, disparando-os contra Bergson, alvejadamente na parte da doutrina em que esse pensador, abalando a razão, a substitue pela intuição. Tinha merito, auditorio e rezolução de falar. Aplaudi-o.

— Defronte se espapaça annuncio doutra conferencia: Ruskin e sua arte. Quazi a escutei. Ia entrando quando o porteiro, um loiro muito espigado, me observou que a conferencia era só para meninas.

Perdi a conferencia, mas ganhei a certeza de que não era menina.

Adeus. Paris - Maio, 10

— Aproveito a manhã para um adeus! ao Bosque de Bolonha. Atravesso a «Avenida das Acacias», onde inglezas brancas de chapéu alto, acompanhadas de criados redondinhos e vermelhos, trotam em cavallos grandes.

Por ordem do relógio interrompo a sensibilidade com que estive, minutos, prezenciando um cavallo quieto ao lado dum inglez inquieto que delle caira energicamente.



Medito: crível e natural que um inglez caia dum cavallo; incrível seria que um cavallo caísse dum inglez.

— Fome ás ordens. Meia duzia de companheiros. Bom almoço. Melhor proza. Mas o tempo não espera pela gente, e o trem para Nice gosta de hora certa. Adeus. Abraços.

Partir. Viajar. Chegar.

— E' indispensavel ser mais exigente do que uma mulher grávida para não elogiar, na estrada de ferro de Lyon, o capricho da empreza na diminuição de desconmodos aos passageiros. A entrada é paga automaticamente. A pezagem das bagagens, fa-la o proprio carrinho que as conduz, durando talvez trinta segundos o serviço da dedução dos trinta quilos a que tem direito o passageiro.

Nem Marco Greco, suspeitado descobridor da polvora, era capaz de descobrir, no trem de luxo, motivos de queixa. Atopetadamente lindo, não tem o meu compartimento um cantinho dezocupado. Lavatorio servido por cristofle reluzente; perfumadissimo sabão; agua morna facil, porque em abundancia a quente e a fria; guardajoias, portarelogio: tudo irreclamavel.

E que leito macio! Dormi, dormi como um requerimento a informar no ministerio da marinha.

Acordei quando a locomotiva, suave como deputado mudo que receia ser excluido da chapa, deixava a estação de Toulon. Meia hora depois começavam as montanhas á esquerda e á direita praías, enseadas; angras encantadoras. Dambos os lados se disseminavam cháiés, de vez em quando aglomerados para formar povoações cujos nomes o guarda trem, como francez autentico, inteiramente ignorava. Era a «Côte d'Azur», pedacinho do litoral sulbrazileiro que a natureza, por engano, esquecera nessas bandas.

— Quatorze horas de viagem sem cansaço. Estou em Nice.

Em Nice - Maio, 2

— Sinto bem estar em todas as articulações. Nice é um pedaço de ceu. Aqui valia a pena ter vida eterna.

Maio. Fecha-se a estação convencional dos banhos; quasi se fecha a do jogo. Acalma-se a esplendida estalagem que, por meio anno, hospeda o vicio, o dinheiro e a aristocracia europeá. Meteco é quem aqui chega: tem



de deixar, pelo menos, a sexta parte do que traz. Caro sanatório!

Um hospede em Maio! Raridade. Como tal fui acolhido no «Hotel Alhambra», alto de construção, mediano todavia na altura dos preços. «Um dos melhores hotéis de França», informou-me o gerente; «do universo», emendei para lhe ser agradável. Duvidou. Insisti. Concordou. Agradei.

Clima seco, igual, prolongando a vida como nem um outro da Europa, nem o da vizinha Menton que se rói de inveja, Nice solidifica os moços e concerta os velhos. Ar puro. Dezeseis centígrados de média annual. Agua boa, esterilizada, encachoeirada, vinda de distancia maior de nove leguas, das de beijo como se mede em Minas. Ruas esmeradamente conservadas, lembrando Petropolis antes da Republica. Firme exploração de capitaes na manutenção de grandes hotéis.

A população é de sessenta mil almas; não as contei mas quem isso me contou foi o gerente do «Alhambra», cedendo-me na ocasião o automovel do estabelecimento e dando-me o conselho de correr os pontos mais encantadores da encantadora cidade. Fi-lo.

— Entre Nice e os contrafortes dos Alpes se repetem chacaras de multiplicadas fórmãs. Oliveiras, vinhedos, limoeiros, laranjaes, lucrando da constancia da temperatura, crescem á vontade. Flores, flores, muitas flores; mais flores do que folhas? Nice é um jardim.

— Alem do jogo e das flores, alimenta a cidade dois cultinhos: o da familia reinante em Inglaterra e o de Léon Gambetta. Ha aqui rua Gambetta, praça Gambetta, estatua Gambetta, Gambetta roja, Gambetta café! Porque? Porque, commerciante barato, o pai do tribuno falleceu aqui. Só por isso? Não. Conserva-se evidentemente um reziduo de italianismo nessa porfiada veneração. Era de origem italiana esse meridional, e o filho de Nice ainda sente pontadas no coração quando atenta que a patria de Garibaldi pertence á França.

Pertence... Mas eu não conheço torrão que tenha tido maior numero de donos! Nice, na historia, parece uma peteca. Jogaram-na fenicios, gregos, romanos, vizi-godos, burguinhões, lombardos, francos, italianos e espanhoes. Foi independente algumas vezes, dependente muitas. Sua cronica é cheia de labirintos. No seu portinho só não desembarcou quem não quiz. Traida em 1859 pelo repentino tratado de Villafranca, Nice ajardinou-se e, re-



zignada, optou pela França num plebiscito, legitimo e verdadeiro como todos os plebiscitos.

.....

Coitado ?

— A estatua da rainha Vitoria derrota o gosto. Falta-lhe valor artistico. Dezagrada. A veneranda senhora invernou-se algumas vezes nestas paragens, o que, que se suspeite, não constitue cazo monumental. Bem copiado das vespervas da velhice, o rosto é só o que escapa á tolice. Duma das figuras accessorias o dedo dum pé daria para a metade que falta noutro.

Semsaboria gradeada, com capim ao redor. Arrancava-o negligentemente um joven magro, fardado, que me confessou, vexado, ser o conservador municipal da marmorizada rainha. Ha martires desconhecidos.

Incidente. Duvida

— Dia formozo. Sol poente. Subo noventa e tres metros coroados por um planalto; rodeio vertigonozamente a collina que tem, nos flancos, o cemiterio, e lá no alto o «Chateau» com a vista inteira de Nice. E' sensato prolongar o quanto possivel a tranquillidade do deleitozo panorama. Mas ficar aqui até a noite? Mas eu já sei Nice; já a reajuntei com a sua cazaria variada e uniforme, porque sem predios eguaes e sem construções diferentes. Desço? Fico?

.....

— Barba grizalha, cuidadozamente tratada; turbante novo e alfange refulgente; prezas ao peito varias medallas; atravancadas de quinquilherias, e exquízitices orientaes com inscrustações nikeiadas, duas mezas postas em angulo obtuzo: tal foi o turco e taes foram as coizas que, á distancia duma dezena de passos, proporcionavam entretenimento á minha indecizão.

Fitei ostensivamente o homem. Fitei-o até me certificar de que sentira elle que eu o fitava; levantei-me com imponencia; busquei-o frente á frente; cumprimentei-o; intimei-o no mais puro portuguez:

— Ordeno que me revele, sem demora, sua opinião a respeito de auxilios á pequena lavoura.

Insensivel, fleugmatico, o oriental retirou vagarosamente de sobre a meza esquerda uma faquinha de cortar papel, e della me fez entrega com a maior tranquillidade.

Mandei a mão direita ao bolso do collete, achei a bolsinha de prata, separei uma moeda de cinco liras, e entreguei-a ao vendedor que, sereno, frio, de lira e meia se cobrou. Recebi o troco; guardei-o na bolsinha, e esta no bolso do collete. Cumprimentei de novo o oriental e, deapressado, voltei para a minha meza retomando minha posição anterior.

Decorridos cinco minutos, reincidi na manobra. Levantei-me, marchei, saudei, e proferi em portuguez:

— Qual o grupo politico dominante na Camara Municipal de Uruguaiana?

Não vacillou o turco. Correspondeu-me á saudação e, repetindo por seu turno o anterior movimento, entregou-me uma carteirinha com incrustações de prata fôsea. Guardei-a. Busquei a bolsinha. Passei ao vendedor outra moeda de cinco liras; cobrou-se elle de tres, e eu recolhi as duas restantes. Cortejei-o. Voltei lentamente para o meu logar.

Marquei prazo de cinco minutos. Repeti pormenorizadamente as duas senas precedentes, variando apenas de pergunta:

— O capitão Bento do Amaral Coutinho, vencedor dos paulistas na guerra dos Embuabas, foi o mesmo que bateu as forças de Duclerc no Rio de Janeiro?

Como se não tivesse feito outra coisa desde que se emancipara, gelido, calmo, o turco escolheu e entregou-me faquinha semelhante á primeira, pagou-se de lira e meia e correspondeu pela terceira vez á minha saudação.

Fitei-o com energia; retirei-me. Pensei: dure elle um seculo, não se explicará de como acertou rapidamente a escolha de tres objetos pedidos em lingua que, talvez, ouvisse pronunciar pela primeira vez.

Estou, porém, em duvida sobre o cazo. Está-me a parecer muito mais provavel que o turco pense que o louco era eu.

Promessa é dívida - Maio, 3

— A «Avenida dos Inglezes», linda, extensa, não é mais extensa nem mais linda do que a nossa Avenida-Beiramar.

Bati á porta do palacete n.º 7; esperavam-me. Riqueza sem ostentação. Gente sem cerimonia. Meia hora, e já pareciam amizades velhas a familia de Carlos Kraft e a minha. E' tão atraente uma simpatia dezinteressada!

Siencia e Vicio

— Automovel. Rumo Monaco. Percurso beirando montanhas. Aspetos deslumbrantes; paineis formozissimos. O mar tem cambiantes de madreperola.

— No «Muzeu Oceanografico». Vejo dois exemplares da «Sereia do Mar»: um em osso, ictiologicamente preparado outro, e privados ambos da pœzia com que lhe divinizavam a especie as lendas medievaes da marinhagem. Vejo o «Leão do Mar», novidade para mim e para os navegantes do rio Tieté. Vejo o «Tubarão», modelo do orçamentivoro na politica das aguas. No salão n.º 2, á direita, vejo a avolumada contribuição do rei d. Carlos (o assassinado pelos assassinos de Portugal) para as utilidades da ictiologia. Um mundo de coizas admiraveis!

Mais de cem qualidades de esponja; a perola, molestia da ostra, desde a formação até o carissimo aproveitamento; algas multiformes; coraes incontaveis; um bellissimo camafeu em caramujo; conchas de indescreptivel variedade na fórmula e nas cores; e, em largo mapa, como envolvendo tanta afluencia de estudo, de pesquisa, de acondicionamento, de serviço á intellectualidade, a «Carta Barometrica dos Oceanos», adoptada em 1904, com aplauzo da competencia pensante, pelo Congresso de Washington: tudo isso eu vejo. Vejo, praticamente, concretamente, a historia da arte de pescar... Não vejo, porém, incluída nas diversas fórmulas de pescaria, a jangada do nosso cearense. Porque ignorar ou deslembrar o sabio principe de Monaco a intrepidez e a pertinacia do brasileiro do norte?

Rico, bem acondicionado, o «Aquarium». Inferior, porém, ao de Napoles, entre outros motivos, porque muito mais joven.

— Entro, afinal, numa casa de jogo. Aos sessenta annos, já não é fóra de tempo. Estou na mais importante e desbriada banca do mundo. Salas riquissimas. Ordem. Respeito. Cortezes, fingem todos estar frequentando um templo. Em doze mezas funcionam vinte e quatro roletas.

O jogo é inevitavel incidente da civilização. Unico dos animaes que cogita preferencialmente do futuro, unico que mais olha para a frente do que para baixo, que mais imagina do que age, o bicho-homem é, foi, ha de ser sempre jogador. Tudo lhe é jogo na existencia. Que vale o trabalho, o proprio trabalho senão uma cartada, com promessas de exito, na banca do destino? E quantas vezes a honestidade perde a partida!

Hereditariamente, o paulista recebeu do espanhol o vicio do jogo. Almoldou-o, porém, a uma feição inverozimil: publicamente, sinceramente, o jogador paulista se julga superior a quem não joga. Em S. Paulo o não jogador, especialmente si politico, é tido e havido por deziquilibrado. Circumstancia ainda mais extravagante: no exercicio de funções administrativas, o desfalque, quando dado por jogador, só não tem atenuante quando innocentado. Dispensa punição.

A proposito de jogo: quando Pedro 2.º, que não apreciava baralhos, disse ao seu ministro barão de Cotegipe que, no voltarete, o menos que se perdia era o tempo, immediatamente ouviu do espirituozo estadista a resposta:

— V. M. não conhece o voltarete. O unico tempo que nelle se perde é o de dar cartas.

Outro cazo que me vem ao bico da penna. Em 1862, numa meza de boston, em roda aristocratica, jogavam o surdo Pedro de Araujo Lima (marquez de Olinda) e o já doentissimo, e por isso muito frenetico, Miguel Calmon (marquez de Abrantes), amigos fraternaes desde a mocidade. Demorando o surdo a cartada, murmurou o frenetico:

— Esta besta não joga!?

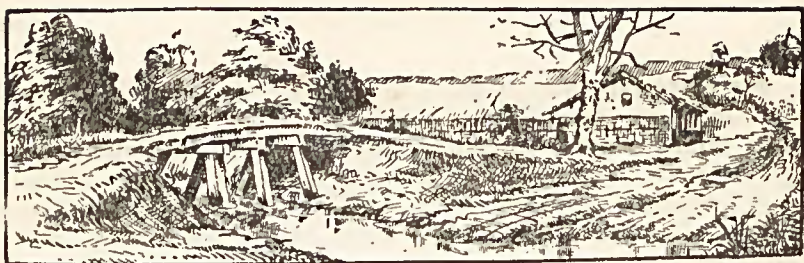
Calmamente, deixando cair a carta, o ex-regente do Imperio explicou ao denominado «Canario da Camara»:

-- Miguel, a besta está pensando um pouco.

Riram os circumstantes, e a divulgação da pilheria aumentou a suspeita de que o marquez de Olinda só era surdo quando lhe convinha.

— Traduzo duzentos francos em moedas de cinco; vou jogando e perdendo, perdendo e jogando, num numero qualquer e no preto e no vermelho; em menos de meia hora fico em fim de mez. Faço menção de retirada. Eis que um senhor de fizionomia severa, cazaca, e um puxador de dinheiro do tapete verde, me observa que, tendo a bolinha parado no numero oito eu ganhara cento e oitenta francos. Um outro, fiscal esse, me pergunta si deixo ainda os meus noventa francos sobre o vermelho; fingindo-me conhecedor do assumto, respondo secamente «não». Jogo ainda algum tempo. Ganho um pouco mais do que a minha despeza em Nice. Retiro-me sem prazer nem pesar.

Quem sabe ter vontade não sabe ser jogador. Onde li isso? Não recordo. No «Jogo e jogadores», terceiro volume das «Memorias de Villemessant», provavelmente.



O CASO DO JUNDIUVIRA

(CONTO)

Quem, descendo das cabeceiras do Sapucahy-guassú, tomar a esquerda, em direção á cidade mineira de Paraisópolis, lá, onde a estrada a Pirangussú, transpondo as divisas estaduacs, corta n'uma recta por entre duas gargantas da serra abrupta esse recanto esquecido da terra paulista, sentirá um deslumbramento ao dar de chofre com a villa de Candelaria. E' uma nossa atalaia perdida.

Tres ruas largas, curtas e symetricas, poucas travessas, de casinhas alvas, e uma praça onde a Capella se alteia, formam o ninho pittoresco em meio da asperca da paisagem. Atraz, em semi-circulo, como a protegel-a, a montanha altissima, uniforme e núa grimpa até as nuvens; na frente, o morro do Tatú fecha o circulo em que, no fundo, como uma garça adormecida, Candelaria repousa tranquilla. E pelas duas gargantas que rompem o circulo de montanhas, a par do caminho mineiro, um riacho cristalino murmura á ingenuidade selvatica daquellas paragens. E' o Jundiuvira. Quando descí de São Bento, pelos Campos do Jordão, numa manhã de Junho, já o sôl reverberando nas frontarias brancas, despertava num sorriso a villa longinqua. A missa terminava. O povo, em trajes domingueiros, movimentava-se festivo. Mulheres e crianças espiavam-nos de soslaio; e retribuindo cumprimentos, os homens abriam-nos passagem.

— E' aquella, a do Major... E o camarada, o Juca, um rapagão destorcido, guiou-me a uma casa ampla, um

tanto achatada, de dois degrãos na porta, e de cinco janelas, que fechava a rua principal.

O Major appareceu :

— Ora viva!... Por estas alturas, Doutor? Apeie...

Homem de meia idade, attencioso e bonacheirão, viera para alli ha 20 annos, como collecter estadual; a familia crescera, arranjara umas glébas e agora alli vivia socgado, identificado ao meio, com amor á terra de adopção.

— Sim senhor! Sempre chegou o dia!...

— Tive esse prazer, Major... Creio que desta vez o povo fica satisfeito. As escolas foram creadas e brevemente aqui estarão os professores. Houve tambem verba para as estradas; e eu vim providenciar a reforma da Cadeia para o destacamento effectivo.

— Sempre teremos um pouco do Governo!... Parece sonho... Se não fosse gritarmos, fazemos pé-firme, de ha muito seriamos mineiros...

— Como assim?

Sentados agora, esperando o almoço, entre um cigarro e o café servido, insisti curioso:

— Os senhores temem pertencer á Minas?

— Medo, não digo; mas o que é de lei, tem força... Esse povinho que o Doutor está vendo por ahi, prefere morrer. E' opinião; já vem dos tataravós... Quando elles por aqui aportaram, subindo de Pinda, apossaram-se destes sitios para o governo paulista. Fundaram Candelaria e São Bento. Se o Doutor soubesse que lucta, que mortandade...

— Porque?

— Os mineiros chefiados por figurões, com capangada e armas, carregavam os marcos da divisa lá para baixo, no Rodeio ou no Alto da Sérra, onde montavam o Posto-fiscal; e davam batidas para arrazar a nossa gente. — A tradição conta que se os marcos um dia estavam lá embaixo, no outro cá em cima, a vida inteira nessa lucta...

— E as Provincias, que faziam?

— A nossa fechava os olhos e deixava a usurpação, destas posses... Mas houve sertanejos de pulso!... Depois de muitos annos de briga, Minas, que ficára com a nossa parochia e todo o sul, fez um accordo e respeitou a divisa alli de traz, acompanhando o espigão. São Paulo ainda ficou aborrecido conosco... Desde esse tempo vivemos esquecidos, como filhos sem mãe...

— O jacobinismo então, garantiu-nos este bello pedaço!

— Passaram as bandeiras em busca de ouro e diamantes. Fundaram a povoação, como atalaia avançada ás suas des-

pedidas; e ella ha de continuar, queiram os governos ou não, como esse ultimo adeus do solo querido... Que a divisa passe longe, na Serra de Pinda, não importa. Resta ainda esta península encravada em terras mineiras. E distancia, maus caminhos, difficuldades de transporte, tudo isso é nada desde que..... desde que o Governo não nos repudie...

— Sim senhor, Major!... Essa lucta com a natureza e os homens, é bem a amostra da energia de uma raça forte...

— A raça quasi extincta dos bandeirantes, Doutor...

* * *

Emquanto palestravamos, alguns curiosos foram augmentando a roda; e havia caboclos sentados nos calcanhares, junto á parede da casa, respigando phrases da conversa. Caipirinhas com saias de côres berrantes, passavam acanhadas...

— Porque ficou triste, *seu* Juca?

— Eu? Está sonhando...

— Sempre é isso... Chegou em Candelaria, bateu a melancolia...

— Não gosta da sua terra? — perguntei-lhe.

— Historia, Doutor... Brincadeira dessa gente...

— Não se acanhe, moço. — Desembuche a falla! — Conte o caso...

— Que negocio é esse?

— Bobagem, Major... Questão do Jundiuvira...

— O Doutor com toda a certeza o vae apurar. E' bom que você diga de uma vez...

— Preciso informar-me de tudo, Juca...

— O senhor não reparou num vestido roxo-escuro que passou alli na travessa? Por causa delle é que estão caçoando agora... Aqui todos sabem... Devido a um bate-bocca em casa, que fica na garganta da serra, procurei serviço fóra. O Felisberto era arranchado no bairro do Jundiuvira, tinha creação, lavoura e um carro para o commercio com os povoados. Bati lá e elle entregou-me o carro. Perto do sitio, junto da estrada que beira o Jundiuvira, morava a familia da Margarida. Alta sacudida, rosada, era moça trabalhadeira, séria, cabello preto reluzindo, duas tranças assim. — Creio que é a mais bonita destas bandas... Eu passava, dizia adeus, perguntava d'alguma compra na villa. Um dia pediu que trouxesse umas rendas. Acertei; ficou coentente... D'ahi por diante era minha obrigação portar alli... Uma vez, no meio de umas encomendas, puz um vidro de cheiro.

Indagou, então: — Que é isso, *seu Juca*?!
 — Lembrancinha para a senhora...

— Desculpe. — Ha mais de um anno que me conhece... Tem sido muito bom e é nosso amigo. — Mas eu não posso receber presentes...

— Porque, dona? Que mal ha nisso?

— E' que estou compromettida com o Felisberto, e não fica bem... Não é por mal, *seu Juca*... O senhor sabe...



— Está certo. Mas accite só esse. Julgava que era fallatorio; elle nunca me disse nada. Pensei até que não se casaria mais...

— Diz agora que quér...

— Com a senhora, não me admira. E depois, o Feliberto é que é homem. Rico, direito, estimado; não é chefe porque não quer. Sou franco. Com outro, não sei... Mas com o Felisberto não ha quem desaprove... Olhe, eu não lhe fico querendo mal. Entristeço, isso sim, por perder a minha luz, a unica esperança. Mas com elle não posso competir...

— Chega, *seu Juca*. Não pense mais nisso. Tenho reparado a sua bondade, mas não tinha coragem de lhe fallar... Ao menos agora já se evita qualquer cousa.

— Agora? Tanto faz eu lhe ver hoje, como hontem, o meu sentimento foi sempre o mesmo. O que não póde ser, não póde. A senhora me perdoe estas palavras; nunca mais repetirei isso.

— O senhor vae aborrecido commigo...

— Não diga peccado. Essa vóz corta o coração. Parece que quer chorar?

— O senhor é tão bom e eu temia ser a causa...

— Descance. Juro que continu'ô o mesmo. Não pude ser dono, hei de ser escravo por gosto...

E assim fomos vivendo. O Felisberto, reparei, adorava a Margarida. Mas nunca me disse seus projectos... De sorte que eu ia empurrando a vida, saudando-a, trazendo-lhe compras, dois dedos de prosa, até um mez antes do casorio. Ahi, não aguentei. Despedi-me; vim trabalhar para cá. Quando chegou o dia, eu estava de viagem com o Major n'um negocio de gado. Soube do facto na volta. Pobre do Felisberto!...

— Afinal que aconteceu? Doença, briga?

— Peor, Doutor... O senhor é quem vae saber...

Lembrei-me de uns papeis que me foram entregues na vespera da partida. Deveriam relacionar-se com o tal caso.

* * *

— Mande entrar!

O Juca, servindo de porteiro, passou ao salão da Camara, onde eu inquiria uma cabocla alta, bem proporcionada, morena, cabellos fartos, de uma sympathia avas-saladora, olhos grandes, velados por uma nevoa de saudade...

— Sente-se aqui. Como se chama? E' a senhora que eu...

— Margarida...

— Deseulpe-me incomodal-a. Estou encarregado pelo Governo de verificar esse facto do Jundiuvira. Ninguem me orientaria melhor do que a senhora. Peço-lhe o obsequio de dizer tudo...

Depois de alguma hesitação, cabeça baixa, começou Margarida, como n'um confissionario: «Móro no hairro e tenho 26 annos. Nunca festei... Cuidava só da casa, enquanto meu pae e irmãos trabalhavam na roça. Sempre vivi quieta no meu canto. O anno passado, o Felisberto, que eu conhecia de pequena, principiou a tratar comigo. Aconteceu de nos encontrarmos algumas vezes; quando não, elle descia o rio e eu, alli no batedor, trocava umas palavras com elle... Um dia, fallando do noivado da vizinha Sinhára, perguntou-me se não invejava...

— Inveja de que?

— De ter noivo, de casar...

— Nunca pensei nisso.

— Pois olhe Margarida; de vez em quando eu tenho cada coisa...

— Gostava de saber, Felisberto.

— Qual! bobagens...

— Ora, conte... Vejo que a sua palavra está no bocca.

— Não sei porque motivo... E'... Eu cogito em mulher...

— Não me diga! Desembuche homem de Deus!...

— Ahi pára o carro... Também, para quê?... e aeu remada rio abaixo.

— Desculpe. Não se zangue... Eu não pergunto mais. Venha cá...

— Eu digo Margarida...

— Quem é essa felicidade?

— A que me falla agora... e em duas fortes guinadas dobrou a curva. Meu coração parou; e eu fiquei assombrada, pensando... Quando, vi, meu irmão gritava:

— Margarida, está doente? Nesse batedor o dia inteiro!... Que é isso, rapariga?! Parece Martim-pescador olhando a agua... Dei um pulo vexada. Mas não me sahiu mais o dito delle!... Passados uns tempos, n'um encontro, pediu-me desculpas.

Eu fiquei muito acanhada e respondi:

— Não ha razão...

— Só se você accéita a prósa... Não se molestou comigo?

Perdi a lingua, muito vermelha, ressabiada; e elle repetindo: — Accéita, Margarida? Fiz «sim» com a cabeça. Ficamos noivos. O Felisberto pareceu outro. Alegre, folgão, era um gosto a sua conversa. Meu pae, caçoando, perguntou-lhe mezes depois: — Como é? Preciso vêr isso... Casorio parado, o diabo attenta. Desamarre, homem! Elle titubeou; agarraram de risada, então marcou: — Póde ser no mez entrante... Ficou para o dia dez. Mas eu não sei porque, desde ahi, o Felisberto começou a mudar. Estava alegre, contando um caso, e num momento, atôa, cahia na melancolia. No meio de uma risada elle murchava e ficava esquecido, olhos parados, sem ver. Eu estranhava:

— Negocios, Margarida... E' assim mesmo... não se apoquente...

Qual! Cada vez peorava... Na vespera ainda eu lhe disse: — Se é por casar, desmanche... Não quero doença por minha causa.

— Pára, Margarida... Você me conhece. Palavra é palavra. Não retruque...

Fiquei quiéta. O dia 10 amanheceu bonito, como não vi igual. O bairro inteiro acompanhou o casamento. Houve rojões... Voltamos depois n'uma folia... Chegámos de tardesinha em casa. Que festa!... As bebidas corriam o povo, os tocadores já se desafiavam quando o baile principiou. O Firmino, da Sinhára, de sanfona n'ova, tocou a noite inteira. Parece que estou vendo... Clareou o dia. O povo retirou-se, mas ficou gente para os quitutes sobrados da ceia. E continuamos com visitas até o jantar. O Felisberto, de vez em quando tinha a tristeza; mas era passageira... Allí pelas Ave-marias, saíu dizendo que já voltava...

Não sei se lhe contei que o nosso rancho fica perto do Sapucahy, na desembocadura do Jundiuvira. Pois bem. Escurecia; os morcegos vojavam... Meu pae julgou que elle subisse até a sua casa, atraz do bosque, rio acima. Esperamos. Os sapos batiam; vagalumes passavam... Minha familia caçada, foi dormir. Fiquei á espera do Felisberto, sentada ao lado do fogo, divagando. Anoteceu. Eu escutava; sahia ao terreiro, espiando, afiava o ouvido, mas nada... Não tive mais socego e assim a noite inteira. Estremeci quando o gallo cantou a primeira vez... Ah! meu Deus... Quando clareou me disseram, allí no fogão, que lá para baixo, no porto das canoas, encontraram um chapéo no barranco. Gelei. Trouxeram depois o paletó e a camisa de gomma do Felisberto... Sondando o rio, elle appareceu vestido de calça e camisa de meia... Ah! Doutor; descubra porque essa morte!...»

Duas lagrimas grandes, quentes, luminosas, rolaram silenciosamente pelas suas faces afogueadas. Eram talvez, irmãs gêmeas daquellas derrainadas á beira do fogo, numa anciedade nervosa, nessa desesperançada noite de casamento...

* * *

Trabalhei. Fiz uma devassa. A população interessada, ajudava-me. Concluí apenas que Felisberto Corrêa, de 40 annos, viuvo, era homem probo e influente, sem um defecto siquer; e esse enlace obtivera a approvação geral, porque Margarida, boa, bonita, typo victorioso de mulher, não deixava namorado nem pessoa aborrecida de ciúmes.

De volta, pela sérra tortuosa, perguntou-me o Juca:

— Como o senhor explica esse caso?

— Mystério... Desastre... Qualquer cousa...

— Seria por questão de palavra? Dizem que o Felisberto, brincando, garantiu uma vez á primeira mulher, que os seus filhos não teriam duas mães...

— Deve ser... E' a raça, o atavismo, a opinião dos velhos bandeirantes!... Depois de resolvido, inutil; não voltam atrás...

— Mas com a Margarida...

— Nem mesmo por ella. E' a resolução fatal; um segundo destino... Cumpre-se. Antes o suicidio. Sim. Foi isso!.. Pobre Juca! se tambem lhe pretendes o coração, adeus... Estás perdido... Margarida descende do mesmo povo — foi noiva do Felisberto... Representa a palavra inflexivel de muitas gerações.

— Coitada!... Não é atôa que me entristeço... Tão moça e chorar para sempre, como n'essa noite de casamento — esperando nervosa á beira do fogo...

Amando CAIUBY.





EXILIO

*Abençoarei o instante do exterminio,
Vencendo o horror, calando o meu lamento,
O' Morte, se, num impeto fulmineo,
Teu gladio me abater neste momento.*

*Doura-me o céu ainda o sol sanguineo
Da mocidade. E, num deslumbramento,
Em surtos de paixão e de dominio,
A gloria de viver experimento.*

*Mas, no tropel dos dias venturosos,
Na doce irradiação dessa luz aurea,
Que me banha de sonhos e de gozos,*

*Entrevejo os instantes sem meiguice,
De cansado labor e rude laurea,
No escuro, amargo exilio da velhice.*

ROBERTO MOREIRA

Julho, 1919.

DERRUBADA

*Na encosta abrupta onde a floresta, ha dias,
— Verdejante estendal de mil trophéos —
Troncos em flôr, festões de ramarias
Triumphalmente levantava aos céos,*

*Hoje o silencio, a morte... Entre as sombrias
Moitas em cinza, tardos fogaréos,
E a contorsão final das agonias
Da fumarada se embuçou nos véos.*

*A derrubada assassinando a matta
Destróe, calcina, fêre, desbarata
Com a demencia cruel de um juracão...*

*Selva de vida estuante, agora em nada
Desfeita... Inexoravel derrubada
Ao brusco incendio da desillusão!...*

PATRIOTISMO

*Um recanto de valle... No horisonte,
Vellutinea no azul primavera,
A ondulação ridente do alcantil
Tendo outra serra a verdejar defronte...*

*Um regato a cantar sobre uma ponte
Onde se esfolha um roseiral de Abril,
E a mystica esbeltez de um campanil
Idealisandô, na distancia, o monte...*

*Todo o intimo encanto dessa téla
Bruscamente a meus olhos se revela
No ouro gratis do sol que a aviva... e então,*

*Sinto, ao furtivo arroubo desse instante,
O quanto te amo, meu Brasil gigante,
No quadro familiar do meu torrão...*



BALLADA DA MUSICA SEM NOME

*Musica vinda não sei de onde
Como o tinido de um crystal,
Cahir parece de alta fronde
De uma palmeira imperial.
Vem de tão longe, tão macia,
Echo de som perdido no ar
Oh! vagabunda melodia
Quem te deu voz para chorar?...*

*Solto queixume que se esconde
Sob um trinado de parda,
E ao qual sentido corresponde
Dentro de mim queixume igual...
Tem esse fio de harmonia
Fiado em magico tear
A murmurante nostalgia
Da agua, entre pedras, a chorar...*

*Musica vinda não sei de onde
De tal fervor sentimental,
Ninguem á queixa lhe responde
Ninguem suspeita de seu mal...
Vaga romanza, litania,
De algum recondito penar
Que por orgulho se porfia,
Cantando, em rir de seu chorar...*

*Porque, não sei, a meu ouvido
Embora extranha, és familiar?...
Oh, coração desiludido
Que se fez som para chorar...*

MARIA EUGENIA CELSO.

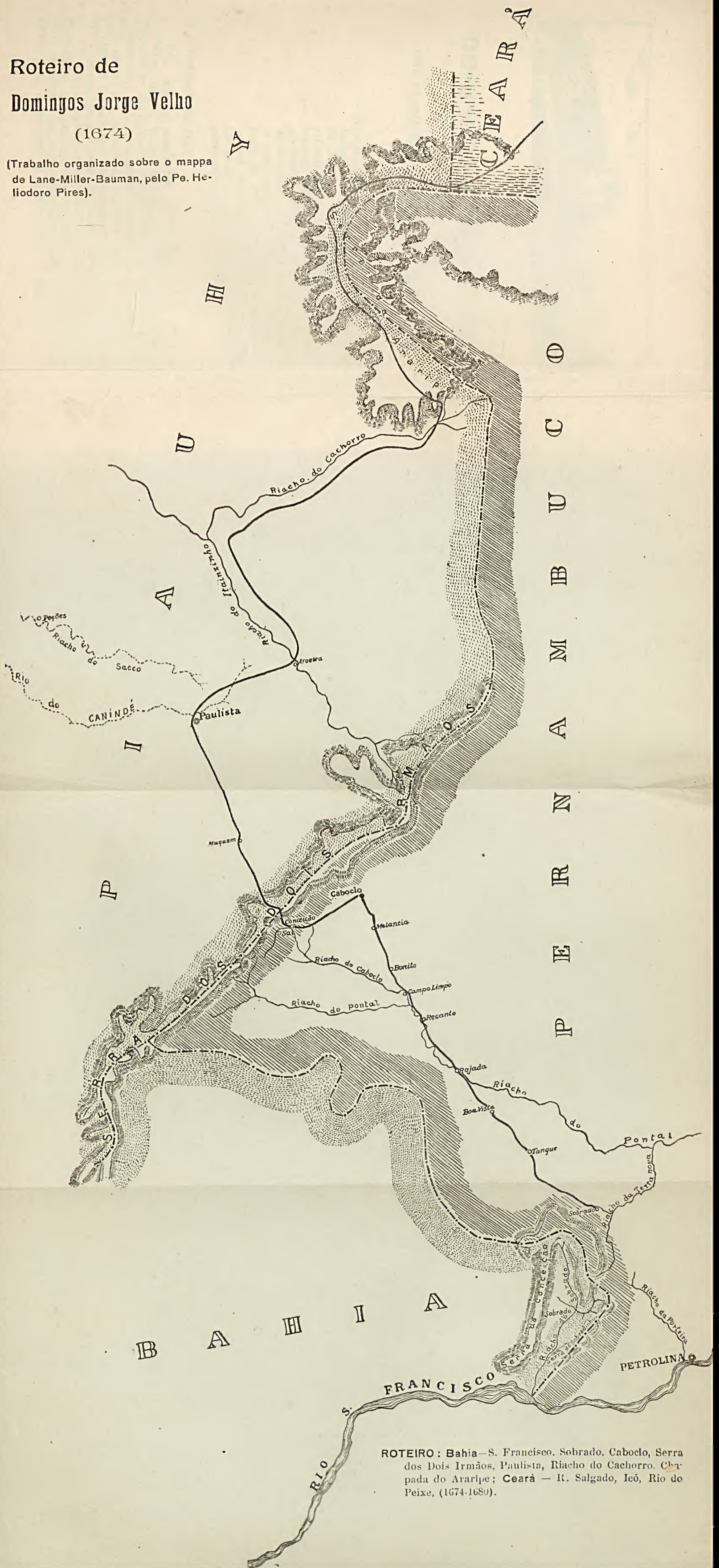
(Do «Em pleno sonho»).



Roteiro de Domingos Jorge Velho

(1674)

(Trabalho organizado sobre o mappa de Lane-Miller-Bauman, pelo Pe. Heliodoro Pires).



ROTEIRO: Bahia—S. Francisco, Sobrado, Caboclo, Serra dos Dois Irmãos, Paulista, Riacho do Cachorro, Chapada do Araripe; Ceará — R. Salgado, Icó, Rio do Peixe, (1674-1680).



SECRET
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

(1971)

DOMINGO VIGIL
RODRIGO DE





DOMINGOS JORGE VELHO

UMA PAGINA DA COLONIZAÇÃO DO NORDESTE

SUMMARIO: A predestinação da raça. — Bandeirante e geographo. — O morgado bahiano. — Um roteiro em quatro estados. — Um socalco no massiço continental. A vereda secular. — A alti-planura de Borborema. — O hinterland parahybano e o facies geographico. — A penetração no Piahy. — Uma patente de 1705. — A lucta no Piranhas. — Um legionario de Homero no Brasil Co'onial. — A molduragem selvatica para uma figura em bronze.

O patrimonio da raça.

Este espirito admiravel, de erudição vasta e estylo crystalino, que é Victor Vianna, ao entrar na Sociedade Nacional de Geographia pronunciou estas palavras sabias e luminosas: « . . . o brasileiro que estuda geographia não pôde conter um motivo de orguiho justo. A nossa gente portugueza e brasileira, os nossos maiores, fundadores do Brasil conseguiram firmar o maior patrimonio da terra.

Os nossos bandeirantes eram, sem saber, geographos, geographos que punham a geographia ao serviço de um ideal nacional e por isso caminharam para a frente, avançaram para augmentar o patrimonio da raça.

Emquanto outros colonos se installavam e enriqueciam, nós nos espalhavamos.

E que grande ideal, que grande conquista essa dispersão representa! Assim o Brasil tem um aspecto geographico unico: é a maior area de terra que um só povo occupa sem solução de continuidade; somos, sob este ponto de vista, o maior povo da terra.

Esse patrimonio que os nossos maiores nos legaram é a maior riqueza de nossa raça e demonstra a sua força e predestinação.»

Estes periodos esculpturaes têm applicação completa e magnifica na figura curiosa e interessante de Domingos Jorge Velho.

Porque o estudo da pagina historica em que se movimenta o sertanista destemeroso é destes que nos fazem mais brasileiros, destes que accendem nalma culto mais vivo e mais acendrado apego ao torrão patrio.

Porque os passos deste bandeirante levam-nos através sertões do nordeste, conduzem-nos a esta zona a que João Ribeiro, chamou, com razão, o «Brasil brasileiro».

Elle augmentou o patrimonio da raça: era, sem saber, geographo...

Para o norte, para as regiões quentes, segundo o pensamento de Washington Luiz, a onda de bandeirantes espraivava-se em enormes cachões, cavando palmo a palmo, numa conquista lenta mas segura, territorios sem dono, habitados por indios.

A este espirito de aventuras estava confiado o trabalho herculeo da definição territorial do Brasil.

E nesta onda de sertanistas e povoadores, Domingos Jorge pertenceu ao numero dos collaboradores mais valiosos, dos mais esforçados luctadores na aquisição deste titulo e desta gloria de que hoje nos ufanamos: a de sermos, debaixo do ponto de vista de um só povo «numa só area» — o maior paiz da terra.

A colonização do rio S. Francisco e o roteiro dos bandeirantes.

Garcia d'Avila era o velho que veio á Bahia, em companhia de Thomé de Souza.

Teve uma filha natural que se chamou Izabel d'Avila. Esta foi viuva de um genovez que a tirou por justiça e vivia com ella em Itapoan, onde foi morto pelos indios.

Neste mesmo lugar (Itapoan) continuou ella a permanecer com Diogo Dias, vizinho ao mar, em frente ao

penedo existente alli, chamado «Pedra de Diogo Dias».

Do segundo matrimonio de D. Izabel d'Avila (i. é, o que foi realizado com Diogo Dias) entre outros filhos nasceu Francisco Dias d'Avila, em favor de quem Garcia d'Avila, o velho que era seu avô, fundou o morgado e Casa da Torre. (*)

Francisco d'Avila, diz Studart, era «realmente pequeno de alma e de corpo». O interesse nelle excedia muito ao physico que era de acanhadas proporções.

Este Francisco d'Avila tinha 50.000 libras de renda; apezar disto mandava soltar suas cavalladas nas ilhas Pambú e Aracapu' (ilhas situadas a umas 100 leguas de Penedo) e reduzia os pobres indios á ruina pela destruição de sua lavoura d'elles.

Aracapú e Pambu' ficam exactamente no trecho em que a curva do rio attinge no territorio pernambucano seu ponto mais septentrional. (O territorio da margem direita do rio nestas alturas, é bahiano). E' neste mesmo trecho que estão localizados o municipio de Cabrobó e a ilha da Assumpção. Foram occupadas pela Casa da Torre as margens do rio, desde a Serra de Pão de Assucar até as corredeiras de Sobradinho, poucas leguas ao poente de Petrolina, extremo sudoeste de Pernambuco. Diz o Padre Martin de Nantes, no livro «Relation succinte», que Francisco d'Avila possuía por doação do rei de Portugal «toutes les terres du fleuve» (S. Francisco) depuis 30 lieues en bas jusqu'à plus de 100 lieues en haut. Ora, como o leitor sabe, da foz do S. Francisco á Serra de Pão de Assucar (Estado de Alagoas) vão 34 leguas. O rio passa ao sul desta terra. A todo este trecho do rio até a foz pode-se chamar «o baixo S. Francisco». Começavam ali os dominios da Casa da Torre e extendiam-se até a Serra do Sobrado ou, melhor, até a cachoeira do Sobradinho, ao sul da Serra. Sabemos que Sobrado já pertencia a Domingos Jorge Velho. E assim se vê que pertencia á Casa da Torre toda esta zona vastissima por onde corre o S. Francisco, abrangendo todo o largo trecho em que o grande

(*) Veja-se o precioso e rarissimo opusculo *Breve noticia sobre a fundação da Capella de Nossa Senhora do Rosario na cidade do Souza*, pelo padre Bellarmino José de Souza.

O Exmo. Snr. Barão de Studart, gloria das letras cearenses e um dos mais autorizados historiadores nacionaes, publicou na Revista da Academia Cearense (Tomo VII — 1912) um estudo sobre o livro *Relation succinte et sincère de la Mission du Pe. Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil parmi les Indiens appellés Caryrys*.

rio limita os dous Estados de Pernambuco e Bahia e mais dous quintos em territorio do Estado de Alagoas, i. é. toda a região que se estende do rio Moxotó até a serra de Pão de Assucar (V. CAPISTRANO e BASILIO DE MAGALHÃES.) Depois de 1660 já os descendentes de Francisco d'Avila possuíam terras em Massacará, região oriental da Bahia, ao sul do rio Vasa-Barris e da serra de Aracahy. Em 1700 o governador de Pernambuco escrevia ao rei de Portugal: «a Casa da Torre e Domingos Affonso Sertão, são senhores de quasi todo o sertão de Pernambuco».

Naturalmente Francisco d'Avila e parentes, partindo das margens, iam extendendo sempre mais a conquista e exploração. Domingos Affonso Sertão era o rendeiro mais importante em todo este amplo dominio de Francisco d'Avila e este era o dono e dominador despotico de todas estas paragens.

Roteiro dos Bandeirantes.

Entre os primitivos colonizadores da Parahyba salienta-se a familia Oliveira Ledo. O Boqueirão, povoado actual no municipio de Cabaceiras, foi «a base de operações» nos trabalhos e emprezas dos varios membros desta familia de bandeirantes, Antonio de Oliveira, Theodosio de Oliveira Ledo, Francisco Ledo e, provavelmente, outros Oliveira Ledos.

Nos sertões do nordeste, os bandeirantes ou conquistadores abriam caminho entre os selvagens, a tiro, a punhal, a cacete, a grito, a combate, a fogo, de modo brutal, perfido e não raro cruelissimo.

A' imagem de João M. Romeiro, eram os bandeirantes como aquellas aves de que falam os navegantes, as quaes, ao ouvirem o ronco do trovão e o rugir da procella, investem contra as lufadas, mostrando-se contentes com o sacudimento que nessa lucta experimentam.

Linhas de Penetração nos sertões parahybanos. ()*

a) DOMINGOS JORGE VELHO — Bahia — Sobrado — S. Francisco — *Piauhy* — Serra Dous Irmãos, Paulista, Rio Canindé — *Ceará* — Chapada do Araripe, — Rio Salgado — Icó, — *Parahyba* — Rio do Peixe, For-

(*) Vide mappa annexo.

miga, Rio Piranhas e provavelmente Piancó e depois voltando a S. Francisco via Pernambuco. (1674).

b) DESCENDENTES DA FAMILIA GARCIA D'AVILA — *Bahia*: Massaracá, S. Francisco, *Pernambuco*, Serra da Baixa Verde, Rio das Bruxas, Rio Piancó — Piancó. (1660).

c) ANTONIO DE OLIVEIRA LEDO — *Bahia*: Rio S. Francisco — Rio Pajeu (*Pernambuco*). *Parahyaba*: Rio Sucuriú, Rio Parahyaba, Boqueirão. (1670)

d) THEODOSIO LEDO — Boqueirão, Taperóa, Passagem, Patos, Pombal, Piancó. (1637)

Entremos em promenores.

Piancó é o «terminus» de tres entradas: a dos descendentes de Garcia d'Avila, a de Theodosio Ledo e a de Domingos Jorge Velho; foi assim, o ponto de convergencia de tres linhas, uma que vinha da BAHIA, a da Casa da Torre, i. é, dos Avilas; a segunda que vinha do noroeste, a de Domingos Jorge, pelo Icó; a terceira que vinha do nascente, a de Theodosio Ledo, de Cabaceiras.

Qual o caminho seguido pelos colonizadores que da Bahia procuravam o nordeste? O autor genial dos «Sertões» já nos deixou o traçado da vereda primitiva. Resumamolo.

O norte bahiano.

E' curiosa a região do norte bahiano. Euclides da Cunha fez-lhe a pintura portentosa. Transmuda-se allí o caracter topographico e «a queda até então gradativa dos planaltos começa a derivar em desnivelamentos consideraveis.»

Ha uma transformação geral na região. Os morros «tultuam incoherentemente esparsos». A serra da Itiuba reune, naquella altura, alguns galhos indecisos da serra principal. Descêe para todos os rumos: a leste passa sob as chapadas de Geremoabo até se desvendar no salto prodigioso de Paulo Affonso; para o norte origina a corredeira de quatrocentos kilometros, a jusante de Sobradinho

E' um verdadeiro «socalco» no massiço continental e este socalco é limitado de uma banda pelo semi-circulo do S. Francisco e de outra pelo rio Itapicurú (V. Os Sertões)

Quasi paralelo entre aquelles corre o rio Vasa Barris.



Deixando a orla marítima e seguindo em cheio para o occidente, tinham os colonos, «transcorridas poucas leguas, a atracção das entradas aventurosas»: desaparecia-lhes para logo a miragem do littoral opulento. Mattas rarefeitas, planuras desnudas, arbustos de bromelias rubras, eis o scenario tristonho e aspero.

As bandeiras que vinham do sul, naquella altura, envergavam pelos flancos da serra Itiúba e lançavam-se para Maranhão e Piauí; os morros que se succedem até Joazeiro, Sobradinho e Cabrobó «apresentam contornos de encostas estaladas exhumando a ossatura partida das montanhas.»

Os primitivos povoadores que avançavam em demanda de Pernambuco, Parahyba ou Piauí, dividiam-se em «Serrinha».

Era ali que o caminhamento primitivo se bifurcava: a primeira vereda inflectia para o nordeste, alcançava o rio Itapicurú, atravessava-o, e ia passar em Bom Conselho onde se voltava inteiramente para o norte atirando-se á procura do Vasa-Barris; cortava-o diante de Geremoabo e sempre na mesma direcção attingia a grande corrente do S. Francisco e chegava a Curral dos Bois (S. Antonio da Gloria) trecho famosissimo de passagem dos bandeirantes bahianos para os estados do norte. Curral dos Bois, fica poucas leguas acima da Cachoeira de Paulo Affonso.

O outro caminhamento sae da Serrinha na direcção sudoeste; guia-se pelo rio Itapicurú para alcançar os contrafortes meridionaes da serra da Itiúba; deixando a vertente occidental da serra da Itiúba ruma-se para a Serra do Espinhaço. Nesta serra, deixa o Itapicurú e segue pelo fianco oriental da Serra do Espinhaço; toma a corrente de riachos affluentes do S. Francisco, riachos que tem suas cabeceiras nestas alturas, attinge Joazeiro, situado tambem no Rio S. Francisco.

E' esta a estrada «tres vezes secular, vereda historica dos valentes sertanistas primitivos nas suas avançadas para o interior brasileiro.»

Não a alteraram nunca, escreve Euclides, «não a variou, mais tarde, a civilisação, justapondo aos rastros do bandeirante os trilhos de uma viaferrea...

O caminho da longura de cem leguas, da Bahia ao Joazeiro, jamais comportou, a partir do trecho medio, variante apreciavel.

«As duas linhas iam interferir o S. Francisco, uma em Joazeiro, outra em S. Antonio da Gloria.»



Estas antigas passagens do S. Francisco marcam as linhas da radiação sertaneja até o Parnahyba — para servir-me de uma phrase de João Ribeiro.

Passemos ao theatro das luctas de Domingos Jorge Velho; procuremos as linhas geraes da feição geographica dos sertões parahybanos.

A Borborema.

A oeste, escreve A. Prado, corre a serra de Ibiapaba que, em seu trecho inicial, é fresca, nemorosa e rica de alagadiços e correntes de agua. Mais adiante, parte-se em um collar de serrotes resequidos e desertos. Além, recompõe-se; então é arenosa e dos seus flancos borbulham fontes de abundante lymph.

A serra sóbe do littoral para o sertão, até a chapada do Araripe. Abre, ahi, uns braços gigantescos, dos quaes um se estende na direcção do oceano e susienta as terras altas do Rio Grande do Norte, da Parahyba e de Pernambuco. E' a cordilheira da Borborema, cuja serra principal, ao sul, denomina-se — Dos Cariry's Velhos. (V. Mappa deste artigo).

Borborema e Ipiapaba, radiando-se do nó central que é a chapada do Araripe, assemelham-se ás varetas lateraes de um leque de terra, que se inclina até mergulhar a immensa curva de sua beira no Atlantico.

Na margem Oriental, a serra da Borberema, escreve Crandall, eleva-se em alguns logares a, provavelmente, 700 metros. A oeste não ha tal differença de elevação entre a serra e a planicie: inclina-se suavemente para o sul. E' no lado occidental da Borborema que nasce o rio Paejú.

Este rio, continúa Crandall, origina-se a poucas leguas da cidade de Teixeira e drena para o sul as aguas das serras do Teixeira, Jabitacá e Baixa-Verde. Ao N. da serra do Teixeira fica a bacia do rio Assú ou Espinharas.

As serras da Baixa-Verde, Jabitacá e Teixeira incluem grandes massas do complexo crystallino e de rochas paleozoicas. Da villa do Piancó o caminho para Baixa-Verde atravessa, por muitos kilometros, este soalho e depois entra numa região de rochas schistosas. Ha nesta região uma linha de serra que é de importancia como linha estructural, bem que não seja muito elevada.

Ao norte destas linhas de morros-serras de S. Catharina, etc., — o terreno é geralmente aberto e chato; este districto pode ser considerado como a bacia central da Parahyba. E' difficil achar nome mais apropriado para



esta bacia, visto ser cortada pelos rios do Peixe, das Piranhas, Piancó e Espinharas.

Ao norte de Souza, ha uma linha destas massas graniticas, conhecida pelo nome de serra do Commissario, que se estende no rumo de NE-SO, desde a visinhança de Souza até á de Catolé do Rocha.

A Borborema e a bacia central da Parahyba.

Ao longo da costa nordeste do Brasil, estende-se uma zona que não excede muito 100 m. de elevação, sendo limitada a L. pelo oceano Atlantico e a O. pela Serra da Borborema.

Geologicamente esta zona costal é uma região de sedimentos da idade terciaria e cretacea, jazendo em posição horizontal, com uma ligeira inclinação para o mar sobre um complexo de schistos antigos e granitos.

Todos os rios que vêm da Borborema cortam esta zona cavando nas suas camadas valles estreitos, com altas margens rectas.

A borda occidental desta zona acha-se marcada pelas encostas da serra da Borborema, que é um massiço montanhoso, cujos limites ao Norte ficam a umas 10 leguas a O. da cidade de Natal e estendem-se para o sul até perto do rio S. Francisco.

Esta serra, continua Crandall, forma um massiço montanhoso quasi achatado no alto.

O massiço tem em alguns logares, (entre Campina Grande e Batalhão) a largura de mais de 100 km., sendo mais estreito ao norte e ao sul. Campina Grande está perto da margem oriental do massiço na elevação de 510 metros acima do nivel do mar. O alto da região serrana é tão achatado que o viajante tem a impressão de estar numa planicie granitica, variando de 550 a 700 metros de elevação. Aqui e acolá, bossas de granito elevam-se acima do nivel geral. A serra da Borborema parece um planalto antigo que tem sido elevado e que está sendo dissecado pelo lado Oeste, pelos tributarios dos rios Assú e S. Francisco e no lado oriental por pequenos rios e principalmente pelo rio Parahyba. O Parahyba, escreve Coriolano, começa por tres rios distinctos: o da Serra, o do Meio e o Sucurú.

O rio Parahyba tem, mau grado as sinuosidades, a direcção de LO, a NE, e o seu leito apertado entre as serras, vem acompanhando a linha divisoria entre a Parahyba e Pernambuco, afastando-se mais para o centro do



Estado, depois do Pirauá, povoado no municipio de Umbuzeiro, de modo que sua foz fica quasi no meio do litoral Parahybano.

Domingos Jorge Velho nos sertões do norte.

De 1590 a 1690, escreve o erudito prof. Basilio de Magalhães, verifica-se uma larga expansão geographica em direcção ao norte e ao nordeste.

De 1650 em diante, vieram os bandeirantes do sul auxiliar a empreza.

O avanço desta penetração, desenvolveu-se do sertão bahiano e sergipense em direcção ao ponto onde mais se acurva o S. Francisco e dahi bracejando pela extrema occidental de Pernambuco derivou-se pelas cabeceiras do Parahyba até ás margens deste.

Essa foi a grande irradiação.

Domingos Jorge foi uma das figuras primaciaes neste avanço.

Em 1589 Christovam de Barros inicia a colonização do Sergipe.

Os flamengos procuram depois de 1634 a conquista de Alagoas e Sergipe porque as terras do alto S. Francisco já abastecem todo o norte.

Sabe-se que a familia Dias d'Avila conquistou, explorou e dominou grande parte do rio S. Francisco, os sertões pernambucanos, largo trecho do actual Estado de Alagoas e os sertões do Piahy. A Casa da Torre e a parentela dos Oliveira Ledos e Domingos Jorge Velho são os tres nomes mais importantes de colonizadores e bandeirantes do nordeste brasileiro.

Fizeram entradas no territorio de cinco Estados: Bahia, Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Piahy.

Já estavam habitados os valles do Piranhas antes que alli chegasse Theodosio Ledo.

Os parentes e herdeiros de Garcia e Francisco d'Avila ou da Casa da Torre foram os que, primeiramente, possuiram terrenos na ribeira do Piancó. (1660)

Titulos de posse legal attestam-n'o.

Foram senhores de propriedades em pontos diversos do largo percurso do rio, mas não foram os fundadores do lugar chamado Piancó, depois villa e hoje cidade. O fundador de Piancó foi, provavelmente, Domingos Jorge: é este o opinar de alguns historiadores autorizados. E os documentos não infirmam esta hypothese que accetamos.

Oliveira Ledo, descendo a Borborema em 1867, encón-



trou «no fecundo valle de Piancó e nas varzeas extensas do Alto Piranhas uma sociedade activa...»

No meio dessa collectividade a força, a energia, a palavra de Domingos Jorge «dominavam autoritariamente.» Era este bravo campeão, amestrado caçador de indios e, «como capitão de campo habilissimo caçador de escravos negros fugitivos; homem destemido, tinha sob suas ordens elementos affeitos a emprezas arriscadas.»

Antes de 1671 (mil seis centos e setenta e um), dizem chronistas e historiadores, Domingos Jorge estava residindo na fazenda Sobrado.

Vê-se, pelo mappa que acompanha este estudinho, que a propriedade Sobrado, o riacho do Sobrado, a Serra do Sobradinho e as corredeiras de Sobradinho ficam na extremidade occidental do Estado de Pernambuco e limitam, em parte este Estado com o da Bahia ao poente.

Ao norte (e muito perto) da Serra do Sobradinho passa o Rio do Pontal. A propriedade de Domingos Jorge ficava entre a serra do Sobradinho e o rio do Pontal. (V. o mappa Roteiro).

Domingos Jorge, pois, morava em Pernambuco, ás margens do S. Francisco.

Em 1671, Domingos Jorge manda apaniguados seus explorarem os sertões parahybanos. Chegaram até Piancó? Cremos que sim. Sobrado fica sendo o ponto de partida das grandes viagens de Domingos Jorge. Este acompanhou Domingos Affonso até o Piauly e a viagem dos dois sertanistas verificou-se em 1673-1674. Depois que combateram os «Pimenteiras» ficou assentado entre Domingos Sertão e Domingos Jorge «que proseguiriam por lados differentes.»

Domingos J. Velho «retrocedeu, conseguindo em sua marcha submeter ou afugentar os carirys no Ceará.» E tambem os icós e sucurús.

Do Piauly dirige-se para a Chapada do Araripe (Ceará) e d'ahi pelo rio Salgado chegou a Ieó. Penetrando nestas alturas, no territorio parahybano pela bacia do rio do Peixe (cujas cabeceiras estão muito perto da mesma cidade de Ieó) vae o bandeirante surgir em «Formiga» (veja-se o mappa) perto de Pombal, Estado da Parahyba. (*)

(*) Formiga fica a tres leguas a poente da actual cidade de Pombal, á margem esquerda do rio Piranhas. Algumas legoas a oeste de Formiga, o rio Piranhas recebe o rio do Peixe. Atravessando a cavallo o chapadão da Borborema, em 1916, dormi, uma noite, em Formiga. O mappa Lane Muller, o mais recente da Parahyba, não traz o logar *Formiga*.

Domingos Jorge e Domingos A. Sertão, a principio se guerrearam e só mais tarde se uniram para o fito commum.

Porque se guerrearam? Desconhecemos as causas mas sabemos que fizeram as pazes. Esta desavença verificou-se, muito provavelmente, em 1670 e 1672.

Como se explica que, morando tão perto do Piauhy, não foi Domingos Jorge Velho o descobridor dos sertões daquelle Estado e sim Domingos Affonso?

Procuremos as illações dos factos.

Domingos Affonso Sertão, affirma o autor do Roteiro, estava a serviço de Francisco Dias, potentado riquissimo: era seu «rendeiro», digamos com Basilio de Magalhães.

Não lhe seria difficil organizar uma entrada capaz de enfrentar os sertões virgens do Piauhy.

Francisco d'Avila, por sua vez, tinha as boas graças do governador da Bahia.

José Martins P. de Alencastro attribue o descobrimento dos sertões piauihyenses aos irmãos Domingos Affonso Sertão e Julião Affonso Serra, ajudados por dous outros irmãos Francisco Dias d'Avila e Bernardo P. Gago.

Escreve o Exmo. Barão de Studart no prefacio soberbo e admiravel que fez para o meu livro «Pe. Rolim e um trecho da colonização do nordeste»: «das conclusões a que se póde prestar este trecho de José Martins, resulta que não se póde considerar como secundario e apagado o papel attribuido a Domingos Affonso na «conquista» do interior piauihyense.»

Prosigamos. O espectaculo do prestigio, da riqueza e do poderio de Francisco d'Avila, devia ser fatalmente um estímulo e um incentivo para as ambições de Domingos Jorge Velho; queria possuir tambem extensos latifundios; queria dominar.

Si para isto fosse mister bater os indios, iria nesta empreza toda a sua paixão ardente de capitão de matto, tod o seu arrebatamento de campeador.

Dado o temperamento de Domingos Jorge Velho, o sonho devia fasciná-lo.

Domingos Jorge Velho, filho de um dos sobrinhos de Simão Jorge «teve acção notavel no desbravamento das regiões septentrionaes do Brasil». Inscreveu em nossos annaes dous feitos memoraveis: o primeiro foi a occupação do interior do Piauhy, cuja fórma geographica de extenso fundo e exigua orla oceanica exprime bem, consoante o dizer de B. de Magalhães, a evolução de sua conquista e povoamento.

Domingos Jorge Velho, depois de 1673, cremos, estabeleceu umas cincoenta fazendas, sendo sempre auxiliado pelo bando de mameluços (afeitos ás refregas contra os indios) que o acompanhava. (*)

Os banderantes no Piauhy.

Domingos Affonso, partindo de S. Francisco, atravessou trinta ou quarenta leguas de sertão asperrimo, chegando ás montanhas do sul do Piauhy. O unico systema de montanhas do Piauhy é, no sul do Estado, a alta serra de Tabatinga em que uma das vertentes attinge 800 metros de altitude, seguindo-se, na direcção de Sul para o Nordeste, as serras da Gurgueia, do Piauhy, dos Dous Irmãos e Vermelha.

Nas vertentes septentrionaes das serras de Tabatinga e Gurgueia nascem o rio Parnahyba e o seu affluente principal, o rio Parahim e a oeste da serra dos Dous Irmãos, perto do local onde está hoje o municipio Paulista, nasce o rio Canindé.

A serra dos Dous Irmãos e a Vermelha formam os limites entre Pernambuco e Piauhy.

Domingos Sertão e Julião Affonso Serra, Francisco d'Avila e Bernardo Gago, partindo de alguma das fazendas junto ao S. Francisco, procuraram a direcção de noroeste guiando-se pelo rio Pontal. (Vide mappa Roteiro.)

Vararam aquellas paragens demandando as cordilheiras. Galgaram as vertentes orientaes desta serra que depois veio a chamar-se dos Dous Irmãos. Deixaram as cabeceiras do rio Pontal, internando-se sempre mais na terra virgem.

Passaram ao norte da serra do Sobrado e continuaram procurando sempre o occidente. Chegaram ao rio Canindé e ás cabeceiras do rio Piauhy, nas vertentes occidentaes da mesma serra dos Dous Irmãos.

Demoraram-se provavelmente ahi. Informa Pereira da Costa que existe nesta altura o municipio Paulista. Este nome «Paulista» parece indicar o arrojado cabo de guerra, o sertanista Domingos Affonso Sertão (ou Mafrense) que vinha a serviço da Casa da Torre. (**)

Affirma o autor do Roteiro, que Domingos Sertão «entrou pelas cabeceiras do rio Piauhy» e que nestas paragens estabeleceu as primeiras fazendas com o que trouxe do

(*) Hoje não se pôde mais pôr em duvida a viagem de Domingos Jorge ao Piauhy.

(**) Informa Coriolano de Medeiros que este Domingos Mafrense era portuguez de nascimento.

rio S. Franciseo, sendo a primeira em Poções, segundo João Ribeiro.

Em fins de 1673 passavam Franciseo Dias d'Avila e Domingos Sertão, com grande caravana ou bandeira, ao norte da serra Sobrado, demandando o Piauí. E Domingos Jorge, em sua fazenda Sobrado, não deixava de pensar nos sertões parahybanos de onde os apaniguados lhe haviam trazido tão boas notícias sobre a fertilidade da terra.

D'ahi a algum tempo, (1673-1674) Domingos Jorge Velho recebia em sua fazenda um recado, ou melhor um convite ou offerta de Domingos Sertão e Franciseo d'Avila. A entrada dos descobridores e primeiros conquistadores do Piauí, não podia avançar em vista da opposição tenaz, e da ferocidade dos Índios Pimenteiras. Era preciso vencê-los primeiramente. Domingos Jorge ajudaria na lucta contra os indigenas e receberia largo quinhão de terra. Sorria-lhe a fortuna Partiu para o Piauí. Iria acalentando o seu sonho de ser mais tarde o dominador do rio Piranhas?

Ser: duvida alguma.

Domingos Afonso foi, portanto, um dos descobridores do Piauí e Domingos Jorge Velho pertence ao numero dos primeiros occupadores dos sertões do mesmo Estado (*)

Domingos Jorge Velho na Parahyba.

Não permaneceram juntos durante muito tempo. O Mafrense ficou em suas fazendas piauihyenses.

Domingos J. Velho, depois de vencer os Pimenteiras, recebeu uma rica partilha de largos trechos de terrenos; deixou gente para organizar e povoar as fazendas; e entrou pelo Ceará, «talvez quando o seu homonymo não precisasse mais de seus serviços» e segundo Coriolano de Medeiros levava o bandeirante grande copia de indios escravidados.

Estes indios com os mamelucos que acompanhavam sempre Domingos J. Velho e provavelmente mais algum armamento e tropa que o Mafrense e Franciseo d'Avila lhe deviam ter dado constituíam um bando sufficientemente aparelhado para enfrentar os Icós no Ceará e os indigenas do rio Piranhas.

O campeador paulista atravessou então o chapadão do

(*) Poções fica situado no Riacho do Sacco, ao poente de Paulista e poucos kilometros ao norte do Rio Canindé.

Araripe (Ceará) e seguiu o rumo da corrente do Salgado até o lugar onde se acha localizada a cidade de Icó.

Ali enfrentou e destroçou os índios Calabaças.

Entrou logo depois no formoso valle do Piranhas, passando pelo rio do Peixe.

Da patente de D. Catharina a Manoel Gonçalves Ferreira em 28—III—1705 deduz-se que Domingos Jorge, tendo estado primeiramente na região do Piranhas, andou, pelo menos, durante tres annos e meio e isto presumivelmente antes de 1864, fazendo guerra ao gentio barbaro que hostilizava os moradores do sertão parahybano e que em tal campanha, derrotou as tribus dos icós e sucurús além de outras.» São palavras de Basilio de Magalhães. (*)

Esta empreza de bater índios em lugar distante, pondera Coriolano, devia durar algum tempo e «Domingos Jorge si foi ao sertão parahybano («sabemos hoje, ao certo, que foi») antes de 1690 encontrou-se com a bandeira de Theodosio Ledo. (**)

Pela patente de D. Catharina sabemos que os icós, os sucurús e provavelmente uma parte dos coremas foram batidos e «derrotados» antes de 1860 pelo Mestre de Campo Domingos J. Velho e por Manoel Gonçalves Ferreira.

Com esta victoria, muitos colonos foram fundando fazendas de criação naquellas paragens, apossando-se de terras sobre as quaes só mais tarde herdeiros e successores conseguiram firmar direitos.

Pela palavra «primeiramente» da patente de D. Catharina vê-se que antes de 1680 (de 1680 a 1684 foi a guerra aos indígenas) já Domingos Jorge estivera no Rio Piranhas.

O documento referido firma isto com todo o rigor e exactidão.

(*) Digamos ainda que, segundo o Exmo. Barão de Studart, na entrada que primeiro penetrou no Piahy, Franeiseo d'Avila não foi o vulto principal, a figura de mais relevo; não lhe cabe a primazia de esforços na empreza. Nesta penetração toda a gloria deve ser attribuida a Domingos A. Sertão, o Mafreense.

A fama recompensou os serviços deste sertanista dando-lhe o sobrenome de Sertão, *como quem diz o desbravador, o conquistador por excellencia das terras do «hinterland»*: esses appellidos servem para commemorar os factos culminantes na existencia desses grandes personagens da Historia. (Barão de Studart).

(**) A opinião de B. Magalhães e do Barão de Studart é que este Franeiseo d'Avila que chegou até o Piahy não é Franeiseo d'Avila, o velho. A actividade do 1. Franeiseo d'Avila, i. é o velho, findou em 1650 (mil seiseentos e eincoenta).

E por isto, remontando seis annos, julgamos que a primeira ida de Domingos Jorge ao Piranhas se verificou logo após a penetração no Piahy — 1674-1675.

Em 1701 já o rei de Portugal mandava construir uma igreja no Arraial de Piranhas.

Funda-se ali uma aldêa em 1719; o nucleo colonial é atacado por numeroso grupo de selvagens. O desespero levou os sitiados a fazerem um voto á Nossa Senhora do Bom Successo.

A crença deu-lhes força e os indios foram repellidos com grandes perdas. No anno de 1721 o pedreiro Simão Barbosa Moreira obrigou-se a construir a igreja, no espaço de trez annos, pela quantia de 600\$000, pagos em trez prestações de 200\$000 annuaes.

Existe ainda a imagem de Nossa Senhora do Bom Successo que os bandeirantes parahybanos adquiriram, logo após a victoria e que desde aquelle tempo é venerada no arraial de Piranhas, hoje cidade de Pombal. E' uma das reliquias da Historia dos sertões do Nordeste. (*)

Vê-se que Domingos Jorge Velho alimentou sempre vivo desejo de occupar os sertões parahybanos.

Tres annos e meio de lucta são um testemunho bem eloquente.

Domingos Jorge tinha sêde de poderio e de riqueza.

A Casa da Torre espalhava-se do rio S. Francisco para o norte, conquistando os sertões pernambucanos.

Quando em 1670 Antonio Ledo passou no rio. S.

(*) Tendo consideração aos serviços de Manoel Gonçalves Ferreira, obrados por tres annos e meio acompanhando ao Me de campo Domingos Jorge Velho quando veio das Piranhas a fazer guerra ao genio barbaro... em que se derrotaram as nações dos hyeos (*icós*) e sueurns (*sucurús*)..."

Patente de D. Catharina a Mel. Gonçalves Ferreira em 28-III-1705, documentos que o erndito Basilio de Magalhães descobriu, ha pouco, no Archivo Nacional — fls. 173, tomo XV, Collecção Governadores, Rio de Janeiro, V. Artigo na Revista do Brasil. A referida patente vem assim confirmar, em grande parte, a hypothese aventada pelo Pe. Heliodoro Pires no seu recentissimo opusculo "Padre Mestre Ignacio Rolim". (Artigo de B. de Magalhães na Revista do Brasil). A hypothese é sobre o Roteiro de Domingos J. Velho.

Passando em Pombal em 1916, mandei tirar a photographia desta *imagem*, perante a qual tantas vezes se prostraram os bandeirantes com suas familias. E' a *Nossa Senhora dos bandeirantes*, porque recorda um lance emocionante na historia dos *bandeirantes* e lembra o *successo*, a victoria dos primitivos povoadores na imminencia de um grande ataque dos selvagens.

A *imagem* deve ter seus 294 annos de existencia. Em 1924 solemniza-se o III centenario da igreja.

Francisco procurando o rio Pajehú e o estado da Parahyba, Domingos Jorge mandou gente explorar os centros parahybanos onde corre o rio Piancó. As notícias que lhe vinham d'aquellas paragens diziam sempre da ferocidade dos selvagens que povoavam aquelles rincões.

Sabia mais o audacioso sertanista que depois de 1660 alguns descendentes de Francisco d'Avila vinham pouco a pouco estabelecendo-se naquelles terrenos, nos pontos menos accessíveis ao furor dos indigenas.

Tinha conhecimento certo de que a resistencia dos selvagens vinha impedindo, até então, o desenvolvimento dos colonos já estabelecidos naquellas paragens parahybanas.

Isto, porém, não lhe alterava os planos.

Domingos Jorge Velho era amigo, e muito amigo, da familia Oliveira (ou Oliveira Ledo) que passava para a Parahyba.

Em 1670 Domingos Jorge Velho viu desfilar no S. Francisco a caravana de Antonio de Oliveira, o colono bahiano que veio á Parahyba e fundou o arraial do Boqueirão (Cabaceiras).

Contava, pois, Domingos Jorge que entrando na Parahyba, não encontraria a sombra de um Francisco d'Avila e de um Domingos Sertão.

A Casa da Torre e o Mafrense tiveram necessidade do trabuco de Domingos Jorge Velho contra os indios Pimenteiras.

A paz veio servir aos planos do sertanista paulistano.

Foi ao Piauhy e após bater os indios dirigiu-se ao Piranhas.

Em «Formiga» (V. mappa) estabeleceu fazenda de gado. Trazia soldados e indios do Ceará e do Piauhy.

E' provavel que os colonos descendentes de Francisco d'Avila que se achavam desde 1650 no Alto Piranhas e no Piancó procurassem Domingos Jorge em Formiga.

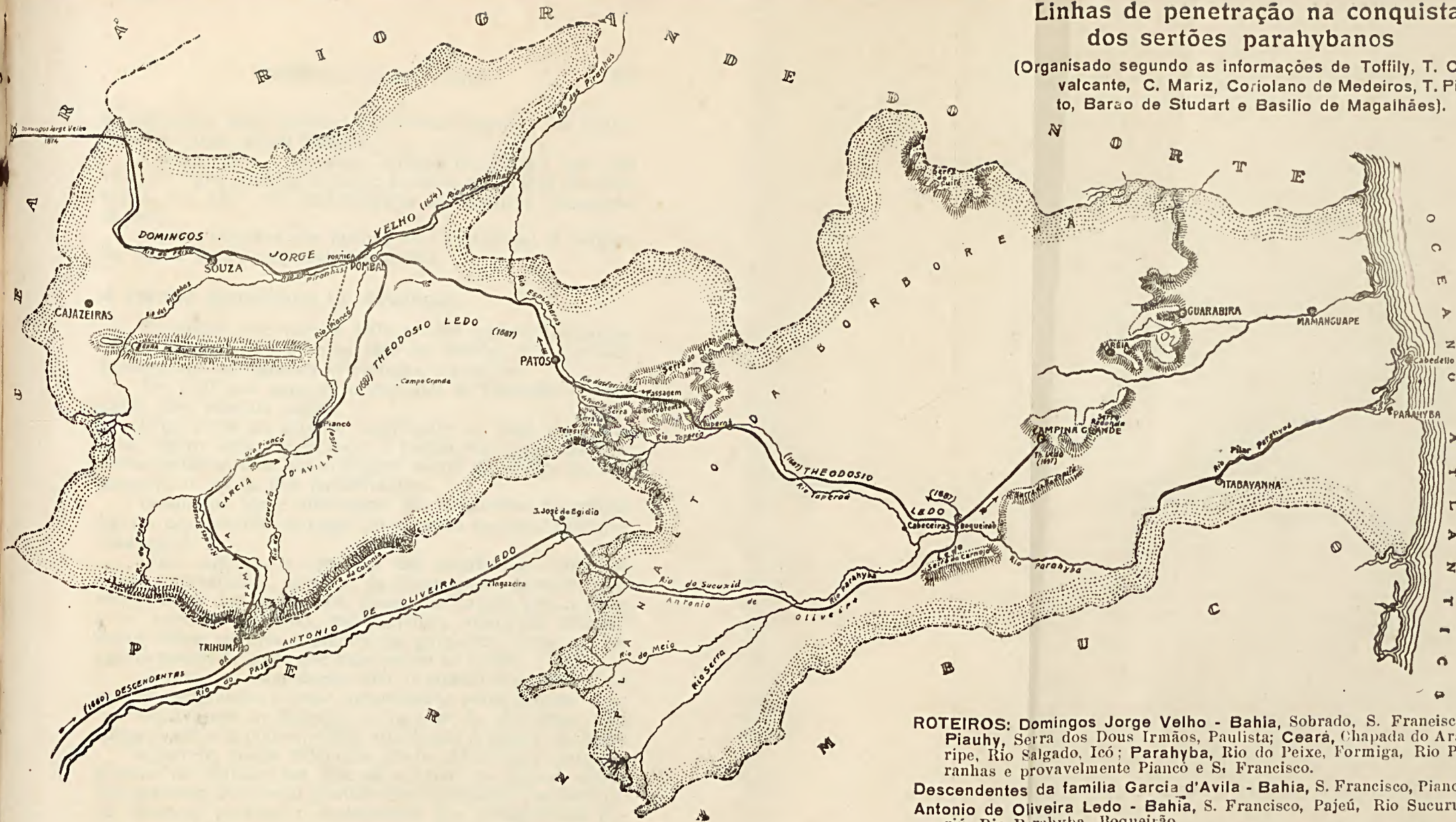
Travou-se a lucta. Uma parte dos selvagens foi desbaratada, di-lo a patente de D. Catharina.

Inclino-me a crer que Domingos Jorge fundou então um nucleo em que, para proveito commum, a população se approximasse e no qual se organisasse a defesa dos colonos contra futuras explosões de odio dos indigenas.

Sabemos que em 1867 verificou-se a confederação dos Carirys e o conseqüente ataque ás fazendas e foi então que Theodosio de Oliveira Ledo pôde dizer ao governador Manoel Soares: «os sertões de Piranhas e Piancó estão

Linhas de penetração na conquista dos sertões parahybanos

(Organizado segundo as informações de Toffily, T. Cavalcante, C. Mariz, Coriolano de Medeiros, T. Pinto, Barão de Studart e Basílio de Magalhães).



ROTEIROS: Domingos Jorge Velho - Bahia, Sobrado, S. Francisco, Piauí, Serra dos Dous Irmãos, Paulista; Ceará, Chapada do Araripe, Rio Salgado, Icó; Parahyba, Rio do Peixe, Formiga, Rio Piranhas e provavelmente Piancó e S. Francisco.

Descendentes da família Garcia d'Avila - Bahia, S. Francisco, Piancó
 Antonio de Oliveira Ledo - Bahia, S. Francisco, Pajeú, Rio Sucuru-riú, Rio Parahyba, Boqueirão.

Theodosio Ledo - Boqueirão, Taperoá, Passagem, Patos, Pombal, Piancó.

Francisco p
hyba, Dom
parahybano
vinham d'a
dos selvagt

Sabia i
alguns desc
pouco estal
nos accessiv

Tinha
selvagens v
dos colonos
nas.

Isto, p
Domin
familia Oli
Parahyba.

Em 16
Francisco :
bahiano qu
queirão (C

Contav
rahyba, nã
e de um D

A Cas
trabuco de
menteiras.

A paz
Foi ao
ranhas.

Em «F
Trazia sold

E' pro
d'Avila que
Piancó pro

Travou
ratada, di-l

Inclinc
um nucleo
se approxi

colonos contra futuras explosões de odio dos indigenas.

Sabemos que em 1867 verificou-se a confederação dos Cariry's e o consequente ataque ás fazendas e foi então que Theodosio de Oliveira Ledo pôde dizer ao governador Manoel Soares: «os sertões de Piranhas e Piancó estão

despovoados pelas invasões do barbaro tapuia.» Os confederados foram afinal batidos.

Creemos que o pequeno arrayaí de Piancó que em 1675 ou 1676 Domingos Jorge fundára no Piancó foi destruido em 1687 na confederação dos Carirys. Renasceu depois.

Nestas palavras vae apenas uma hypothese. A origem da cidade de Piancó continua incerta.

A energia assombrosa do sertanista.

O periodo que vae de 1675 a 1691 passou Domingos Jorge ora em suas propriedades do Piauhy, ora em «So-brado», ora na fazenda «Formiga», Parahyba.

Em 1691 saiu para ser o vencedor de Palmares e tinha então uns sessenta annos.

Peço venia ao espirito scintillante de João do Norte para repetir aqui, applicando a Domingos Jorge, as formosas palavras com que o illustre auctor da «Terra de Sol» descreve o «cyclo dos bandeirantes».

Domingos Jorge atravessou «os taboleirões ao galope ligeiro dos cavallo ardegos ou a passo moroso, paciente, incançavel.

«Elle explorou a aspereza das montanhas, subiu as rampas resvaladias, grimpou de rastos pelos alcantis, dormiu á beira dos precipicios, passou os largos rios a nado e as torrentes estreitas, espumejantes, roncando raivosamente entre paredes ingremes de gargantas esconsas, em pontes pensis de cipós que baloiçavam ao vento.

«Escalou as ribanceiras com o punhal nos dentes, os punhos sangrando, o rosto avermelhado pelas urtigas.

«Atravessou as catingas e varzeas de chifarotes nús, rasgado pelos espinhos, olhos afusilando á espera da lucta.

«Durante annos dilatados sentiu Domingos Jorge a tristeza da solidão em que se estiram as leguas ermas das savanas, do eterno gemido dos burityzaes imponentes, do sussurro perenne e melancolico dos carnahubaes imensos, das negras terras revolvidas das grupiáras, da cor barrenta dos rios enormes, que não reflectem o azul do céo.

Elle enfrentou as feras que atacavam os grupos de sertanistas e devastavam as fazendas incipientes. Hoje ainda lendas recordam «os combates com as cabildas tapuias, á luz da lua ou esplendor do sol, entre silvos de flechas e roucos sibilos de palanguetas e pregos dos arcabuzes, o retinir dos aços nos tacapes e o resfolegar dos homens abraçados, rolando pelo capinzal.» Até aqui João do Norte.



PATRIARCHA DO “ADHESISMO”

A João Costa

Incertas sobre vagas são as notícias, conteadas em dicionários bio-bibliographicos, quanto a um poeta *lusobrasileiro*, assás curioso ao aspecto politico-social. E só isto nos leva a examinar documentos vetustos, para recompor-lhe a physionomia, á guisa de *lição historica* — numa hora de propaganda retrograda.

Trata-se do padre secular Manuel Joaquim Ribeiro, mestre régio de philosophia racional, com exercicio em Mariana de 1797 a 1800 e Villa Rica de 1801 a 1822, data da respectiva jubilação (1). Os lazeres do sacerdocio e do magisterio, nas duas cidades e nesses periodos, dedicou-os á versejadura, quasi toda bajulatoria de governadores e annexos (2).

Estréaria com o soneto *Aos annos de um filho do Illmo. e Exmo Sr. Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, visconde de Barbacena, estando por capitão-general em Minas*. Si não foi com a ode ao mesmo assumpto, da qual transcrevemos a estrophe setima, de vaticinio brilhante ao cabo:

(1) — Não alcançámos dados mais remotos. Uma busca geral na secretaria da archi-diocese de Marianna, a que se procedeu por nosso pedido em Dezembro de 1911, resultou infructifera.

(2) — Na *Revista popular*, Rio, 1860, t. VII, pag. 368, Joaquim Norberto apresentou, como facto sabido, conjectura errada, identificando Manuel Joaquim Ribeiro ao *Roberio* zurzido nas *Cartas chilenas*. O cantor de Luiz da Cunha Menezes, *Fanfarrão Mineio* na satira, quando chegou á capital aurifera, 23 de Agosto de 1783, já velho, não tinha ordens sacras.

*«Da America nos braços recostado,
 Emtanto, Affonso nobre
 Recebe o obsequio pobre
 Aos seus ditosos annos consagrado.
 Por Themis educado,
 Os dous lustros que faz são na memoria
 Doces presagios de futura gloria.»*

O insensível pae do fidalgote, largando a administração, 9 de Agosto de 1797, deixou o vate sem paga de atrasados vencimentos de professor (3). D'ahi, a transferencia de Themis, com espada e balança, acto continuo, para junto do novo chefe:

*«As redeas toma o inclyto Lorena.
 A paz nos baixa da justiça ao lado.
 Exulta alegre a afortunada Minas.»*

Mas a elle, particularmente, não sorriu assim de prompto a Fortuna (4), pelo que, despedindo-se iroso da séde episcopal, onde permaneceria sem fama, nem proveito, —

«Adeus, ó vil Mariana; eu te abomino!»—,

passou a Villa Rica, disposto a intensificar o commercio com as Musas, até a definitiva conquista das graças do presumido bastardo de D. José I.

Multiplicam-se as peças gratulatorias a

*«Os aureos annos do immortal Lorena»,
 O pae da Patria, o protector de Minas».*

Thema gemebundo e lacrimoso, a morte de D. Maria Ignacia da Silveira, progénitora de Bernardo José de Lorena, arrancou-lhe dos dedos tres sonetos a fio.

(3) -- Eram de 460\$000 annuaes, pagaveis pela renda do *Subsidio literario*, imposto destinado á manutenção do ensino publico. A carta régia de 10 de Novembro de 1772 estabeleecera, para a America, a taxa de 10 réis sobre arratel de carne verde nos açougues e 1 real sobre canada de aguardente do país nos engenhos. Vigé ainda, augmentada, em alguns pontos da Republica.

(4) — Em 19 de Outubro de 1800 aquella divida ascendia a 1:725\$000, conforme certificava o escripto da Junta da Real Fazenda, cel. Carlos José da Silva, a cuja porta bateu uma vez o padre-mestre, es-carranchado no Pégaso;

«A ti, egregio Silva, hoje me elevo.»

Rendeu-se o sátrapa

«*Digno dos versos do cantor de Troia,
Do singular Homero.*»,

e o poetastro acclamou-se:

«*Sou qual Milton, Camões e qual foi Tasso:
Meu verso e meu poder me eleva a tanto!*»

Taes jaculatorias ridiculas, de par com amorosas habozeiras pastoris de *Almeno* ou *Meliseu a Jonia* (5), OBRAS POETICAS, 109 pag.^{as}, in-8.^o, Impressão Régia de Lisboa, 1805, saídas «debaixo dos auspícios do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Bernardo José de Lorena, do Conselho de S. A. R., nomeado Vice-Rei, e capitão de mar e terra do Estado da India, etc., etc., etc. (6)

No Prologo, lê-se:

«E surdo aos insultos dos que motejam o fazer versos, terei por grande ventura que possam os meus dar a conhecer algumas das eminentes virtudes do meu incomparavel protector.»

Para as qualidades de Lorena só mesmo os metros de Ribeiro...

As oblatas deste ao successor daquelle, desde a posse, 21 de Agosto de 1803, compendiaram-se num segundo volume das OBRAS POETICAS, 137 pag.^{as}, in-8.^o, impresso na referida officina, em 1806. Auspiciou a ultima publicação D. Maria Magdalena de Sousa Oliveira e Castro, decantada juntamente com o esposo, Pedro Maria Xavier de Atahyde e Mello (os condes de Condeixa, note-se em parentese, mereciam cantor mais alto, ou menos interesseiro).

A' pag.^a 30, o A. conta e descreve a terra do proprio nascimento:

(5) — Não poucas de suas lyras parecem *colchas de retalhos*. Haja visto á I, de onze estrophes, sete das quaes constituem deformações de outras tantas das I, V o XXVIII da pte. 1.^a da *Marília de Dirceu*. Gonzaga não teve nella epigono intelligente, mas sim plagiario de-sastrado.

(6) — O *Real Gabinete Português de Leitura*, do Rio de Janeiro, possui um exemplar, o que consultámos.

*«Tu és, o Sanhoane, a patria amada,
Por quem sempre nutri amor profundo;
E's o pêgo, o logar doce e jocundo,
Em que primeiro vi a luz dourada.*

*Tu és do clarò Douro a flôr gerada
Da Serra do Marão no todo fundo;
Tu és o berço donde vim ao mundo,
De paes illustres, de familia honrada.*

*Tu és por quem suspiro ha tantos annos,
Ou sulque as ondas de Neptuno iroso,
Ou habite os sertões americanos.*

*E's, emfim, aonde vou terno e saudoso,
Beijar as mãos, reparar os damnos
De uma mãe anciã, de um pae moroso.» (7)*

Tornando á colonia, proseguiu na faina encomiastica — composições avulsas, dirigidas a prepostos metropolitanos. Uma dellas, celebratoria do anniversario natalicio de Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, que, em 5 de Fevereiro de 1810, rendeu a Pedro Maria Xavier de Atahyde e Mello, conserva-se no *Patriota*, Rio, 1813, t. II, n.º 6, pag.^{as} 13 a 18, *apud* Sacramento Blacke.

E aos 9 de Abril de 1821, em Ouro Preto, ainda assignava o auto de juramento ás bases da nova Constituição portugueza, mandadas observar pelo decreto de 9 de Março, o «professor de philosophia Manuel Joaq.^m Ribr.^o». *Rev. do Arch. Publ. Min.*, an. II, fasc. 2, pag.^a 237.

Até ahi o luso... Agora... o brasileiro.

«Oração», que na igreja de N. S. do Carmo de Villa Rica, em 23 de Setembro de 1822, perante o collegio eleitoral e numeroso concurso da nobreza e povo, recitou o P. M. Manuel Joaquim Ribeiro, cavalleiro professo na Ordem de Christo e professor jubilado em philosophia na Provincia de Minas. Rio de Janeiro, 1822, 10 pag.^{as} in-4.º:

«Graças pois, graças á nossa ventura, que despedaçados os ferros, que por tantos seculos opprimiram os roxos pulsos de nossos escravizados avós, e rasgadas todas as

(7) — Não lográmos ver o segundo volume das *Obras poeticas*. No traslado de Joaquim Norberto (*loc. cit.*), de que nos serv'nos, está *amoroso*, em vez de *moroso*. Erro typographic, evidentemente.

vendas que a timidez ou a boa fé ainda conservava sobre nossos olhos, mineiros, os males de infortunios symbolizados nos fabulosos tempos de Saturno não impeccm, não esmagam já o nosso continente: e a Cathagoria autor-gada á nossa patria pela liberalidade do nosso bom rei o Senhor D. João Sexto, apesar de todos os embates vertiginosos, ella se sustenta e se levanta corôada de triumphos.» (Pag. 4).

«O illustre merito, que até agora vivia desprezado, escondido nas nossas florestas, deposta a timidez, virá espalhar entre nós as suas luzes. Os Heraclitos, que incessantemente pranteavam a multidão de injustiças, de que se via cunhada a nossa patria, não scrão mais lembrados na plenitude da nossa ventura; e os empregos dados até agora só á solicitação, e ao favor, sahindo da ignominia, irão elles mesmos convidar os sabios e os que têm sua morada no Asylo da Virtude.» (Pag. 8).

«*Oração*», que no solemne applauso consagrado pelo Senado de Villa Rica á aclamação de Sua Magestade Imperador e Constitucional, o Senhor D. Pedro de Alcantra, recitou o P. M. Manuel Joaquim Ribeiro, cavalleiro professor na Ordem de Christo e professor jubilado em philosophia na Provincia de Minas. Typographia Nacional, Rio de Janeiro, 1823, 14 pag.as, in-4.º:

«Sacudi, arrojai de uma vez, para a profundeza dos mares, os ultimos despreziveis anneis da nossa vergonha e antiga escravidão.» (Pag. 4).

«Findou, minciros, exgottou-se de todo a nossa paciencia; chegou á ultima barreira o nosso soffrimento ultrajado.

Ah! bem vindo sejaes, eu vos saudo seculos venturosos, por quem ha tanto suspirava o Brasil agrilhado; eu vos saudo amigos conductores da prosperidade da minha patria, sublimes mensageiros do Immortal, e monumentos portentosos que algum dia têm de abrilhantar as dilatadas provincias do oppulento Brasilico Imperio.» (Pag.as 7 a 8).

«Mineiros, e haverá por ventura quem não sinta pular-lhe o coração de jubilo, ao ouvir, neste momento delicioso, a nova tão complacente, tão encantadora? Ah, de mim o digo, que, inflammado nos ardores de um exaltado patriotismo, nem sei, nem posso conter a enchente de ale-

gria de que minh'alma se inunda.» (Pag. 9). (8).

Aos 29 de Dezembro de 1830 D. Pedro I partia do de Janeiro para Minas, não só no intuito de favorecer a reeleição a deputado do juriconsulto José Antonio da Silva Maia, a quem fizera ministro do Imperio, mas também no de sopitar tendencias federativas. Em muitas localidades que visitava, dobres de sinos por João Baptista Libero Badaró, o jornalista liberal victima de assassinio, advertiam-no do verdadeiro sentimento popular.

Mas chegado a Ouro Preto, 22 de Fevereiro de 1831, teve festiva recepção official, a que logo se associou Manuel Joaquim Ribeiro, pindarizando-o numa ode (9). Sem perceber o fatal declinio da estrella

*«De Pedro, heroe excelso, augusto invicto,
No Brasil novo Aurelio, novo Tito.»*

mais uma vez se inflammou nos ardores de um exaltado patriotismo:

*«Do infame absolutismo as vis cadeias
Pedro as faz em pedaços:
Em vão, pois, ó Brasil, em vão receias
Que inda opprimam teus braços.
Monarca liberal, que o povo afaga,
O monstro odeia, a atroz cerviz lhe esmaga.»*

Suspeitamos que o padre-mestre não sobreviveu ao proximo 7 de Abril, porquanto ninguem conhece ode sua a Pedro II...

Typo caracteristico da literatura *lusobrasileira*, que se pretende recrear anachronicamente, não influiu na poesia nacional, mas fica parasitando na historia de nossas letras, como — *Patriarcha do «adhesismo»*.

ALBERTO FARIA.

(8) — Estas orações, convencionaes e utilitarias, bem como outra, de 1825, a S. Vicente de Paulo, não mencionada em dictionarios bibliographicos, encontram-se na *Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, onde as manuseámos.

(9) — Pertence ao numero das saudações falaciosas e insinceras, a que allude Armitate, o historiador do Primeiro Imperio, narrando a infeliz viagem politica do soberano. Figura no *Rev. Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. LX, pte. 1.a, paginas 371-3.



CAUSAS DA GUERRA DO PARAGUAY — Souza Docca — Liv. Americana — Porto Alegre — 1919.

A guerra do Paraguay foi uma longa serie de erros militares e de imprevidencias diplomaticas: os nossos ministros deixaram-se levar por palavras e não atinaram, de prompto, nos motivos dos preparativos bellicos de Lopez, chegando mesmo a ignoral-os e deixando-nos colher quasi inermes.

Dentro dos dois primeiros annos da guerra, os nossos erros se accumularam: tendo concorrido com o maior contingente de tropas, cedemos o commando supremo aos argentinos, abandonamos o plano logico e expedito da invasão do Paraguay pelo Norte e pelo Sul e ao passo que enriqueciamos e povoavamos as provincias de Entre-Rios e Corrientes, mantinhámos a unidade do exercito de Lopez em plena efficiencia contra as nossas tropas, em lugar de o obrigar a se dividir em dois e acudir o Norte do Paiz.

Tal serie de erros custou-nos caro: tem o seu desenlace historico no desastre de Curupaity, friza-se nitidamente nos dez mezes de immobilização de nossas operações e culmina nessa *retirada da Laguna*, em que um tecido de erros e o cruel abandono em que deixamos a heroica columna do coronel Camisão transformam-se na pagina de mais doloroso e commovido heroismo de que ha noticia em todas as nossas gestas bellicas.

Até meados de 1867 nós não tinhamos feito nada que pudesse humilhar Lopez.

O seu exercito continuava intacto, a sua maior fortaleza, Humaytá, continuava-nos inacessivel.

E nós, além de immobilizados, sofriamos o effeito moral dos dois recentes revezes, que se reflectiam no estrangeiro, em antipathia pela nossa causa, ao passo que augmentava a confiança, a audacia e a resistencia do inimigo.

Pois bem, estes factos, tão naturaes a toda guerra, — desde que a faculdade de acertar é vara no homem — têm sido escondidos pelos nossos historiadores. A batalha de Curupaity merecelhes duas linhas, da immobilização do exercito e suas causas não se diz absolutamente nada e da *Retirada da Laguna* ouve-se, ás vezes, falar como de uma cousa que aconteceu na China lá pelas eras pre-christans.

Em compensação fala-se sempre e demasiado do periodo que vae de Julho de 1867 a 5 de Janeiro de 1869 e com tal adjectivação e com tal emphase, que nenhum alumno de escola secundaria ou superior póde, serenamente, formar um conceito serio e claro e justo do que foi essa guerra.

E a nossa detestavel mania da grandiloquencia latino-tropical fez, em nossas rodas cultas, olhar com desconfiança a essas manifestações de lyrismo patriotico, pondo de quarentena os nossos grandes feitos e os nossos grandes homens.

E como, nestes modernos tempos de arrivismo, o vicio se aggravou pelo exaggero do valor alheio, pelo desvirtuamento da noção dos factos, pelo empolamento palavroso e deo com que se transformam nullidades em homens illustres, inaugurando o regimen que Ruy Barbosa acaba de chrismar com um nome feissimo, a suspeita no valor do nosso passado cresceu, pelo exemplo que nos dá o nosso presente.

A guerra do Paraguay, como a mais importante das luctas sul-americanas, entrou tambem para o rol dos nossos feitos onde ha muita cousa affirmada e não provada e como nós não tivessemos quem nos ministrasse documentos fomos procural-os no estrangeiro.

Acontece que entre os estrangeiros que se preocupam de cousas americanas, ha uma boa somma de escriptores que empurram ao Brasil a responsabilidade da guerra do Paraguay e essa affirmação encontrou echo em nosso Paiz, chegando a formar uma corrente de antipathia nacional contra esse periodo de nosso progresso.

O livro do sr. Souza Docca vem rehabilitar-nos de tamanha culpa e mais que isso rehabilitar, de uma forma irretorquível, os estadistas do imperio a cujas costas foi atrada a responsabilidade maior, como sonhadores de um imperialismo ridiculo e de fancaria.

A obra se divide em 8 capitulos e estuda a questão com um criterio imparcial e superior, documentando affirmativa por affirmativa, o que a torna, ás vezes, exhaustiva.

Inicia-a pelo exame da missão Saraiva e mostra os esforços de nossa diplomacia para pacificar a Republica Oriental, além do limite que era possivel tentar.

Passa depois a analizar as tentativas da diplomacia uruguaya para fazer uma alliança com Lopez e Urquiza e denuncia então os processos mesquinhos de que se serviu ella, até fazer estalar o conflicto que durou 5 annos e tão caro nos saiu.

O assumpto é tratado com bastante methodo e em estylo facil e correntio, que revela, apenas, um pronunciado amor a chavões e phrases feitas.

Ha um outro senão a assignalar: o temor do A. em melindrar susceptibilidades de nossos vizinhos.

Nesse intento, tem tiradas justificativas do seu proceder que deveriam ser supprimidas.

Ou é historia ou não é: si é, o historiador tem o direito de passar por cima de melindres tolos e usar, na linguagem, dos termos apropriados e sem euphemismos.

São gentilezas do A. essas, mas

que redundam em defeito para o escriptor, pois a força de um juizo perde a viveza, o calor, e a justeza si é tibia a phraseologia adoptada pelo salientar.

Isso, porém, não diminue o merito innegavel da monographia do sr. Souza Docca, que se revela, de chofre, na sua estréa, um historiador de bom quilate e subido valor, capaz de enriquecer de muitos volumes, como este, a nossa minguada bibliotheca de Historia Patria.

A FAIXA LITTORANEA — BRASIL MERIDIONAL — HONTEM E HOJE — *Ev. Backheuser* — Typ. Besnard Frères — Rio — 1918.

O A. abre o seu livro com um Prefacio em que mostra o criterio por elle seguido na comprehensão do estudo da Geologia, criterio traçado por Euclydes da Cunha em *A' Margem da Historia*, e do qual extrahimos os seguintes trechos:

«Cada vez mais se vai tornando corrente a necessidade de ligar ao estudo geographico de qualquer região um conhecimento mais ou menos profundo dos caracteres geologicos dessa região.»

Depois de mostrar as vantagens decorrentes da união dessas duas sciencias e o auxilio que a Geologia póde prestar ao geographo, exemplifica:

«O desenvolvimento fisico do homem — como aliás de todos os seres vivos — é influenciado poderosamente por varios factores mesologicos, entre os quaes não é para desprezar, por exemplo, a composição chimica das aguas de alimentação, composição chimica que está directamente presa á natureza das rochas por onde transite a agua. As aguas calcareas farão esqueletos desenvolvidos, donde homens altos e elegantes. O Caucaso é calcareo; as terras brasileiras são pobres em calcio

A propria evolução das sociedades das nações, isto é, a geographia politica e a economica, é funcção da natureza das terras que os povos habitam, quer directamente pelas rique-

zas mineraes dellas extrahidas, quer indirectamente pela agricultura e pecuaria de progressos tão intimamente vinculados á composição do sólo.»

Assim orientado, o A. dá-nos uma descripção das terras do littoral do Brasil Meridional, que pela clareza da exposição e pela extensa documentação, pela logica de suas deducções, denuncia logo um cientista consciencioso, que faz questão de ser exacto naquillo que affirma.

Tendo sido contestado que a costa do Brasil meridional está passando por um periodo de emersão, devido a um movimento negativo do mar, o autor propõe provar que a contestação é descabida.

Descreve, então, a porção de terras que vac da planície dos Goytacazes ao Chuy, divide-a em 5 trechos, pela idade que demonstram.

A descripção é documentada, exaustivamente documentada, mas apesar disso lê-se com agrado e o A. chega á conclusão, pelos factos relatados, que o recuo do mar se evidencia cabalmente.

Fecha o livro uma descripção «a grandes pinceladas» de como se formou a actual configuração do Brasil, que si nenhuma base scientifica tivesse — e tem — teria por si o atractivo de ser uma linda fantasia.

E', emfim, um contingente apreciavel que o A. traz para o conhecimento do Brasil ignorado e é um livro digno da leitura não só dos entendi-

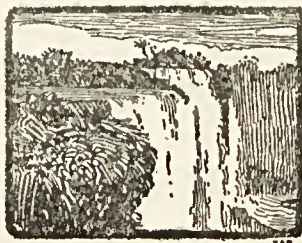
dos da materia, mas tambem de todos os estudiosos de Geographia.

O PROBLEMA MONETARIO NO BRASIL — Adolpho Pinto — Casa Vanorden — S. Paulo, 1919.

Poucas vezes vimos concentrado n'um livro de pequeno formato e de poucas paginas maior somma de verdades e de mais uteis suggestões. Estes artigos dados á luz n'«O Estado de S. Paulo» e ora enfeixados em volume deviam constituir o livro de cabeceira, o breviario de nossos ministros de finanças, e, mais ainda, um permanente programma administrativo para todos os governos.

O problema monetario é ahi exposto com clareza extrema, desde a noção do dinheiro corrente até a critica larga e magistral do apparelho de credito proposto pelo Dr. Sampaio Vidal. Se não cabe nesta noticia o commento da preciosa obra do Dr. Adolpho Pinto, cabe o recommendal-a calorosamente a quantos tencionam ver claro no barathro escuro das nossas finanças eternamente avariadas, eternamente em uso de mesinhas porque eternamente afastadas do bom senso e da visão clara do *nosso* problema economico-financeiro.

Copiamos sempre soluções alheias, donde ficar sempre insoluto o problema capital da nossa vida de povo que compra e vende.





VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Junho, 15 — O Governo do Pará recebeu 50 contos da União para auxilio aos flagellados da secca do Nordeste, que aportarem a Belém. — Falleceu o sr. Sabino Barroso.

16—O Tribunal de Contas negou registo ao credito de cinco mil contos para emprestimo ao Pará, e concedeu registo ao credito de cinco mil contos para auxiliar as populações flagelladas do paiz.

17 — O Governo de Sergipe adoptou o dia de oito horas para os seus operarios.

18 — O Presidente da Republica enviou uma mensagem ao Congresso solicitando os creditos que forem necessarios ao Ministerio da Viação para occorer ás despezas do cumprimento das acções resultantes dos accidentes no trabalho.

19 — Foi encarregado de escrever no «Livro do Centenario da Independencia» o capitulo sobre José Bonifacio, o dr. Martim Francisco.

20 — Falleceu o Prof. Costa Sena.

22 — Inaugurou-se a bitola larga do ramal ferreo de Bello Horizonte.

23 — O Secretario do Thesouro da Bahia fez remetter para a Europa a quantia de 170.000\$000 para pagamento do serviço do «funding loan».

27 — Foi nomeado sub-secretario das Relações Exteriores o Dr. Crockrane de Alencar.

29 — Os jornaes mineiros tratam longamente da mudança da Capital Federal para Bello Horizonte.

30 — Foi communicado ao Congresso Nacional a assignatura do Tratado da paz. A Academia Nacional de Medicina commemorou o seu 90.º anniversario.

Julho, 1 — Nas capitães dos Estados realizaram-se festejos em regosijo pela paz.

3 — O Presidente do Estado de S. Paulo, na qualidade de Presidente da Liga de Defeza Nacional, remetteu á séde da mesma a importancia de... 47:932\$120, producto da subscrição aberta pelos jornaes «O Estado de S. Paulo», «Correio Paulistano», «Jornal do Commercio e «Fanfulla» e pela Directoria Regional, em beneficio das familias dos marinheiros nacionaes que estiveram na guerra.

4 — Realisaram-se no Rio grandes festas commemorativas da Independencia dos Estados Unidos.

5 — Tiveram inicio na collina do Ypiranga, em S. Paulo, as obras para commemoração do Centenario da Independencia.

7 — Iniciou-se na Camara de Minas Geraes o estudo da reforma da Constituição daquelle Estado.

10 — Pelo Congresso Nacional foi reconhecido e proclamado Presidente da Republica o Dr. Epitacio Pessoa.

11 — Foi inaugurada a Escola de Aviação Militar do Rio de Janeiro.

12 — Abriu-se no Rio a primeira Exposição Nacional de Cereaes.

14 — Installou-se o Congresso Estadual de S. Paulo.

Os mortos do mez

SABINO BARROSO — O sr. Sabino Alves Barroso Junior, fallecido no dia 15 do mez ultimo, nasceu em Abril de 1859, em S. Sebastião das Correntes, municipio de Serro Frio, Minas. Era filho do Coronel Sabino Alves Barroso e de D. Maria Josephina de Araujo. Iniciou os seus estudos nos collegios de Diamantina, indo completar o curso de preparatorios no «Collegio dos Padres», em Caraça. Seguiu depois para S. Paulo, onde se matriculou na Academia de Direito, formando-se em 1884. Um anno depois de formado, com 25 annos de idade, foi eleito deputado provincial em Minas. Era candidato do partido conservador, derrotando o candidato do partido liberal, então no poder. Na assemblea provincial, teve uma acção importante, porque era o «leader» de seu partido e assim teve occasião de intervir em todos os debates. Reeleito, foi depois escolhido Presidente da Assembléa, posto em que o encontrou a Republica.

Foi dos mais votados para a Constituinte mineira, tendo occupado nella o lugar de 1.º Secretario. Poucos annos mais tarde, foi eleito senador estadual e, em 1900 foi levado á Camara Federal, onde o escolheram para «leader» da bancada mineira.

A 6 de Agosto de 1901 renunciou o mandato de deputado para exercer o cargo de Ministro do Interior.

Deixando o Governo, voltou á Camara dos Deputados em 1903, sendo desde então reeleito sem interrupção.

Filiado ao grupo do partido republicano mineiro do Dr. Silviano Brandão, que depois da morte deste foi chamado de «viuvinha», era dos mais prestigiosos chefes do grande Estado, membro da commissão executiva do partido e seu «leader» parlamentar. Em 1902, quando falleceu o Dr. Silviano Brandão, foi indicado pelo Dr. Campos

Salles para a vaga de Vice-Presidente da Republica, finalmente preenchida pelo Sr. Affonso Penna.

Apoiou a candidatura do Sr. Hermetes da Fonseca, e quando, dada a scição, o Sr. Carlos Peixoto renunciou a presidencia da Camara dos Deputados, foi eleito para esse alto cargo em 1910, sendo depois reeleito até entrar de novo para o governo, no inicio da presidencia do Sr. Wenceslau Braz.

A' sua acção politica muito deveram então os elementos que sustentavam o Sr. Wenceslau Braz á victoria de seu candidato á presidencia da Republica.

Nomeado a 15 de Novembro de 1914 Ministro da Fazenda do sr. Wenceslau Braz, pouco tempo occupou a pasta. A aggravação de seus males o obrigou a partir para a Suissa e assim pediu demissão do cargo, para se tratar no estrangeiro.

Apezar de curta a sua segunda passagem pelo Ministerio da Fazenda, foi importante quanto ás decisões que proferio. Foi no momento critico da liquidação da grande divida deixada pela administração anterior. O Sr. Sabino Barroso, para satisfazer ás reclamações do commercio, emittio letras do Theouro, com juros, para pagar os que mais precisavam. Era a solução que então mais apregoavam. Esses titulos ficaram conhecidos pelo povo pelo nome de «sabinas», allusão ao Ministro que os emittio.

Em 1917, depois de uma longa estadia na Suissa, o Dr. Sabino Barroso teve licença de seus medicos para voltar ao Brasil. Regressando á patria, foi logo eleito deputado por seu districto de Minas, por ter renunciado o mandato o Dr. Joaquim Salles, seu correligionario dedicado.

Reconhecido em Junho, em Julho voltou á presidencia da Camara, por ter o Dr. Astolpho Dutra resignado o alto cargo. Depois o Dr. Sabino Barroso foi sempre reconduzido na presidencia da Camara, tendo sido o seu nome varias vezes lembrado e indicado tanto para Presidente de Minas como para Presidente da Republica.

PROF. COSTA SENNA — O dr. Costa Senna, fallecido em Bello Horizonte, era um mineralogista illustre e notavel escriptor e dirigia ha varios annos a Escola de Minas, de Ouro Preto, da qual era cathedratico.

Por seus estudos geologicos e mineralogicos, por seus trabalhos sociologicos, por sua acção como director e professor em Ouro Preto, o dr. Costa Senna se tornou na sua especialidade uma autoridade que todo o Brasil respeitava e era conhecido e citado nos circulos profissionais do estrangeiro. Era, ao demais, um optimista sincero e entusiasta ao encarar e estudar os nossos problemas e, em ensaios e cartas recentes, mostrou em explanações rica de documentação, quanto valia o nosso homem do interior, o valor real de sua energia e a sua capacidade de trabalho.

O dr. Costa Senna era natural da cidade de Conceição do Serro, no Norte de Minas, onde nasceu a 13 de Agosto de 1852. Professor da Escola de Ouro Preto, na qual se graduara, viajou, fazendo grandes investigações scientificas, tendo publicado sobre mineralogia estudos valiosos.

Escreveu muito em jornaes do Rio, de Minas e de S. Paulo, e por seus trabalhos mereceu no antigo regimen o habito de Rosa, tendo depois recebido honra semelhante do Governo francez e da Academia Franceza, sendo tambem eleito membro correspondente de varias sociedades scientificas.

Foi senador estadual em Minas e Vice-Presidente do Estado, tendo exercido o Governo durante algum tempo (1902).

Além de varios outros trabalhos scientificos publicou a *Viagem de estudos mineralogicos na provincia de Minas, Noticia sobre a Mineralogia e geologia de uma parte do norte e nordeste de Minas Geraes. Noticia sobre a scorotida existente nas vizinhanças do arraial de Antonio Pereira e sobre a hydrargyllita dos arredores de Ouro Preto.*

A questão das condecorações

Os que accetarem condecorações oa

titulos nobiliarchicos estrangeiros, perderão todos os direitos politicos. (Const. Brasileira, art. 72 § 29).

Isto é:

—*Os que accetarem condecorações «nobiliarchicas estrangeiras, — ou titulos «nobiliarchicos» estrangeiros, perderão todos os direitos politicos.»*

Para se perderem os direitos politicos não basta que as condecorações acceitas sejam «estrangeiras»: é mister, outrossim, que sejam «nobiliarias», isto é, que importem na aquisição de prediados de nobreza.

Aqui está como eu entendo o parographo 29 do art. 72 da Constituição brasileira. Não descubro geito, por onde, segundo a grammatica, a logica e o direito, se lhe possa attribuir outro sentido. Lanço á conta de pouco attentamento na critica do texto a má intelligencia, com que elle se vê mal entendido até hoje, e nutro a esperanza de que, de ora avante, se atalhe esse equivoco, uma vez ponderados com bom animo os meus embargos ao curso de tal erro.

O que a Constituição claramente prohibiu no tocante a condecorações estrangeiras, é o mesmo que, no mesmo texto, claramente prohibe no tocante a titulos estrangeiros: as honras «de nobreza» («nobiliarchicos», ou «nobiliarias»), incompativeis com a egualdade republicana.

Poderiam, talvez, cointradictar-me que acolhida a minha maneira de ver, escapariam na sua maior parte á interdicção constitucional as condecorações estrangeiras; pois na sua maioria ellas não apresentam feições nobiliarias.

Mas que tem isto, se essa maneira de ver é, realmente, a que conforma com as expressões, nas quaes os constituintes vertem o seu pensamento? se com essa maneira de ver é que consoa a redacção do texto constitucional? se n essa maneira de ver é que nos leva a intelligencia natural delle? se, enfim, da outra maneira de ver resultaria juntarem-se numa só phrase da Constituição duas normas entre si antagonicas e inconciliaveis, quaes as de se admittirem os titulos, que não sejam de nobreza, e, ao mesmo tempo, se proscreverem as condecorações, que de nobreza nada tiverem?

Se essa disposição fosse verdadeiramente util, se contivesse em instituições republicanas, se attendesse praticamente a exigencias do espirito de liberdade ou democracia neste systema, ainda se poderia ter receio de lhe cercar os beneficios com a estreiteza da interpretação liberal.

Mas basta advertir que o rigorismo desse preceito, no singular requinte a que o levou a nossa Constituição actual, não tem parellhas nem nas Constituições mais democratas do mundo, quaes a dos Estados Unidos e a da Suissa, nem nas de mais sublimado radicalismo neste particular, como as das cinco republicas da America hespanhola acima designadas, para vermos que não se trata senão de um desses caprichos dos fabricantes de constituições nas crises de transição entre dois regimens.

Não havia de ser pelas condecorações estrangeiras, e muito menos pelas de mera honorificencia, estranhas de todo em todo ás desigualdades e privilegios da nobiliarchia, que viesse mal ao mundo, ou risco ao Brasil e suas instituições. Nesta época de realidade de ninguem se venderia ao estrangeiro por fitas ou vencras. A infiltração, com que o imperio da Allemanha, antes da guerra, lograra quasi apoderar-se, financeira e politicamente, de todo o globo, exerceu a corrupção em medida gigantesca, mas só a dinheiro, sem usar de titulos, ou commendas, que não constituem hoje moeda capaz de nenhum valor humano, digno de ser comprado.

A intelligencia que acabo de dar ao art. 72, paragrapho 29 da Constituição brasileira, além da vantagem, sobre todas preciosa, de restabelecer a verdade constitucional, nos traz a de harmonisar o nosso direito escripto com o senso commum. Todas as leis que delle saem estão, desde o nascedouro, condemnadas a só existir no papel.

Eis, aqui está o motivo por que a sobreseveridade (se me permittem o neologismo) erroneamente attribuida a esse nosso texto constitucional não obsta a que estejamos vendo chover, todos os dias, entre civis e militares, entre particulares e funcionarios e

até entre membros do Congresso e do governo, condecorações estrangeiras. E' a sorte de todos os rigores destemperados e insensatos da legislação cahirem logo em desprezo. A's demasias no regimen fiscal responde o contrabando. A's crueldades no regimen penal, a impunidade. Aos caprichos no regimen politico, a inobservancia e o desuso.

Por isso quando as leis são sobremaneira duras, é de boa hermeneutica attenuar-lhes a dureza. Isto ainda quando essa attenuação vá encontrar alguma difficuldade nas surpresas reaes do texto legislativo. Com esta disposição constitucional, porém, se tem praticado o contrario. Não poderia haver maior sem-razão e maior braveza que isto de punir com o maior dos castigos civicos, o da perda dos direitos de cidadania, o mais venial dos peccadilhos humanos, a accitação de condecorações de méra honraria. Tal coisa não se achava no texto constitucional correctamente entendido. Foi a interpretação que lhe encartou. E é a essa enxertia desautorizada que está desobedecendo o uso. — RUY BARBOSA.

...

Revistas e jornaes

O café e a geada

Quem quizesse dar uma boa idéa do gráu de cultura agricola do nosso Estado nada melhor teria a fazer do que reunir em volume a serie enorme de tollices, disparates e baboseiras que se escreveram nos mezes de Junho a Agosto do anno passado a respeito da grande geada, seus estragos, meios de prevenil-os, remedial-os e cural-os com um capitulo especial dedicado á póda do cafeeiro em que se reproduzisse tudo que se escreveu sobre os inconvenientes desta operação nos pés que foram, então, atingidos pelo meteo-ro. Se se pudesse passar tudo isso para inglez e espalhar profusamente exemplares pela America do Norte, não tenho a menor duvida de que, então, haveria realmente perigo de que os americanos pensassem sériamente em intervir nos negocios do nosso paiz,

para pôr um pouco de ordem neste descabro.

Entre as pouquissimas coisas sensatas que se escreveram naquella occasião appareceu um artigo do dr. Luiz Pereira Barretto aconselhando o aproveitamento das sementes dos caféeiros que melhor resistiram á geada, para inicio de um longo trabalho de selecção com o fim de obter individuos resistentes ao terrivel flagello. Parece impossivel que ainda se tornem necessarios taes conselhos aos nossos estabelecimentos officiaes após cerca de cem annos de cultura da preciosissima rubiaceae! Em qualquer paiz em que se estudassem convenientemente estes problemas, de importancia vital, já ha muito estaria o caso resolvido. O Estado de São Paulo e o seu vizinho, o Paraná, têm extensões consideraveis de terras riquissimas, mas onde o caféeiro não pôde ser cultivado devido exclusivamente á pequena altitude que possuem. Como é possivel que, diante disto, até hoje os nossos governos, pelos seus estabelecimentos agricolas, não tenham siquer pensado na obtenção de typos de caféeiros resistentes ao frio e as geadas? Como é crível que se cruzem os braços e se deixem perder centenas de milhares de contos por um mal que se pôde, que já se devia ter remediado? Aos nossos governos cabe, indiscutivelmente, a culpa do tremendo desastre soffrido em 1918 pela lavoura paulista, por não terem até aqui dotado de meios convenientes e pessoal competente as suas estações experimentaes. São Paulo não possui ainda hoje uma unica estação scientificamente aparelhada para o estudo dos multiplos problemas que apresenta a lavoura caféeira, apesar de ter nella a sua melhor fonte de riqueza e de onde têm sahido todos os recursos para os escandalosos esbanjamentos dos nossos governos.

Java, a pequenina ilha, possui ha já alguns annos uma estação de selecção para o café, em Bangelan, e a ella se deve o resurgimento desta cultura nas Indias Hollandezas. Para todas as grandes culturas existem alli magnificas estações experimentaes, a cargo de verdadeiros cientistas, dis-

tinctos especialistas, contractados nas cinco partes do mundo, emquanto em São Paulo nós somos de uma pobreza verdadeiramente franciscana a tal respeito. Bastavam os resultados conseguidos pelo Posto de Selecção de Nova Odessa, num curtissimo lapso de tempo, para mostrar a necessidade da criação de estabelecimentos congeneres para os nossos principaes productos.

Pela selecção artificial poderiamos conseguir typos de caféeiros perfeitamente resistentes a geadas e a frios intensos, embora num periodo extremamente longo e que cada vez será mais extenso, a julgar pelas medidas postas em pratica até aqui. Mas, além disto, ao lado da selecção, ha outros trabalhos a fazer e que, muito mais rapidamente, nos conduzirão ao mesmo fim. Quero referir-me á enxertia do caféeiro, com que se conseguiram resultados verdadeiramente surprehendentes nas Indias Hollandezas.

As sementes reproduzem, em geral, fielmente os caracteres da especie, mas nem sempre os caracteres individuaes, embora estes, quando uteis, tenham tendencia a perpetuar-se. A resistencia á geada que apresentaram, numa zona muito castigada, alguns pés é uma qualidade individual e que, muito provavelmente, não se apresentará em todos os individuos delles oriundos pôr sementes. A enxertia vem remediar este inconveniente dando os garfos que forem enxertados todas as qualidades que possuíam os caféeiros em que foram colhidos. Todas as plantas originarias de sementes differem mais ou menos umas das outras, ao passo que os enxertos reproduzem fielmente as plantas-mães.

A enxertia do caféeiro foi tentada, pela primeira vez, em Java, por occasião do apparecimento do hybrido espontaneo *Liberica X Arabica*, alli conhecido por hybrido de Kalimás. Este novo cafeeiro offerencia a enorme vantagem de resistir aos ataques da «*Hemileia vastatrix*», mas as sementes em vez de produzirem o hybrido davam sempre origem a um dos progenitores. Pensaram, então, em reproduzilo por enxertia, o que foi plenamente conseguido. Quando estive em

Java, pela primeira vez, em 1913, visitei fazendas em que havia 150 a 300 mil caféeiros enxertados e em plena produção. Mais tarde, appareceram novos hybridos, igualmente resistentes ao fungo e de boa produção, conhecidos por A e B de Kawisari, tendo eu visitado, em Dezembro de 1918, varias fazendas com os seus cafesaes formados exclusivamente por caféeiros enxertados. A de Kawisarã, de onde o hybrido tirou o nome, possuia, então, 400.000 enxertos.

Hoje, a enxertia é praticada em larguissima escala nas Indias Hollandezas e em todos os caféeiros, sendo um dos processos que melhores resultados têm dado na regeneração dos cafesaes. Allí, os caféeiros velhos, de mau aspecto, de baixa produção, são recepados e enxertados com garfos tirados dos melhores exemplares, quer sob o ponto de vista botânico, quer como productores.

Que se tem feito em S. Paulo a este respeito? Nada, absolutamente nada. Nós temos nos nossos cafesaes dezenas, centenas de milhares de caféeiros que nada ou muito pouco produzem e que deveriam ser rolados ou decepados para sobre os seus brótos fazer-se a enxertia de garfos dos pés de mais alta produção, podendo assim obter talhões uniformes e muito productivos.

Um exemplo illustrará melhor o caso.

Verificaram no Oriente, numa das maiores plantações de seringueira, que 64 % da produção de latex eram provenientes de 33 % apenas das arvores, havendo seringueiras que deram sete vezes a produção média do talhão. Quer isto dizer que 67 % das plantas quasi nada produziam, avolumando, porém, consideravelmente as despesas. Pensou-se então, em enxertar nas seringueiras de nulla ou baixa produção garfos ou gemmas das mais productivas, obtendo-se plantações uniformes e de grande rendimento em latex. Se nós fizéssemos o mesmo nos nossos cafesaes, poderíamos em pouco tempo eliminar todos os caféeiros máus productores, em decadencia, mal conformados, que augmentam inutilmente as despesas de custeio. Temos, assim,

á mão, um meio rapido de regenerar os nossos cafesaes e de augmentar consideravelmente a produção por área cultivada ou por mil pés.

Contra a geada poderemos lançar mão do mesmo processo. Escolhidos os caféeiros que, nas zonas mais castigadas e em peores condições, melhor resistiram, delles tiraremos garfos que, enxertados, formarão novos arbustos igualmente resistentes.

Quando estive em Java, em 1913, o «Robusta» não podia ser cultivado abaixo de 300 pés de altitude nem acima de 1500, com bom resultado, devido ao calor excessivo ou a frios intensos. Pois bem, fui encontrá-lo em 1918 vegetando e produzindo admiravelmente bem quasi ao nível do mar e a 2500 pés de altitude, devido á enxertia feita com garfos de pés que, anormalmente, appareceram resistindo áquelles dois factores.

O resultado conseguido na cultura da quina, pela enxertia, merece ser conhecido. As duas especies mais cultivadas em Java são a Ledgeriana e a Succirubra; a primeira muito rica em alcaloide, mas exigindo terras virgens riquissimas, ao passo que a ultima vegeta bem em sólos cansados, com o inconveniente, porém, de ser relativamente pobre a sua casca. Diante disto, tratou a estação experimental de Bandoeng de tentar a enxertia da Ledgeriana sobre a Succirubra, o que conseguiu com enorme exito, possuindo hoje 1500 «bows» de terras pobres plantadas com quineiras, 1100 das quaes de arvores enxertadas. Visitei em Dezembro de 1918 esta estação, onde se fazem annualmente 800 mil enxertos.

Tudo isto serve para mostrar os elementos de valor que os paizes nossos concorrentes põem ao nosso alcance, mas de que não sabemos tirar o devido proveito porque os nossos illustres governantes collocam á testa dos departamentos agricolas homens muito lidos em Lombroso, Garofalo e Ferri, mas profundamente ignorantes em Darwin, Wallace, De Vries e outros.

Abençoada terra e ditoso o povo que a habita! — ED. NAVARRO DE ANDRADE (Do Estado de S. Paulo).

O poder militar alemão foi vencido, mas não destruído

Os negociadores da paz, tendo por fito reduzir o poder offensivo da Alemanha até torná-lo inoffensivo, queriam ou permitir-lhe o serviço obrigatório a praso curto ou deixar-lhe um Exercito pouco numeroso. Escolheram a segunda solução: a Alemanha terá um exercito activo de 100.000 soldados.

Estas são as palavras do Tratado. Examinemos os factos. A Alemanha chamou ás armas, durante a guerra, cerca de 14 milhões de homens. Admittia-se, no verão de 1918, que as perdas ou extravios chegassem a 8 milhões de homens e que restassem, ainda, em agosto ultimo, 6 milhões de homens em serviço. A despeito do que se possa inscrever em um Tratado, este exercito estará virtualmente prompto durante alguns annos.

A classe de 1920, isto é, os 500 mil soldados nascidos em 1900, foi instruída, incorporada aos regimentos não combatentes, levada em parte ao «front», retirada depois sem haver dado um tiro. Está intacta e prompta a agir. Durante annos, terá ainda a Alemanha um exercito excellente, superior ao exercito fatigado de 1918, como em França o exercito reconstituído e descansado de 1815 era superior ao exercito esgottado de 1814.

A clausula do Tratado de Paz, é, portanto, momentaneamente, illusoria. Mas examinemol-a. Supprime ella o serviço universal. Esquecem-se de que o serviço universal nunca existiu na Alemanha, e que não podia existir em virtude mesmo do numero de recrutas, cujo sustento teria sido uma carga esmagadora para o orçamento. A Alemanha não levantava, de facto, senão uma metade do contingente. Assim, em 1911, sobre 1.271.384 de jovens que se apresentaram aos conselhos de revisão, 460.964 foram reconhecidos bons e 207.741 apenas incorporados ás forças de terra.

De um modo geral, admittia-se nas vespervas da guerra, que a Alemanha dispunha de 4.700.000 homens instruí-

dos e de 5.700.000 com pouca ou nenhuma instrucción. Ora, que é que aconteceu? A Alemanha poudé, graças a seus quadros excellentes, atirar á linha de fogo recrutas após tres ou quatro mezes de instrucción. O exemplo da batalha de Flandres, em 1914, é altamente significativo. A Alemanha formára desde o mez de agosto, os melhores elementos de sua mocidade não instruída. Poudé atirar na Flandres, no fim de outubro, quatro treses corpos, que a narração official do estado-maior allemão chama de corpos de voluntarios: perto de 200.000 jovens que se bateram admiravelmente, e dos quaes dorme uma grande parte nos pantanos do Yser e na lama do Ypres. No fim do anno, podia ella, egualmente com elementos novos, constituir um segundo lote de divisões novas. Seria facil multiplicar esses exemplos: na guerra moderna pôde-se fazer um soldado em tres mezes.

E' evidente que a Alemanha ficará em uma situação inferior ao seu poderio de 1914. Tinha ella, então, um exercito activo de perto de 700.000 homens. Tinha quasi 32.000 officiaes. 900.000 sub-officiaes reengajados e 8.000 soldados reengajados. Amanhã, terá muito menos officiaes e soldados sob as bandeiras; mas se se assimilarem, o que parece justo, os soldados de longo serviço do regimen novo aos sub-officiaes do antigo, ver-se-á que seu numero não mudou. Antes como depois da guerra, é de uma centena de milhares. O poder do exercito allemão continu'a intacto.

Em resumo, a Alemanha perde, no papel, seu quadro de officiaes; mas esse quadro existe e, em occasião oportuna, será novamente achado. Conserva integralmente seu quadro de sub-officiaes: apenas o nome mudou. Perde, no papel, seu exercito permanente, mas tem 500.000 jovens de dezenove annos completamente instruídos, que formariam uma tropa nova, não tendo ainda assistido ao fogo, e que seria excellente. E' preciso que sejam accrescentados, pelo menos, os 5 a 6 milhões de antigos soldados. Perdeu muito material, mas ignoro o que poudé construir de seis mezes para cá.

O poder militar allemão foi venci-

do, mas não destruído. Em novembro de 1918, o exercito allemão com suas unidades misturadas, seus effectivos reduzidos, suas reservas engajadas e reengajadas sem cessão, a quarta parte de seu material perdido, restante sem cavallos, era incapaz de continuar a luta. Mas restavam-lhe excellentes elementos. Não devemos de modo algum representar a marcha dos Alliados de agosto a novembro como uma serie de triumphos faceis. Houve combates durissimos, houve revézes.

Calculem esse exercito refeito, reorganizado, e elle se tornará uma machina de guerra ameaçadora. A garantia unica que temos contra elle é seu estado de espirito. Mas é forçoso confessar que essa garantia é bastante precaria. A Allemanha tem tambem, sem duvida, interesse, no momento da suprema resistencia de seus diplomatas, em exaggerar sua força militar e em fazer apparecer o fantasma da resistencia armada. E' pouco verosimil que seja capaz. Mas dentro em pouco poderá falar alto. E se lhe aprouver não levar em conta limitações militares que aceitar, não se sabe quem poderá obrigar-a, nem por que meios. — HENRY BIDOU (Do *Le Journal*, Paris).

Anatole France comunista

Não tenho nenhuma intenção de provar que o comunismo, em vez de extincto, ou desmoralizado, como dizem os telegrammas que diariamente se alastram pelos nossos jornaes, parece, ao contrario, estar cada vez mais forte, disposto a se estender pelo Occidente.

Agora mesmo chegam noticias das grandes grèves que se declararam na França. São naturalmente simples movimentos operarios, sem nenhum caracter revolucionario, como os que se faziam antes da guerra, quando o ideal comunista parecia um sonho remoto ou uma utopia obscura... E' pelo menos o que dizem os telegrammas. Tem-se a impressão, ao ler esses telegrammas, que a United Press

e a Havas continuam a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convem manter no alheamento completo do que se passa no mundo. E' claro que não ha aqui, para bem falar, bolshevistas. Não ha aqui gente bastante séria para fazer opposição a uma ordem estabelecida. No Brasil só se faz opposição a pessoas... Mas ainda que não haja propriamente bolhevistas, ou communistas, ha, contudo, homens intelligentes a que certas cousas irritam. Ninguem soube por exemplo aqui que nas manifestações feitas em abril á memoria de Jaurés, á frente de uma multidão enorme que transbordou da Praça da Concordia sobre os boulevards, empunhando bandeiras vermelhas e dando vivas a Lenine, se achava Anatole France. Evidentemente, as pessoas sensatas são levadas a crer que ha proposito em sonegar ao mundo as noticias que posam dar prestigio á revolução russa. O raciocinio mais elementar está demonstrando que se um homem como Anatole France saudava Lenine ou se deixa acompanhar por sujeitos que o acclamam, é claro que pelo menos não reputa Lenine um monstro, fóra da humanidade, responsavel pelos crimes hediondos que lhe são attribuidos e ao seu partido. E se um homem como Anatole France é socialista, combate pela implantação do comunismo na sua França e, porfiando pela realisação das theorias de Bergeret, arisca a sua pelle em meio ás violencias da policia de Paris — é intuitivo que pelo menos a causa, não é tão ruim assim, e que não sómente dynamiteiros e bandidos a ella se affeioam e por ella querem batalhar.

Temem-se porventura os alliados de que nós nos contaminemos do virus socialista e que a influencia de Anatole nos possa ser nociva? Não acreditem nisto. Anatole France não tem aqui leitores capazes de se interessar pelas questões sociaes em si mesmas, nem a nossa sensibilidade e o nosso raciocinio chegaram a esse ponto de refinamento desinteressado em que se póde sentir e reflectir com amargura ou revolta sobre as desigualdades e o absurdo do regimen social em que vivemos. Podem os alliados deixar vir

para cá todas as noticias. — GILBERTO AMADO (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

O lenço do Presidente

Consultado, ha vinte dias, sobre a presidencia da Camara, um deputado do sul teve a fraqueza de confessar que as suas opiniões proprias, quando elle as emittia, dependiam dos telegrammas do governador do seu Estado, ao qual submettia, por disciplina e commodidade, as suas mais insignificantes attitudes politicas. As suas palavras, as suas promessas, as suas declarações não autorizadas pelos chefes, eram tidas, para elle, como inexistentes, desde que elles, os chefes, as desaprovassem.

Identificada com o problema da mesa da Camara dos Deputados, essa abdicação da autonomia pessoal faz lembrar um caso de subserviencia verificado em Matto Grosso, e que não é, com certeza, o mais caracteristico da disciplina parlamentar no Brasil. Certo dia, estando reunido o Congresso em Cuyabá, um deputado se poz, de repente, de pé, e bradou:

— Sr. presidente, peço a palavra! Foi um espanto. O gesto daquelle mandatario do povo, levantando-se para discursar, constituia a maior das temeridades. Que teria havido? Que milagre seria aquelle que fizera falar, de novo, a burra de Balaão? O proprio presidente não acreditou nos seus ouvidos, e esperou, boquiaberto, que o deputado insistisse:

— Sr. presidente, peço a palavra!

— Tem a palavra o nobre deputado.

E o orador:

— Sr. presidente, eu pedi a palavra para dizer a V. Ex. que o lenço de V. Ex. cahiu.

E sentou-se.

A Camara está quasi assim. Ha bandadas inteiras com os deputados de côcoras, aguardando, indecisos, a eleição do presidente, para se disputarem a honra de lhe apanhar o lenço debaixo da cadeira. — MICROMEGAS (D'O *Imparcial*, Rio).

A moda no Rio

Ha muitos annos que as brasileiras se vestem como as parisienses, nunca porém como agora, que as modas de Paris se reproduzem aqui, quasi ao mesmo tempo em que as criam os grandes costureiros da Cidade-Luz. Póde-se avaliar o adeantamento de um povo pelo trajar de suas mulheres; o traje não é toda a civilização, mas é sem duvida o seu adorno, capaz de authentical-a. Ha civilizados que não se vestem, por falta de gosto ou de paciencia. Raramente porém um homem e e melhor uma mulher bem vestidos são pessoas aselvajadas. No sentido vulgar pois, a roupa é um estygma da civilização, que a define e traduz. Partindo desse postulado póde a gente concluir que o Rio se está realmente civilizando. Já se atravessa a Avenida sem se ver um vestido vermelho, notando-se que, quando digo vermelho não quero tão sómente lembrar a côr encarnada, mas todos os matizes gritantes e até as fórmas estapafurdias. Vermelho quer dizer aqui tudo o que fôr extravagante; a côr rubra, quando em moda, não constitue uma extravagancia, e ao contrario, o branco e o negro, quando fóra de época, chocam tanto quanto a carmin. Antes da guerra, por exemplo, em Paris, o vermelho estava nos manequins dos grandes costureiros. Quando digo, pois, que atravesso a Avenida sem ver uma roupa encarnada, é para significar apenas que nada vejo ali que me choque a vista e o sabor da elegancia ephemera. Ao contrario, pelo aspecto do elemento feminino não se tem no Rio de hoje a impressão de um paiz tropical exotico; não ha differença para o panorama humano das grandes cidades dos climas frios, onde a imaginação se exalta menos, ha mais medida, senso esthetico das proporções que se reflecte nas maneiras e no trajo.

Esse facto é tanto mais agradável de registrar-se, quanto ha poucos annos ainda as mulheres tinham no Rio plena liberdade para imaginar e crear os seus vestuarios. Quem percorresse a rua do Ouvidor e mais tarde a propria Avenida parecia penetrar em

um laboratorio humano, onde a imaginação estava se exercendo em inventar as coisas mais originaes e inverosimeis. Via-se de tudo; umas não se queriam sentir eguaes ás outras, e como a imaginação feminina é caprichosa, não havia limites ao poder creador das mulheres. Côres de roupa, fórmãs de vestidos, chápéos, tudo era pessoal, adaptando-se ao gosto de cada uma. Havia, sem nenhuma duvida, reflexos longinquos da Europa, mas a nota dominante era a côr local, o retoque pessoal com que a phantasia indigena transformava os modelos dos figurinos. Ora, no vestuario, a invenção é a morte da elegancia. Não sei se alguém já disse isso, mas em todo caso arrisco a sentença: a elegancia é por excellencia uma arte de imitação. A minha sensibilidade tem verdadeiros arrepios deante de um original da elegancia, seja homem ou mulher; o poder inventivo, nesse terreno, me aterroriza como a ameaça de um cataclysmo. Póde-se comprehender uma Maurice Rostand em Paris, como um paradoxo, um phenomeno que se contempla estarecido; mas aqui, semeilhante apparição ameaçaria revoltar, com o seu exemplo, o curso normal da civilização moderada. Decididamente não tenho nenhuma quêda para o vestuario inventivo, imaginado e creado com a intelligencia. O homem e a mulher devem vestir-se segundo a rotina, apenas com um leve toque, quasi imperceptivel, de originalidade, que lhe dê a nota pessoal, sem de longe ao menos suggerir a idéa de invenção, de ostentatorio poder creador. — ANTONIO LEAO VELLOSO (Do *Correio da Manhã*, Rio).

A aranha e o sapo

Dois animaes distanciadissimos na classificação zoologica, a aranha e o sapo, ambos desarrazoadamente temidos, injustamente desprezados, perseguidos e calumniados. Porque exterminar systematicamente as aranhas? Quem mata uma aranha desconhece a sua utilidade; onde existem muitas dellas, de todas as fórmãs, é logar povoado por variada fauna minuscula.

Quantas pessoas têm sido picadas por esses intelligentissimos animaes? Pouquissimas, só quando desaguetadamente colhidas ou machucadas nos seus esconderijos é que as aranhas usam da sua arma contra o homem. «Os seculos passam e os prejuizos ficam; o horror sem razão que inspiram as aranhas é uma tradição, um verdadeiro dogma.» (A. E. Brehm).

Salomão apresentava á sua côrte a aranha como symbolo da pericia, da sãbedoria, da prudencia e da virtude. Aristoteles descreveu a vida das aranhas mencionando os nossos inimigos que ellas combatem. A prevenção para com as aranhas venceu não se sabe porque. São astuciosas caçadoras, tanto as vagabundas que não tecem teias suspensas, produzindo a seda só para envolver os ovos e fixar as presas, como as sedentarias que fazem verdadeiras maravilhas em filatura.

Quem não tem visto, pela manhan teias orvalhadas nos barrancos e na relva; os admiraveis paineis de perolas suspensas entre arbustos por fios invisiveis; os funis e os labyrinthos, engenhosissimas armadilhas, emaranhando as abertas entre a folhagem rente ao chão?

Outras constróem suas casas no sólo; não ha palavras para descrever o engenho de um ninho da «aranha de alçapão». E' um tubo cavado no chão duro, em logar de declive para evitar a humidade, com uma tampa exactamente circular, que se abre para fóra, tampa essa com uma perfeita dobradiça, fechando sem deixar vão, e, maravilha! algumas com puchadores. De tal aspecto é o exterior, tão disfarçada a tampa, que estando abaixada, não é possivel perceber a porta do palacio atapetado de finissima, seda.

A variedade de aranhas é grande, havendo odio entre ellas, mesmo entre as da mesma especie; raramente vivem em boa companhia, quasi sempre distanciadãs uma da outra. E' notavel a raiva, quasi geral, das «demoiselles» pelos «messieurs»; a boda termina geralmente ou pela fuga espavorida do «esposo», ou pelo seu selvagem assassinato, e, imaginem... pelo

banquete de lua de mel que a «esposa» faz do cadaver do marido.

A aranha é barbara para com o seu «esposo» de um momento: mata-o de golpe e devora-o gulosamente.

E' menos má do que outras bellas e meigas aranhas que depois de enlearem definitivamente as «victimas» nas teias do matrimonio matam-nas lentamente «torturando-as» uma vida inteira...

Qual das nupcias será a preferivel, A das aranhas verdadeiras? Sim: ha o risco salvador da fuga.

A infinidade de moscas, mosquitos, borboletas, besouros, gafanhotos, grilos, carrapatos, larvas e vermes, na maioria prejudiciaes ás culturas e muitos, aos animaes, que as aranhas destróem, caçando-os, deve convencer a todos que esse incansavel auxiliar do homem é um amigo digno de protecção.

Bastam os seus inimigos naturais para que o mundo não venha a ser conquistado por ellas; entre elles existem muitas «vespas» caçadoras que com uma ferroteada certa, inoculam um anestesico que faz as victimas perderem todo o movimento, sem lhes tirar a vida; depois conduzem-nas inanimadas para o ninho de antemão preparado, buraco no solo ou casa de barro grudada em paredes, rochedos ou troncos. Depositam sobre cada aranha um ovo do qual sáe uma larva que se alimenta de certas partes do corpo da hospedeira, sómente causando-lhe a morte quando está prestes a passar a nymphia.

Ha a superstição de que as teias de aranha trazem prosperidade, talvez a unica até certo ponto util. As moscas e os pernilongos, estes para esperarem a noite e aquellas para esperarem o dia, procuram os tectos e os logares escuros: as aranhas, intelligentes, dão preferencia a esses logares. Em commodos enfeitados com estalactites de teias é raro uma mosca esvoaçar ou um pernilongo «viunar». As teias «caçam» tambem o pó, dahi o perigo de usal-as como ponto-falso, segundo um velho uso.

Ao que consta no Brasil e mesmo fóra delle ainda não existe um estudo sobre a utilidade na multiplicação de certas especies de aranhas como caça-

doras de determinados insectos nocivos ás culturas e dos transmissores de certas molestias. A Catalunha por duas vezes foi invadida por uma enorme quantidade de certas aranhas, que antes não tinham sido notadas; essas aparições coincidiram com as grandes nuvens de gafanhotos que visitaram essa provincia da Hespanha; essa especie é de terriveis perseguidoras de todos os saltadores.

Tive occasião de observar a destruição completa de um bolo de carrapatos-pólvora por varias aranhas que se installaram no arbusto onde esses perigosos transmissores da tristeza do gado esperavam, embolados, a passagem da primeira victima. Dezenas de vezes observei pernilongos engorgitados de sangue, voando pesadamente serem enleados com rapidez logo ao pousarem.

Nas escolas deve ensinar-se ás crianças que não só os passaros são uteis e dignos de protecção mas que a aranha, o sapo e mais animaes amigos são tão estimaveis quanto as andorinhas, os sabiás, as corruiras, os sacyes e outros insectivoros e que são mais uteis do que os cachorrinhos e gatos lanudos, ratos brancos, papagaios e gallos de briga. — O. F. —
(Do Estado de São Paulo.)

Renan, apóstolo das guerras de conquista

Como Renan geralmente só é conhecido pelo seu lado generoso de suave tolerancia e piedosa ironia, achamos interessante traduzir uma curiosa pagina sua a respeito das guerras de conquista.

Tiramol-a de uma das ultimas obras do grande escriptor: «La Reforme intellectuelle et morale de la France».

Renan escreveu-a depois de velho, e nella expoz todo o resultado da sua longa experiencia dos homens e de todo o seu paciente estudo.

Para os que só conhecem o romantico da «Vie de Jésus», as palavras que se seguem darão um bello exemplo dos ultimos pensamentos do Mestre.

Eil-as:

«A colonisação em grande é uma necessidade política absolutamente de primeira ordem. Uma nação que não colonisa está irrevogavelmente votada ao socialismo; á guerra do rico e do pobre. A conquista de um paiz de raça inferior por uma raça superior, que nelle se estabelece para governal-o, nada tem de estranhavel. A Inglaterra pratica este genero de colonisação na Índia, com grande vantagem para a Índia, para a humanidade em geral, e para a propria Inglaterra. A conquista germanica, do V e VI seculos, tornou-se na Europa a base de toda conservação e de toda legitimidade. As conquistas entre raças eguaes devem ser totalmente censuradas. Mas a regeneração das raças inferiores «ou abastardadas», pelas raças superiores, isso está na ordem providencial da humanidade. O homem do povo é quasi sempre entre nós um nobre desclassificado; sua mão pesada melhor se presta ao manejo da espada que ao uso de uma ferramenta servil. A trabalhar elle prefere bater-se, isto é, voltar ao seu 1.º estado. «Regere imperio populos», eis ahi a nossa vocação. Derramae essa devorante actividade sobre paizes que, como a China, solicitam a conquista estrangeira.

Dos aventureiros que perturbam a sociedade européa, fazei um «ver sacrum»: um enxame como o dos Francos, o dos Lombardos, o dos Normandos. Cada um ficará no seu papel. A natureza fez uma raça de operarios: a raça chinesa; duma dextreza de mãos maravilhosa, mas quasi sem nenhum sentimento d'honra. Governae-a com justiça, cobrando della, para beneficio de tal governo, um amplo imposto em proveito da raça conquistadora. Ella ficará satisfeita. Uma raça de trabalhadores da terra é o negro. Sê-de para elle bom e humano, e tudo estará em ordem. Uma raça de dominadores e de soldados, é a raça européa. Reduzi esta nobre raça a trabalhar no ergastulo como negros ou chinezes; e ella se revolta! Todo rebellado entre nós é, mais ou menos, um soldado que falhou á vocação, um sêr destinado á vida heroica, e que

vós applicaes a um trabalho contrario á sua indole. Máo operario, excellente soldado. Ora, a vida que revolta nossos trabalhadores tornaria feliz um chinez, um «fellah», sêres que não são de fôrma alguma militares. Que cada um faça aquillo para que nasceu, e tudo irá bem. Enganam-se os economistas considerando o trabalho como a origem da propriedade, é a conquista, e a garantia dada pelo conquistador aos frutos do trabalho feito derredor delle. Os Normandos foram na Europa os creadores da propriedade; porque desde o dia em que esses bandidos se apossaram de terras, estabeleceram, para si e para todas as gentes de seu dominio, uma ordem social e uma segurança nunca vistas anteriormente.»

Poucas paginas adeante ha este trecho ainda mais decisivo:

«Se a tolice, a incuria, a preguiça, a imprevidencia dos Estados não tivessem como consequencia fazel-os baterem-se, é difficil dizer a que gráo de rebaixamento poderia descer a especie humana. A guerra é assim uma das condições do progresso: a chicotada que impede um paiz de adormecer, e que força a mediocridade, satisfeita de si propria, a sahir da apathia. O homem não se mantem senão pelo esforço e pela luta. A porfia contra a natureza não basta. Por meio da industria, o homem acabaria reduzindo-a a bem pouco. Levantase então a luta das raças.

Quando uma população consegue fazer brotar de seu fundo tudo o que delle podia sahir, ella depois amoleceria se o terror do vizinho a não despertasse. Porque o fim da humanidade não é gosar.

Adquirir e crear são obra de força e de inocidade.

Gosar é da decrepitude.

O temor da conquista é assim, nas cousas humanas, um aguilhão necessario.

No dia em que a humanidade se tornasse um grande imperio romano, pacificado e sem inimigos exteriores, a moralidade e a intelligencia correriam os maiores perigos.» — (Da «*Revista Contemporanea*», Rio).



Agora, nós!

Ao cabo de cinco annos quasi de febril alvoroço do Brasil pela causa da França, que se jogava na grande guerra, as noticias vindas agora de Paris, em relação a nós, não nos parecem muito animadoras. Os brasileiros, que regressam de Paris, trazem amargas desillusões e um terrivel desapontamento sobre o carinho francez e a solidariedade latina com o Brasil. Como succede com todas as indoles possuidas de illimitada dedicação por uma causa, dedicação que toca as raias do fanatismo, é possível que haja occorrido com esses compatriotas um phenomeno muito natural: terem achado a realidade muito abaixo da expectativa. O colapso do enthusiasmo é inevitavel.

Mais de uma centena de brasileiros daqui partiram afim de prestar serviços de guerra á França. Longe do theatro da luta, recebendo delle as impressões coloridas pelo telegrapho, é de suppôr que na sua ingenuidade fizessem elles do quanto se passava na Europa um juizo muito mais fascinador do que o triste espectáculo que mezes depois se lhes deparava. O desengano da vista é ver. A vastidão do mar e a pureza das ondas de ether, percorridas pelas noticias mais negras, e pelas coisas mais detestaveis, parece que têm o dom de as clarear para illudir o mundo. O *front* alliado na guerra, particularmente o francez, não se nos afigurava um campo vermelho de batalha, mas uma abobada de céo primaveril. Tudo ali era azul e oiro. Os generaes urdiam planos de combate, pensando na liberdade, na egualdade, na fraternidade. Os commandantes em chefe ditavam ordens do dia, illuminadas de sabedoria e de doçura hellenicis. Os heróes tinham a linguagem humana dos poetas e dos cavalleiros do cyclo arthuriano. Os estadistas agiam com a imagem da humanidade deante de si, numa attitúde de tão grave belleza, que não podemos recordal-a sem emoção. No Marne limpido e sereno, a Razão e a Belleza erguiam a luminosa cidadella da civilização e da christandade contra a irrupção dos

barbaros, dos novos sarracenos, que já foram detidos, quando de outras vezes ameaçavam devastar a terra. E os heróes latinis, os redivivos de Sparta, de Athenas, possuiam altares, que nutriam os crentes e convertiam os increos, e onde se celebrava o sacrificio divino com uma lithurgia particular.

Os illuminados partiram, trabalhados pelas emoções subteis, que o quadro, apreciado á distancia, lhes despertava. E voltam como se houvessem respirado uma atmosphaera de gazes venenosos. Os deuses claros e harmoniosos que elles adoravam, deste pedaço de terra americana e nos quaes julgavam realizado o sonho de perfectibilidade humana — lhes pareceram divindades ferozes e sobretudo intrataveis. Não eram os heróes esbeltos da Attica, cheios de bondade e de intelligencia com ar hospitaleiro e gentil, mas Scythas brutos, entidades bárbaras que lhes revelavam jámais terem avistado a amabilidade sorrindo á beira do mar azul... A Chanaan surgia-lhes agora como uma miragem. Como na *Mosca Azul* de Machado de Assis, quizeram elles dissecar a sua illusão subtil, e nas mãos ficou-lhes apenas o corpo baço e feio. O sonho, o raio inferior que lhes ferira a imaginação desaparecera. Os homens gentis, que elles faziam creaturas cheias de encantamento e de benevolencia, eram almas egoisticas, interesseiras e dominadas de tristes preocupações elementares, que nem davam attenção aos outros, vindos de outras terras, para os defender e para os salvar.

Os espiritos sensiveis á justiça podem recusar-se a não acreditar nas explosões de descontentamento dos brasileiros ante o que elles viram e observaram na França. E' lícito dizer-se que quasi todos esses nossos compatriotas eram homens ingenuos, que desconheciam o quanto a distancia tem o poder de colorir e de dramatizar as coisas para as dissimular com uma tonalidade postiça. Elles esperavam, de certo, que o *boulevard* os recebesse com guirlandas e rosas, e o *boulevard* malicioso e que ama a *boutade*, as flores perversas do espirito,

mesmo maligno, riu-se. O *boulevard* é desabusado, é irreverente, deante do estrangeiro, ainda quando este vá, com seringas, instrumentos cirurgicos, e missões medicas, dar-lhe injeccões e coisas graves. Os brasileiros, que partiram afim de bater-se e trabalhar pela França, contavam encontrar Paris em Marselha, com quatro philarmonicas, muitos discursos, guardas de honra, banquetes, a Liga pelos Brasileiros incorporada no caes e com uma serie de mensagens famigeradas para aggredir os alliados incautos, como faz a nossa, quando aqui desembarcam o sr. Bunsen, o sr. Claudel e outros vultos da diplomacia alliada. Nada disso se fez, mas a muitos respeitoes o contrario.

Não nos deixemos conduzir entretanto pelas objurgatorias do despeito, para analysar a attitude da França em face do Brasil, no momento internacional que passa. Vamos discutir friamente, sem paixões, argumentando com factos, com elementos de natureza positiva. No final ver-se-á que ella não tem sido uma amiga, uma alliada do Brasil. Nós combatemos o imperio allemão, para adquirir — coisa espantosa! não a estima, a amizade da França, mas para grangear-lhe a má vontade e o desprezo, o que é ainda mais doloroso. E' preciso recordar que a intervenção activa do Brasil na guerra não visou ajudar os inglezes, servir os americanos, ou auxiliar os italianos. Cooperámos directamente com a França.

Os milhares de contos dispendidos como a missão medica foram empregados em amenizar os soffrimentos dos feridos francezes, em tratar os seus soldados, que vinham do *front*, dos hospitaes de sangue, das primeiras linhas de batalha. Os officiaes da missão militar bateram-se quasi todos nas fileiras dos exercitos da França, commandando companhias, pelotões, destacamentos, ou dirigindo baterias francezas. Ainda a divisão da esquadra, que não chegou a medir-se em mar largo com o inimigo (como aliás a franceza, que, salvo a diversão mallograda dos Dardanellos, não recebeu o baptismo do fogo) contudo se dirigia, não para cooperar com a frota

de combate ingleza ou americana, do Atlantico e do Mar do Norte, mas para o Mediterraneo, onde se encontrava a esquadra da Republica. Assim, a modesta divisão, que, na exiguidade dos nossos recursos, podiamos mobilizar, mandámo-la á França, para ajudal-a a defender as costas do sul e proteger o commercio oceanico, do assalto dos submarinos.

E, como isso tudo ainda fosse pouco, fez-se o convenio dos navios. Nesse caso, o ministro do Brasil em Paris, com raro cavalheirismo e um gesto de nobreza incapaz de ser apreciado pela corrupção administrativa do Quai d'Orsay, dava a sentir á França, que só lhe queriamos, arrendar os vapores, exclusivamente. Os negociastas, é exacto, metteram café no convenio, precisamente quando o sr. Olyntho de Magalhães mais fazia ver ao Quai d'Orsay que o Brasil, com inteiro desprendimento, só desejava fornecer vapores, e como uma contribuição de guerra, que pretendia levar ao blóco alliado. Encurtando palavras: a França teve, cedida por nós, uma alta tonelagem mercante, que utilizou, no trafico maritimo, para abastecer as suas populações civis e os seus exercitos. Por essa rapida enumeração se verifica que não ajudamos os outros allidos nossos em nada. Com a França fizemos tudo: a nossa sinceridade em relação a ella foi irreprehensivel. Desde o coração, palpitando de enthusiasmo, aos valores materiaes, á contribuição de sangue, tudo que a desengonçada bellicosidade de Jeca Tatu' pôde improvisar, lhe pertenceu soberanamente. Os outros não obtiveram nada: para ella se arranjou o que se pôde, e que não foi pouco, tratando-se de um paiz como o Brasil, pobre de recursos, sem sentimento militar exaltado, e a uma distancia enorme do continente europeu.

Com dolorosa surpresa, vemos na hora do ajuste de contas, a espada franceza desembainhada contrá nós, contra as reclamações mais justas e mais razoaveis do Brasil. Parece inacreditavel. A ingratidão da França é enorme connosco, que não a merecíamos porque nada fizemos para desajal-a. Ainda no regimen neutralis-

ta, homens públicos do Brasil, de mais graves responsabilidades, tiveram, em presença do conflicto europeu, attitudes inconvenientissimas, só para lhe serem agradaveis e demonstrar a sympathia nacional pela sua causa e aos ideaes greco-latinos, que acreditavam serem por ella apenas encarnados. Nenhum dos poderes alliados tem tido no caso dos navios allemães aqui abrigados, em que o Brasil agiu, utilizando-os, como uma correcção modelar, a attitude irritante e lamentavel que a França vem guardando para connosco. O sr. Epitacio Pessoa viu ministros francezes lhe mentirem pela gorja, dando como resolvida a questão dos vapores contra nós, pelo Conselho dos Quatro, quando o assumpto não fôra ainda nelle tratado.

Ante tudo isso, a impressão que se recebe é de que a joven republica franceza, ainda não terminou a guerra ao seu inimigo historico, e já se atira aos amigos, com o gesto de Rastignac, sobre a eminencia do Père Lachaise, fitando Paris: agora, nós! Porque é difficil digerir bois como a Grã Bretanha e os Estados Unidos, com chifres que ficam atravessados na garganta, o sr. Clemenceau está devorando a delicada aza do frango brasileiro. O facto só pôde causar especie aos simplorios que pensam que caça pequena seja feita para outra coisa senão para o papo de bicho grande. Escapa da garra de um para cair no dente de outro. Se me fosse dado a escolha, em vez de Montmartre, eu preferia ser caçado por uma farandula alegre de cowboys, no Far West americano, e assado numa fogueira, dentro da floresta virgem. Era pelo menos mais pittoresco e, talvez, mais divertido. — A. CHATEAUBRIAND (Do «Correio da Manhã», Rio).

...

Notas Scientificas

O somno

Os gregos divinizaram o somno. Hypnos, sua personificação allegorica, era filho de Erebo e da Noite e irmão de Thanatos, personificação da

morte. Era pae de Morpheu, de Phantasio e dos Sonhos.

Hoje o somno estudado á luz da physiologia é tido como resultado da fadiga e explicado pela retração dos neuronios, nome dado á cellula nervosa com seus prolongamentos.

O somno é mais necessario ao nosso organismo que o alimento.

Maria Manaccina, fazendo experiencias em cães, provou que um animal que leva quatro dias sem dormir, fica num estado mais lamentavel que um outro que tenha ficado quinze dias sem comer.

«Quem dorme janta», diz um dictado francez, tendo Dubois provado o seu asserto pelo facto de augmentarem de peso os animaes em estado de hybernação. As marmotas que durante uma parte do anno cáem em em estado de somno, reduzindo suas trocas com o exterior ao minimo, diminuindo os movimentos respiratorios, com o chamado somno hybernal, augmentam de peso.

Ha, portanto, durante o somno uma fixação ainda maior do oxygenio no organismo, e, com isso, o somno alimenta.

Tem-se no emtanto, querido abster-se delle como se o tempo dedicado ao somno fosse perdido.

Frederico o Grande, que assim considerava, ficou depois da experiencia em um estado visinho da idiotia, de que necessitou de longo tratamento.

O grande philosopho de Koenisberg — Kant, estimava os homens pelas horas dedicadas ao somno, que elle julgava um factor de inferioridade.

Em 1850, Grinodeau, apresentava á Faculdade de Medicina de Paris uma these, que concluia por aconselhar combater o somno, «este habito estúpido e mesmo nocivo».

E' por motivo destas opiniões que a hygiene é chamada a mostrar o meio termo.

A deusa Hygia, que vela pela saude do homem, evitando o desequilibrio das funcções, intervem então para mostrar os beneficios do somno salutar necessario á vida e os males do somno exaggerado proprios dos doentes e dos preguiçosos que se enquadram tambem sempre entre os doentes.

Nas creanças os terrores nocturnos são attribuidos á tara nevropathica e principalmente ás verminoses.

Nos neurasthenicos e no início das affecções mentaes á insomniia succede o somno agitado, que se encontra egualmente nos individuos sujeitos a perturbações digestivas.

Quando a tendencia ao somno é exaggerada, chama-se «narcolepsia», e encontra-se principalmente entre as nevroses, a hysteria e a epilepsia.

Ha mesmo uma molestia chamada «do somno», que ataca os negros no norte da Africa, produzida por um protozoario (animal microscopico) — trypanosona gambiensis, que se propaga por intermedio da moscae Tsetse.

O somno pathologico esgota o individuo ao contrario do somno natural, que é o reparador das funcções do nosso organismo.

Que precisamos do somno, provam os factos, mas precisamos aprender a dormir. Sem sermos levados ao fatalismo do proverbio chinez que diz «mais valer estar sentado que em pé, deitado que sentado, morto que deitado», necessitamos, conforme a idade, dedicar ao somno uma parte das 24 horas do dia.

E' a seguinte a tabella dos physiologistas:

	horas
4 a 6 semanas	22
1 a 2 annos	18 a 16
2 a 3	17 a 15
3 a 4	16 a 14
4 a 6	15 a 13
6 a 9	12 a 10
9 a 13	10 a 8

Oito horas é, portanto, o tempo necessario ao somno do adulto, de onde a formula dos tres oito inscripta nas reivindicacões operarias: oito horas de trabalho, oito horas de somno e oito horas de lazer.

O individuo deve dormir num quarto bem arejado, de preferencia de janelas abertas, devendo-se combater o máo habito das creanças e mesmo dos adolescentes de cobrirem a cabeça por temor durante o somno.

Como as plantas respiram como nós, não se deve tel-as no quarto de dormir.

Aos habitos dos trappistas e aos attribuidos entre nós ao Almirante Tamandaré, de dormir em uma taboanua, preferimos o conselho do dictado: «A hygiene manda que se durma em cama branda.»

Dormir, todos dormem, mas saber dormir é que muitos precisam aprender. — DR. BARBOSA VINNA.

...

Variedades

São os musicos uns desequilibrados?

Tem-se muitissimas vezes a tendencia de considerar os musicos como maniacos e de tratá-los como se fossem diferentes dos outros homens. A culpa disso é sem duvida da propria arte musical, que tão exclusiva é, que não conduz a nenhum outro estudo, nem sicientifico, nem literario, nem historico. A musica poderia de uma certa maneira existir num mundo que lhe fosse privativo, e onde não houvesse outra cousa. O pintor não poderia piaticar a pintura sem sahir da pintura para encontrar um assumpto. Ainda menos um escriptor poderia escrever sem inspirar-se na vida ambiente. A arte literaria é mais reflexiva, enquanto que a arte da musica é apenas a expressão de sentimentos.

Mas não ha, entretanto, razões para que um musico seja mais aluado do que um pintor ou um poeta. Um musico deve ser, antes do mais, dotado de uma sensibilidade mais intensa do que a dos outros seres humanos. Além disso, elle é obrigado a passar annos e annos a aperfeçoar-se numa arte particularmente difficil e isto o impede quasi sempre de se pôr em contacto com o mundo exterior.

Estando assim, por natureza e por habito, separados do commum dos homens, estes os não comprehendem, e os chamam de malucos.

Beethoven era maluco, talvez, quando atirava ovos á cara do seu cosinheiro; mas pôde-se considerá-lo tal quando escrevia suas symphonias? Chama-se maluco a Glük porque elle ati-

rava a sua batuta de regente á cabeça dos cantores; Heendel foi tratado como desequilibrado por ameaçar de deitar pela janela abaixo as cantoras que o desagradavam; Paganini, segundo a opinião de todo mundo, era o mais louco dos loucos, o que o não impedia de tocar violino divinamente. — (*The Musical Courier*, New-York.)

Escola para deputados...

J. J. Johnson, um austero e grave professor de Harrisburg, capital da Pennsylvania, realizou ha tempos uma conferencia, que, na oponião do *Chicago Dall*, «deveria ter enchido de rubor o rosto do parlamentarismo».

«Eu, senhores — disse em resumo, mais ou menos, o cathedratico de Harrisburg fui, como Benjamim de Tuleda, não de sinagoga em sinagoga, mas de Parlamento em Parlamento, buscando a luz da democracia.

Estive na Europa, na Asia, na Africa, na Oceania, na America. Em todas as partes, annotei o que vi e observei nas minhas visitas aos circulos parlamentares.

E sabeis qual o resultado a que me levaram esses estudos?

Eil-o: uma estatistica demonstrando que, entre os senadores e deputados do mundo inteiro, a porcentagem dos valores intellectuaes é menor do que em qualquer outro gremio de associações! Não fazeis idéa do numero de ignorantes e illetrados que são legisladores! Sem exaggero, posso dizer que num Parlamento, como o de Paris, o menos imperfeito, na minha opinião, não ha mais de 50 intelligencias; no de Londres, 43; no de Roma, 17; no de Washington, 5...»

Gomez Camillo, commentando essa conferencia original, escreveu, estas palavras, dignas de alto apreço:

«Extranha V. por acaso, que o conferencista de Harrisburg queira impôr aos candidatos ás Côrtes um titulo academico?

Eu, não... Na nossa época, em que para exercer uma profissão qualquer fazem-se necessarias provas espe-

ciais e exames mais ou menos serios, não se explica, realmente, que um cidadão, para chegar a pae da patria, mal saiba ler e escrever...

A tarefa de legislador não requer, porventura, mais conhecimentos scientificos, philosophicos, historicos e literarios que a de inspector de Segurança ou a de notario publico? Claro que sim. Entretanto, hoje, um homem que aspira a ser deputado não tem obrigação de saber o que se exige a um mestre de escola!

O mecanismo moral e material do mundo e a sua riqueza ou a sua pobreza estão nas mãos dos parlamentares. Tanto assim que, quando se quer conhecer o nivel de um paiz, é o Parlamento o logar para onde primeiro a nossa vista se conduz.

Numa sessão da Camara franceza, disse Gabriel d'Annunzio, agitam-se mais idéas que em uma legislatura italiana. E não é a Camara franceza o que ha de melhor em Paris, na opinião de Charles Mannas...

O proprio Johnson, que reconheceu a sua superioridade sobre as outras, afirma que «dos seus 500 membros apenas 50 têm capacidade para legislar!» Eis porque, na sua gravidade de cultivador de theorias, o conferencista não olvidou que, em principio, todo o poder, bom e máo, que rege os homens, se acha nas mãos dos senadores e deputados. São elles os substitutos do tyranno de outros tempos. Com uma pennada, podem provocar tragedias, ruinas, hecatombes. A Fazenda publica está sob o seu absoluto dominio...

Assim, pois, parece-me que estamos todos de perfeito accôrdo quanto á necessidade de que os candidatos estudem. E é por isso que perguntamos: Em qual das nossas faculdades irão elles aprender a sua carreira. Na de Legislação e Jurisprudencia? Na de Philosophia e Letras? Na de Medicina? Na de Engenharia?

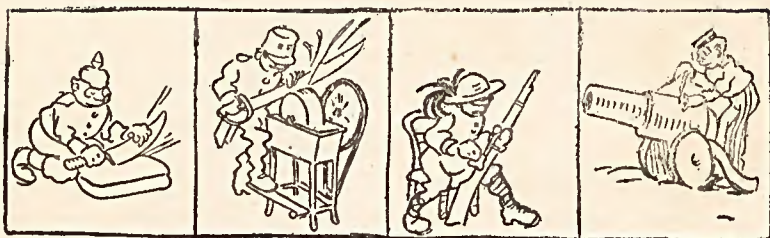
O americano responde:

«Em nenhuma dessas. E logo propõe que cada paiz mantenha um Instituto de Estudos Parlamentares, a cujas aulas serão obrigadas os aspirantes a Lycurgos...»



CARICATURAS DO MEZ

Depois da assignatura da paz...



... a Europa retoma os trabalhos pacifistas.

(Voltolino — Pasquino — S. Paulo)

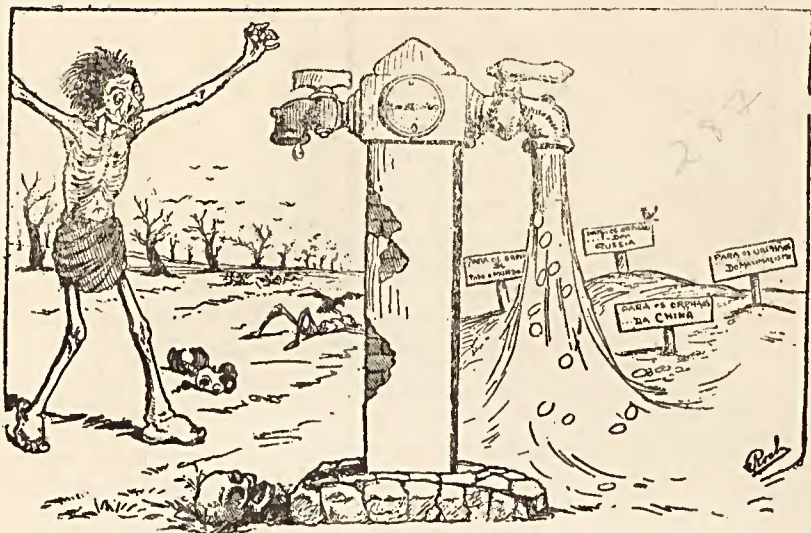
A PARTILHA



Os aliados — O criterio adoptado, caro Brasil, é que você ficou a
haver navios...

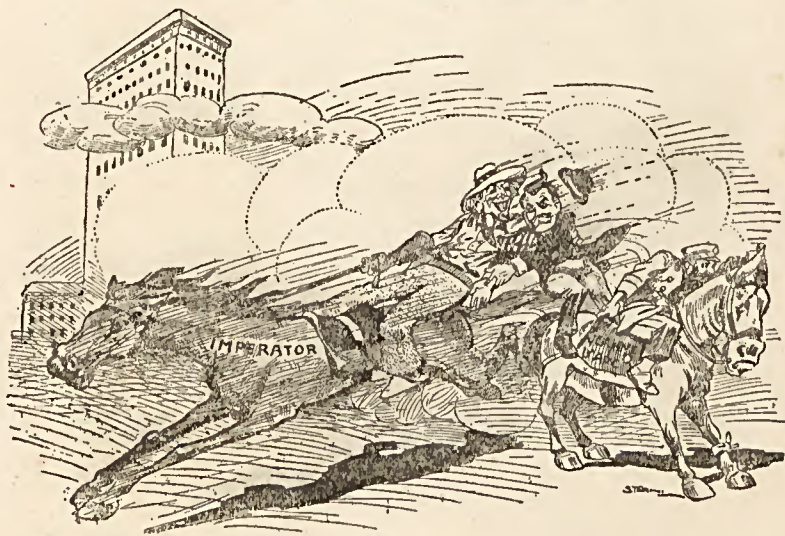
(Storni -- D. Quixote — Rio)

A fonte do Bem e do Mal
Caridade & Ostentação



Para tudo ha dinheiro, menos para os nossos irmãos do Norte.
(Rocha — D. Quixote — Rio).

American Film Corporation...



Uma fita de grande sucesso.
(Storni — D, Quixote — Rio).

A explicação de um entendido



— Dizem «ll s» que quando vié o tar de Soviêts, os home todo se caza, só pelo tempo que quizêre.

— Virge Nossa Senhora! Eu pensei que ia melhora! Intão fica tudo no mesmo, como agora?!

(J. Vaz — D. Quixote — Rio)

Versatilidade



JECA TATU — A política tá passando de moda, consêtero. Eu preferia agora vê vossemicê num campo de football...

(Seth — D. Quixote — Rio)

Historia antiga e contemporanea



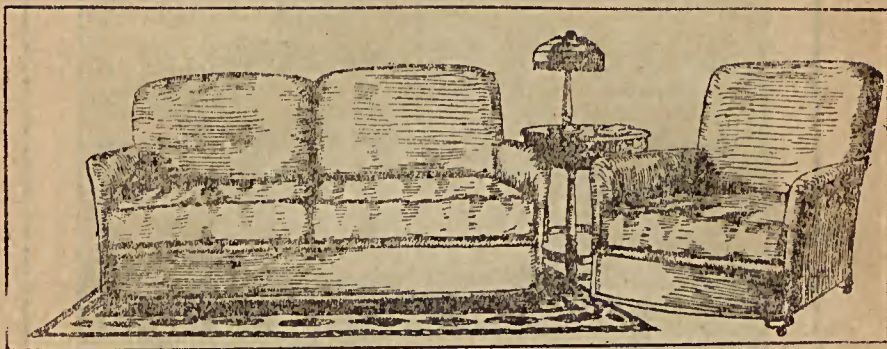
Thiers e Bismarck.

(J. Carlos — Careta — Rio)

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO

**AGUA TONICA
ANTI-FEBRIL**

Approvada pelo Instituto Sanitario Federal
Preparada pelo
Farmaceutico SILVA ARAUJO

**AGUA
INGLEZA**

N.B.-A cada garrafa acompa-
nha um copinho de medida

**RECONSTITUINTE
FEBRIFUGO ESTOMACAL**



LIVRARIA ACADEMICA

Largo do Ouvidor 5-B S. Paulo

Dr. Affonso Dionysio Gama - *Da Antichrese* (Theoria e pratica). Estudo completo, unico no direito nacional, comprehendendo legislação, doutrina, jurisprudencia, formulario, a antichrese no direito patrio, a antichrese no direito estrangeiro e um indice alphabetico e remissivo de toda a materia. Um bello volume em 4.º, de 333 pags., br. 12\$000, enc. 15\$000

Dr. Manoel Pacheco Prates (Lente da Faculdade de São Paulo) - *Theoria elemental da posse*. Exposição clara e precisa dos principios essenciaes; indica e resolve todas as hypotheses praticas sobre aquisição e perda de posse. Um volume brochura 4\$000, encadernado 6\$000

Estudo de Direito Civil - Lições professadas na Faculdade de Direito. Direitos Reaes. Propriedade. Dominio. Casamentos. Desquite. Sucessão. Acções. 1 vol. br. 5\$ enc. 7\$

Grande variedade de livros de direito brasileiro e portuguez literatura, educação e ensino, sciencias sociaes, etc. Envia-se o catalogo dos livros de direito a quem o pedir.

GRATIS! OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 9\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas yerbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

::: BOLETIM A ENCHER :::

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem.....\$..... importância das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importância de.....\$.....
..... de de 19.....

GOSAR
É
FUMAR

37

MISTURA
DA
MODA

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.



Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc Inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE

Louças, LIVROS e

Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

2\$000

é quanto paga a Administração da **Revista do Brasil** por exemplar dos Numeros 25, 29, 32 e 35, que lhe fôr enviado para a Caixa, 2-B' S. Paulo, Rua da Boa Vista N. 52

LIVROS USADOS A' VENDA

<i>Dion Cassius</i> — Histoire Romaine, 10 vols.	40\$000	reis.
<i>A. Comte</i> — Politique positive, 4 vols.	20\$000	>
<i>A. Comte</i> — Philosophie positive, 6 vols.	18\$000	>
<i>Bossuet</i> — Meditations sur l'Evangile, 1 vol.	3\$000	>
<i>Pindaro</i> — Oeuvres completes, 1 vol.	2\$000	>
<i>A. Bain</i> — Logique, 2 vols.	10\$000	>
<i>Leão Bourroul</i> — Hercules Florence, 1 vol.	5\$000	>
<i>Stuart Mill</i> — Economie politique, 2 vols.	6\$000	>
<i>Adams</i> — La Confederation Suisse, 1 vol.	3\$000	>
<i>Bruntschli</i> — La politique, 1 vol.	3\$000	>
<i>Passi</i> — Formes de gouvernement, 1 vol.	3\$000	>
<i>Letourneau</i> — L'evolution de la proprieté	5\$000	>
<i>Neymarck</i> — Turgot et sa doctrine, 2 vols.	6\$000	>
<i>Tocqueville</i> — De la democratie en Amerique, 3 vols.	8\$000	>
<i>Lyell</i> — Principes de geologie. 2 vols.	10\$000	>
<i>Mignet</i> — Histoire de la Revolution Française, 2 vols.	5\$000	>
<i>Monte Alverne</i> — Obras oratorias, 4 vols.	20\$000	>
<i>Arnould et Pujol</i> — Histoire de la Bastille, 4 vols.	12\$000	>
<i>Thiers</i> — Histoire de l'Empire, 4 vols.	20\$000	>
<i>Thiers</i> — Histoire du Consulat, 1 vol.	5\$000	>
<i>Thiers</i> — Histoire de la Révolution, 2 vols.	10\$000	>
<i>Thiers</i> — Consulat et Empire. Atlas, 2 vols.	20\$000	>
<i>Henri Martin</i> — trad. P. Chagas — Histoire de France, 7 vols.	30\$000	>
<i>Voltaire</i> — Oeuvres, 11 grandes volumes	60\$000	>
<i>Rabellais</i> — Oeuvres, 7 vols.	12\$000	>
<i>Byron</i> — Oeuvres, 4 vols.	8\$000	>
<i>Po Chagas</i> — Historia de Portugal, 9 vols.	27\$000	>
<i>Bossuet</i> — Orações funebres, 2 vols.	5\$000	>
<i>Otfried Müller</i> — Litterature grecque, 3 vols.	12\$000	>
<i>Quintiliano</i> — Oeuvres completes, 3 vols.	6\$000	>
<i>Joly</i> — L'Homme avant les metaux, 1 vol.	3\$000	>
<i>Bain</i> — La science de l'education, 3 vols.	3\$000	>
<i>Comte</i> — Appello aos conservadores, trad. Mignel Lemos, 1 vol.	3\$000	>
<i>É. Veron</i> — Histoire de la Prusse, 1 vol.	3\$000	>
<i>Nivoit</i> — Elements de geologie, 1 vol.	2\$000	>
<i>Retnald</i> — Historia da Inglaterra.	2\$000	>
<i>Léon Donat</i> — Lois et mœurs republicains, 1 vol.	2\$000	>
<i>Aulu-Gelle</i> — Oeuvres, 2 vols.	4\$000	>
<i>Le Play</i> — La constitution de l'Angleterre, 2 vols.	5\$000	>
<i>Foillet</i> — Idées modernes du Droit, 1 vol.	3\$000	>
<i>Carlier</i> — La Republique americaiue, 4 vols.	12\$000	>
<i>Skalkovski</i> — Les ministres des Finances de la Russe, 1 vol.	3\$000	>
<i>Spencer</i> — Various fragments, 1 vol.	2\$000	>
<i>Lavisse</i> — Le Grand Frederique avant l'Avenement, 1 vol.	5\$000	>
<i>Letourneau</i> — La guerre, 1 vol.	5\$000	>
<i>Lastarria</i> — Philosophie politique, 1 vol.	3\$000	>
<i>Campoamor</i> — Los pequenos poemas, 1 vol.	3\$000	>
<i>Thucydides</i> — Guerre du Péloponese, 1 vol.	3\$000	>

(Vide pagina seguinte)

<i>Porto Alegre</i> — Brasilianas, 1 vol.	3\$000	reis
<i>Fialho</i> — Pasquinadas, 1 vol.	2\$000	»
<i>Senecil</i> — Economie politique, 2 vols.	4\$000	»
<i>Seneco</i> — Oeuvres, 4 vols.	10\$000	»
<i>Plauto</i> — Com. dies. 2 vols.	6\$000	»
<i>Brunetiere</i> — Le roman naturaliste, 1 vol.	3\$000	»
<i>Veron</i> — Histoire de l'Allemagne, 1 vol.	3\$000	»
<i>Veron</i> — La morale, 1 vol.	3\$000	»
<i>Eutrope</i> — Histoire romaine, 1 vol.	2\$000	»
<i>Leroy Beaulteu</i> — Le travail des femmes, 1 vol.	4\$000	»
<i>Ferrero</i> — La Europa Giovani, 1 vol.	4\$000	»
<i>Letourneau</i> — La biologie, 1 vol.	3\$000	»
<i>O Ponoromo</i> — 15 vo's. encadernadas	60\$000	»
<i>Hugo</i> — Cromwell, 1 vol.	3\$000	»
<i>Beroliet</i> — La memoire, 1 vol.	3\$000	»
<i>Hortenberg</i> — Traitement des neurasthenique	3\$000	»
<i>Ortigão</i> — Banhos de caldas, 1 vol.	4\$000	»

Nestes preços não se inclúe o porte pelo Correio
 Pedidos á "REVISTA DO BRASIL" - Caixa 2 B - S. PAULO

EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Acaba de ser posta á venda a quarta edição dos

"Urupês"

de Monteiro Lobato, impressa em magnifico papel
 Preço: brochada, 4\$000 réis; encadernada, 5\$000 réis.

SACY PERERÉ, resultado de um inquerito. — Preço, 4\$000 réis.

Lima Barreto — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"

Magnifico romance da vida carioca, recebido com unanimes
 louvores pela critica nacional. — Preço; 2\$000 réis.

ANNAES DE EUGENIA

Grosso vol. com todos os trabalhos, conferencias e estudos da sociedade Eugénica de S. Paulo, sendo um interessantissimo repositório de todas as momentosas questões da eugenisacão da raça. Leitura necessaria á classe medica e aos educadores. Pedidos á "Revista do Brasil". — Preço: 8\$000

GUIA BOTANICO da Praça da Republica e do Jardim da Luz, pelo naturalista Dr. A. Usteri — Preço, 2\$000

Encontra-se á venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" e nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C. Andrade, conto maravilhoso, para crianças. — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Nesses preços está incluído o porte - Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO



INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio; Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clínica medica especialmente
das crianças. Res.: R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vi-ta, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escritorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas". São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emil o Rocco. — Novidades em
cascaira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annats de Eu-
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S Paulo
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade
em Artigos omesticos e artigos para Encerar :: ::

P. R. AMARAL IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

“Trevo”

SE EXPORTAM

LOTERIA DE S. PAULO

Em 12 de Agosto

50:000\$000

por 3\$500

Quintos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETS,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas
Guanabara



CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peça(m) Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery

Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM CARNE
 LACTO PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA

VINHO
RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.

EXIJAM A NOSSA
 MARCA




URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinarias.
 Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Uro-
 pina, Lyceol, Neo-Sidonol e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro



As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa semrival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a

Rua São Bento, 29-c - 5. Paulo

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O novo governo	289
BALDUINO COELHO.	O Conselheiro João Alfredo.	291
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XIII).	314
MONTEIRO LOBATO.	Porque Lopes se casou	323
ROBERTO RODRIGUES	Uma excursão ao alto do Itatiaya	328
MARIO AZEVEDO.	Versos	333
RODRIGO OCTAVIO <small>da Academia Brasileira</small>	O Rebellado	336
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	347
OCTAVIO BRANDÃO.	Nos Canaes alagoanos	353
REDACÇÃO	{ Bibliographia Resenha do Mez	357 362

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 44 - ANNO IV — VOL. XI — AGOSTO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Os mortos do mez - Academia de Letras - Lafayette na intimidade (*Alfredo Pujol*) - REVISTAS E JORNAES: Snobismo e mais snobismo (*Antonio Torres*) - A defeza nacional (*O Imparcial*) - Rondon (*Alexandre Albuquerque*) - João Ribeiro e o folk-lore (*Tristão de Athayde*) - Os dois tigres (*Humberto de Campos*) - Eça de Queiroz (*João Ribeiro*) - Os nossos hospedes (*Micromegas*) - A poesia em Portugal (*Mayer Garção*) - HOMENS E COISAS DO EXTRANGEIRO: Haeckel - Carnegie - Clemenceau e a sua estatua - NOTAS SCIENTIFICAS: O bocio e a molestia de Chagas - VARIEDADES: Como se combatem os incendios nas mattas - As modas femininas.

ILLUSTRAÇÕES: No pico do Itatiaya, Agulhas Negras, a 2.983 metros de altitude - Nos canaes alagoanos, varios aspectos.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO,
Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.
Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Belo Horizonte.
Pernambuco: Mario Sette, Recife.
Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.
Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.
R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.
Paraná: Seraphim França, Corityba.
Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos
Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.
Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Sels mezes	8\$000
Numero avulso.	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Centra

BYINGTON C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO



Etablissements

Bloch

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

CASA BRITANNIA

S. PAULO

Macdonald & C.

Moveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,,

Mechanica-Pintura-Sellaria

Carrosserie - Vulcanisação -

Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Rv. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

BYINGTON C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICICO COMO:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

Etablissements

Bloch

❖ Société
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos.

❖

Fazendas
e Tecidos

Río de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévis

CASA BRITANNIA



S. PAULO



Macdonald & C.

Moveis Finos

e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59



OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,,

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411
Caixa Postal N. 534 — End. Teleg.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20
Canto Libero Badaró

S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escaia, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Soroceaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Agua Mineral

Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Acção Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahía,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Montevidéo,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

PHENO-DANICA

≡ Superior Desinfetante ≡



Vende-se em caixas de 50 latas de 1 litro e em latas de 10 litros e vidros 100 grammas

O mais perfeito desinfetante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfetante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Camamos a attenção srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfetante no tratamento de febre aphtosa e molestias congengeres, bicheiras, bernes e carrapatos.

~~~~ Peçam amostras gratis ~~~~

## A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central  
Caixa Postal N. 1410

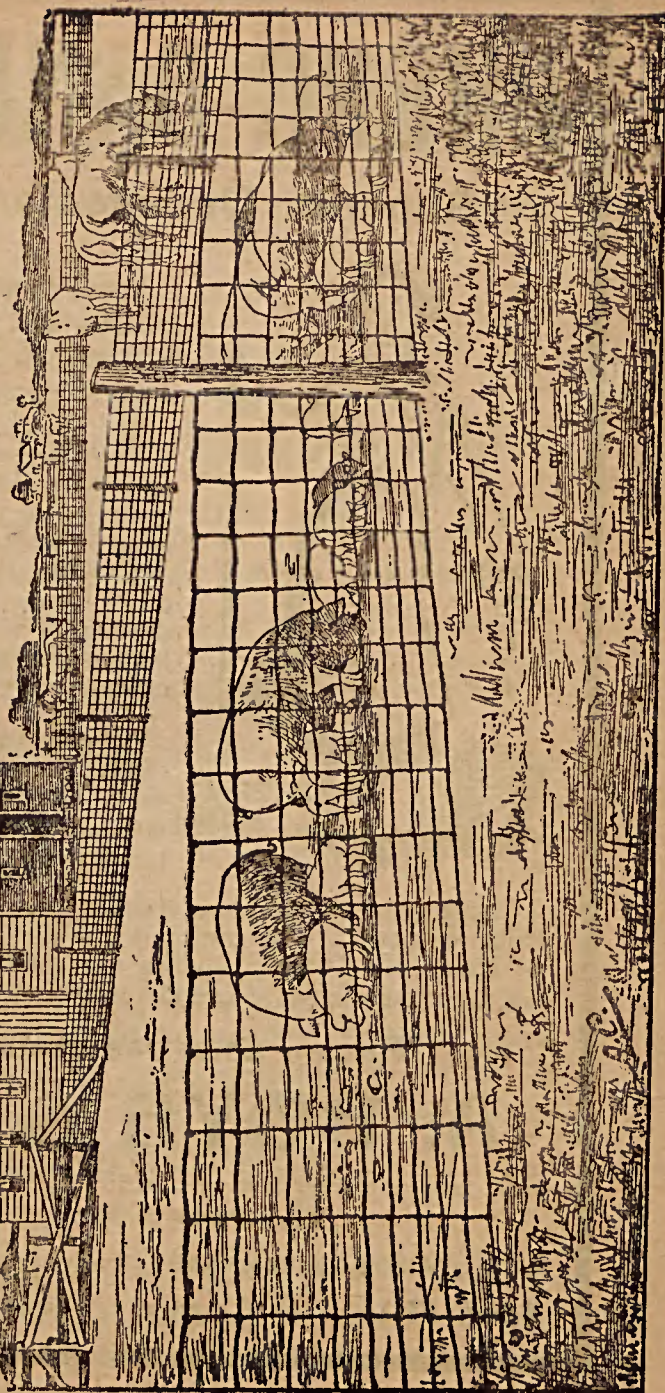
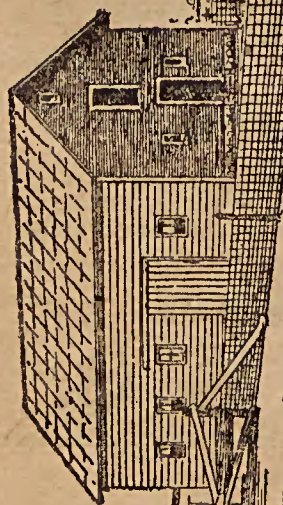
DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: \_\_\_\_\_

**José Milani & Comp.** - Caixa Postal, 237

# Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes :

**Soc. Industrial e de Automoveis Bom Retiro**  
Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



# Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:  
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTEE DE

|                                            |                                   |
|--------------------------------------------|-----------------------------------|
| Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . . | <i>Seguros contra fogo</i>        |
| J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .    | <i>Cimento</i>                    |
| Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .           | <i>Creolina</i>                   |
| T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .       | <i>Mataborrão</i>                 |
| Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .     | <i>Chá da India</i>               |
| Read Bros. Ltd., Londres . . . . .         | <i>Cerveja Guinness</i>           |
| Andrew Usher & Co., Edinburg . . . .       | <i>Whisky</i>                     |
| J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .       | <i>Champagne</i>                  |
| Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne . . .   | <i>Tintas preparadas</i>          |
| Major & Co. Ltd., Hull . . . . .           | <i>Preservativo de Madeiras</i>   |
| Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . .   | <i>Dynamite</i>                   |
| Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .      | <i>Gesso estuque</i>              |
| P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .     | <i>Ladrilhos</i>                  |
| Platt & Washburn, Nova York . . . . .      | <i>Oleos lubrificantes</i>        |
| Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .  | <i>Ferra em barra e em chapas</i> |

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"  
Superior polvora para caça marca "VEADO" em  
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para  
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos  
para industrias, louça sanitaria, etc.



1° VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. “Usei tudo” e nada me curou.

2° VELHO — “Usei tudo” — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.



# AGUA PURGATIVA

## MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



### COMPOZIÇÃO:

|                                                |         |
|------------------------------------------------|---------|
| Sulfato de sodio anhydro . . . . .             | 96.265  |
| Sulfato de potassio anhydro . . . . .          | 0.239   |
| Sulfato de magnesia anhydro . . . . .          | 3.268   |
| Sulfato de cal . . . . .                       | 1.949   |
| Chlorureto de Sodio anhydro . . . . .          | 2.055   |
| TOTAL das substancias fixas . . . . .          | 103.776 |
| Em um litro de agua gazoza purgativa . . . . . |         |

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

**XAROPE DE LIMÃO BRAVO E BROMOFORMIO DE QUEIROZ**  
**CURA: TOSSE, ASTHMA, CATARRHOS, COPULUCHE etc.**

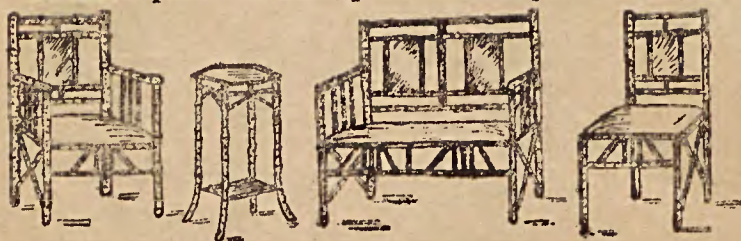
**DROGARIA AMERICANA**  
**Rua Libero Badaró 144**  
**SÃO PAULO**



Casa Franceza  
— de —  
**L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>**

Rua S. Bento, 89 e 91  
SÃO PAULO

Mobílias para Jardins, para halls e para terraços



Mobília Bambú 10 peças - - 1 sofá, 2 poltronas, 1 meza, 6 cadeiras — Completo - 165\$000



Mobília de Vime - Terno 3 peças: com almofados 175\$000,  
— sem almofados 140\$000 —



Mobília para Jardins 6 peças — 1 sofá, 1 meza  
2 poltronas, 2 cadeiras, por 275\$000

Pedimos visitar a nossa casa - Entrada franca sem obrigação de compra  
Importação Directa

# REVISTA DO BRASIL

Agosto, 1919.

## O novo governo.

De quatro em quatro annos o Brasil esperta, olha para a frente e sorrí, cheio de esperanças. Um novo governo se approxima. Plataformas, profissões de fé, discursos políticos promettem-lhe o feliz advento da administração honesta e intelligente por que elle tanto aneia. Aos primeiros actos, porem, do sol nascente, mais uma desillusão cruel vem juntar-se ás innumeradas de que tem sido fertil a Republica entre nós. Verifica o paiz que houve mudança de actores, mas a companhia permanece a mesma. Cartaz novo na parede, mas disfarce da peça sempre — o Regabofe. As camarilhas de pilhagem, senhoras da machina politica, manobram as teias das injuncções e fazem do novel presidente um titere a serviço da panquéca, tal qual como o anterior; e tudo continu'a, para os politikeiros «conservadores» — conservadores dum estado de coisas extremamente favoravel ao seu joguinho — como na melhor das republicas possiveis. A desillusão numero um decorre mathematicamente do acto presidencial numero um: a escolha do ministerio. Nunca é o ministerio que a situação nacional requer, que o bem publico impõe, que a nação deseja. E' sim um grupo de delegados da camarilha, prepostos á facilitação de todos os arranjos politicos, o que vale dizer do assalto ao Thesouro. D'onde, mal circulam

os nomes dos novos escolhidos, o *oh!* geral de desapontamento que explode no paiz, de norte a sul.

Com grande assombro, neste bemaventurado anno da graça de 1919, o presidente Epitacio rompe a velha norma. Em vez de desapontar ao paiz, tira a ponta á camarilha. O bando inteiro, hoje banda allemã, vê pela primeira vez, e com grande pasmo, insurgir-se a creatura contra os creadores. O presidente que elles, porque o fizeram, suppunham boneco docil, não lhes estende a mão nem lhes pisca o olho para a «peça ao paiz», mas apresenta-lhes inopinadamente a biqueira do pé. O assombro perdura, porque o facto é virgem nos annaes da orgia republicana. O paiz desejava Ruy Barbosa. Votou em Ruy Barbosa. Elegeu Ruy Barbosa. Viu, porem, pela segunda vez, o seu voto livre annullado pelo voto mecanico da machina de votar, montada pela camarilha. Apesar disso, o paiz bigodeado respira. Não teve na curul suprema a quem quiz, mas começa a ver lá uma entidade zoologica que já suppunha inexistente nas plagas brasilicas, um homem. E, mais esperançado do que nunca, agarra-se com os santos para que esse homem o seja no começo, no meio e no fim.

Está farto de ver pelas alturas figuras de engonço, que dizem «papá» e «maman», conforme os cordeis puxados pelos «leaders» da patóta...

---





## O CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

*Estes apontamentos biographicos, escriptos em 1897, e, pois, ainda em vida de João Alfredo, eram destinados ao Diccionario de Brasileiros Ilustres, publicação emprehendida, segundo se pensa, pela viscondessa de Cavalcanti. Não se tendo levado a effeito tal publicação, damos aqui o interessante trabalho inédito do Conselheiro Balduino Coelho, que foi official de gabinete do notavel estadista no ministerio de 7 de Março, seu secretario na presidencia de S. Paulo, e sempre o seu consultor e grande auxiliar durante a phase de maior responsabilidade na vida publica do eminente brasileiro. Balduino Coelho era um espirito brilhante e agúdo, profundo conhecedor da nossa lingua, dotado de esmerada cultura literaria e figura de primeira plana na administração publica dos ultimos annos do Imperio.*

João Alfredo Corrêa de Oliveira nasceu a 12 de dezembro de 1835 na ilha de Itamaracá (Pernambuco), no engenho São João, propriedade e residencia dos avós maternos, para a qual, conforme a vontade destes e o costume já observado quanto ao logar do nascimento dos primeiros netos, tinham a tempo ido os paes—Manoel Corrêa de Oliveira de Andrade e d. Joanna Bezerra de Andrade — domiciliados na comarca de Goyana, onde viviam desde o casamento e falleceram grandes agricultores, proprietarios dos engenho Uruaé e das terras do antigo Morgado de Mariu'na.

Aos oito annos de idade foi entregue aos cuidados do padre Pedro da Silva Brandão, virtuoso e excellente preceptor, de quem, junto da familia, reeebeu a instrucção primaria e parte da secundaria. Em junho de 1849' passou á cidade de Olinda para conciuir os estudos preparatorios, sob a direcção do dr. José Lourenço Meira de Vasconcellos. Um mez depois, em 10 de julho, eserevia o famoso e severo professor ao pae do novo discipulo: «Não pode ter escapado á perspicacia de V. S. que tem um habilissimo estudante». Na prosecução dos estudos este juizo foi justificado pelo esperançoso alumno. Em 1852 matriculou-se no curso juridico, então estabelecido naquella cidade, frequentando-o até o tereiro anno. Reformada a velha academia olindense e mudada para a Capital, com a denominação de «Faculdade de Direito do Recife», ahi fez os estudos dos dois annos restantes, durante os quaes confirmou o distincto conceito que adquirira pelas prendas do espirito e caracter.

Ao mesmo passo que se applicava aos estudos de jurisprudencia, cultivava outros ramos de conhecimentos, satisfazendo principalmente o gosto pelas boas lettras. Levado por este gosto e estimulos juvenis, concorreu para a creação de varias sociedades. De uma, o *Atheneu Pernambucano*, presidida pelo professor da Faculdade Dr. Joaquim Villela, foi primeiro secretario; de outra, o *Ensaio Philosophico*, foi presidente. Tambem foi fundador e um dos directores do Monte-Pio Academico, que, sob a presidencia do mestre de direito Conselheiro Trigo de Loureiro, soccorria os bons estudantes pobres.

### Na carreira politica

Desde esse tempo manifestou propensão para a carreira politica, collaborando em diversas folhas e intervindo em lutas eleitoraes. Dahi lhe adveio, além de notoriedade, o apreço de um dos partidos, affirmado na sua voção, em 1855, para membro da assembléa legislativa provincial. Por ser menor de vinte e um annos e filho-familia, annullou-se na verificação de poderes o diploma que a camara municipal apuradora dos votos lhe expedira afim de tomar assento naquella assembléa, em 1856, e que elle, pela sua parte, não apresentou, nem procurou defender. Cabe aqui notar lhe terem sido feitas nessa occasião muito honrosas referencias pelos proprios que allegaram e votaram a nullidade declarada na lei.



A 6 de dezembro de 1856 recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociães.

Nomeado em 1858 secretario do governo do Ceará, não accitou a nomeação, porque antigos mestres o convidavam para se propôr a lente da faculdade. Com este intuito defendeu theses, e, obtida approvação plena, tomou o grau de doutor a 14 de dezembro do mesmo anno, não indo, porém, ao concurso posteriormente aberto, porque para elle se inscrevera um amigo prezadissimo, com quem não quiz competir, e que aliás, só em 1872 conseguiu ser lente substituto.

Fez parte da assembléa provincial nos biennios legislativos de 1858 a 1861, e, depois de ter servido os cargos de delegado de policia e juiz municipal supplente no Recife, exerceu, ainda ahi, o de promotor publico, desde 1859 até ser eleito deputado á assembléa geral na legislatura de 1861 a 1864. Dissolvida a camara temporaria em 1863, voltou ao fôro do Recife, dessa vez como advogado, occupando-se tambem, a principio, com a redacção do *Constitucional Pernambuco*, folha opposicionista que outros tinham fundado, e em seguida com a do *Conservador*, que expressamente se creára para orgam do partido do mesmo nome, sob a direcção d'elle e de Cunha e Figueiredo e Ferreira d'Aguiar, depois barão de Catuama este, e visconde de Bom Conselho aquelle.

Preenchiam-se as esperanças depositadas no distincto jovem. Comprovando notaveis merecimentos intellectuaes, elle revelava-se homem de acção, animado de intenções nobres, capaz de accitar grandes responsabilidades e dar-lhes feliz desempenho. Os testemunhos do seu talento, prestimo e inteireza valiam-lhe, além de applausos, sympathias e amizades, a confiança dos correligionarios, mórmente do chefe conservador Visconde de Camaragibe.

E assim se firmava sua influencia na terra do nascimento. Novamente eleito deputado geral, em 1869, do seu contacto com os directores politicos da situação, era natural resultasse ser aproveitado para importantes serviços do Estado. Com effeito, naquelle mesmo anno, estréa-se na alta administração publica, presidindo a provincia do Pará, por nomeação do ministerio Itaborahy.

Naquella terra de immensas riquezas naturaes, os serviços que principalmente lhe preoccuparam o espirito são os mais proprios para utilizal-as: por um lado, o ensino publico, por outro lado, a viação terrestre e a navegação fluvial, combinando-se ambas contra os accidentes do terreno e completando-se uma pela outra para as communica-

ções internas de Goyaz e Matto Grosso, principalmente fazendo para Matto Grosso o *caminho do quintal* como lhe chamou o grande ministro de D. José I, por onde se pudesse passar, dizia elle, livre d'El-Rei de Castella e dos galeões de Flandres. Espirito organizador, mantendo-se fiel ao seu partido politico; justo e moderado, circumspecto e severo; dedicado aos interesses geraes sob as inspirações de uma vontade vigorosa e energica, conciliou a estima e o respeito do povo, a consideração dos amigos e adversarios.

Desse governo dizia no senado o visconde de Souza Franco, chefe liberal, ao se queixar da nomeação de outros presidentes: «mandem para a minha provincia administradores como o Snr. João Alfredo.»

Estes antecedentes indigitavam-no para as mais elevadas funcções do estado, e não tardou que fosse chamado a exercel-as; na primeira organização ministerial — a de 29 de setembro de 1870, presidida pelo visconde de São Vicente, apparecia o nome respeitado do representante de Pernambuco.

#### — João Alfredo, ministro

Encarregado effectivamente da pasta do Imperio e, interinamente da da Agricultura, Commercio e Obras publicas, que accumulou com aquella desde novembro, até se retirar o gabinete, em março do anno seguinte, o jovem ministro desenvolve não vulgar actividade, ligando o seu nome á organização geral da estatística; á do novo corpo de engenheiros civis; á reorganização dos telegraphos e ao melhor processo dos exames dos cursos juridicos e medicos.

No ministerio que, sob a presidencia do visconde de Rio Branco, succedeu ao de 29 de setembro, ainda lhe coube effectivamente a pasta do Imperio e por vezes a direcção interina dos negocios da Agricultura. Foi este duradouro ministerio um dos de mais fecunda e brilhante actividade politica e administrativa, e dos mais dignos de ser lembrados com saudade e ufanía, pela felicidade em que viveu a familia brazileira, ao mesmo tempo que no estrangeiro eram cada vez mais conhecidos os grandes recursos do paiz, honrado o seu credito, apreciado o seu progresso e tributada a merecida justiça ao principe illustre que, tendo deixado á frente do governo a herdeira do throno, percorria a Europa acolhido pelo affectuoso respeito e admiração dos povos e soberanos, saudado pelos





homens que preeminente representavam a cultura científica, litteraria e artistica do seculo, e com elles confraternizando nos cenaculos consagrados ás cousas do espirito.

Para essa feliz situação muito concorreram os serviços do conselheiro João Alfredo.

### Em face da abolição

O ministerio, em cujo programma se inscrevia a reforma do estado servil por meio de medidas prudentes, preparatorias da solução definitiva, teve de arcar com estrenua opposição. Aquelles que queriam o *statu-quo* determinaram envidar um esforço supremo para ser, pelo menos, adiado o golpe que ameaçava o futuro da odiosa propriedade. Dividiram-se os conservadores, deixando não poucos os arraiaes do partido e declarando-se republicanos. O paiz entrou em phase de agitação, promovida pelos chefes escravistas. Alguns delles faziam parte da representação nacional e exerciam larga influencia, obstando a que os alvires mais moderada e cautelosamente concebidos para a indispensavel reforma reunissem os suffragios até de muitos eleitos do povo, individualmente desinteressados no assumpto. Assim a camara temporaria tornou-se o terreno mais ardente da pugna.

Em taes circumstancias, é confiado ao conselheiro João Alfredo, por escolha dos seus pares, o posto de *leader* da maioria dessa tormentosa assembléa, em cujos campos contrarios se viam muitos homeus acatados pelo character, talentos e serviços. Desenvolvendo naquelle posto, cheio de perigos e responsabilidades, as poderosas faculdades de que dispõe para as lides politicas; sempre prompto «a ceder os papeis que dão na vista, preferindo votar-se aos resultados que servem»; sobranceiro á guerra que lhe desafia a importancia e o alcance dos serviços, a sua acção sagaz e resoluta torna-se efficacissima para triumphar rapidamente na camara dos deputados a idéa redemptora, que se gravou na lei de 28 de setembro de 1871.

Dissolvida a camara no começo da sessão do anno seguinte e convocada outra, a resposta dada ao appello da Corôa exprimiou o assentimento da maioria dos brazileiros á politica generosa e progressiva a que deviam grandes beneficios. O ministerio, porém, teve ainda de arrostar rija opposição, movida menos ardentemente pelos liberaes do que pela dissidencia conservadora, oriunda da questão do elemento servil, e então reforçada por outros



conservadores, favoráveis aos bispos do Pará e Olinda no conflicto que esses prelados haviam suscitado, constrangendo o governo ao doloroso emprego de meios repressivos contra os excessos da autoridade ecclesiastica. Nesta nova phase parlamentar, á frente das phalanges que apoiavam o gabinete da camara dos deputados, o conselheiro João Alfredo continu' a a prestar serviços valiosos.

Isento de preocupações vaidosas, mostra pertencer á categoria dos oradores que, comquanto disponham de estimaveis aptidões para a tribuna, precisam todavia justificar aos proprios olhos, como necessaria ou conveniente, a sua interferencia dos debates. Graças a 'uma improvisação fluente e segura, avivada não raro por feliz ironia e pelas reminiscencias biblicas, da antiguidade classica e de boas leituras modernas que lhe enriquecem a memoria possante, é sempre ouvido com attenção e interesse.

Aquella severa discrição; a severidade dos seus intuitos; a concentrada energia e consciente lisura, que lhe resumbram no olhar vivo e firme, nas inflexões da voz clara e sonora, na attitude digna e desassombrada, imprimem-lhe aos discursos intenso relevo de autoridade, sobretudo nas discussões agitadas pela vehemencia opposicionista. A influencia politica do *leader* conservador augmentava não só pelos seus serviços no parlamento, mas tambem pelas suas contribuições para a obra administrativa do ministerio.

Em verdade, a administração do conselheiro João Alfredo na pasta do Imperio assignala-se por uteis serviços, brilhantes exemplos e fecundas tradições. Durante ella é dado grande desenvolvimento á instrucção primaria na côrte, e em todo o Imperio, pela acção do governo central sobre o das provincias, creando-se mais do dobro das escolas que antes se contavam. Torna-se mais estenso e efficaz o ensino profissional e especial; ampliam-se os estudos do Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro; instituem-se a Colonia Orphanologica de Santa Isabel em Pernambuco e o Asylo de Meninos Desvalidos nesta cidade; proporciona-se a maior numero, melhorada, a instrucção dos surdos-mudos. Trabalhos sérios tornam conhecido o estado real do ensino primario no municipio da côrte, vulgarizando-se por outro lado, mediante traducções officiaes de obras conceituadas, os processos e methodos racionais de educação nos paizes adeantados. São mantidas na devida altura a constituição docente, a ordem e a regularidade dos estudos do collegio de Pedro II, respei-



tando-se neste instituto o carácter de modelo e centro de ensino secundario no Brazil.

### O gabinete de 7 de Março e o Ensino

O empenho do gabinete de 7 de março a bem da educação popular communica-se ás differentes classes, despertando-lhes munificente cooperação. Animado e dirigido pelo governo o movimento que assim se estabelece, propagam-se cursos de instrução para menores e adultos, edificam-se e apparelham-se predios para o ensino, fundam-se bibliothecas, nascem e florescem instituições auxiliares de tão meritorios esforços.

A' medida que estudava as condições do ensino elementar e médio e os meios de transformal-o, o consciencioso administrador ia elaborando e aperfeiçoando o plano de reforma, que afinal fixa no projecto por elle offerecido á câmara dos deputados, em um todo cuja estrutura solida e correcta corresponde á nitida e ponderada concepção que o dictou. Infelizmente este projecto, que representava um passo largo e seguro para o idéal almejado pelo ministro reformador e pelos amigos inteligentes da causa do ensino, não chegou a ser convertido em lei, dando isto logar não só a privação de notaveis melhoramentos, como tambem ao mallogro de criteriosas medidas já iniciadas sob o plano proposto.

No que respeita aos estudos superiores realiza o mais que as circumstancias permittiam. Eleva o nivel desses estudos, tornando mais rigorosas as provas dos exames. Cuida de preencher a lacuna de que o ensino médico se resentia no tocante á pratica e á experimentação. A antiga Escola Central é transformada, sob a denominação de Escola Polytechnica, em vasto instituto theorico e pratico. Para o magisterio das novas cadeiras creadas neste estabelecimento e para a organização especial e separada dos estudos geologicos e mineralogicos, contratam-se em França profissionais idoneos, alguns dos quaes prestaram e ainda prestam ao Brazil serviços relevantes. Emfim, são mandados á Europa mestres brasileiros, para se aperfeiçoarem no ensino, que voltam a ministrar mais directamente. Em todas as categorias do magisterio as nomeações recáem nos candidatos mais dignos, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas; os professores sentem-se seguros e honrados no exercicio das arduas funcções que lhes incumbem, sendo tambem aproveitados, conforme os seus me-

recimentos, para collaboração em espheras elevadas da vida administrativa e politica.

Ordena-se o Archivo Publico. A Bibliotheca Nacional entra em phase brilhante. Enriqueccm-se as bibliothecas nos estabelecimentos de ensino e outros. Os interesses da arte são devidamente considerados. Impulsionam-se os estudos da Academia das Bellas Artes; incita-se a produção artistica.

Em relação ao theatro formulam-se planos tendentes a incitar a boa produção litteraria e reatar as famosas tradições da arte dramatica. Por dependrem do concurso legislativo, não puderam, porém, ser postas em pratica estas idéas, cuja adopção devia promover aquelles beneficios e desde logo remediar a degeneração que invadira esse orgam da nossa incipiente civilização.

Zelam-se apreciaveis trabalhos produzidos em outras épocas: revolvem-se archivos, salvando da destruição e do esquecimento composições musicaes do padre José Mauricio; colligem-se os planos e desenhos architectonicos que andavam dispersos e em incerto paradeiro, quaes aquelles que para um novo edificio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tinha organizado o antigo professor da Academia de Bellas Artes, Manoel de Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo. Activou-se a compilação das consultas da já mencionada secção do conselho de estado, com o fim de divulgar os subsidios que para os trabalhos legislativos e da administração encerravam muitos daquelles documentos do saber e experiencia de estadistas propectos.

A ardente iniciativa do ministro completa com importantes melhoramentos materiaes os beneficios de ordem moral que iam sendo diffundidos.

### O primeiro reformador da Capital do Paiz

Em vão esforçou-se o espirito opposicionista por apoucar esta politica larga e ousada. Convicto dos serviços que com ella prestava, o conselheiro João Alfredo perseverou nos seus fundados propositos, levando por deante uteis emprehendimentos, em condições de amplitude e esmero consentaneos à missão civilizadora do governo e aos intuitos revelados no generoso auxilio da iniciativa individual. A semelhantes melhoramentos presidia quanto possível o gosto e o respeito do bello. Esta preocupação, que se estampa em varios edificios da capital do Brazil



e na sua decoração, é attestada por outras obras de natureza differente.

O prolongamento da rua Leopoldina não servio só para dar mais ar e luz ao edificio da Academia das Bellas Artes, como ainda para desaffrontar-lhe a bella fachada. O parque em que se converteu o antigo «Campo de Sant'Anna», naquelle tempo «Praça da Acclamação», não é apenas dilatado e excellente logradouro publico, sinão tambem um producto de arte consummada.

Esta ultima obra, e a do matadouro, removido do bairro de São Christovam, onde tão impropriamente se conservava, para as construcções erguidas no afastado suburbio de Santa Cruz ainda por iniciativa do ministro do Imperio do gabinete de 7 de março, prendem-se ao plano geral de melhoramentos do Rio de Janeiro, em que se traduziram acertados designios para a transformação hygienica e aformoseamento da cidade. Incluem-se nccsc vasto plano a concessão feita naquella época para o arrasamento dos morros de Santo Antonio e do Castello, assim como varias resoluções adoptadas, em ultiores ministerios, a bem da viação e hygiene publica.

A' mesma ordem de interesses consagra ainda outros esforços, sempre com a proficuidade resultante da sua atilada visão das cousas e severa comprehensão do dever. Persuadido de só poderem ser alcançadas remotamente as complexas e custosas rformas de que dependiam a organização systematica da hygiene geral e o sancamen-da cidade do Rio de Janeiro, applica-se á tarefa de encaminhar a solução destes graves problemas e r dispondo uma cautelosa ordem de cousas, intermediaria entre a effectividade de tão altas aspirações e o systema de periodica renovação de diligencias e dispendios para momentanea defesa ou protecção da saude publica.

Na rcalização desse programma utiliza habilmente, em proveito do regimen da cidade e das commodidades publicas, a ingerencia que a organização local no tempo do imperio facultava ao governo nos negocios municipaes.

A' semelhante categoria de serviços se prende ainda o conhecimento exacto das fontes mineracs de Caxambu', Lambary e outras da provincia de Minas Gcracs, divulgado pela analyse chimica que elle confiára a profissionaes conceituados.

Nas demais divisões da importante pasta, notam-se igualmente os resultados felizes de uma actividade conscienciosa e creadora. Publicam-se o primeiro recenseamento geral e importantes dados estatisticos especiaes, regula-se

e inicia-se o registro civil. A secretaria do Imperio, que reorganiza, apresenta o aspecto de um centro de trabalho aturado e productivo.

Para mais rapido estudo de importantes negocios, amiudam-se reuniões, ora dos membros da secção do imperio do Conselho de Estado, ora de outras pessoas doudas. Homem de partido, isento de espirito partidario, compraz-se em convocar para estas reuniões adversarios politicos, provocando e honrando-lhes a prestimosa cooperação. Conferencia regularmente com os chefes das repartições e demais auxiliares immediatos, substituindo quanto possivel ao formalismo da correspondencia official este meio de mais prompta, harmonica e segura impulsão dos serviços a cargo de funcionarios que, embora proficientes e zelosos, não dariam tudo de que eram capazes sem semelhante contacto. Por meio d'elle o chefe e cada colaborador revelavãem melhor um ao outro as suas qualidades; fundava-se o apreço mutuo, fonte preciosa de provcitosos estímulos; promovia-se a guarda de boas tradições, graças ás quaes, muitas vezes, deixou de ser prejudicada a causa publica nas mudanças ministeriaes em que nem sempre ella era confiada á capacidade e experiencia de negocios.

Subordinando o emprego dos dinheiros do estado a reflectido programma administrativo, resolve as despesas tão escrupulosa e previdentemente que, apesar de tantas iniciativas, muitas vezes arguidas de demasiadas, para realização de melhoramentos mais ou menos custosos» (1), deixa nos orçamentos dos cinco exercicios que geriu o saldo de cêrca de sete mil contos.

Aprovcita e acoroçoa os que podem contribuir para o bem publico e generosamente distingue todos os serviços mercedores de apreço, comprazendo-se em fazer justiça, sem intervenção de outrem, e sobretudo em surprender espontaneamente os que não sabem pedir. O agrado que assim experimenta é igualado pela aversão que lhe inspira o *empenho*, csse achaque inveterado dos nossos costumes. Avêso a complacencias outorgadas pela presção do patronato, doia-lhe vcr algumas vezes recairem, em protegidos poderosos, distincções e recompensas que representavam simplesmente o reconhecimento do merecimento e do direito.

---

(1) Jornal do Commercio de 25 de Março de 1896.

## Linhas de um caracter

O desinteresse e a independencia de caracter que lhe vedam requestar as boas graças da opposição, o preservam, nas relações politicas com os correligionarios, de adherir a fins e pretensões discordantes dos principios que professa; mas si, não procura, por este meio, recommendar-se aos proceres do partido em que milita ou aliciar clientela, honra com inabalavel constancia os compromissos e responsabilidades que comporta, e todas as vezes que naquelles com quem se tornou solidario são maltratadas a verdade e a justiça ou hostilizadas publicas conveniencias, acóde a defendel-os intrepida e generosamente.

Manifesta-se igualmente incapaz de sacrificar a queixas infundadas, quer da imprensa ou de adversarios ameaçadores, quer dos correligionarios, por maior influencia que estes tenham na situação, os auxiliares do governo que, no cumprimento do dever, incorrem em desagrado ou contrariam interesses illegitimos. Muito ao envez, com decisão tão enérgica como a que revela em corrigir os erros e abusos de culpados depositarios de funcções publicas, timbra, nessas conjecturas em honrar a funcionarios que distingue com a sua confiança, a qual a natureza fiel não lhe consentia dispensar sinão plena e incondicionalmente.

Recto e generoso, profundamente verdadeiro e desinteressado; firme nas resoluções; prompto e seguro na acção, e na luta tão destemido, como escrupuloso e leal; praticando e propugnando o culto das cousas nobres e elevadas; acudindo com iniciativas largas e ousadas para fins uteis e sérios, elle tinha imposto a sua forte e distincta individualidade. Si o seu aspecto reservado ou certa impaciencia nervosa, propria de seu temperamento, lhe aliena sympathias vulgares, por outro lado a singeleza dos costumes, a indole infatigavelmente bemfazeja, a gravidade dos seus propositos, mesmo quando contrahidos apenas perante á propria consciencia, sem compromisso formal, a severidade dos principios e a distincção dos góstos e brios, dando a conhecer devidamente o homem e o politico, lhe haviam dilatado o circulo dos amigos e admiradores e valido desinteressadas dedicações.

Sobre a sua vibratil sensibilidade, que dá vulto ao menor testemunho de benevolencia e esfima, commovendo-se com os de sincero devotamento, actuam vivamente a ingratição e a injustiça; mas a alma magnanima permite-lhe revelar com admiravel facilidade as queixas mais.

justificadas, e nunca a consciencia da força o impelliu a abusar della.

A sua conversação, tão attrahente e instructiva, quanto natural e despretençiosa, foi sempre o encanto do lar simples e hospitaleiro em que acolhe os amigos carinhosamente. Contentando a ardente curiosidade do espirito, enthezourára na memoria, de par com variados conhecimentos litterarios e politicos, interessantes noções especiaes e copiosas acquisições de factos e particularidades da chronica nacional, recolhidos menos nos documentos escriptos do que na tradição oral, que não perdia occasião de interrogar em contacto com fidedignos depositarios das lembranças do passado.

Por tudo isto e pelos dons de agradavel e animada expressão, elle tinha naquella fórma de communicações de idéas mais um instrumento para firmar a sua autoridade, para exercer a magistratura moral, em que no correr dos tempos, se foi convertendo o ascendente que exerceu desde verdes annos. Essa autoridade comprehendia vasta esphera de mando, sobretudo proveitoso ás provincias do nôrte do Imperio, nas quaes, durante o seu longo governo, tinha-se esforçado por constituir solidos e duradouros elementos de progresso e bem estar, preocupando-se constantemente de fortalecer ou suscitar a influencia benefica e esclarecida dos homens bons e prestimosos e combatendo resolutamente as causas que impediam aquellas patrioticas aspirações.

### João Alfredo no Parlamento

Quando, em junho de 1875, o gabinete Rio Branco se retirou do poder, a opinião nacional reconhecia no conselheiro João Alfredo um dos chefes do partido conservador, um estadista de quem muito se devia esperar.

Logo após a sua retirada do governo, foi-lhe dado servir a interesses de que se occupára com esforço perseverante: ao se discutir na camara dos deputados o orçamento do ministerio do Imperio, diligenciou e obteve os amplos recursos que, principalmente nos ramos da instrucção e da hygiene, permittiam melhoramentos que, por dependerem de autorizações e dotações legaes, não lhe havia sido possivel levar a effeito. A' semelhança de homens abnegados, sempre dispostos a collocar acima de tudo o interesse publico, comprazia-sc em vêr germinarem em alheias terras as sementes que espalhára, e, como acontece tantas vezes a esses bem intencionados coopera-





dores do progresso, poderia lamentar a mescla que diminuía o valor da colheita.

Convidado pelo duque de Caxias, chefe do novo ministério, o de 25 de junho de 1875, para presidir a provincia do Rio Grande do Sul, não pôde prestar os seus serviços em semelhante commissão, mas accitou o cargo de director da Faculdade de Direito do Recife, substituindo o visconde de Camaragibe, o qual, carregado de annos e fatigado, desejava entregar-lhe, com a deste cargo, a successão da chefia do partido conservador de Pernambuco, já então repartida entre os dois, no patriotico accôrdo de idéas, sentimentos e fins em que desde muito se tinham unido para o bem da terra natal, e a que sempre se mostrou fiel, ainda depois da morte desse preclaro varão.

Afóra o tempo da viagem que fez á Europa (1878) e o da presidencia de S. Paulo (1885-1886), de que adeante falaremos, regou a Faculdade do Recife, no intervallo das sessões legislativas, até 1887, concorrendo com rigorosa imparcialidade para caber aos candidatos mais habilitados a nomeação dos logares do magisterio e desvelando-se pela ordem e disciplina escolar. (1)

Nesse mesmo anno de 1887, o conselheiro João Alfredo, que, desde 1869, quando pela segunda vez voltou ao parlamento, representára sempre Pernambuco na camara dos deputados e pela terceira vez na assembléa legislativa provincial, por elle presidida em 1876, teve o primeiro logar, por votação de toda a provincia nas listas duas duas eleições a que se procedeu nesse ultimo anno para deputados geraes e senadores. Escolhido a 4 de janeiro de 1877, tomou assento a 28 de fevereiro seguinte na camara vitalicia, onde se conservou até a revofução de 15 de novembro de 1889, que destruiu o Imperio.

No desempenho dos deveres de chefe politico, o conselheiro João Alfredo honrou em todos os tempos a influencia social em que o investira o publico reconhecimento do seu nobre espirito e eminentes serviços. Adstricto

---

(1) Desejava vivamente que se dêsse á faculdade edificio proprio, e nesse sentido empregou esforços ainda depois de haver deixado a directoria, na oportunidade que, presidindo, em 1888, o ministério de 10 de Março, se lhe offereceu de intervir para serem, como foram, organizados os planos completos e o orçamento do novo edificio, e escolhido o conveniente local.

Tinha deixado a directoria da faculdade em 1887, em virtude do exercicio ordinario, obrigatorio, de residencia na eôrte que passou a ter no Conselho do Estado.

a desinteresse exemplar, aos princípios de justiça, moderação e lealdade, e a tão estremecido zelo das respeitáveis tradições do passado quanto vivo anhelos dos mais felizes destinos da communhão brasileira, esta influencia, firmemente exercitada, foi sempre benéfica á nação em geral, e, em particular, á provincia de Pernambuco, onde o partido conservador se mostrava unido, e tão pujante que, nas legislaturas de eleição directa do dominio contrario, alcançou representar-se em maioria na camara dos deputados.

Durante esse dominio o conselheiro João Alfredo, sem fazer opposição systematica aos ministerios liberaes, antes procurando auxiliá-los com proveitosos conselhos e indicações, dando-lhes apoio para o que era útil e necessario, pugnou a favor da regularidade dos serviços, especialmente das obras de estradas de ferro que se construíam naquella provincia; do equilibrio dos orçamentos, e da bôa applicação dos dinheiros publicos, sobretudo no interesse da instrucção, da viação e da hygiene.

Votado na camara dos deputados, por accôrdo entre os centros dos dois partidos constitucionaes, o projecto de gradual emancipação do elemento servil, offerecido pelo gabinete Saraiva (de 6 de junho de 1884), retirou-se aquelle gabinete por não ter a esperanza de reconstituir a antiga maioria liberal e entender que a situação parlamentar, que permittira a passagem da reforma na camara temporaria não podia, nem devia continuar, desde que o projecto ia ser entregue á deliberação do senado. (1) Nessas circumstancias coube ao barão de Cotegipe organizar o novo ministerio, para o qual convidou insistentemente o conselheiro João Alfredo.

### No Governo de S. Paulo

Não pôde o chefe pernambucano acceder a este convite; mas, acompanhando lealmente o gabinete (de 20 de agosto de 1885) organizado pelo illustre barão, acceitou a presidencia de São Paulo.

Ness'outra provincia de grandes recursos naturaes preocupam-no o ensino e a viação e mais a estatística, a exploração geographica e geologica. Preoccupam-no tambem a immigração e colonização, interesse capital de São

---

(1) Este projecto, igualmente approved pelo senado, foi convertido na lei de 28 de Setembro de 1885.



Paulo, a hygiene publica e, com planos a ella subordinados, diversos melhoramentos nas cidades. E em tudo andou tão avisadamente, que, em vez de *deficit*, se verificaram saldos nos orçamentos.

Naquillo para cuja realização o tempo não bastou ou que as circumstancias não permittiram, foi-lhe dado suggerir os melhores alvitres e planos, já em interessantes relatorios e outras peças officiaes, já no trato dos homens mais capazes e bem intencionados. Filiam-se nestas tradições do seu governo varios melhoramentos, introduzidos depois em São Paulo, em cujo beneficio muito se poderá ainda executar de accôrdo com as contribuições que deixou alli.

Um jornalista republicano, redactor do *Correio de Santos*, Julio Ribeiro, escrevia a 30 de abril de 1886:

«Só nos cabe render preito á honestidade da administração que findou a 27 do corrente. S. Ex. fez tudo o que pôde, e fez muito. Tambem ninguem lhe nega justiça. Os adversarios que o combateram fizeram-no por systema: *in petto* confessam o alto valor de S. Ex. e a funda moralidade que presidiu a todos os seus actos.»

Nomeado depois para o cargo de conselheiro de estado, exerceu-o com a costumada solitudine, até o fim do Imperio.

### Deante do espantallo da Republica

Por aquelle tempo duas causas de origem, curso e objectivo differente, irmanaram em decidida hostilidade ao ministerio Cotegipe: o abolicionismo e o militarismo, si pôde ser dado este nome á pretensão, que o exercito, então só o exercito, sob o impulso de militares e politicos que o preparavam para a republica, ia firmando, cada dia mais, de constituir-se, com quebra da disciplina e contra-venção á propria natureza, uma corporação independente, de deliberação e influencia activa nos negocios publicos.

Sem apartar-se do ministerio, o Conselheiro João Alfredo, em ambas estas questões, deu-lhe avisos de amigo e correligionario leal. Em conselho particular, convocado nas vesperras da celebre moção a que se submetteu o barão de Cotegipe, opinou, perante todos os ministros alli reunidos, que o gabinete não devia cair em face de manifestações militares, cumprindo-lhe aliás fazer, não em vir-

tude do voto do senado, mas por si, por determinação própria, o que ia ser indicado naquella moção, offerecida pelos liberaes com laivos de censura e certa incompetencia da camara vitalicia. E observava que, assim emendando nobremente um erro, o ministerio procederia conforme a sua mesma opinião ou responsabilidade, expressa na resolução da consulta do Supremo Conselho Militar de 3 de novembro de 1886.

### O problema do elemento servil

Quanto ao problema do elemento servil, sempre entendendo que se devia caminhar, aconselhava providencias que operassem progressivamente a emancipação dos escravos. «Nesta importante questão social» — dizia elle aos amigos — «ha as duas classes de revolucionarios de que falava lord Palmerston, no seu grande discurso de 1850: os violentos e os inconsiderados, que querem tudo antes de tempo, não pensando nas consequencias nem medindo as difficuldades, e os homens animados de velhos preconceitos, retidos por falsas apprehensões, que se oppõem á corrente do progresso, até se accumular o descontentamento e, pela sua pressão irresistivel, derrubar as barreiras, levando tudo de vencida.

No fim da sessão de 1887, vendo aproximar-se esse ultimo periodo, passou das exhortações em particular á opinião em publico; manifestou-se pela opportunidade de nova reforma; pediu ao barão de Cotegipe que preparasse o seu projecto para a sessão de 1888, não deixasse a outro a gloria que devia pertecer-lhe pelas suas palavras de 1884: «o partido conservador póde, quér e deve resolver a questão do elemento servil.» «Precipitaram-se no emtanto os acontecimentos por instigações do partido que queria subir ao poder, como consta de revelações feitas em 1897.» (1)

O abolicionismo tinha chegado á phase extrema em que os escravos atravessavam villas e cidades para formar povoações suas, sem nenhum estorvo efficaz da parte quér dos senhores, quér da autoridade publica; o militarismo, adormecido durante algum tempo, em virtude da solução parlamentar de 1887, que o barão de Cotegipe confessára ter «arranhado a dignidade do governo», resurgia em março do anno seguinte, por occasião de questões com a po-

---

(1) *Ruy Barbosa*, Conferencia na Bahia.

lieia, e tão perigoso, dessa vez com o apoio da marinha, que o chefe do gabinete escrevia á prineeza regente prevenindo-a da necessidade de empregar a força e da inevitavel effusão de sangue.

Era, pois, o abolicionismo triumphante no sentimento nacional, podendo ter como alliados para a acção violenta o exereito e a armada, queixosos e ameaçadores por outros motivos. Estava imminente a guerra civil, no caso em que, para evital-a, a Corôa tinha o direito, segundo a opinião dos mais notaveis estadistas e escriptores, de mudar o ministerio; impunha-se inadiavelmente uma reforma que a nação reelamava, e que, tendo por fim apagar a mancha que deturpava «o espirito christão e liberal das nossas instituições,» (1) tirar ao povo um motivo de justo descontentamento e remediar males evidentes, tendia a unir as classes populares ao governo, tornando-se uma medida conservadora, como de diversas leis liberaes votadas na Inglaterra com o mesmo espirito e nas mesmas circumstancias disseram Robert Peel e John Russell.

### O Ministerio de 10 de Março

Chamado ao poder pela prineeza regente, o conselheiro João Alfredo organizou o ministerio de 10 de março, com o fim principal de supprimir promptamente a propriedade escrava. A opinião publica da capital do Brazil, exultante na sua generosa expectativa, tributou applausos entusiasticos áquella viril e patriotica resolução, em crescente alvoroço, que se propagava por toda a parte, sobrepeando extemporaneos protestos e resistencias; de sorte que, quando a proposta de lei, apresentada ao parlamento para ser immediata e incondicionalmente extincto o elemento servil, foi convertida no prazo de sete dias, entre acclamações e festas, no acto de 13 de maio, pôde-se dizer que já estava feita a abolição.

Por outro lado estava então igualmente feito todo o trabalho preparatorio da magna reforma. Attendendo ao estado do thesouro, o conselheiro João Alfredo, ao assumir a administração financeira, (2) negociou com o Banco do Brazil o credito de um milhão esterlino, aberto te-

(1) Fala do throno a 3 de Maio de 1888.

(2) Neste e em topicos seguintes sobre a sua administração financeira resumimos o que elle publicou no citado «Jornal do Commercio» do 25 de Março de 1896, em resposta a inexactas e injustas apreeiações de um escriptor republicano.

legraphicamente em Londres, em condições mui vantajosas, e pensou logo na conveniencia de novo empréstimo externo. Entabulando para isto negociações com os snrs. Rothschild & Filhos, de Londres, conduziu-as por fôrma que um mez depois contrahia o empréstimo considerado o melhor do Brazil. Deste modo ficou o governo apercebido para confiadamente realizar a obra grandiosa a que se propunha e preservar-lhe a integridade.

Fundando-se na experiencia, e usando de um meio mais tarde aconselhado nos Estados Unidos, deixou em Londres o producto do empréstimo, em vez de o ir passando para o Brazil, o que sempre tinha produzido a alta immediata, mas ephemera, do cambio, vantagem que afinal se annullava totalmente: com o producto alli depositado seriam satisfeitas as despezas no exterior, e no Brazil tomar-se-ia da renda publica o equivalente para os fins legaes daquella operação, o que permittiria ficar, como ficou, o mercado de cambio livre da concurrencia do governo e este a coberto da especulação.

Promulgada a aurea lei, seguiram-se-lhe adequadas providencias: prestaram-se logo auxilios á lavoura, como medida de character provisório, simplesmente para acudir ás necessidades de momento; reduziram-se, em favor della, as tarifas das estradas de ferro; deu-se ao serviço de immigração impulso extraordinario, cuidando-se tambem do desenvolvimento da viação ferrea, e em geral, de quanto podia influir para a expansão das forças productoras do paiz.

Por effeito de providencias tão circumspectas e da calma attitude do governo deante de inevitaveis transtornos locaes, de somenos importancia, que aliás se invocaram algumas vezes como pretextos para uma especie de tentativa reescravizadora, inaugurou-se pacificamente o novo regimen do trabalho agricola, ao mesmo tempo que, dissipados os temores e vaticinios de irreparaveis desordens e perturbações, se desmoralizava a idéa chimerica de impôr ao estado incomportaveis sacrificios para indemnização de uma propriedade que, por ter ficado «inutil e sem valia, nem mais era susceptivel de posse» (1), quando se tornou indeclinavel extinguil-a.

O capital estrangeiro, sempre attento á oportunidade de emprego remunerador, affluia para o commercio e para a industria, facilitando commettimentos promettedores de

---

(1) Fala do throno á 3 de Maio de 1889.

bons resultados. O cambio, em alta progressiva, mantinha-se acima do par, sendo o ouro estrangeiro recusado pela taxa legal, visto o agio do papel do estado. Daí a necessidade, que teve o governo, de declarar em vigor a lei de 11 de setembro de 1846 e, portanto, obrigatorio o curso da libra esterlina pelo valor de 8\$890.

Sem que o ministerio tivesse faltado ao necessario, ao contrario tendo dado grande desenvolvimento a muitos ramos do serviço publico e acudido ás calamidades da sêcca do Norte e de epidemias em varios pontos, o exercicio de 1888, em cujo terceiro mez elle começou a executar o orçamento votado com o *deficit* de mais de vinte e um mil contos e encargos para os quaes autorizava operações de credito na importancia de cêrca de sessenta e oito mil contos, foi gerido com tão severa economia que na despeza fixada se conseguiu poupar quantia superior a doze mil contos. E, porque a arrecadação da renda foi muito além da que se havia previsto, o *deficit*, excedendo de vinte e um mil contos, transformou-se em saldo, demonstrado na liquidação feita no tempo da republica, o maior dos raros do imperio, obtido nas proprias forças da renda, porquanto passou para o exercicio de 1889 *com todo o producto do empréstimo*.

Por occasião da abertura da assembléa geral, em maio de 1889, o governo annunciava-lhe, na fala do throno, que as rendas publicas continuavam a transcender as previsões do orçamento; a moeda mettalica circulava com differença para menos em relação ao papel do estado, e o thesouro, livre de avultada divida fluctuante, que viera de exercicios anteriores, tinha tido meios largos para as despezas internas, sem recorrer aos expedientes de antecipação de receita, conservando em Londres grande parte do ultimo empréstimo. Finalmente, ao expôr essas circumstancias favoraveis, a corôa recommendava a adopção de instituições de credito que prestassem recursos á maior actividade industrial e operassem segura e definitivamente a conversão do meio circulante.

Repetindo este pensamento no relatorio da mesma época, o conselheiro João Alfredo accrescentava que preferia um só e grande banco para regular o meio circulante e que já havia recebido propostas e planos para o resgate de papel moeda. De diversas partes chegavam-lhe offertas de capital e tinha em mãos, a fim de ser convertido em contra proposta, para a conversão da divida externa, o plano dos snrs. Rothschild & Filhos, que o seu successor encontrou e logo adoptou, realizando a conversão. Além

disto, em tão feliz oportunidade, o ministerio pensava em attender a outros interesses de ordem moral e material, administrativa e politica, cuja satisfação exigia dotações orçamentarias congruentes aos fins que elle tinha em vista.

Entretanto, com os meios de que dispunha, applicados acertadamente, ia ministerio prestando serviços que augmentavam o lustre da situação creada pela lei de 13 de maio. A administração da justiça, da instrução e da hygiene receberam notaveis beneficios.

No intuito de mitigar a sorte dos desfortunados, iniciou-se, com o generoso concurso das differentes classes sociaes, bem concebido plano de assistencia publica, fundando-se novas instituições, cuja permanencia foi afiançada por meio de impostos razoaveis. Reformou-se o serviço dos correios e o museu nacional; creou-se a repartição central meteorologica; reorganizou-se a força policial da côrte. Foi aperfeiçoada a organização militar; reformou-se a escola naval; fundaram-se escolas de aprendizes marinheiros; constituiu-se para o exercito amplo e poderoso sistema de educação e instrução theorica e pratica.

Para promover a correctá missão das classes militares, desviando-as da corrente de idéas subversivas das suas funções sociaes, á qual os propagandistas da republica procuravam atrahil-as, deram-se providencias que lograram restituir o exercito á antiga e honrosa disciplina. Por esta fórmula e pela adhesão daquellas classes á politica, justa, elevada e progressiva do governo, foram obviados os perigos que no tempo de anteriores gabinetes tinham ameaçado a paz e a ordem publica.

Sérios embaraços sobrevieram, porém, á tarefa de transformação economica e social a que o ministerio se consagrava.

De uma parte os que, irritados pela abolição, a custo reprimiam protestos e clamores impetuosos, enquanto re-soavam os hymnos em honra do grande acto redemptor, e por outro lado os que, na phase de excepcional movimento e prosperidade financeira, que o paiz atravessava, planejaram exercer a industria lucrativas de negocios com o thesouro, desenganados, estes, de vingarem as tentativas em que se afanavam, e, aquelles, de lhes ser indemnizada a propriedade que carpiam, passaram a desatogor a sua má vontade contra o governo, levando muitos, por suggestões do despeito e interesse contrariado, concurso encoberto ou ostensivo á causa republicana, que dest'arte recebia estimulos para mais esforçada propaganda.

Juntamente com esses elementos conjurava contra á



vida do ministerio a dissidencia conservadora, irreconciliavel com os reformadores do estado servil, desde a conquista da liberdade dos nascituros, e então exasperada pela derrota final da sua funesta politica.

Em taes condições o partido liberal, que, sob a direcção do seu chefe mais pugnaz, se agitava insoffridamente para subir ao poder, emprehendeu violenta campanha opposicionista, cujo exito poderia ser ainda favorecido, entre outras circumstancias, pela docença do chefe do estado.

Para chegar aos fins que pretendiam, nada escrupulizaram os adversarios do ministerio, entre os quaes se assignalavam jornalistas dotados da mais brutal petulancia.

De um delles não tardou que o antigo chefe e ministro da fazenda do gabinete de 10 de março recebesse os mais solennes testemunhos de consideração e respeito, varias vezes reiterados.

Mas, as accusações levantadas por aquelles ferozes inimigos, á semelhança das que outr'ora em Roma foram dirigidas contra Rutilius Rufus, destruiam-se por si mesmas, ou ao confronto instituido pela opinião publica entre o accusado e o accusador.

Comtudo, assim como a causa da injustiça e do mal pôde sacrificar aos seus resentimentos implacaveis e pretensões imperiosas o virtuoso e prestante varão romano, depois, emquanto viveu, ainda mais louvado e honrado pelo povo, igualmente não prevalcceram contra aquella arrogante colligação de odios e interesses os serviços com que o estadista brasileiro tinha engrandecido o patrimonio nacional, mas os homens justos, os verdadeiros amigos do progresso e da felicidade da patria, tambem antecipando o juizo da historia, consideraram uma dessas triumphantes derrotas de que falava Montaigne a solução em virtude da qual o chefe do ministerio de 10 de março deixava de presidir a ordem de cousas que abnegadamente constituiria para o desenvolvimento moral e prosperidade material do Brazil.

### Dépois da Republica

Subvertido o imperio e proclamada a republica pela revolução de 15 de novembro de 1889, o conselheiro João Alfredo, recolhendo-se á vida particular, teve de assistir silenciosamente ao contristador espectáculo que offereciam o ingrato e systematico repudio do passado, o fervor de açodadas adhesões, a perversão das idéas e dos caracteres,

a incapacidade administrativa, o abuso do poder e a tyrannia da força.

Mais tarde, quando alguns homens que se conservavam fieis ao regimen decaído deliberaram-se a intervir, pelo exercicio do direito de imprensa, na vida nacional, minada por males atrozes, cumpriu corajosamente o dever de dar o seu concurso para tão grave tentativa, apezar de saber, que, «a aurora não torna sinão depois de ter a noite adensado as sombras e concluido seu curso.» Com semelhante intento os conselheiros visconde de Ouro Preto, Lafayette e outros membros do antigo partido liberal convencionaram com elle e, seu antigo correligionario conselheiro Andrade Figueira, dirigir á nação um manifesto.

Além do honroso esquecimento, reciprocamente imposto por amor de uma grande causa, a malquerenças e aggravos provenientes das contenções politicas do imperio, a alliança dos mais autorizados representantes daquelle partido com o conselheiro João Alfredo certo exprimia a reivindicção da verdade e da justiça em honra do chefe do ministerio de 10 de março. E, como que para ser mais completa a reparação que lhe deviam os adversarios, coube-lhe redigir o manifesto.

No desempenho deste encargo o conselheiro João Alfredo correspondeu a tudo que poderiam desejar os iniciadores e companheiros da arriscada empreza. Em verdade, dictado pelo culto do bem publico, pela indignação contra os erros e desatinos que haviam infligido ao Brazil formidaveis padecimentos e calamidades, o manifesto (1) satisfazia admiravelmente o fim, a que se propunha, de sacudir o torpor das consciencias sãs, avocando-as ao cumprimento dos deveres patrioticos.

No mez de maio appareceu «A Liberdade», para cumprir a missão a que aquelles homens tinham mettido hombros, desinteressadamente, sem preocupações partidarias, sem preconceitos de qualquer ordem ou especie e apezar de quanto lhes pudesse suscitar a intolerancia, nas suas estreitezas de predominio sectario, como diziam no manifesto, accrescentando estas propheticas palavras: «Si, sem embargo da nossa abstenção, pacifica e resignadamente observadora, sempre nos foram imputados factos que eram da republica, as suas divergencias e lutas sangrentas, ainda não apasiguadas, é facil prever o que nos reserva o nosso

---

(1) Jornal do Commercio de 12 de Janeiro de 1896.

apparecimento para a tarefa puramente patriótica do bem publico.»

E assim foi. A intolerancia jacobina logo malsinou a folha importuna, angustiando e abreviando-lhe a existencia. Propalados em março de 1897 o mallogro da expedição contra os habitantes de Canudos, e a morte do coronel Moreira Cesar que commandava as forças legaes, a cidade do Rio de Janeiro ficou entregue á anarchia e ao saque, sendo destruidos os presos da *Liberdade* e assassinado um dos seus proprietarios.

Estes tragicos attentados, indignando o compungindo no mais subido grau o conselheiro João Alfredo, todavia não lhe esmoreceram o animo varonil. Firme nas idéas e sentimentos que dictaram a generosa tentativa, vio nesses mesmos successos nova advertencia para os votos e esforços, aos quaes, em ragos illuminados por viva fé christã e profundo senso politico, procurára mover os bons cidadãos, antolhando-lhes naquelle documento o melancholico contraste entre o presente, cujas humilhantes desgraças são alli descriptas com indizível magua, e o passado, comovedora e poderosamente reproduzido na sua afortunada dignidade, para a qual elle tanto concorrera com intemerato patriotismo e alta sciencia de governo.

BALDUINO COELHO.

1897.





## VIAJANDO

(Coizas do meu diário)

1913

Viajando - Maio, 4

— Gosto de mim. Evidentemente sou meu amigo. E o habito em que estou de gozar de minha companhia ensinou-me, no quarto de hora excludivo que me imponho, de manhã, a analizar o que fiz na vespera e projetar o programma do dia. Porque o é, o programma falha quizi sempre.

Por exemplo: tendo tomado em Nice o trem-carroça que, com intersticios de empacamento, alcança Genova após sete horas, deliberara ler em viagem a «Vida de Alexandre Guizandé» do decizivo A. Hope. Em «Veinte Miglia» um carregador chapeado, moreninho, espertinho, resultado provavel do cazamento siroco em subraça latina, me apreça dispensa de exame de bagagens e colloca as minhas maletas em logares donde geitozamente deslocara dois passageiros. Bem. Meu casal viaja só. Aproveito retardança prolongada para ver turmas itinerantes que dessa estação demandam todos os rumos da Europa-sul, e têm declarações fiscaes a mentir. Nada adeantei. Apenas, num dos magotes, que seguia para a Austria, gritava, em tardio francez-belga, de vez em quando, uma mulher corpulenta: «Perdi meu marido!» Movimentos diversos. Troca de olhares indagadores. Surgimento dum minuscuro marido com bigodes pretos. Calma geral até repetição da sena.

Sinal. Partida. A principio tudo me marchou bem. Mas, chegado á terceira estação, foi o vagão infeccionado pelo mofo pestilento dumas barbas velhas, trazidas na cara de homem redondo com olhar suino e ventas inqua-

lificaveis. Instantaneamente me convenci estar em companhia de fabricante de colchetes e deputado italiano governista.

Premeditei evita-lo.

Oferecimento de jornaes, porém, abrindo-nos conversação, proporcionou-me á ignorancia duas informações inéditas. Estocadeou-me o recemvindo: que, tendo a Turquia deixado as areias cobrir a Tripolitana, a retirada desse cobertor entregaria ao governo do Quirinal um solo apropriado a todas as culturas; e, mais, que a administração paulista, dezencaminhando e encaminhando immigrants, estava precisamente prejudicando a futura lavoura tripolitana.

Ouvi-o com a impassibilidade dum baçente de porta. Tomei, porém, a palavra quando o ponto e virgula do interlocutor m'a facilitou, e expliquei-lhe: a felicidade relativa dos seus patricios em S. Paulo; a partida do emigrante com a esperança, que é o milhão do pobre, e a sua volta com a velhice tranquillizada pela reserva de economias; exemplos de grandes fortunas italianas decentemente organizadas; perspicacia de millionarios no abatimento dos preços de emendas orçamentarias; risco de o proprio Samsão entizicar si o levassem á Tripolitana para remover areaes.

A nada o bruto se moveu. Abracei-o á despedida. Como é recreativa a auzencia dum jumento!

Em Genova - Maio, 5

— Chego. Procuo uma raridade. Procuo um amigo. No consulado; entro sem bater; abraço o dr. Raymundo de Sá Valle. Palestrámos interrogativamente. Sagaz, afentozo, o jornalista letrado mantem a fraze latinamente educada e, sobretudo, aquelle coração lhano, largo, da mocidade a que pertenceu, e cuja autonomia lhe brilha na conversação abundante em replicas.

— Saí. Entre o Consulado, que enxotou as tentativas aduaneiras contra as commodidades que me costume conceder, e o «Miramare», hotel que seria ímpecavel si a deslealdade do leite lhe não mareasse a fama, duas estatuas me embargavam o passo pedindo reflexões. A de Cristovão Colombo, apesar do marmore esgrovinhado numa das bases, cansaço quiçá por onze annos de feitio, é mais que toleravel. A de Vitor Manoel não é má, nem tem direito a se-lo, pois é mais uma copia toleravel da de Pedro I. no Largo do Rocio.

Maio, 6

— E' inutil querer em Genova automovel barato e cocheiro calado (Automovel é carro, carro é coche, coche tem cocheiro). Gritante de nomes de ruas, praças e monumentos, durante quatro horas um auriga verbozissimo, e não de todo illetrado, me apresentou á cidade, e viceversa.

Genova? Não agazalha duzentos mil habitantes, mesmo incluindo os hospedes, que muitos são. Cidade maritima e commercial, irregular de mescla, falta-lhe á população um tipo acentuado; faltam-lhe, consequentemente, estos idealistas e agitações patrioticas. Sem ser, como a cidade de S. Paulo hoje, uma função estrangeira, Genova é dos menos italianos centros da peninsula. Invadida, ofendida a Italia, Genova reagirá mas em ultimo logar.

Mulheres não feias, nem bonitas, mas duma vivacidade fizionomica que transforma, facilmente, o simples encontro em espontanea simpatia; farmacias frequentadissimas; commercio malcredo e mal sortido: é o que seguidamente se nota. Edificios enormes, solidos, antigos, historicos, imponentes como o da Universidade, foram perfeitamente aproveitados pelas exigencias de moderna administração; verifiquei-o: no pateo, asseiado e vasto, que precede a larga escadaria, sustentei com um amavel grupo de estudantes, destro, inesperado e investigador dialogo pornografico.

Doz tres apregoados palacios «Vermelho, Preto e Branco» só vi as arrogantes fachadas; do «Palacio Real» só as escadas, e despreocupadamente. Genova, onde estou trazido pela sarna politiqueira que me obriga a embarcar para o Brazil e padecer Camara dos Deputados, não me estava nos delineamentos itinerantes. Chegar e partir me são verbos aqui associados. Vizitei-a porque, retardada como é de praxe a partida do paquete, eu não devia ficar dois dias á espera que Genova me vizitasse. Fôra exigir muito.

Não ha, juro-o, si precizo, com a mão debaixo da coxa como o primitivo semita, não ha dezignio desrespeitozo nessa despreocupação; mera incidencia de circumstancias e nada mais. Paulista, possivelmente sou um tanto noveze; de origem genoveza são, em S. Paulo, os Spindolas e Dorias, sendo que pelas allianças de familia perderam os Adornos o nome, não a raça.

## A Catedral - Maio, 7

— Não a buscam muito os doutores em arte. Contraria-os a mistura de estilos. Ha, no interior, uma porção de igrejas juntas. Distrae-se um amator como eu; irrita-se um mestre, naturalmente. Levantada no remate do X século, dizendo-a alguns anterior de quinze annos áquelle anno mil que deveria ser o fim do mundo, ha dez seculos vive esta igreja em continuos concertos.

Até parece lei eleitoral! Ninguem a entende, nem ella mesma! Trapalhona. Guarda, em sarcofago do XIII século numa capella construida no XV, reliquias de S. João Batista. Trocando olhares sorrateiros, guia e um futuro padre começaram a mostrar-me a prata que servira na ceia de Cristo; nada me responderam, porém, quando lhes perguntei como e onde gente pobre arranjava aparelho de prata numa epoca em que, pelo menos, era de um para noventa a relação do cobre para a prata.

Alternativamente revestido de marmore preto e branco, o exterior da «Catedral» é agradável. Lá dentro o mesmo succede ás columnas, muitas, de ordem compozita, que lhe adornam a nave principal. Na sacristia, afirmaram-me e eu tenho certeza de não ter acreditado, conservadissimo, ha um copo de vidro que de Cristo passou a pertencer a Jozé de Arimatéa. Sei-lhe a legenda: morria quem lhe encostava o dedo. Lérias.

## A America

-- Demandeí a caza, na qual, sequiozo de sciencia, menino e moço morou Cristovão Colombo. Autentica-a uma placa.

Tem o predio, num beco tortuozo, ingreme, duas portas; em cima duas janellas, que estão em baixo de duas outras, que ficam em baixo de outras duas, sobre as quaes ha mais duas que têm em cima duas janellinhas. Compreendi, então, a descoberta da America: Colombo quiz mudar de caza.

## No Cemiterio - Maio, 8

— Tem fama, justa fama, o «Cemiterio de Genova». E', talvez, o que de melhor ha por aqui. O numero avultado de vizitantes pretexta a desconfiança de que, em Genova, os mortos sejam preferiveis aos vivos. Distanciados os tumulos, ficam os fallecidos bem á larga. Achei-o supe-

rior ao «Père La Chaise». Não lhe li epitafio lorpa. Reparei, todavia, que quando o tumulo era grande o morto fôra, inevitavelmente, commerciante honrado.

Bellissimos os monumentos, imitado, no marmore de Carrara, o brilho brando do setim. Dificil preferir tumulo pelo valor artistico ou pela simples correção significativa; tão interessantes se elles succedem que o ultimo parece sempre o melhor. Tudo bem dividido, zelozamente administrado.

A valla commum não é commum: enchem-na de flores rodeando as sepulturas. Não ha tumulo feio. Perde-se aqui o pavor que a morte infunde; mais bem endereçado buscará elle aquellas artilhadissimas fortalezas que, de tres eminencias, ameaçam mortos e vivos, cemiterio e cidade.

Entre sabendo que a commoda mansão fôra principiada por Carlos Barlino e terminada por João Rizzasco; era pouco para quem lá ia á cata de passatempo. Tomei um guia, e acompanhámo-nos: elle a minha pessoa, cu as suas preleções. A' despedida impingiu troquinho em moeda falsa; aceitei sem reclamar: fui genovcz em Genova.

Tambem não reclamei quando me informou elle de haver na valla commum duas ordens de quadras: quadras para homens e quadras para mulhercs. E', é uma téze a estudar: essa do celibato dos defuntos.

Idiota, outrozim, a distincão, murada, de repartições judaica, protestante e catolica. Em vida comcm, bebem, jogam, dansam, mas depois de mortos não querem estar juntos. Pandorgas!

Fui vendo, admirando, elogiando. A luta da «Morte e da Vida», tumulo de Valente Celle, concepção extraordinaria, é o bello horrivel numa sinteze simbolica. A figura do profeta Ezcquiel, tumulo de Jozé Brunetti, braços esticados, labios abertos, invocadores, olhar allucinado, superposta á frase «Esperando Resurreição», que moralmente a completa, é rica de pensamento, tradutora de conhecimento biblico, complexa de cogitação sobretudo. Cinzelou-a A. Botta: um artista.

Anjos e anjinhos a granel. Semideuzinhos a serviço do homem, scu inferior. Pois sim! Na quadra judaica, quando atravessava a porta hebraicamente pobre de arquitetura, cortejei, respeitoso, a inscrição memorativa de Adolfo Binger. Pessoalmente não o conheci; noticiei-lhe, porém, o fallecimento em 1893. O bemfeitor, o caritativo, o servidor da instrução... Imitassem-no, e a invenção do paraizo entraria no rol das inutilidades.

.....



— No «Miramare». Jantar nos reclama com ameaça de resfriamento. Sete á meza. Sá Valle e espoza, Carlos Faria, Oscar Paranhos, Martins e meu cazal. Repetição de pratos. Proibição de discursos; tres minutos, no maximo, para cada brinde. Contentamento unanime.

### Embarcando - Maio, 9

— Trouxe-me, á ponte movel que ligava o paquete ao cáes, o pessoal do consulado uma porção de abraços de despedida. Começavamos a preparar as saudades. Interrompeu-as uma agressão ao nosso patriotismo.

Um aduaneiro, fardado, gritão, impedia que, em vapor subsidiado pelo Brazil, embarcassem passageiros de terceira classe para o Brazil. Para a Argentina, sim.

.....

E sob essa injurioza impressão deixei o porto pequeno, o cáes bom, a installação marconiana e o bellissimo farol de Genova: cidade sufocada pelo carvão e por montanhas que a apertam, e donde a gente se retira tendo nos labios o ah! prolongado e gostoso de quem descalça botina de verniz depois de haver servido de padrinho de batismo a criança com dor de barriga.

### Napoles - Maio, 10

— Da amurada do «Brasile», enquanto a aduana tarda, contrato e ouço estridentes canções napolitanas. Primeiro premio em fuga, um dos meninos da improvisada banda foge com o chapéu dum passageiro.

— Bom dia, bom carro, bom cocheiro; uma hora na lindissima «Galeria Humberto»; minutos na praça do mesmo nome; rapida vizita ao «Azilo dos Pobres», grande edificio e maior instituto, filho de doações muito fiscalizadas (Mizericórdia! Mizericórdias de S. Paulo e Santos...); exame incompetente das esculturas que enfeitam a «Porta Capuana»; volta a bordo; vizita do consul substituto Eugenio Oddino, falante de bom portuguez e intelligencia merecedora de emprego superior ao que ocupa ha já duas duzias de annos; cansaço; partida: foi o que me aconteceu hoje.

### A bordo - Maio, 11

— Separei para reler: o languidissimo «Herman e Dorotéa», onde o maior poeta germanico magistralmente realiza o ideal da inferioridade literaria; a instrutiva «Pre-

zideneia da Republica» de Leiret; e, para ler, o «Flos Sanctorum» de Severiano de Rezende. Passarei, depois, a tresler na cara e nos modos dos companheiros de viagem.

Maio, 12

. . . . .

Maio, 13

— Relatam-me, companheiros de meza, terem ouvido em terra notieias certas de parede operaria em S. Paulo. Rezultado da lei de expulsão de estrangeiros; lei inspirada pelo atrazo, sustentada pela malvadez e votada pela ignorancia.

Imagino quanta perseguição e quanta subvenção! Como aturador e inerte, o povo lhe não pede eontas, a oligarquia paulista mete o braço no Tezouro até os cotovellos. E' da «Arte de Furtar»: os maiores ladrões são aquelles que têm por ofieio nos livrar dos ladrões.

Reparando - Maio, 14

— Das tres mezas, com quinze gargantas de primeira classe e dois ofieiaes, commandante e medieo, calvos ambos, a melhor é a minha. Recitante de coplas populares, alegra-a um italiano, patriota e eleitor no Brazil, eleitor e patriota na Italia; frenteia-o um eunhado que se dedica ao eulto do sileneio; feeha a roda um eazal de velhos civilizados em estréa transatlantica: a mulher eom um terço de sorrizo; o marido, quando instigado, repetindo valentes estrofes de Carduci.

Noutra meza: mistura italiana eom suissopaulista, uma promissora familia mantendo desde já a arimetia do eazamento: 1 mais 1 eual a 6; ao lado, uma ex-atriz, eandidata á resurreição moral. Depois... Mas o escandalo da-se! Medieo e eommandante arrebanharam refeitoriamente as duas confessadas solteiras de bordo: uma morena espaçoza e uma irmã, quinze annos si tanto, franzina, pés diminutivos, corpo flexivel. A gorda veiu á Europa buscar a magra. Destino policial inevitavel e garantido.

Inimportantes os mexerieos de bordo. O proprio boato de haver o commandante tomado um laxativo apenas mereceu ligeiros commentarios.



No pico do Itatiaya



NO PICO DO "ITATIAYA", PONTO CULMINANTE DAS AGULHAS NEGRAS,  
A 2.983 METROS DE ALTITUDE

## No alto do Itatiaya



A «Casa das Macieiras», no núcleo colonial Itatiaya, a 2.500 metros de altitude, proximo ao pico das «Aguilhas Negras». E' a casa de residencia mais alta do Brasil



Na basa das «Aguilhas Negras», 2.400 metros de altitude

(Photografias do Sr. Roberto Rodrigues)

## Queixas e queixas - Maio, 15

— Falta velocidade aos vapores da «Companhia Veloce». Na sua maior inarcha o «Brazile» marcou 320 milhas. Peior, porém, do que a marcha é a comida; suportavel em começo, perdeu de repente de quantidade e qualidade. O pão está melancolico. A anemia da sopa aconselha cuidados medicos. A costelleta de vitella annunciada para hontem foi substituida por carne de vaca brava.

Na volta, dizem, os passageiros padecem mais. Só lhes fornecem generos trazidos de Genova e Napoles. Nem laranjas do Rio, nem abacaxis de Pernambuco têm os commissarios licença de comprar. Os queixos dos passageiros que se queixem ao bispo. Levar queixas á gerencia da «Veloce» é perder tempo. Associados a marinheiros no desatapamento e reprego de bagagens, para furto de objetos que, uzualmente, estão nas primeiras camadas, invariavelmente os empregados da agencia respondem: que o reclamante indique e prove onde o furto foi praticado. Identica resposta recebe, quazi sempre, quem interpella as companhias de seguro.

Ir ao governo brasileiro? Peior. Envergonhou-me na Europa a divulgada convicção da venalidade de nossas repartições publicas. Por mais que eu afirmasse ser a nossa latrocracia, quazi toda, obra dos funcionarios subalternos, tendo unhas aparadas cerca de noventa e tres por cento dos ministros republicanos, ninguem acreditava nos meus protestos em prol da relativa honestidade nacional. A deputado francez que me perguntou porque, no Brazil, os ministros saem e os larapios ficam, repliquei citando-lhe o caso do Panamá. Enfronhadamente me embuchou treplcando:

— No Panamá o ministro saiu do parlamento para a cadeia; em vossa terra, nem sempre a peça termina assim.

Impedido, por oportuno acesso de tosse, de dar ao francez uma resposta energica, recorri, para fechar o incidente, á mais moderna das qualidades paulistas: a paciencia. Silencieei. Calei-me.

Ninguem se arrepende de ficar calado. Aprendi praticamente (nos outros) essa verdade em Santos, poucos dias depois da proclamação da Republica em 1889. Foi o caso: officiaes do exercito, contrariados porque não atendidos com urgencia em requisição feita á Santa Caza de Misericordia, dirigiram-se ás respetivas enfermarias e, armados de palmatorias, generosamente distribuiram duzias de bo-

los aos principaes funcionarios. Recebidos os bolos sem reclamação, combinaram Irmandade, directorio politico e imprensa dar immediatamente o assumto por terminado. Só a palmatoria falou. Ninguem lhe respondeu. Ninguem se arrepende de ficar calado.

### Profecias - Maio, 16

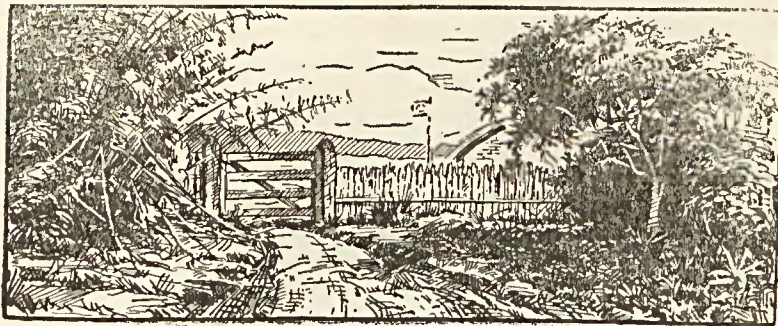
— Achei, numa maleta, volume de Henri Gaston sobre siderurgia. Prevê decadencia da Allemanha pelo provavel exgotamento de suas minas de ferro. Documenta-se com cifras, discute com imparcialidade, conclue com firmeza. Ensina e convence. Profecias! Para uma que se realize ha mil que falham. Tres vaticinaram com estardalhaço a morte da Allemanha: a de Hermann em 1240; a de Maience, de data incerta, porém posterior áquella; e a de Fienisberg em 1849: mas os quarteis germanicos continuam a apavorar o ocidente, ameaçando a liberdade dos povos.

Cada um profetiza o que dezeja. Ainda ninguem profétizou que ia tomar uma sóva de páu.

*(Continúa)*

MARTIM FRANCISCO





## PORQUE LOPES SE CASOU

— Pois meu caro, dizia Lucas ao seu amigo Lopes, fiz uma asneira, casei-me.

— E és pae d'uma legião...

— Tenho doze filhos e já alguns ávos do decimo terceiro.

— E tudo quanto produz o teu trabalho some-se em bugigangas, leite e farinhas, coeiros, toucas, cavallinhos de pau...

— Um trabalho de negro captivo mal dá para mantelos no pé de deccncia que a minha posição requer. E' uma voragem a minha casa. Quando entro numa sapataria é para comprar doze, quatorze e breve quinze pares de sapatos. Das lojas nunca trouxe fazenda aos metros, é ás peças. De feijão gasto uma sacca por semana. Uma voragem!

E se visses que jararaca me sahiu minha mulher!... Uma fera, Lopes! Dessas que lançam com o prato á cara do marido se este torce o nariz ao quitute. E feia, desleixada, lambona, cabellos despenteados, um fedelho aos berros no braço, as chinellas a arrastar pela casa, *trec, trec...* Traz á cintura a penca de chaves e um rabo de tatu' que até a mim inspira respeito. Dirige o movimento da casa a lambadas. Grita sem parar, deblatera, diz nomes, arranca a orelha ás criadinhas. E' um despotismo de saias a serviço d'um estado de sitio que supprimiu o meu poder marital, o meu patrio poder, o meu poder animal de homem e me põe na casa humilde, caladinho, d'ore-

Ihas murchas como um burro de carroça.

Felizmente o trabalho na repartição afasta-me da inferneira oito horas por dia. E' quando vivo. Mas quando o serviço termina e volto para a Gehenna, ah! Lopes, nunca saberás com que angustia o faço... O lar! Falam poetas nas delicias do lar, no remanso do lar... A avaliar pelo meu o lar é circulo que esqueceu ao Dante. Em caminho para o «remanso do lar» rememoro tudo o que me espera. No topo da escada, de mãos á cintura. a minha tremenda metade em attitude de juiz em face do réu:

— «Trouxe a pimenta? comprou o sabão? chamou o homem para concertar a torneira?

E se acaso me esquece alguma coisita lá desaba o temporal:

— «E' isto, não prestas para nada, não sei porque casou já que não serve nem para trazer da cidade um pão de sabão de cinza para a burra da mulher que fica em casa a se matar de trabalho, e tá, tá, tá. Não imaginas a minha vida, Lopes...

Lopes arripiado ante as confidencias do amigo alvitrou uma solução desesperada.

— Em teu caso, Lucas, eu recorreria aos meios extremos, ao divorcio, á bolinha...

— Caçoa, caçoa... Eu tambem caçoava.

— Mas, Lucas, estás a exaggerar. Dou de barato que seja assim. Mas ha compensações. Os filhos, por exemplo, as alegrias sãs da paternidade...

— Os filhos! Têm muita graça o primeiro, o segundo e ainda o terceiro. Depois, do quarto ao decimo segundo... que pestesinhas infernaes! Destroem tudo, põe a casa immunda, vivem num corropio de peraltagens capaz de endoidecer a um santo. Não sei se os filhos dos outros são assim, mas os meus batem todos os *records*. Ha um, o senhor Lulu, que denuncia um novo Atila. Diver-te-se quebrando, furando, judiando escangalhando o que encontra. Hontem procurei um livro — livro de contas, socega — e fui encontral-o no quintal, dentro d'uma poça d'agua, a guiza de barragem de dique. Só em louça quebrada esse patife dá-me um rombo de quarenta mil réis por mez. E não é elle só. O Eduardinho tem a mania de encafuar os talheres que pilha nos buracos dos ratos, nas frestas do assoalho. Um outro especializou-se em quebrar dentes aos garfos. Chegamos á perfeição de ter em casa apenas um com quatro dentes! Já as facas são uma dentadura completa. Quem é o dentista? O Sr. Lulu. Aparece



uma cadeira com tres pernas. Quem foi o carpinteiro? O Sr. Lulu.

A Ignezita tem a bóssa da costura. Está praticando no córte. Em pilhando a tesoura esconde-se num canto e vae picando o que encontra. Ha dias abriu um rombo no oleado da mesa, um oleado adquirido na vespera — e tão caro!...

O Leandro é o homem da balistica. Vive com o papo da camisa cheio de pedregulhos e cacos de telha, «tentos», diz elle e brinca de partir as vidraças dos vizinhos. Tem mão certa como o Guilherme Tell.

O Lucas, esse chora. Chora doze horas por dia, atôa, por brincadeira. E' o rei da manha, mas daquellas manhas interminaveis que deixam os nervos da gente em carne viva. O Bentinho, que é torto, o coitado, já fuma pontas de cigarro e collecciona nomes feios apanhados na rua. O mais velho foge de casa pela janella, e entra de madrugada. Anda-me sorumbatico, com umas espinhas suspeitas. O Juvenal...

— Pára um bocado, Lucas. Deixa-me tomar folego e fazer uma observação. Sendo assim como são, travessos insubordinados, a culpa é só tua. E' que lhes não dás a devida disciplina, não os corrige, não lhes torces o pepino no tempo propicio, homem!

— Será, mas que queres? Não posso, não tenho energia. Sou uma tapera, um homem arrazado que me fiz fatalista para ter uma philosophia que me dê paz á consciencia. Bem me accusa ella de ineptia e frouxidão extrema... A's vezes vem-me impetos de reagir, entrar em casa de Guatambu' em punho e ir deslombando ás cegas a escadinha inteira, coisa do começar no frangote das pe-rebas e acabar nos seis gatos ladrões do Chiquinho, com escala pelos cães sarnentos do Manoel, pelos canários azu-crinantes do Julio e pelas bonecas de panno da Mariinha. Moel-os em massa, a granel, e vir entregar-me á policia, e pedir ao jury, de joelhos, trinta deliciosos annos de paz e silencio no fundo duma cellula. Mas fica em impetos; sou uma tapera arrazada incapaz dum movimento energico...

O pobre Lucas consultou o relógio e assustou-se.

— Tres horas! Minha cara metade deve estar furiosa. Adeus Lopes, vou-me ao «repouso do lar», concluiu elle, despedindo-se, com riso amargo.

E foi-se o Lucas, apressadamente, cheio de pacotes pelos nós dos dedos, embrulhos nos bolsos e um queijo

sobraçado. Lopes ficou no lugar, acompanhando-o, com olhos parados a recordar. Veio-lhe á mente o Lucas de quinze annos atraz. Era um rapagão viçoso, todo esperanças no futuro, e amigo de architectar castellos de Hespanha. Poetava. Amou meia duzia de meninas em duas centenas de sonetos parnasianos, e por fim elegeu diva á Nonoca Fagundes, uma loura translucida, magrinha, de falas mellifluas — um Botticelli temperado á moderna, dizia elle. Era bonitinha, dezeseite annos, em pleno viço da beleza do diabo, um mimo de fragilidade e boazinha como não havia outra — boa, «boa constrictor...» Ingenua, amiga de reticencias graciosas, corava a todo instante. Dizia elle: moram em suas faces duas rosas Bella-Helena. Andar, saltitante, leve como de sylphide. Um verso d'elle resava:

*Das plumas tens no andar  
a suave macieza...*

Lucas amou-a em regra e sonetou-a inteira, dos cabellos aos pés, parnasianamente, nephelibatamemente, com lyrismo de commover ás pedras. Não a tratou pelo cubismo porque o cubo guindado a metro poetico inda não tinha sido inventado.

Sonhava-a ao seu lado, amiga peregrina d'alma e do coração, n'um arroubo perenne de felicidade celestial pela estrada da vida afora...

Amou-a tres annos seguidos com o dispendio annual d'uma arroba de versos arrancados á carne viva da inspiração. Bateu-se a punhadas com varios rivaes. Rompeu com a familia que desapprovava o casorio. Cantou-lhe á janella, com muito choro de violão, todas as modinhas do tempo, «Quizera amar-te», «Accorda donzella» e outras adrede compostas para aquelle fim. Amou-a loucamente «como só se ama uma vez na vida». Foi desses que dizem em prosa, verso e cochicho: «ver-te e amar-te foi obra de um só momento». Intercallou num alexandrino o classico anjo, mulher ou visão». Esgottou inteirinho o alforje romantico das imagens enluaradas; recorreu á botanica e assolou o reino vegetal em cata de flores comparativas. Não contente com isso inda deambulou pelos ccus e mergulhou nos mares, caçando imagens — que nada era bastante á immensidade d'aquelle formidavel amor.

Casou, por fim.

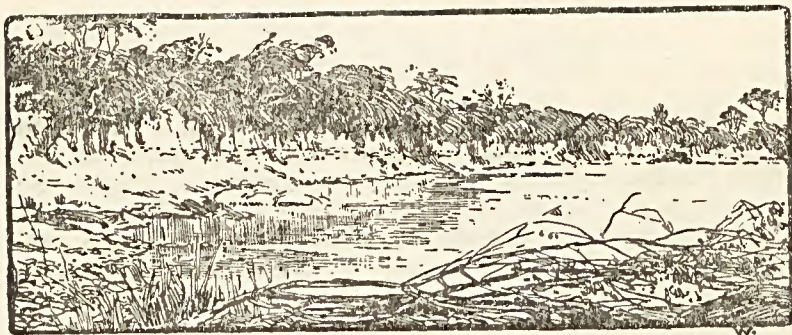
E estava reduzido áquillo, o Lucas!...

Em vista do que Lopes, que estava noivo, e irresoluto se casaria ou não, tendo no activo já uma duzia de sonetos hendecassylabos, decidiu incontinenti... casou. Se tinha de acabar como o Lucas, levasse sobre elle, ao menos, a vantagem de menor copia de versos á futura casavel. Porque lhe pareceu que o maior soffrimento do Lucas havia de ser o remorso da enorme bagagem de versos ante-nupciaes. E era.

MONTEIRO LOBATO



w.



## UMA EXCURSÃO AO PICO DO ITATIAYA

---

*No Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, vol. V, de 1889, o mallogrado Orville Derby dava como inatingivel o Pico do Itatiaya, pois ao notavel sabio lhe parecia que só um passaro ou uma lagartixa pudesse chegar ao ponto culminante em absoluto. Esse ponto é hoje accessivel, como o demonstram as photographias que publicamos e esta narração do arrojado excursionista sr. Roberto Rodrigues.*

Do Nucleo Colonial «Visconde de Mauá», situado a 1.050 metros de altitude, na Serra da Mantiqueira, e a 34 kilometros da cidade de Rezende, partí acompanhado de José Ubmayer, numa viagem ao pico do Itatiaya, que fica, como se sabe, num ponto de limite dos tres Estados de S. Paulo, Minas e Rio. Levava-me a essa aventureosa excursão a maneira entusiastica pela qual Ubmayer se referia ás regiões da Mantiqueira, pois que elle era velho conhecedor daquellas paragens, possuindo dellas bellissimos documentos photographicos, a par de dados scientificos de inestimavel valor.

Adherira ao farrancho o Snr. José A. Antunes, funcionario do referido nucleo, a quem muito deveu a nossa

excursão em materia de segurança e commodidade. Partimos ás sete da manhã, pela estrada do Nucleo, que margeia o Rio Preto até ao sitio «Invernada» e dahi, pelo valle do ribeirão Bonito, por veredas já bastante ingremes.

A's 11 horas mais ou menos, embrenhamo-nos na mais densa floresta da Mantiqueira, a 1.900 metros de altitude, onde fizemos alto para o *lunch* e folego aos animaes que com as maiores difficuldades vinham vencendo, a passo, caminhos solapados, barrados a cada momento por gigantescos troncos desraigados, e veredas emmaranhadas de cipós.

Depois de ligeiro descanso, emquanto Ubmayer, com a indiscreta machina, photographava uma bellissima canelleira, enlaçada de lianas e revestida de orchideas, proseguimos na marcha rumo ao sitio denominado «Retiro», situado numa pequena esplanada a 2.200 metros de altitude.

Neste logar a paisagem muda completa e bruscamente, como nas magicas, causando verdadeira surpresa aos excursionistas, já habituados, durante a caminheira anterior, ao crepusculo das mattas virgens, onde o murmurio de innumerás cascatas se casa ao rumor da fauna miuda.

A conformação topographica torna-se máis uniforme, extendendo-se em planicies, ora regulares e cobertas de gramineas fortes, constituindo excellentes pastagens, ora onduladas e circumscriptas por blocos de rochas desnudas, isolados ou em grupos pittorescos.

Ao fundo, em direcção Norte, elevavam-se, entre blocos esparsos, os macissos colossaes que constituem os primeiros contrafortes do gigantesco «Itatiaya» a cuja base chegamos ás quatro da tarde, depois de um percurso de 30 kilometros, aproximadamente.

Achavamo-nos então, a 2.400 metros de altitude, nas margens das bellissimas lagôas que dão origem ao Rio Preto, ribeirões Itatiaya e Ayuoca, afluentes do Parahyba. Embevecidos, ficamos por alguns momentos a admirar aquelle amontoado de rochedos gigantescos, que se extendem longitudinalmente, e terminam em anfractuosidades e columnas isoladas que á distancia semelham arestas pontegudas.

O nosso guia e precioso companheiro, exaltava o nosso enthusiasmo, contando jocosas peripecias das suas ascensões anteriores, mas disfarçava as reaes difficuldades e os perigos que correm os que se propõe chegar aos pincaros.

Proseguindo na caminhada, fraldejamos a inexpugnável barreira que se nos antepunha, em demanda do sitio «Macieiras», onde pernoitaríamos. A hospitalidade que graças as relações amistosas do Snr. Ubmayer, nos estava reser-



vada manifestou-se de começo por uma ceia deliciosa e magnificas fructas, — maçãs e peras — cultivadas naquella região pelo seu ex-proprietario Commendador Henrique Irineu de Souza, as quaes, pelo sabor e tamanho, rivalisavam com as melhores que nos vem do estrangeiro.

Depois de reconfortados os estomagos, dispunhamo-nos a dormir, quando Ubmayer protestou. Era preciso aproveitar a oportunidade para admirar o espectáculo de uma noite de luar naquellas alturas. Marcando o thermometro 6º centigrados, o frio e um vento cortante oppunham-se a isso. Não obstante, acompanhei o heróe. O panorama que se me deparou é dos que se não descrevem. O grandioso espectáculo, o silencio augusto que reinava na paisagem cyclopica dava a impressão de que estivessemos sonhando, ou fóra do mundo...

Na manhã seguinte, logo ás 6 horas, começaram os preparativos para a continuação da viagem. Desistiu deprehendel-a o companheiro Antunes, que, mau grado nosso, preferiu a palestra das amaveis senhoritas que nos hospedavam, aos riscos da aventura.

A's dez, chegámos á base, junto ás primeiras lombadas do grande macisso onde se ergue o posto meterologico do Observatorio Nacional, cujos apparatus registradores são visitados semanalmente por uma senhorita encarregada desse serviço por aquella repartição.

A's 11 horas começamos a subir de novo, levando como indispensavel bagagem um rolo de cordas, o nosso *lunch*, um aneroide e apetrechos photographicos.

Galgadas com relativa facilidade as primeiras encostas, seguimos em direcção á bocca de uma furna, pelo meu guia denominada «Gruta do Inferno» situada a 2.760 ms. de altitude. Pelo interior d'essa gruta, ou, mais propriamente, d'essa garganta formada por dois blocos enormes, onde a luz directa era interceptada por outros rochedos deslocados e entalados entre as paredes, continuamos a subir, tacteando as saliencias que nos offereciam apoio e passando espremidos entre os desvãos das pedras deslocadas, até chegarmos a um platô, com muito acerto denominado «Tribuna» pelo meu companheiro, cuja altitude, já muito elevada, não pudemos verificar por falha do nosso aneroide. Teriamos gozado nessa «Tribuna» do espectáculo de um vasto horizonte, si o fievoeiro, tão commum nessas alturas, nos não tivesse privado desse prazer.

Attingimos, enfim, um dos mais altos pincaros do Itatiaya. Ahi encontramos uma garrafa perfeitamente fechada, contendo bilhetes de visita, entre os quaes os das se-



nhoritas Lutz e Margarida Oliverio. Gravados nas rochas viam-se algumas inscrições, nomes e iniciais.

Não alcançáramos, porém, a nossa meta: uma columna mais alta se elevava ao nosso lado e para galgá-la seria mister um salto arrojado, pois aquelle ponto se achava separado da nossa base por uma grande fenda.

O entusiasmo arrefeceu um boeado. Não obstante dispuzemos a nossa maquina photographica focalizada para o atlo da columna que visavamos para pedestal e arrojamos a empreitada. Galgamol-a, e grande foi a sensação ao firmarmos pé no seu apice. O vento gelado e intenso, e a garoa de arripiar, não permittiam que nos conservassemos por muito tempo alli, sobre a pequenina superficie muito irregular e meio chanfrada. Além disso, a attracção do abysmos nos atordoava.

Procuramos perscrutar o horizonte atravez das nuvens carregadas que successivamente passavam como um branco lençol estendido á frente; nada se podia ver nem mesmo na parte baixa da montanha, envolta em densa eerração.

Eram 3 horas da tarde: havíamos, portanto, gasto 4 horas para veneer uma differença de altitude de mais ou menos 600 metros (da base ao pico.) Deixamos ao pé da nossa bandeira, fechados num frasco, os nosso bilhetes, e preparámo-nos para a deseida com receio de que a noite nos sorprehendesse naquellas solitarias regiões.

Chegámos á base da montanha ás 7 horas da noite, sem incidentes maiores além de ligeiras arranhaduras, tendo gasto menos tempo na descida apesar de a termos realizado em eondições arriscadissimas, com muito arrojado e sangue frio, ora nos deixando escorregar com o ventre sobre os lagedos levemente sulcados pelas erozões, ora quasi pendurados entre os penhaseos, procurando com o pé um apoio ou medindo os precipicios e saltando de um para outro rochedo em degrau inferior.

Algumas variedades de algas e curiosos batraehios, inteiramente vermelhos, foram os unieos representantes enecontrados da flora e fauna desses altos pinearos. Notamos porém, na sua base, uma vegetação mais rica e variada, sobre tudo em grammineas e pequenos arbustos, cujas flores de variados tons, matizavam as varzeas perfumando-as.

A casa das «Maeieiras» é a mais alta moradia do Brazil. Pertence ao Nucleo Colonial do Itatiaya e está situada a 2.500 metros de altitude, em uma lombada de terras fertilissimas, onde, em completo abandono, vegetam macieiras e pereiras, em plena produção.

Quanto ás aguas, que de toda a parte brotam, são de



incontestavel pureza, sendo reputadas pelo Dr. L. Cruls, que as analysou, como superiores ás da Carioca, no Rio de Janeiro, tidas como das mais puras do Brazil.

Antes de deixar essa magnifica vivenda, subimos ao alto de uma montanha proxima, a 2.600 metros de altitude.

D'alli domina-se o valle do Parahyba em grande extensão. Fronteiro, formando a outra vertente do grande rio, eleva-se a serra da Bocaina, em linha quasi parallela, até uma curva além, onde parecia entroncar-se com a Mantiqueira. A' nossa direita, em direcção NO. a serra do «Picu'», que nas visinhanças de Queluz se destaca do geral das montanhas pela sua conformação regular e quasi symetrica, terminava por uma serie de picos ou columnas isoladas, de bellissimo aspecto. A' nossa esquerda, elevava-se em destaque, na linha das cumeadas, muito ao longe, a «Pedra Selada»; em baixo, á nossa frente serpenteante como uma fita branca num tapete de verdura, desde a cidade de Queluz até além da villa de Floriano, o magestoso Parahyba.

As condições climatericas, ao par das conformações topographicas de varios e pittorescos effeitos, tornam as regiões do Itatiaya dignas da attenção do nosso Governo. Como na Allemanha, Suissa e Estados Unidos, poderiamos tambem ter alli confortaveis hoteis e sanatorios, que certamente se tornariam frequentados por doentes e excursionistas. Seriam, — como diz o Dr. L. Cruls, — «o ponto de *rendez-vous* de todos os que amam a natureza ou procuram revigorar a saúde debilitada no seio de uma região privilegiada em que os ares purissimos e as aguas cristalinas dariam novas forças aos seus organismos debilitados.» Se não isso ao menos conservasse o Governo a estrada de rodagem já existente entre a estação de Campo Bello e o alto das «Macieiras». O incomprehensivel é que não façam nem uma nem outra cousa.

ROBERTO RODRIGUES







Da nova geração mineira, o Sr. Mario de Azevedo é um dos mais interessantes espiritos; e estes versos, colhidos ao acaso no seu livro «Vigílias», a publicar-se, sobre serem de um accentuado sabor parnaseano, evidenciam que não ascendeu ás «alterosas», felizmente, a mania de macaquear os poetas do decadentismo.

## METEOROS

---

*Diante de mim, á noite, apparecem ogivas  
e surgem barbacãs fidalgas, onde vejo  
d'amantes que olvidei, mudas sombras esquivas,  
como extinctas visões de um postumo desejo.*

*Passam por mim, e á gloria, á sensação de um beijo  
ruge uma turba-multa hostile de outros convivas,  
e o espaço repercute o mysterioso arpejo  
do torvelinho astral de notas emotivas.*

*Alucinado espreito. Alma êxul d'outras éras,  
a lua como um buzio entre os cirros pairando  
concentra a melodia esparsa das espheras.*

*E, harmonia da côr, á queda dos meteoros,  
cada raio de luar parece estar vibrando,  
vibram no firmamento heptacordios sonoros.*

## PENUMBRAS

*Entrebailar de sombras no ar silente.  
Meios tons... lusco-fusco... nuance esquiva  
de uma tonalidade compassiva,  
que parece abençoar a alma da gente.*

*Porque deste crepusculo deriva  
um rio inteiro de emoções, fremente:  
dentro de nós, á suggestão do poente,  
cirandam sonhos que a saudade aviva.*

*E o mormaço que sopra das queimadas,  
faz-nos pensar em cousas não pensadas,  
por esta tarde mystica de agosto.*

*... ser sombra que se esvae, nevoa que passa,  
nevoa que o vento enlaça e desenlaça  
no esvoaçar das penumbras ao sol posto...*

## A PARABOLA DO TRONCO

## I

*Velho tronco a morrer, como eu lamento  
a tua ancianidade dolorida;  
á cicatriz de insolita ferida,  
não serás nunca mais renovoamento...*

*A vindicta do tempo, desabrida,  
te transformou, num tragico momento:  
eras vigor, és encarquilhamento,  
saudade paralytica da vida...*

*Triste mendigo ao pé das outras cousas,  
nem tens homisio num qualquer canteiro,  
num canteiro qualquer nem te repousas.*

*Que esperas tu, exanime phantasma,  
neste anniquillamento derradeiro?  
— O milagre da Côr que em mim se plasma!*

## II

*E o velho Tronco, entanto, ao vir do outomno,  
numa manhã metálica e offuscante,  
como quem se ergue de um pesado somno,  
despertou para a vida circundante.*

*E reverente, humilde, sem entono,  
ao primeiro rebento vacillante,  
olvidando o amaríssimo abandono,  
offerta fez á luz de um caule infante...*

*Outras hastes uniram-se á primeira,  
tornando-se uma esplendida roseira,  
plantada no arcabouço original.*

*E uma rosa se abriu casta e serena,  
casta como a visão de uma patena,  
serena como um Verso de Mistral.*

## III

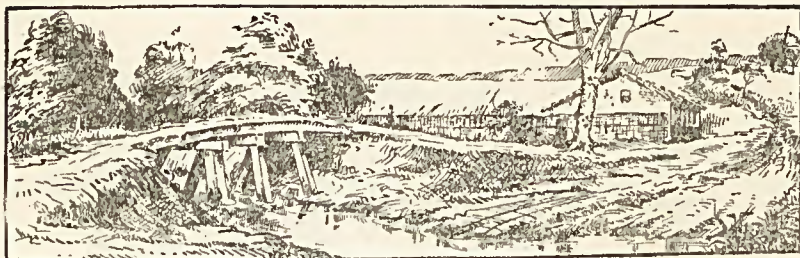
*A's plantas do jardim quanto desdouro  
o sol não trouxe num sorriso tardo:  
num fremito feliz o floreo fardo  
illuminou-se como um vello d'ouro.*

*Das cigarras espouca o alegre côro,  
numa sébe minuscula de nardo:  
nunca viram velhinho tão galhardo  
ostentando tão flórido thesouro!*

*Ao proprio Ipê, o Creso das florestas,  
tanta fecundidade tropical  
pode açular, ó Tronco, iras funestas...*

*E quanta inveja que não causa ú gente,  
aos que envelhecem prematuramente,  
a tua Senectude vegetal...*

MARIO DE AZEVEDO



## O REBELLADO

---

*O Sr. Rodrigo Octavio — que, ultimamente, pelo muito que lhe exige a jurisprudencia nacional, tem quasi abandonado as bellas letras, — fixa nestas paginas um dos problemas mais cruciantes da psychologia humana: a procura da felicidade.*

Após alguns dias desse viver solitario que, fugindo aos homens, fui buscar na altura quiéta do planalto da *Chartreuse*, tornando ao meu albergue, que trazia o suggestivo nome de *Hotel do Deserto*, cansado de percorrer accidentados caminhos, ora, no mais vivo das penedias escarpadas, ora, sob as espessas ramas dos pinheiraes soturnos, sentei-me na platibanda de uma pequena ponte.

Em baixo referviam, cantando, as aguas de duas torrentes que ahi se juntavam; aguas raras, nesse tempo de grandes estiadas, mas que muito deviam avultar em tempos outros, a se avaliar pela extensão das margens cobertas de arredondadas lages.

Accompanhava, distrahido, o crespo deslizar sussurrante da corrente, esgueirando-se entre pedrouços irregulares.

A musica, sob qualquer forma, sempre exerceu em mim dominadora influencia. Ouvindo-a, quando recolhido, meus pensamentos vão com ella, como levados á flux da correntesa, e nesse vaguear, meio sonho, quanta perspectiva não se me tem aberto á phantasia solta, e desaparecido, num breve momento, como essas construcções coloridas e cambiantes que um raio de sol desenha, subito, na poeira humida das quedas de agua?...

Essa ribeira, cuja musica, ora me embalava, no seu pequeno curso, flebil e murmurante, coleava subtil, aqui, entre as vegetações das margens, segredando-lhes a historia de sua jornada sob tantos ceus diversos, ali, dilacerando-se, em soluços, nas arestas dos penhascos, mais alem, espreguiçando-se em murmurios nas bordas arenosas, e nessa continuidade harmoniosa e dis-

par, aparecia-me essa ribeira como a pitoresca materialisação de uma sonata.

Eu estava num desses raros momentos de abstracção, em que o esquecimento das preocupações da vida permite o colloquio nudo, a conjunção ideal do homem consigo mesmo, e lhe sensibilisa o espirito para apreensão das manifestações mais subteis.

E a mim, nesse raro momento de vida interior, a múrmura ondulação cantante das aguas levava, no seu curso, para o indefinido porto o meu pensar indefinido...

Nessa tarde estival, sobre a velha montanha do *Dauphiné*, tudo concorria para mais longe me levar do mundo. Eu me abstraíra da vida; me confundira na natureza. E uma voz humana me chamou á terra, a voz de um velho guia montanhez, que, tantas vezes já, encontrára em excursões solitárias.

Escusou-se o homem do sobresalto que me causára a subita interpelação amical. Mas, não se continha no desejo de me contar uma história e me fazer uma revelação.

E era tão sincera a expressão do seu rosto, queimado pela asperesa dos invernos batidos de vento, e tão humano o gesto com que se escusava de talvez me haver incommodado, que do melhor humor eu lhe acolhi o proposito.

Confiou-me então o guia, que ao meu lado se assentára, que eu lhe fazia lembrar uma original creatura, um estrangeiro, que, annos passados, viéra viver n'aquellas montanhas afastadas. E eu lhe lembrára esse homem porque, também, como o outro, andava sempre só e me esquivava do convívio humano. A razão não era muito concludente, mas o caso me interessou desde logo e eu me dispuz a deixar fallar o loquaz interlocutor. E, do que elle me contou, numa abundancia enorme de pormenores e informações, aqui registro um apagado resumo:

O tempo, não importa; o guia, em cuja cabeça mascula os anelados cabellos alvejavam de todo, ao contacto das nevadas de tantos invernos, era homem feito e já conduzia viajante atravez das montanhas, quando o estrangeiro, um dia, sem se saber de onde vinha, appareceu no pequenino arraial.

Aboletou-se numa pequena hospedaria, não havendo ainda, nesses tempos atrás, hotéis nem casas de conforto em taes longitudes.

O homem, sendo, aliás de agradável aspecto, não fallava senão para o que era de todo necessario, e de ninguem procurava aproximar-se. E, o quê, a todos, maior extranhese causava, era que elle não manifestava a intenção de partir; antes, tão calmo e conformado áquella vida vivia, que, parecia, outra não querer para si.

Era o bom tempo da serra. O sol brilhava no escalavrado das escarpas e toda a gamma do verde cobria vergeis e morros. O estrangeiro não deixava os caminhos e trilhos de cabra. Não houve recanto a que não descesse a altura de onde não fosse contemplar as perspectivas abertas do horizonte.

Mesmo ás noites, deixava, ás vezes, o pouso e se confundia na sombra, onde, a taes horas viva alma não se aventurava a penetrar.

Vieram, entretanto, os primeiros ventos frios, depois as primeiras neves ralas. O pequeno gado da serra foi descido ás rechans, onde uma relativa melhora de temperatura lhe facilitava o trato, impossivel na asperesa das montanhas.

Breve, os gelos e as chuvas encharcariam caminhos, condemnariam portas e janellas. Pensou-se que o estrangeiro partisse tambem, como tanta gente da serra que partia. Mas, o estrangeiro ficou.

O assombro dos aldeões não teve limites. Havia ali um mysterio; ninguem o duvidava, mas por o desvendar ardia inutilmente a ingenua curiosidade da rude gente.

Que ali morasse e vivesse os que ali haviam nascido ou para ali haviam sido trazido; pela avalanche da vida, era cousa que ninguem extranhava.

Por muito grande que seja a terra e por mais bellos e melhores que sejam alguns de seus lugares, ha sempre o homem para quem, agrestes e inhospitos recantos sejam o paraíso mesmo, ou porque não conhecesse outro ou porque outro não podesse ter.

Mas, procurar por seus pés essa triste morada, eleger por seu gosto esse sombrio retiro para o já sombrio desfilar dos dias, não era cousa de sã razão, a menos que se não fosse filho de S. Bruno.

E como o estrangeiro quasi não falava e, a sós, no pequeno quarto, tomava as refeições frugaes que pedia, chegou-se mesmo a creditar que elle outra cousa não fosse que um frade fugido ou expulso do convento, tão rigoroso se mostrava na observancia da austera regra dos Cartuxos... Mas, o homem não ia á igreja e do Cura não queria tambem saber, como dos demais mortaes. E essa hypothese foi afastada, em taes condições.

De uma vez viu-se gente da policia aproximar-se de seu albergue e procurar por elle.

Um arrepio de curioso sobresalto correu a espinha do pequeno arraial. Mas a gente partiu e tudo tornou ao que era dantes.

Depois soube-se que o haviam tomado por um criminoso audaz de que se andava em busca. Uma rapida conversa com a autoridade, porém, estabelecera o seu estado civil e desfizera a enganosa hypothese.

E, certo, criminoso não podia ser quem tão despreocupado e calmamente vivia; nem poderia tanto amar a solidão, que desperta a consciencia, quem receio tivesse de se encontrar a sós com ella.

Entretanto, o mysterio perdurava; pois, jamais alguém o visitava, como jamais o estafeta lhe batera á porta para deixar missiva ou recado.

Não era, entretanto, um mau animal essa creatura que tão selvagem e intratavel se apresentava ás demais creaturas.

Com o decorrer do tempo, e, annos se passaram, os nativos do lugar se foram afazendo á sua presença e aos seus hábitos, e mesmo o foram vendo se humanisar um pouco.

Nunca se lhe soube, é certo, cousa alguma da vida, nem quem era, nem de onde viera; mas, aquelles que, por qualquer circumstancia, d'elle se apro-

xiniavam ou delle necessitavam, jamais se aproximaram ou procuraram em vão.

Era compassivo, tolerante e generoso. Jamais dera, em tantos annos, motivo de queixa ou ressentimento.

A só occupação em que se o via entregue era o trato de um pequeno jardim, que plantára nos fundos da pobre, rustica morada, e a leitura de uns poucos livros que, naturalmente, consigo trouxera, pois que ali não os havia recebido.

Fôra disso, era o seu tempo consumido no longo vaguear pelos caminhos e nas quêdas contemplações do horizonte.

O velho guia, que taes cousas me contou, fôra o seu unico amigo na montanha.

Talvez, essa expressão *amigo* não caracterise bem o que o guia lhe fôra. Amigo era elle de todos, pois, de ninguem era desafecto ou inimigo; mas, foi o guia a só pessoa admittida, um pouco, na intimidade simples de sua vida. Como, por seu habitual viver, de vagueador impenitente, muitas vezes o encontrára na montanha, o guia foi talvez o seu primeiro conhecido, e delle se serviu para obter algumas cousas de que necessitava.

Depois o guia tornou-se-lhe numa especie de empregado; e, se bem o serviço que lhe incumbia fosse pouco e promptamente feito, elle se deixava ficar em casa, sem que mesmo o patrão delle se dêsse por apercebido, sentado á um canto, ou em lugar em que o pudesse ver.

Afigurava-se-lhe que o estrangeiro, por misantropo que fosse, não desgostava dessa dedicação, muda, quasi animal.

Ao cabo de algum tempo, ás vezes, sahiam juntos para as serras, e, se bem que o guia não tivesse conversa que pudesse interessar o espirito da original creatura, os dois, ás vezes, conversavam.

E, de tal modo, decorreram annos, sem que essa vida simples e solitaria do estrangeiro apresentasse modificação alguma.

O homem gosava de uma saúde excellente, a que ainda avigorava a vida primitiva que levava. Mas, avançava a idade e começava a decahir.

Certa noite, o estrangeiro chamou pelo guia e, apontando para um movel, disse. — «Naquelle gaveta ha ainda algum dinheiro; quando eu morrer toma-o e entrega-o ao Cura para distribuir pelos necessitados do arraial. Quanto a papeis que encontrar, mette-lhes fogo. O mais é teu.»

Depois o guia, a quem aquellas palavras haviam sobressaltado, na previsão de uma desgraça, o viu aproximar-se da meza, em que ardia uma candeia, e queimar tranquillamente papeis, muitos papeis, que ali jaziam espalhados.

Entretanto, a vida continuava ainda como dantes. Alguns dias passados, porem não o vendo, pela manhã, apparecer, como de costume, foi ao seu quarto o guia, e o encontrou deitado, todo vestido, como se assim houvesse adormecido. Chamou por elle; viu que estava morto.

O desaparecimento d'aquella figura habitual no scenario da serra, causou a natural sensação. Toda gente quiz ver o morto e, por esse corpo,

tão mudo e enigmatico sem vida, como o fôra vivo, desfilou, constricta e curiosa, toda a ingenua população dos arredores.

O guia fez como o patrão lhe havia recommendado. Entregou ao padre da freguezia o dinheiro que encontrou, e recolheu a pequena herança, onde o que mais avultava eram livros, uma dezena de volumes, lidos e annotados. Como esses livros pouco interessassem ao herdeiro, que os não podia entender, levou-os elles tambem ao padre e este, examinando-os, guardou alguns e mandou queimar os outros. Lembra-se o guia de que o sacerdote, ao terminar o exame desses volumes, observára que era extranho que pudesse a mesma creatura ter tido como companheiros de solidão aquelle conjuncto de livros, alguns de puro sentimento christão, outros de espirito verdadeiramente diabolico e rebelde.

\* \* \*

O auto da fé recommendado pelo velho, entretanto, o guia não tivera coragem de fazer, immediatamente.

Um certo respeito pelo estrangeiro, a quem, afinal, o simples montanhez se ligára por uma grande affeição supersticiosa, não permittiu a profanação de lançar ao fogo tanta coisa que encontrou escripta, muita a lapis, alguma de modo quasi inintelligivel. Recolheu tudo numa caixa de folha, atou com um cordel e guardou em baixo da cama.

A alma do amigo que lhe perdoasse o desrespeito á prescripção terminante. Certo dia, porem, apoz varias noites em que sonhára com o homem, appareceu-lhe o remorso por não haver satisfeito, nessa parte, o seu desejo. Tomou da pequenina caixa, foi para baixo dos pinheiros de uma grota mais proxima e ali, tendo feito de tudo uma fogueira, rezou o Padre Nosso em intenção do velho, enquanto crepitavam, reduzindo-se a cinzas, as folhas amarellecidas. E ficou mais calmo.

Algum tempo depois o pobre homem se apercebeu que dentro de um livro do morto, que conservára, porque nelle havia umas figuras, e que, desde muito não folheava, haviam ficado esquecidas algumas paginas escriptas.

O guia não teve coragem de queimar tambem isso. Mas embrulhou tudo, livro e escriptos, num mesmo pacote e o sumiu num fundo gavetão.

De vez em quando, porém, a lembrança daquelle guardado o sobresaltava e elle bem queria se desfazer da reliquia.

Foi para o que eu servi; tendo-me elle visto naquelles dias ultimos, lembrára-se do seu velho patrão. Os meus passeios solitarios, as minhas longas contemplanções de horizontes longinquos ou de aguas que corriam cantando, tudo lhe trouxera á memoria outros passeios e outras contemplanções; e pensou dar-me o pequeno volume.

E nessa tarde, tendo sabido no Hotel que eu ia partir no dia seguinte, encontrára o animo que lhe havia faltado até então; abordára-me, contára-me a historia do solitario estrangeiro, que fugira do mundo, e perguntára-me se eu queria acceitar o volume.

E, assim fallando, tirou do fundo do bolso do casaco, um pequeno pacote feito de jornal.

Eu acceitei, pressuroso, a offerta, agradecendo ao narrador singelo a



histeria e o presente; e, como houvesse quasi anoitecido e ali mesmo não pudesse eu satisfazer a intensa curiosidade, fui logo para o quarto onde desfiz o pequeno embrulho.

O volume era uma velha edição já muito lida do livro da *Imitação*, com vinhetas gravadas em madeira, e o escripto, que a custo pude decifrar, pois que a letra era meuda e fina, e a tinta clara e quasi apagada, continha a extraordinaria narração que se vae ler.

\* \* \*

«Esta é a visão do meu fim, do fim que eu não quiz ter.

No grande leito, em meio do quarto que illumina mal o vão de uma grande janella, de onde um sombrio velario pende, humana creatura vive seus ultimos momentos.

Sobre os travesseiros onde se percebe a impressão da longa permanencia de uma cabeça pesada, se desenhavam as linhas de um perfil sofredor.

A morte, que quasi já tem a presa, começava a traduzir-se na lividez do rosto, onde os olhos afundam e as pomas faciaes se elevam, na finura das mãos pousadas sobre a coberta branca, descarnadas, quasi uns feixes de ossos que as pelles enrugadas mantinham contra a dispersão. Mas, no brilho do olhar e na curva dos labios descorados, a vida se accusa eainda e persiste.

E o moribundo fallava. Em torno delle pessoas escutam, concentradas, parentes, amigos; uns debruçados sobre o leito, outros, de pé aos pés da cama, todos na dolorosa expectativa do trespasso proximo, assistindo compurgidos, a reprodução do mysterio da morte.

É no silencio do aposento, morno e sombrio, um fio de vóz, brando e regular, como o escoar subtil e limitado da areia na ampulheta, é o só que se escuta.

Todos se admiram daquella quasi postuma loquacidade em creatura que tanto amou a solidão e o silencio, Parecia que elle dizia agora cousas em que havia pensado e repensado, e que á força de terem sido ditas para dentro, saíam-lhe dos labios sem esforço, machinalmente, sem impressão, como se fosse o proprio pensamento que se estivesse fazendo escutar.

E o fio de vóz continuava:

..... quanto a bens de fortuna não tenho outras coisas que dizer; o que deixo não é muito, é mesmo pouco, mas é o bastante para poder fazer com que os meus herdeiros amanhã se malquistem, e, apezar do amor que hoje os une, façam, uns contra os outros, as maiores crueldades. O interesse adormece a razão e desperta o instincto, e o homem entregue ás inspirações do instincto, é o menos racional dos animaes. Não seriam conselhos nem disposições testamentarias que evitariam a conflagração; e, depois, estou mesmo convencido que é muito fallivel a presunçosa perspicacia dos testadores que acreditam assentar, com suas determinações arithmeticas, a harmonia das familias e a prosperidade das proles. Para impedir a luta que a partilha dos bens herdados pode fazer desencadear, é preciso, não tanto que os herdeiros tenham o sentimento de respeito para com o direito dos outros, como,

principalmente, se convençam do pouco que o dinheiro vale para a felicidade humana. Não posso aqui dizer quanto desejaria sobre a felicidade humana, já estão correndo os minutos da minha ultima hora e ha cousas de maior conveniencia a serem ditas por mim. Basta que se accentue, que os bens de fortuna, alem de um certo limite indispensavel, não influem na ventura, primeiro, porque só raramente a ventura se encontra, segundo, porque ella só depende de nós mesmos, da nossa faculdade interior de nos despreocuparmos da miseria humana. Póde, pois, na pobreza haver a ventura, que é a conformação perfeita com a vida que se tem, que se póde ter.

Eu nunca fui feliz, porque ardia no desejo de uma vida melhor ou diferente, que nunca chegou. O ideal é o inimigo da ventura. E eu poderia ter sido feliz, porque muito trecho de minha vida houve em que eu poderia ter gosado da ventura, se o estado de meu espirito me deixasse aperceber da bondade do presente. Por desgraça, porem, só depois de passados, na sureiçãõ da vida que é a saudade, é que eu pude verificar que tinham sido bons esses dias e que nada, senão a consciencia de que o eram realmente, me faltou para ter sido feliz. Ora, se eu não pude ser feliz com tudo quanto hoje deixo, não é com uma parte disso que os meus herdeiros vão encontrar a ventura. Não saberia, pois, como dividir o peculio e attribuir as suas parcellas. A lei impessoal e o sentimento de meus herdeiros que resolvam. E passo adiante.

Não quero pompas funebres nem ornamentações de luto. Apenas o que fôr indispensavel para o enterramento: um caixão, um carro. E no caixão, no leito em que poderei afinal dormir o somno sem o sobresalto do amanhecer, estarei bem, asseguro. Na clarividencia destes momentos, em que me estão vindo á flôr dos labios pelo remoinho final da consciencia, idéas e sugestões, vejo, e posso ler paginas e conceitos de que, de tanto os ter lido, tenho gravados na memoria. Lembro-me de que *Mon Oncle Benjamin* dizia «a morte não é somente o fim da vida, é tambem o remedio della. Em parte alguma se está tão bem como num caixão de defunto... é á só roupa que não nos encommoda.»

Para esperar a hora da viagem colloquem meu caixão sobre minha mesa de estudo, em meu gabinete, tendo em torno meus livros e papeis. Debruçado nessa mesa passei a maior parte dos meus dias, no gozo da leitura ou no afan de crear; nesse recinto frui os meus momentos de real e mais vivo prazer. E sobre essa mesa outra vida tambem se passou, cuja figura se apagou de meus olhos nos primeiros annos de minha consciencia, mas de quem a idôr de a ter perdido me acompanhou sempre, bemfazejamente, atravez da vida, como a saudade de um bem que eu quereria ter tido.

Não chorem minha morte. Estas lagrimas que me vieram aos olhos não foram ahí trazidas pelo desgosto de deixar a vida; lembrei-me dessa figura que mal conheci... foi a saudade que me enterneceu; é na saudade que o homem vive realmente.

Não chorem minha morte; penso que o philosopho tinha razão quando proclamou que é quando nasce que o homem deve ser chorado...

O nascimento é que abre para o homem uma perspectiva de soffrimentos



pela qual elle deve ser lastimado. A morte é o termo dessa peregrinação. Vou descançar. Devem regosijar-se os que me amam. Nem as lagrimas e o desespero, que a perda de um ente amado desperta nos outros, vêm as mais das vezes, realmente, por intenção do que morre. Bem por certo, os que choram acreditam sinceramente que choram o morto; mas, á parte o irreprimivel abalo que o espectáculo da agonia e o mysterio da morte trazem aos mortaes que ficam, abalo que, physica e mechanicamente, se traduz no pranto e na convulsão, o desespero e a dôr que se manifestam em taes casos são, principalmente, explosões, quero crer que inconscientes, de puro sentimento egoista.

Na generosidade, o que nos dóe na morte de alguém é, quasi sempre a falta que o morto nos vae fazer, é a perspectiva do reflexo nefasto que o facto possa ter em nossa vida. Não o choramos por elle senão por nós mesmos... E a prova é que nenhum abalo nos causa a morte, por mais triste e dolorosa que seja, das pessoas extranhas. Se a dôr que nos causa a morte de alguém fosse pura consequencia da magoa e da pena de ver esse alguém deixar de viver, por elle, pelo que elle com isso perdesse, a morte de qualquer pessoa nos devia causar um certo abalo. Entretanto, somos a isso perfeitamente indifferentes; as vezes, uma exclamação de dó, um movimento de piedade, e é tudo.

Comprehendo que se chore aquelle que vivia para o beneficio do proximo, pois que essa morte vae marcar a cessação desse beneficio. Mas não chorem a mim que nenhuma falta vou fazer, morrendo. Mesmo porque eu fui peor do que se pensa. O homem nunca é tão bom como parece. Primeiro, a maior parte do bem que elle faz, ou é levado a fazello por circumstancias irresistiveis, o que lhe tira todo o merito, ou o faz por sua propria satisfação, o que lhe não dá merito. E depois, de quanto se faz de máu e censuravel só uma pequena parte se torna conhecida. Ha as faltas, e mesmo os crimes que morrem no fundo das consciencias ou no segredo das cumplicidades e das discreções generosas; ha as intenções perversas, os pensamentos máus, que morrem na covardia ou na falta de oportunidade de se traduzirem em acção.

A approximação da morte me deveria fazer encarar os homens com mais piedade ou generosidade; não posso, entretanto, calar o triste juizo que formo delles. Eu os creio capazes das maiores abjecções; na incerteza da impunidade, que cobre nove decimos dos actos criminosos, e graças á elasticidade que o proprio homem vae dando ao campo da moral, em prejuizo da acção repressiva da sociedade, raro é o homem que poderá supportar, sobranceiro, um superficial exame de consciencia. Não sou severo demais; pelo contrario, o conhecimento da fraqueza humana me levou á julgar os homens com uma grande indulgencia. Julgo os outros por mim. Eu, que passo por bom, honesto e generoso, eu não me posso lembrar de certos actos de minha vida, de certas coisas em que pensei e que desejei, sem procurar esconder de mim mesmo o rubor de meu rosto.

Eu fui peor do que pareço e, se me não confranzo nem enrubeço agora, pensando no que fiz de máu, tanto por pensamentos como por actos, é por-



que tanto me arrependi do que fiz, tanto me torturei e soffri disso, que ora tenho a consciencia alliviada.

Não chorem, pois, minha morte, e meu desejo seria que pouco tivessem que se preocupar com meus despojos. Queria que meu corpo fosse desde logo, reduzido á cinzas e essas entregues ao vento. A sepultura responde á um culto que só a saudade alimenta e tudo na vida conspira contra a lembrança dos mortos. Vêde, num cemiterio, quão pequeno é o numero de sepulturas que uma saudosa piedade adorna e entretém. A generalidade dellas se enegrece ao tempo, á minguia de cuidado, e se gasta sem que ao menos um apressado olhar venha pousar, de tempos a tempos, sobre as inscrições que, dias atrás, uma sincera ternura havia ditado. Quasi que só se salvam as sepulturas dos que deixaram paes, principalmente mães. Um cemiterio demonstra que o maior amor é o dos paes, e ahí ha ainda egoismo, porque o filho é um pedaço de nós: assim mesmo, na parte reservada ás creanças, quanto abandono; é que em relação aos mortos, eternamente ausentes, que não tem meios de se fazerem lembrados, tudo leva ao esquecimento. Não quer isso dizer que eu desejaria que o soffrimento agudo da perda de um ente amado fosse longo e perduravel, quando não eterno. Seria isso dolorosamente insupportavel e é feliz para o homem que o tempo acalme a exaltação do primeiro choque e o esquecimento o restitua á normalidade de seus sentimentos. Simplesmente, isso, que a justa apreciação das coisas me faz reconhecer como explicavel e razoavel, em cada caso particular offende um como especie de amor proprio postumo. Uma sepultura em abandono é prova material do esquecimento do morto e, se, porventura, no que felizmente não creio, depois da morte «memoria desta vida se consente» deve ser doloroso aos trespassados o terem, permanente e palpavel, a prova do, como e quão cedo foram esquecidos.

A mim não são taes preocupações que me detem neste assumpto. Eu tambem esqueci os meus mortos; não posso esperar nem querer que me tratem de diverso modo.

E isso é humano. Não querendo a sepultura procuro eliminar dos meus um motivo de preocupação. De vez em quando a gente se lembra que ha num cante da cidade uma lousa e uns vasos, a que certo dever piedoso nos deveria trazer mais attento e um certo remorso nos confrange. Quizera, pois, que meu corpo fosse feito cinza.

Mas, não sendo aqui materialmente possivel a realisação deste desejo, desde já condescendo com o preconceito e deixo que me sepultem. Não renovo, porem, o meu jazigo, findo o praso que os regulamentos marcam para a obra da destruição. Não se preocupein com meus ossos. Deixem que sigam o destino anonymo dos detritos da natureza.

O homem não tem o direito de se querer perpetuar na materialisação de um tumulo, e de impôr aos posteros o dever de se occupar com elle. A nossa sobrevivencia é no coração, quando não só na memoria dos que ficam. Felizes os que podem fruir dessa gloria, reflexo do que puderam fazer de bom, de util ou de bello.

Sinto-me cada vez mais fraco e percebo que não poderei continuar por

muito tempo. Lamento, porque tenho gozado de um verdadeiro prazer dizendo estas cousas, em que tanto tenho pensado, e que só a singularidade desta ultima hora me poderia ter dado o animo para, tão sinceramente, as dizer. Eu tinha ainda muito que falar. Não posso.

Ao contrario do que, depois de uma vida de renuncia e pobreza o fez Santa Clara, de Assis, *plantula beatissimi patris Francisci*, não me sinto, morrendo, no dever de agradecer a Deus o favor de me haver creado.

A' força ignota que preside a co-existencia dos seres, na successão da vida e da morte, não saberei confessar a minha gratidão por me haver feito nascer e viver. eu, que, se uma inscripção quizesse em meu tumulo, outra não queria senão aquelle versiculo de Job: «Morresse o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma creatura foi concebida.» Se alguma cousa devo agradecer á natureza, que me creou e me manteve vivo até agora, é o privilegio de me não haver feito morrer a razão antes do corpo e mo-ter permitido a enunciaçào, quasi postuma, destes conceitos a que o mais completo desinteresse de tudo pode tornar inteiramente sinceros.

Essa feliz circumstancia me dispensou de haver feito, como Renan, em plena vitalidade do espirito, renuncia antecipada dos actos contradictorios, das blasphemias que a debilidade dos ultimos momentos me pudesse levar a fazer...»

Estas ultimas palavras do moribundo já foram ditas muito pausadamente e com esforço. Apòz um rapido silencio os labios descorados se agitaram ainda e, quasi como um sopro, estas palavras foram ainda percebidas:

«Agradeço por isso á natureza creadora e aniquilladora. Vou repousar; a morte não é mais que um somno de que se não desperta... Quizera ouvir musica. Já não posso mais pensar; e o pensamento foi o maior gozo de minha vida. Feliz de mim que pude morrer, pensando alto. Afóra o pensamento a minha maior satisfação foi a musica. Ouvindo-a eu me dispensava de pensar: a harmonia me enchia o espirito. Um de vós que, calados, cercaes meu leito, ide tocar piano... Beethoven... Chopin... mas não a Marcha Funebre... Não tocaveis por muito tempo...»

Calou-se velho, cujo corpo tinha já as extremidades frias e immoveis.

Os olhos brilhavam ainda de extranha scintillação, que concentrava todo o resto da vida.

Pela porta do aposento entravam agora, e tudo enchiam, suavemente, como ondas esparsas de um incenso harmonioso, os sons de um piano, de leve e dolerosamente, arrancados...

Passou-se um tempo indefinido, que ninguem pode avaliar qual foi.

Uma explosão de soluços, longamente contidos, e de exclamações dolorosas fez calar a musica...

O mysterio se tinha consumado.»

\* \* \*

Aqui terminava o manuscrito, que não trazia nome, nem data. Abaixo da ultima pagina, com letra muito meuda e talvez escripta mais tarde, havia uma nota que rezava assim:



«Convenho em que o meu moribundo fallou de mais; mas esse doente sou eu, que ainda não tenho a razão enfraquecida pela meningite, nem a palavra presa pela dispnéa. Essas coisas que elle disse são as que eu queria dizer no momento do trespassse.

A hypothese, que era improvavel, dada a contingencia da fragilidade organica do homem, tornou-se impossivel desde que, rebellado, eu desertei do mundo.

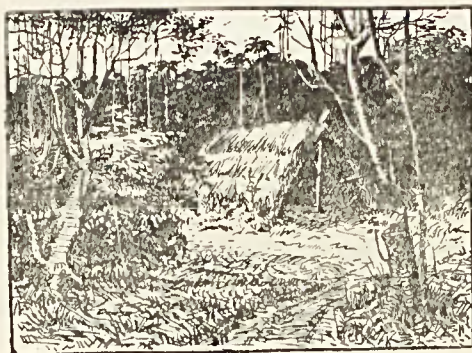
Lenge dos que me conheceram e talvez, sinceramente, acreditassem que me queriam, vou morrer, só, ou entre extranhos, a quem nada tenho que dizer ou pedir.

Que me hão de enterrar, acredito, porque isso está nos habitos e na conveniencia delles.»

RODRIGO OCTAVIO

(Da *Academia Brasileira de Letras*)

Montreux, Dezembro, 1912.





## PAIZ DE OURO E ESMERALDA <sup>(1)</sup>

### X II

Angelo ficou rindo dos modos do irmão. Aquella figura, alta e magra, de bonifrate desconforme e desgracioso escondia uma alma candida de sonhador. Desde menino impressionára-se profundamente com a sorte dos operarios que via em torno de si. Na vidraria do pae, onde trabalhára algum tempo, ao lado dos mais humildes, começára desde logo a mostrar vivo interesse pela melhora de condições do proletariado. Assistia-lhes ás reuniões e apoiava-lhes as reclamações, embebendo-se cada vez mais do sentimento da injustiça social, que a uns concede o luxo, o superfluo, o sumptuario e a outros recusa o indispensavel á conservação da saude e até da vida.

Levado por essa solidariedade, puzera-se a ler infatigavelmente o que de mais rubro se ha escripto sobre as reivindicações dos opprimidos. Iniciara-o em taes estudos um individuo singular com quem havia travado conhecimento em uma reunião de paredistas a que assistira, certa vez, na rua da Sé. Operarios da vidraria que lá se achavam, vieram apresentar-lhe, com vizivel desvanecimento de contarem entre os seus um homem formado, o doutor Remigio de Vasconcellos, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, um dos redactores d'«O Mundo Redimido», gazeta de propaganda anarchista que se publicava esporadicamente na propria cidade, e traductor de varias obras revolucionarias.

(1) Vide numeros de Dezembro a Maio.

Desmedrado de corpo, de tez baça e doentia, o estranho «companheiro» parecia recém-sahido do hospital, tal era a impressão de depauperamento physico que dava toda a sua pessoa. Vestia um casaco já ruço e franjado de velhice. Não usava punhos engommados, de sorte que á bocca das mangas via-se-lhe o debrum sujo da camisa de algodão.

Desde então Leonardo entrára a frequentar o casebre escuzo, á rua do Gazometro, donde se derramavam, de mixtura com os numeros incandescentes d'«O Mundo Redimido», os folhetos vermelhos de Malatesta, os vehementes evangelhos de Reclus, de Kropotkine ou de Bacounine, cuidadosamente traduzidos, em orthographia ultra-phonetica, para uso dos «companheiros» que padeciam e lutavam em terras de Santa Cruz.

Remigio era a alma desse movimento. Consagrava-lhe o melhor de sua energia. Apesar de formado em direito, para ser coerente com suas idéas, repudiára a carreira, sujeitando-se a viver, á semelhança de qualquer proletario, dos magros proventos de um logar de revisor em uma folha diaria. Todo o tempo que lhe sobejava das noites passadas em corrigir provas sob a direcção de bravo secretario de redacção, era empregado em diffundir a boa nova, em annunciar o advento da proxima revolução...

Uma das primeiras obras que dera a Leonardo, para ó enfronhar nos dogmas da religião nascente foi a «Evolução, Revolução e Ideal Anarchista» de Eliseu Reclus. O italiano, ao chegar á ultima pagina, tinha os olhos em fogo e sentia crescer-lhe no peito uma onda de sahir para as ruas a tomar parte no grande levante infernal que ia destruir o capitalismo, com toda a machina das hypocrisias seculares interesseiramente mantidas pelos oppressores... Sua imaginação exaltada fazia-lhe vêr a derrocada geral das mentiras sociaes e assistir á reabilitação dos humildes e explorados de toda a casta. Representava-se á frente de immensa e impetuosa multidão a clamar por vingança e justiça. Pallidos, famintos, andrajosos vivavam-lhe em torno os miseraveis, os espoliados, os desprovidos de logar na vida. Acompanham-n'os mulheres e creanças escaveiradas e esqueléticas. Soluçavam e bradavam inutilmente, por chuvas e sóes, em todas as ruas do mundo, enquanto passavam ao longe, em carros de ouro, os ociosos ricos, refestelados em velludos, a sorrirem escarriinhos da turba-multa, condemnada a rôlar pela poeira e pelas pedras dos caminhos. E Leonardo, espumando de indignação, reunia-os a todos e qual juiz vingador com-





mandava-os em furiosas e irresistíveis arremetidas contra os governos, os codigos, os templos, contra todas as mentiras que serviram de prender e subjugar aquella temerosa força indomita e brutal dos que se matam ao relento, por um pouco de pão e de justiça. Commandava-os em voz de trovão ante a qual desabavam as instituições como fragillimas torres de Jericó ou barreiras de papel varridas de um vendaval. E era tão vivo o quadro que imaginava, tão violenta a visão em que mergulhava, a cada pagina do incendiario pamphleto, que chegava ás vezes a levantar-se de um impeto da cadeira e a dar largas passadas pelo aposento, atirando para os lados gestos extravagantes, como que a lutar com mil cohortes invivíveis.

— Que foi o que te aconteceu? perguntou um dia Angelo, que entrava, espantado de dar com o irmão assim agitado a caretear e bracejar para as paredes.

Leonardo parou subito, envergonhado, cahindo só então no que estava fazendo.

— Nada, meu caro... Estava lendo...

— Ao que vejo, usas ler com todo o corpo... agradejou o outro. Estou curioso de saber que obra-prima é essa que assim bole com os nervos... Deixa-me ver...

Tomou a brochura e leu com assombro o titulo.

— Ideal Anarchista!

E poz-se a olhal-o em silencio, de modo indefinivel, pois até esse dia ignorava o que o irmão tanto lia ultimamente. Apesar de Leonardo ser o mais velho, Angelo exercia sobre elle uma certa autoridade, pela apparencia de calma e sensatez que lhe dava o seu genio melancolico e silencioso.

— Olha Leonardo... Não vás julgar que neste mundo a acção póde ser irmã do sonho, para me servir de uma phrase de Beaudelaire...

— *Cosa vuoi dire?* inquiriu o gigante, que, embora fallasse com facilidade a lingua do paiz, do contacto diario com os patricios tirava o habito de semear o discurso de expressões italianas.

— Quer saber o que sinceramente penso de tudo isto? Acho que todos os teus autores se occupam mais em nos pintar as miserias e injustiças da actual organização social do que em ensinar-nos os meios de as supprimir... Querem demolir, sem saberem ao certo o que se ha de construir em lugar dessas instituições que, a juizo delles, são a causa de todas as infelicidades dos homens... Pois eu me parece que haviam de começar por, antes de tudo,

reformatar a natureza humana ... Só uma outra casta de seres, quasi sem paixões, inteiramente diversos de nós, uma especie de homens-abelhas ou homens-formigas poderia, a meu vêr, realizar alguma cousa disso com que sonham os organizadores da sociedade futura.

Leonardo não concordou. Era o velho argumento, a uso dos opressores, de que a sociedade não póde existir sem o que lhes permite viver do trabalho dos outros. Sempre o antigo methodo. Apresentam como pedra angular da sociedade uma determinada instituição, espalhando a crença de que sem ella o mundo virá abaixo, desfeito em pó e em miseria. Até que um dia, com grande assombro dos ingenuos, o fundamento indispensavel, o unico apoio da vida organizada, o esteio de toda a collectividade, por uma causa ou por outra, salta aos ares, vae-se aos pedaços, subverte-se e desaparece — sem que se experimente a menor falta ... Mui ao contrario, admiram-se então de que ha ímais tempo não se tenha removido para longe aquelle corpo estranho, que só servia para perturbar a harmonia da vida social.

### XIII

Angelo, á medida que ia acabando de vestir-se, lembrava de si para consigo as varias discussões que tivera com o irmão a proposito da questão social, e sorria pensando na quantidade enorme de energia que diariamente despendia. Leonardo com a sua mania de querer reformatar o mundo. Todas essas reflexões aggrupavam-se, porém, instinctivamente, em torno da imagem encantadora da amada. Parecia-lhe que Maria Luiza allí estava dentro de sua alma a illuminar um por um todos os seus pensamentos. A ella referia as mais disparatadas e loucas imaginações. As como que escuras vertigens que lhe lançára na vespera a fascinação daquelles olhos, lá estavam ardendo no mais profundo de seu ser. Eram dois incendios mysteriosos entre os quaes se agítava e tremia a sua vida, a sua esperança, todo o seu anseio para a alegria e a felicidade. Occorreram-lhe então as palavras de Novalis, que ouvira uma vez ao doutor Strauss: «Se toda a humanidade se reduzisse a um casal de amantes, desapareceria a differença entre o mysticismo e o não mysticismo.» E ampliou-as, em seu devanear, cuidando que, se tal cousa se desse, deixariam de existir todos os antagonismos e luctas, para só reinar no mundo a harmonia,



a paz, a felicidade, a maior felicidade da vida — a de amar e ser amado.

Cheio desse grande alvoroço e como que mergulhado ianda no maravilhoso olhar de Maria Luiza, desceu, meio abstracto e sonhando, á sala de refeições, onde *frau* Mathilde lhe servia, todo dia, pela manhã, uma chicara de café.

— Bom dia, senhor Angelo, disse ella ao vel-o entrar. Como passou a noite?

— Bem. Obrigado, Dona Mathilde. O nosso doutor ainda não se levantou?

— Ainda não. Deitou-se hontem muito tarde. Aceita pão com manteiga?

— Agradecido, dona Mathilde. Prefiro café simples.

*Frau* Mathilde, em sua immensa gordura, parecia espraiair-se toda num grande sorriso bondoso e sereno. Trouxe o bule fumegante e pôl-o com a chavena á cabeceira da mesa.

— O senhor sirva-se á vontade...

Angelo sentia-se disposto a aproveitar a occasião para contar á boa matrona os seus projectos de casamento. Notou, porém, que ella fallava baixo e andava o mais leve e macio que podia, não fosse o mais pequenino ruido interromper o somno matinal do esposo. Calou-se por isso. Emborcou ás pressas a chicara, escaldando um pouco a garganta, de fervendo que estava o café, e sahiu, pisando manso e manso para não assustar a incomparavel dona de casa.

Foi até o parque, a andar por entre as arvores, pois sentia necessidade de movimento. Ao chegar á porta viu que era mais cedo do que suppunha. O sol começava apenas a filtrar os seus raios a meia altura do bambual dos fundos. Passarinhos, pelas pontas das ramadas, gazeavam estridulos, explicando as azitas, como que occupados ainda em banir de si o entorpecimento da noite. Consultando o relógio, verificou com espanto que eram apenas sete e meia. «Deuses bemditos! pensou. Como Leonardo é madrugador. A estas horas já anda pela cidade! Que estará fazendo? Negocios... Pouco se preoccupa elle com isso. Comicios, reuniões, o diabo... Isto será occasião para taes cousas?!» E tornou e rever os olhos brilhantes de Maria Luiza a fitarem-n'o de todos os lados, enquanto andava, a esmo, entre o arvoredo, fumando um cigarro e deliciando-se em envolver-se distrahidamente em baforadas capitosas, que ia espalhando em torno, á maneira de nevoa tremula de oiro, na luz cariciosa da manhã. Experimentava dufcissima sensação de benevolencia universal. Difitava-se-lhe o peito como para abranger todos os seres na mesma benção de amor. Perdia

até o sentimento, que tanto o atormentára, de que andava exilado nas terras de aquém-mar, para onde se havia baldadamente tentado transplantar. Parecia-lhe então que principiava a deitar raízes nestas phantasticas paragens. Lembra-se de *frau* Mathilde, do doutor Strauss, de innumerous estrangeiros de varias nacionalidades e dizia-se a si mesmo que todos mostravam estar tão bem, tão á vontade, tão felizes como se aqui foram nascidos e creados. E o Brasil appareceu-lhe como uma especie de paiz ideal, de patria universal, de prazo-dado para todos os que quizessem dar de mão ás ficticias barreiras que separam os homens, a fim de virem confraternizar uns com os outros, esquecidos para sempre de taes preconceitos, sob os rutilos céos destes climas, entre as torrentes de oiro liquido que a luz escorre pelo verde dos arvoredos. Paiz encantado, paiz de ouro e esmeralda, o em que vivia a amada e onde se haviam de criar os seus filhos e os filhos de seus filhos... E Angelo sorria de inaudita felicidade, passeando de um lado para outro, um pouco ás tontas, como quem pela primeira vez se sentia realmente deslumbrado das belezas do sol e da folhagem, em suas caprichosas combinações. Afigurava-se-lhe ser um sonho magico tudo o que o rodeava. Até o tinido longinquo das campanas dos bondes chegava-lhe aos ouvidos como o vibrar sonoro de minusculos sino aereos, perdidos no espaço. O céu e a terra offerciam-se-lhe como seus, como pedaços de sua alma e de sua vida... Acudiram-lhe então á memoria as palavras exaltadas do singular redactor da «Vida Nova»: «Sou um entusiasta da grandeza deste paiz... Parece-me que já estou vendo o seu porvir maravilhoso...» E elle tambem sentia esse entusiasmo sagrado. Maria Luiza confundia-se, em seu espirito, como a natureza, com a luz, com a vida toda do torrão onde se achava. Apparecia-lhe então como indissoluvelmente ligada a este pedaço encantado do mundo. Era como que uma criação luminosa destes céos, um fructo deste solo, ou uma flor rara e fragrantissima deste vasto jardins de titans.

(Continúa)

J. A. NOGUEIRA.

*Nos canaes Alagoanos*



Pescadores dos canaes alagoanos, levantando a rêde de arrasto



O engenho d'agua da Galhota, Lagoa do Sul, Alagoas



O taboleiro do Pinto, entre os Canaes de Alagoas



Um aspecto característico das povoações alagoanas : o engenho, a «casa grande»  
e a igreja do Camarão, lagoa do Sul



## NOS CANAES ALAGOANOS

---

*Do littoral brasileiro — tão vário nos seus aspectos e tão rico nas suas belezas — nenhum trecho apresenta mais curiosa physiographia do que as costas de Alagoas, aqui pintadas em rapidas impressões pelo sr. Octavio Brandão, um apaixonado estudioso daquellas regiões.*

### AS LAGOAS E OS CANAES

Se cada uma das lagôas é aqui como um coração a se contrahir na systole da vazante e a se dilatar na diastole da enchente, e se os rios fazem o papel de veias, isto é, de vasos que levam o sangue ao coração, os canaes são como arterias a conduzir e a dispersar a agua para o corpo do oceano. Formam um vestibulo propyleico antes da forma erechtheiônica das lagôas, e a nossa alma, á visão de sua immensidade, dilata-se, estende-se, amplia-se, como as ondas produzidas pelo cair subitaneo de um aerólitho na agua immovel e morta de um açude. Apertam-se entre uma longa faixa de collinas e uma estreita tira de terra arenosa, ou um labyrintho de ilhas e mais ilhas, confuso e informe como a materia primordial de que se gerou o globo.

De modo que, muitas vezes, num traeto de terra relativamente pequeno, temos estas diversas funeções geographicas, o mar, a tira estreita a servir de praia, um canal, uma ilha, outro canal, um baixio, uma quebrada e uma chã. Curiosa physiographia!

Em consequencia disso, temos uma vegetação a variar prodigiosamente.

Primeiro, as florideas e todas as outras thalassobias. Depois, as convolvulaceas littoraneas, os fructos seccos das gangóias, especie de *solanum agrarium*, as folhas da salsa da praia, *ipomœa maritima*, axillando-se em flores de um rubro-roxo, e o vermelho escuro dos gajiru's, destacando-se na brancura marmoreada e inifinita das dunas. Em seguida a floresta aquatica do capim salgado e a belleza irreal das *oscillarias*, nos canaes; nas ilhas, o capinzal bravio ou o coqueiral tremente, ou o mangueiral soluçante ou o mangal, denso como uma cabelleira. Depois, a mesma vegetação do primeiro canal e logo após, os baixios cheios de aningaes, *arum liniferum*, e as quebradas nu'as com estratos calcareos intercalando-se entre a argilla amarella e finalmente as chãs encapoeiradas — *garranchentas*.

Curiosa physiographia, em verdade, esta que se desata da ponta da Corôa da Hollanda na Lagôa Mandahu' á bocca do Riacho Novo na Lagôa Manguaba! Mas nem sempre os canaes se encolhem; às vezes se dilatam consideravelmente, quasi constituindo novas lagôas; tal é o caso do Canal Grande, e o do Afoga-Frade, para as bandas da Lagôa do Sul. Vendo-os, em linhas mais ou menos sinuosas, o homem chega á conclusão de que a Natureza tem a monomania das curvas, manifestada na ancia eterna de retocar, de burilar, de arredondar o que não nasceu perfeito.

Nos canaes, cujo fundo illuminado é como um palacio, a mansidão das cousas é infinita. E como a vida allí é clara e luminosa, claros e simples só poderiam ser os nomes dos lugares — Barra Nova, Bica da Pedra, Volta d'Agua.

Nos canaes alagoanos, a belleza das paizagens é tão grande, o clima em certas horas é tão delicioso, a viração tão macia, a languidez das cousas tão grande, o céu tão lindo, a agua tão clara, que nos dão uma lassidão constante.

As mangueiras, *mangifera indica* das terebinthaceas, com as mangas penderes parecem arvores do Natal, e augmentam ainda essa semelhança os enxertos parasitas, *loranthus brasiliensis*, que sobre ellas se desenrolam e caem.

As canôas. com os seus altos mastros evocam os barcos que fluctuam nos canaes hollandezes, e ao rebrilhar do sol, milhões de pingos de luz fervilham dentro da agua como gottas prateadas, como estrellas caindo no liquido elemento; tem-se a idéa de uma verdadeira festa veneziana.

Nas noites sem estrellas, o remo batendo na agua dos canaes deixa um rastilho de luz, devido á *ardentia*, que é uma pequena alforreca phosphorescente. Então o naturalista visionario julga que as estrellas desceram de suas alturas



magnificas, e vieram, comò sereias idéas, morar na agua divina, em contacto com as *nixes* risonhas, as luminosas ondinas e as *uiáras* maviosas...

## O PANORAMA

Na região dos canaes e das lagôas alagoanas não ha eminencias consideraveis do sólo: ha uma longa serie de collinas curveteantes, com pequenas differenças de nivel, de modo que em consequencia não ha tambem uma vista geral. Mas distingue-se por isso um longo cordão de vistas parciaes. Dentre estas, avultam as de cima de Coqueiro Secco, da ponta do Cadoz, da chã do Assobio, do alto do Outeiro e de cima do Compra Fiado na Lagôa do Sul.

De cima de Coqueiro Secco, circumdando a Lagôa do Norte, o olhar cinge as capoeiras aridas e os baixios humidos, até Santa Luzia do Norte; dahi se desata o vâlle do Mandahu' no primeiro plano, e no segundo, as serranias longinquas com seus visos azues, perfilando-se no espaço e com as nuvens a cavalgal-os; depois, segue pelas Pedreiras, onde o giz é tão multicôr como uma ágata artificial; enche-se de alegria ao vêr a curva de punhal arabe das Goiabeiras; paira sobre os cerros do Flechal, um dos quaes, como o Thabor da Transfiguração, se assemelha a um seio de mulher; passa por cima da casaria miseravel de Maceió e vae morrer — porque o horizonte ahi se arqueia — para os lados do oceano.

Da ponta do Cadoz, o olhar desfecha-se de subito sobre os canaes, que aos torcicollos, ás contorsões, aos bamboleios, espumando, morrem além.

E o azul chalcedonico do oceano, o verde do limpido Canal Grande, o alvor kaolinico dos comoros do Pontal da Barra e o metallico cinzento da lagôa, vistos de cima do Cadoz, parecem um desbragamento de matizes, orgia de côres imaginada por algum decorador do Islam...

Da chã do Assobio, a visão desdobra-se sobre a capella de Rua Nova, de portaes em ogiva e o todo medieval que lhe dá uma graça incomparavel; sobre o coqueiral da Massagueira e o mangueiral de Santa Rita, o capinzal da Lauriana e a alvura areienta e a verdura violenta da Barra Nova.

Do alto do Outeiro, contornando a Lagôa do Sul, o olhar se desprende sobre os mundos de Campo Grande, sobre o *carrasco* doloroso e ermo que se desdobra até ao Francez, sobre o valle do Sumau'ma e as ilhas mortas,



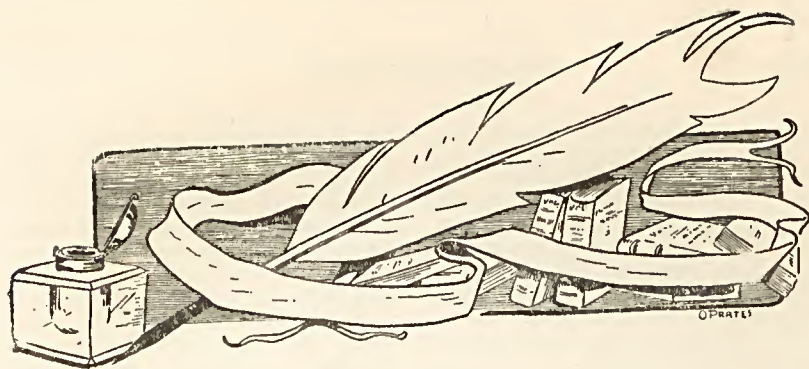
cheias de mangaes, e emfim sobre a Matriz de Alagoas, de paredes caiadas. Cae sobre o verde epídoto dos montes, as jaqueiras acolhedoras, os baixios paludicos, os catolezaes trementes e as enseadas lagunarias, muito curvas. Estira-se pelo valle do Parahyba até embater na antemural granitica da serra Dois Irmãos, cüjos cabeços colossaes parecem *menhirs* titanicos, fincados no sólo como extranhos monumentos megalithicos. E volta pelas terras do Pilar, dos Gurjahu's e do Lamarão até á ponta do Camurupin, como um mergulhão a banhar a cabeça na agua fria da Lagôa do Sul.

De cima do Compra Fiado ou Itapuam, o scenario estende-se pelas tres igrejas pilarenses — a do Rosario, a de S. Benedicto, branca e azul, e a Matriz com os seus capiteis de um toscano duvidoso, a torre castellã bem lá no alto e um zimborio byzantino, de lado; pela bacia lavrada e prateada da lagôa; pelas seraphicas e celeres canôas de de vélas á ventania; pela curva linda e languida do Lamarão; pelos mundos dos Paturacs povoados de piávovós; pelas terras do Gongassary; pelos alagadiços longinquos do Riacho Novo e do Sumau'ma; pelos jaqueiraes de Ti-quanduba, os catolezaes do Gurganema e os juncaes do Oitizciro, onde numerosas aves aquaticas habitam e ahi dão signal de si piando lamentosamente...

OCTAVIO BRANDÃO.

(Da obra inédita «Canaes e Alagoas»).





## BIBLIOGRAPHIA

O SEGREDO DE MARATHONA —  
*Fernando de Azevedo* — Estudo de  
Athletica e Eugenia — Pocaí &  
Cia. — S. Paulo — 1919.

O Segredo de Marathona é o eterno segredo da victoria. Mas a victoria pacientemente organizada pela disciplina do corpo e das qualidades moraes que tornam proveitosas as forças resistentes assim accumuladas nos músculos.

A athletica faz o luctador; a eugenia fal-o bello.

Uma só dessas artes, desauxiliada da outra, dará como productos ou a força desharmonica, monstrosa, ou a belleza fragil, inutil. Juntas, conseguem attingir ao ideal supremo, a força maxima na belleza maxima. E' esta a these que Fernando de Azevedo superiormente desenvolve neste opusculo de 40 paginas, num estylo terso, enxuto, athletico e eugenico a um tempo. Aborda, sempre com a mesma elevação, as varias faces do assumpto, o paralellismo necessario entre a cultura mental e a perfeição physica, a função da gymnastica como correctivo á multiplicação do vehiculo moderno, o valor hygienico da athletica, o seu valor eugenico ou plastico, o seu valor physico e moral, o seu valor social como força collectiva a unica efficazmente defensiva com que pode contar uma nação em perigo.

Depois, analysa o problema sob o nosso ponto de vista nacional. Argumenta contra o pessimismo que nos julga incapazes até de bons biceps, estuda por alto o que já existe, fructo do exercicio manual imposto pelas necessidades da vida e estabelece o programma que tudo impõe ao paiz, caso o paiz queira subsistir como força viva da humanidade e não como membro anquilosado, galho resecco a espéra d'um tranco para desfazer-se em pó. Os livros não valem pelo tamanho. Este pequeno folheto o demonstra. Ha nelle ensinamentos preciosos e uma riqueza de idéas rara em livros nosos onde o habito é sacrificial-as no cipoal da palavrosidade. E ha, sobretudo, uma comprehensão tão elevada do nosso problema muscular e eugenico que desejaríamos ver esse opusculo lido, relido, meditado e seguido por quantas associações existem prepostas ao cultivo dos desportos. O *Segredo da Marathona* não se limita a ser um programma: é um magnifico programma.

A DANÇA — *Martins Fontes* — Typ.  
Inst. «D. Escholastica Rosa» — Santos — 1919.

E' difficil classificar o genero deste trabalho de Martins Fontes, o aclamado poeta do «Verão». Mixto de mu-

sica e idéas, tentativa de symphonia por meio de onomatopéas, sua arte divide a critica em dois campos, um que a exalta com delirio, outro que a condemna. Para o ultimo a palavra tem como função exclusiva suggerir idéas e as tentativas para fazer dos vocabulos notas musicas exorbitam dos dominios literarios. Para o primeiro cabe dentro da literatura essa musicalidade vocabular, esta ideação sonora, esta arte nova e rara de que são capazes alguns raros celestos, egessos inconscientes dos arraiaes de Euterpe.

D'ahi os dois juizos que correm relativos á *Dança*: pura maravilha; intelligivel malabarismo phonico.

A nós parece-nos inadmissivel o extremado desse partidario. O poeta soube conciliar as duas correntes.

Suas palavras a um tempo exprimem idéas e fazem musica. E' absurdo condemnar o artista pelo facto de ser elle *mais* que os outros, de possuir ao lado de dons poeticos dons de musicista. Como poeta, ninguem o discute; como musicador de palavras não conhecemos outro capaz de arrancar da lingua mais bellos effeitos.

Conhece-a a fundo e cultiva-lhe o vocabulario pinturesco com o amor de um colleccionador de orchideas. Na lingua, como no mundo mineral, ha a palavra vulgar de uso diario — pedregulho grosseiro, e a palavra rara, de uso artistico ou erudito — pedras preciosas. M. Fontes collecciona as pedras preciosas da lingua, e, ourives paciente, engasta-as no estylo fazendo de cada periodo uma joia de feitiço raro e irisadas fulgurações. Mas não se limita a isso. Enfibra os periodos ourivescamente lavrados com um sentido logico, uma idéa reveladora de alta cultura.

Sua *Dança*, pois, entra para a literatura, onde occupará lugar a parte, na secção das joias ou das raridades artisticas.

PAINÉIS BARBAROS — *Manuel Mendes* — Off. «O Estado» — São Paulo — 1919.

Tem uma estranha attracção pelo doentio este novo contista, estreado

com um livreto de 50 paginas. Tactante ainda, incerto no manejo da lingua, incorrecto, e sem a cultura necessaria para facilitar a perfeita eclosão da sua esthesia inata, M. Mendes revela-se, todavia, rico de predicados naturaes. Possui o essencial, o que só a natureza dá; o resto adquirirá com o tempo e o estudo. Se souber conduzi-lo com acerto, não receiamos em lhe augurar uma posição de destaque entre os nossos contistas. Seus contos, apezar de todas as falhas, prendem o leitor, despertam-lhe a curiosidade, e arrastam-n'o, empolgado, até ao desfecho imprevisto. Essa qualidade de empolgar o leitor é a qualidade preciosa por excellencia. Quem a possui, trazida do berço, póde penetrar desassombadamente nos dominios literarios, certo de conquistar o publico mais cedo ou mais tarde. O erro de M. Mendes é o erro de quasi todos os novos: precipitação, ancia de vir a publico antes de completa a crystalisação de uma individualidade esthetica que apenas se inicia. Esta soffreguidão, na maioria dos casos, traz consigo decepções, consequentes da frieza da critica e indifferença do publico. Os artistas, como as fructas, só devem dar-se ao publico, depois de completa a maturação. Por optima que seja a qualidade de uma laranja, é erro pol-a á mesa antes de madura. M. Mendes affigura-se-nos neste caso. Possui fortes e bellos predicados; falta-lhe, porém, a maturação. Quando a attingir, será um victorioso.

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO MAL DE ENGASGO — *Enjolas Vampré* — Duprat — S. Paulo — 1919.

O Serviço Sanitario do E. de S. Paulo, depois que recebeu com a direcção Arthur Neiva a sabia orientação do seu espirito rigorosamente scientifico, iniciou a publicação duma série de monographias onde são salvos da sepultura dos archivos os trabalhos merecedores de virem a publico. Sobre já a cinco o numero dellas, e representam uma contribuição de vulto no acervo da nossa minguada literatura



científica, não da falsa literatura de adaptação, tradução e pilhagem de obras estrangeiras, mas da única valiosa, porque resultante de observações pessoais feitas em nosso meio. Abriu a série a *Campanha contra a ancylostomose*, dos Drs. O. Gonzaga e Carvalho Lima, que compendiaram com alto discernimento os estudos feitos e os resultados obtidos na luta em tão boa hora iniciada em S. Paulo contra o terrível parasito da opilação.

A seguir veiu um trabalho dos pharmaceuticos Araujo Lima e Baptista da Rocha, commissionados para investigar o typo medio do leite consumido na capital paulista. Dando cabal desempenho á incumbencia elles illustres chimicos patricios expuzeram a questão com muita clareza, e estabeleceram, por fim, a composição media do nosso leite, base unica sobre que é possível exercer-se uma fiscalisação honesta.

A monographia n.º 3 trata da *Epidemia de poliomyelite infantil em Villa Americana*; o seu autor, Dr. Salles Gomes Junior, infatigavel trabalhador amigo de esconder a valia profissional sob uma capa de excessiva modestia, nella expõe o que observou e concluiu relativamente á molestia infantil surgida em Villa Americana.

Na quarta, *Os inimigos dos nossos livros*, o Dr. Diogo de Faria, nome de sobejo conhecido em nosso meio scientifico, «biologisa» os dois coleopteros á conta de cuja voracidade devemos em S. Paulo os maiores estragos de livros, o *Catorama herbarium* (Costa Lima) e o *Dorcatoma bibliophagum brasiliensis* (S. de Magalhães). Em seguida ensina-nos os meios mais efficazes de dar-lhes combate.

A quinta monographia recém apparecida é a que dá epigraphie a esta nota. Trata do mal de engasgo e sae da penna do Dr. Enjolas Vampré. O mal de engasgo, ou entalção, apesar de antigo, só agora inerece a repetida attenção dos medicos, depois do apparecimento do hoje celebre relatório de viagem de A. Neiva e B. Penna, livro precioso que marcará epocha no paiz, pelo grande numero de consequencias que determinou. Todo o movimento pró-sancamento de agora sae

desse desprentencioso relatório cujo grande merito foi dizer a verdade inteira. E sae delle tambem o trabalho do Dr. Vampré. O Auctor reedita os estudos anteriores de Langaard, Pereira Barreto, B. Rodrigues etc. e enumera em seguida o que colligiu a respeito em materia de observações, ou suas ou de collegas. Conclue estabelecendo os pontos liquidos do problema, que, entretanto, continua na mesa da discussão a espera do *mate* definitivo.

---

O COMMERCIO MARITIMO NO DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO — *Sergio Loreto Filho* — Imp. Industrial — Recife — 1919.

O autor, que é livre-docente da Faculdade de Direito de Recife, onde lecciona as cadeiras de Direito Publico e Constitucional, Direito Publico Internacional e Direito Internacional Privado, revela-se um estudioso apaixonado desta ultima, que é considerada como o ramo mais novo da Sciencia do Direito.

Tendo, já em 1917, publicado uma apreciada sobre os Principios adoptados no Brasil sobre o assumpto, apresenta-nos agora o presente livro em que estuda o commercio maritimo encarado daquelle ponto de vista.

E' um grosso volume, de quasi 500 paginas, a que o A. imprimiu, propositadamente, a feição didactica, por achar que na literatura nacional ha carencia de livros desse genero.

Dividiu a obra em duas partes: *Navegação Internacional* e *Os navios estrangeiros no Brasil*. A primeira está subdividida em 6 titulos, assim classificados: *Dos Navios*, *Da Propriedade dos Navios*, *Do Pessoal de Bordo*, *Do Fretamento*, *Accidentes Nauticos*, *Do Seguro Maritimo* e *Dos Creditos Maritimos*, que elle estuda com proficiencia, sendo de notar o valioso concurso que traz aos estudantes e estudiosos sobre a legislação a respeito, em vigor nos paizes estrangeiros

Diz o A. no prefacio, que tendo sentido a falta do livro «não irá de certo preencher a lacuna; mas acredita que ninguem lhe contestará de boa



fé o direito de levar ao conhecimento dos mestres e dos interessados o resultado dos seus esforços.»

Cremos que o resultado dos seus esforços foi plenamente corôado de éxito, porque o livro exgotta o assumpto e se recommenda aos cultores de tão ardua sciencia, já pela competencia que manifesta, já pela clareza da exposição, já pelo estylo simples e desataviado.

—

GUIA BOTANICO DA PRAÇA DA REPUBLICA E DO JARDIM DA LUZ — A. Usteri — Ed. Cia. de P. e A. Graphics — S. Paulo — 1919.

O dr. A. Usteri, antigo lente de botanica da Escola Polytechnica de S. Paulo organisou o catalogo completo das plantas existentes em dois dos mais importantes jardins de S. Paulo, realisando assim uma obra de subido valor scientifico e educativo. O seu Guia Botanico, contendo em linguagem simples e accessivel mesmo aos mais desaffeitos á technologia scientifica uma methodica classificação dos vegetaes catalogados, constitue um instrumento de grande efficacia para o estudo directo das nossas plantas. E' uma obra a que podem e devem recorrer os professores de cursos primarios e secundarios, para cujas aulas de Botanica o trabalho do dr. Usteri transformou dois estensos jardins em optimos campos de observação. Acompanhado de plantas dos jardins catalogados, o «Guia» facilita grandemente a identificação de cada um dos exemplares vegetaes, dando ordenadamente todos os seus caracteristicos principaes.

—

O TRABALHO MODERNO — Roberto Simonsen — Typ. d'«O Estado de S. Paulo» — S. Paulo — 1919.

Tirando-a á ephemeridade em que estava, inserta em folhas volantes da imprensa diaria, o sr. Roberto C. Simonsen deu publicidade em folheto á bem elaborada conferencia que teve oportunidade de pronunciar em Santos, sobre interessantissimos assumptos

de sua especialidade, versando com proficiencia e elegancia os seguintes aspectos sociaes modernos: o trabalho organisado, a organização da producção, a administração scientifica.

Nesse esplendido trabalho teve o notavel economista, mais uma vez o enesejo de patentear a sua solida erudição, em assumptos economicos e sociaes, revelando ao mesmo tempo possuir estylo proprio, claro e conciso, como convem aos escriptos dessa natureza, e que tornam o seu folheto de agradável leitura mesmo para os leigos e curiosos.

—

CARTAS PERDIDAS — *Nunc Licet* — 2.<sup>a</sup> Edição. — Ed. de Azevedo & Costa — Rio de Janeiro — 1919.

Inspirado nas doutrinas de Swedenborg e com o intuito de propagal-as entre os brasileiros, o A. imaginou uma série de interessantes epistolas, em as quaes faz explanação das theorias do seu philosopho predilecto, apresentando-as sob essa forma, accessivelmente, aos espiritos menos habituados ás especulações de tal natureza, e formando uma brochurinha cuja leitura, se não convincente, é todavia extremamente agradável.

—

DOM PEDRO — *Coelho de Carvalho* — Ed. «Renascença Portuguesa» — Porto — 1918.

Ignez de Castro e D. Pedro, cujos amores tanto falam á alma portugueza, são typos queridos da literatura luzitana. Muito della se tem escripto e muito ainda certo se escreverá. Prosa e verso, chronica e historia, tudo tem dado de si.

Ainda este livro do Sr. Coelho de Carvalho se prende ao episodio. O drama porem, é como que pretexto para um longo e exhaustivo estudo da sociedade iberica no seculo XLV. Nada lhe escapou á observação. Reflecte fielmente aquella epoca de romantismo sentido e realismo intensamente vividos. Digno de figurar entre os livros de um estudioso de historia é de leitura interessante a facil, pois nelle se romancam os amores não só do

príncipe portuguez como o de soberanos e fidalgos da península.

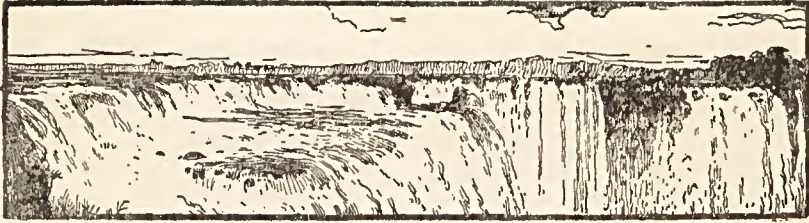
MEMORIAS DA GRANDE GUERRA — *Jaime Cortezão* — «Renasçença Portugueza» — Porto-1919.

Portugal entrou na guerra sem saber como nem porque. Empurraram-no para a fogueira, em defeza da Civilisação que levaria a breca se venesse a Allemanha imperialista. Vencendo o imperialismo inglez salvava-se a civilisação. Este mysterio proclamado pelas agencias telegraphicas e mais difficil de decifrar do que o da Santissima Trindade, virou dogma, e Portugal, esquecido de que a Inglaterra lhe comeu uma por uma todas as colonias, arruinou-se para ir nos campos de batalha defender a... civilisação, isto é, para defender a maxilla do carnivoro que entre os alimentos predilectos collocam sempre nacos

do imperio colonial portuguez.

Jaime Cortezão, nome já popularizado entre nós pelas publicações da «Renasçença Portugueza», escreve mais um bello e doloroso livro. Impressionista, elle apanha, dia a dia, quadros e sensações da guerra, que é uma coisa vista de longe e outra, feia, estúpida, brutal, sem belleza nenhuma, vista de perto. Ao cabo da leitura fica o leitor a meditar sobre o illogismo das acções collectivas. Todo o soffrimento de seus filhos, todo o esforço do velho Portugal, todo seu sacrificio em summa em homens e em dinheiro, tão grande que a republica está irremediavelmente fallida, em prol de quem e do que foi feito? Imaginariamente em pról da civilisação, som formado de cinco syllabas com um ditongo no fim. Praticamente em pról da ex-perfida Albion que lhe comeu, a Portugal, as Indias e lhe ha de comer os remanescentes dos dominios lusos em Africa *E cosi va il mondo...*





# RESENHA DO MEZ

## VIDA NACIONAL

### De 15 a 15

*Julho, 15* — Installou-se na Bahia o primeiro Congresso dos Trabalhadores desse Estado.

16 — O ministro da Justiça expediu instruções para a organização definitiva do serviço de prophylaxia rural no Districto Federal.

17 — O «Jornal do Commercio», do Rio, declarou que ainda não se acha prompta a estatua de Rio Branco, para a qual aquelle jornal abriu ha tempos uma subscrição nacional, em vista unicamente de transtornos resultantes da guerra.

21 — Chegou ao Rio, depois de sua viagem pela Europa e Estados Unidos, o presidente eleito da Republica, sr. Epitacio Pessôa.

22 — Foram inaugurados os grandes melhoramentos realizados na Capital Federal pelo Prefeito Paulo de Frontin.

23 — Foi recebido na Academia Brasileira de Letras o novo academico, sr. Alfredo Pujol.

24 — Houve um grande desastre na Estrada de Ferro de Bragança, Pará. — Falleceu no Rio o dr. Pedro Moacyr.

26 — Foi recebido no Instituto Historico e Geographico Nacional o dr. Afranio Peixoto.

27 — O presidente da Republica, organisou assim o seu ministerio: Ex-

terior, Azevedo Marques; Guerra, Pandiá Calogeras; Marinha, Raul Soares; Justiça, Alfredo Pinto; Viação, Pires do Rio; Agricultura, Simões Lopes.

28 — Tomou posse da presidencia da Republica o sr. Epitacio Pessôa. — A Academia de Letras elegeu o sr. Xavier Marques, na vaga de Inguez de Souza.

29 — Dissolveu-se a Liga Brasileira pelos Alliados.

30 — Chegou ao Rio o general Candido Rondon.

*Agosto, 1* — Installou-se a Assembléa Legislativa do Estado do Rio.

3 — O governador da Parahyba passou a direcção da hygiene do Estado para a Comissão Sanitaria Federal.

4 — O povo do Rio atacou e incendiou varios trem e estações da Companhia Leopoldina, como protesto ás irregularidades dessa estrada.

6 — Foi recebido na Academia de Letras o novo academico sr. Alberto Faria.

7 — Foi eleito membro da Academia de Letras, na vaga de Olavo Bilac, o sr. Amadeu Amaral.

8 — Iniciaram-se em Nictheroy os festejos commemorativos do centenario dessa cidade.

9 — Foi inaugurada em Natal uma grande estatua ao Padre João Maria.

11 — Commemorou-se solennemente na Faculdade de Direito de S. Paulo, com a presença do ministro do Exterior, o 92.º anniversario da fun-



dação dos cursos jurídicos no Brasil.

14 — O Ministro da Fazenda revogou a circular n. 15 de 17 de Junho de 1917 que prohibia as relações commerciaes com a Alemanha.

...

### Os mortos do mez

PEDRO MOACYR. — O Dr. Pedro Moacyr morreu relativamente joven, aos 48 annos, deixando uma justa fama de tribuno, jornalista e parlamentar.

Nascido no Rio Grande do Sul, a 29 de Junho de 1871, Pedro Moacyr formou-se em direito na Faculdade de S. Paulo e se alistou logo entre os republicanos. Na Academia sobresahio cedo pelo ardor de seu verbo, pela elegancia de suas imagens, pelo poder de sua dialectica. Voltando para o Rio Grande do Sul systematizou o seu combate pela Republica e, proclamada esta, filiado ao partido do Sr. Julio de Castilhos foi redactor-chefe da «Federação», organo do Partido Republicano do Estado, e membro da Assembléa de Representantes.

Foi um jornalista ardente, imaginoso, um articulista com todos os predicados de uma época de transição, onde os ideaes românticos ainda não se tinham extinguido e os tropos rhetoricos ainda estavam em voga. Eleito Deputado Federal, pouco depois divergiu do seu partido e se filiou aos federalistas, sustentando o seu programma revisionista e parlamentarista.

De 1892 a 1914, não só foi incansavel na tribuna parlamentar como tambem no seu jornal a «Republica» na propaganda das idéas que consubstanciavam o seu programma de partido. Nesse combate, o seu feitiço se destacou, e o grande publico do Brasil principiou a apreciar no joven parlamentar uma das primeiras figuras da nossa eloquencia.

Depois, em novas eleições, sem o apoio do partido situacionista, com os sufragios de seus correligionarios, logrou fazer-se eleger e reconhecer pelo Rio Grande do Sul na legislatura de 1909 a 1912, tendo então tomado parte em todas as agitações politicas, participando activamente do movimento chamado *civilista*, que se oppoz á elei-

ção do Sr. Marechal Hermes da Fonseca á presidencia da Republica.

Em 1914 tendo, como membro da Commissão de Constituição e Justiça, de sustentar uma causa politica que envolvia grandes interesses do Estado do Rio, preferio ficar no seu posto de combate a ir pleitear no seu Estado natal a renovação de seu mandato. O Partido Republicano Fluminense, chefiado pelo Sr. Nilo Peçanha, julgou, portanto, que era dever de honra esforçar-se para que este fosse eleito pelo 1.º districto do Estado do Rio. E, de facto, assim aconteceu.

No fim desse mandato, quando debatia na Camara uma de suas questões predilectas, teve o primeiro insulto apopletico, que repetindo-se agora, o victimou.

Ainda combalido, foi candidato a deputado pelo Rio Grande do Sul, não logrando ser eleito, passando então a se dedicar á advocacia.

Pedro Moacyr que foi tambem jornalista no Rio, tendo pertencido á redacção do «Paiz» e do «Diario de Noticias», deixa nas collecções dos jornaes artigos primorosos, que na época, causaram sensação.

Revisionista e parlamentarista, discursou e escreveu defendendo o seu programma, e sempre manteve de 1892, para cá, perfeita coherencia nos seus pontos de vista constitucionaes.

...

### Academia Brasileira

A eleição de Amadeu Amaral para a Academia Brasileira de Letras tem o merito de não vir inquinada de nenhum vicio de origem. Não o levou lá o compadresco nem outro qualquer criterio alheio ao seu merito literario. O novo academico o é por força exclusiva do valor pessoal, como poeta, autor das «Nevoas» e das «Espumas»; como prosador notabilizado por varias conferencias que sairão em volume sob o titulo de «Letras floridas»; e como estudioso de variantes dialectaes. Sob este aspecto só o conhecem os leitores da «Revista do Brasil» que já publicou magnificos capitulos do seu «Dialecto caipira», livro annunciado para breve.

Se se reúnem em Amadeu Amaral dotes intellectuaes sufficientes para lhe accentuar a personalidade como das mais elevadas que possuímos, emoluram-n'as qualidades moraes notabilissimas.

D'ahi o seu feito inteiriço, a harmonia, o caso de -equilibrio sobremaneira raro que elle é nesta epocha de extremas frouxidões. Junto com o grande poeta mora em Amadeu Amaral o homem de bem. Com enthusiasmo proclamamos esta feliz conjunção de valores. Ganha fóros de truismo na mente do nosso povo o doloroso apophthegma: talento e caracter excluem-se. A prova de que não, é que Amadeu Amaral existe.

### Lafayette na intimidade

Era Lafayette um conversador adoravel, cheio de fantasia e de graça, nutrido de factos, de anecdotes e de reminiscencias historicas e literarias, zombeteando, em commentarios repentinos e improvisos burlescos, a proposito dos erros e ridiculos do seu tempo. Não poupava, nas suas palestras encantadoras, os homens e as cousas da Republica. Em Novembro de 1904, militares da Escola da Praia Vermelha sublevaram-se contra o Governo. Partiram em demanda da cidade, mas, pouco depois, se detiveram, esperando o combate. A autoridade organizou a resistencia e enviou contra os rebeldes tropas fideis.

Encontraram-se ás escuras, na rua da Passagem; tiroteio, feridos de um e outro lado, e, sem mais, recuo e debandada, cada qual no sentido em que viera, com a convicção de ter sido bado. *Et le combat cessa, faute de combattants...* Commentava-se depois o facto, diante de Lafayette. O terrivel ironista advertio: «Era de esperar... Não faz muito tempo, logo que se fechava o meu portão e era solto o meu cão de guarda, deu outro canzarão da rua em vir provocá-lo. Depois de latidos, que seriam insultos, iam ás vias de facto, através da grade, sem consequencia, porque estavam protegidos. Isto noites seguidas, sem me deixarem paz para o estudo e para o

somno. Por mais que chamasse a um e enxotasse o outro, livres, os bichos volviam a ladrar e arremetter furiosos... contra o gradil. Exasperado, uma noite, mandei abrir o portão... Diabos! que se estrefuguem! ... Os dous cães viraram as costas um ao outro, correndo cada qual para a sua banda...»

Lafayette não confiava na solidez do regimen republicano. Acreditava que a nação, cansada dos erros da Republica, seria levada a restaurar subitamente o Imperio: «Um dia a gente encontra na rua o carro do Estado abandonado. E' só trepar á boléa e fazer-o andar.»

Quando foi da conspiração monarchista, em 1900, escreveu estas linhas a Andrade Figueira, preso e submettido a processo: «Conspirar? Para que e contra quem? Seneca dizia que é de estulto tentar contra a vida do moribundo. E' querer alcançar pela violencia o que a natureza, cedendo á necessidade de suas leis, vai, dentro em pouco, dar de graça. O animal está morrendo de inanido. Lembra, na phrase do orador antigo, um burro a devorar a propria cauda.»

Assegura-se, todavia, que Lafayette, não desmentindo a sua aversão a Republica, entrou em conspiração contra ella.

O brilhante jornalista das *Cartas sem titulo* dizia numa de suas chronicas: «Houve quem regulasse as phases de inquietação ou de tranquillidade politica do paiz pelo paradeiro de Lafayette. Nos dias em que os boatos fervilhavam, os boateiros, para avigorem as suas informações sinistras, cochichavam com segurança: *O Lafayette já foi para Minas. Toda a vez que eu o via aqui no Rio, tinha uma doce sensação de paz e socego.*»

A ser isto verdade, pôde dizer-se que Lafayette aproveitou com a lição de 1870.

Conta-se que, em 1870, Quintino Bocayuva remetteu a Emilio Castellar o manifesto republicano de 3 de dezembro. O grande tribuno respondeu com os votos mais fervorosos pelo exito daquella propaganda politica, prometendo auxiliá-la na pessoa de um cidadão hespanhol, «muito entendido no



mister de organizar partidos revolucionarios.»

Mezes depois aqui appareceu, com effeito, o empreiteiro de revoluções, garantindo a subversão do regimen imperial dentro de dous annos. Inquirido acerca dos seus planos, começou por dizer que a primeira cousa em que se deve pensar, quando se prepara uma revolução, é nos meios de fugir, — *en los medios de escape*. Constituiu-se uma conjuração em sociedade secreta, a *Sociedade do Sacrificio* (assim chamada porque os arrependidos se obrigavam ao suicidio), e creou-se um distinctivo, que consistia num alfinete de gravata em fórma de punhal, para que mutuamente se reconhecessem os conspiradores. Começavam estes os seus trabalhos quando lhes deu caça o famoso Chefe de Policia Ludgero Gonçalves da Silva, desconfiado de tantos punhaes, espetados em gravatas, que appareceram na cidade.

Aturdidos, os conjurados, dous dentre elles, Aristides Lobo e Salvador de Mendonça, foram procurar o Hespanhol na pensão em que morava. Tinha fugido na vespera, rumo da Europa, a bordo de um paquete inglez!

Nos lazeres que lhe deixava uma vasta clientela, que de todos os pontos do paiz disputava seus luminosos pareceres, parcamente retribuidos mas que, quasi sempre influíam na decisão de importantes e avultadas questões patrimoniaes, Lafayette não descurava os estudos literarios e juridicos. Em 1899 apparece o seu livro «Vindicção», em que se revela um vigoroso polemista, profundamente versado na philosophia do direito e na historia literaria. Foi desapiedado contra Sylvio Romero, que, em 1883, nos *Ensaio de Critica Parlamentar*, o tinha crivado de injustos baldões, chamando-lhe «mediocridade feliz», de idéas «vesgas e aleijadas» e «alfarrabista juridico, sem philosophia, sem systema e sem senso critico». Este voluminho de duzentas e cincoenta paginas é uma essencia concentrada de finissima ironia e de sarcasmo corrosivo, de envolta com uma secreta e maravilhosa intuição da critica, em periodos viva-

zes, nervosos, cortantes, vertidos numa locução aprimorada e castiça. Kantiano obstinado, Lafayette pulveriza, em paginas magistraes, o monismo attribuido por Sylvio Romero «ao maior genio da philosophia» e a filiação, por elle imaginada, entre o systema philosophico de Spencer e o kantismo. O capitulo em que defende Machado de Assis das increpações do celebre critico, é um modelo de apurado gosto e de penetrante percepção esthetica. Poucos annos depois vêm a lume os *Principios de Direito Internacional*, em cujo prefacio Lafayette reivindica os direitos das nações fracas, embora se mostre desalentado em face do triumpho crescente dos fortes: «Diante deste espectáculo, que serve de transição do seculo dezenove para o seculo vinte, compôr e publicar um livro de direito internacional e Invocar a moral e o direito como as regras supremas das relações de nação a nação, pôde parecer uma ironia ou uma ingenuidade, como a de Seneca, escrevendo para Nero o tratado *De Clementia*». E conclue melancolicamente que dia virá, talvez, em que os povos, grandes e pequenos, comprehendam o respeito ao direito não é só um dever sinão tambem a condição necessaria para a paz. «Estará longe esse dia? Elle virá certamente, embora, talvez a distancia que o separa de nós só possa ser medida pelos algarismos da chronologia geologica.»

No refugio solitario da meditação e do estudo, na sua chacara da Gavea, entre o mar e a montanha, á sombra das suas arvores queridas, ouvindo o sussurro da corrente que derivava a poucos passos da sua bibliotheca, viveu Lafayette os seus derradeiros dias. A sua livraria ficava em pavilhão separado da casa de morada e para lá se dirigia, calçado de botas de cano, quando havia lama no jardim. Foi a leitura a unica distracção da sua velhice, e Montaigne, engenheiro irmão do seu, o ultimo companheiro de espirito, que o deleitava com as confidencias de moralista desencantado, de sceptico enternecido e sorridente, nesse livro immortal dos *Ensaio*s, breviario da sabedoria antiga, em que se mostra o grande pensador «sans étude

et artifice», «tel sur le papier qu'a la bouche».

Seria preciso ver Lafayette na intimidade do seu lar, desprendido de ambições e vaidades mundanas, simples, modesto, recolhido, sorvendo os seus intermináveis cigarros de fumo de rôlo e marcando as suas leituras interrompidas com fragmentos de palha de milho, declamando versos de Virgílio à esposa e aos filhos, e subindo todas as manhãs ao alto da montanha para gaudir o sol e contemplar longamente o mysterio infinito do oceano, para avaliar a injustiça e a dureza dos que proclamaram a supposta malignidade do seu character. Chamaram-lhe «animal de sangue frio», a elle, que tinha a mais delicada sensibilidade! «*L'humanité est comme une mêlée de masques*» escreveu Jules Lemaitre. A frieza da mascara de Lafayette occultava aos outros os thesouros de sua alma peregrina. Quando o injuriavam na imprensa, taxando-o de perverso e máo, sua esposa, revoltada, pedia-lhe que se defendesse. E Lafayette, com um encolher de hombros: «Ninguem me conhece!».

A 29 de Janeiro de 1917 veio buscar a morte. Desappareceu como um deus proscripto, nò meio da confusão contemporanea, entre o esquecimento de uns e a indiferença de outros... Mas, senhores, recordando a palavra de Romain Rolland — *Il y a des morts qui sont plus vivants que les vivants*, podemos dizer que Lafayette resuscitará para a sua gloria na sagração das gerações futuras, porque amou o Direito, que é o eterno symbolo do Poder, na phrase de Carlyle, e amou a Belleza, no mundo radiante do pensamento e do sonho! — ALFREDO PUJOL (Do discurso de recepção na Academia de Letras).

...

## REVISTAS E JORNAES

### Snobismo e mais snobismo...

Senhores e senhoras, que temos nós a ver com o que se passa em França? Que temos nós com as infelicidades da França? Que nos importam as calamidades da França? Algum dia

houve em França qualquer movimento de solidariedade connosco, por occasião das nossas desventuras?

Não. Pelo contrario. O francez, com a sua tradicional ignorancia de materia geographica, não nos conhece, não sabe em que sitio do planeta estamos e não perde occasião de manifestar o seu desprezo para connosco. Tal cousa ficou bem evidente agora, por occasião da guerra.

Entretanto, isso ainda parecia pouco aos numerosos amigos que tem a França neste *pays de Cocagne*. As festas então se succediam em beneficio de todas as cruces-vermelhas de todos os paizes alliados. Ora, si exceptuarmos os italianos, nenhum desses paizes amigos merecia tal excesso de gentileza. Com effeito, foram os italianos os que menos nos exploraram, não só porque elles têm no Brasil uma colonia immensa e rica, como tambem porque foi um banqueiro italiano que, aqui no Rio, dando cem contos para a Cruz Vermelha da sua patria, teve tambem a generosa lembrança de dar outros cem para a Cruz Vermelha Brasileira, manifestando por tal fórma a sua gratidão para com um paiz onde elle chegou pobre e se tornou lindamente rico. Das outras colonias, nenhuma prova de gentileza recebemos. Mas isso nada importava. Era preciso festejar a França, a Inglaterra, e a grande Democracia dos Pelles Vermelhas, assassinos e queimadores dos pobres pretos, seus infelizes compatriotas. Com essa francophilia exagerada, não fazemos mais do que justificar o desdem que os francezes têm por nós. Lá em Paris, os jornalistas que acompanharam a Embaixada da Paz, puderam verificar até que ponto o francez nos despreza. Quando o sr. Wilson defendeu o nosso direito de ter tres delegados junto á Conferencia, não houve jornal francez que deixasse de manifestar o seu espanto, o seu escandalo e o seu desprezo, pois, segundo elles, o Brasil é apenas uma *potencia de florestas*. Debalde lhes tinhamos vendido, em optimas condições, os cercaes, as carnes congeladas e mais uma coisa sem a qual, conforme declarou o Sr. Wilson, impossivel lhes

teria sido combater: o manganez, imprescindível no fabrico de canhões. Nada disso os commovia. Eramos apenas *une petite puissance de fôrets...*

E os favores que devemos á França? Isso não passa de uma desavergonhada declamação. Os favores que o Brasil deve á França podem ser comparados com os que um rapaz meião gastador deve ao seu agiota. A França nos emprestou dinheiro, tendo o cuidado de cobrar os juros adiantados, como fazem os prestamistas judeus: e nós lhe vamos pagando esse dinheiro, segundo as nossas possibilidades. Ha motivos de gratidão nisso? Francamente, não os vejo. Demais os banqueiros francezes, sempre que o podem, não perdem occasião de tosquiar-nos o pello bem rente á pelle, como aquelle banqueiro Hemerlingue, do «Nababo», de Alph. Daudet.

Eis ahí porque eu protesto contra esse snobismo exagerado, que põe de cocaras as melhores familias do Brasil deante de um paiz que não nos conhece, que nos explora e nos escarnece, porque nos despreza. O publico devia castigar esse snobismo, não indo systematicamente a festas em beneficio de escolas francezas, inglezas, japonezas ou chinezas, pouco importa: porque nós temos aqui milhões de crianças analphabetas; temos aqui milhões de opilados, impaludados, tuberculosos, leishmanicos, victimas da molestia de Chagas, famintos, flagellados por todas as especies de pragas do inferno. Estes, sim, é que devem merecer a attenção das nossas patricias, porque são elles que, apezar de doentes e aleijados, ajudam, com o seu trabalho de cada dia, nos campos e nas fabricas, a fundir essa riqueza que está ao alcance dos grãos-senhores e das grandes damas. Dos estrangeiros nada teremos a não ser explorações e latrocinios, temperados com desprezo e escarneio por este povo, que, depois de explorado e desprezado, ainda festeja os seus exploradores e desprezadores... — ANTONIO TORRES (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

## A defeza nacional

A Inglaterra, o paiz mais liberal da Europa, aquelle em que os direitos e liberdades individuaes são ha mais de dous seculos assignalados por leis minuciosas e intangiveis; a nação que tradicionalmente se orgulhava de ser o asylo inviolavel de todos os perseguidos, resolveu agora tomar contra todos os estrangeiros medidas de precaução, de defeza, já consubstanciadas em um projecto de lei do Conselho Privado, que precisa de ser conhecido no Brasil, tantas e tão preciosas são as lições que encerra.

O primeiro capitulo dessa lei diz respeito á admissão dos estrangeiros na Grã-Bretanha. Não poderão entrar em territorio inglez senão os que provarem ter meios de subsistencia, sejam sãos de espirito e isemptos de certas molestias contagiosas, e tambem não tenham sido condemnados por crimes que os tornem passíveis de extradição.

Até ahí nada ha de extraordinario. Os passageiros de terceira classe já eram antes da guerra submettidos nos portos inglezes a um interrogatorio summario sobre esses particulares, e os Estados Unidos, paiz de immigrantes por excellencia, impõem ha muito restricções semelhantes, fazendo-as observar com a maior severidade, e varios outros paizes têm, igualmente, ha muitos annos, uma lei do mesmo genero.

Passemos, porém, ao segundo capitulo, o relativo á vigilancia dos estrangeiros já residentes na Inglaterra.

Durante a guerra, um estrangeiro ali não podia literalmente mover-se, mesmo dentro de uma cidade ou de um bairro, sem um «passe» da autoridade policial do quartelirão que deixava e outro da autoridade do quartelirão para onde se dirigia, sendo depois forçado a fazer visar esse «passe» diariamente.

Agora, pela nova lei, o regimen será diverso. O viajante que tiver de passar na Inglaterra periodo inferior a um mez estará isempto de qualquer formalidade, com excepção do classico boletim de hotel, que é commum em todos os paizes policiados.

Quanto aos estrangeiros que têm residência no territorio inglez, terão ape-

nas de obter consentimento para mudar de residencia por praso superior a dous mezes e estarão sujeitos ás seguintes providencias policiaes: «Todo o commissario de policia, «que tiver uma autorisação geral do secretario de Estado», poderá fechar, sem outra fórmula de processo, todo o café, club, sala de baile ou casa de diversões frequentados por estrangeiros ou explorados com um fim immoral ou contrario á ordem publica.»

Outro artigo estabelece que qualquer agente da força publica pôde prender, sem mandado de juiz, qualquer estrangeiro que tenha commettido «ou seja suspeito de haver commettido» uma infracção a qualquer previsão da lei. Essa prisão por simples suspeita é uma excepção reservada sómente aos estrangeiros num paiz onde, até agora, ninguem ia para a cadeia sem decisão judicial.

E não é só isso. Tambem no capitulo das penalidades — pesadas, conforme o uso inglez — e vão de um franco a 100 libras de multa e de um dia a seis mezes de prisão, com ou sem trabalhos forçados. Tarifa dobrada em caso de reincidencia.

No mais, o estrangeiro terá a mesma liberdade que o indigena, para commerciar, abrir um estabelecimento, etc., mas sob a pressão das Trade Unions, cujo internacionalismo se detém deante dos interesses commerciaes, porquanto os escriptorios, officias de collocação NÃO TEEM O DIREITO DE OFFERECER AOS PATROES OS SERVIÇOS DE UM EMPREGADO OU OPERARIO ESTRANGEIRO, EM QUANTO HOVER DESEMPREGADO UM SO' INGLEZ CAPAZ DE EXERCER O MESMO OFFICIO. E' o mesmo que dizer que esses escriptorios estão fechados aos estrangeiros. Mas os contractos ou engagements directos — e são os mais frequentes — subsistem. Em resumo, o que a Inglaterra quer evitar com isso é a entrada em seu territorio, onde os sem-trabalho se contam por centenas de milhares, de estrangeiros que vão procurar trabalho e principalmente de estrangeiros que vão offerecer mão de obra barata, desvalorizando o trabalho nacional e consequentemente ag-

gravando a crise social.

Isso é o que está fazendo a Inglaterra. Com a lucidez que foi sempre seu apanagio, o povo inglez rompe com uma das mais sagradas tradições de hospitalidade para accudir ao perigo urgente, para attender aos novos problemas que se impõem a todas as nações.

Serão excessivas as medidas que ali se vão pôr em pratica? O Parlamento decidirá, modificará talvez alguns detalhes de execucao, mas pela unanimidade com que a imprensa, não só de Londres como de todas as grandes cidades do reino, se têm manifestado sobre o projecto, parece certa sua approvação em conjunto.

Aqui mais perto, a Argentina, se não desceu a regulamentar a existencia dos estrangeiros com residencia permanente, armou-se com uma lei de expulsão com processos summarissimos e além disso cercou a entrada de novos estrangeiros com providencias ainda mais severas do que as projectadas na Inglaterra.

Só nós ficamos inertes no meio das prevenções geraes; só nós zelamos o direito dos estrangeiros mais do que a segurança nacional; só nós damos a qualquer immigrante direito superior ao que elle possuia em seu proprio paiz; privamo-nos do direito de expulsão e mantemos as portas abertas a todo aquelle que não pôde entrar em terras possiciadas. — (Editorial d'O *Imparcial*, Rio).

## Rondon

De vez em quando, do fundo dos sertões brasileiros tão mysteriosos ainda, apesar da obra maravilhosa de audacia e tenacidade das «bandeiras» antigas, e mais poeticos, mercê da literatura romantica de Alencar e da literatura naturalista de Euclides, surge no litoral Candido Rondon.

E' sempre um acontecimento. Desinteressadamente todos o festejam.

Onde reside o segredo do seu triumpho? — Na sua força moral. Por instinto parece que todos sentem a formula consciente e admiravel de W. Gill: — «melhor, mais util, mais dif-

ficil do que morrer pela Patria, é viver para ella.»

E é pela sua grande patria que o general Rondon tem sempre vivido, a vida mais cheia, mais forte que nestes ultimos vinte annos se tem vivido debaixo do Cruzeiro do Sul.

E o bandeira por excellencia, mas suavizado pelas idéas modernas, e por um grande espirito de humanidade. Diante delle as tribus indigenas, aquelles pobres e tradicionais senhores da terra, não fogem espavoridos e aterrados a esconder-se no fundo das selvas.

Este bandeirante não é impellido como os antigos pela ancia de riqueza, de conquista e dominio. Não destróe, constróe; não afugenta, atráe. E' um iman moral.

Não se importa, beneficio do seu coração tão amplo, e do alto ideal que enche toda a sua vida, com as theorias sociologicas que sustentam a inutilidade da tentativa civilizadora das chamadas raças inferiores. Elle confia na sua obra. E, na verdade, ainda que ella fosse uma illusão, seria sempre uma formosa illusão, mais consoladora, nesse caso, que a realidade.

Não se illude, porém, o alto espirito do general Rondon. Os sociologos, que no fundo dos seus gabinetes, por inducções ou deducções de factos isolados, mal colhidos muitas vezes, ou mal interpretados, forjam essas theorias, não pódem ter razão contra quem no fundo das selvas directamente e conscientemente desbrava a terra e as almas.

Que importa que o grande pensador francez Edgard Quinet fosse de opição, e com elle outros menores, que em face duma raça civilizada, sempre, mais tarde ou mais cedo, acabam por desaparecer as raças inculdas, mesmo quando não sejam destruidas, visto que neste caso ellas morrem collectivamente de «consumpção» ou seja de esgotamento lento e progressivo das energias moraes e physicas?

A violencia e o desdem são absolutamente destructivos. As raças inculdas só se salvam pela attracção. Só a bondade póde fazer o milagre de aproveitar esses elementos julgados inu-

teis pelos sociologos theoricos, mas de uma alta utilidade bem reconhecida, por quem conhece a historia tragica da colonização do Ceará pelos portuguezes, ou melhor, a historia da attracção e fusão do indigena com a raça lusitana, de que resultou esse forte cruzamento que assombra pela formidavel resistencia, talvez unica em todo o mundo.

Podem os sociologos continuar a forjar theorias, á distancia, longe dos phenomenos, a muitas milhas, sem o conhecimento integral da terra e dos homens, porque a verdade está com o general Rondon.

Elle dá todos os dias ao mundo lições de sociologia pratica. E' um dos mais altos cathedaticos do universo. Não se limita a ensinar os selvagens, mas tambem os civilizados. Das suas lições podem os inculdos tirar certos ensinamentos, e outros ensinamentos podem tirar os sabios.

A estes elle demonstra que a sentença de morte collectiva dos indigenas não foi lavrada pela civilização, mas, sim, pela má applicação dessa civilização.

Não é com a violencia, nem com o desdem, isto é, nem com ferro, nem com preconceitos, que se podem utilizar os elementos humanos ainda no estado de selvageria, mas, sim, pelo amor, pela attracção.

Ahi reside a base fundamental da sua grande obra, tão elevadamente patriotica, tão profundamente religiosa, que faz delle, no Brasil actual, o maior dos heróes pacificos.

Já dizia W. J. Byran: «Ha mais inspição numa vida nobre do que na morte heroica.» — ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE. (D'O Paiz, Rio).

### João Ribeiro e o folk-lore

O sr. João Ribeiro é um caso positivamente unico em nossa literatura: um erudito elegante. Grammatico, professor, historiador, critico, todas essas fórmas de vivisección literaria não lhe firaram o gosto natural da arte. Nossos intellectuaes oscillam, em geral, entre a pesquisa scientifica minuciosa, ingrata, sem qualidades de composi-

ção, e a criação de fantasia, forrada de ignorancia ou de vagas tintas scientificas. Não temos, comtudo, a especialidade dessa distincção.

Na propria França, paiz de lucidez, de elegancia, de graça, os sabios-artistas não são communs. Cita-se Gaston Boissier, archeologo e historiador, que resuscitou Roma, conseguindo conciliar virtudes apparentemente incompativeis, respeitado por technicos e dilettantes.

Bergson, porque soube vestir harmoniosamente seu pensamento, ganhou mundo. Henri Poincaré, apontado entre os mathematicos como conciliador da belleza com o numero. E o caso singular de Remy de Gourmont, quasi um sabio em arte literaria e philologia, e um dos mais puros artistas do seculo XX? A sciencia é mulher: quer tudo para si.

O sr. João Ribeiro não chega á perfeição de ser um artista: é um erudito de gosto, um pesquisador que não desama a belleza. Dissemos que os nossos sabios, ou antes sabedores, não eram artistas. E' frequente entre nós o caso, ainda mais grave, de scientistas que querem ser artistas, sem o ser. Temos varios. Julgam que empolando o estylo, attingem á arte. Ledo engano! A belleza, nos livros de sciencia ou philosophia, é a arte de não cogitar della. Ainda nos livros de pura literatura, o verdadeiro estylo, é a ausencia apparente de estylo. Quando se é um artista, ou um amador de arte como o sr. João Ribeiro, a harmonia da fórma e da composição nasce naturalmente da lucidez do pensamento. Quando se o não é, vale a sinceridade de escrever sem gosto, mas espontaneamente. Um livro bem pensado é raramente um livro mal escripto.

O sr. João Ribeiro, como historiador, é dos poucos que soberam, julgar a nossa historia, escreve-a com as idéas e não com os factos. Não lhe pesa a erudição aristocratica de alguns, nem a enumeração fastidiosa de datas, o gongorismo ou desconcerto de outros. Como grammatico sabe fugir á superstição tyrannica das etymologias, dos purismos, das regras asphyxiantes. Como professor dizem que tem a arte

de bem dizer. Como critico, nem sempre é independente, se bem que de pe-tracção agil e profunda cultura.

E como folklorista?

O folk-lore, queiram ou não seus apologistas — e todos o são, — é uma arte exacta, ou quando muito, uma sciencia balbuciante.

Está ainda no período documentario. Dia para dia affluem novos materiaes, trazidos pelo carinho de devotos e fanaticos. Os folkloristas são, por vezes, sabios observadores e eruditos: ainda não podem ser scientistas. Os autores inglezes e allemães, que mais profundamente versaram o assumpto, acham-se ainda na phase das doutrinas dos systemas: caminham para a verdade. A verdade popular é ardua e arriscada. O folklorista ha de ser um glottologo, um humanista, um historiador, um observador, um generalizador, um erudito. E se não fôr um artista, ou quando menos um homem de gosto, dessas virtudes forradas de uma boa-fé logo degenera em compilador arido e illisivel. Ao sr. João Ribeiro avultam inalteravel, um grande escrupulo na colheita de materiaes. Ingrata sciencia, que ainda repousa na boa fé de seus fieis! Se o folk-lore parece ainda não admittir scientistas, possui os seus sabios: entre elles se inclue o nosso autor. Sabedor o é pela copia de conhecimentos que tem: sabio se torna que traz á materia. Todo mundo se julga folklorista. Não ha quem desconheça mythos e tradições, proverbios e parlendas, brinquedos e superstições populares e não se arvore em commentador desses phenomenos literarios.

Por isso o material bibliographico ou oral do assumpto é inesgotavel. A qualidade maxima de um folklorista é o faro. Distinguir o pouco trigo da massa de joio, é o grande esforço dos verdadeiros pesquisadores da literatura popular.

A idéa capital do folk-lore é, justamente, que as variedades literarias dos povos mais distinctos podem reduzir-se a alguns typos geraes — greco-romanos, e indo-arabes, aryanos ou semitas. Essa redução é tudo. O sr. João Ribeiro é um espirito lucido e logico. Sua erudição desconhece o pedantismo.



Sem embargo, resente-se por vezes de sibyllina. Parece notar-se neste livro um caso interessante: o autor fatigado, como professor, de baixar a sua sciencia ao nivel de ouvidos infantis, desforra-se nos livros — escrevendo-os para uma élite. A este «Folk-Lore» chama de «simple ensaio de vulgarização»: conceito a um tempo ousado e modesto.

Não é «simple ensaio», mas um livro de grande erudição e descortino, observação propria e revelações ineditas, solida cultura e engenho. Tão pouco pôde ser um livro de «vulgarização». Para isso lhe faltam methodo, amplificação, mais idéas geraes, esclarecimentos talvez elementares, mas necessarios, mais accessibilidade e unidade emfim. O livro é uma contribuição de incalculavel valor, a mefhor que podiamos dar, ao grande processo da sciencia «folklorica».

O «Folk-Lore» é um livro de estudo. Trae a cada passo os materiaes com que é feito. O autor combina uma aturada erudição polyglottica com uma observação muito pessoal. Sente-se que está em caminho de uma obra de methodo e continuidade, onde irá condensar os estudos e ensaios já publicados de exegese, observação e erudição. «O Fabordão», «Frazes Feitas», o «Folk-Lore» são etapas para o «Livro» que o sr. João Ribeiro tem o poder e o dever de nos dar em breve, se não definitivo, dada a continua transformação das especies folkloristas e a incerteza dessa quasi sciencia, ao menos precioso para a nossa psychologia nacional. Vestindo com atticismo uma rara erudição, amoroso do pormenor sem desamparar as idéas geraes, o autor do «Folk-Lore» deu-nos um livro unico, alliando a graça á sabedoria. — TRISTÃO DE ATHAYDE (*D'O Jornal*, Rio).

### Os dois tigrés

Na noite de 28 de junho, após a assignatura do Tratado de Paz entre os Alliados e a Allemanha, que se realisára á tarde, no salão dos Espelhos, em Versailles, o ministro Clémenceau sentava-se ao «bureau», no

seu gabinete de trabalho, quando observou, espantado, que o cano do seu revolver, collocado ao lado do tinteiro de prata, despedia uma fumaça tenue, a qual, oscillando e subindo, punha no ar, á sua frente, os relevos indecisos de uma grande figura humana. Era um vulto de sexagenario robusto, de physionomia aspera, em que se misturavam, no entanto, no momento, a tristeza e a arrogancia. As feições rudes, quasi brutaeas, illuminadas por dous olhos azues e perscrutadores, emprestavam-lhe o aspecto de um desses fidalgos da Allemanha medieval, que tivesse abandonado os ursos e os lobos para apresentar-se, de repente, no limiar da civilização. Trajava o uniforme do Exercito allemão, e ostentava o peito herculeo coberto de medalhas, como um rochedo saliente que mostrasse as suas ostras ao mar.

— Bismarck!... — exclamou o primeiro ministro, pondo-se de pé.

A figura impalpavel deu em torno, com as suas pernas de sombra, alguns passos silenciosos, e descançando, fixo, nos olhos do chefe do governo francez o seu fundo olhar de leão sem garras, confirmou a verdade do seu nome com a mentira da sua palavra:

— Acabas de matar a França, em Versailles, na mesma sala e com a mesma armã com que eu apunhalei a Allemanha.

Clémenceau olhou, mudo, o fantasma e elle continuou:

— O pomo de ouro da Paz entre a minha patria e a tua, repellido do campo da Europa, no seculo XVII, pela mão ambiciosa de Louvois, acaba de ser impellido mais uma vez, para um futuro desconhecido, pela tua bota de vencedor.

A' palavra triste da visão, o primeiro ministro tentou sorrir, incredulo; a voz do visitante mysterioso tinha, porém, uma inflexão tão dolorosa que o sorriso lhe morreu, repentino, entre os labios e a fêde branca e grossa do bigode aggressivo.

— A guerra de amanhã, — continuou a sombra — será um crime da França, como a de hoje foi, pela minha ambição um crime da Allemanha. No ninho de ouro de Versailles

foi posto, ha pouco, para ser fecundado pelo tempo, o ovo de uma nova calamidade. A culpada inicial, a mãe secular desses crimes, não foi, no entanto, a minha patria. Foi a tua. As armas da insidia, com que a Alemanha se bate na paz e se defende na guerra, são, todas, de origem franceza.

— Mentel — rugiu o tigre do Sena, com os olhos faiscantes de colera.

— Não conheces, porventura, a historia da Europa? Quem instituiu na politica européa o recurso aos pequenos pretextos para justificação das grandes conquistas? Que monarcha violou em primeiro lugar, na idade moderna, a liberdade dos povos pequenos, recorrendo a razões mentirogas e servindo-se, antes dos meus principes, do nome de Deus? Luiz XIV! Que fez elle quando se quiz apossar da Belgica? Pretextou a existencia de uma antiga lei, peculiar a algumas provincias belgas, pela qual, em caso de segundo matrimonio, o direito de successão cabia, inteiro, aos filhos do segundo leito. Estribado nessa disposição, que jámais vigorára, Luiz XIV entendeu que toda a Belgica lhe pertencia, pelo seu casamento com Maria Thereza, e invadiu-a militarmente, diante da Europa, que olhava, assombrada, tamanha semcerimonia.

— Mas elle não dissimulava jámais a sua ambição.

— Dissimulava, sim. Louvois, que promoveu a invasão, escreveu nas suas memorias: «Não tendo o céo estabelecido sobre a terra um tribunal a quem o rei de França pudesse pedir justiça, elle teve que procural-a no seu coração, fazendo-a executar com as suas armas.» E, enquanto invadia a Flandres, que fazia a côrte de França? Jurava á Hespanha, com um cynismo que eu, depois, aproveitei, os seus sentimentos pacíficos, em communicções desta ordem: «Notre intention est d'entretenir religieusement la paix, ne voulant pas que la dite paix soit rompue par notre entrée dans le Pays-Bas, puisque nous n'y entrons que pour nous mettre en possession de ce qui a été usurpé sur nous.» Era a minha linguagem, a linguagem de todos os conquistadores! Invade-se um paiz e

jura-se, de joelhos, eterna fidelidade á Paz!

— Mas Luiz XIV não se serviu jámais do nome de Deus para justificar as aggressões do seu reino.

— Elle proprio escreveu, nas suas memorias: «Deus, que é o protector da justiça, abençoou e ajudou os meus exercitos.» Foi com elle que os meus principes aprenderam a mentir em nome do céo.

— Mudemos de assumpto, pediu Clemenceau, perturbado — isso é historia antiga que não convem recordar.

— Não; o presente, como o futuro, reflecte-se no passado. Era de suppôr que, após tamanhos esforços, Louvois e Luiz XIV tivessem renunciado á politica de invasão. Mas a ambição não é detida quando se a quer reter. O instincto de usurpação, a febre de engrandecimento, quando elles se apossam de um soberano ou de um povo, levam-no de roldão, mesmo á sua revelia. No dia em que um paiz se lança na politica de expansão, apropriando-se, sob qualquer titulo, de territorios visinhos, não poderá dizer jámais: «eu me deterei ali.» Como no vicio da embriaguez, é preciso sempre ir mais longe. Após o tratado de Niméga, a paz parecia assegurada por muito tempo. Louvois teve, porém, a pretensão de fazer novas conquistas, em plena paz, e viu-se, então, num espectáculo estranho, a politica de invasão proseguir a sua obra fóra de toda guerra. Os ultimos tratados haviam dado ao rei certas cidades, com as suas «dependencias». Por esta palavra comprehendia-se, está claro, o territorio realmente dependente de cada cidade; Louvois entendia, porém, que se tratava de outras cidades, tendo outr'ora dependido feudalmente das primeiras. Isso equivalia, naquelles tempos, ás vossas cabeças de ponte... Para justificar-se, entendeu, então, a França, que só a magistratura podia decidir... em seu favor. E appellou para a magistratura. Os meios juridicos foram sempre commodos para a ambição. Foi com elle que eu aprendi quando quiz saber a quem pertencia o Slesvig-Holstein...

— Os allemães foram, sempre, ambiciosos e bellicosos...

— E' engano. O povo allemão não foi consultado jámais sobre as guerras emprehendidas pelos seus principes. Se a Allemanha possuísse, como a França, os Estados Geraes do seculo XIV, ou as Assembléas de Notaveis, de Luiz XI, Francisco I e Henrique IV, saber-se-ia, hoje o que pensava outr'ora o seu povo. Não se póde responsabilisar o povo allemão pelas loucuras periódicas dos que o governam. Porque é corajósõ, não se concue que esse seja bellicoso.

— Mas o parlamento allemão acolheu com enthusiasmo a declaração da ultima guerra...

— E' certo; mas é preciso definir a origem desse enthusiasmo. A Assembléa que votou na França a declaração de guerra de 1870 era uma das mais pacifistas da Europa e, no entanto, recebeu aquella guerra comigual enthusiasmo. E' que ella votou a guerra sob a promessa, que lhe foi feita, de que traria o desarmamento geral. A Allemanha quiz desarmar os outros para desarmar-se, depois, a si mesma...

— E, triumphante, armou-se ainda mais.

— E' verdade; antes disso, porém, como vós agora, tratou da fundação de uma «Liga da Paz» que falhou.

— Mas a Allemanha saqueou, devastou, incendiou...

— Louvois, quando penetrou na Belgica, escrevia a um dos generaes encarregados da occupação: «Cette province, ne pouvant pas, après la paix, demeurer possession du roi, il faut en tirer tous les avantages imaginables sans se soucier de la bonne ou méchant humeur des habitants; le roi trouve que leur argent vaud mieux que leurs bonnes grâces.»

— Os allemães, marchando sobre a França, assolavam tambem a Belgica, sabendo-a innocente.

— A outro general, que atravessava o território belgá, para attingir a Hollanda, Louvois escreveu, em nome de Luiz XIV: «Comme ce sont gens affectionnés á nos ennemis, il faut tirer d'eux tout le plus de choses que

l'on pourra, pour, par ce moyen, les faire servir le roi, malgré qu'ils en aient.»

— E o incendio das aldeias desarmadas? Porque fuzilastes os camponeses, criminosos, apenas, do seu patriotismo?

— Louvois havia aconselhado aos exercitos do rei: «Il faut fusiller les paysans et bruler les villages, pour mettre ce peuple á raison.» E justificava: «Tout le monde sait que les français ne commettent des atrocités pareilles qu'a regret, mais ces paysans ardemans nous obligent á les commettre.»

— Tudo isso vai longe, passou...

— Passou... Vieram outras guerras iguaes, que tambem passaram. E hoje foi assignada a paz que poz termo, á ultima, que será, por sua vez, a seguinte das guerras que virão.

Clémenceau olhou, sereno, o rosto do principe, que se illuminara de uma alegria satanica, e elle continuou:

— Sim. A França sacrificou na sua defesa quatro annos de vida, quatro annos de actividade, e uma parte de sua riqueza. Ella morrerá, porém, da victoria de 1918, como a Allemanha morreu do seu triumpho de 1871. As suas perdas terminarão por ser reparadas e esquecidas; a occupação de um palmo de territorio alheio constitue, porém, um veneno lethal, derramado nas suas veias. Esta guerra victoriosa terá effeitos incalculaveis sobre o estado moral da França. Ella mudará de habitos e de caracter. O povo francez não será depois da guerra o que foi antes della. O espirito de trabalho será substituido pela idéa de elasticidade das fronteiras. A sua intelligencia perderá os ideaes sadios, que fazem o fim e a honra da vida, substituindo-os por uma falsa concepção da gloria. Ella acreditará que ha para uma nação alguma cousa mais desejavel do que a prosperidade laboriosa, e inoculará, num suicidio lento, a molestia da ambição e a febre da expansão pela terra... — HUMBERTO DE CAMPOS (Da *Gazeta de Noticias*, Rio.)

### Eça de Queiroz

Eça de Queiroz foi o ultimo escriptor portuguez que achou sonora repercussão no Brasil, mas não deixou um só discipulo digno de estima. A sua influencia foi uma ilusão pyrotechnica, um fogo de vista ephemero.

Nunca nos pareceu que fosse um romancista; foi antes um pamphletario, uma especie de terremoto branco e alegre.

Nada construiu, mas demolia alegremente, dando o mais bello rythmo ás ruinas que esboroavam. Queria que a sua terra desaparecesse como Cesar, compondo-se com a toga para cair com dignidade.

Quando elle quiz cantar a palinodia, nobilitando a choldra que era Lisboa, e elevando o Portugal que lhe parecia ridiculo, faltou-lhe a voz. O velho tenor estava exausto.

As suas obras ultimas, de edificação, são fastidiosamente mediocres. O ermitão ficou muito abaixo do antigo diabo.

No Brasil, a desenvoltura de Eça de Queiroz, as suas elegancias, geraram um começo de proselytismo. Em verdade ainda são hoje entre nós familiares o conselheiro Accacio, o João da Ega, o Raposo e outros que taes, exatamente por serem inveridicos. Nas obras literarias acham vida proverbial as caricaturas: não a verdade, mas o exaggero é que ás alimenta na imaginação vulgar. Nada mais falso que o Conde de Monte Christo, o Rocambole, o Lovelace ou o Tartarin.

Sustenta-os o epigramma ou a anecdota. Em Eça de Queiroz havia o genio do burlesco, em que era incomparavel e sem exemplo nas letras portuguezas. Todo o seu grande merito está n'isso.

Assim, quando Alberto Doliveira traça um paralelo entre o Jacintho e a Morgadinha dos Cannaviaes (capitulo VII do livro) ha realmente justeza e approximação, sem contacto, de Julio Diniz e Eça de Queiroz.

Mas d'esta vez Julio Diniz é como fiz o critico «radio-activo e reparador», mas o Eça da — «Cidade e as Seras» — é apenas um tonico de reclame, sómente util para os boticarios.

Pura utilidade mercantil.

Eça de Queiroz não sabia edificar; pedra, não tinha outro equilibrio que a do proprio peso. O grande cyclope não conhecia a argamaça. Faltava-lhe o nexo de amor é entusiasmo, perdidos nas dissipações juvenis.

E' já, então, um escriptor que tem morta a alma; e faz dos seus ultimos nervos uma lyra inhabil, apenas capaz de uma surdina de arrependimento.

Ninguem recorda o Jacintho senão para embargar as inconveniencias do bacharel Raposo ou do Fradique Mendes. — JOÃO RIBEIRO (D'O *Imparcial*, Rio).

### Os nossos hospedes

Um dos aspectos da hospitalidade que praticamos no Brasil, é a semceremonia com que os estrangeiros, mesmo os mais estranhos, pela raça e pela educação, aos nossos sentimentos e aspirações, se envolvem na apreciação das nossas coisas nacionaes. O arabe, o chinês, o russo, o turkestarico, o egypcio, envolvem-se todos em nossos negocios e destinos, como se constituíssemos um aldeamento das suas geleiras ou uma tribu dos seus desertos. Ainda ante-hontem, com a timidez característica das folhas nacionaes, um matutino reproduzia, magoado, a opinião desatenciosa de um estrangeiro a proposito da nossa supposta incapacidade politica. Tudo isso fica, porém, sem resposta, porque nos tapam a bocca, infelizmente, as disposições irrevogaveis do codigo da hospitalidade!

Os brasileiros que testemunham tão clamorosas descortezias podiam fazer, entretanto, como o filho de um outro paiz americano, o Peru', victima como o nosso, da incivildade dos seus hospedes. Ha alguns annos, em uma festa official, discutia-se em um grupo de diplomatas, quando o representante de certa potencia européa se poz a criticar as manifestações da vida nacional, achando-as atrasadas, barbaras, insupportaveis. Essas observações não foram, porém, demoradas, porque um patriota, que se achava proximo, lhe cortou energicamente a palestra, dizendo-lhe:

— Es posible que, en el Peru', todo sea malo, insoportable; pero nadie negará que esta tierra tiene una cosa buena, inmejorable; muchos y como-dos puertos para que puedan embarcarse los extranjeros que no están contentos del país, de sus costumbres, ni de su gobierno!

E os portos do Brasil ainda são melhores, e mais numerosos, que os do Peru'... — MICROMEGAS (*D'O Imparcial*, Rio).

### A poesia em Portugal

Sucedem-se, nas montras dos livros, os novos livros de versos, e todavia, não se nos depara um poeta. Aquelles que ainda não perderam o amor á divina arte e nas chammas de um claro patriotismo desejavam vel-o florindo, em apogeus de graça e harmonia, no agro natal, sentem-se desconsolados, perplexos, e uma nuvem de tristeza tolda o céu das suas mais puras aspirações. Portugal? é uma terra de poesia. ella tem fulgido no génio e palpitado na ingenua e culta alma popular. Por tudo tem perpassado, como clarão solar e perfume suavissimo. Pois bem! Essa poesia que através dos seculos nos acompanhou, já não a encontramos. Dir-se-ia que se desvaneceu como uma bella espiral de fumo que se confunde com o ar e com elle desaparece, volatilizando-se.

Nessa vastidão de sentimento, nem uma mais doce ou mais vibrante musica na linguagem da lyra. Nem sequer no exotismo se encontra alguma cousa de artificial e bizarro. A simplicidade foi-se e não a substituiu sequer a propria loucura rimada e flammejante. O symbolismo, o decadentismo ainda produziram em Portugal, no seculo findo, nos verbos extranhos, scintillantes e morbidos dos *Oaristos*, de Eugenio de Castro. Hoje, nada, nada! Apenas a toada das velhas cames, apenas a banalidade das antigas madrigaes. A obra de arte dos povos não se impregna de humanidade fortemente, nem evoca os paraísos artificiaes onde a imaginação edifica a Torre de Marfim. Vegetamos na mediocridade, na banalidade. Eça de

Queiroz dizia que a geração que lhe succedera lhe dava a impressão de andar de muletas. Por acaso distinguimos, mesmo rastejando, a geração que ahi vem?

E todavia nunca tantos poetas versajaram em Portugal. A alguns mesmo não se lhes póde negar talento e esforço. Que lhes falta, pois? A meu ver, falta-lhes um fargo sopro de humanidade. Quer reflectindo-se no sentimento patriótico, quer referendo no culto da liberdade e da justiça, quer definindo uma vasta aspiração de progresso, os grandes poetas que citei recebiam effectivamente dos seus idéaes os vãos gigantes da inspiração. Garrett cantava a propria patria, exalçando a memoria olvidada de Camões; o mesmo fez Thomaz Ribeiro no *D. Jayme*. Encontramos em Gomes Leal e Guilherme Braga os cantores revolucionarios; vemos em Junqueiro, o philosopho e o paladino d'uma grande evolução para o futuro. Estes poetas fizeram poemas, não se limitaram a alguns sonetos ou meia duzia de estrophes quasi todas dessangradas e desfallecidas. Foram cantores da energia da vida. Altearam a fronte perante o destino e perante o, homens.

Os que não possuiram essa chamma forte de entusiasmo e convicção triumphante souberam dar ao amor tintas fieis de uma emoção flagrantemente sincera. Foi o caso de João de Deus, considerado por alguns criticos, no seu tempo, o primeiro lyrico do mundo. Agora é tudo reduzido e esbatido, tudo parece uma miniatura ou espiral de fumo. Sem duvida Julio Dantas é precioso; sem duvida Augusto Gil é delicado. Mas na sua arte não se encontra, mesmo no brilho dourado das imagens, o que seja de decadencia? Ha casos em que do sentimento viril que sempre caracterizou a raça cahimos na preguiça e na fraqueza. As lagrimas, na boa e solida literatura da nossa terra, não são prantos de desfallecimento ou cobardia perante os proprios decretos da sorte. Ninguém soube fazer vibrar mais intensamente do que Camillo Castello Branco aquillo a que o seu discipulo amado Silva Pinto chamava «a formidavel corda das lagrimas». Mas es-

sas lagrimas consumiam-se nos brazeiros da revolta ou bebiam-as os profundos abysmos do coração. Nunca se choramingou, na obra dos nossos Mestres. A poesia portugueza descora e estiola-se pela falta de uma emoção autenticamente lusitana, mesmo na produção dos amavios mais lyricos.

O que é grave é que vão morrendo os melhores cultores da poesia, e de outros já não ha esperar novas alvoradas e gorgeios. Morreram João de Deus, Anthero; estão ainda vivos, certo, Gomes Leal e Junqueiro. Mas Junqueiro não escreve ha muito. A sua ultima obra em verso foi a *Oração á Luz*, e já lá vão quinze ou dezesseis annos! Oxalá me engane no triste vaticinio; mas já não tenho esperança que daquella lyra emmudecida brotem novas maravilhas de pensamento e harmonia. Quanto a Gomes Leal, vi-o hontem... Mas nem quero dizer em que estado, porque a dôr de ver apagado um tão alto espirito e reduzido a tão misero estado uma gloria de Portugal me faz calar, de desgosto e de vergonha.

E, comtudo, a vida é qualquer cousa de solido como um alicerce, quando a sua ultima scentelha não desaparece. Quando estrangeiros nos fallam nos nossos poetas, são ainda estes dous nome: que nos salvam. «Temos Gomes Leal e Guerra Junqueiro!» Mas, na realidade, já os não temos senão como duas urnas em que se encerrou a inais pura essencia. Já não cantam esses rouxinões da nossa Arcadia; já não voam, essas aguias dos nossos Andes! Um porque não quer; outro porque não pôde. E, de resto, não nos deram a *Historia de Jesus* e os *Stimples*? Junqueiro mantém ainda intacto o seu genio, mas reserva-o, ao que julgo, para estudos philosophicos, e dispersa-os na sua conversação admiravel, que é um dardejar de estrelas. Comtudo, a poesia soffre, a poesia estiola-se, e quando nem sequer podemos dizer que ella viveu, como poderemos sequer assegurar que ella vegeta?

Estamos então num crepusculo do genio portuguez? Nesta terra, que é tanto de poetas como de navegadores, a flôr da Poesia murcna si falta de

seiva criadora? Não o sei; mas o que realmente se verifica é que, em toda a parte, se reconhece uma depressão igual. Onde está a França dos tempos de Hugo e Musset; onde está a Hespanha de Espronceda e Campoamor; onde está a Inglaterra de Byron e Shelley? A grande guerra não fez surgir um grande cantor da sua epopéa, e o proprio D'Annunzio praticou maravilhas de heroismo e não soube escrever uma pagina verdadeiramente maravilhosa... Dirs-e-hia que estamos numa época de ferro, — e o talento dos nossos sonhos afasta-se cada vez mais, em vez de cada vez mais se approximar, como deveria proporcionar a nossa vertiginosa marcha para o futuro. — MAYER GARÇÃO (Do *Jornal do Commercio* Rio).

...

## HOMENS E COISAS DO EXTRANGEIRO

### Haeckel

A notoriedade de Ernesto Haeckel agora fallecido, foi das maiores de seu tempo, de seu seculo e da época moderna. O professor de Iena, convencido da theoria da evolução, não se limitou aos circulos scientificos e a provar sómente a doutrina entre os technicos. Quiz se comunicar com o grande publico e levantar sobre os phenomenos biologicos uma nova theoria moral. Toda a biologia se refundia. Darwin, continuando Goethe, Lamarck, Saint-Hilaire, provava ligações e transformações; Lyell, depois de Laplace, ampliara as concepções da evolução gelogica; e, assim, por toda a parte, os biologos profissionaes, os meios universitarios estremeçiam, em quanto Spencer construia a doutrina evolucionista, cujo methodo é imperecível.

Possuindo toda a sciencia naturalista de seu tempo, erudito e pratico nos laboratorios, tendo lido tudo que interessava a sua especialidade e tendo elle proprio feito descobertas de valor, emprehendeu então uma cruzada de propaganda das doutrinas novas. Não havia na natureza, nada de sobrenatural. Os seres se tinham creado

natural e espontaneamente, de accordo com as condições cosmicas e, depois evoluindo, pela selecção e aperfeiçoamento das qualidades adquiridas, até ao homem.

O que, porém, os outros ensinavam, o que os outros provavam parcialmente, Haeckel resolveu systematizar, e assim organizou a escala dos seres vivos, da monera ao homem, mostrou a sua conexão e vulgarizou, ampliou, definiu a doutrina de Serres, de que, como elle disse na sua nova linguagem a ontogenesis recapitula a philogenesis.

Definira como ninguem a theoria da evolução natural. Justamente porque tudo procurava simplificar, teve de abandonar detalhes e preencher lacunas, e isso deu motivos aos ataques de seus adversarios. Mas, justamente porque preferia á omissão o enxerto para obter simplicidade, de todos se fazia comprehender, corporizava numa doutrina elegante o que andava ainda espalhado e no ar. Haeckel reduzia tudo a schemas. Simplificava, synthetizava, mettia tudo em quadros, mas por isso mesmo tornava tão accessivel, tão attrahente, tão interessante o que dizia que o mundo inteiro começava a discutir as suas idéas, as suas systematizações, os seus livros.

Era um materialista, que não aceitava a classificação. Só Buchner, aliás, quiz ser materialista. Haeckel era *monista*, consoante o seu proprio e expressivo neologismo. Segundo a sua theoria, a natureza era composta de uma só materia que se transformava e evoluia.

Da materia bruta ao tecido organico, só ha uma gradação, e nada mais, variando de accordo com as condições cosmicas. O homem, porém, ser mais consciente do que os outros, com altas responsabilidades moraes tinha deveres para com elle proprio e lhe cumpria aperfeiçoar a especie, para melhorar a vida.

Qualquer que seja a escola philosophica a que se filie, ninguem póde negar a influencia formidavel das idéas do professor Haeckel no movimento intellectual do seculo XIX. Com Lamarck, Darwin, Lyell, Spencer, Bain, Romanes, os dous Miller, Von Ithering, elle constituiu uma das for-

ças de uma corrente que deu outra orientação á philosophia, á sciencia e as concepções geraes, e motivou grandes controversias. O monismo é uma das creações do seculo passado, e não mais desapparecerá da historia do pensamento humano.

Com a sua linguagem simples e elegante, a sua schmatização constante, Haeckel foi dos maiores pensadores de seu tempo.

O homem, mesmo quando combate as idéas que lhes repugna, não póde fugir de todo a sua suggestão e acaba sempre, mais ou menos, influenciado por ellas. Por isso, Haeckel, applaudido ou combatido, a todos mais ou menos fez pensar, e assim sobre todos agio.

No Brasil, a sua influencia foi grande. Tobias Barreto, Sylvio Romero, Arthur Orlando, Martins Junior, Carvalho de Mendonça, Fausto Cardoso, Gama Rosa, Lyvio de Castro e muitos outros publicistas do seu tempo soffreram a sua influencia, e, durante um periodo ou a vida inteira, foram seus discipulos e vulgarizadores.

## Carnegie

Tendo subido por seu proprio esforço, de simples telegraphista de estrada de ferro a *Rei do Aço*, Andrew Carnegie nunca se esqueceu, durante toda sua vida de multimillionario das lições que a sua propria vida representava, e por isso tratou de auxiliar a todos que lutavam, não pela esmola, mas pela doação de amparo, de meios de educação e aparelhamento.

Distribuiu parte de seus milhões fundando bibliothecas, hospitaes, escolas, mas queria sempre que o ajudassem, que não fosse elle o unico a fazer doação, porque achava que a esmola aviltava e que todos deveriam aprender a trabalhar.

Carnegie foi, por assim dizer o definidor, o philosopho, o professor dos que querem honestamente vencer na vida dos negocios.

Democrata convicto, nos seus livros, préga o regimen republicano, a democracia, mas sustenta que o principal para augmentar a capacidade de pro-

ducção dos homens é a instrução. Por isso, as suas dotações foram sempre de preferencia dadas ás bibliothecas e ás escolas.

Tendo enriquecido por seu proprio esforço, dizia que quem morria rico morria deshonrado. A herança, no seu entender, deveria ser limitada a uma quantia insignificante, afim de que não tornasse rico o herdeiro. Só assim os seus dons nativos poderiam desenvolver-se no trabalho, prestando serviços a si proprio e aos seus semelhantes.

Nos seus livros e em uma porção de conferencias e artigos mostrou com claro e sadio optimismo o que vale o homem de iniciativa que se sabe instruir e que vive num meio livre.

\*\*\*

### Clemenceau e a sua estatua

*Des statues très pour moi!* exclamou Clemenceau, empregando uma das suas phrases habituaes de *argot* parisiense. E, como os membros da commissão insistissem, acrescentou, um tanto mais serio:

— Nós velhos, somos muito feios em marmore... Deixemos os pedestres para as estatuas jovens...

Se Rodin não tivesse feito a loucura de morrer antes da Victoria, poderia agora vingar-se do seu fraternal inimigo, o «Tigre», lembrando-lhe a historia do seu famoso busto. Era, com effeito, um dos temas preferidos do maravilhoso escultor. E, quando depois de explicar as suas turras, largamente, murmurava, cofiando as grandes barbas de neve:

— *C'est un gosse, ce, sacré Clemenceau!*... alguém poderia responder-lhe:

— Como o mestre tambem, que é uma creança de oitenta annos...

Na época em que Paris dava importancia a essas puerilidades, a pèlja do grande artista e do grande politico causou mais ruido do que uma grande batalha.

Um grupo de admiradores, muito antes da guerra, reuniu cem mil francos, afim de prestar uma homenagem a Clemenceau.

— Que deseja? perguntaram-lhe:

Clemenceau respondeu:

— Meu busto feito pelo Rodin.

Immediatamente o escultor recebeu a encomenda, e as sessões de *pose* começaram, entre sessões do Senado e sessões de tiro de pistola.

Com seus modos hermeticos e cabalisticos, Rodin envolvia em véos mysteriosos a sua obra e não deixava que o modelo a visse.

— Mas, homem, apenas um instante, exclamava, curioso, o politico.

— Não... não a verâ, antes de terminada.

Chegou o dia feliz. No *atelier* do Palacio Biron achavam-se reunidos os criticos de arte, extasiando-se deante da belleza exacta da obra. Clemenceau foi o ultimo a chegar, e, quando viu o busto, perguntou aterrado:

— Quem é este Kalmuk?

— O senhor...

— Eu!... Nunca. Não quero isso!...

Foi em vão que os peritos, chamados a dar opinião sobre o caso, declararam que a effigie era, não sómente exactissima, mas até perfeita.

O Tigre punha-se a rugir, cada vez que a via photographada. Os amigos tambem intervieram; e, bem que pareça mentira, foi Clemenceau quem se mostrou mais irreconciliavel.

— Que modifique o nariz, a boca, a cabeça, os olhos e a calva, disse, e então acceitarei o busto...

Rodin murmurava:

— Mas se o fiz muito menos feio do que é... Não modifico nem um cabelo...

Quando alguém perguntava a Clemenceau por que não queria acceitar o busto, berrava, rindo:

— Porque, se sou tão feio, não o quero saber...

Não é pois de estranhar que, ás commissões que lhe offerecem estatuas, agora, ás receba tão mal.

## NOTAS SCIENTIFICAS

### O bocio e a molestia de Chagas

Parecem-me justificadas certas considerações sobre a parte technica do problema posto em foco com a promulgação do decreto instituindo a pro-



phylaxia rural. Assim foram consideradas como molestias a serem debelladas, de prompto no paiz, a ankylostomiase, o sezonismo, a lepra e a molestia de Chagas, ficando sem bastante razão esquecido ou descuidado tudo o que se refere ao trachoma, a syphilis, a leishmaniose e demais ulcerações tropicaes, a schistosomiase, dysenteria, etc., para não falar senão nas mais importantes.

Mais logico me pareceria ter o Governo, de uma vez encarado o problema englobadamente ou então cuidar primeiramente da ankylostomiase e do sezonismo que incontestavelmente são os mais importantes e deixar para depois as demais entidades morbidas que assolam nossos campos. Fazer uma seleção um tanto arbitrária é que não se me afigura razoavel.

No que respeita a lepra não nos parece que a solução pratica do problema deva ser tomada em consideração por parte do Governo, antes de se tratar do trachoma ou da leishmaniose, por exemplo, especialmente esta ultima cuja tratamento especifico é conhecido e, portanto, de facil debellação.

Em relação a inclusão da molestia de Chagas no plano de prophylaxia, ha a considerar antes de mais que esta molestia não é uma entidade morbida unica pois contem, evidentemente em si, um pouco misturados diversos aspectos da nossa pathologia sertaneja, descripta como foi de zonas em que o indice nozologico é multiplo, e na melhor das hypotheses encerra, pelo menos, duas entidades morbidas diversas.

De um lado temos, na actual molestia do barbeiro, o bocio e o cretenismo endemicos, com o papo, suas manifestações myxoetemasos e nervosas que em nosso paiz não differem muito do que se conhece nas demais regiões do globo, e de outro, a trypanosomiasis brasileira ou melhor molestia de Cruz e Chagas, designando-a de accôrdo com a homenagem muito justa, lembrada pelo Professor Clementino Fraga, a Oswaldo Cruz o descobridor do Trypanosoma cruzi.

Si o bocio e o cretenismo endemicos que, aliás, já começam a ser

affastados pelo Dr. Carlos Chagas do quadro da molestia devido ás objecções de Kraus, apparecem entre nós as vezes, com algumas differenças em relação ao que se observa em outros paizes é certamente devido ao facto de se apresentar elle aqui menos em casos puros do que complicado com outras modalidades morbidas, (paludismo, syphilis, verminoses, carencias alfalta o papo em nosso paiz, como se mentares, miserias organicas. etc.) Não pensou, nem nos indios nem nos anímaes.

A verdadeira etiologia do bocio e do cretenismo não está ainda bem esclarecida. Entre outras hypotheses surgiu ultimamente a de ser o mal causado por um virus filtravel. E' interessante deixar aqui assignalada a acção benefica que nos papos não fibrosos exercem os antisepticos intestinaes e certas vaccinas. Quanto a sua origem trypanosomica eu a julgo absolutamente insustentavel.

A tão fallada superposição geographica entre a presença do bocio e a de barbeiros (triatoma) infectados é mais apparente que real pois se tem verificado tanto na Argentina como no nosso paiz a ausencia de concordancia entre a disseminação do papo e até de outras manifestações morbidas attribuidas ao mal de Chagas e a de hemipteros infectados e vice-versa.

O bocio e o cretenismo endemicos como endemia rural tem no nosso paiz uma importancia consideravel pelo avultado numero de casos que existem do mal e, por isso, sua prophylaxia, pelos meios hoje reconhecidos efficazes a sua debellação, não deve ser esquecida, quando se fizer o combate systematico a todas as molestias que assolam as nossas populações ruraes.

Isolado o bocio e o cretenismo endemicos da trypanosomiasis ou molestia de Cruz e Chagas esta entidade morbida apparece ainda interessantissima e digna de estudo sob o ponto de vista medico e scientifico mas diminuida de valor, sob o seu aspecto pratico como endemia rural, ao lado de outras muitas que entre nós existem. E' ainda relativamente pequeno o numero de casos authenticos dessa

molestia com verificação dos trypanosomas nos doentes, até agora mencionados em sciencia. Em 10 annos de estudos não foram citadas 4 dezenas de casos do mal e mesmo que esse numero fosse 10 vezes maior ainda seria minimo comparado ao que se sabe em relação as dezenas e centenas de milhares com que são representadas muitas outras doenças que nos assolam.

E' digno de reparo que não exista maior numero de casos em presença da grande proporção de barbeiros que se revelam infectados pelo flagellado. A explicação talvez se encontre em que o trypanosoma não seja facilmente transmittido pelos Triatoma ou por uma difficil adaptação do parasita ao organismo humano especialmente no adulto sendo a maioria de casos agudos em crianças.

Na verdade o Trypanosoma cruzi é, antes de tudo, um parasita dos nossos animaes sylvestres como os tatu's, gambás, etc., para os quaes parece ser bastante innocuo, como assignalou o Professor Parreiras Horta.

Nas crianças e nos animaes novos o parasita se manifesta com poder pathogenico augmentado e, em contraposição, o Dr. Arthur Neiva verificou não poucos insuccessos na obtenção da infecção experimental em cães velhos.

E' muito provavel, portanto, que o homem adulto se infeste com menos facilidade ou evolua nelle a molestia para a cura expontanea, em muitos casos.

Este e outros problemas que aqui vos venho apresentando estão a desafiá a curiosidade scientifica dos nossos estudiosos em busca dessa Verdade que é o solidissimo alicerce sobre o qual repousa e se firma a escola de Manguinhos cujo prestigio scientifico se impoz a consideração do mundo, por seus trabalhos sob a direcção do sabio Oswaldo Cruz, desde 1907, em memoravel certamen no estrangeiro.

Eu venho dessa escola e, se as suas tradições podem valer alguma cousa para garantia da minha acção entre vós, eu vos affirmo uma collaboração dedicada na medida das minhas limitadas forças, aos grandiosos

e benemeritos trabalhos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro da qual me concedeste a honra de permittir que fizesse parte de hoje em diante. — DR. BEAUREPAIRE ARAGAO (Discurso de recepção na S. de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro).

...

## VARIEDADES

### Como se combatem os incendios das matas

A imprudencia de um fumador que atrai para o chão um phosphoro mal apagado, uma scintella do lume sobre o qual um pastor aquece a comida ou os restos abandonados desse mesmo lume, ás vezes até um raio que desaba sobre o tronco secco de uma arvore, são outras tantas causas de incendio nas matas. A difficuldade de encontrar soccorros immediatos para combater o flagello tem por consequencia o desenvolvimento irremediavel do incendio.

Na maioria dos casos — escreve Francis Marre no *Correspondant* — a luta contra o fogo não pôde ser tentada senão circumscrevendo o fóco e procurando preservar as immedições. Consegue-se isto, cortando arvoredos, cavando fossos, acendendo, se o vento sopra em direcção favoravel, um ou mais contra-incendios, tendo por fim cortar o caminho ao incendio principal, que acaba por se extinguir por falta de combustivel ao seu alcance. Todos estes meios, são, porém, pouco efficazes; e é raro, além disso, que se possa emprehender a luta com o auxilio da agua. Na maioria dos casos os soccorros chegam tarde demais, e quando as probabilidades de bom resultado são quasi nullas.

Existem, porém, meios, por assim dizer automaticos para circumscrever, ou antes prevenir o desenvolvimento dos incendios nas matas, diz o autor do artigo. Esse meio consiste em dividir a superficie total da mata numa série de espaços separados por sebes largas e espessas, constituídas por plantas resistentes e cujo pé, assim como o espaço circumstante deve ser mantido livre deervas.

Numa comunicação feita em 1899 á Sociedade de Acclimação, Roland-Gosselin recommendou para estas sebes protectoras o *Cactus opuntia* (figueira do inferno), cujos tecidos são incombustiveis. Infelizmente o *cactus opuntia* não é uma planta muito rustica, e precisa, para se desenvolver, de um clima quente o que limita a certas regiões a possibilidade do seu emprego.

Existe, porém, uma especie vegetal que é muito mais rustica do que o *cactus opuntia* e apresenta, ao ponto de vista especial que nos interessa, vantagens idênticas: é o *Agave mexicana*, que resiste ao mais rigido inverno.

Circundando cada secção de uma mata por uma sebe continua, da largura de 1 metro e vinte centímetros, a 2 metros na sua base, e formada de plantas de agave mexicano dispostas em filas alternadas, formando uma espessura total de tres plantas, delimitam-se e isolam-se as plantações umas das outras, e impede-se a propagação do incendio.

Além disso, o agave mexicano multiplica-se rapidamente e muito, de modo a constituir em poucos annos uma barreira absoluta contra as chammas. Um incendio pôde crestar ou mesmo queimar as suas folhas carnosas, mas não dá cabo do tronco resistente, que não tarda em se recobrir novamente de folhagem.

O agave, empregado deste modo, dá todavia resultados pouco animadores, para não dizer negativos, quando as matas que se tem de proteger são constituídas por plantas resinosas, especialmente por pinheiros. As pinhas quando estão seccas estouram ardendo e projectam a consideravel distancia fragmentos inflammados que propagam o incendio. Nestas circumstancias, é necessario quadruplicar pelo menos a espessura das sebes protectoras, e plantá-las numa largura minima de 7 a 8 metros.

A plantação destas sebes representa evidentemente um trabalho importante; todavia como se trata de limitar os incendios nas matas e de impedir a

sua desastrosa extensão, vale bem a pena fazer alguns sacrificios para evitar quanto possivel esse flagello.

### As modas femininas

As ultimas modas femininas que têm sido lançadas pelos grandes «ateliers» estão escandalizando profundamente os membros da aristocracia britannica, que as qualificam de indecorosas e immoraes. Uma das mais altas damas da nobreza ingleza, a duquesa de Somerset, declarou publicamente que as novas modas, pelos seus decotes exaggerados e inelegantes, são um insulto para as pessoas de bom gosto e ultrajam a moralidade publica.

Outra dama da aristocracia, a marquiza de Tounsed, tambem formulou energico protesto, dizendo que as autoridades deveriam intervir para que fosse prohibida nos logares publicos a ostentação de vestidos tão indecentes...

Seria para desejar que as nossas efegantes se mirassem um pouco nesse espelho.

Nem tudo, unicamente por ser moda, deve ser acompanhado com fervor.

Ha sempre modas... e modas.

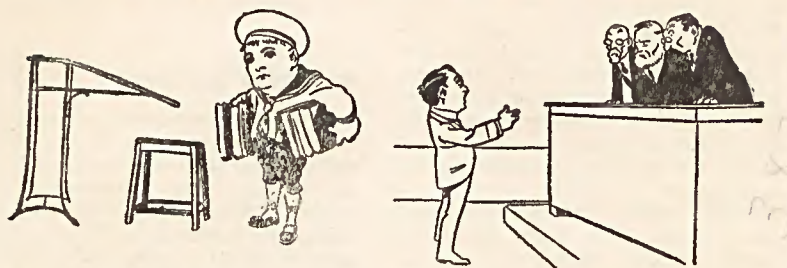
A fina educação e o bom gosto é que devem aconselhar a adopção ou a condemnação das idéas das grandes costureiras, que nem sempre primam pela belleza esthetica e moral.

Dizem as ultimas noticias que, em «certos meios parisienses», a ultima criação da moda consiste em andar sem meças e com um «maillot» aberto de um lado até á altura da perna!

Realmente, se por um lado é economico, nestes tempos de carestia em que as meias de seda ou de fio de escossia custam os olhos da cara, por outro (sem apresentar novidade, porque isso seria regressar unicamente ás modas do Directorio) a pseudo-inovação é simplesmente indecente. Melhor então seria voltarmos á tanga dos nossos aborigenes. A economia seria total e o nosso clima absolutamente propicio para essa «toilette» paradiaciaca...

# CARICATURAS DO MEZ

A fulgurante "carreira" de S. Exa.



Aos 8 annos já era uma brilhante promessa...

que aos 16 assombrava aós mestres pelo fulgor da sua dialectica.

Aos 22 confirmava na Camara as esperanças da juventude...

e subia aos 30 ao Ministerio da Justiça, com o justo titulo de menino prodigioso.

Ministro do Supremo Tribunal aos 35 annos...  
invalidava-se no serviço pulico, arrancando a vesicula biliar...  
...o que o tornou um senador calmo e sem odios...  
naturalmente indicado para cuidar das negociações da paz em Versailles.

Aos 52 attinge ao pincaro das ambições politicas...

...já que o seu estado civil não lhe permite aspirar a mais.

(Kalixto - D. Quixote - Rio)



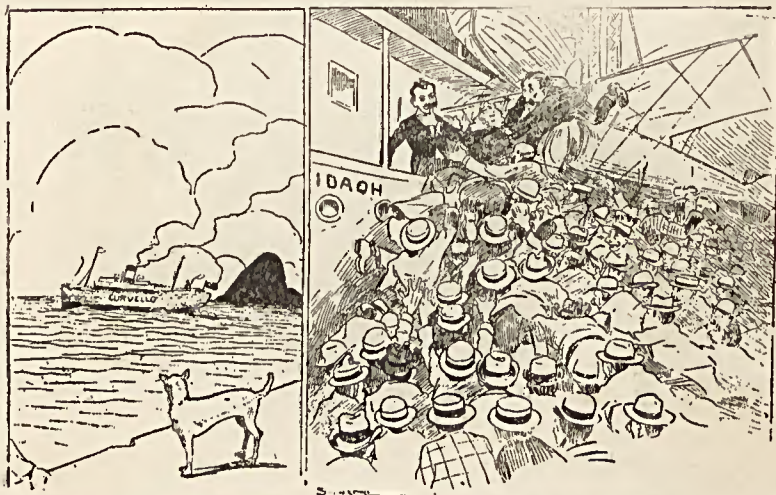
## Brancos x Pretos



JECA TATÚ — Se é isto a civilização, viva a minha selvageria.

(Kalixto - *D. Quixote* - Rio)

## A Sinceridade Humana



Como elle partiu.

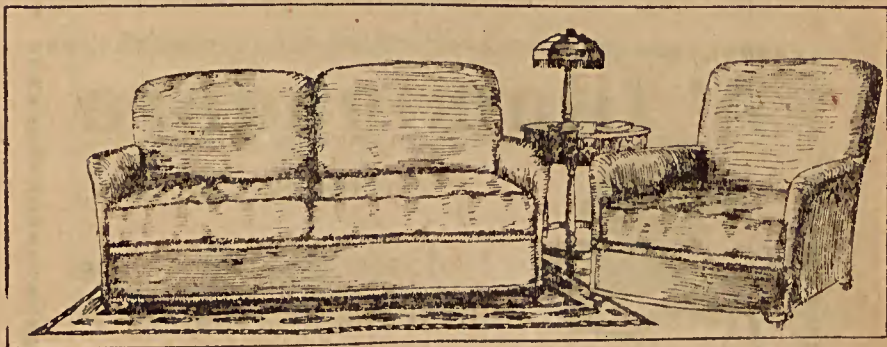
E como ELLE chegou.

(Storni - *D. Quixote* - Rio)



MAPPIN STORES  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

# MOVEIS DE COURO



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo  
systema usado para os sofás e poltro-  
nas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores  
cortumes inglezes e todos os outros  
materiaes, de primeira qualidade. ::*

*Exposições na Secção de Moveis*

## MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

GOSAR  
É  
FUMAR

37

MISTURA  
DA  
MODA

## A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para  
machina de costura e  
para outros fins.

Lampadas Economica e 1½  
Watt

Candelabros e Abat-Jours  
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

*Foagerie - Horlogerie - Bijouterie*

MAISON D'IMPORTATION

# BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et  
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30



# ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13. SÃO PAULO

## Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,  
Osorio Duque Estrada, e outros homens de  
responsabilidade. Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

**CASA FREIRE** - Louças, LIVROS e  
Objectos de arte

*José da Cunha Freire*

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235. - S, PAULO - Telephone N. 867

## TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar dos Ns.  
25, 29, 32 e 35, da Revista do Brasil  
que fôr enviado para a Caixa, 2-B, S. Paulo,  
Rua dá Boa Vista N. 52

## EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Acaba de ser posta á venda a quarta edição dos

### "Urupês"

de Monteiro Lobato, impressa em magnifico papel  
Preço: brochada, 4\$000 réis; encadernada, 5\$000 réis.

**SACY PERERÉ**, resultado de um inquerito. — Preço, 4\$000 réis.

**Lima Barreto** — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"

Magnifico romance da vida carioca, recebido com unanimes  
louvores pela critica nacional. — Preço: 2\$000 réis.

### ANNAES DE EUGENIA

Grosso vol. com todos os trabalhos, conferencias e estudos da sociedade Eugénica de S. Paulo. sendo um interessantissimo repositório de todas as momentosas questões da eugenisiação da raça. Leitura necessaria á classe medica e aos educadores. Pedidos á "Revista do Brasil. — Preço: 8\$000

**GUIA BOTANICO** da Praça da Republica e do Jardim da Luz, pelo naturalista Dr. A. Usteri — Preço, 2\$000

Encontra-se á venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" e nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C. Andrade, conto maravilhoso, para creanças. — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Nesses preços está incluida o porte - Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO

# GRATIS!

## OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL, terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito: angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

:- BOLETIM A ENCHER :-

*Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"*

Junto seguem \$..... importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

|                    |                    |
|--------------------|--------------------|
| (Nome) .....       | (Nome) .....       |
| (Residencia) ..... | (Residencia) ..... |
| (Nome) .....       | (Nome) .....       |
| (Residencia) ..... | (Residencia) ..... |

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de \$.....  
..... de ..... de 19.....

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE, LEVEN VAMPRE e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6. Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio; Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

## MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Especialista em syphilis e vias urinarias (molestias dos rins, bexiga, prostata e urethra). Cons. Rua Libero Badaró, 119. Tel. Cent. 5125. Res.: rua Domingos de Moraes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das criancas. R.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A. das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone 2296.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone n. 393.

GABRIEL MALIANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio Travessa do Commercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio 5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", São Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

## COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PEIREIRA BARRETO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — Emilio Rocco. — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"  
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugenica de S. Paulo.  
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

# CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade  
em Artigos omásticos e artigos para Encerar :: ::

**P. R. AMARAL** IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

'Trevo''

SE EXPORTAM

# LOTERIA DE S. PAULO

Commemorativa da Independencia do Brasil

# 200:000\$000

em seis premios, sendo um de 100:000\$

e cinco de 20:000\$000

por 14\$000 — Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA  
CYSTITES - BEXIGA-RINS  
RHEUMATISMO - CALCULOS  
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE  
FOLHAS DE ABACATEIRO. oo

Combater o Bacillo  
de Hansen por  
meio das  
ampoulas  
de

JEANSELMINA

DE  
Silva Araujo

Formula  
de Jeanselme

Unico trata-  
mento admittido  
pela sciencia  
para a cura da

Oleo de  
chaumoolgra di-  
luido, camphora  
e gayacol  
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

As machinas

# *Lidgerwood*

*para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a  
lavoura, segundo experiencias de ha  
mais de 50 annos no Brasil. :-:

**Grande stock** de Caldeiras, Motores a  
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-  
sorios para a lavoura.

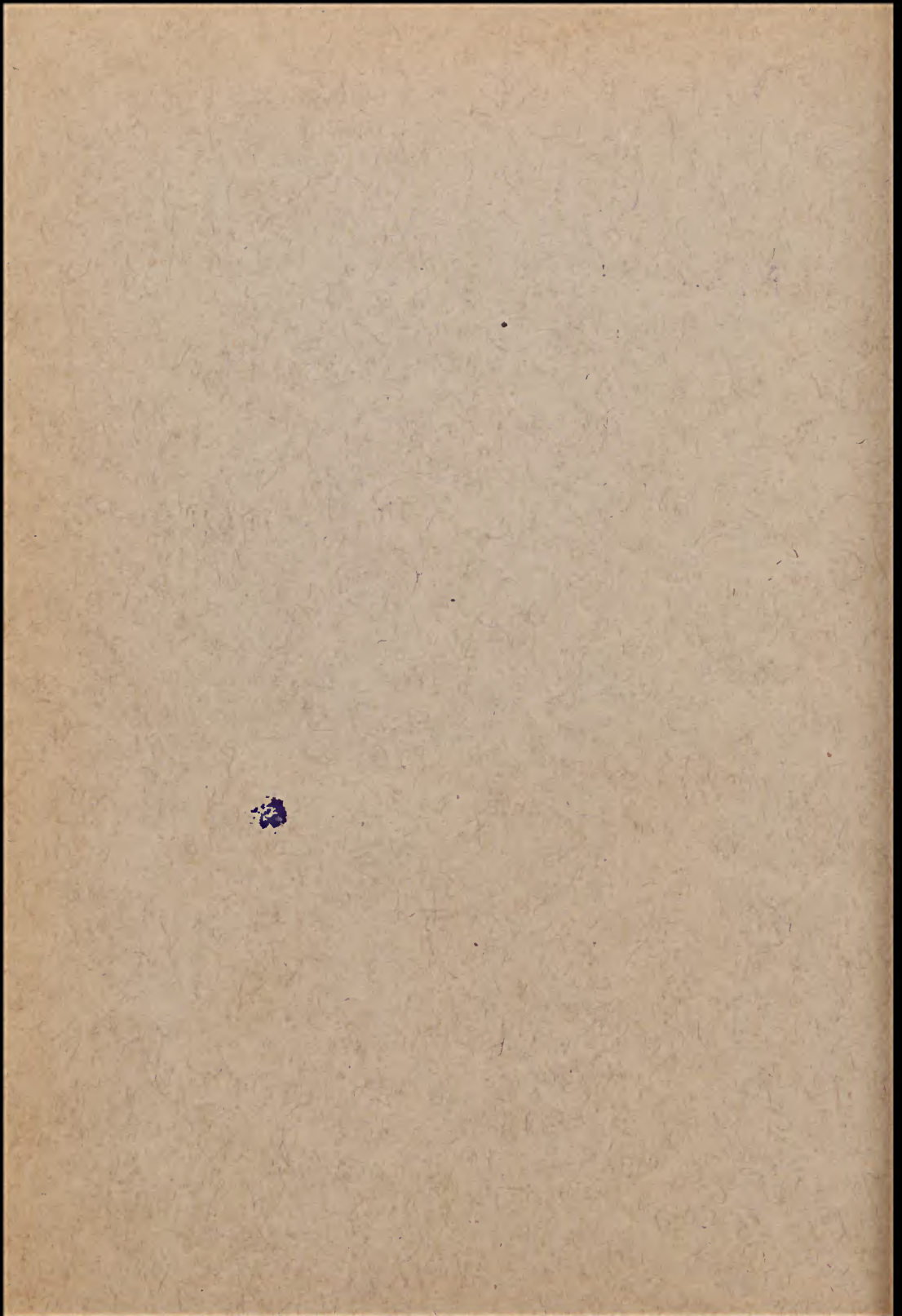
Correias - Oleos - Telhas de zinco -  
Ferro em barra - Canos de ferro gal-  
vanisado e mais pertences.

**CLING SURFACE** massa sem rival pa-  
ra conservação de correias.

**Importação directa** de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvani-  
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a  
**Rua São Bento, 29-c - S. Paulo**







Esta publicidade deve ser devolvida na  
última data marcada

13 OUT 1989

24 NOV 1989

30/9/92

BO/FASC. 20300

ANO 1919

VOL. 11

N.º 41-44

CLASSIF.

OR050

| CURSO ANO     | DEVOLUÇÃO   |
|---------------|-------------|
| P.L.E.T. 6.89 | 23-07-89    |
| P.L.          | 13-10-89    |
| P.L.          | 24-11-89    |
| P.L.          | 05 MAI 1990 |
| P.L.          | 09-09-91    |
| P.L.          | 30/9/92     |

20300

TOMBO:

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA  
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62

